THEOPHILO BRAGA
Historia da Litteratura Portugueza
IV
OS ARCADES
LIVRARIA CHARDRON, de Lélo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144 — PORTO

OBRAS COMPLETAS

RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

IV

OS ARCADES

RECAPITULAÇÃO

DA

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

I — **Edade Média**. Porto. 1909. In-8.º de VIII-524 p. 1 vol.

II — **Renascença**. Porto. 1914. In-8.º de VIII-696 p. 1 vol.

III — **Seiscentistas**. Porto. 1918. In-8.º de VIII-638 p. 1 vol.

IV — **Os Arcades**. Porto. 1918. In-8.º de VIII-538 p. 1 vol.

V — **Romantismo**. Porto. 1919.

THEOPHILO BRAGA

RECAPITULAÇÃO

DA

Historia da Litteratura Portugueza

OS ARCADES

PORTO
LIVRARIA CHARDRON,
DE LÉLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144
1918

Abrange o presente estudo o importante quadro do Seculo XVIII em Portugal, no seu duplo aspecto de ultimo reflexo da Renascença sob o pseudo-classicismo francez; e na corrente da Civilisação moderna, a crise violenta da grandiosa lucta mental e social, que desde o seculo XII actuou na dissolução do Regimen Catholico feudal. É por isso que o Seculo XVIII, é considerado na historia como o *Seculo excepcional* pelas suas grandes audacias.

O estudo dos *Arcades* é um laborioso resumo dos livros em que já trataramos os factos e os individuos que em Portugal

singularisam esta epoca. Os livros que consubstanciamos, são: *Historia do Theatro portuguez* (Seculo XVIII), 1871, de VII-401 pag.; a *Arcadia Lusitana,* 1899, com 644 pag., *Filinto Elisio* e os *Dissidentes da Arcadia,* de 1901, com 732 pag.; *Bocage, sua Vida e Epoca,* de 1902, com 611 pag.; e especialmente, sob o aspecto mental (scientifico e pedagogico) a *Historia da Universidade de Coimbra,* tomo III, de 1898, com 619 paginas. A *Recapitulação* da epoca arcadica, contem os factos principaes expostos n'estas 3017 paginas, que laboriosamente conseguimos condensar em

538 paginas d'este livro. Seria isto indifferente ao leitor, se *Os Arcades* fossem apenas um apanhado; tem outro ambito, retoco com materiaes novos, as biographias de Antonio José, o *Dr. Judeu*, Garção, Diniz, Quita, D. Leonor de Almeida, *Alcipe*, José Anastacio da Cunha, Filinto, Gonzaga, Bocage, moralmente, e José Agostinho de Macedo.

Uma parte do trabalho fez-se ao estampido do bombardeamento de Lisboa... (5 a 9 de Dezembro de 1917); mas silencio, diante dos assaltos dos *apaches*.

SEGUNDA ÉPOCA

(Conclusão)

3.º Periodo — Os Árcades

(SECULO XVIII)

No seu espirito e acção revolucionaria, o seculo XVIII é o términus de uma trajectoria, iniciada no seculo XII, em um constante conflicto social e mental, em que da barbarie gothica resurge o mundo moderno pela Renascença Greco-Romana, pelas revoltas communaes e terceiro estado, pelo Protestantismo, pela livre critica, até que pela dissolução do Regimen Catholico-feudal irrompe a explosão temporal que se denomina — Revolução Franceza. Os seus effeitos foram vastos, pois que o assombroso phenomeno não era simplesmente local, mas a consequencia da solidariedade do Occidente, do concurso europeu. José de Maistre considerava o seculo XVIII como a continuação do seculo XVI, em que o Humanismo e o Jesuitismo disputam a disciplina dos espiritos, e o Protestantismo vem acordar duas fortes Nacionalidades; e como um prolongamento

do seculo XVII, cujas syntheses philosophicas do Cartesianismo e do Baconismo vêm systematisar o saber encyclopedico e generalisal-o na instrucção polytechnica, alargando os moldes das Universidades medievaes e das Academias da Renascença. Em uma phrase luminosa synthetisou Comte esse periodo dos impulsos simultaneos do pensamento e da acção — o *Seculo excepcional*, e Guizot confessava, que se lhe fôsse dado destacar na historia o seculo da sua sympathia, apontava o seculo XVIII. E' quando a França retoma a sua hegemonia medieval, influenciando de novo na mentalidade e na sociabilidade da Europa, pelos livros e pelas modas elegantes. As *ideias francezas* designavam entre as classes cultas esse estado de emancipação de todos os preconceitos religiosos e politicos, que os *Free-thinkers* inglezes fundaram mas não souberam universalisar.

§ I

O pseudo-Classicismo francez

Desde o seculo XVI as nações da Europa esqueceram-se das suas origens medievaes; resulta d'aqui a dupla decadencia da liberdade politica no cesarismo e das litteraturas no maneirismo e affectação sob os canones rhetoricos. A França chegou a desconhecer totalmente as suas tradições épicas, a ignorar a existencia das *Canções de Gesta*, e a considerar os escriptores rhetoricos da Corte de Luiz XIV como o seu maior titulo de gloria; a Italia e a Allemanha seguiam esses modelos convencionaes de um pseudo-classicismo francez, que se reflectia em Inglaterra, em Pope, Dryden e Addison, abafando a

impetuosidade do genio saxonio nas suas formas pautadas esterilisadoras; e pela dependencia politica da Hespanha para com a França, no reinado de Philippe v, esta nação fecunda e original na sua litteratura torna-se traductora, Luzan legisla para o Parnaso hespanhol subserviente ao gosto francez. Quando nações fortemente constituidas pela tradição ethnica perderam no seculo XVIII as legitimas feições da sua individualidade litteraria, como resistiria a essa decadencia a litteratura portugueza tão separada do povo? A subserviencia ao gosto francez datava do seculo XVII, desde que Richelieu julgou a bem da sua politica fomentar a revolução em Portugal contra a incorporação castelhana, plano continuado por Mazarin com menos intelligencia. Nas luctas religiosas do Protestantismo, a Casa de Austria servindo a sociedade catholica, adquiriu essa extraordinaria preponderancia politica, que os habeis politicos francezes souberam demolir, nas largas intrigas e luctas que terminaram na paz de Westphalia. Luiz XIV, continuando esta politica, foi levado pela ambição pessoal a explorar a unidade catholica entregando-se aos Jesuitas, tornando-se o seu instrumento de perseguição religiosa, extinguindo a liberdade de consciencia pela revogação do Édito de Nantes, forçando um milhão de francezes a exilarem-se na Suissa e Allemanha, na Hollanda e Inglaterra. A litteratura, sem uma intima liberdade mental, limitou-se á imitação ostentosa das obras primas da Antiguidade, tendo por ideal a bajulação de um monarcha, que concentrava e substituia a nação na sua personalidade, *l'État c'est moi.* O absolutismo despotico de Luiz XIV e a pompa official da sua côrte, reproduziu-se nas outras

côrtes europeias, onde a litteratura franceza era lida e admirada como a expressão d'essa grandeza exterior, que mascarava uma organica decadencia. Como Luiz XIV, os outros monarchas tambem procuraram proteger *officialmente* a litteratura, desconhecendo que os escriptores da pleiada que déra nome ao Seculo de Luiz XIV, ou eram anteriores a esse deprimente reinado, ou foram n'elle desconhecidos quando não perseguidos. A verdadeira influencia intellectual da França do seculo XVII, manifesta-se nas doutrinas philosophicas de Descartes, foragido da sua patria e nas luctas doutrinarias da moral e da pedagogia dos Padres de Port Royal contra os Jesuitas, que dirigiam o ensino publico francez, imprimindo nas gerações escolares esse typo mediocre, em que a compressão mental apagava todos os impulsos de individualidade; d'ahi o pseudo-classicismo francez do seculo XVIII.

A politica da restauração da nacionalidade portugueza levara o ministro Castello-Melhor, pelo casamento de Dom Affonso VI, em 1666, a approximar-se da côrte faustosa de Luiz XIV; imitava o viver dissoluto do bom tom palaciano, e os Jesuitas, á sombra do casamento real, foram-se tornando senhores d'este pequeno estado, e por torpes intrigas para pôr termo ao governo de Castello-Melhor, fomentaram o partido do *Encoberto*, que era o Infante D. Pedro, com quem manobraram para apearem D. Affonso VI, entregando o throno e a mulher ao irmão, D. Pedro II, em cujo reinado não mais se convocaram as Côrtes. As *ideias francezas* ou o *philosophismo* foram duramente abafados pelos poderes conservadores do estado. Desde a Renascença, em que fômos grandes, até á primeira metade do

seculo XVII, Portugal persistiu em uma deploravel decadencia, na apathia resultante da sophismação da *liberdade politica.* O seculo XVIII tão rico de homens de talento e de sciencia, contrasta com a profunda irracionalidade das instituições, por esse desaccôrdo entre as liberdades civil e politica. O proprio ministro reformador, o Marquez de Pombal, extremamente *regalista,* tornou essa liberdade um crime de lesa-magestade, a ponto de punir com carcere e degredo o natural direito de representação.

N'estas condições depressivas, qual seria o destino do homem de lettras? Em Portugal, no seculo XVIII, o poeta era um sêr miseravel, que se admittia á mesa dos creados, nas casas fidalgas, e como disse Nicolau Tolentino, retratandose inconscientemente, terminava sempre as suas composições pedindo esmola; era um vestigio dos antigos bôbos dos solares senhoriaes, metrificando encomios hyperbolicos sobre todos os successos da realeza ou da aristocracia; as composições mais apetecidas eram as emphaticas sem pensamento, recitadas nos intervallos dos opiparos banquetes, applaudidas nos *Outeiros* poeticos dos abbadeçados, constituindo o genero *jocoserio,* que se degradou até á *obscenidade.* A heroicidade épica descambava no genero heroecomico. Os poetas, os primevos instituidores, tornavam-se populares, não por se inspirarem nas fontes vivas da tradição, mas como fabula da gente, chegando o nome de poeta a tomar-se na accepção de sordido, desbragado e truão. Os vultos mais conhecidos brilharam na côrte de D. João V, como Thomaz Pinto Brandão, Alexandre Antonio de Lima, o padre Braz da Costa, Fr. Lucas de Santa Catharina, Caetano da Silva

Soutomayor, o *Camões do Rocio*. Este symptoma de degradação intellectual, é representado sob o reinado de D. José por Antonio Lobo de Carvalho, poeta da *Madragôa;* e Tolentino, Filinto Elysio e Bocage ainda malbarataram o seu talento.

1.º *A protecção official da Litteratura.*— E' durante o longo reinado de D. João v, que em Portugal se macaqueou os habitos faustosos da côrte de Luiz xiv, a ponto de serem combatidas as modas francezas na pragmatica do monarcha, o que era infringido pelos embaixadores em Paris, encarregados das encommendas e remessas dos figurinos das modas dominantes. O reinado de D. João v de 1707 a 31 de julho de 1750, para ser bem comprehendido tem de dividir-se em dois periodos mui caracterisados: um sob a influencia dos Jesuitas, até 1742 em que o rei ficou paralytico pelo abuso dos prazeres, e o outro dominado pelo devocionismo de Fr. Gaspar da Encarnação, que por assentimento da rainha, afastava a interferencia jesuitica. D. Maria Anna de Austria, filha do imperador Leopoldo ii, bem conhecia que a queda da Casa de Austria em Hespanha, e o predominio politico da França eram devidos ao influxo dos Jesuitas. Torna-se explicavel, como por indicação da rainha foi chamado Sebastião José de Carvalho ao ministerio do novo reinado. O historiador João Muller, traceja assim o aspecto do reinado de D. João v, em que se continuava a acção da intriga da Companhia, dominando o joven monarcha pela sensualidade tolerada e absolvida pela sua moral capciosa. No reinado de D. João v, os jesuitas eram tambem ministros de estado e confessores, occupados em distrahir o monarcha

na sensualidade molinista galante dos conventos das freiras, e em absolvel-o d'essas venialidades; entretinham-o com as extraordinarias e dispendiosas festas da canonisação dos beatos Stanislau de Kotska, Luiz de Gonzaga, de Toribio Morovejo, de Peregrino, de Vicente de Paula, de Camillo de Lellis. Os jesuitas, como pedagogos litterarios, aproveitavam a tendencia litteratesca de D. João v, e querendo ir de encontro á corrente scientifica do seculo, fizeram com que o rei mandasse vir da Italia os dois jesuitas padre Domingos Cappace e padre João Baptista Carbone, para fundarem em Portugal o ensino da Mathematica. O Padre Carbone teve a habilidade de tornar-se o mentor politico do monarcha, ou, como dizem os escriptores do tempo: — aproveitando do grande talento d'este ultimo para o expediente dos varios negocios do monarcha. Durou vinte oito annos este intervencionismo governativo do Padre Carbone, embaraçando que entrassem em Portugal as doutrinas de Bacon, como o revelou em carta Jacob de Castro Sarmento, que fôra encarregado por D. João v de traduzir e imprimir o *Novum Organum Scientiarum*. O influxo deprimente da direcção pedagogica dos jesuitas era a natural consequencia do seu methodo formal e immutavel; tudo era typico e tradicional; tinham cristalisado na *Ratio Studiorum* de 1588; por isso dizia o auctor da *Universidade, o Clero e os Jesuitas*: «Um caracter de esterilidade assignala tanto os seus actos mais importantes como os mais secundarios. O seu systema de educação é em muitos pontos admiravel. Comtudo nunca os jesuitas tiveram uma grande eschola nem um grande homem. Examinem-se as sciencias e os diversos generos de litteratura,

vêem-se os mesmos resultados. A historia dos Estudos classicos em França é um exemplo. No seculo XVI a França estava no primeiro plano d'estes estudos; no seculo XVII elles cáem principalmente nas mãos dos jesuitas, que os cultivam a principio com seriedade, mas a contar dos primeiros annos do seculo XVIII, estavam já quasi reduzidos a nada. O espirito de Bèze, de Budée e dos Etienne tinha passado para a Hollanda protestante e para a Allemanha protestante.» E que diremos de Portugal, com os Gouvêas no Collegio de Santa Barbara, no de Bordeus; de Ayres Barbosa, introduzindo o hellenismo em Hespanha, de Damião de Goes e de André de Resende communicando com Erasmo; o gosto litterario e o genio philologico esterilisou-se no esgotamento cerebral do methodo *alvaristico*. Pelo seu lado o poder temporal só se fazia reconhecer em *gastar*. Que fazia D. João V ás enormes riquezas de ouro e brilhantes que vinham annualmente do Brasil? O pensamento de Rivarol o explica: «as *modas* acompanham os nossos melhores livros para o estrangeiro, porque em toda a parte se procura ser rasoavel e frivolo como em França.» D. João V resolveu proteger officialmente a litteratura; mas a opulencia do seu reinado contrasta com o atraso miseravel da nação, arrasada pelo tratado de Methwen, reduzida em 1732 á cifra de mais de dois milhões e meio de habitantes, em geral indigentes, porque a terra pertencia aos morgados, aos titulares, á Casa real, á Casa do Infantado, á Casa de Bragança, ás corporações monachaes; a cultura mental entregue á monopolisação fradesca era a estupidez crédula, e a industria ou o trabalho *mechanico* era uma mancha de indignidade. A riqueza publica, dispen-

dida á doida em construcções pharaónicas de egrejas e conventos, era o producto casual das minas de ouro do Brasil e não producção da força transformadora da industria pela acção do trabalho livre.

As minas do Brasil produziram de 1714 a 1746, em ouro amoedado, 96.000:415$608 contos de réis; e em diamantes 12:000.000 contos. Com taes recursos á disposição arbitraria, um monarcha era um poder sobre-humano, um prestigio ante o qual se quebrava a vontade individual, a dignidade, a consciencia, na espectativa de uma graça régia. Esse extraordinario capital corrompia, não fecundava; isso se manifestou tanto na Arte como na Litteratura. A Basilica de Mafra e a Patriarchal de Lisboa, não produziram uma eschola artistica, e o gosto de *rócocó*, a *chinoiserie*, tomada da moda franceza com o chato estylo *jesuitico*, acabaram de perverter todas as noções do bello que eram immanentes na alma portugueza. A construcção da esplendida Bibliotheca da Universidade de Coimbra, começada em 10 de Maio de 1712 e terminada em 1728, custou 66:622$129 réis e a compra dos livros de Francisco Barreto por 5:600$000 réis; a do P. Le Rue, em Paris, e a de João Baptista Lerzo, bem como as remessas de Lucas Seabra da Silva, tudo foi improfiquo, porque os lentes estacaram no aristotelismo dos Commentadores jesuiticos que anathematisaram as ideias novas, tendo de ser arrancados á somnolencia medieval em 1772, já sob o influxo das *ideias francezas.* A fundação, em 1720, da *Academia de Historia portugueza* parodiava a *Academia das Inscripções e Bellas Letras* nas suas investigações, mas não creou o criterio historico apesar do rei a

dotar com os maiores privilegios, mandando-lhe patentear os Archivos e cartorios do reino, nomeando-lhe paleographos para tirarem copias exactas, libertando as suas publicações da Censura, e impondo por um decreto de 14 de Agosto de 1721 o respeito a seus vassallos por todos os monumentos architectonicos. Máo grado tão beneficos influxos, a decadencia intellectual patenteia-se no estylo e resultados das Noticias, Praticas, Orações, Elogios, Dissertações e Catalogos dos seus associados.

Uma cousa faltava para que esses generosos esforços fructificassem — a liberdade. A nação não tinha parlamento, o povo não tinha terra, o trabalho *mechanico* era considerado degradante, a instrucção publica era propinada pelos jesuitas, a consciencia era abafada por um clero fanatico canibal, o espirito critico apagava-se ante a espionagem do Santo Officio, que o extirpava nas fogueiras dos Autos de Fé, a Realeza era um fetiche respeitado pelo terror das forcas e a aristocracia exhibia-se em uma prostituição galante. Era um meio excellente para a indignidade campear infrene, nunca para se crearem concepções artisticas ou se revelarem genios fecundos. Um povo sem opinião, submisso a um regimen que corta toda a manifestação do pensamento ácerca dos actos do governo descricionario, os espectaculos destinados a desviarem as attenções da causa publica, as ideias consideradas como um perigo social, tudo impellia para o cretinismo, para a idiotia, a degradação de uma raça. Esta decadencia nacional aggravava-se mais com os desvairamentos de um rei epileptico, faustoso como Luiz XIV, devasso como Luiz XV, fanatico como Filippe II; tal era D. João V, que o seu

contemporaneo Frederico II, o violador da Pragmatica Sancção, e portanto seu inimigo, retratava em phrases sarcasticas: «*Ses plasirs étaient des fonctions sacerdotales; ses bâtiments des convents; et ses armées des moines, et ses maitresses des religieuses*». Isto dá o sentido das palavras do P.e Theodoro de Almeida, na Oração inaugural da Academia das Sciencias de Lisboa em 1779: «Que admirados ficarieis, senhores, se soubesseis quam vil é o conceito que muitos estrangeiros fazem injustamente de vós. Quando lá fóra apparece casualmente algum portuguez de engenho mediocre, admirados se espantam, como de phenomeno raro: — E como assim? (dizem) de Portugal? do centro da ignorancia? — Assim o cheguei a ouvir. — E onde estão os vossos livros? (me perguntam;) onde os vossos auctores? as vossas Academias? os vossos descobrimentos? As gazetas litterarias que correm guardam do vosso Portugal o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios, os olhos se me fechavam com o pêjo, emudecia a lingua e a face se me cobria de confusão.»

As tentativas de reforma litteraria de João V, caducaram pela esterilidade do meio social e official, posto que d'ahi vieram os impulsos para novos esforços; germens de iniciativa particular e individual, que se contagiam, se multiplicam e se tornam potencias moraes.

Para melhor actuar na subserviencia do gosto francez, o quarto Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes traduziu a *Poetica* de Boileau, e para estabelecer relações litterarias com o dictador do Parnaso, enviou-lhe a sua versão acompanhada de uma Epistola, no genero horaciano; passava-se isto por 1697, quando o

Conde da Ericeira celebrava no seu palacio as *Conferencias discretas.* Boileau escreveu cortezmente ao academico fidalgo a seguinte carta, que anda impressa nas suas obras desde 1716: «Posto que minhas obras tenham feito ruído pelo mundo, não me tenho por isso em grande conta; e se me desvanecem agradavelmente os elogios que me fazem, com certeza não me cegam; declaro, porém, que a traducção da minha *Arte poetica,* que v. ex.ª se dignou fazer, e os elogios que com ella me dirigiu, me provocaram verdadeiro orgulho. Como poderei considerar-me um homem vulgar, vendo-me tão singularmente exaltado? Tinha para mim que um traductor da vossa capacidade e gerarchia me conferia titulo de merito para distinguir-me entre os demais escriptores d'este seculo. Eu apenas conheço o vosso idioma imperfeitissimamente, sem nunca ter feito d'elle qualquer estudo particular; não obstante, pude comprehender bem a vossa versão para a mim mesmo me admirar e julgar que sou mais habil escriptor em portuguez do que em francez. E de facto, os meus pensamentos expressos por vós opulentam-se. Transmutaes em rico ouro tudo em que tocaes. Os mesmos têrmos, digamol-o assim, em vossas mãos tornam-se em joias. Como quereis, depois d'isto, que eu vos indique as passagens em que vos afastastes do sentido original? Se, em logar das minhas ideias, tivesseis empregado as vossas, bem longe de revindicar as minhas, antes me aproveitaria do vosso descuido e desde logo adoptando-as para com ellas me honrar. Não vejo ensejo nessa prova. Tudo na vossa traducção é justo, exacto e fiel. E embora com adornos me exalçaes, por agora em tudo me entrevejo. Não digaes, pois, senhor

não me haver entendido. Dizei-me, antes, como fizestes para me perceber tão bem, e para alcançar na minha obra até essas cambiantes, que eu julgava que só podiam ser sentidas por pessoas nascidas em França e que frequentassem a côrte de Luiz, o Grande. Manifestamente reconheço que não sois estrangeiro em paiz algum; sois de todas as côrtes e nações, graças ao vosso consummado saber. A carta e os versos francezes com que me honrastes são optimo testemunho. Aqui, estrangeiro deparo apenas o vosso nome, e em França não ha homem de superior espirito, que não quizesse tel-os escripto. Mostrei-os a muitos dos mais notaveis escriptores. Não houve um unico que os não admirasse bastante, e me não declarasse que, se taes louvores recebesse, vos teria dedicado volumes de prosa e verso. Em que conta me tereis, pois eu tão sómente vos respondo com uma carta de méro agradecimento? Increpar-me-heis de ingrato ou descortez? Nenhuma d'essas cousas sou, senhor. Dir-vos-hei, francamente, que não faço versos ou prosa quando me apraz. Apollo é para mim uma divindade caprichosa, que me não concede, como a vós, audiencia a toda a hora. Importa esperar o ensejo favoravel. Quando acontecer de vir, aproveital-o-hei e mal me vae se morro sem desempenhar parte do debito dos vossos elogios! O que desde já vos asseguro é que na primeira edição das minhas obras será incluida a vossa traducção, e não perderei a occasião de dar a saber á terra inteira, que desde os confins do nosso continente e tão longinquo como das Columnas de Hercules, me vieram os applausos de que mais me ensoberbeço, e a obra de que mais me honro.» (1697). Boileau, imprimindo as suas obras em

1701, não incluiu a traducção da *Arte poetica* pelo Conde da Ericeira, allegando o ter-se por um emprestimo extraviado em mãos de um amigo o primeiro canto; á parte esta *politesse française,* Boileau escrevia particularmente a Brossette confessando o motivo de faltar á promessa, «além d'isso, não acho que a versão seja digna da publicidade. E' empreza d'alto cothurno escrever em lingua extranha, quando não tenham convivencia com os naturaes do paiz, e tenho por indiscutivel, que se Terencio e Cicero voltassem ao mundo, ririam a arrebentar das obras latinas dos Frenel e dos Sannazaros e de Muret. Não ponho em duvida que haja nos versos francezes do illustre portuguez bastante espirito, mas, com franqueza, são portuguezes de mais, pelo mesmo theor que ha mais francezismo nos poetas francezes que hoje em dia escrevem latinamente.» Camillo, que aproximou esta carta das túmidas lisonjas ao Conde da Ericeira, deduz: «Esta carta appareceu pela primeira vez na edição de 1716, feita por Brossette, a quem ella fôra escripta. O Conde da Ericeira, falecido em 1743, provavelmente viu a carta, e comparando-a com a outra, resolveu não publicar a sua versão da *Arte poetica*, desgostoso do seu trabalho e ferido no seu amor proprio pelo panegyrista de 1696 e detrahidor de 1701.» (*Curso de Litt.*, p. 143). As imitações da litteratura franceza iniciam o *bom gosto;* Pina e Mello, imita João Baptista Rousseau, como Garção as suas *Cantatas;* Cruz e Silva imita o *Lutrin* de Boileau, no *Hyssope*, Candido Lusitano traduz a *Athalie* de Racine e o capitão Manuel de Sousa o *Telemaco* de Fenélon.

Pina e Mello no Prolegomeno do seu poema

Triumpho da Religião, diz dos poetas francezes: «Eu não tenho visto mais que alguns modernos: o Abbade Gneist no poema da *Philosophie*, Racine no da *Religião* e da *Graça*, Voltaire no da *Henriade*, nas Tragedias e em outras poesias. Porém Despréaux me parece melhor que os outros.»

a) A persistencia das Academias seiscentistas. — Em uma sociedade sem representação politica nem liberdade mental, sob a espionagem das consciencias e da censura clerical, continuaram a subsistir automaticamente esses fócos do *máo gosto*, como já se consideravam essas tertulias ou distracções das pessoas cultas. Do seculo XVII veiu a *Academia dos Generosos* com varias metamorphoses, persistindo mais pelo poder da tradição do que pela evolução das ideias inaugurada em 1647 para a discussão dos preceitos da Oratoria e Poetica, regularmente congregada até 1667; por morte de seu pae, restaurou-a D. Luiz da Cunha em 1685-86, tendo por secretario o conde de Villar Maior. Em 1696, no seu palacio da Annunciada, o Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes continuava essa praxe academica com o titulo de *Academia das Conferencias discretas e eruditas*, celebradas aos domingos, á noite, discreteando sobre *questões physicas* e *moraes* e sobre a significação de Vocabulos da lingua portugueza. Duraram pouco tempo estas *Conferencias*, desde 19 de Fevereiro de 1696 até ao tempo da Guerra de 1703. O theatino D. José Barbosa, no Elogio do 2.º Conde da Ericeira, escreve sobre a sua suspensão: «porque a entrada das armas, a que nos levou a guerra declarada de 1704 contra Castella e França, foi sempre contraria ao socego e silencio

que pedem as Sciencias. Socegados os animos pela renovação da paz em 1717, tornou a florescer a *Academia dos Generosos,* da mesma forma que d'antes tinha florescido, e só com a differença de se vêr acompanhada de vinte doutissimos mestres, que nas quintas-feiras em duas cadeiras successivamente liam alguns discursos sobre assumptos que elles mesmos escolhiam...» O mote da Academia *Ne extinguetur,* realisava-se na nova transformação de 1717. D'isso falla o Conde da Ericeira no Elogio de D. Manuel Caetano de Sousa: «A *Academia portugueza,* que na recente Livraria se renovou no anno de 1717, foi o theatro em que este athleta dominou... *Incorporou-se esta Academia e elevou-se muito na Academia real, prevalecendo ambas algum tempo separadas,* e quando El-rei a honrou, querendo que no dia do Evangelista de 1717 fôsse ao paço...» Para solemnisar os annos de D. João v, no dia de S. João Evangelista em 1719, pediu a rainha ao Conde da Ericeira para celebrar no paço uma sessão de *Academia portugueza,* creada dois annos antes. «Por emulação dos Scientes de França, ou com o exemplo do Cardeal de Richelieu, que no anno de 1635 estabeleceu em Paris a *Academia franceza,* formou o Conde outra com o titulo de *portugueza,* no seu palacio da Annunciada.» *(Oraç.,* p. 8.) N'essa sessão apparatosa, a que concorreram consummados litteratos, recitando discursos e Odes, o rei lisongeado dignou-se conceder-lhe o patrocinio official, mandando que se regulamentasse a *Academia portugueza,* tomando-a sob a sua protecção em 4 de Novembro de 1720. Por decreto de 8 de Dezembro d'este mesmo anno, manda que se estabeleça uma *Academia real da*

Historia portugueza, «em que se escrevesse a Historia ecclesiastica d'estes reinos, e depois tudo o que pertencesse á historia d'este e das suas conquistas». A primeira sessão solemne, já com o titulo de *Academia real da Historia portugueza* celebrou-se em 9 de Dezembro de 1720, tendo além dos quarenta socios da primeira fundação (os socios da *Academia dos Anonymos* e os membros das *Conferencias discretas)* mais outros dez escolhidos pelo rei. Por decreto de 4 de Janeiro de 1721 são confirmados os estatutos, com a divisa: *Restituet omnia.* Não era platonica a empreza; por decreto de 6 de janeiro de 1721 é dotada com o subsidio annual de um conto 1.000$000 de réis; e por Carta régia de 11 de Janeiro e Avisos de 16 e 18 de Março d'este mesmo anno facilita-se á Academia as copias de documentos dos archivos e cartorios do reino. E no decreto de 29 de Abril de 1722 ha o espirito revolucionario, isemptando das licenças do Desembargo do Paço para serem impressos todos os livros da *Academia real da Historia* apenas examinados pelos censores academicos. Quanto ás despezas da impressão das luxuosas edições dos trabalhos especiaes dos academicos, das láminas e ornatos, tudo era auxiliado por D. João v. Pela primeira vez a *Academia real da Historia portugueza*, como observou Emilio Hubner, «apresentou investigações propriamente historicas e archeologicas em substituição á litteratura, por assim dizer, monastica, em que se haviam baseado até então...» Percorrendo-se uns quatorze volumes de in-folio grande, encontram-se obras ainda hoje de consulta permanente, como a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado; as *Memorias para a Historia de D. João I*,

por José Soares da Silva; o Catalogo-chronologico das Rainhas de Portugal, de D. José Barbosa; *Historia de Malta*, por Fr. Lucas de Santa Catharina; *Memorias de El-Rei D. Sebastião*, de Diogo Barbosa Machado; *Memorias para a Historia da Universidade de Coimbra* (apenas publicadas as *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*) por Francisco Leitão Ferreira. (Descobriram-se cadernos dos quaes uns existiam na Bibliotheca nacional, outros possuia-os Teixeira Aragão, e d'elles foi extrahida a *biographia de André de Resende* impressa no *Archivo historico.)* E' gigantesco o trabalho da *Historia genealogica da Casa real de Portugal* por D. Antonio Caetano de Sousa, contendo nos seis volumes das Provas muitos documentos que foram destruidos pelo terremoto de 1755. *Obras*, de Bluteau, que fóra da Academia, mas auxiliado pelos tres irmãos Barbosa, publicou o grandioso *Vocabulario da lingua portugueza*, do qual Moraes e Silva extrahiu o Diccionario mais consultado no uso corrente. Nenhum lexicologo tornou a pôr em pratica o processo de Bluteau, consultando a linguagem oral portugueza, tão rica e tão desconhecida. Bluteau passou a França para imprimir o *Vocabulario*. Como ensaio deu á estampa na imprensa real do Louvre um volume de Sermões; mas diante do preço e dos erros typographicos regressou a Portugal, quando se quebrou a paz com a França. Julgaram-o espião, sendo mandado custodiar no convento de Alcobaça, onde durante tres annos retocou continuamente o *Vocabulario*. Pelo favor official de D. João v foi terminada a impressão do *Vocabulario:* «Se com auxilio do real Erario não accudia V. M., *no meio da carreira parava a*

obra e a suspensão d'ella era por agora uma especie de suffocação e morte para a lingua portugueza.» A riqueza da lingua era desconhecida, e a primeira condição para a transformação da Litteratura consistia no seu conhecimento. Bluteau confessa: «depois de ajuntar as materias para esta obra, eu mesmo fiquei admirado e justamente oprimido pela multidão de vocabulos que achei nos auctores antigos e modernos.» Quando a *Arcadia lusitana* tentou restaurar a poesia portugueza, o seu socio Candido Lusitano (Francisco José Freire) pelas *Reflexões da Lingua portugueza*, aproximou os Litteratos do conhecimento dos escriptores mais considerados das differentes épocas.

A munificencia de D. João v fez desvairar o criterio aos que almejavam uma nova orientação dos espiritos; proclamavam que só elle é que podia pela omnipotente vontade decretar as transformações da intellectualidade. José de Macedo (pseudonymo Antonio de Mello da Fonseca) no *Antidoto da Lingua portugueza*, publicado em 1710, appella para a intervenção official do monarcha para o aperfeiçoamento da lingua portugueza: «Se alguma pessoa de auctoridade fallar ao nosso monarcha sobre a reformação da nossa lingua, mui facilmente se moveria o seu generoso animo a fazer-nos tocante a este negocio algum favor tão grande que parecesse dos maiores que um principe pode fazer a seus vassallos, e que por isso bem se podesse contar entre as acções memoraveis de sua magestade, e as mais dignas do amor patrio que se deve mostrar, e da summa propenção e benevolencia com que nos deve favorecer.» (*Op. cit.*, p. 416.) Este Macedo confessa «que no seu tempo se julgava a lingua

portugueza inferior á castelhana pela grande frequencia com que usamos do diphtongo *ão*, que faz a nossa lingua mui tosca e grosseira. Isto confesso, que nunca n'ella me pareceu bem; mas nem basta que eu a julgue inferior a alguma das vulgares, nem cuido, como cuidam geralmente todos os portuguezes, que é irremediavelmente defeito.» Era aqui que recorria á omnipotencia do rei para que se substituisse a fórma em *ão* pelo nominativo latino, como *solitude* por *solidão, mansuetude* por *mansidão*. Não chegou á insensatez do que decretou, *auctoritate qua fungor*, uma ortographia da lingua portugueza um seculo depois.

Na fusão das duas Academias dos *Anonymos* e *Conferencias discretas*, na *Academia de Historia portugueza*, a preoccupação dos eruditos e dos archeologos deixou de parte a Litteratura, quando começavam os estudos humanisticos a renovarem-se na Philologia. Em uma Oração recitada na *Arcadia* por Garção, allude a esta falta e aos esforços tentados para supprl-a: «A teimosa guerra em que nos vimos obrigados a rebater a furia dos hespanhoes, ainda não permittia que entre o ruido das armas e o motim dos tambores se desse ouvidos á harmonia das Musas; continuava a decadencia. Ajustou-se a Paz; socegaram-se os animos; mas tão inveterado estava o contagio, (do *máo gosto*) que, se houve quem a intentou, não houve quem não *desesperasse da restauração das Bellas Lettras, das Artes e das Sciencias em Portugal*. O negocio era tão importante e de tão difficil exito, que nem ainda o grande espirito e prodiga mão do magnifico D. João v, pôde conseguir mais do que lançar os primeiros fundamentos.

Estimou os sabios, premiou os mestres, enriqueceu as livrarias do reino e fundou a *Real Academia de Historia*. Roubou-lhe a morte esta gloria, *quando principiavam a amanhecer em Portugal as primeiras luzes do bom gosto*, da verdadeira erudição e da verdadeira critica.» Era uma corrente nova, animada pelo espirito de iniciativas individuaes. D. João v ainda protegeu essas quatro Academias dos *Anonymos*, *Applicados*, *Escolhidos* e *Occultos*, que tanto o bajularam na sua grave doença pelas imaginarias melhoras, e depois na sua morte, na esperança de obterem a protecção generosa que se estendera até a *Arcadia* de Roma.

Esta celebre Academia poetica, que offuscou todas as numerosas Academias italianas, celebrava as suas sessões no palacio da phantastica rainha Christina da Suecia; D. João v estendeu a sua desvairada protecção offerecendo-lhe o capital para construir o palacio sumptuoso da sua séde. A *Arcadia* de Roma deu-lhe em homenagem o titulo de *Pastor Albano*. O Conde da Ericeira, que era a alma das Academias litterarias do seu tempo, tambem foi eleito árcade romano com o nome bucolico de *Ormano Palisco;* outros portuguezes figuram na lista dos seus socios, como Luiz Antonio Verney, *Verenio Orgiano;* Ignacio Garcez Ferreira, *Gelmedo;* José Peres de Macedo Tavares, *Libenco Orentejo*, e bem assim o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Philippe José da Gama, e o padre Seraphim Pitarra. A morte de D. João v malogrou a aspiração d'essas quatro Academias, *Applicados, Anonymos, Escolhidos* e *Occultos*, de se fundirem em uma *Arcadia Ulyssiponense*, tal como se fizera para a *Academia real de Histo-*

ria portugueza, largamente dotada pelo monarcha, á imitação do que em Inglaterra dotava officialmente a Sociedade real de Londres, em 1660, e anteriormente a *Academia Franceza* em 1635. O favor concedido á *Arcadia* de Roma veiu acordar a aspiração de uma *Arcadia* restauradora das Lettras, que pela dotação regia faria brotar os talentos, sublimar-se a lingua e brilhar a poesia.

b) A Academia dos Occultos, precursora da Arcadia.—Entre as Academias que particularmente se formavam continuando o inveterado Seiscentismo, a dos *Occultos* foi assim referida por Garção: «E' verdade que alguns espiritos mais fortes, tentaram uma empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas, como nas primeiras escholas reinava certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o espirito do *máo gosto*, o verdadeiro methodo ou se não conhecia ou se despresava. Fundaram-se Academias. Algumas permaneceram sem mais fructo que o da propaganda do contagio. Nos ultimos annos do proprio reinado de D. João v, appareceram os primeiros crepusculos do *bom gosto*. Já então a sociedade dos *Occultos*, estabelecida em um palacio em que sempre habitaram as Musas, e fundada por um genio extraordinario, herdeira não só do sangue, mas tambem dos raros talentos e virtudes dos seus progenitores, trabalhava n'este tempo na restauração da Litteratura portugueza, do estylo e da boa poesia. Podia ser que a ella se devesse toda a gloria, se a publica desgraça (terremoto de 1755) não sepultasse tão util e sabia companhia. Em um tempo de calamidades e afflicções, quando parecia que os portuguezes só tratavam de reedificar Lisboa e de restabele-

cer os seus particulares interesses, — quando seria desculpavel que as musas fugissem do nosso continente, quando se julgava que as Artes jazessem sepultadas nas ruinas da cidade — n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das Sciencias, então, oh Arcades, chegou o momento feliz de nos ajuntarmos, então fundámos esta Sociedade.» Sem estas reminiscencias de Garção, perdia-se a noticia da *Academia dos Occultos* e a correlação historica continuada na Arcadia Lusitana.

Na bibliotheca das Casas Alegrete, Penalva e Tarouca, guarda-se o Archivo da *Academia dos Occultos*, cuja inauguração se fez em 9 de Abril de 1745, chegando o registo dos trabalhos até Dezembro de 1751. Em uma folha impressa estão os *Estatutos que a Academia dos Occultos deve observar para melhor direcção das suas Conferencias e duração da mesma Academia.* Consta de nove artigos, que resumimos.

A assembleia conserva o *titulo de Congresso dos Occultos;* haverá vinte e quatro academicos, que se ajuntarão uma tarde em cada mez, para fazerem suas Conferencias, tendo um Presidente e dois Problematicos ou Lentes, *todos feitos por sorte,* discursando os Problematicos e dissertando os Lentes. Em poesia, tratam-se assumptos heroicos, lyricos e joco-serios. O resto dos artigos são méramente regulamentares. Celebrou-se a primeira sessão em 28 de Abril de 1745. D'esta Academia escreveu Francisco de Pina e Mello, pondo em fóco o seu fundador: «Merece um logar muito distincto o Conde de Villar Maior, Manuel Telles da Silva, não só por cultivar com felicissimo genio a affluencia hereditaria da sua casa, mas pelo egregio patrocinio que tem dado

á poesia com a *Academia dos Occultos*, de que se tornou Mecenas e Secretario; aonde se ouvem todos os mezes as obras dos melhores engenhos da Côrte, *de quem produzo o Catalogo da mesma sorte que me foi communicado*». (*Triumpho da Rel.*, p. IV). Pode determinar-se a data d'este Catalogo, porque aponta entre os socios falecidos o Marquez de Valença, D. Francisco de Portugal e Castro; presidindo a uma sessão academica, celebrada no paço pelo anniversario da Rainha em 10 de Setembro de 1749, ao soltar as primeiras palavras cahiu fulminado por um ataque apopletico. A falta dos nomes de Pedro Antonio Correia Garção e de Manuel de Figueiredo n'este Catalogo, revela que não eram associados em 1749.

2.º *Apparecimento do espirito critico.* — Emquanto a cultura humanista dos Jesuitas conservada pela sua direcção pedagogica exclusiva, mantinha Portugal afastado do movimento intellectual europeu, e as Academias litterarias entorpeciam as vocações com a monomania de uma atrasada rhetorica, alguns espiritos como Jacob de Castro Sarmento, em Inglaterra, Luiz Antonio Verney, em Roma, Francisco Xavier de Oliveira, na Hollanda, e o Dr. Ribeiro Sanches, em França, comprehenderam a situação da sua patria reconhecendo a urgencia de abrir-se ás correntes da civilisação moderna. Possuidos do espirito critico do seculo XVIII, as suas iniciativas bem nos comprovam o juizo de Guizot sobre o Seculo excepcional: «No seculo XVIII é a universalidade do livre exame o caracter dominante: a religião, a politica, a philosophia, o homem e a sociedade, a natureza moral e material, tudo se torna ao

mesmo tempo assumpto de estudo, de duvida, de systema; as antigas sciencias são demolidas, e sciencias novas são architectadas. E' um movimento que se expande em todos os sentidos, embora emanado de um mesmo e unico impulso. Este movimento apparente, que porventura não se encontrou uma segunda vez na historia do mundo, é o de ser puramente especulativo. Até ali, em todas as grandes revoluções humanas, a acção misturava-se promptamente com a especulação. Assim, no seculo XVI a revolução religiosa começa pelas ideias, pelas discussões puramente intellectuaes, mas rapidamente passou ao dominio dos factos. Os chefes dos partidos intellectuaes bem promptamente se tornaram chefes politicos; as realidades da vida envolviam-se com as realidades da intelligencia. Assim aconteceu tambem na Revolução de Inglaterra. Em França no seculo XVIII, vimos o espirito humano exercer-se sobre todas as cousas, sobre as ideias, que, ligando-se aos interesses da vida, deviam ter sobre os factos a mais immediata e a mais poderosa influencia. E comtudo os agitadores, os actores d'estes grandes debates, observando como especuladores puros, julgam e fallam sem nunca intervir nos acontecimentos. Em nenhuma época o governo dos factos, das realidades exteriores, foi assim tão completamente distincto do governo dos espiritos. A separação da ordem espiritual e da ordem temporal, não foi realisada na Europa se não no seculo XVIII.

«Pela primeira vez, porventura, a ordem espiritual desenvolveu-se inteiramente á parte da ordem temporal. Facto gravissimo, e que exerceu poderosa influencia no curso dos acontecimentos.» (*Hist. gen. de la Civil.*, Leç. XLIV.)

Emquanto que em Portugal o governo marasmava sob a intervenção jesuitica, o Conde da Ericeira promovia junto de D. João v a resolução official de mandar traduzir para portuguez o *Novum Organum Scientiarum*, como meio de operar um impulso de renovação do criterio na intellectualidade portugueza. O jesuita João Baptista Carbone, que era o dirigente mental do monarcha, não se oppoz áquella audacia, mas contraminou com os seus meios. Por intermedio do Conde da Ericeira recebeu ordem o medico Jacob de Castro Sarmento para fazer a traducção do *Novum Organum* e tratar da sua impressão typographica. Começou-se o trabalho em 1735, e imprimiram-se as primeiras folhas para se ajustar o custo e a tiragem dos exemplares. Jacob de Castro Sarmento esperou debalde a determinação do monarcha. Depois do falecimento seu, queixava-se em 1751 o sabio em carta ao Dr. Sachetti: «Se v. m. lhe servir de algum modo o dizer que sabia que el-rei defuncto me havia ordenado, pelo Conde da Ericeira, que Deus haja, *traduzisse as Obras de Baconio na lingua portugueza*; e que este negocio estando tão avançado, que foi uma folha de papel impressa in-folio e outra em quarto, para que Sua Magestade elegesse em que forma se havia de fazer a impressão, se suspendeu e lançou de parte... Se v. m. digo, quizer fazer uso d'esta noticia, o pode fazer livremente. Eu bem creio que não só das Universidades hão de sahir as setas contra v. m.cê e o seu projecto; mas de cada cadeira ou Collegio d'esse reino ha de brotar contra v. mercê a mesma paixão ou o mesmo fogo.» (Ap. *Comp. histor.*, p. 360). E em carta dirigida em 1750 ao Dr. Antonio Nunes Ribeiro

Sanches, revela-lhe a acção retrograda do jesuita P.e Carbone, que faleceu em 5 de Abril d'esse anno: « Se v. m. lêra duzentas e tantas cartas, que tenho do famoso P.e Carbone, que já lá está descansando; os serviços que lhe fiz em annos de correspondencia, e o que tirei de conveniencia em *fructos, não foi outra cousa que a falta de fé,* de que me queixo. Não necessitarei de mais vivo exemplo para proceder com a maior cautela e não fazer caso algum nem de promessas nem de esperanças. »

Que pêrda, essas duzentas cartas em que Jacob de Castro Sarmento expunha o movimento intellectual, que em 1735 se passava em Inglaterra e se contagiava á França! O Conde da Ericeira, que da França tomara o modelo da *Academia portugueza*, o codigo disciplinar do gosto traduzindo a *Poetica* de Boileau, quando se dirigiu a Jacob de Castro Sarmento bem sabia que a renovação philosophica era em França ainda um trabalho secreto, reflectindo-se de Inglaterra. A influencia que a liberdade de pensamento no dominio da politica exercia sobre todo o seculo XVIII e em todos os paizes, começou a fortalecer-se em uma associação especulativa de livres pensadores chamada *Club de l'Entresol*, da qual falla o Marquez de Argenson nas suas Memorias: « Era uma especie de *Club á ingleza* formado de individuos, que gostando de discorrer sobre o que se passava, podiam reunir-se e communicar sua opinião sem terror de se comprometterem, porque se conheciam bem uns aos outros, e sabiam com quem e diante de quem fallavam. Esta sociedade chamava-se o *Entresol* (sobre-loja) pelo local onde se reuniam, que era a sobre-loja em que habitava o Abbade Alary. Alli se acha-

vam sempre gazetas da França, da Hollanda e mesmo jornaes inglezes». D'Argenson historia em suas Memorias esta associação iniciadora da primeira Eschola dos *Economistas* francezes e dos proprios *Encyclopedistas;* muitos dos seus membros eram altos funccionarios da politica e do clero, mas basta citar esse typo extraordinario de evangelisador da humanidade, o Abbade de San Pedro, auctor da *Paz perpetua,* para determinar a indole da elaboração mental que se estava passando nos espiritos que precederam Montesquieu e Rousseau. Era a incubação da sociedade européa a orientar-se pelo problema da *liberdade politica.* Da Inglaterra se propagou para a França este espirito especulativo revolucionario dos *Free thinkers*, os Thomas Chubb, Wallaston, Tindal, Bolingbroke e Schaftesbury; foi n'esse meio da liberdade legal, da imprensa livre e do julgamento pelo Jury, que Voltaire hauriu o ideal que serviu com o seu ironismo; era d'ahi que Jacob de Castro Sarmento escrevia as suas cartas.

Por influencia mysteriosa, ou da rainha D. Maria Anna de Austria, o monopolio do ensino pelos Jesuitas, foi confiado aos Padres Congregados do Oratorio das Necessidades, de Braga e Porto, «estendendo os seus privilegios a todas as Escholas publicas de Philosophia das Casas da dita Congregação de S. Filippe Neri de todas as cidades e villas, já concedidos pela provisão de 25 de Janeiro e 3 de Septembro de 1747, ao Hospicio junto á egreja de N. S. das Necessidades.» A Companhia aparou este golpe, da provisão de 15 de Março de 1755, com apparente garbo: «em nada tem desmerecido a Companhia, e os Congregados devem tambem reconhecer que o

Veneravel Bartholomeu de Quental, fundador do Oratorio de Lisboa, recebeu bastantes auxilios da Companhia para esta admiravel fundação, essencialmente nos P. P. Sebastião de Magalhães e Luiz Alvares, e se valeu de entrar com quem tinha conhecimento do tempo em que foi Collegial na Purificação de Evora, que tem uma grande gloria de ter sido alumno um espiritual tão benemerito e tão digno de uma eterna lembrança.» (Pina e Mello, *Resposta Compulsoria*, p. 11). As duas disciplinas Philosophia e Grammatica iam ser desenxertadas da *Logica Conimbricense* e do opaco methodo *alvaristico*, que resistiam como blocos inabalaveis ante as correntes do pensamento moderno. No *Ritual theologico* do Collegio das Artes, de Coimbra, impunham os jesuitas o seu automatismo auctoritario: «Não se defendam opiniões contra a *Logica Conimbricense*; e, quando muito, se poderá propôr a questão dogmaticamente, mas poucas vezes.» [1] O jugo aristotelico dos commentaristas Coimbrões sustentava a auctoridade peripatetica que tinham contraposto á Renascença; mas esse prestigio dissolvia-se em França pela discussão dos jansenistas de Port Royal, que renovavam o ensino pelas doutrinas philosophicas de Descartes. Generalisava-se o conhecimento da lingua franceza, que era uma primeira condição para a renovação scientifica. O proprio Luiz XIV, protector dos jesuitas, teve em 1670 de increpar a Universidade pela acanhada rotina dos seus antigos methodos. A Portugal chegaram as doutrinas pedagogicas dos P. P. de Port Royal, primeira-

[1] Ms. da Meza Cesaria. Ap. Cenaculo, *Mem. hist.*

mente applicadas á Grammatica portugueza por Contador de Argote; em 1718, renovam-se na ordem franciscana os estudos pela introducção das disciplinas mathematica e physica; em 1730, outras ordens monasticas, dos Cruzios, Benedictinos e Gracianos, abandonam o jugo aristotelico, admittindo o ensino da philosophia moderna, das obras de Bacon, Descartes, Gassendi e Locke. Os Padres da Congregação do Oratorio tomaram em Portugal a mesma missão renovadora do Port Royal em França. No livro do P.^e^ Manuel Alvares, da Congregação do Oratorio do Porto, *Instrucção sobre a Logica ou Dialogo sobre a Philosophia racional,* ataca essa velha escholastica, essa faculdade, « que com o nome de Logica, *em que o seu instituto são entes da razão, primeiras e segundas intenções, conceitos objectivos, proemiaes, universaes, signaes* e outros tratados d'este genero, proprios para perturbarem a nossa mente e diminuir o nosso engenho. » E contrapõe-lhe toda a corrente da philosophia moderna: « E' pois a Logica que exponho a mesma, que no passado e presente seculo seguiram homens de grande merecimento na republica litteraria; a mesma com que fizeram adiantados progressos Francisco Bacão, Renato Descartes, Pedro Gassendi, João Lockio, o auctor da *Arte de Pensar,* Mariotte, Antonio Genuense, e ainda outros que desterraram das Escholas as monstruosas chimeras dos antigos e admittiam em seu logar um novo corpo de doutrina, proprio para guiar o nosso entendimento para o conhecimento da verdade. » Essa livre critica que fulgurava em Hespanha com Benito Feyjó e em Italia com Genovesi, applicava-a a Portugal Luiz Antonio Verney nas Cartas sob a auctoria anonyma

de um *Frade Barbadinho*, atacando de frente os jesuitas, dando base concreta para a reforma pedagogica pombalina.

a) *Verney e o Verdadeiro Methodo de Estudar.*—O auctor das Cartas, em que com todas as formas de uma exterior respeitabilidade pelos jesuitas analysa implacavelmente os livros dos seus methodos de ensino, Luiz Antonio Verney, nasceu em Lisboa, em 23 de Julho de 1733, filho de Dionysio Verney, francez, e de D. Maria da Conceição Arnaut, de Penella. Graduou-se pela Universidade de Evora em Theologia e em Artes, sendo nomeado Arcediago para o arcebispado. Conhecia intimamente todos os processos pedagogicos da Companhia. Na Universidade de Roma doutorou-se em Canones, e pela Italia viajou em 1736, fixando depois a sua residencia em Roma, trabalhando como secretario da Legação portugueza, junto da Curía. De Roma dirigiu as celebres Cartas de um *Frade Barbadinho* ao Provincial dos Jesuitas em Portugal, com o titulo de *Verdadeiro Methodo de Estudar*, fazendo o confronto do deploravel atrazo das Escholas n'esta Provincia de Portugal, com a marcha dos conhecimentos na Europa. Verney tinha uma cultura encyclopedica, o que dava á sua critica um intuito de reforma. A sua parte negativa é para nós hoje documento historico das fórmas do ensino jesuitico em Portugal. Do ensino nas *escholas baixas*, pela Grammatica do P.e Manuel Alvares, escreve: «Quando entrei n'este reino, e vi a quantidade de *Cartapacios* e *Arte*, que eram necessarios para estudar sómente a Grammatica, fiquei pasmado. — Sei que em outras partes onde se explica a Grammatica do P.e Manuel Alvares, tambem lhe accrescentam algum livrinho; mas

tantos como em Portugal, nunca vi. As declinações dos nomes e verbos estudam pela Grammatica latina; a esta segue-se um *Cartapacio* portuguez de *Rudimentos,* depois outro para generos e preteritos, muito bem comprido; a este, um de Syntaxe bem grande; depois um livro a que chamam *Chôrro* e outro a que chamam *Promptuario* pelo qual apprendi o escholio dos nomes e verbos, e não sei que mais livro ha. — Depois d'isto devo dizer, que *occupavam seis e sete annos estudando Grammatica;* e que a maior parte d'estes discipulos, depois de todo esse tempo, não era capaz de explicar por si só as mais faceis Cartas de Cicero.» (*Op. cit.,* t. I, p. 48). E nota o absurdo de estudar latim decorando materialmente a volumosa Grammatica escripta em latim, e com regras em versos. Na Resposta ás *Reflexões apologeticas,* vae declarando que o Rei da Sardenha na Reforma dos Estados *tirou todas as escholas aos Jesuitas e lhes prohibiu de ensinar a mocidade,* dando a incumbencia a outros que praticam outro methodo latino. «Não vos contarei, que nas melhores Universidades e escholas de Italia, se ensina o *Novo Methodo da Lingua Latina Real;* e que os particulares fazem o mesmo. Já em Hollanda, Inglaterra, França, grande parte da Germania e reinos septentrionaes, é certo que no *Porto Real* ou o Vossio ou outro semelhante, é que se estuda.» (*Ib.* p. 21). Esta revelação acordava a anciedade das reformas.

A Logica conimbricense era ensinada por outros cartapacios entregues á memoria, as revoltantes *Logica Barreta* e *Logica Carvalha,* usando os mestres do estimulo da pancada. (Op. cit., II, 214). A Rhetorica ensinava-se por cader-

nos manuscriptos do Padre Cypriano Soares, de Pomey e Juglar, em exercicios de recitações pedantes, declamadas em voz chorosa com accionado comico. O livro de Verney provocou uma extraordinaria reacção da parte dos Jesuitas, que atacaram com furia o *Frade Barbadinho,* pseudonymo do atilado critico, acobertando-se elles com outros pseudonymos, taes como *Frei Arsenio da Piedade* (Padre José de Araujo), Dom *Aletophilo Candido de Lacerda* (Padre Joaquim Rebello), *Theophilo Cardoso da Silveira* (Padre Francisco Duarte), *Theotonio Anselmo Brancanalco*, anagramma de Manoel Antonio de Castello Branco, e *Padre Severino de S. Modesto.* Esta polemica litteraria é um dos factos importantes da nossa historia intellectual no seculo XVIII; os jesuitas sophismaram a defeza. As consequencias da critica de Verney foram immediatas (1750). Os Padres da Congregação do Oratorio obtiveram a Casa e Hospicio de N. S. das Necessidades para abrirem escholas ao publico, e para isso compuzeram novos compendios, alcançando privilegios exclusivos da propriedade d'elles em resolução de 26 de março de 1747 e 18 de abril do mesmo anno. A' medida que a lucta pedagogica proseguia, os Padres do Oratorio iam-se aproximando dos intuitos de Port Royal, e traduzindo os seus principaes livros elementares. O systema *alvaristico*, das escholas dos Jesuitas, levou um golpe mortal no *Novo Methodo para se aprender a Grammatica latina*, do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que imitou a grammatica de Claudio Lancelloto; por ultimo Pombal, nas Instrucções regias de 1759, mandou adoptar nas aulas publicas, um Resumo do Novo Methodo. Póde-se concluir que

as reformas da instrucção publica feitas em 1770 pelo Marquez de Pombal, tomaram por base o *Verdadeiro Methodo de estudar*. Em uma carta de Verney, de 8 de fevereiro de 1786 a um amigo da Congregação do Oratorio, queixa-se elle da falta de reconhecimento pelo seu trabalho; só em 1790 foi nomeado deputado honorario da Meza da Consciencia e Ordens, falecendo em Roma a 20 de março de 1792.

b) *Estado da Poesia portugueza antes da Arcadia.* — Verney descreve no seu livro monumental o estado mental dos versificadores: «quando escrevem dez versos lhe chamam *Decima;* e quando unem quatorze chamam-lhe *Soneto*, e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer e como o devem dizer... Geralmente entendem que o compôr bem consiste em dizer bem subtilezas, e inventar cousas que a ninguem occorressem; e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam. Os mestres de Rhetorica, em cujas escholas se faz algum poema... envergonham-se de poetar em portuguez, e têm por peccado mortal ou cousa pouco decorosa fazel-o na dita lingua.» (I, 177). Caracterisando o falso engenho, Verney determina quaes foram as fórmas poeticas mais predilectas da primeira metade do seculo XVIII: «o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, como os *Anagrammas*, *Chronogrammas*, etc., ás vezes na semelhança de algumas syllabas, como os *Eccos,* e alguns consoantes insulsos; outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equivocos;* finalmente consiste tambem em composições inteiras, que apparecem

com differentes figuras ou pintura...» (p. 179). E diz da persistencia d'estas fórmas: «aquellas ridiculas composições que tanto reinaram... no fim do seculo XVI e metade do seculo XVII, e desterradas dos paizes cultos, *ainda hoje se conservam em Portugal...*» Attribue Verney a introducção dos poemas *pintados* ao P.^e Bluteau, quando já os achamos usados por D. Francisco Manoel no louvor da academia dos *Generosos;* falla da estulticia dos poemas *lipogrammaticos*, nos quaes não se empregava uma dada letra do alphabeto. No seu bom senso critico Verney exclama: «Mas não se póde soffrer que homens modernos, e que mostraram doutrina em muitas cousas, caíssem n'esta rapaziada, condemnavel ainda em um rapaz; e que fizessem composições, expressamente para mostrar que sabiam fazer *Ecco*. Eu vi *Eccos* que respondiam em latim e outras linguas, e tive compaixão com o poeta que se cansara com aquillo... Quando eu li algumas das *Jornadas* de Jeronymo Vahia, tive compaixão do dito religioso (escreve em *Equivocos*) e assentei que a jornada que devia fazer era da sua casa para o hospital. Esta sorte de poetas são doidos, ainda que não furiosos,... eu ainda conheço quem o pratíca, e quando se lhe offerece occasião de dizer um *Equivocosinho*,... estes chamados doutos, frades, seculares, sacerdotes e estudantes .. etc.» (p. 182.) «Acham-se além d'isso mestres, que fomentam isto, dando premios aos rapazes, que nas escholas ouvindo alguma palavra, descobrem n'ella um *anagramma* puro. Seria isto nada, se se contivesse dentro das escholas; mas o máo é que sáe para fóra e se introduz nos discursos graves...» Vae enumerando outras fórmas insensatas: «Os *Acrosticos,* são

primos coirmãos dos *Anagrammas;*... Acham-se engenhos tão mariolas, tão infatigaveis, que no mesmo Soneto põem tres vezes o mesmo nome, duas nas extremidades e uma no meio...» «Mas vulgar é em Portugal outra sorte de engenho falso, a que chamam *Consoantes forçados.* Quando querem experimentar um homem se tem engenho, dam-lhe consoantes estramboticos para que complete os versos, e como isto seja o mesmo que obrigar um homem a que diga despropositos, já se sabe que sáem composições dignas de se vêrem.» (p. 185). «Tambem os *Laberynthos de Letras* são mui mimosos em Portugal... Outros tem por cousa grande fazer *Laberyntos* de quartetos, dispostos em certa figura, de sorte que se lêem por todas as partes, e sempre conservam a mesma consonancia. Outros fazem ***versos que se lêem para diante e para traz;*** de uma parte fazem um sentido, de outra, outro contrario; empregam n'isto tempo consideravel, não só em fazel-o, mas em decifral-o; e chamam a isto emprego do sublime engenho.» (p. 186). «Egualmente é estimada n'este paiz uma especie de Sonetos, em que se repete a mesma palavra em todos os versos... Podia citar mil exemplos, mas nenhum melhor que o Soneto que se attribue ao Chagas, e começa: *O tempo já de si me pede conta,* etc.» (p. 187). Muitas d'estas fórmas eram restos da poetica provençal, outras da italiana, mas a falta de comprehensão do elemento tradicional levava os poetas para o esmero exclusivo da fórma forçando-os a absurdos que hoje vêmos repetidos nos modernos *parnasianos.* Era contra este atrasado culteranismo que se erigia a *Arcadia Lusitana,* desvairada pelo seu lado com o pseudo-classicismo francez.

Em uma carta de Verney, dirigida de Roma ao oratoriano Fr. Joaquim de Foyos, em 8 de Fevereiro de 1786, narra-lhe as crises das luctas anti-jesuiticas em que entrara: «Eu, sim, tive no principio particular ordem da Côrte de illuminar a nossa nação em tudo o que pudesse; mas nunca me deram os meios para o executar. Tive largas promessas de premios, de rendas e ajudas de custo; e vieram recommendações aos ministros para me darem um conto de réis sobre os beneficios do reino, que cá se provêssem. Mas tudo isto ficou na esphera dos possiveis, e nunca se verificou por culpa dos ministros e de outras pessoas, as quaes sempre embaraçaram, *para adular os Jesuitas, que me perseguem com odio immortal.*—E como eu tinha composto algumas obras em todas as faculdades (tirando a Medicina) para uso da nossa nação, e tinha gasto muito dinheiro n'isso, e não tinha as rendas necessarias para tantos gastos, foi necessario que parasse, e me puz a observar o que lá e cá faziam, para assim vêr o que eu devia fazer.» Em Junho de 1760 viu-se obrigado a saír de Roma, quando foram interrompidas todas as relações de Portugal com a Curia. Verney, n'este exodo forçado foi para Pisa: «Escrevi então de Pisa ao Marquez de Pombal, que tendo-me o rei D. José promettido de me pagar a importancia de todas as minhas obras, como já tinha pago os primeiros tomos, mandasse verificar a dita ordem, para imprimir a *Physica*. Mas o Marquez não respondeu nada, e sómente me nomeou pouco depois (13 de Abril de 1768) secretario regio para servir a côrte com o ministro Almada, que então tornou para cá.

«Logo eu previ os desgostos e desgraças que me podiam succeder. Porque o Almada era meu

antigo inimigo, por causa de certos beneficios; não sabia escrever o seu nome; era soberbo, invejoso e muito máo, e fiava-se no parentesco do Marquez, o qual defendia todos os despropositos do Almada. Comtudo isso acceitei o cargo, e me recommendei á providencia. Imprimi então com o meu dinheiro a *Physica,* (1769) que me custou muito, sem utilidade, porque as esperanças que me deram de se introduzir nas escholas, se desvaneceram.

«Succedeu pontualmente o que eu tinha previsto. O Almada não quiz obedecer a nada do que eu lhe dizia. Fazia despropositos de consequencia; dizia sempre muito mal de mim; faziame pirraças todos os dias, para que eu me desgostasse e despedisse. — E vendo elle que nada d'isto fazia o effeito que desejava, recorreu ás calumnias e escreveu ao Marquez; e depois *publicou por toda a parte que os jesuitas me tinham comprado por trinta contos de réis, para lhes revelar os segredos da côrte*, e que o Papa por esta razão me tinha por suspeito.

«O Marquez não creu isto, porque conhecia a falsidade; mas para contentar o Almada, mandou ordem para que me despedissem e mandassem para a Toscana, onde estive dez annos, onde estive na cidade de San Miniato; e debaixo da capa me tirou algumas vendas de livros, e de outras cousas que me ajudavam a viver. Despedido que foi Pombal, o novo governo reconheceu e publicou a minha innocencia, e me permittiu tornar a Roma. D'este modo ficou salva a minha honra; mas os gravissimos prejuizos em todos os generos que soffri e soffro nunca me salvaram. —N'isto vieram a parar as fadigas litterarias de cincoenta annos que estou cá. Arruinei a saude,

destruí as posses, e não concluí nada. Contrahi dividas para poder viver com decencia e accudir a outros gastos, e d'estas nunca pude pagar todas. Cresceram com o tempo as molestias, e com ellas o desgosto e repugnancia de escrever mais em taes materias e com tal intuito.» Esquecido dos homens publicos de Portugal, narrava estes factos para se eximir aos convites da Academia das Sciencias: «sou já velho e doente, e não me posso metter em estudos e materias novas.» Ainda o nomearam para a Mesa da Consciencia e Ordens em 11 de Setembro de 1790. Faleceu em Roma em 20 de Março de 1792, este emancipador da intelligencia portugueza.

c) *Alexandre de Gusmão e a Arte de Furtar.* — E' um dos mais lucidos espiritos do seculo XVIII, dotado de uma visão critica dos caracteres e da sociedade, que elle sabia desenhar no mais pittoresco estylo epistolar, e nos considerandos com que acompanhava os *Avisos* regios, quando despachava junto de D. João V, como seu escrivão da puridade. Todas estas excepcionaes qualidades, e a situação particular como secretario quando o rei avocou a si as questões de politica internacional, e o encarregava de interpretar as cifras diplomaticas e explicar-lhe as intrigas das côrtes estrangeiras, tudo isto lhe suscitava a imaginação para uma Satira da sua epoca, como a fizeram Rabelais, Cervantes e Pascal. Mas aonde existe essa obra? Só depois de um processo de critica negativa se chegou á conclusão, de que a *Arte de Furtar*, não foi escripta pelo P.^e Antonio Vieira, nem por nenhum dos preclaros espiritos do seculo XVII, Thomé Pinheiro da Veiga, João Pinto Ribeiro, Antonio de Sousa Macedo e Duarte Ribeiro de Macedo; e que

nos achamos com a *Arte de Furtar* já citada em 1742, reflectindo a corrente *anti-jesuitica* e affirmações de *regalismo*, um clarão intuitivo para reconhecer o ironismo sensato e dominante de Alexandre de Gusmão. Os dados biographicos é que conduzem a essa prova. Nasceu em Santos, no Brasil, em 1695, filho do cirurgião-mór do prezidio militar, e foi educado ahi no Collegio dos Jesuitas; muitos dos seus irmãos foram frades franciscanos, carmelitas, e um padre secular Bartholomeu Lourenço de Gusmão, celebre pela invenção de uma machina aerostatica, que lhe mereceu a perseguição monachal e a alcunha irrisoria de *Voador*. Alexandre de Gusmão veiu frequentar os estudos de Coimbra, formando-se em direito civil, acompanhando em 1715 como secretario da embaixada o Conde da Ribeira Grande para Paris. Alli continuou os seus estudos juridicos, tomando o gráo doutoral, e no seu regresso a Portugal em 1720 incorporou-se na faculdade juridica como lente; não se demorou em Coimbra, porque D. João v o despachou para a assistencia em Roma, substituindo seu irmão junto da Curia, em que revelou a sua eximia habilidade diplomatica, compondo todos os conflictos e resolvendo facilmente todos os negocios pendentes. Foi elle que obteve do papa Benedicto XIII, o titulo de *Fidelissimo* dado a D. João v, para não parecer menos considerado pela Egreja, do que eram o rei *Catholico*, de Hespanha, e o rei *Christianissimo*, de França. As duas côrtes de Hespanha e França melindraram-se com esta egualação pontificia, mas Alexandre de Gusmão soube manter a dignidade nacional. O papa conferiu-lhe o titulo de *principe*, que não acceitou, porque D. João v negou-lhe o *exequatur;* mas

chamou-o para a sua escrevaninha; ahi viu de perto o influxo jesuita lisonjeando as galanterias do sensual monarcha. Desde 1734 ficou encarregado dos despachos da secretaria do Estado para o Brasil; foi n'este complicado serviço que elle descobriu as variadissimas fraudes e continuados roubos da Fazenda, a que oppoz habeis regulamentos e expedientes successivos, que melhoraram as receitas do estado. Acabou com o systema das *devassas abertas* que occasionavam prisões e confiscos, e tanto embaraçavam o commercio, estabelecendo em vez do pagamento do *Quinto* a capitação pelo numero de escravos e censa o numero dos homens brancos. N'este serviço se conservou até 1742 em que foi nomeado cavalleiro de capa e espada para o Conselho Ultramarino. E' n'estes curtos annos do despacho do Brasil, que elle experimentalmente foi colligindo os casos e circumstancias, que coordenou n'essa ficção artistica de engenhoso apocryphismo, que tem o titulo *Arte de Furtar*, pelo Padre Antonio Vieira. Como se conheceu este livro? Em 1740, o auctor da *Bibliotheca Lusitana*, Barbosa Machado, escrevera a Alexandre de Gusmão pedindo-lhe noticias dos seus escriptos para o incluir no seu tomo bibliographico; Alexandre de Gusmão desculpou-se, dizendo que embora membro da Academia de Historia Portugueza, não tinha escriptos por causa da sua laboriosa vida administrativa e politica. Publicado o tomo I da *Bibliotheca Lusitana* em 1741, ahi se encontra a biographia do Padre Antonio Vieira com o catalogo das suas obras, mas não vem apontado qualquer impresso ou manuscripto com o titulo de *Arte de Furtar*.

E' pois entre 1742 e 1744, que se impri-

miu subrepticiamente em Lisboa o tomo intitulado:

Arte de Furtar, *Espelho de enganos, Theatro de verdades, Mostrador de horas minguadas, Gazúa geral dos Reynos de Portugal, Offerecida a El-Rei D. João IV, para que emende. Composta pelo Padre Antonio Vieira, zeloso da Patria.* Amsterdam. Na Off. Elzeviriana, 1652. 1 v.-4.º, de XII fl. prelim., s. n. e 512 p. (Retrato do Padre Vieira).

A leitura d'este titulo denuncia logo o embuste editorial; por que no contexto do livro consigna-se um facto acontecido em 1664, isto é, passados doze annos! Eis o facto: «Furtar o que vos hão de demandar e fazer pagar, isso que vos pesa, é a maior tolice de todas, como se viu no que succedeu ao Carvalho, na semana em que compunha este capitulo. Era guarda da Alfandega e guardava as fazendas alheias muito bem, porque as punha em sua casa como se foram suas; foi recommendado por isso, e porque não deu boa rasão de si, o puzeram por postas repartido; pretendeu levantar cabeça á custa alheia, e levantaram-a dos hombros á sua custa.» Camillo apenas viu n'este facto de 1664 a prova de que o livro «não foi composto de um folego, se não a pedaços.» (*Curso*, p. 121.) Mas a incongruencia entre as datas 1652 com a de 1664 é que é capital para se reconhecer quem é o «*auctor enygmatico e até hoje occulto e talvez indecifravel.*» (*Curso*, p. 119). A critica, sem a vista do conjuncto torna-se esteril; sabendo-se que Alexandre de Gusmão fôra ministro do despacho da secretaria de estado dos Negocios do Brasil de 1734 a 1742 em que entrara como membro do Conselho de Fazenda Ultramarino, entende-se

esta passagem em que refere um incidente de queixa contra a probidade dos ministros ultramarinos, e diz que —*esse caso lhe passara pelas mãos*. Esta ordem de processos incumbia aos Conselheiros da Fazenda.» Camillo citava esta passagem pela edição de Londres, p. 60, para aventar a hypothese de Duarte Ribeiro de Macedo, que logo regeita por não ser o numeroso estylista da obra que se attribue a Vieira. (*Curso*, p. 122).

Foi essa edição simulada de 1652, de Amsterdam, da *Arte de Furtar*, a que entrou na publicidade, por 1744. Contra a attribuição d'esse escripto ao P.^e Vieira, appareceu logo um opusculo anonymo *Carta apologetica, em que se mostra que não é auctor do livro intitulado* **Arte de Furtar** *o insigne Padre Antonio Vieira*. Por um zeloso da illustre memoria d'este grande escriptor. Lisboa, 1744. In-4.º, de 25 p.

Em breve se soube que o auctor da *Carta apologetica* era o sabio philologo oratoriano Francisco José Freire, que brilhou quatorze annos depois, com o nome de *Candido Lusitano*, na fundação da Arcadia. Revelou-o Barbosa Machado no tomo IV supplementar da *Bibliotheca Lusitana*. O oratoriano argumentou com as diversas graphias das trez edições simuladas e incongruencia de datas historicas das duas dedicatorias, e quanto á determinação do presumivel auctor lembrou-se de Thomé Pinheiro da Veiga.

Conhecido o apocryphismo da *Arte de Furtar*, vulgarisada nas trez tiragens, em Março de 1744, apparece uma circumstancia esclarecendo um pouco a combinação para a sua publicação, que remonta ao anno de 1741, depois de publicado o tomo I da *Bibliotheca Lusitana*. Existe

na Bibliotheca de Evora, uma copia da *Arte de Furtar*, que pertenceu ao P.e João Baptista de Castro com uma Advertencia por elle assignada em que declara: « O original d'este tratado manuscripto comprou João Baptista Lerzo, mercador de livros, genovez, que morava defronte do Loreto no espolio de um desembargador. Como eu era seu amigo, m'o participou, e eu o tive quasi um anno em meu poder; tanto assim que, compondo n'aquelle tempo a minha *Hora de Recreyo*, me aproveitei de algumas historias do tal traslado, que introduzi, e se imprimiram no anno de 1742 na officina de Miguel Manescal, muito antes que sahisse á luz a tal *Arte;* a qual se imprimiu subrepticiamente na Officina que o mesmo Lerzo tinha em sua casa, dizendo que era obra do P.e Antonio Vieira. Depois que sahiu a publico fez um grande estrondo e se começou a duvidar do auctor.» Vê-se como se fizeram trez tiragens simulando de Amsterdam, a Elzevireana de 1652, a de 1744, in-4.º de XII — 508 pag., e a de 1744, de 409 pag., com o retrato e com a data de 1745, e outro typo. E' natural que o livreiro italiano não soubesse a proveniencia do livro; mas as trez tiragens revelam a interferencia de alguem que não olhava a despezas, e o interesse de conservar ignorado o facto na proveniencia vaga do espolio de um desembargador. Alexandre de Gusmão, que fôra escrevendo os casos anecdoticos das fraudes que observara na administração relativa ao Brasil de 1734 a 1741, atirou esses apontamentos por essa forma engenhosa para a publicidade. Quereria elle simular o estylo do Padre Vieira? Porque o attribuiria ao Padre Vieira? Os criticos acham analogias com o estylo de Vieira, mas não imitadoras; o que quer dizer

que não houve artificio, porque Alexandre de Gusmão, brasileiro, educado entre os Jesuitas do Collegio de Santos, possuia essa mesma elocução que a longa residencia de Vieira ahi lhe incutira. E' mesmo admissivel, que o *Sermão de Santo Antonio*, do Padre Antonio Vieira, praticando casos de moral sobre esse peccado, e notando a *Arte de Furtar* variadissima nos seus processos, lhe sugeriria tambem o titulo. Aqui deu-se o caso de ter o titulo determinado a obra. Além d'isso era frequente attribuir-se ao Padre Vieira pela sua audacia critica folhetos apocryphos, e n'essa corrente fôra tambem arrastado Alexandre de Gusmão.

Muito devera rir-se ao vêr o affinco da *Carta apologetica* de 1744, ainda então anonyma, e em 1746 a *Dissertação apologetica e dialogistica que mostra ser o auctor do livro Arte de Furtar o digno desvelado engenho illustre do P.e Antonio Vieira, em resposta a uma Carta,* escripta por um ignorado zeloso da memoria do dito Padre. Por dois curiosos genios, residentes em Madrid. Pertence este folheto ao padre metrificador Francisco Xavier dos Seraphins Pitarra, socio da Arcadia de Roma. Na sua discussão quasi que reconhece maliciosamente o apocryphismo da *Arte de Furtar*. Mas despreoccupado de quem fôsse o auctor, Francisco José Freire volta á sua negação com outro opusculo, *Vieira defendido. Dialogo apologetico em que se mostra que não é o verdadeiro auctor do livro intitulado Arte de Furtar o Padre Antonio Vieira:* respondendo ás rasões de uma nova Dissertação, em que se pretende mostrar que a dita Arte é obra do mesmo Padre. Lisboa, 1746, in-4.º. José Pereira de Sampaio (Bruno) accentuou esta phrase

do P.ᵉ Pitarra: «Demais, tudo isto é arenga; a verdade do caso he, que se houve este grande manuscripto de uma livraria, vendeu-se a um homem, que informado por quem sabia da sua raridade, o imprimiu, fôsse em Hollanda ou na China, não faz ao caso.» (Ib. p. 9.) Faz todo o caso; porque Alexandre de Gusmão era habil diplomata para manobrar n'este meio credulo em que lhe convinha fechar-se no anonymo. E emquanto os criticos combatendo a attribuição a Vieira, ou substituindo-o por escriptores do seculo XVII, nenhum tratou de desvendar quem era o ***regulista*** e o anti-jesuita do seculo XVIII, que tanto se aproxima pelo seu estylo e graça do Padre Antonio Vieira, Francisco José Freire roçou pelo problema inconscientemente: «A *Arte de Furtar* não pode ser do Padre Antonio Vieira, porque o contexto do livro implica *uma noticia miuda da administração, da politica e da justiça,* que não se coaduna com a isenção sacerdotal do supposto e pretendido auctor.» Esse conhecimento coaduna-se com a situação em que se achava Alexandre de Gusmão, no governo de D. João V. E' d'este anno de 1746 o quadro, que em duas cartas esboça Alexandre de Gusmão, mostrando-nos o monarcha já paralytico e o seu governo sob a omnipotencia de Frei Gaspar da Encarnação. O embaixador D. Luiz da Cunha escrevera-lhe da côrte de Versailles para fazer sentir a D. João V, quanto para credito do monarcha era opportuna a sua intervenção para a paz, entre os principaes belligerantes, e por todos tão anciada. A' carta de 6 de Dezembro de 1646 com o bello alvitre de D. Luiz da Cunha, respondeu Alexandre de Gusmão: «Sempre fallei a Sua Magestade e aos Ministros actuaes do governo:

«Primeiramente o Cardeal da Mota me respondeu, que a proposição de v. ex.ª era inadmissivel em rasão de poder resultar d'ella ficar el-rei obrigado pelo cumprimento do tratado, o que não era conveniente.

«Emquanto fallamos na mesma materia se entretinha o Secretario de Estado, seu irmão, na mesma casa em alporcar uns craveiros, que até isto fazem fóra do logar e tempo proprio.

«Procurei fallar a Sua Rev.ma (Fr. Gaspar da Encarnação) mais de tres vezes, primeiro que me ouvisse, e achei a Apparição de Sancho a seu Amo, que traz o Fr. Carmo na sua Côrte santa, cuja historia ouviam com grande attenção o Duque de Alafões e o Marquez de Valença, Fernão Martins Freire e outros. Respondeu-me, que Deus nos tinha conservado em paz, e que v. ex.ª queria meter-nos em guerra, o que era tentação a Deus.

«Finalmente fallei a El-rei. (Seja pelo amor de Deus!) estava perguntando ao Prior da fregezia, por quanto rendiam as esmolas das Almas e pelas Missas que se diziam por ellas.

«Disse, que a proposição de V. Ex.ª era muito propria das *maximas francezas*, com as quaes V. Ex.ª se tinha como naturalisado, e que não proseguisse mais.

«Se V. Ex.ª cahisse na materialidade (de que está muito livre) de querer instituir algumas Irmandades, e me mandasse fallar n'ellas, haviamos conseguir o empenho e ainda merecer-lhes alguns premios.» (2 de Fevereiro de 1747).

Em outra carta, ao mesmo embaixador escreve Alexandre de Gusmão:

«Nem a proposição de V. Ex.ª nem a do

Marquez de Alorna mereceram a menor attenção aos nossos Ministros de Estado.

«A primeira foi tratada na presença de El-rei com o Cardeal, o Prior de S. Nicoláu, Monsenhor Moreira e dois Jesuitas a quem se tinha communicado. Antes que nenhum d'elles fallasse resolveu El-rei com maior facilidade que uma jornada das Caldas, porém, não obstante aquella resolução, sempre votaram que era ditada pelo espirito da Soberba e da Ambição, com que foi bem julgado.

«A segunda mereceu a convocação de uma Junta, mas foi para maior castigo. Ahi se acharam os tres cardeaes, os dois Secretarios, Sua Ex.ª Rev.ma, eu e muita gente, não sei como. Desencadernaram-se as Negociações e se baralharam com a superstição e com a ignorancia, fechando-se a decisão com o ridiculo da

> Guerra com todo o mundo
> E paz com a Inglaterra,

cuja Santa Alliança me era muito conveniente, e finalmente que V. Ex.ª não era muito certo na religião, pois *se mostrava muito francez.* Acabado isto se fallou no soccorro da India e que consta de duas náos e tres navios de transporte.

«O Mota disse a El-Rei, que esta esquadra ha-de aterrorisar a India. O reitor de Santo Antão (Collegio dos Jesuitas):—Tomara já lêr os progressos escriptos com miudeza pelos nossos padres. E' o que se passou na Junta... Como V. Ex.ª me pede novidades, ahi vão fielmente. Devemos ao Ex.mo Snr. Cunha o livrar-nos dos raios, tempestades e trovões, que desterrou das

Folhinhas do anno, com pena de negar-lhe as licenças.

«Devemos a Sua Rev.ma o haver proposto a El-Rei que conseguisse do Papa o livramento dos Espiritos malignos e de Feitiços, que causavam tanto damno n'este reino, e não ouvia que os sentissem outras nações.»

«Os *Padres Tristes* (os Jesuitas, assim chamados por acompanharem os sentenciados á fôrca) deram parte a El-Rei da confissão prodigiosa de uma feiticeira, que cahiu em seu poder, e creio que será este negocio o maior do Estado d'este governo...»

«Isto não são *Contos arabicos,* mas sim acontecem dentro da Europa culta.»

Assim era governado Portugal por esta barca da carreira dos tolos desde a paralysia que acometteu D. João v em 22 de Maio de 1742. Gramoza, nos *Successos de Portugal*, descrevendo este quadro, notava: «n'aquelle tempo havia tambem empregado no Ministerio um homem, que pelos seus talentos, instrucção e conhecimentos vastos de todos os negocios civis e politicos, pudera sustentar e conservar o credito da monarchia, para o que elle cooperava com as suas representações, grandes e esforçadas diligencias; era elle Alexandre de Gusmão. Conhecia por desgraça, aquelles miseraveis arbitros da vontade de El-rei e cheios de uma terrivel hypocrisia, de pasmoso fanatismo e de uma ignorancia invencivel despresavam todas as ideias que elle propunha, fazendo só validas as suas grosseiras decisões.» (*Obr. cit.*, t. I, 7.)

Pelo falecimento de D. João v em 31 de Julho de 1750, extinguiu-se o cargo de escrivão da puridade, e Alexandre de Gusmão volveu á vida

particular; os oito annos que teve ainda de existencia dedicou-os á organisação economica de sua casa, tendo para isso de contrahir dividas que lhe amarguraram a alegria domestica. Succumbiu em 1758, depois do incendio do seu palacio, a perda de seus dois filhos e esposa. Parece um lance *rocambolesco*, digno das tenebrosas vinganças dos Padres da *Apanhia*, que não perdoariam a *Arte de Furtar*, que em 1755 era prohibida em Hespanha por um Edital da Inquisição. Não teve o gosto de vêr a sua substanciosa Satira incluida no tomo IV do Supplemento da *Bibliotheca Lusitana*, de 1759. Nos seus *Subsidios para a Historia litteraria de Portugal*, Frei Fortunato de S. Boaventura, considera Alexandre de Gusmão como o melhor prosador da primeira metade do seculo XVIII, e fundava-se apenas nos Decretos e Avisos regios que officialmente redigira. Hoje, restituida a *Arte de Furtar* ao seu auctor, forma-se uma ideia nitida do seu talento litterario.

d) *As Cartas do Cavalheiro de Oliveira, e do Abbade Costa.* — Dois espiritos superiores se acham n'esta época homisiados de Portugal: Francisco Xavier de Oliveira, refugia-se na Hollanda, que era então o asylo de todos os livres-pensadores da Europa, e d'onde veiu o impulso de emancipação mental da geração que formou a Encyclopedia; Antonio da Costa, depois de ter chegado a Roma através de mil trabalhos, e de seguir os cursos musicaes de Veneza, fixa a sua residencia em Vienna de Austria, onde é admirado pelo seu pasmoso talento artistico. As *Cartas* do Cavalheiro de Oliveira exprimem a sua situação desolada, e foram desde muito cedo admiradas como modelos de familiaridade.

O Abbade *Antonio da Costa*, que Burney comparava a Rousseau, escreveu algumas Cartas a amigos que deixara em Portugal, e era tal a graça, vivacidade e colorido das suas descripções, que o erudito Antonio Ribeiro dos Santos tratou de colligil-as, obtendo ainda umas treze, que se acham actualmente impressas. Nada ha na lingua portugueza mais bem escripto; nunca a prosa dos nossos homens de lettras conseguiu essa naturalidade graciosa, esse vigor de impressões, essas pinturas dos caracteres, das emoções e do aspecto das cousas. O pouco que se sabe da biographia de Antonio da Costa acha-se implicito n'essas Cartas, modelos inexcediveis para quem pretenda escrever portuguez.

O CAVALHEIRO DE OLIVEIRA

Nome por que é conhecido Francisco Xavier de Oliveira, que tendo convivido com os sabios e doutos da Academia Real de Historia, com a sua revolta de consciencia e curiosidade de espirito, aproveitou um ensejo para sahir de Portugal, vivendo em Vienna de Austria, em Amsterdam e em Londres, acompanhando a liberdade mental da sua época, principalmente como critico. As noticias da sua movimentada vida encontram-se dispersas pelas suas obras, principalmente no processo inquisitorial de 1761 e no *Discours pathetique*, publicado em 1756. N'este rarissimo livro, reimpresso em edição fac-simile em 1893, lê-se em uma nota: «Nasci em Lisboa em 21 de Maio de 1702 e fui eu administrado a baptismo na Parochia de San Mamede, em 1 de Junho do mesmo anno pelo rev. P.e Prior Thomaz Antonio Madeyra.» (*Disc.*, p. 32, nota) Sentindo-se esquecido

em Portugal, lembra a respeitabilidade da sua familia e as relações que tinha com altas personagens: « A vaidade de me prevalecer do meu nascimento e dos serviços que seguindo o trilho dos meus antepassados eu possa prestar á Corôa seriam condemnaveis e fóra do proposito. Mas é importante para mim o lembrar a V. M. que seu falecido pae me honrou ha vinte e seis annos (1730) com a mesma real Ordem que ornou sempre o seu peito, como o de V. M. E como eu só podia tomar o habito d'esta Ordem (de Christo) depois de cumprir todas as formalidades e todas as prevanças exigidas pelos Estatutos, nenhuma duvida póde haver da antiguidade da minha familia e da pureza do meu sangue. Não sou pois, Mahometano nem Judeu nem mesmo idolatra. » (*Ib.*, p. 9.) E aponta o facto de ter tomado o habito de Christo na Capella Real da Egreja Patriarchal de Lisboa, em 11 de Dezembro de 1729.

A sua educação litteraria no Collegio dos Jesuitas deixou-lhe uma perenne sympathia pela Companhia de Jesus, e uma admiração que era um culto pelo P.e Antonio Vieira. Compilara todas as suas obras e colligira importantes ineditos, que lhe ficaram em Lisboa. A sua familia era numerosa, e era escriptor um d'elles, Thomaz de Aquino, Abbade de San Bento da Victoria no Porto. O antagonismo entre a Companhia e a Inquisição reflectiu no seu espirito, sentindo-se humanamente incompativel com as barbaridades monstruosas do Santo Officio. Este estado de consciencia tornava-se um perigo; e communicou-o a pessoas de importancia e de dignidade, já falecidas ao tempo em que pensava em sahir de Portugal; foi uma d'essas José da Cunha Brochado, membro da Academia real de Histo-

ria, Conselheiro de Fazenda e Enviado extraordinario á Côrte da Gran-Bretanha; Martinho de Mendonça de Pina, de Proença-a-Nova, grande hebraisante, hellenista e latinista que malbaratou o seu saber em combater o Aristotelismo, tambem o P.e Hypolito Moryra, jesuita, liberto dos preconceitos dos seus collegas, sendo ao mesmo tempo da Academia real de Historia e Qualificador do Santo Officio; o P.e Manuel Guilherme da ordem dominicana, grande prégador, e Qualificador e examinador da Inquisição, e cita tambem seu tio o P.e Manuel Ribeiro, da Congregação do Oratorio, de que era Proposito, Qualificador e examinador do Santo Officio, e presidente diplomatico na Côrte de Madrid em logar do Marquez de Abrantes. A esta lista de confidentes ainda accrescenta o bispo de Lamego, filho do Duque de Cadaval: «disse-me uma vez, a proposito de tantos bons livros, cuja leitura era prohibida em Portugal, que *os Inquisidores eram umas bestas.*» (*Ib.*, p. 34.) No texto do *Discours pathetique,* aponta tambem: «Dois ministros publicos, e por ventura os dois mais famosos que tem servido a Corôa de Portugal no ultimo reinado, entravam tanto nos meus sentimentos sobre este ponto, que podem-se considerar como suas proprias as palavras que hei-de dirigir aos Inquisidores.» (*Ib.*, p. 35.) E declara em nota, o Conde de Tarouca, falecido em Vienna e D. Luiz da Cunha, falecido em Paris. E depois de ennumerar estes esteios ainda apresenta a confiante benevolencia com que o tratava o Inquisidor Geral Nuno da Silva Telles, da casa do Marquez do Alegrete, e ex-Reitor da Universidade de Coimbra: «Pondo de parte a qualidade de Inquisidor, elle constantemente me honrou com a sua amisade, principal-

mente pela occasião da minha partida de Lisboa em 1734. Durante tres annos consecutivos elle sustentou commigo uma correspondencia regular. Escrevia-me por quasi todas as festas. Apesar das suas grandes occupações, elle tinha a bondade e o cuidado de me communicar tudo o que de mais particular se passava na familia, na capital e na côrte.» (*Ib.*, p. 51.) O motivo da sahida de Portugal, seria em parte determinado pelo falecimento de sua mulher D. Anna Ignez de Almeida, acquiescendo ao convite do Conde de Tarouca para o acompanhar como secretario da embaixada na côrte de Vienna. O conde escolheu bem, e parece que a resolução de Francisco Xavier de Oliveira foi inesperada, porque se separou dos seus livros usuaes, como os Manuscriptos do P.e Vieira. «O maior ornamento dos Jesuitas, esse homem capaz elle só de illustrar a nação portugueza. Os seus Manuscriptos, que nunca viram a luz publica, acham-se actualmente na vossa Bibliotheca real; e ahi está uma parte copiada pela mão de meu pae e uma outra pelo meu punho. Estes manuscriptos são muito raros em Portugal, comtudo ha alguns em mãos de grandes fidalgos e dos mais instruidos do reino. Ao sahir de Lisboa lá me ficaram todos os meus, e eu conto esta perda no numero das não menores, que me tem acontecido na vida.» (*Ib.*, p. 62.) Em uma carta dirigida pelo Cavalheiro de Oliveira aos Censores e Academicos, dizia-lhes: «Ha vinte annos que vós me honraes com a vossa amisade, e mesmo de uma amisade bem intima, e vós vos lembraes ainda dos uteis recursos que encontrastes para o augmento dos vossos estudos na minha numerosa e famosa Bibliotheca, no tempo em que o falecido rei fundou a Academia real de Historia. Só pelo

serviço d'este monarcha tendo de me afastar de Lisboa, é que me impediu de ser um dos vossos collegas. Os dois Senhores Marquezes do Alegrete e Marquez da Fronteira, José da Cunha Brochado e particularmente o Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes e alguns outros estão todos dispostos a conferirem-me esta honra; e eu tinha de antemão o privilegio de receber um exemplar de todas as producções da Academia, presente que ella fazia a um limitado numero de sabios, que eram considerados como academicos supranumerarios. (*Disc.*, p. 92.) A vida diplomatica, cheia de frivolas impertinencias protocolares, não se harmonisava com o caracter reconcentrado do já então denominado Cavalheiro d'Oliveira. A côrte de Vienna era severa nas formalidades, e o Embaixador carecia da intervenção permanente de um secretario, que era um verdadeiro contra-regra, que tudo preparava previamente. De mais, acima da etiqueta aulica estava ainda o *rigorismo* religioso, que o Cavalheiro de Oliveira, liberto da boçalidade dos Inquisidores, se sentia asphixiar pelo pietismo aristocratico. E' certo que ao fim de seis annos, Francisco Xavier d'Oliveira abandonou o logar de secretario, sem causa ostensiva, a que se procurou ligar certo mysterio. Elle queria respirar na corrente das ideias modernas, e passou para a Hollanda em 1740. Perdidos os seus recursos economicos, pela sahida do serviço de Portugal, viu-se obrigado *a defrontar-se com infindas impertinencias desde então* (1740) *até hoje.*» (1751.) Em Amsterdam achou-se em um meio liberto de todas as censuras e no fóco d'onde sahiam todas as obras da mais avançada doutrina moral, politica e religiosa. Approximou-se dos ricos Judeus

portuguezes, que na Hollanda se tinham refugiado das perseguições da Inquisição de Portugal. No *Discours pathetique* falla dos grandes serviços que a familia Nunes da Costa tem prestado a Portugal. O Cavalheiro de Oliveira apresenta este quadro historico, digno de ser conhecido: «Ha mais de cem annos, quasi sempre um Judeu, na qualidade de Agente do Rei de Portugal, se emprega no serviço d'essa Corôa em Hamburgo, em Livorno, em Ferrara e em outras partes. Desde esse tempo a Familia Nunes da Costa foi destinada ao mesmo serviço em Hamburgo e em Amsterdam. Eduardo Nunes da Costa, no começo do reinado de D. João IV, e quando este Principe tinha falta de recursos para se sustentar no throno, foi o primeiro que enviou de Hamburgo, onde o rei o tinha nomeado seu presidente, dois navios carregados de todas as especies de munições, — Jeronymo Nunes da Costa, seu filho mais velho, tendo-lhe succedido partir para Hamburgo e para a Haya, para assistir com seus conselhos a Tristão de Mendonça, que o Rei de Portugal tinha enviado aos Estados Geraes. Os bons officios que elle prestou a este ministro e a Francisco de Sousa Coutinho, seu successor, mereceu-lhes, da parte d'estes dois embaixadores, o glorioso titulo de *Braço direito* da Corôa de Portugal. E' gloriosissima a pagina dos serviços relatados, em que dado o estado de guerra entre Portugal e a Hollanda, por causa das luctas no Brasil, em que o Presidente continuou as relações de Portugal com os Estados Geraes, vencendo a perfidia do embaixador hespanhol Germano, e a traição de Fernão Telles de Faro, que se bandeou para os castelhanos. Na sua casa se hospedou Colbert, e de Thou confessava que não havia caracter

mais puro e affavel. N'este posto succedeu-lhe seu irmão Alvaro Nunes da Costa, que viveu muito tempo nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Escreve o Cavalheiro de Oliveira: «Foi este agente que eu conheci pessoalmente, ao chegar de Lisboa a Amsterdam no anno de 1734. Confesso, que á vista do Escudo das Armas de Portugal, arvorado sobre o grande portico da casa d'este Agente, eu fiquei um pouco enleiado, ignorando então o que acabo de referir, e impregnado dos preconceitos da minha nação contra os Judeus. Mas eu mudei de ideias immediatamente a seu respeito. Desde que tratei com Mr. da Costa, eu me apercebi do seu merito e soube dos immensos serviços que elle tinha prestado e continuava a prestar á minha patria. A Corôa de Portugal acabava de o embolsar dos grandes serviços que lhe devia, e tinha ainda além d'isto a receber mais de cem mil florins de atrasados. Mr. da Costa era visitado continuadamente por toda a nobreza do paiz e por quasi todos os ministros estrangeiros, que passavam por Amsterdam para irem para a Haya. Dois grandes ministros de Portugal, o Conde de Tarouca e D. Luiz da Cunha, tinham por elle uma grande admiração, que por mil modos procuravam manifestar-lhe. Por sua morte, o neto Nathan Nunes da Costa e seu genro Eduardo Nunes da Costa, herdaram toda a sua fortuna; porém, mais levados para o bem estar do que para a gloria, ambos tomaram o partido de viverem tranquillamente dos seus rendimentos, renunciando o logar de Agentes da Corôa de Portugal, que era hereditario na sua familia havia já um seculo». (*Ib.*, p. 70.) O Cavalheiro de Oliveira affirma que os outros Judeus portuguezes que conhece não são

inferiores aos Nunes da Costa, e que até para prova dá grandes sabios, principalmente na Medicina e na Jurisprudencia. Elle chega a escrever que o grande terremoto de 1755, foi o sangue innocente derramado pela Inquisição durante dois seculos, que fôra ouvido nas alturas. Vê-se que o Cavalheiro de Oliveira achou entre os Judeus portuguezes auxilio para a nova carreira da sua vida. Em 1742 se publicam as suas *Cartas familiares*, que eram lidas em Portugal com interesse pela sua livre critica, mas como *Farpas* eruditâs. O credito para a impressão dos seus trabalhos, e sobretudo a expedição para Portugal e toda a Europa, só os Judeus portuguezes lhe podiam prestar esse auxilio. Esses lucros provenientes das publicações que ia fazendo equilibraram-lhe a existencia, e assim logo no anno de 1743 contrahiu segundas nupcias com Eufrozina de Puschburg em Vienna, que o acompanhou nos annos mais escassos até quasi ao fim da sua torturada existencia. A exploração das *Cartas* cessou subitamente, pelo poder inquisitorial; elle mesmo explica o fracasso: «Disse eu na minha Carta 56, e ainda agora repito: que — *alguns Padres da Egreja, levados de certos principios (emprestados, se pode dizer, dos pagãos, que tinham reconhecido a excellencia do celibato) preferiam este estado ao do matrimonio*... — O padre Inquisidor Frei Manoel do Rosario, revendo o 2.º tomo das minhas Cartas, faz a censura que vae lêr-se. Tal censura que me alcunha de hereje, apesar de lá me chamar catholico romano, fez effeito e acertou o tiro. Não sómente occasionou a prohibição dos meus escriptos em Portugal, mas deu azo a que os Inquisidores se apossassem de todos os exemplares das minhas obras, que

existiam em Lisboa. Este roubo que me fizeram *in nomine Domini*, e sem escrupulo, causou-me grande perda.» E em nota: «Esta perda orçou por 6.000 cruzados ou 500 libras esterl.»

A prohibição inquisitorial provinha especialmente do fóco do livre pensamento, da Hollanda, onde o Cavalheiro de Oliveira assentara o seu lar. Portugal estava-lhe absolutamente fechado para a sua actividade litteraria, e teve d'isto tão clara intuição, que em 1744 foi assentar arraiaes em Londres, onde o fóco do livre-pensamento era mais reservado, mas intenso. Em Londres se encontrava representando Portugal o ministro Sebastião José de Carvalho, depois de ter servido na embaixada de Vienna. Sebastião José de Carvalho ahi acabava de disciplinar o seu genio politico. O Cavalheiro de Oliveira teve relações frequentes com o diplomata socio da Academia real de Historia portugueza, como se deduz de uma carta, que acompanha o *Discurso pathetico* de 1756, quando elle era já o omnipotente ministro. Na forte orientação intellectual em que ambos se achavam havia uma cambiante que os separava, o Cavalheiro de Oliveira detestava e combatia a Inquisição como causa da ruina de Portugal e era um convicto admirador dos Jesuitas; pelo seu lado Sebastião José de Carvalho tinha essa visão invertida, como o manifestou nos seus actos de governo: fez a expulsão dos Jesuitas e deu officialmente o tratamento de Magestade á Inquisição. A sociedade ingleza era muito falada, e os Judeus eram de *uma ignorancia tão crassa em Inglaterra*, como nas outras partes; elle imaginara que esse caracter especialissimo do Judeu portuguez era commum a toda a raça; em todo o caso confessa que em Londres o Dr.

Jacob de Castro Sarmento, Rebello de Mendonça, Abraham Vianna e Jacome Ratton eram doutos e de larga instrucção. O seu espirito soffre decepções que o desalentam e o revoltam; é sob esta pressão que elle em 1746 resolve abjurar da religião catholica-romana e por uma forma solemne.

No *Discours pathétique* refere esta nova e angustiosa situação da sua vida: «Verdade é que tendo abjurado da Communhão da Egreja Romana para abraçar a Religião Protestante, os vossos preconceitos devem-vos naturalmente induzir contra mim, e tornar-me odioso aos vossos olhos; caros parentes e amigos, desenganae-vos e dignae-vos de me ouvir. Mudando de Religião eu abandonei as delicias e o bem-estar da minha Patria, bem-estar e delicias que eu nunca mais encontrei em parte alguma; eu me separei para sempre de uma digna e respeitavel mãe, de muitos irmãos, e de vós todos. Nem o adiantamento da minha fortuna, nem as vantagens reaes, nem as esperanças lisongeiras que me sorriam do lado de Lisboa não puderam fazer-me mudar de resolução.» (*Op. cit.*, p. 35.) Essa esperança risonha do lado de Lisboa, seria a importancia de Sebastião José de Carvalho junto da rainha austriaca, anti-jesuitica e protectora da Congregação do Oratorio. Pela apostasia solemne o Cavalheiro d'Oliveira afastara todas as boas vontades que o podiam patrocinar; não podia continuar a publicação das *Cartas familiares,* das quaes conservava duzentas, ineditas, que completavam o 3.º volume, e occupariam os volumes 4.º e 5.º. Recorreu á assignatura para assegurar as despezas typographicas, e em 1751, encetou a publicação das *Œuvres morales,* tendo de abandonar a lingua portugueza para alcançar alguns leitores,

mas estimulado pelo sentimento patriotico nas *Memorias de Portugal*, replica e combate contra as deprimentes opiniões que appareciam na Europa aviltando a sua degradada nacionalidade. O effeito intellectual da apostasia, fazendo-o absorver-se no biblicismo monomaniaco dos protestantes, produziu no seu estylo uma chateza, pelas phrases sacramentaes unctuosas de uma elocução presbyteriana, sempre allegorica e moralisante. Teve de concentrar-se na vida domestica e na obscuridade de um confinado logarejo para resistir ás difficuldades economicas. No *Discurso pathetico* escreve: «Fortalecido pela graça de Deus em um partido tomado com um inteiro conhecimento de Causa, e reduzido a não comer de outro pão senão aquelle que os Fieis me fornecem, eu me retirei para a aldeia, e ahi vivo em um logarejo a que vós chamaes em Portugal um *recanto do Mundo*. Ahi occupo o meu tempo com a cultura de um pequeno jardim. Mas eu não cesso de louvar a Deus, no estado em que elle me collocou, e bem convencido de uma vida futura, eu o bemdigo por tudo quanto me acontece, repousando inteiramente sobre a sua misericordia pela qual sómente espero me salvar.» (*Ib.*, p. 37.) Este recanto do mundo em que vivia era Hachney em que sua esposa o confortou até ao anno de 1783, essa triste Euphrosina de Puschburg.

N'este retiro, escrevendo contra a Inquisição de Portugal, desde 1751, elle teve o goso intimo de vêr que a sua ideia se manifestava na acção do governo, lendo na *Gazeta de Londres* que não mais se executariam sentenças de morte dadas pela Inquisição para serem effectuadas pelo *Braço secular*, sem que ellas fôssem revisadas

por um Conselho judiciario que as homologasse, e sendo assignadas pelo rei. Elle confessa que não esperava tão cedo vêr esta intervenção do Poder real, que Sebastião José de Carvalho collocava acima da Inquisição e da Aristocracia, para base das suas reformas. Foi n'este seu recanto de Hachney, que o surprehendeu a noticia fulminante do grande cataclysmo sismico do 1.º de Novembro de 1755: «As calamidades que acabam de acontecer em Lisboa, a perturbação e confusão em que vós todos vos achaes, e o medonho castigo que a todos vós ameaça, só ellas me poderiam arrancar á tranquillidade do meu retiro. Abandonei immediatamente todas as minhas occupações, a minha sensibilidade e o meu dever me transportaram em ideia ao meio da minha querida e desgraçada Patria, e me impeliram a vos dirigir a minha triste e debil voz, para vossa consolação e para vossa felicidade eterna. Eu emprehendi esta penosa visita em um tempo em que a minha cabeça branca, minha mão tremula e o meu corpo alquebrado pelos soffrimentos vos são seguras garantias de que á beira da sepultura não pode entrar n'este passo nenhum intuito de interesse mas em outra cousa apropriar-vos, de que contribuí com todo o empenho para a salvação das vossas almas, pelas reprehensões que vos dirijo e pelos avisos que vos dou e pelas verdades que tendes ignorado até ao presente e que eu vos annuncio.» (p. 37.) Tratou de escrever um opusculo intitulado—*Discours pathetique au sujet des Calamités presentes, arrivés en Portugal.—Addressé à mes Compatriots et en particulier, a Sa Magesté très-fidele Joseph, Roi de Portugal, por le Chevalier d'Oliveira.* Foi com este titulo impresso em Lon-

dres em 1756, e enviado para Portugal para os Academicos da Real Academia de Historia e a Sebastião José de Carvalho. N'este mesmo anno foi traduzido em inglez: *Pathetic discourse on the present Calamitie of Portugal.* Ahi se declara em nota (p. 36) que o rei de Inglaterra, sabendo do terremoto de Lisboa, dirigiu ao parlamento britannico uma mensagem para que se enviem a Portugal «cem mil libras esterlinas, mais de um milhão de cruzados, para acudir ao povo.» O Cavalheiro de Oliveira accentua a acção moral do protestantismo; o *Discurso pathético* funda-se no castigo do céo, pelo sangue innocente das victimas dos Autos de Fé nas fogueiras do Santo Officio. Desde que o *Discours pathétique* se espalhou fóra do circulo reservado a quem fôra enviado, appareceu um Academico da Real Academia de Historia Portugueza (!) o Dr. Joaquim Pereira da Silva Leal, a denuncial-o ao Santo Officio de Lisboa, declarando que lh'o mostrou um inglez Lucas Foreman « homem verdadeiro e de bom comportamento, apesar de hereje.» O processo do Santo Officio começou logo por citar Francisco Xavier de Oliveira, e intimar todas as testemunhas de longa data apontadas, para virem depôr o que d'elle sabiam ou ouviram dizer, estando concluido o processo, julgado á revelia, e sentenciado á morte em 12 de Junho de 1761. O Conde de Oeiras servia-se então do poder terrorifico da Inquisição para atacar a Companhia de Jesus, que mutuamente se odiavam como o gato e o rato. Em 1761 celebrou-se em 20 de Septembro em Lisboa, um solemne Auto de Fé, em que a Inquisição queimou o jesuita P.e Gabriel Malagrida, um mystico algo irresponsavel; n'esse espectaculo canibal, como o Cavalheiro de Oliveira

estava a salvo em Inglaterra, teve de ser o seu retrato queimado, ou na linguagem profissional *queimado em estatua.*

N'esse processo se deparam curiosas noticias sobre o Cavalheiro de Oliveira; não se encontra no Archivo nacional. Em 1875, Camillo tirou algumas noticias para a sua biographia pelo conteúdo da Sentença; do processo completo teve conhecimento Joaquim de Araujo, por tel-o encontrado entre a papelada inutil do Conselho de Districto do Porto, tencionando imprimil-o em um projectado estudo que intitularia *O Cavalheiro de Oliveira e a Sociedade portugueza no Seculo XVIII*[1]. O *Discours pathètique*, foi desconhecido de J. Heliodoro Rivara, Innocencio e Camillo[2]; ao fim de pacientes pesquizas soube Joaquim de Araujo da existencia de tres exemplares na Bibliotheca de Paris, do Museu Britanico e Rebello Fontoura, fazendo sobre elles uma edição fac-simile da edição de 1762, impressa em Londres. Depois d'este opusculo, publicou um folheto *Le Chevalier d'Oliveira brulé en effigie*, que foi considerado como Appenso da segunda parte do *Discurso.* Depois do falecimento de Xavier de Oliveira em 1783, foram alguns trechos reproduzidos no *Gentleman Magazine* em 1784.

---

[1] Perderam-se as esperanças de ser escripto este livro; Joaquim de Araujo inutilisou-se com um suicidio frustrado, por uma doentia imitação do suicidio de Anthero, que elle tanto exaltara na poesia *Morrer é ser iniciado.*

[2] O titulo de *Discursos patheticos*, no plural, mostra que consideravam uma série; e como não lograram lêr esse manifesto dirigido ao rei depois do terremoto, não puderam utilisar as allusões pessoaes autobiographicas.

A sua longa vida, cheia de amarguras e decepções, fêl-o contemplar de longe as reformas pombalinas, e assistindo á sua queda e á demolição systematica da sua obra, sob o intolerantismo da rainha D. Maria I, dominada pelo Arcebispo-Confessor, a quando já a Inquisição era um refugio para as perseguições tenebrosas e arbitrarias da Intendencia da Policia. Vinte e dois annos ainda viveu o Cavalheiro de Oliveira queimado em estatua pela Inquisição em Lisboa em 1762 até 1783, em que faleceu octogenario. Essa vida de isolamento apparece-nos illuminada por um sentimento sereno que o alentava com reminiscencias da querida patria.

Quando Garrett esteve refugiado em Inglaterra na sua primeira emigração politica, em 1823, communicaram-lhe a noticia da existencia de Manuscriptos do Cavalheiro de Oliveira, que foi examinar com extrema curiosidade. E deixou noticia de umas annotações á *Bibliotheca Lusitana*, que revelam a sua moral, pensando na patria, recordando as suas tradições populares, vivendo em espirito com essas reminiscencias sympathicas. Escreveu Garrett, no prologo do seu *Romanceiro*, formado quasi nas mesmas angustias do pobre Cavalheiro de Oliveira: «Havia entre esses livros um exemplar da *Bibliotheca* de Barbosa, encadernado com folhas brancas de permeio, e escriptas estas assim como as amplas margens do folio impresso, de letra muito meuda mas mui clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso e laborioso mas incorrecto Abbade (de Sever). — Via-se por muitas partes que o longo trabalho fôra feito depois da publicação das suas *Memorias*, porque a miudo se refere a ellas, confir-

mando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera. Nos artigos *D. Diniz, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Francisco Rodrigues Lobo, Dom Francisco Manuel de Mello* e em outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam e transcreviam como illustração muitas Coplas, Romances e trovas antigas e até Prophecias, como as de *Bandarra*, fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Irlanda e em Portugal, franqueados uns por Judeus portuguezes das familias emigradas, outros havidos das preciosas collecções que d'antes se conservavam com tão louvavel cuidado nas livrarias e cartorios dos nossos fidalgos. — Foi-me logo confiada a inestimavel descoberta; percorri com avidez aquellas notas, examinei-as com escrupulosa attenção e extractando uma por uma quantas Coplas, Cantigas, Xácaras achei completas e incompletas; accrescentei assim os meus haveres com umas cincoenta e tantas peças, d'ellas anonymas e verdadeiramente tradicionaes, d'ellas de auctores conhecidos e que nas edições das suas obras se encontram — taes como Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Rodrigues Lobo, mas que differiam das impressas, consideravelmente ás vezes, muitas até na linguagem da composição, pois que algumas vezes ali achei em portuguez, e manifestamente antigo e da respectiva epoca, as quaes só andavam impressas em castelhano. Com este auxilio corrigi de novo muitos dos exemplares que já tinha e completei alguns fragmentos que já desesperava de poder nunca vir a restaurar.» (*Rom.*, t. I, p. XI.) Os Romances restaurados pela lição do Cavalheiro d'Oliveira, são *Dom Aleixo, Dom Gaifeiros, Dom Duardos*

originalmente escripto em castelhano, mas colligido da traducção oral açoriana em portuguez, e o principio do *Marquez de Mantua* de Balthazar Dias; são estes os especialmente notados por Garrett; a proveniencia de alguns d'esses cantares tradicionaes colligidos das familias dos Judeus portuguezes de Amsterdam comprova-se agora com as excellentes collecções dos romances dos Judeus levantinos já hoje impressos nas collecções hespanholas, e que tanto vivificam a tradição portugueza.

AS CARTAS DO ABBADE ANTONIO DA COSTA

Nos escriptos do celebre musicographo inglez Burnay, sobre o estado da musica na Allemanha, depara-se a noticia de um portuguez totalmente desconhecido entre nós, que era extraordinariamente admirado na alta sociedade de Vienna em 1772 pelo caracter tão independente como o de Rousseau, e pela originalidade do seu genio artistico. O retrato que d'elle faz o erudito Burnay revela um typo notavel, que honrou bastante o nome portuguez, e provoca um vivo desejo de conhecel-o de mais perto; apenas se sabia que se chamava Antonio da Costa, mas em Portugal nem o seu nome se conservava na tradição da arte nacional. Na Bibliotheca de Lisboa encontrou o dr. Ribeiro Guimarães um manuscripto doado pelo antigo bibliothecario Doutor Antonio Ribeiro dos Santos com o titulo: *Cartas curiosas que escreveu Antonio da Costa de varias terras por onde andou a varias pessoas da cidade do Porto.* (IV p. inn. 110 p. in-4.º) O dr. Guimarães era bastante curioso de documentos historicos para deixar de explorar o conteúdo d'estas *Car-*

tas, e lendo-as não poderia resistir á seducção crescente que ellas inspiram pela franca linguagem em que se revela um caracter verdadeiramente extraordinario. As *Cartas* haviam sido transcriptas pelo sabio Ribeiro dos Santos, umas de copias secundarias e outras de autographos, d'onde se vê que ainda no fim do seculo XVIII se conservava entre alguns individuos do Porto memoria de Antonio da Costa, e se sabia apreciar a sublime originalidade d'aquelle caracter. Da communicação do achado de Ribeiro Guimarães ao sr. J. de Vasconcellos, veiu para este ultimo o ensejo de verificar se o auctor das *Cartas* era ou não o typo descripto por Burnay, e do resultado affirmativo seguiu-se o dever de publicar essas *Cartas*, não só como um monumento autobiographico do grande artista sobre quem pezava um injusto esquecimento, como de dotar a litteratura nacional com as paginas mais vivas que possue a lingua portugueza do seculo XVIII [1]. Foi um duplo serviço; podem exaltar as Cartas de Beckford, mas as de Antonio da Costa são ainda mais bellas, mais cheias de traços de uma individualidade exclusiva.

Na epoca em que o Abbade Costa viveu achamos apenas um caracter historico capaz de nos fazer comprehender pela comparação o seu superior desinteresse; é o auctor do *Projecto da Paz universal*, o predecessor dos Economistas, o Abbade de S. Pedro; em quanto á franqueza das ideias e do seu criticismo é elle um digno con-

---

[1] *Cartas curiosas do Abbade Antonio da Costa.* Annotadas e precedidas de um ensaio biographico por Joaquim de Vasconcellos. Porto, Imprensa Litteraria Commercial, 1879. 1 vol. in-8.º XXVI—80 p. e 22 de notas.

temporaneo de lord Bolingbrocke, o que inspirou a Voltaire a liberdade de pensamento, e a Pope a *Oração universal.* O Abbade Costa merece ser conhecido como artista e como escriptor, mas o homem que sobresáe das suas *Cartas* é ainda mais sympathico. Tiraremos das treze Cartas que chegaram até nós os elementos biographicos que se entremeiam por ellas.

O Abbade Costa nasceu na cidade do Porto no anno de 1714; esta data, importante para determinar o meio social em que se desenvolveu, acha-se determinada por quatro passagens das suas *Cartas;* em 20 de maio de 1754 escrevia: «e eu *como já passo dos quarenta*» (p. 35); repetindo outra vez: «*vi-me com quarenta annos,* e com uma inclinação natural desde criança á vida descançada e retirada de todas as arengas do mundo...» (p. 40.) Em outra carta ao seu amigo, o dr. Luiz Gomes da Costa Pacheco, datada de 30 de agosto do mesmo anno, allude mais uma vez á sua edade: « Saiba V. M. que cheguei ao banco auctorisado dos *quarenta;* louvado seja Deus! que já somos homens, e largamos os cueiros para sempre. » (p. 48.) Por ultimo, em outra Carta ao citado Doutor, de 24 de dezembro de 1774, enviando-lhe o seu retrato, accrescenta: « na edade *de vita hominis sexaginta annis;* » e termina com um certo bom humor: « peço-lhe que se fartem de rir, como eu faria, se visse os seus retratos com o accrescentosinho de vinte e cinco annos.» (p. 68.) Se a data da saída de Portugal não estivesse bem authenticada em uma outra das suas Cartas, por esta se determinaria com certeza o anno de 1749.

Antonio da Costa era filho de um negociante do Porto, de pequeno trato, e cuja fortuna se

achou arruinada; tinha um outro irmão, bastante dissipado de costumes, e elle proprio tentou primeiramente dedicar-se ao commercio antes de começar a condescender com os amigos de sua familia que o persuadiam com instancias que seguisse a vida ecclesiastica. Na Carta IX diz, alludindo aos bens que deixára o irmão: «Sei que d'essas poucas terras, se ainda eram suas, se assenhoreariam *os credores antigos da casa*...» (p. 59.) Na Carta X refere-se á mediocridade de meios de fortuna com que nasceu: «mas vae grande differença de viver *n'um estado pobre em que se póde dizer se nasceu,* e tornar para elle de outro menos pobre.» (p. 60.)

Costa detestava a vida do commercio, como quem se vira condemnado pela familia a sacrificar-lhe a sua vocação artistica: «mas que geito tinha eu para mercador? Pouco desejo ou nenhum de riqueza; pouca habilidade para comprar; para vender não fallemos; pouca agilidade para acudir ás fazendas, a vêr umas, a acondicionar outras, a surtir outras, e enfeital-as; pouco animo para pedir dinheiro, para o arriscar em grande quantidade, e para o metter em negocios incertos, deixando-me ficar sem elle, em perigo de não ter com que pagasse as lettras que viessem sobre mim.» (p. 40.)

Costa descreve todas as operações commerciaes que conhecia por ter vivido entre ellas; e póde-se inferir que os seus primeiros annos foram passados na pratica do commercio, porque só isto é que explica o facto da sua viagem a França, alguns annos antes da saída definitiva de Portugal em 1749. D'esta primeira viagem, de que regressou ao fim de pouco tempo, sem que ella influenciasse no seu caracter exageradamente

franco, escreve: «*já quando da outra vez vim a França* me deram pelo caminho mil arrependimentos da seccura com que muitas vezes tinha tratado ao sr. Pedro Pereira, e fiz mil propositos de me emendar quando lá chegasse; contive-me com trabalho os primeiros tempos, depois logo tornei ao meu natural.» (p. 39.) Esta circumstancia fundamenta o facto, de que foi depois do regresso de França que Antonio da Costa viveu dois annos no Marco de Canavezes, porventura occupado no commercio: «Eu pasmo ás vezes quando considero na moderação com que me havia nas conversações aquelles dois annos e meio que estive em Canavezes, e na imprudencia com que vim a fallar diante de toda a casta de gente pelos annos adiante.» (p. 39.) Estes dois annos e meio devem fixar-se antes da saída definitiva de Costa em 1749, e a começarem depois da primeira viagem de França; portanto esta não deveria ter sido anterior a 1745, e póde-se mesmo inferir que foi esta primeira viagem que lhe despertou o desejo de subtrahir-se um dia ao meio asphyxiante da sociedade portugueza catholico-cesarista. Os amigos de Costa, conhecendo o seu natural sincero, desinteressado e com profundas faculdades artisticas, empenhavam com elle todos os esforços para que se fizesse padre; era o caminho mais seguro para se precavêr contra as ciladas do Santo Officio, e para se elevar pelo talento musical, porque então D. João V dispendia rios de dinheiro com as pompas exteriores do culto. Antonio da Costa chegou a receber as primeiras ordens; na Carta VI o declara: «Nunca fallo n'este ponto de demissorias que me não lembrem os argumentos ou as perseguições com que me apertava o sr. Fernandes, com tanto zelo,

para que me acabasse de ordenar, pondo-me o caso em escrupulo de consciencia; o magano parece que adivinhava a minha transplantação para Roma, onde não é máo ser clerigo para um caso de necessidade, e é certo que, se eu o fôsse, escusava de andar até agora a buscar modos de viver por rebecas, francez (que até mestre de francez fui aqui de dois portuguezes!) e outras jangadilhas bem contra o meu genio; conheço que n'este sentido tinha mil razões; mas que lhe hei de fazer, se me não vinha a cubiça dos tostões das missas, nem adivinhava o que me havia de succeder?» (p. 37.) O que succedeu foi o ter de saír repentinamente de Portugal, a pé, pelo caminho de Galliza, porventura para escapar a alguma perseguição. E' este o principal problema da sua vida.

Porque motivo saíu Antonio da Costa do seu paiz, sem recursos, entregue a todas as inclemencias da sorte? Aqui dividem-se as opiniões; seria Antonio da Costa *christão novo*, e como tal suspeito de mancha de judaismo? O nome de Costa é peculiar de familias de origem judaica; o abbade ridiculisa por vezes o preconceito dos portuguezes por trucidarem estupidamente esses pobres christãos que em Roma eram tão bem conceituados; mas nada justifica que fôsse este o motivo da sua fuga, porque seu irmão morreu por causa de uma vida dissoluta sem que nunca fôsse incommodado pelo Santo Officio.

O caracter de Antonio da Costa, franco na linguagem, um pouco raciocinador em uma epoca de intolerancia religiosa e de obscurantismo systematico, qualidades de que adverte os amigos para se absterem com reserva, posto que contribuisse para lhe difficultar a vida em um meio tão

deprimente, não basta para explicar a sua fuga do Porto. Se lhe houvessem tentado qualquer começo de perseguição como livre pensador, ter-lhe-ia sido impossivel obter as cartas demissorias do bispado do Porto para poder receber em Roma as ordens sacras e fazer-se clerigo de missa. Isto é obvio.

Para nós o motivo é outro; basta descrever o seu caracter impressionista, o meio artistico em que vivia, emfim as condições da sua mocidade, para procurar o motivo da saída repentina de Portugal como produzido por intriga de amores. Na mesma Carta VI, em que Costa descreve a reluctancia em que estava, resistindo ás mais apertadas instancias dos amigos para completar as ordens, allude tambem á influencia de certa pessoa, que assim como por causa d'ella se não ordenava, tambem se com ella houvesse fallado, não se homisiaria no estrangeiro. Nem de um nem de outro facto se arrepende; se tivesse fallado com essa pessoa não teria deixado a patria, mas não se ordenava; é assim que entendemos a collisão dos dois motivos que se debateram na determinação da sua vontade. Eis o texto, que melhor se comprehende recordando que Antonio da Costa tinha trinta e cinco annos de edade, quando tomou a resolução inconsiderada de saír do Porto: « O mais é que nem agora, depois que conheço *quam prejudicial ao meu descanço e modo de viver foi o não me ter ordenado*, me arrependo nem pouco nem muito de o não ter feito, *assim como tambem me não arrependo de não ter fallado com uma pessoa*, por cuja porta passei quando saí d'ahi, ou ao menos lhe vi a casa; que era a mesma pessoa que me fez saír; desejava fallar-lhe; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito

o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não saír de Portugal se lhe fallava.» (p. 38.) Havia já cinco annos, que Antonio da Costa estava ausente de Portugal; isto que relata, escrevia-o ao seu intimo amigo o dr. Luiz Gomes da Costa Pacheco, grande amador de operas e comedias, satyrico de costumes, bailador de minuetes, em cuja casa se davam excellentes concertos.

O Doutor conhecia o caracter amoroso e apaixonado de Costa, como este se retrata: «Quando eu era rapaz, *o amor* e outras algumas paixões que me moviam, me faziam muitas vezes arrepender de algumas cousas; etc.» (p. 38.) A edade dos quarenta annos, como Costa a define, era aquella em que se deixava os cueiros de vez; por isso não erraremos em considerar como causa de se não ter ordenado e de haver deixado o Porto uma questão de amores. Sabendo-se como Costa era inconciliavel com a necessidade da bajulação, resistindo até ao heroismo, como nos primeiros annos da sua vida em Roma, bastava uma simples recusa da parte da familia da mulher que elle amava para quebrar para sempre qualquer ideia de dependencia, ainda mesmo que lhe custasse a vida. Isto provou-o na sua vida desinteressada e isenta nas grandes capitaes da Europa, onde os principes o cortejavam para obter, tantas vezes debalde, a attenção do pobre artista.

Precisamos accentuar o caracter de Antonio da Costa, como o orientador da sua vida, e recompôr a melhor parte da sua mocidade no Porto, para conhecermos o meio artistico d'onde saíu. Costa retrata-se com traços espontaneos: «o meu natural, que certo em muitas cousas é bem esquipatico, e contra o commum do que se vê nos

homens; não por estudo ou affectação, senão porque já nasci com estas inclinações, ou ao menos as tenho desde que me entendo, e sempre senti que se me foram cada vez arreigando mais no coração com os annos.» (p. 38.) Condemna em si proprio a sua «demasiada seccura e aspereza, ou outros erros semelhantes que em si mesmo são cousa má, como abrir a todos o meu peito com demasiada sinceridade, dizer aos outros os seus defeitos na cara, sem mais rodeios nem voltinhas, etc. Ora supponhamos que me nascia esta grande liberdade no fallar por eu sentir que me não moviam a isso paixões, senão o amor da virtude e o aborrecimento do vicio; poderei deixar de conhecer (e sempre o conheci mais ou menos, que é o peior) que era uma imprudencia despropositada? —Uns homens têm uns defeitos, e outros, outros; eu tenho os meus. Se não faço mal aos homens por andar atraz das honras e do interesse, faço-lh'o pela minha imprudencia e demasiada austeridade, e outros desfaropatorios semelhantes. Não é pouco que eu ao menos me conheça, ainda que bom seria que tambem me emendasse como devia; mas, como já disse, não está na minha mão.» (p. 39.) Costa attribuia este seu caracter ao «pouco caso que eu fazia de quanto tinha aprendido, e de quanto aprendem os homens, e do grande desejo que sempre tive de vêr homens que dissessem e fizessem o que entendiam, e que não fallassem, nem se mettessem a fazer nada, quando não entendiam nada.» (p. 39.) Era uma natureza espontanea, assim um pouco á *Neveu de Rameau*, um caracter um tanto parecido com o musico Berlioz; este caracter devia determinar-lhe os principaes actos da sua vida, taes como a saída brusca de Portugal, e o abandono do pro-

jecto de fixar-se definitivamente em Inglaterra e não em Roma. (p. 40.)

Pelas *Cartas* de Costa se póde recompôr o meio artistico em que vivera no Porto até 1749, e até certo ponto a vida da mocidade a cuja geração pertencia. Explicando o gosto musical dos portuguezes, diz: «naturalmente são inclinadissimos a ouvir tocar cousas bonitas, suaves e delicadas, *mas de ordinario não sabem quasi nada da Arte*, porque não se applicam a conhecel-a. V. M. bem sabe que a espada e os amores levam quasi todo o tempo aos portuguezes emquanto são moços.» (p. 16.) Vivia-se ainda em Portugal com o platonismo do seculo XV, de um petrarchismo extemporaneo, e com a valentia do seculo XVI imitada dos *temerones* de Hespanha. O exemplo partia de cima; D. João V era um Lovelace ideal, e o principe D. Antonio um tunante de marca. Os bailes francezes e as modinhas brazileiras facilitavam uma sociabilidade que o genio serumbatico portuguez chamava com desdem estrangeirismo. Em um paiz em que dominava o fanatismo, o culto tornou-se tambem sensual; nas egrejas representavam-se Oratorias tão boas como as operas italianas. Um dos companheiros de Costa n'esta sua vida de amores, de theatro, de saráos e festas de egrejas, era o Dr. Luiz Gomes da Costa Pacheco, a quem elle ainda de Roma pergunta: «as funcções de Martinho Velho bem sei eu que estão acabadas; digame em que alturas está em materia *de vita et moribus*, e se lhe vem ainda alguns longes de desejo de sermão, ou de poesia, ou de bailar o amable, que se o faz ainda é signal que ainda tem alguma substancia, e que ainda se não póde dizer que já está acabado.» (p. 36.)

Podemos saber quem era este letrado, o Dr. Luiz Gomes, que até á morte foi sempre o amigo predilecto de Costa. Na Carta v, retrata-o: «V. M. foi sempre desde pequeno tão tentado com estas cousas (Operas e Comedias)...» (p. 24.) A mulher do Doutor, D. Quiteria, tambem era apaixonada por musica, e de Roma lhe enviara Costa algumas composições. (p. 47.) Queixando-se da impossibilidade de humor para bajular poderosos, elle escreve ao velho amigo, alludindo talvez a um dos seus antigos amores: «e sabe muito bem que vae grande differença de eu poder viver muitos annos em boa harmonia com uma rapariga portugueza, que não pretende nada de mim, e me deixa de coração em toda a minha liberdade, a saber tratar um amo...» (p. 63.) A paixão que Costa conservou sempre pelas portuguezas em geral, dando-lhes vantagem sobre as italianas, allemãs e francezas, ajuda a dar corpo a esta allusão amorosa; parece pelas suas palavras que conservou uma correspondencia directa com essa a que elle chama — Ager haceldama — talvez pelo motivo dos desgostos da sua vida: «Sempre me tem esquecido dizer-lhe uma cousa: aquelle Doutor, em que já lhe fallei que foi um dos namorados de M. M. M. *hoc est* — Ager haceldama—»... (p. 5.) Na epoca dos seus amores Costa foi perturbado por outros rivaes, e foi talvez pelo despeito de algum pretendido casamento da que namorava, que desertou do Porto. A sua reluctancia em tomar ordens maiores proviria d'esses amores. Costa cultivava já a musica com o affinco exclusivo do amador; frequentava a convivencia de alguns amigos, tambem distinctos; a musica era uma necessidade do culto e da distincção profana; os padres da Companhia da-

vam largas á sua liturgia espectaculosa com Oratorias cantadas na canonisação dos seus santos. Fallando da Opera em Roma, diz elle: «Ás vezes tenho comparada uma opera d'estas com a tragedia que fizeram os Padres da Companhia na canonisação dos seus santos, e não sei se lhe diga que antes a veria hoje do que uma opera.» (p. 27.)

Um dos amigos intimos de Costa era João Peixoto, a quem elle em uma carta de Roma chama «capador insigne» (p. 6), isto é, seductor uzeiro e vezeiro; João Peixoto tocava trios com um excellente solista de rebeca, Antonio Nunes, (p. 9) e o Costa, e em sua casa se reunia tambem o Dr. Luiz Gomes, que eram *os da palestra.* (p. 9). João Peixoto apresentara em casa de Henrique Verne, já notavel pelo seu talento, o joven Costa (p. 8) e ali se encontrou com um capitão inglez, que tocava admiravelmente viola. Parece que os dois artistas se comprehenderam, porque passados annos, quando Costa se achava em Roma, vivendo em uma extrema indigencia, teve ideia de ir viver para Inglaterra, e procurou saber o nome do capitão inglez, com quem tratara no Porto. A musica era cultivada com esmero no Porto, e pela Carta v se sabe que alli se chegou a representar uma Opera, composta por um frade de S. Domingos: «Os vestidos dos homens são pelo estilo dos que V. M. ahi viu em S. Domingos, na Opera portugueza que fez Frei Antonio...» (p. 25.) As pessoas da palestra musical eram, além das que já citámos, José Lopes, João Alves Nogueira, e Santos; entre elles o grande mestre de rebeca, era Antonio Vieira: «Ah! Vieira, onde estás!... Vieira com os olhos fechados póde ensinar musica e bom gosto a Erba.» (p. 11.) «Chamam cá a estes dous tocadores (Ghi-

larducci e Erba) de que lhe tenho fallado, os dois violinos primos de Roma, nem mais nem menos, como Vieira e José Caetano.» (p. 11.) Outros artistas figuravam n'este tempo no Porto, como D. Pedro (p. 14), e estes que cita na sua Carta: «Antes o que creio quasi como certo é que nenhum italiano depois de taludo poderia aprender a tocar um minuete, ou outra cousa como lá toca (não digo a V. M.) Vicente, Thomaz Rocha, Thomaz Cypriano, como tocava Antonio Aniceto, Simão e o celebrado Cranner, etc. Certo que me parece impossivel que nenhum tinha gosto para conhecer aquelle geito com que lá concertam as mãos, e vão pulsando as cordas com aquella certa graça; ora se o não conhecerem, como o hão de imitar, e por fim aprendel-o? V. M. reparará em eu metter no rol Thomaz Cypriano? tem razão; mas foi porque cá tocam o cravo pelo mesmo modo que a rebeca...» (p. 15.)

Preoccupado com amores e musica, Antonio da Costa mal teve tempo de completar os estudos para clerigo; foi com esses parcos conhecimentos humanistas que se encontrou nos transes difficeis de sua vida, e a sua animadversão contra o saber especulativo e exagerado fanatismo pelos livros, que sempre conservou, leva-nos a inferir, que elle não era um livre pensador, e que a sua saída de Portugal não deve attribuir-se a uma perseguição religiosa. Os seus amores é que lhe fizeram addiar indefinidamente a ordenação; o seu caracter isempto e inconciliavel é que fez com que por qualquer insignificante despeito amoroso abandonasse para sempre a sua patria. Contava então trinta e cinco annos: tinha mãe viva ainda, e seu irmão administrava a pequena casa que veiu a arruinar por causa dos seus excessos

com mulheres, morrendo tambem prematuramente. Foi nos fins de março de 1749 que elle abandonou o Porto, seguindo a pé para a Galliza, e d'ali para Castella, caminho de França até chegar a Roma. Em uma das suas cartas allude aos cantares do Minho, que «a cada florêo que fazem parece que querem quebrar as cordas ou arrancar o cavallete.» (p. 14.) Emquanto se demorou na Galliza, Costa serviu-se do seu talento da rebeca para resistir ás asperesas da situação desprovida em que se achava; em Santiago tomou amizade com o sobrinho de um conego, que era tentadissimo com a rebeca (p. 10), e talvez lhe devesse por isso pousada e cartas de recommendação para Castella; mais tarde foi encontral-o em Roma tomando lições do violinista Erba. Em uma carta a João Peixoto, *de quem se não despediu*, conta algumas peripecias de sua jornada aventurosa, que em uma carta ao dr. Luiz Gomes (de julho de 1749, perdida) descrevia mais miudamente. Eis alguns traços bastante pittorescos d'essa viagem estouvada: «Até Galliza vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza passei tristemente, sempre na duvida se estaria ali seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso saír de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão metter-me a caminho sem elle. Em Castella, ao pé de uma cidade que chamam Santo Domingo de la Calçada, quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o metterem-me n'um castello; assim vim atravessando a França quasi até ao fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive prezo, se não foram as minhas men-

tiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim, senhor, eu não posso dizer n'uma carta *o que passei em quatro mezes e tanto de vida de novellas;* por isso só lhe vou dizer duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sêdes, suores, cançassos e outras miserias, *até que cheguei a Roma a vinte e tres de agosto pela manhãsinha.*» (P. 1 e 2). Por este trecho se vê que partira do Porto por fins de março, e que a vida aventurosa de novellas foi durante abril, maio, junho e julho. Costa, lembrando-se da indole do seu amigo João Peixoto, «capador insigne», dá-lhe logo a seguinte noticia: «As mulheres são da côr das portuguezas, formosas, alegres, e póde-se-lhe cá chegar muito melhor do que lá.» (p. 2).

Porém logo na primeira carta ao amigo lembra-lhe que é preciso ser muito reservado na linguagem: «Aqui entra toda a substancia da minha carta: Sr. João, um conselho, que lhe quer dar um homem que naturalmente sempre foge de dar conselhos inda quando lh'os pedem. Vem a ser que trabalhe comsigo quanto podér para moderar a sua lingua. Veja as tolices e as velhacadas dos homens, mas não dê a entender que as conhece por modo nenhum; tape a bocca e fuja d'elles; senão mais hoje, mais ámanhã lhe succederá o que me succedeu a mim. Perder a sua terra, os seus conhecidos, as suas... e dar em uma cadeia de miserias continuadas, que V. M. nunca passou na sua vida.» (p. 4). Em uma carta ao dr. Luiz Gomes, diz: « Quando lhe escrevo a

V. M. esta carta e outras semelhantes, é com a esperança de que V. M. as não mostre a outrem, *para não me fazer mais odio do que já lá me fazia...*» (p. 28). D'estas passagens não se póde inferir uma perseguição religiosa, mas sim uma certa indisposição com pessoas poderosas.

Por novembro de 1749 encontrou Costa em Roma o sobrinho do conego gallego, que era discipulo do rabequista Erba: «Veiu aqui dar comsigo poucos mezes atraz de mim, e me agarrou de repente um dia na rua com um tal grito que me metteu forte medo, porque entendi que era outra cousa bem differente.» (p. 11) Costa refugiara-se no Hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, onde apenas achou abrigo e a conversação de alguns patricios; a sua vida era então de uma quasi extrema miseria. Na Carta a João Peixoto descreve-a: «De mim não tenho que contar-lhe depois que estou em Roma; porque não faço mais que passear por essas ruas, e á noute vir-me deitar no Hospicio e conversar com cousa de uma duzia de portuguezes... Tenho feito diligencia para vêr se podia achar em que ganhar um par de vintens a copiar, mas não é possivel. Até hoje tenho passado com sete tostões, porque vendi as fivellas, e com seis tostões que dão de esmola a todos os portuguezes, e d'aqui paguei lavagem de roupa e comprei cordas para a rebeca, mas sabe V. M. como passo? dez réis de pão ao jantar e dez réis á noite e se alguma vez comprei cinco réis de fructa era um banquete. Conto-lhe isto para que V. M. se console das suas miserias pondo os olhos na minha; todavia eu me dera por contente se sempre passasse como até aqui, mas o peior é que hoje se acaba o dinheiro e fico á providencia.» (p. 4).

Os trabalhos de copista em Roma eram encommendados por D. João v, para a *Symicta luzitana*, mas essa exploração estava acabada; a data d'esta carta é de 6 de outubro de 1750, e portanto este assedio da indigencia durava desde 23 de agosto de 1749, em que chegara a Roma. A sua situação porém não melhorava; debalde projectou ir estabelecer-se em Inglaterra, mas repugnava-lhe o commercio, até que por fim resolveu-se a tomar ordens para se fazer padre de missa. (p. 40 e 41). O Dr. Luiz Gomes soccorreu-o emprestando-lhe algum dinheiro, (p. 46) e procurou obter-lhe *cartas demissorias* do bispado do Porto (p. 29, 30, 32 e 37). Costa fez-se conhecer e estimar pelo seu grande talento musical em casa do Cardeal Spinelli; acompanhou Nardini em quatro sonatas, (p. 12), frequentando os theatros, ouvindo Gizziello e Cafarelli, e condemnando a insipidez da *comedia del arte*, do genio italiano.

Apesar do seu genio severo e franco, Costa podia abrir caminho em Roma; ali recebeu ordens, achando-se já em 1754 capellão do hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes: «já estou capellão de Santo Antonio, de certos que chamam supranumerarios, que não tem mais paga do que a casa, cama, quem lhe cosinhe e dez *paulos* cada mez com a obrigação de dizer cinco missas se é clerigo; esta foi a minha renda este mez, mas para o de junho me disse o governador que serei capellão numerario, que é o mesmo que ter a commodidade da casa e tres escudos cada mez do côro, e tres da missa...» (p. 42). Parece que a este tempo ainda não havia recebido as *demissorias*, talvez por difficuldade das communicações. As cartas eram em geral levadas por *Dispensantes*, isto é, por procuradores que iam a

Roma com o encargo de negociarem dispensas canonicas, absolvições de peccados reservados; escreviam-n'as em cifra (p. 46) ou com nomes suppostos, porque em Portugal tudo servia para produzir uma desgraça de lesa-magestade divina ou humana: «se quizer que lhe escreva com mais liberdade *me mande dizer um nome de mulher fingido*, para lhe fazer assim o sobrescripto e lhe escrever dentro como a tal, para que, dado caso que a venham a ler, não saibam para quem ella ia. V. M. me avise quando tiver occasião; e se quizer, para maior segurança, escreva o tal nome *na cifra com que escrevia algum dia*, que assim, ainda que a sua carta tenha descaminho, não entenderão.» *(Ibid.)*

A vida de Antonio da Costa em Roma comprehende-se entre 23 de agosto de 1749 até pouco mais de 30 de agosto de 1754. As impressões novas em uma natureza tão impressionavel como a sua, são relatadas aos amigos com uma espontaneidade que torna o seu estylo um primoroso documento litterario. Transcreveremos esses traços descriptivos em que desenha Roma e a sua vida moral: «É muito grande, mas não enfada andar por ella, porque é quasi toda plana. As ruas são formosissimas, compridas, largas, direitas, limpas, cheias de palacios, de fontes pelo meio e pelas portas. A gente não é muita, pouca, assim como no Porto. As carroças tambem não são muitas; anda uma pessoa a seu gosto; atravessam-se os palacios e egrejas para saír de umas ruas ás outras; serve-se cada um pelas suas mãos; vai-se buscar pão, carne, fruta, peixe, tudo quanto é necessario. Os homens são pacificos e muito para a vida. As mulheres são de côr das portuguezas, formosas, alegres, e pode-se-lhe cá chegar

muito melhor que lá. Emfim, cá para mim, Roma é uma terra excellentissima, e o Porto não vale em sua comparação. Basta aqui uma casa de café ou uma loja de barbeiro para vêr a differença nas casas de cá ás de lá, no aceio e no adereço. Quem gosta d'isso e de pinturas e de estatuas, e de pedras preciosas, e de grandes edificios não se pode saír de Roma. Que por mim tambem nunca d'aqui sahiria se tivera com que comera um bocado de pão, não por gostar de vêr grandezas, mas pelas commodidades que vejo aqui para levar vida regalada e descansada.» (p. 2.) As difficuldades que Antonio da Costa encontrou em Roma, vivendo primeiramente com o capital de sete tostões e entregando-se á providencia, acolhendo-se ao Hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, resistindo á mais desprovida miseria, esperando conseguir as cartas *demissorias* do Porto para se poder ordenar de missa, as suas lições de francez, e o fazer-se conhecido pelo talento na rebeca, resumem o seu esforço para assegurar a permanencia em Roma até ao ultimo quartel de 1754. Ainda n'este anno escrevia Costa sobre a *resolução de se fixar de vez em Roma:* «Resolvi-me a ficar aqui em quanto não ha cousa que me obrigue a sahir, como houve lá. Já me importa pouco que seja assim a companhia d'estes clerigos de Santo Antonio; *já me acho com valor para este ou aquelle desproposito;* porque em rezando ou cantando com elles no côro, não estou obrigado a mais; metto-me na minha casinha, e ponho-me a brincar n'uma viola, ou a olhar para os verdes, que tenho excellente vista da janella...» (p. 41). Por este trecho se vê que Antonio da Costa não era indifferente aos despropositos dos clerigos do Hospicio, e ao despeito

que lhe causava a decadencia do gosto musical em Roma, de tal modo que, quando era convidado para tocar em alguma Academia «*vinha para casa como a noite e com a paz do coração derrancada ás vezes para um par de dias*»; (*Ibid.*)

Já a rude inteireza do seu caracter, e a aspiração a um elevado meio artistico se compraziam, n'esse meio artistico que lhe faltava em Roma, como elle o declara tão frequentemente nas suas cartas, criticando com mordacidade o systema ou estylo do canto italiano, as operas, os libretos, a miseria do scenario, a irreverencia das plateias, e ainda por ultimo o estylo dos violinistas, taes como Erba e Ghilarducci, que dominavam o enthusiasmo do publico. N'um momento inesperadamente viu-se Costa forçado a saír de Roma, apesar das explicações ou promettimentos do embaixador portuguez, o visconde de Villa-Nova de Souto d'El-rei, Francisco de Almada e Mendonça. O caso era extraordinario; o embaixador de Portugal mandou affixar um edital para que todos os portuguezes que residissem em Roma se retirassem rapidamente! Em 1759 tinham sido expulsos de Portugal os Jesuitas, e o cardeal Razzonico, nepote do Papa, que os protegia, fazia sentir a sua má vontade ao governo de Portugal. Em 6 de Junho de 1760 declarou-se na côrte o casamento da Princeza D. Maria com seu tio o Infante D. Pedro, irmão do Rei; fez-se o casamento n'essa tarde na Capella da Ajuda, pelo Patriarcha Cardeal Gama, e não foi convidado o Nuncio Accinoli, que foi expulso da côrte, intimado a sahir em tres horas e de Portugal em tres dias. A retirada dos portuguezes de Roma em 1760 foi um acto de força de Pombal.

O Abbade Antonio da Costa teve de obedecer ao terrivel edital; foi para Veneza, sendo de 22 de Novembro de 1761 a carta que subsiste, tendo-se extraviado outras. Assim esse periodo que vae de 1754 a 1761 comprehende seis annos de vida pacifica em Roma e deixa de ser mysteriosa e enygmatica a sahida repentina, a que todos os outros portuguezes obedeceram, pelo conflicto com a Curia [1]. Elle teve de justificar aos amigos a sua instabilidade; em uma carta ao dr. Luiz Gomes declara-lhe: «V. M. terá gosto de vêr que eu até agora sou o mesmo Antonio da Costa duro que fui lá, e quanto se enganam os que cuidaram, talvez lá como em Roma, que eu torcia as orelhas, e não me deitavam sangue, *por não ter querido servir o sr. visconde de Villa-Nova, (Souto d'El-rei).*» (p. 56). E quando mais tarde, em Paris, não acceitou a protecção do embaixador D. Vicente de Sousa, tambem escreve: «Aqui pertence o eu ter recusado servir *os dous senhores*, que V. M. sabe» (p. 61); «mas não foram estas considerações as que me arredaram de servir *aquellas duas pessoas,* em quem não via certamente senão muitos signaes de o serem muito de bem; foi o considerar eu seriamente no meu prestimo e no meu natural, e o parecer-me verdade clarissima o que sempre ate ali tinha entendido de não ter nenhuma capacidade para formar respostas, dar parecer quando m'o pedissem, etc., sobre negocios do mundo, nem a minima sombra ainda da boa politica que é necessaria para saber

---

[1] No opusculo *Triunfo della Virtu,* de Leonor da Fonseca Pimentel, ratificou este facto o nosso desgraçado amigo Joaquim d'Araujo.

conservar-se no agrado do amo, e das pessoas a quem elle desejaria que o criado agradasse.» (p. 62). O homem que tinha resistido a todos os desalentos da miseria, achava nas considerações dos fidalgos seus patricios mais um pretexto para o seu isolamento; depois que o artista portuguez começou a ter em Roma a reputação bastante para ser convidado para as academias ou saráos musicaes do cardeal Spinelli, (p. 12) e mereceu a honra de acompanhar quatro sonatas ao eminente Nardini, então a maior gloria musical de Roma, é que tardiamente o embaixador Francisco de Almada e Mendonça lhe prestava consideração, mui officialmente importante.

O genio leva-o para o fóco da maior actividade musical do seculo, para Vienna de Austria; tendo-se fixado n'esta capital em 1772, depois de haver feito uma viagem a Paris, ao fallar d'esta viagem duas vezes allude á sua ida e regresso para Vienna antes de 1774; diz elle, ácerca de D. Vicente de Sousa: «intentou primeiro mandar-me para Lisboa; e depois, ao mesmo tempo que eu lhe ia dando negativas, para o Porto, para Inglaterra (para onde eu queria ir quando parti para Vienna)» (p. 55). E ainda este outro facto: «e por saber que eu não tinha aceitado aqui uma carta de recommendação que me quiz fazer para elle o sr. D. João de Bragança, é que se esquentaria mais a sua generosidade»; (*Ibid.*) Por estas passagens se conclue que Antonio da Costa partiu de Vienna, não tendo querido acceitar do duque de Lafões uma carta de recommendação para o embaixador portuguez em Paris; é que ao saír de Roma em 1760 o seu intento era ir para Inglaterra, como em tempo revelára ao seu amigo do Porto. (p. 40). A attracção *para*

a Inglaterra póde-se explicar pela influencia extraordinaria que então exercia em Londres o genio portentoso de Haendel com os seus *Oratorios;* estas composições, executadas no Convent-Garden, sob a direcção, depois de 1751, de Smith, discipulo de Haendel, fariam conceber a esperança de ser admittido e distinguir-se como violinista em Inglaterra, onde os grandes concertos musicaes estavam em moda na aristocracia. A preferencia por Vienna póde explicar-se cabalmente pelo encontro com Gluck, o grande reformador da musica dramatica, que em 1754 fôra a Roma, onde escreveu a *Clemenza di Tito* e *Antigono.* A amizade de Gluck e o duque de Lafões, a cuja vontade Costa não sabia resistir, o antagonismo que Costa professava pelas doutrinas musicaes de Rameau, como notou Burney (ap. Vasc., em Burn. I, 257) e a convivencia com o proprio Gluck em casa do embaixador inglez lord Stormont, são factos bem positivos para se inferir qual foi o impulso que levou por fins de 1761 o pobre clerigo portuguez para Vienna, que Burney chama tão pittorescamente *the imperial seat of music.* Quando Costa se achou em Paris antes de se fixar definitivamente em Vienna, diz de D. Vicente de Sousa: «e por fim quando conheceu que *eu queria devéras voltar para Vienna,* quiz em todos os modos dar-me dinheiro para a jornada...» (p. 56). D'aqui se conclue que a viagem para Vienna em 1774 foi simplesmente um regresso.

O silencio d'este periodo da sua vida, de 1754 a 1761, póde explicar-se pela falta de communicações postaes, como elle mais tarde o declara, desculpando-se para com o dr. Luiz Gomes: «facilmente lhe podia fazer o gosto de lhe escrever

dilatadamente, porque o furor de fallar, quando não olho para as pessoas a que fallo, nem ellas para mim, ainda é como de antes; *mas aqui não ha dispensantes que levem os maços ou livros, que eu lhe mandava por elles de Roma...»* (p. 52). N'este periodo viveu Antonio da Costa ignorado, assistindo ao movimento de transformação artistica, conhecendo mas não querendo aproveitar-se do alto valimento do duque de Lafões, que era immensamente considerado em Vienna como um principe. Em casa do duque de Lafões reuniam-se as maiores summidades artisticas; Gluck dedicava-lhe as suas mais revolucionarias composições, e é por isso que Antonio da Costa consentiu em aproximar-se, sem quebra de independencia, do seu illustre conterraneo. Em Vienna acolheu o artista o ecco das gigantescas reformas do marquez de Pombal, taes como a queda dos Jesuitas pela lei de 3 de setembro de 1759: «Quem, (sc. diria algum dia) que os Padres da Companhia haviam de perder em pouquissimo tempo o credito e auctoridade que tinham adquirido injustissimamente no mundo, principiando dos principes a acabar no povo; e serem desfeitos inteiramente para sempre?» (p. 54.) E referindo-se á extincção das ominosas e fanaticas distincções de *christãos novos* e *christãos velhos*, accrescenta: «E não obstante tudo isto e outras cousas incriveis, vemos hoje e veremos ainda mais, graças ao sr. Marquez de Pombal; pois assim, nem mais nem menos, o meu negocio, que algum dia era impossivel de ajustar, agora se pode dizer facil, ou ao menos tal o pareceu ao sr. Visconde de Villa Nova, quando se me offereceu em Roma com a sua costumada generosidade para o fazer...» (p. 55.) Qual seria

este negocio não o podemos suspeitar, porque ao tempo que se achava em Roma ainda sua mãe não tinha morrido, e por tanto não consistiria em liquidação de herança; levantamento de sequestro tambem não era, porque não estava processado pelo Santo Officio; suppômos que ainda seria o negocio das *demissorias,* que nunca chegavam, e a que allude constantemente nas suas cartas. Ainda em 1754 escrevia de Roma: «Não tenho logar para lhe dizer senão que *espero pelas demissorias sem nunca chegarem;* se V. M. puder concorrer para que ellas venham depressa, fazia-me grande serviço para me armar capellão.» (p. 29.) E no mesmo anno: «Tornando á *demissoria,* monsenhor de Almada [1] me prometteu ha quasi um anno de escrever ao bispo governador d'ahi a pedir-lh'a, mas até aqui não veiu resposta...» (p. 32.) E outra vez ainda, referindo-se a outra carta: «N'ella lhe repetia a V. M. *o impertinente ponto das demissorias...*» (p. 37.) E' possivel que a difficuldade de obter do bispo do Porto as *demissorias* fôssem provenientes dos escrupulos da sentença *de genere,* em que apparecessem parentescos de christão-novo; isto se justifica com a allusão ás reformas do Marquez de Pombal, e ao facto de se ter por isso tornado facil o ajustar esse negocio, annos antes impossivel.

No periodo de 1761, em que pela primeira vez reside em Vienna, Antonio da Costa pouco se correspondeu com os seus bons amigos do Porto por falta de correios, e a sua vida não foi

---

[1] Francisco de Almada e Mendonça, Visconde de Villa Nova de Souto d'El-Rei.

menos dura do que no periodo subsequente, em que era procurado pelos principes e embaixadores, não deixando por isso de ser o clerigo mais pobre de Vienna, tendo por unico rendimento dois tostões por dia. Antes de entrarmos n'este segundo periodo, importa accentuar o facto da sua estada em Venesa por 1761; sabemol-o por uma carta sua de 22 de julho d'esse anno, ao seu bom amigo Pedro Pereira de Sampaio, postoque se houvesse perdido uma outra de data anterior. (p. 49.) A descripção que faz de Venesa, a sua topographia, o viver, os typos dos homens, actividade mercantil, a illuminação publica, tem um vivo relevo, fórma uma pagina que bem merecia ser transcripta; mas as noticias musicaes interessam-no muito mais, e pelas suas palavras inferimos que elle viera frequentar um dos celebres conservatorios de Venesa: «A musica da cidade, ou de Sam Marcos, é uma peste, mas ha quatro conservatorios, ou seminarios, em que aprendem esta arte *Puellœ Puellarum*, que tocam como homens e cantam bellamente, especialmente no dos Incuraveis (todos estamos annexos a hospitaes) onde ha uma tal *gregheta*, que me tem feito chorar algumas vezes com a graça e suavidade da sua voz; se eu fôra a V. M., sabendo que havia algum navio em Lisboa para estas partes, embarcava-me e vinha ouvil-a.» (p. 51.) A actividade musical de Vienna, onde então vivia Porpora, onde Gluck começava a revolução da musica, e despontava o genio de Haydn, estimularia porventura o enthusiastico Antonio da Costa a vir aperfeiçoar-se a Venesa; o seu modo de fallar, referindo-se ao Conservatorio dos Incuraveis «*todos estamos annexos* a hospitaes» só tem um sentido, e é que elle tambem o frequen-

tava; a *gregheta* a que se refere é uma d'essas ciganas, ou *grega*, como ainda então se lhes chamava, que saíam das escholas de Venesa para deslumbrarem o mundo pelo canto e pela desenvoltura, como em 1770 a Zamparini em Lisboa. E' possivel mesmo que esta cantora venesiana acceitasse o vir para Portugal por suggestão do abbade Costa. E' entre a saída de Venesa e a fixação definitiva de residencia em Vienna, antes de 1772, que collocamos a viagem de Antonio da Costa a Paris. O duque de Lafões offerece-lhe em Vienna («aqui» d'onde escreve) uma carta de recommendação para D. Vicente de Sousa, embaixador em Paris, para onde Costa partira com intuito de ir para Inglaterra em seguida; (p. 55) parece que o clerigo artista viera por Strasburgo. E' difficil distinguir se Costa desejava ir para Inglaterra, quando saíu de Roma, se quando foi de Vienna a Paris; propendemos mais para a primeira hypothese. Em 26 de junho de 1761 morreu o irmão primogenito de D. João de Bragança, D. Pedro, succedendo-lhe na casa e titulo de Lafões; depois d'esta data é que foram mais intimas as relações do novo Duque com Gluck, que lhe dedicou a sua opera *Paride ed Helena*.

O duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, era uma das grandes figuras da sociedade de Vienna, e desde 1767 a 1777 o seu palacio era o centro onde se encontravam os primeiros artistas do seculo, como Gluck, Metastasio, Hasse, Faustina Bordoni, Burney o celebre critico inglez, Costa e o proprio Mozart, recebido nos seus salões aos doze annos de edade. O duque de Lafões, que fundou em Lisboa a Academia das Sciencias, nascera a 6 de maio de 1719, sendo seu pae o infante D. Miguel, filho natural legiti-

mado de Pedro II e de D. Luiza Casimira de Sousa, primeira duqueza de Lafões e segunda marquesa de Arronches; D. João de Bragança frequentou a Universidade de Coimbra como porcionista do collegio de S. Pedro, e depois da morte de D. João V, teve de saír de Portugal por ordem de el-rei D. José, a titulo de fazer acabar uma paixão amorosa que elle desapprovava. A princeza? Viajou D. João de Bragança por quasi toda a Europa, França, Inglaterra e Italia antes de se fixar na Allemanha, sendo voluntario austriaco durante a Guerra dos Sete annos, e distinguindo-se na batalha de Maxen. Era amigo intimo do rei-philosopho Joseph II, com quem mais tarde veiu a relacionar-se o principe D. José, primogenito de D. Maria I, falecido prematuramente. O duque de Lafões fixou a sua residencia em Vienna, em 1767, e pela queda do Marquez de Pombal (fallecimento de D. José em 24 de fevereiro de 1777) regressou de vez a Portugal. E' presumivel, que na sua viagem por Italia encontrasse em Venesa Antonio da Costa, convidando-o a que o acompanhasse para Vienna em 1767. O duque era um eminente amador de musica; o erudito Burney chamava-lhe «*an excellent* juge of music.» (I, pag. 255; ap. Vasc.) Gluck na sua dedicatoria de *Paride et Elena,* em outubro de 1770, acha n'elle, «meno d'un Protettore, che un Giudice. Un anima sicura contro i pregiudizi della consuetudine, sufficiente cognizione de gran principi dell'arte, un gusto non tanto su'grand modelli, quanto sugli invariabili fondamenti del Bello e del Vero, ecco le qualità chio ricerco nel mio Mecenate, e che ritrovo riuniti in V. A.» Este retrato do duque como artista, feito por dois homens eminentes

como Burney e Gluck, explica-nos o apreço em que elle tinha o pobre clerigo Antonio da Costa. Seria facil attrahir desde 1767 a Antonio da Costa para Vienna, como o primeiro fóco de elaboração musical; mas o que lhe foi sempre impossivel foi submetter esse caracter inflexivel e melindroso a acceitar o seu dinheiro ou mesmo ainda o minimo favor. O duque de Lafões é que se julgava favorecido em poder apresentar no seu salão o conterraneo Costa, que nem uma simples carta de recommendação acceitava.

A permanencia de Gluck em Vienna attraíria ali Antonio da Costa, e o faria entrar na convivencia do duque de Lafões. Ignoramos a circumstancia que o levou a emprehender a viagem a Paris. O embaixador portuguez em Paris D. Vicente de Sousa, poeta da *Arcadia Lusitana*, onde tinha o nome bucolico de *Mirtilo*, accolheu o pobre clerigo artista, que não quiz acceitar favor algum do ministro. Nas suas cartas Costa falla de D. Vicente, como «um fidalgo da casa de Redondo e presente embaixador de Portugal em França, que quando eu estive em Paris procurou de me tomar á sua conta e fazer bem com tal fogo e efficacia, que não tenho palavras com que lh'o explique; isto sem eu pretender nada d'elle, nem ninguem lhe pedir por mim...» (p. 55) D. Vicente de Sousa tambem se offereceu para tratar *do seu negocio,* pedindo-lhe que se deixasse estar em Paris até chegar a resposta; não se trata n'esta vida de um artista verdadeiramente heroico, de nenhum homisio por crime, nem de pretenção ambiciosa, como se vê pela sublime rudeza do seu caracter, e por isso insistimos outra vez nas *demissorias*. Sem ellas o simples clerigo de missa não podia ter cargo de

capellão ou qualquer logar na hierarchia ecclesiastica. A offerta de D. Vicente de Sousa «que me deixasse estar em Paris, senão em sua casa, em uma que me pagaria; e o comer, se eu não quizesse servir-me da sua mesa» bastou com certeza para elle não querer ficar em Paris o tempo sequer de uma ida e volta do correio a Portugal. Costa não queria contraír dependencia moral de ordem alguma; D. Vicente offereceu-lhe recursos para o mandar para Lisboa, depois para o Porto, para Inglaterra, para Madrid; mas o pobre clerigo tinha já a nostalgia da arte, e não querendo esperar pela resolução do seu negocio, regressou antes de 1772 para Vienna. Então D. Vicente, quando conheceu que elle só queria tornar para Vienna, empregou todos os meios para lhe dar dinheiro, pedindo-lhe por ultimo que levasse uma letra a cobrar em Strasburgo; (p. 56) «todos os verdadeiros intentos do sr. D. Vicente eram que eu estivesse em sua casa, e para que? Deus pergunte pelas suas causas. E é certo que elle é muito bem visto do sr. Marquez de Pombal, cujo segundo filho foi casado alguns annos com uma filha do sr. D. Vicente.» A impressão que Paris produziu n'aquelle espirito agitado pelo genio, foi muito má; a descripção da cidade plana, dos palacios escondidos para dentro de muros lisos, as egrejas pobres, as cadeirinhas de rodas puxadas por homens esfarrapados «fazem fugir a gente com os olhos pela sua porcaria.» (p. 57.) «Os seus casquilhos tão louvados não apparecem, mas não andarão a pé como muitos de Lisboa andam; as mulheres fazem nojo; parece que todas trazem o peito emprastado, porque não sómente não usam de espartilho, mas de vestidos tão largos, que poderiam metter uma criança entre elles e a

carne; coifas, camisas, vestidos, máos e tudo porco; pouco elevadas de juizo e menos ainda de coração; serias, tristes, etc.; o mesmo digo dos homens com toda a sua leveza de juizo.» (p. 58) Mais tarde Mozart tambem veiu a ser duro na expressão dos seus desalentos em Paris. Antonio da Costa resignou-se á miseravel posição de clerigo pobre e voltou para Vienna.

A primeira carta datada de Vienna d'Austria para o seu amigo Dr. Luiz Gomes é de 23 de julho de 1774, mas a sua residencia é muito anterior; no livro do musicographo Burney, *The present state of Music in Germany, Netherland, and the United Provinces*, é que se acham as mais preciosas noticias sobre este extraordinario artista portuguez, que o erudito considerava tão original como Rousseau, mas com melhor caracter. No estudo do sr. J. de Vasconcellos, que acompanha a edição das *Cartas Curiosas*, a parte baseada sobre o livro de Burney é a mais interessante, e aproveitamol-a na impossibilidade de alcançar o livro. Burney chegou em setembro de 1772 a Vienna; o Duque de Lafões, tendo-o encontrado em casa do embaixador inglez lord Stormont, fallou-lhe no celebre artista portuguez, caracter indomavel, que vivia na convivencia dos grandes genios musicaes da côrte, sem acceitar favores dos principes, simplesmente com os dois tostões da sua missa, não pagando visitas a ninguem, embirrando que o louvassem, e detestando a musica da eschola de Rameau. M. d'Angier, que conhecera em Portugal Scarlatti, tambem fallara com enthusiasmo no exquisito Abbade, de modo que o illustre musicographo inglez anciava conhecel-o. O Duque de Lafões prometteu satisfazer esse empenho difficil, e trouxe o abbade

Costa a um saráo musical em casa do lord Stormont; o facto de apparecer ali Gluck ao lado de Costa revela-nos o meio empregado pelo Duque de Lafões para o pôr em contacto com Burney. Costa entrou na sala, onde já estava a melhor aristocracia de Vienna, os Condes de Thun, de Brühl, o principe de Poniatowsky, e ao primeiro convite pegou na guitarra e tocou um *andante* e um *presto,* cuja originalidade, pela ondulação e pelo rythmo, impressionaram Burney, que transcreveu os themas dos dois tempos. A' mesa Burney achou-se intencionalmente collocado entre Gluck e Antonio da Costa; imagine-se o erudito entre aquelles dois vultos, o fundador da musica moderna no drama, e o caracter original do artista portuguez. Burney escreve: «todos três fallámos mais do que comêmos.» Depois de jantar recomeçou o concerto, tocando Costa outra vez então na rebeca um duo, composição sua, com o violinista Stantzel, que este não pôde desempenhar. Passados dias, Costa procurou Burney, para lhe dizer que detestava os concertos com mais de dois ou tres ouvintes, e convidava-o para ir á sua trapeira ouvir algumas peças de guitarra. Burney captou assim o genio indomavel de Costa, que lhe serviu para relacional-o com outros artistas, taes como Wagensell, Gassman, e varios; e emquanto se demorou em Vienna conviveu com elle, encontrando-se duas vezes em casa de Wagensell, e na despedida prometteram-se mutuamente, para alimentar a amizade, uma correspondencia litteraria. Se não fôssem as palavras que Burney consagra a este ignorado artista portuguez, palavras motivadas pela impressão que lhe produziu aquelle extraordinario caracter, o seu nome perder-se-hia na historia, e faltaria o

motivo para o fazer reviver pelas suas cartas A situação de Costa depois de 1772 até 1780, anno em que terminam as suas cartas, e em que se suppõe com razão ter falecido, é profundamente desolada.

A miseria trazia comsigo a doença e o desalento; em uma carta de Vienna, de 23 de julho de 1774, escreve para o Porto ao seu amigo Doutor: «acabou-se a minha saude de vento em pôpa.» (p. 52.) O pobre clerigo soffria de uma inflammação chronica da bexiga. Por outro lado, o seu amigo o Dr. Luiz Gomes não estava em melhor situação, achava-se paralytico. As noticias que o artista recebia do Porto eram tambem lamentaveis, morte de sua mãe e irmão, e dos principaes amigos: «As mortes de casa não me fizeram a grande impressão que V. M. temia; *minha mãe* já ha muito que eu fazia de conta que ella não vivia, visto a sua edade e pouca saude; quanto a *meu irmão,* tambem quasi que esperava que tivesse saído do mundo, porque ainda que parecia robusto, e se achava em annos de poder viver algum tempo, o seu grande desgoverno com mulheres promettia o não chegar elle a grande velhice;» (p. 53). Pela morte do irmão, Antonio da Costa pede ao Dr. Luiz Gomes que lhe receba o seu patrimonio, a que o irmão sempre poz embaraços, para assim lhe poder pagar o quanto lhe deve. O seu desprendimento por tudo, como mostrou em Roma com Francisco de Almada e Mendonça, em Vienna com o Duque de Lafões e em Paris com D. Vicente de Sousa, continuou sempre, apezar de se achar na extrema penuria. O filho do Dr. Luiz Gomes, Manuel Gomes da Costa Pacheco, continuou a interessar-se pelo velho amigo de seu pae,

cultivando a mesma affectuosa correspondencia; em carta de 4 de dezembro de 1779, Costa responde-lhe a certas perguntas: «vamos ao que V. M. quer saber dos meus têres e haveres, que se reduzem todos a meio florim, (dois tostões) da missa, que me bastam, porque na nossa mão está o ser-nos necessario pouco; quanto a essas casas e campos, ainda que eu soubesse que tinha grande justiça para pretender d'isso alguma cousa, não queria por nenhum modo demandas.» (p. 71). Já quando o seu velho amigo Doutor o convidava para regressar a Portugal, escrevia elle em 24 de dezembro de 1774: «com eu ser um dos clerigos mais pobres de Vienna, por não ter mais que a missa, posso passar aqui muito melhor que no Porto, pela conveniencia e pela quietação: se eu quizer posso comer todos os dias em mais de uma casa, de modo que me ficam os dois tostões da missa para pagar a casa, que tambem podia ter sem dinheiro se quizesse, e para me vestir; e este ganho, sem mais trabalho que o de dez minutos de uma missa, e sem politicas nem rapa-pés, que antes na egreja me ficam obrigados; de modo que me fica todo o outro tempo livre para as minhas escrevinhaduras de musica e para beliscar com grande gosto na viola.» (p. 60). Costa referia-se sem duvida ás relações com o opulento Duque de Lafões, que tanto desejava auxilial-o. O retrato que o artista fez do seu proprio caracter é de uma encantadora espontaneidade: «é natural ter-lhe chegado lá a V. M. aos ouvidos, como é de crer pelo que me sôa até ás vezes pelos meus, convém a saber: que sou pobre, porque sou philosopho; que podia andar em carruagem; que podia ter thesouros, e outras cousas assim; o que a V. M., com tudo

que me conheça, não lhe parecerá talvez destituido totalmente de fundamento; e por isso lhe direi duas palavras na materia... Certo que tenho estudado em musica mais do que ninguem poderá crêr; bem; e então que se tira d'ahi? Que conheço mais de rebeca para tocar com companhia de modo que se deleite mais o ouvido que se faz ordinariamente, ainda pelos que tocam melhor este instrumento; que toco viola, dizem alguns que bem, por esses áres: e que componho para rebecas, viola, cantar, etc., dizem alguns tambem que com grande mestria, profundidade e até gosto; ora supponho que digam verdade, parece-lhe a V. M. justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiro e nome no mundo, me metta agora a isso, e á custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por taes tenho eu todos os que andam mostrando as suas habilidades em publico ou em particular, quasi sempre a quem não entende nada das suas sciencias, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe róem o coração?» (p. 61.) N'este estado moral Antonio da Costa, apesar do seu genio, havia de caír na obscuridade; quem vê adiante tem de se impôr ao seu tempo, e essa lucta é o maior estimulo para as creações da arte. Costa submettia-se ao juizo dos outros e não reagia, porque, «na rebeca ninguem quer ouvir senão moscas por cordas; quanto á viola os mesmos que gostam muito d'ella, confessam que a toco de modo que a pouquissimos póde agradar pela demasiada suavidade da voz que eu lhe tiro e das peças em si mesmas; das composições dir-lhe-hei sómente que ninguem as sabe cantar, nem tocar.» *(Ib.)* Em uma sociedade, em que surgia Gluck e após elle

Haydn, e despontava o genio pasmoso de Mozart, que vasto campo para o conflicto da concepção artistica! Costa amesquinhou-se na sua lucta obscura com a miseria. Costa julgava a rivalidade como inveja, alludindo a um caso que lhe contara o mestre da Capella da Imperatriz; (p. 66) e por isso reduziu a arte a servir-lhe de consolação intima: repugnava-lhe o tocar diante de mais de tres ouvintes, como confessou a Burney. Em 1777 o Duque de Lafões deixara a sociedade de Vienna, regressando de vez a Portugal; em 1778 o seu amigo Dr. Luiz Gomes, já paralytico desde 1774, morreu; (p. 69) a saude de Costa declinava a olhos vistos, sendo-lhe difficil escrever, (p. 70) chegando a noticiar ao filho do seu velho amigo: «Eu ceguei do olho esquerdo com uma cataracta, e, conforme o parecer do nosso lente oculista, cegarei cedo do outro, de gotta serena.» (p. 72.) A sua ultima carta, de 7 de outubro de 1780, diante d'esta declinação progressiva, seria talvez a derradeira que escreveu para Portugal, expirando ao abandono na sua agua furtada em Vienna. O filho do seu velho amigo offereceu-lhe casa no Porto, (p. 69) mas o velho artista levava a isempção até ao heroismo.

A situação de Portugal sob o intolerantismo ou *rigorismo* de D. Maria I não lhe era desconhecida: «V. M. saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portuguezes em materia de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais barbaros de todo o mundo, os mais odientos, mais vingativos, mais desconfiados, mais crueis, e emfim de que se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo.» (p. 70.) No Discurso de inauguração da Academia das Sciencias o Duque

de Lafões repete por outras palavras esta mesma accusação. Por ultimo Costa sabe que as cartas são abertas em Lisboa, na mesa da Inconfidencia, (p. 77) e diz com uma certa ironia ao filho do seu defunto amigo: «V. M. se vá regalando com essas beatices, que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento;» (p. 79) a esta recrudescencia do fanatismo sob o governo do Arcebispo Confessor, que imbecilisara D. Maria I, corresponde a fuga de Portugal dos maiores espiritos, como José Corrêa da Serra, Felix de Avelar Brotero, Filinto Elysio, a perseguição de José Anastacio da Cunha, de Mello Franco, de Bocage e de outros mais. N'este côro das victimas da obscuridade, surge o vulto do Abbade Costa, considerado por Gluck; perderam-se as suas composições musicaes, mas a prosa das suas *Cartas* fixou a belleza typica da lingua portugueza.

3.º *A baixa Comedia e a Opera.* — A Comedia portugueza creada por Gil Vicente com os costumes e typos populares, que caracterisaram a burguezia, estacionou na forma rudimentar do *Auto*, pelas circumstancias sociaes que motivaram a invasão das *Comedias famosas*, no seculo XVII, pela introducção da Opera nos começos do seculo XVIII, e pelas traducções das comedias italianas e tragedias philosophicas francezas no fim d'esse mesmo seculo. A litteratura dramatica não podia florescer, porque faltava um theatro estavel, sem essa miseria dos *Corros* e *Pateos;* e ao genio artistico faltava essa independencia moral que inspira a *graça*, e ao actor a dignidade profissional, que o torna um interprete consciente, um creador. Persistiam ainda os velhos

Pateos do seculo XVI, como o *Pateo das Arcas*, ou da *Praça da Palha*, e o *Pateo da Bitesga* ou da *Mouraria*, que vieram até ao anno do terramoto; eram occupados por Companhias volantes, de *comicos de la legua*. Como explicar esta extraordinaria persistencia? Pela circumstancia de se tornarem os espectaculos theatraes um privilegio do Hospital de Todos os Santos, pela concessão de licença, arrendamento e quota-parte nos lucros das recitas. Esta influencia caritativa rebaixava o theatro a uma exploração exclusiva, sem o minimo intuito de arte; mas, sendo um mal, era o unico meio pelo qual o theatro resistia aos ataques da insania theologica e da phobia catholica dos moralistas.

a) *O Theatro do Bairro Alto.*—Pelos documentos de ordem administrativa do Hospital de Todos os Santos é que se conhecem factos concretos que envolvem a evolução do theatro portuguez. Desde 1588 até 1790 apparece o Hospital de Todos os Santos com o privilegio das licenças de espectaculo [1]; licenciava e contractava Companhias hespanholas, approvava a escolha das Comedias famosas com mais probabilidades de exito, e cobrava dois quintos da receita. De um tal regimen resultava a depressão das vocações dramaticas, a esterilidade e quasi o apagamento do theatro nacional. A propria administração do Hospital de Todos os Santos reconheceu que lhe era mais conveniente a estabilidade dos Pateos, e por escriptura de 9 de Março de 1591 contractou com Fernão Dias Latorre a construc-

---

[1] *Archeologia do Theatro portuguez*, por J. M. A. Nogueira. (*Jornal do Commercio*, n.º 3736 e segs.).

ção de dois Pateos *cobertos*, com pedra de alvenaria e lavrada. Datam d'este tempo os dois Pateos da *Bitesga* e das *Arcas*, que foram dirigidos pelo mesmo Latorre, e mantiveram-se por todo o seculo XVII. O *Pateo das Arcas* era situado no segundo quarteirão da rua Augusta, e por malevolencia dos seus visinhos da rua da Praça da Palha, foi devorado por um incendio em 1698. D'este accidente data o desenvolvimento de pequenas Casas para exhibições de Bonecos ou Bonifrates, em differentes locaes, em que o Hospital mantinha o seu privilegio; esses espectaculos baratos e faceis de Mogigangas, Entremezes, Bonifrates e Presepios, entraram então em voga no velho Pateo da Bitesga, mais conhecido pelo titulo da *Mouraria*, e um outro que substituia o *Pateo das Arcas*, em que documentos de 1707, de 1711 e 1712 revelam os seus rendimentos, apparecendo já ahi uma companhia portugueza de José Ferreira. Como a exploração d'estes espectaculos se complicava com a administração do Hospital, D. João V, para alliviar o Provedor e Mesarios, e tambem para facilitar a entrada das Companhias de Opera italiana, converteu o privilegio exclusivo do Hospital em um subsidio annual de 1:300$000 réis, em 1727. Este expediente do Poder real fez-se sentir no apparecimento da *Academia da Praça da Trindade*, para a Opera italiana, e para o desenvolvimento do *Pateo da Comedia*, em terreno do Bairro Alto, ao fim da rua da Rosa. De 1727 a 1733, ahi no *Pateo da Comedia*, é que floresceu a Companhia hespanhola de Antonio Rodrigues, com grande applauso e enthusiasmo. O seu prestigio fez com que o titulo restricto do *Pateo da Comedia* se convertesse no vulgo em *Theatro do Bairro Alto*, de-

signação que não apparece em documento algum, e d'ahi o problema de saber qual o local em que as Operas do Judeu foram representadas no Bairro Alto. O problema esclarece-se pelo processo da Inquisição, em que se refere que Antonio José da Silva morava ao *Pateo da Comedia e que elle o frequentava muito;* d'isto infere Fernando Wolf, que esta visinhança actuaria sobre a manifestação do seu talento dramatico. (*Bresil litteraire*, p. 30.) Podemos concluir, em vista do processo inquisitorial, que o titulo de *Pateo da Comedia* era dado ao local em que, de 1734 a 1737, foram representadas todas as peças do *Doutor Judeu* Antonio José da Silva; e que em 1742, reimprimindo-se o *Theatro Comico*, do desgraçado escriptor, já o titulo de *Pateo da Comedia* estava generalisado no de *Theatro do Bairro Alto.*

Desconhecendo esta deducção historica, o Dr. Ribeiro Guimarães, formulou um problema, por sua maneira de vêr insoluvel: «Em que local foi fundado o *Theatro do Bairro Alto* anterior ao terremoto de 1755? Em que local existiu? Durou até ao 1.° de Novembro d'aquelle anno? São interrogações estas a que, parece, não ha quem possa dar uma resposta decisiva ou ao menos plausivel. Depois de ter consultado o auctor da *Archeologia do Theatro portuguez,* e de vagas noticias do auctor do *Ensaio biographico critico* improficuamente, embalde tambem. — O sr. Teophilo Braga, sem embargo das suas incansaveis investigações para a Historia do Theatro portuguez no seculo XVIII, tambem nada apurou a semelhante respeito, refere-se a Costa e Silva.» (*O Theatro do Bairro Alto*, Jornal do Com., 1873.) O Dr. Ribeiro Guimarães não ligou a nossa nar-

rativa do incendio do *Pateo das Arcas* em 1698 com o apparecimento do *Pateo da Comedia*, em que depois da Companhia portugueza de José Ferreira, veiu a exploração de Antonio Rodrigues, chefe da Companhia hespanhola, de 1727 a 1733; é apoz elle que surgiu Antonio José da Silva, de 1734 a 1737. Não basta lêr ou colligir factos; é preciso relacional-os e tirar-lhes deducções. Vejamos como se fez a transição da Companhia castelhana de Antonio Rodrigues para o talentoso e original Antonio José da Silva, que o publico, pela sua apotheose, empurrou inconscientemente para a fogueira da Inquisição. E' n'esta passagem que se estabelece a continuidade do *Pateo da Comedia* no *Theatro do Bairro Alto*, destruido pelo terremoto de 1755.

O Cavalheiro de Oliveira, nos *Amusements périodiques* (t. I, p. 41) dá noticia do comico hespanhol Antonio Rodrigues n'esse periodo de 1727 a 1734: «Antonio Rodrigues, hespanhol, sustentou-se com felicidade, muitos annos, no theatro de Lisboa. Era bonissimo poeta, philosopho, historiador e palaciano. Era homem de bem tanto ás direitas como actor de merito. Do seu porte honrado rendeu-lhe uma pensão annual de cento e vinte moedas de ouro que lhe dava o rei. Querido das mulheres, estimado da nobreza e relacionado com muitos prelados do reino, até do povo se fez idolatrar...» O poeta satirico Thomaz Pinto Brandão, o auctor do *Pinto renascido* era intimo de Antonio Rodrigues; e por certo Antonio José da Silva, escrevendo, em 1729, a zarzuela epithalâmica *Amor vencido de Amor* nas festas do casamento do Principe do Brasil, D. José, com a Infanta D. Marianna Victoria de Bourbon, faria a sua estreia no *Pateo da Come-*

dia, e ao influxo de Antonio Rodrigues obedecia ao gosto hespanhol na farça *Os Amantes de escabeche.*

D. João v, nas suas aventuras amorosas era excitado pelo exotismo das damas das companhias estrangeiras; a fidalguia seguia-lhe o exemplo. O Marquez de Gouvêa apaixonou-se pela dama da Companhia hespanhola Isabel Gamarra, de quem o Cavalheiro de Oliveira allude a esta aventura: «Gamarra étoit certainement la plus belle actrice que nous avons vu sur le Théatre de Lisbone; elle étoit jeune, enjouée, engajante, elle avoit beaucoup d'esprit, de vivacité et de grand charmes dans toutes ses manières. Elle avoit son mari et un amant declaré. Elle n'evoit donc qu'un seul defaut, c'etait celui d'etre affecté ou infidele; elle trahissoit et son mari et son galant; elle avoit de l'aversion pour l'un et seulement l'estime pour l'autre...» E o malicioso Cavalheiro de Oliveira conta nos *Amusements périodiques*, como a Gamarra, arrependida, foi professar no convento das Agostinhas ou de Santa Monica, até que, expirando o Marquez de Gouvêa, ella apagou da mente a scena dos votos da clausura, e safou-se para Hespanha, congrassando-se com o marido e continuou na vida desenvolta do theatro. O poeta chocarreiro Thomaz Pinto Brandão celebrou em uma Decima a conversão d'essa Magdalena: «*Na profissão de Isabel Xamarra, representante famosa, que foi n'esta Corte e primeira Dama*»:

> De seguir melhor estrella
> dão hoje em distincta voz,
> *El juramento ante Dios*
> *Las firmezas de Isabella;*
> no theatro de uma séllo

com Deus se quer desposar,
e em melhor papel mostrar,
que foi todo o seu viver
Querer por solo querer,
Caer para levantar.

(*Pinto renasc.*, p. 954.)

A Decima tira a graça do seu conceito dos quatro titulos de Comedias castelhanas, em que a Gamarra teria feito o papel de primeira Dama. Estava em moda esta forma satirica; já nas intrigas da côrte da regente Dona Luiza de Gusmão, de D. Affonso VI e D. Pedro II foram representados todos os personagens d'essas luctas partidarias por simples titulos de Comedias castelhanas, que eram geralmente conhecidas na segunda metade do seculo XVII. A's vezes estes titulos de Comedias synthetisavam uma vida, um caracter, como o de *Lances de Amor e Fortuna* para designar D. Francisco Manoel de Mello. Thomaz Pinto Brandão publicou doze Decimas em *Resposta a uns* Titulos de Comedias, *que aqui sahiram em uma folha de papel, applicados mal ás Senhoras de Lisboa, que algumas attribuiram á obra de Thomaz Pinto*... O poeta chocarreiro glosou vinte e quatro d'esses titulos com o sentido lisongeiro ás Senhoras de Lisboa, ajuntandolhes em sigla á margem de cada Decima dois titulos de Comedias castelhanas, reforçando o seu pensamento. Pelo exame d'esses titulos se pode formar o reportorio das Comedias famosas mais conhecidas do publico. N'este genero satirico tem um valor de Documento historico a *Comedia famosa* intitulada *La Comedia de las Comedias,* cujo titulo precedeu Thomaz Pinto Brandão com esta rubrica: « *Queriendo los Señores del Hospi-*

tal despedir la Compañia, en fé de que venia la de Valencia, de que era Autor Garcez compuso el amigo Thomaz Pinto la Comédia seguinte por los titulos de otras muchas.» O facto historico para a evolução do theatro portuguez, foi que o Hospital de Todos os Santos, voltou ao uso do privilegio dos espectaculos scenicos em vez do subsidio regio. Por este motivo despediu Antonio Rodrigues e contractou um emprezario de Valencia, chamado Garcez, para vir com a sua companhia para o *Pateo da Comedia*. Pinto Brandão figura na *Comedia de las Comedias*, o assombro da Companhia de Antonio Rodrigues, vendo-se forçado a abandonar Portugal e a demora de Garcez em partir de Valencia. Todos os actores da Companhia de Antonio Rodrigues são designados por titulos de Comedias famosas, o que nos dá o seu elenco em 1733. Transcrevemos os nomes com os titulos allusivos:

Antonio Ruiz, *El Rico hombre de Alcalá.*
Ignacio, *El hombre pobre tudo es trazas.*
Mandisla, *El Ganapan de desdichas.*
Antonio Bela (gracioso) *El Cavallero de la Gracia.*
Juan Lopes (barba 1) *Las canes en el Papel.*
Mexia (barba 2) *El Diablo predicador.*
Diego de Leon (vejete) *Don Diego de noche.*
Mathias (danzante) *El Maestro de danzar.*
Ferreira (musico) *El Licenciado Vidriera.*
Perro (musico) *El Chico de Granada.*
Criados, *Monteros y Capelotes.*

Damas

La Señora Mariana (que era gangosa) *La desdicha de la voz.*
Francisca, *La Cismo de Inglaterra.*
Juana Orosca, *El Encanto sin encanto.*
Rita, *La Dama duende.*
La hija de Mexia, *La nina de Gomes Arias.*
Maria, *Maria Hernandes la Gallega.*
La hija del Barba (que la tiene medio cerrado) *Abrir el ojo.*

O chefe da Companhia, diz na Comedia:

Pues no pueden tus gemidos
ni yo, vencer tanto mal,
vamonos de Portugal
Obligados e ofendidos;
que Dios castigue a quien
nos expone a tal rigor.

Desdenhando da Companhia de Garcez, diz a Mexia, barbas *(Diablo predicador):*

al Corral me fui al instante
y en lo que vi de Garcez,
para todos lances es
El mejor representante;
con la Cisneros ya veo
que andubo certo la fama,
por que es una grande Dama
La Estatua de Prometeo. (Por ser alta e magra)
De las de mas, sendo abono
la tercera es buena allaja;
puesto que con voz tan baja
que canta *El secreto a voces.*
. . . .

El Garcez no hade enojarse
que lleguen a conocellas,
porque es lo intento de ellas
Mudarse por mejorar-se.
Los mas acabado el año,
se daran a conocer;
y el Hospital hade ver
A su tiempo el desengano.

RITA y que dirá el Hospital
quando llegue de Valencia
esta incurable dolencia.

MEX. Diral-a: *Ben vougas, mal.*

Depois *del buen Retiro* da Companhia de Rodrigues, em 1733, não chegou de Valencia a Companhia de Garcez e o Hospital de Todos os Santos viu-se privado dos rendimentos do seu privilegio, ficando deserto o *Pateo da Comedia.* E' n'esta crise, que acode o talentoso Antonio José da Silva, com as suas Comedias-Operas, carregadas de pilhas de graça, que deram vida ao theatro, em um periodo aureo que vae de 1733 a 1738, deixando a inolvidavel lenda do *Theatro do Bairro Alto.* Com actores rudes e sem eschola, elle tirou partido dos seus defeitos como caracterisação dos typos comicos, fez parodias mythologicas, com uma intuição offenbachica, mantendo a gargalhada franca. Lisboa sorumbatica tinha necessidade de se desopprimir pelo riso. O effeito d'esse acontecimento, aponta-o Simão Thadeu Ferreira: «foi tão grande o applauso e acceitação com que foram ouvidas as Operas que no Theatro Publico do Bairro Alto de Lisboa se representaram desde o anno de 1733 até ao de 1738, que não satisfeitos muitos dos curiosos com as ouvirem quotidianamente repetir, passavam a copial-as, conservando ao depois estas copias com uma tal avareza, que se faziam

invisiveis para aquelles que desejavam na leitura d'ellas, uns apagarem o desejo de as lêrem, pelas não terem ouvido, outros renovar a recreação com que no mesmo theatro as viram representadas.» Andava o poeta arrebatado na alma popular que o consagrava com o titulo de *Doutor Judeu*, e trabalhava em uma nova Comedia *Os Principios de Phaetonte*, quando o Santo Officio lhe lançou as garras, afferrolhando-o nos seus carceres em 5 de Outubro de 1737, onde jazeu sob os maiores tormentos physicos e moraes até saír para a fogueira, no Auto de Fé de 18 de Outubro de 1739. Na sua vida se reflecte o espirito de uma epoca, que não podendo libertar-se por uma revolução, achou na convulsão de um cataclysmo geologico o impulso para a sua regenerescencia.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Á desgraça que victimou este talento, que depois de Gil Vicente soube achar a graça da comedia nacional, devemos o conhecer-se os traços caracteristicos e intimos da sua vida. N'ella reverbera toda a iniquidade das instituições que atrophiavam Portugal, destruindo as classes sociaes mais activas, intelligentes e productoras. Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705, tendo por paes o advogado João Mendes da Silva e D. Lourença Coutinho; pelos seus avós e tios, vê-se que pertencia a uma familia de *christãos-novos*, e isto resume a causal de todas as suas desgraças e perseguições. O que era o *christão-novo?* era um descendente d'aquelles judeus expulsos de Hespanha e de Portugal, cujos filhos lhes foram arrancados á força, baptizados e espalhados pelas provincias

do reino, e tambem aquelles que para poderem trabalhar e viver, optaram em um prazo de horas entre o exterminio ou o baptismo. Essa classe civil tornou-se um elemento de ordem pela sua honesta sociabilidade, distinguindo-se espiritos cultos na medicina, na jurisprudencia, no commercio e industria, na riqueza e sua circulação internacional. A Inquisição viu ali um excellente espolio para o confisco, e a Monarchia deixava de conivencia encherem-se os carceres inquisitoriaes, não só participando de uma quota parte, como vendendo aos christãos-novos os Perdões geraes, cobrando préviamente sommas avultadissimas, e por vezes faltando vilmente ao compromisso. Os avós paternos de Antonio José da Silva eram André Mendes da Silva e Maria de ...? nascidos em Portugal e falecidos no Brasil; tios paternos, Bernardo Mendes, André e Luiz Mendes e Apollinaria de Sousa, Josepha da Silva, Isabel Correia e Anna Henriques. Pelo lado materno eram seus avós Balthasar Rodrigues Coutinho, natural do Rio de Janeiro e Brites Cardosa, natural de Lisboa; e tios maternos, o medico Diogo Cardoso, Manuel Cardoso, Branca Maria, Maria Coutinho, Jeronyma e Francisca Coutinho. Não é banal este detalhe genealogico para se conhecer esta familia de christãos-novos, que no Brasil exerciam a sua actividade, attrahindo pela sua riqueza e importancia a avidez da Inquisição. De facto, toda esta parentela soffreu os carceres do Santo Officio, com excepção de Diogo Cardoso e Manuel Cardoso, *que « moravam em Lisboa, mas ausentaram-se não se sabe para onde.»* Chegou tambem o raio infernal ao lar do Dr. João Mendes da Silva, em 10 de Outubro de 1712, em que os Familiares do Santo Officio,

prenderam a esposa Lourença Coutinho, sendo ainda n'esse anno remettida para a Inquisição de Lisboa por *culpas de Judaismo.* E que culpas eram essas? Simples denuncias de visinhos ou serviçaes da casa, accusando de vestirem roupa lavada á sexta-feira, de limparem os candieiros tambem n'esse dia e não comprarem porções grandes de carne de porco, em fallarem em Deus sem nunca nomearem Santos! Tudo isto era interpretado por praticas cultuaes em apostasia do catholicismo e perfidia judaica, e por isto se encarceravam familias, lhes confiscavam os bens, e as queimavam em Autos de Fé!

Segundo o processo inquisitorial, a prizão do accusado importava o despejo immediato da casa, pregando-se as portas com travessas, e nomeando-se curador para arrolar os bens, pelo confisco dos quaes se teriam de pagar as despezas do Tribunal do Santo Officio. Isto explica, porque motivo o Dr. João Mendes da Silva se viu forçado a mudar-se com seus filhos André Mendes, Balthazar Mendes e uma criança ainda não bem de oito annos, Antonio José da Silva, que no desabrochar do talento soffreria as maiores calamidades.

Na Inquisição de Lisboa correu o processo de Lourença Coutinho; e como ella fôsse extranha a questões theologicas ou dogmaticas, e as culpas de Judaismo eram actos domesticos, saíu *penitenciada* em Auto publico de Fé, em 9 de Julho d'este mesmo anno de 1713, com a designação de *reconciliada.*

O Dr. João Mendes da Silva facilmente achou clientela, porque então os principaes advogados, preferidos pelas casas opulentas e Ordens ricas, eram christãos-novos. Os Jesuitas, antagonistas

da Inquisição, desde o seculo XVII defendiam esta prestantissima classe social; persuadimo-nos de que a cultura de humanidades de Antonio José da Silva, como preparatorio para a Universidade de Coimbra, se fez nas escholas do Collegio de Santo Antão, como *estorninho* ou alumno externo. A matricula nos cursos universitarios era só admittida depois dos quinze annos; só podia portanto effectual-a Antonio José da Silva depois de 1720. Ha depois de 1713, em que a mãe voltou ao lar domestico, uns treze annos de insegura tranquillidade e de susto permanente da espionagem, emboscadas e machinações sangrentas do Santo Officio. E' n'este apaziguamento fugaz, que se encontram as condições para Antonio José da Silva frequentar a Universidade de Coimbra. N'esse meio confinado era intensa a malevolencia entre a Companhia e a Inquisição, e o objectivo das hostilidades era a protecção ou defesa dos christãos novos pelos Jesuitas. As relações de intimidade com seu primo João Thomaz, estudante de Medicina, serviram para a Inquisição urdir a sua teia, que já de 1625 ia envolvendo aquella familia. Sua tia paterna Anna Henriques, casada com o negociante Simão Carvalho, estabelecido na Covilhã, fôra a Salamanca acompanhada por sua filha Leonor Maria de Carvalho, em negocios mercantis; ahi foi preza com sua filha pela Inquisição hespanhola em 18 de Novembro de 1725, sendo transferidas da prizão para Valladolid em 8 de Dezembro; passam para os carceres secretos em 29 de Julho de 1726; são julgadas pelo tribunal horrendo, em 26 de Janeiro de 1727, sendo Anna Henriques conduzida á fogueira do Auto de Fé, e a filha degradada de Valladolid, distante oito leguas para a Villa de Bergadino. Este processo re-

flectiu-se pelas referencias pessoaes obtidas nos interrogatorios sob a tortura, sobre a familia do Dr. João Mendes da Silva; em 8 de Agosto de 1721, é arrastada ao carcere da Inquisição de Lisboa, sua mulher Lourença Coutinho, pela segunda vez. Com a data de 7 de Agosto fôra passada ordem de prisão contra Antonio José da Silva, agarrado pelo familiar do Santo Officio, o Conde de Villar Mayor, que o foi entregar ao alcaide Fernando Cardoso e n'esse dia nomeado seu curador o beneficiado Filippe Nery. Em 16 de Agosto começou o interrogatorio pelo inquisidor João Alves Soares, que encetou as suas perguntas para que declarasse os bens de raiz que possuia; confessou ser filho-familia, possuindo apenas a roupa de seu uso. Já estava no carcere inquisitorial desde 1 de Agosto seu primo, estudante de Medicina, João Thomaz, e irmã Brites Eugenia; em 22 de Agosto era prezo seu irmão Balthazar Rodrigues, casado com Anna Maria, de quem já tinha um filho, e n'esta mesma data é passado contra Antonio José da Silva o libello declarando-o *apostata*, *hereje*, *ficto*, *falso*, *confitente*, *diminuto* e *impenitente*, incorrendo na pena de excommunhão maior e confiscação de todos os seus bens. Começam as interrogações para a prova do libello, recorrendo-se para as confissões á *tortura;* em 3 de Setembro de 1726 forçavam-o a novas confissões; em 4, requere o promotor que se lhe dê conhecimento de suas culpas; em 7, novas confissões extorquidas, e em 9 requer o promotor notificação ao réo de outras provas. E' ahi que conhece que é o seu delator, um Luiz Torres Soares, a quem impedira o casamento com uma prima sua, por ser filho de um pescador, talvez a Brites Eugenia, tambem preza.

Em 18, passou a Inquisição ordem para que seja o joven escholar de vinte e um annos submettido á tortura, por ser confitente diminuto. Isto se lê no Auto do tormento:

« Aos vinte e tres dias do mez de Setembro de 1726, em Lisboa, nos Estáos e casa deputada para o tormento, estando ainda em audiencia pelas nove e meia da manhã, os srs. Inquisidores João Alves Soares e Filippe Maciel e deputado D. Francisco de Almeida, mandaram vir perante si a *Antonio José da Silva*, réo prezo conteúdo n'estes autos, e sendo presente lhe foi dado o juramento aos santos evangelhos em que poz sua mão, sob o cargo do qual lhe foi ordenado dizer verdade e ter segredo, que tudo prometteu cumprir; e logo lhe foi dito, que pela casa em que estava e instrumentos que n'ella via entenderia facilmente quão rigorosa e perigosa era a diligencia que com elle se queria exercitar; a evitaria se quizesse acabar de confessar todas as suas culpas. E por dizer, que não tinha mais culpas que confessar, foi mandado para baixo, e chamados á Meza os Medicos e Cirurgiões, e muitos ministros da execução do tormento aos Santos Evangelhos em que puzeram as mãos, de bem e fielmente fazerem seus effeitos e terem segredo; o que tudo prometteram cumprir. E sendo o réo despojado dos vestidos que podiam servir de embaraço ao tormento, foi lançado no *pôtro* e, começado a atar lhe foi protestado por mim notario, em nome dos srs. Inquisidores, que, se n'aquelle tormento morresse, quebrasse algum sentido, a culpa seria sua e não dos srs. Inquisidores e mais ministros que foram na sua causa, que a sentenciaram conforme o merecimento d'ella; e por dizer que não tinha mais culpas

que confessar, se lhe continuou o tormento; e sendo *atado em outras partes* e levando n'ellas *meia volta*, que corresponde a um *trato corrido* a que tinha sido julgado, foi mandado desatar e levar a seu carcere, e *duraria o seu julgamento um quarto de hora, o qual gritou muito* e só chamou por Deus e não por Jesus ou Santo algum.» D'este *trato corrido* da *polé* ficou o desgraçado Antonio José da Silva sempre soffrendo das brutaes luxações; e passado esse transe de 13 de setembro, saiu penitenciado no Auto de Fé de 15 de Outubro, que se celebrou na egreja de S. Domingos, sendo solto com a condição de doutrinar-se.

A pobre de sua mãe, Lourença Coutinho, continuou a jazer no carcere mais dois annos, até que foi transferida em 12 de Maio de 1728 para os carceres secretos onde gemeu mais um anno, sendo submettida a *tormento esperto*, ás voltas completas da *polé*, saíndo no Auto publico de Fé de 16 de Outubro de 1729.

Como n'estas refregas escapou o Dr. João Mendes da Silva á garra inquisitorial? Por Barbosa Machado soube-se que o advogado era tambem poeta, e dá a noticia bibliographica de composições suas, o *Officio da Cruz*, em verso, um *Hymno a Santa Barbara*, *Christiades*, poema lyrico, e o *Retrato de Leandro e Ero*, em oitava rima. Fernando Wolf, nota que estas composições revelam que elle era *un juif très rusé.* E se este recurso o salvou, elle inicia o talento poetico do filho, que em 1729 compoz uma *Zarzuela* para ser cantada nas nupcias do Principe D. José com a Infanta hespanhola D. Mariana Victoria de Bourbon, e da Infanta D. Maria Barbora de Bragança com o Principe das Asturias

(Fernando VI). Foi na vida estudantesca de Coimbra que Antonio José da Silva se entregou á poesia e adquiriu essa préga sarcastica da sua visão subjectiva. Quando cursou elle a Faculdade de Canones, que era a mais facil e que abria prompta carreira na sociedade? Em Junho de 1726 acha-se em Lisboa, como confessou na Inquisição, e só se viu livre depois do Auto de Fé de 15 de Outubro de 1726. Seria portanto o curso de 1727 a 1732; não se achará no archivo da Universidade a matricula de Antonio José da Silva na Faculdade de Canones, porque n'esse tempo usavam-se as *matriculas incertas,* de trez chamadas dos estudantes repentinamente por ordem do Reitor, e provava-se a frequencia por declaração testemunhal. E' mesmo natural, n'estas circumstancias, que o poeta praticasse durante os annos da formatura no escriptorio de seu pae, apresentando-se nas chamadas das matriculas incertas em Coimbra, ou tambem abrindo matricula em Outubro, seguindo o costume geral dos demais estudantes, que apoz a matricula debandavam para casa. Mas na sua vida ha a *feição* da Coimbra escholastica, o impeto da troça ou *investida,* do sarcasmo diante do pedantismo auctoritario e da burla de uma sciencia formalistica e convencional. Demais, a residencia em Coimbra facultava-lhe a visita á Covilhã, onde vivia sua prima Leonor Maria de Carvalho com sua irmã na Fabrica real de Pannos, combinando o seu anciado casamento.

A Universidade atravessava uma terrivel crise de depressão intellectual; desde que os lentes em claustro pleno juraram em 4 de Fevereiro de 1717 a doutrina da bulla *In Cœna Domini,* reconhecendo a auctoridade do papa nas doutrinas

dogmaticas, allegaram para justificar tamanha subserviencia, *ser a Universidade considerada communidade religiosa, como é notorio e se tem por certo* e determinado; e sendo *as rendas d'ella pela maior parte ecclesiasticas, e que os Reitores eram tambem ecclesiasticos.»* N'esta opaca atmosphera ficou obumbrada a Universidade de Coimbra, até tiraral-a d'esse pezadello medieval a reforma pombalina de 1772. Em 1722, vê-se este estado da disciplina escholar: «Não havia ainda n'aquelle tempo o costume de apontar-se faltas aos estudantes; frequentava-a quem queria; a consequencia necessaria d'isto era, que os estudantes, depois de se matricularem, vinham para suas casas; ahi estudavam como e com quem lhes parecia, e só voltavam no fim dos annos para os actos; é verdade que, para remediar este inconveniente, havia duas chamadas *extraordinarias*, que o Reitor podia fazer quando lhe parecesse; e todos os estudantes que faltassem a estas chamadas, porque duravam só tres dias, perdiam o anno; mas isto não era bastante porque sempre transpirava com antecedencia o dia em que tinha de fazer-se a chamada.» (Doc. ap. *Hist. da Univ.*, t. III, p. 159.) Dominava o uso das *Investidas* aos Novatos no começo dos seus cursos, por uma forma tão bestial, que o Reitor Figueirôa pediu a intervenção do poder real em carta de 4 de Fevereiro de 1726; na provisão de 7 de Fevereiro de 1727 se refere, que em razão de serem muito antigas na Universidade as chamadas *Investidas* de Novatos, e de alguns annos a esta parte se faziam com tal excesso que padeciam barbaridades, de que resultava residirem pouco os Estudantes no seu primeiro anno da Universidade, ou porque temem estas *investi-*

das ou porque buscaram este pretexto para não residirem; e ainda alguns faltam no segundo anno, porque n'elle os perseguem de não terem sido investidos no primeiro, e além do dito mez de fevereiro na Egreja do Collegio dos Padres da Companhia mataram um estudante, do qual se dizia fôra origem uma *investida* que na mesma egreja se fizera a um novato.» (*Hist. da Univ.*, t. III, p. 167.) Vê-se que o escholar que se refugiou da *investida* na Egreja dos jesuitas seria *christão novo*, com quem a Inquisição era implacavel como provocação á Companhia. Foi n'este meio terrivel que Antonio José da Silva, ainda dorido da tortura da Inquisição de Lisboa, se viu em Coimbra, n'essa atmosphera de odio inconsciente. Tinha-se operado uma transformação benefica n'estas troças tradicionaes, que se chamava *boa feição*: «Não é como algum dia, quando *receavam todos vir a Coimbra só com medo das investidas;* porque o mais barato que se lhe fazia era pôr-lhe uma albarda ou metter-lhe palha na bocca, dar-lhe uma duzia de açoites e leval-os com cabresto ao chafariz... não diziam palavra sem serem perguntados nem sahiam fóra de casa sem veterano.» E nas regras da *boa feição*, parece que não queriam campar por *valentes;* era praxe: «dar coices, comer muito doce, *dizer pulhas*, dar opios, testilhas por nenhum caso.» Assim se codificou na *Macarrónea*. Entre os livros que deve lêr, deixando os compendios com a nota de livros prohibidos. «Não lhe escape *Gil Braz*, *o Diabo coxo*, o *Bacharel de Salamanca*, *D. Quixote* e *Gusmão de Alfarrache*, e tudo o mais que faz o entertenimento dos sabios.» Era no gosto das Novellas picarescas do seculo XVII, que Antonio José da Silva recebia a graçola plebeia

com que elle faz empolgante pela gargalhada a baixa Comedia portugueza. Ribeiro Sanches deixou-nos uma descripção do typo estudantesco d'este periodo em que ainda eram vivas as tradições do *Rancho da Carqueja* na sua criminosa turbulencia: «Cada estudante era o senhor de alugar casa onde achava mais da sua conveniencia, — conheci muitos que se levantavam sómente da cama para jantar, estando de boa saude, outros passando dia e noite a tocar instrumentos musicaes, a jogar as cartas e fazer versos. *Quasi todos matriculados em Canomes*, nunca estudaram nos primeiros quatro annos; o primeiro estudo era a Apostilla pela qual haviam defender Conclusões no quinto anno. Não havia noite de inverno sem *Oiteiros* diante dos Collegios de S. Pedro e de S. Paulo; rondavam armados de noite, como se a Universidade estivesse sitiada pelo inimigo...» Verney, no *Verdadeiro methodo de estudar*, resume o estado da Faculdade de Canones: «O primeiro anno passa-se com as *Instituições* de Justiniano, se é que se abrem. Depois devem frequentar algum tempo as Leis civis. D'aqui passam para as Escholas de Canones e estudam uma ou duas Postillas triviaes. *De Clerico venatore* ou *De Voto*, etc., e no quinto anno fazem Conclusões n'ellas. Depois bacharel, formatura pelo mesmo methodo dos actos de Leis, e pode formar-se em Direito civil ou Canonico, segundo lhe parecer. Feito isto parte d'alli para o seu paiz mui consolado e com determinação de ser advogado ou concorrer aos logares de Juiz. Tambem D. Francisco de Lemos, o braço direito de Pombal na reforma da Universidade, descreve esta atonia mental: «Todo o exercicio litterario se reduzia aos Actos, *para os quaes não*

era necessario ter estudado, mas sim que corressem os annos do curso e chegar-se á medida de tempo n'elle marcada; porque os Pontos e Argumentos eram sabidos e muito vulgares, e além d'isso o estudante na mesma occasião dos actos era instruido na materia d'elles por um Doutor, o que acabava de consumar a obra de negligencia inspirando-lhe em casa e na mesma sala dos Actos o que elle havia de responder e dizer.» E' presumivel que praticando Antonio José da Silva no escriptorio de seu pae tivesse conhecimento normal dos Canones. Contaminado pela vida de esturdia escholaresca, na sua vida em Lisboa frequentava com assiduidade o *Pateo da Comedia*, de que era visinho, para admirar as numerosas *Comedias famosas* representadas pela excellente Companhia castelhana de Antonio Rodriguez, que explorava o theatro pagando dois quintos da receita ao Hospital de Todos os Santos. Esses espectaculos acordaram-lhe a vocação. Como se lançou o *Doutor Judeu* n'esta sua actividade litteraria e artistica?

N'este anno de 1733 ainda a Companhia de Antonio Rodriguez representou a tragedia de D. Ignez de Castro, *Reynar despues de morir*, por Velez de Guevara, da qual falla Manuel de Figueiredo, com a emoção que lhe acordou a paixão pelo theatro. Tinha então oito annos de edade: «Taes foram os berreiros em que entrei, quando de uma forçura do theatro — me pareceu que via morta na scena da morte de D. Ignez de Castro, uma gentil rapariga que a figurava, que meu pobre pae foi obrigado a pôr-me na rua aos bofetões; e era de ver como se enfadou em casa com minha mãe... pois ella o obrigou a conduzir ali o pequeno, pois elle não era d'esses, levado

das perseguições que eu lhe havia feito.»[1] N'este anno de 1733 apparece em scena no *Pateo da Comedia*, no Bairro Alto, a *Vida do grande D. Quixote de la Mancha* por Antonio José da Silva, que até 1737 dominou a attenção e o enthuziasmo de Lisboa. Esta pericia e vocação reveladas quando o Hospital de Todos os Santos, tendo despedido a Companhia de Rodriguez, se viu ludibriado pela Companhia de Garcez, fez-se sentir extraordinariamente, porque essas Comedias portuguezas salvaram as receitas do Hospital. Com certeza Antonio José da Silva teria feito os seus primeiros tentames por essas representações familiares, que estavam muito em voga. Acha-se nos versos de *Pinto renascido* esta referencia: « *A uma Comedia dramatica intitulada* — Opponerse a las Estrellas — *que se representou em casa de João Correia Manuel, tòda de moças graciosas e bonitas.* (*Op. cit.*, p. 92.) E na dedicatoria de um Romance: « *Fazendo annos a Ex.ma Sr.a Marqueza de Marialva, uma Comedia em sua casa e Dansas com bizarro estrondo.*» (*Ib.*, p. 312.) No prologo das *Operas portuguezas*, queixa-se Antonio José da Silva de escrever para actores sem cultura e sob o impulso alheio, que era a preoccupação caritativa do Hospital de Todos os Santos « a difficuldade da comica em um theatro *donde as representações se animam do impulso alheio;* donde os affectos e accidentes estão sepultados na sombra do inanimado es-

[1] *Theatro* de Manuel de Figueiredo, t. VI, p. 147. O dramaturgo colloca esta anedocta no Theatro da rua das Arcas, por equivoco, porque em 1698 tinha ardido, succedendo-lhe o *Pateo da Comedia*, onde representava Antonio Rodrigues.

curecendo estes muitas partes da perfeição que nos theatros se requere, por cuja causa se faz *incomparavel o trabalho de compor para semelhantes Interlocutores*, que, como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser; por este motivo surprehendido muitas vezes o discurso de quem compõe estas Obras, *deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.*» Em Outubro de 1733 appareceu em scena *A Vida do grande D. Quixote de la Mancha,* em que os magicos levam o heroe da Triste Figura a vêr o pagem Sancho Pança sob a imagem de Dulcinea; com muitas mutações scenicas que encantaram o publico e o Hospital ganhou. N'esta corrente compoz e fez representar em Abril de 1734 a *Esopaida* ou *Vida de Esopo;* no meio da chalaça exhibiam-se as mutações e tramoias dos machinismos de Simão Caetano Nunes e de outros scenographos que abrilhantavam os espectaculos. Antonio José da Silva já dominava o publico, consagrando-o com a antonomasia de *Doutor Judeu.* Em Maio de 1735 compõe e representa-se a comedia magica dos *Encantos de Medea,* uma especie de cosmorama grandioso. Os novos espectaculos tornaram-se prestigiosos e o poeta achava-se com bons recursos economicos; é então que se consorcia com sua prima Leonor de Carvalho, que contava agora os seus vinte e dous annos. O talento e o amor, suscitaram o odio theologico e o ciume da rivalidade, que começaram a collaborar no processo em aberto de 1726, archivado da Inquisição.

Em Maio de 1736 representa-se o *Amphytrião* ou *Jupiter e Alcmena,* thema já tratado por Camões, em que se podia ver uma allusão

aos amores de D. João III, quando principe com a mulher de D. Antonio de Athayde, e agora de D. João V e os seus devaneios com a *Flor da Murta*. E' certo que Antonio José da Silva já sentia minarem-lhe o chão debaixo dos pés, pelas calumnias propaladas por um tal Duarte Rebello por via de uma alcayote Maria Valença. As denuncias á Inquisição realisavam as mais terriveis vinganças. E' n'esta comedia de *Amphytrião*, que o poeta solta este intimo protesto:

> Sorte tyranna, estrella rigorosa,
> Que maligna influis com luz opaca;
> Rigor tão fero contra um innocente!
> Que delicto fiz eu, para que sinta
> O pezo d'esta asperrima cadeia,
> Nos horrores de um carcere penoso,
> Em cuja triste, lôbrega morada
> Habita a escuridão e o susto mora,
> Mas, se acaso tyranna estrella, impia
> E' culpa o não ter culpa, eu culpa tenho;
> Mas se a culpa que tenho não é culpa,
> Para que me usurpaes com impiedade
> O credito, a esposa e a liberdade?

Antonio José da Silva perdera em Janeiro de 1736 seu pae, o Dr. João Mendes da Silva; faltava essa força moral; mas, ainda n'este anno, nasceu-lhe uma filha, a que poz o nome de Lourença, da avó já duas vezes arrastada aos antros do Santo Officio! E que destino seria o d'essa criança? Todas as recordações transpiram d'esses versos.

Na côrte dera-se um lucto compungente; fallecera prematuramente a gentilissima infanta D. Francisca; as composições poeticas eram as flores immarcessiveis que podiam com mais sentimento esfolharem-se sobre o seu feretro. Ao las-

timoso caso appareceu a collecção dos *Accentos saudosos das Musas portuguezas.* 1.ª Parte. Lisboa, 1736. In-4.º. Ahi vem assignada por Antonio José da Silva uma *Glosa ao Soneto de Camões* — Alma minha gentil, que te partiste — *na qual exprime Portugal seu sentimento na morte da sua bellissima Infanta e Senhora D. Francisca.*

Tocaria esta homenagem o rei D. João v, tão ostentoso, defendendo o desgraçado poeta dos chacaes tonsurados que farejavam o seu sangue? Terminado o luto official da côrte, ainda em Novembro de 1736, representou-se no Pateo da Comedia *O Labyrintho de Creta.* Como podia o poeta calcar tantas angustias, para divertir o publico enthusiasta? O Hospital de Todos os Santos não podia perder a sua exploração theatral, e as necessidades da familia obrigavam ao trabalho insano. Para satisfazer a urgencia da Administração hospitalar, teve de compor para os effeitos das tramoias *As Variedades de Proteu,* salgando o prazer das mutações com as pilherias que fazem rebentar de riso. Assim compõe a sua comedia typica das *Guerras do Alecrim e Mangerona,* dos conflictos dos *ranchos* de peraltas que veraneavam em Cintra. Essa Comedia que foi o encanto do carnaval de 1737, manteve-se na scena e ainda se exhibe hoje para estudo como modelar no seu genero. Estas duas peças imprimia-as n'este mesmo anno de 1737 sem nome de auctor, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca. No prologo ao Leitor desapaixonado revela a intenção de compilar as outras suas obras, e acompanha o volume com duas Decimas em *acrostico,* em que deixou authenticado o seu nome.

A migo Leitor, prudente
N ão critico rigoroso,
T e desejo, mas piedoso
O s meus defeitos consente,
N ome não busco excellente
I nsigne entre os escriptores,
O s applausos inferiores
J ulgo a meu plectro bastantes;
O s encomios relevantes
S ão para engenhos maiores.

E esta comica harmonia
P assatempo é douto e grave.
H onesta, alegre e suave,
D ivertida a melodia.
A pollo, que illustra o dia
S oberano me reparte
I deias, facundia e arte,
L eitor, para divertir-te,
V ontade para servir-te,
A ffecto para agradar-te.

Quando Simão Thadeu Ferreira colligiu nos volumes do *Theatro comico* estas Comedias, em 1742, não desvendou o auctor anonymo, por não ter conhecido o acrostico que foi revelado passado um seculo pelo bibliographo Innocencio.

Andava Antonio José da Silva trabalhando nos ensaios da comedia *Precipicios de Phæton-te*, [1] quando foi subitamente prezo em 5 de Outubro de 1737, á ordem do Santo Officio pelo Monteiro-mór Inquisidor Thomaz da Fonseca Souto Mayor [2]; sua mulher, com uma filhinha de me-

[1] Representou-se em Janeiro de 1738.

[2] O Cavalheiro de Oliveira descreve em uma nota do *Discurso pathetico* (p. 31) como os Fidalgos e os Burguezes ricos formavam esta classe dos *Familiares* do Santo Officio, promptos á primeira voz a irem prender qualquer individuo por ordem do execrando Tribunal, quer fôsse amigo, irmão ou mesmo o pae. O titulo de

zes, foi preza no mesmo dia pelo familiar do Santo Officio o Conde de Athouguia; sua mãe Lourença Coutinho, na viuvez de pouco mais de um anno, foi pela terceira vez preza no dia 12 d'esse Outubro. Qual o motivo d'este attentado? Secretas instigações levaram uma preta escrava, que Lourença Coutinho trouxera do Brasil, chamada Leonor Soares, a ir fazer denuncia d'aquella familia á Inquisição. Que percebia a boçal escrava de praticas cultuaes de ritos catholicos ou judaicos? E para evitar que se reconhecesse o embuste de tal denuncia, deram cabo da preta no terror do carcere em 11 de Maio de 1738. O carcere inquisitorial era uma permanente e prolongada tortura; era um cubiculo não tendo mais do que trez a quatro metros, lageado e recebendo a luz de uma fresta alta, sufficiente para não morrer asphyxiado; dormia-se sobre palha, e em um caneco de páo se conservavam os dejectos durante oito dias, em que se fazia a limpeza, e em que se varriam os bichos desenvolvidos na immundicie. A demora e lentidão dos processos levava ao desespero e ás febres putridas muitas vezes antes do supplicio de ser queimado vivo para gloria de Deus. N'esses cubiculos cabiam apenas duas pessoas, sendo uma d'ellas escolhida para exercer espionagem secreta, no meio das angustias e lamentos do companheiro. Antonio José da Silva teve em Abril de 1738 um companheiro chamado

---

Familiar tornara-se honorifico, porque era uma affirmação da pureza de sangue, de raça sem mestiçagem. O fanatismo, que era o estado agudo d'esta pandemia religiosa, tornou-se um caracteristico da alta nobreza, que se deixara rebaixar á insania de fornecer os *esbirros* de um tribunal de sicarios.

José Luiz de Azevedo: era um supposto prezo, que prestou informações do que vira e ouvira, no julgamento; em 10 de Setembro foi substituido por um soldado de cavallaria dos Dragões de Beja, chamado Bento Pereira. Este serviu por tal modo os intentos da Inquisição, que foi posto em liberdade no mesmo Auto de Fé, em que Antonio José da Silva era levado á fogueira. E não bastando ainda este esmagamento, Leonor Maria de Carvalho, que entrara para o carcere gravida de mezes, ahi abortou pelo terror do seu nascituro filho. Uma testemunha depunha no tribunal que Antonio José da Silva não queria comer; outra, ue apesar d'isso estava bem disposto, embora ma-ilento; os *familiares*, que o espreitavam no car-ere, declaravam que elle pegara em umas Horas não lêra, nem se benzera depois de comer; ou-a, que estivera de joelhos virado para a porta o carcere; e o tal soldado Bento Pereira, seu ompanheiro até Fevereiro de 1739, levou a mal-adez a accusal-o que o incitava a não rezar pe-s contas e que não comia carne. Leonor de arvalho, desde 5 de Outubro de 1737 a Feve-iro de 1738, gemeu na escuridade de uma en-ovia, sem saber por que estava alli; e como ne-ou tudo de quanto a accusavam, foi posta a *tor-ento corrido* em 10 de Outubro de 1739. Em de Setembro d'este mesmo anno, Lourença outinho tambem foi submettida á tortura.

Sempre ignorado o dia em que os prezos eram ntenciados, lia-se-lhes a sentença na festa so-nne do Auto de Fé, quando sahiam processio-lmente para a morte aviltante e cannibalesca. ssim n'esta pávida surpreza se achou Antonio sé da Silva, enfeitado com uma mitra de papel amada *carocha* e *sambenito*, uma ópa ama-

rella pintada com chammas e diabos, a ouvir lêr a sentença de morte, que o satanico Tribunal, não lhe competindo fazer effusão de sangue, encarregava a Justiça civil de effectuar a ominosa execução. A esta degradação affrontosa do poder civil, chamava-se no formulario inquisitorial — *relaxar ao braço secular.* No Auto de Fé celebrado solemnemente na Egreja de S. Domingos em 18 de Outubro de 1739, ouviu Antonio José da Silva lêr a sentença que o *relaxava ao braço secular,* e as sentenças que condemnavam sua mulher e sua mãe a carcere a *arbitrio da auctoridade ecclesiastica.* N'este transe, em que o sentimento humano estava abaixo do estado moral do homem das cavernas, veiu um padre jesuita Francisco Lopes fazer o ludibrio de confortar o padecente com o palavriado theologico, missão pela qual eram chamados os *Padres Tristes.* Acabado o Sermão do Auto de Fé, sahiu a procissão da Egreja de S. Domingos; os *familiares* nobres acompanhavam os penitenciados a *carcere a arbitrio*, e os *familiares* burguezes acompanhavam os que eram relaxados ao *braço secular.* Na fila d'estes que iam ser queimados vivos era o n.º 7 Antonio José da Silva. Publicou-se uma *Lista das Pessoas que sahiram condemnadas no Aut publico de Fé, que se celebrou na egreja do Con vento de San Domingos de Lisboa, no domin go, 18 de Outubro de 1739, sendo Inquisido Geral Nuno da Cunha.* Era como o bando d uma tourada, mas em que o sêr humano era cha cinado. Lia-se na lista das:

« *Pessoas relaxadas em carne:*

« N.º 7. Idade 34 anos, Antonio José da Silv *x. n.* (quer dizer *christão novo)* advogado, natu ral da cidade do Rio de Janeiro, e morador n

cidade de Lisboa Occidental, reconciliado por culpas de judaísmo no Auto de Fé que se celebrou na egreja do Convento de S. Domingos d'esta mesma cidade em 13 de Outubro de 1726. Convicto, negativo e relapso.»

Desde 1713 deixaram de se fazer as fogueiras dos Autos de Fé no Rocio, passando para o Campo da Forca ou Terreiro da Lã (hoje Terreiro do Trigo); ahi estavam sete póstes com pedestaes de lenha, e a elles eram amarrados os desgraçados entregues ao braço secular, em seguida simultaneamente asphyxiados e devorados pelas chammas, que lentamente se ateavam, de sorte, que era um favor especial o degolar-se a victima previamente antes de ser pasto das chammas. Antonio José da Silva teve este favor inquisitorial; o espectaculo horripilante acabava entre vaias dos fanaticos quando as cinzas dos executados eram espalhadas ao vento ou atiradas ao Tejo. [1] Segundo a praxe, no dia seguinte á exe-

[1] Quando em 1871 traçámos a biographia de Antonio José da Silva, fundada sobre o processo da Inquisição, que se guarda na Torre do Tombo, escrevemos sob angustiosa emoção moral estas palavras: «Bastava esta violação da natureza e da verdade, para que a justiça eterna envolvesse a nova Babylonia no grande cataclismo de 1755.» (*Hist. do Theatro portuguez*, t. III, p. 186.) Passados trinta annos, em 1901, referindo-se ao terremoto de 13 de Abril de 1755, escrevia o Dr. Sousa Viterbo: «Que admira, porém, que o povo ignorante e fanatisado, suggestionado por interesses ruins e paixões inconfessaveis, procurasse uma victima expiatoria, se um dos mais fecundos e notaveis escriptores da actualidade considerou o terremoto de 1755 como pena merecida por se haver queimado, annos antes, nas fogueiras inquisitoriaes, o poeta Antonio José da Silva, cognominado o *Judeu*, o mais genuino successor de Gil Vicente.

«Hoje, a não ser uma intelligencia completamente

cução, foi exposto o retrato de Antonio José da Silva (a cabeça sobre brazas) na egreja dos dominicanos, tendo inscripto o seu nome e por baixo: *Convicto, negativo e relapso.* Pelo processo sabe-se que era de estatura mediana, magro e alvo, com cabello castanho escuro. A mãe, então de 61 annos, morreu poucos mezes depois.

O abbade de Sever, publicando em 1749 o tomo IV da *Bibliotheca Lusitana*, teve de incluir o nome de Antonio José da Silva como comediographo, não alludindo á sua execranda morte na fogueira inquisitorial. O bispo do Gram Pará, Frei João de S. José Queiroz, nas suas *Memorias,* elogiando o theatro de Goldoni, ousa justificar a morte de Antonio José da Silva: «Se o *judeu* Antonio José da Silva soubesse as regras do theatro e aproveitasse seu grande engenho, seria um dos primeiros homens; mas a sua ignorancia e falta de probidade fizeram que, attentando sómente em fazer rir, perdeu de vista o aproveitar. Não attingiu o alto ponto de misturar o util com o doce, antes cahiu tanto que enxafurdou na immundicie, e *deveriam ser queimadas suas Operas, imitadoras da fortuna do seu author, que expirou tragicamente no fogo em Lisboa, por desertar da lei de Christo.*» (*Mem.*, p. 120.) E com este nariz de cera, legitíma o crime de lesa-humanidade. Para refutar o seu criterio sobre a impericia do renovador da tradição comica de Gil Vicente, copiamos as palavras do Arcebispo de Evora (Frei Fortunato de San Boaventura) nos *Subsidios para se escrever*

---

rude, ninguem seria capaz de attribuir a causas sobrenaturaes os phenomenos que estamos observando.» (*Diario de Noticias,* 29-IV-901.)

a Historia litteraria de Portugal: «O theatro do judeu Antonio José da Silva não é uma obra prima n'esse genero; mas é todavia farta de bellezas que fazem lembrar Aristophanes, Terencio e Molière..., (op. cit., p. 192.) Respirava-se já na atmosphera do seculo XIX.

Que mais se podia pedir a quem a morte arrebatou aos trinta e quatro annos, e nos breves intervallos de liberdade, viveu em uma sociedade privada de opinião publica, para a qual a ordem era a estabilidade do constituido, mantida pelas fôrcas do rei e pelas fogueiras do Santo Officio! O theatro, só podia ser um espectaculo de deslumbramento ou a facecia equivoca da farça e a surpreza das tramoias ou mutações de scenario, por actores cuja actividade artistica era mister infamante. Antonio José da Silva fez a fusão heteroclita da *baixa Comedia* e da *Opera*, que o povo acceitou com o titulo de *Operas do Judeu;* a ellas alludira Garção:

> As portuguezas *Operas* impressas
> De *Encanto de Medea*, *Precipicios*
> *De Phœtonte*, *Alecrim e Mangerona*,
> Em outras nunca achei galanteria.

Eram estas as principaes Comedias do *brasileiro* Antonio José da Silva, em que retrata os typos populares, empregando em situações grotescas ou *picaras* os seus modismos peculiares da lingua portugueza melhor conservados na colonia longinqua, parodiando os costumes e matizando os lances comicos com melodias tradicionaes, as *Modinhas*, que ouvira com encanto na sua juvenilidade. O prestigio das Arias das Operas italianas, e o *imbroglio* das Comedias de Goldoni, impeliram-no a essas parodias da Comedia

popular com a figuração mythologica, temperando as situações burlescas com a graciosidade de trechos lyricos, adaptados ás melodias nativas das *Modinhas*, que se vulgarisaram em Lisboa, e da Côrte se generalisaram a todo o paiz. Quando Beckford estacionou em Portugal, estava a *Modinha* na maior influencia, e o atilado lord assim a define: « Quem nunca ouviu este original genero de musica, desconhecerá para sempre as fascinantes melodias que tem subsistido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, (*robatus*, como lhes chamou Chopin), como se faltasse o folego por excesso de enlevo e a alma anhelasse de unir-se a outra alma de algum objecto querido; com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear o leite, e o veneno da sensualidade vae calando no intimo da existencia... » (Carta VIII.) Antonio José da Silva, mais conhecido pela graça portugueza da tradição estudantesca, era um poeta lyrico sinceramente apaixonado, e muitas das pequenas Odes ou Arias, que fôram a letra das *Modinhas*, lembram as *Lyras* de Gonzaga, do fim do seculo XVIII. Transcrevemos algumas d'essas Arias, que se cantavam na intriga da Comedia; aria do *Labyrinto de Creta:*

Se foges, tyranna
De ouvir meus suspiros,
Suspende os retiros;
Porque de meus ecos
Não podes fugir.
  Oh quanto te enganas
No mal com que abrazas,
Se amor, que tem azas
Te sabe seguir.

(*Theatro comico*, II, 13.)

O navegante
Que combatido
De uma tormenta,
Logo experimenta
Quieto o vento,
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo
Que vae crescendo
Minha ventura
E vae cessando
De meu gemido
O suspirar.
(*Ib.*, p. 75.)

N'uma alma inflammada,
Em amor abrazada,
Cruel Labyrinto
Fabrica o Amor;
Porém quem espera
O bem de uma fera,
Acertos de um cego,
De um monstro favor?
(*Ib.*, p. 89.)

Confusa e perdida
Sem alma e sem vida,
Allivio em meus males
Aonde acharei?
Se infiel tyrannia
De um cego me guia
Em tantos enleios,
Que acentos terei?
(*Ib.*, p. 104.)

Fazia-se uma linda Anthologia d'estas letrilhas, que se cantavam a duo e em minuete. Strafford, na *Historia da Musica*, considerou este typo do *Lied* portuguez: «Possue o povo portuguez um grande numero de Arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas arias nacionaes são os *Lunduns* e as *Modinhas*. Em nada se parecem com as de outras nações; a modulação

é absolutamente original. As melodias portuguezas são simples, nobres e muito expressivas. E' para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana.» (*Op. cit.*, p. 265, trad. franc.) Assim como o Auto vicentimo estacionou sem se desenvolver na *Comedia famosa*, e nem esta se transforma na Comedia de caracter, molièresca, tambem a *Modinha* ficou rudimentar, sem formar a *Suite* que conduziu á estructura da Sonata. Esta atonia era a consequencia da atrophia nacional. A Côrte, dispendendo a riqueza publica em construcções pharaónicas de conventos e palacios, abrilhantava a sua sumptuosidade com as Operas italianas, ficando sem expressão e apagado o sentimento nacional.

O titulo vulgar de *Operas* do Judeu, define a sua fórma historica: simples Comedias declamadas, tendo intercalados varios cantares melodicos de Arias então conhecidas. Tal a fórma rudimentar da *Opera Comica*, a que em França no principio do seculo XVIII se dava o nome de *Vaudeville.* Como Piron, Vadé e Favart, gosavam do fervor publico n'este genero, tambem Antonio José da Silva obteve a sympathia geral. Faltou-lhe quem musicalmente lhe desenvolvesse as *Modinhas*, sem as suas se substituirem por composições italianas. Ficaram as suas Operas subsistindo apenas pela declamação dramatica. Não aconteceu assim em França, porque as poesias de Vadé, Favart e Sedaine, inspiraram as bellas Arias de Duni, Philider, Gretry e Monsigny, creadores da *Opera Comica.* Perdêmos o momento evolutivo para a creação da Opera portugueza.

b) *A Opera na Côrte — Theatro da Rua dos Condes.* — Depois de 1682, em que pela primeira vez se ouviu em Lisboa musica italiana dramatica, segundo descreve Arcourt Padilha nas suas *Memorias*, ficou interrompido esse novo gosto artistico, já dominante nas Côrtes de Vienna e Paris. Padilha revela que a Opera italiana provocara bastante escarneo. E' facil explicar o phenomeno; os Jesuitas exhibiam nas suas festas solemnès representações declamadas e cantadas, em latim, com apparatosos scenarios, mutações, tramoias e valentes córos, as suas Tragi-comedias. A Opera italiana vinha amesquinhar este espectaculo, já consagrado desde o seculo XVI; para sustar a nova corrente, reimprimiram em Lisboa, em 1690, o celebre livro do jesuita P.^e^ Ignacio de Camargo, *Discurso theologico sobre los Teatros y las Comedias deste siglo.* Ahi se dá largas ao protesto contra a musica dramatica: « a doce harmonia dos instrumentos, a destreza e suavidade das vozes, a conceituada agudeza das letras, a variedade e doçura dos *Tonos*, o ar e sabor dos estribilhos, a graça dos quebros, a suspensão dos redobles e contrapontos, fazem tão suave e deliciosa harmonia, que tem os ouvidos suspensos e como fascinados. A qualquer letrilha ou Tono que cantem no theatro, lhe dão tal graça e um sal, que Hidalgo, aquelle celeberrimo musico da Capella Real, confessava com admiração, que nunca elle pudera compor cousa de tanto primor; e dizia elle com graça, que sem duvida o Diabo era nos Páteos mestre de Capella. Todos os Tonos, que se cantam nas Comedias, sem que n'isto haja apenas qualquer variedade, são de materias amorosas, ternuras e friezas loucas, expressões de affectos e de cuidados, queixas de

amantes, pinturas de damas, louvor de formosuras, — tyrannias de amor, milagres de belleza, vigores de mocidade, divinos impossiveis, laços de cabello, neve de mãos, flexas dos olhos, coraes dos labios, Ethna dos peitos, prisão das vontades, fogo dos corações. Não é isto?... Especialmente ouvindo soar entre aquellas vozes amorosas, os accentos doces e suaves das mulheres, cuja enganosa voz encanta e perverte as almas, como bem pondera Hugo de San Victor, assim como a sua mentirosa formosura inflamma a carne em torpes concupiscencias.» (*Op. cit.*, p. 82 a 85. Ed. Lisboa, 1690.) Contra a admissão da Opera italiana, era preciso vencer o costume e predilecção pelos *Villancicos*, cantados nas festas religiosas sobre letras de apaixonado lyrismo; existem varias collecções impressas dos *Villancicos*, cantados na Capella Real de Villa Viçosa, de 1669 a 1706 e de 1690 a 1715. D. João v tinha uma paixão exclusiva pela musica religiosa, merecendo-lhe a maior sympathia o Cantochão, para o qual fundou uma eschola em S. José de Ribamar, dirigida por um frade veneziano. Os seus principaes cuidados foram para o engrandecimento da sua Capella Real e a transformação sumptuosa da Patriarchal em competencia com a capella pontificia. Como se tornou o reinado de D. João v o mais faustoso protector da Opera italiana? Casou com a princeza Maria Anna de Austria em 21 de Outubro de 1708; tinha ella vinte e cinco annos, e fôra creada na côrte de Leopoldo I, em que predominava em absoluto a Opera italiana. O prestigio dos cantores italianos era tal, que repelliam a cooperação com cantores allemães. Só no reinado de Leopoldo I se cantaram quatrocentas Operas italianas, como refere

Oscar Teube, historiando o Theatro de Vienna. Este prestigio prevaleceu sob Joseph II. Não admira portanto o influxo da joven rainha Maria Anna de Austria, continuado pelo atavismo dos Braganças. Para Mestre da Capella Real veiu o mais celebre clavecinista europeu Domenico Scarlati, que foi o educador da talentosa princeza D. Maria Barbora, futura rainha de Hespanha. Pelos libretes das primeiras Operas representadas na côrte, vê-se como D. Maria Anna de Austria foi dando entrada nas festas da côrte á Opera italiana; apontaremos alguns d'esses documentos:

Fabula de Alfeo y Aretusa. Fiesta harmoniosa con toda la variedad de instrumientos, con que la Reyna, nuestra Señora D. Maria Anna de Austria, celebró el real nombre Del Rey, nuestro Señor D. Juan V, a 24 de Junio d'este año de 1712.

El poder de la Harmonia. Fiesta de Zarzuela que à los felices años Del Rey nuestro Señor D. Juan V, se representó en seu real palacio el 22 de Outubro de 1713.

A vinda de cantores italianos para a Capella da Patriarchal, tornou mais frequente esta forma dos espectaculos da côrte de D. João V. Em 1720 representa-se no dia 24 de Junho a *Cantata Pastorale*, serenata em duas partes. Em 27 de Dezembro de 1723 a serenata *Le Neinfe del Tago;* em 31 de Março de 1726, *Drama Pastorale* pelo nascimento da infanta de Hespanha, D. Marianna Victoria, futura rainha de Portugal; em 22 de Outubro de 1728, aos annos de D. João V, a Serenata a seis vozes *Gli Sogni amorosi.*

Seguia-se o costume da côrte de Vienna de Austria: «Todos os annos nos dias de carnaval

se representava um *Componimento dramatico*, *Drama comico* ou Fiestas theatrales; nos dias de solemnidades, taes como anniversarios, consorcios, etc., executava-se uma *Serenata* ou *Cantata* allusiva; emfim, a propria *Oratoria*, invenção dos Padres Congregados de S. Filippe Nery, constituia propriamente uma variante religiosa das Festas profanas.» (E. Vieira, *Mus. port.*, t. I, 14.) Cyrillo Volckmar Machado, na Collecção de *Memorias*, escreve: «Os Padres do Oratorio tambem tinham um Theatro, em que os seus estudantes representavam pelo Carnaval, cujo architecto decorador era Ignacio de Oliveira...» (*Op. cit.*, p. 197.) Estas representações carnavalescas eram do proprio Instituto Oratoriano, como escreve Nacci Aretino, na *Vita* de S. Filippe Nery: «Nel tempo del carnevale per levare loro l'occasione di andar al corso, ò alla comedie lascive era solito farfare delle representazione.» (p. 130.) E assim se creou esta bella forma de Opera sacra.

Uma das causas mais directas do desenvolvimento musical, sobretudo da Opera italiana, foi resultante do casamento da Infanta D. Maria Barbora de Bragança (1711-1758) com o principe das Asturias (depois Fernando IV) em 19 de Janeiro de 1729 e do principe D. José com a infanta D. Marianna Victoria de Bourbon. Nas festas em Evora representaram os Jesuitas uma extensa Tragicomedia intitulada *Lusitaniæ Augustam Victoria coronatam,* que levou dois dias[1].

---

[1] Fr. Joseph da Natividade publicou um grosso volume *Fasto de Hymenea* ou *Historia panegyrica dos Desposorios de D. José I e de D. Mariana Victoria de Bourbon.* Lisboa, 1753. (Pags. 301, 303 e 328.)

A infanta D. Maria Barbora de Bragança, foi discipula genial de Domenico Scarlati; levou para a côrte hespanhola a sua paixão pela musica; era de uma technica assombrosa como clavecinista; revelou-se tambem como compositora eximia. Domenico Scarlati, que deixara Portugal pela occasião do casamento da Infanta, partiu para a Italia a pretexto de visitar seu velho pae; mas em breve foi chamado para a côrte de Madrid. Ainda Princeza das Asturias, D. Maria Barbora de Bragança compoz uma *Salve-Rainha*, extremamente admirada pela pureza e graça d'aquella saudação religiosa. O Mestre principal da Capella Real D. Joseph de Torres, mandou uma copia ao Mestre da Capella de Evora Pedro Vaz Rego; este escreveu um romance assonantado em louvor da *Salve-Rainha*, em que fez sentir os antecedentes atávicos do genio musical da princeza:

Esta musica no es de lo terreno...
Para esta provinieron sus influxos
Las *Leonoras*, los *Joanes*, los *Leopoldos*
y la sabia *Maria Ana*, augusta madre,
que ilustraran los numeros sonoros.
De *Austria* y de *Portugal* la soberana
agradecida al Supremo Solio,
procurando el mayor divino culto
aumentan las peañas de sus tronos.
Assi nuestra doctísima Princeza
seguiendo el preclarissimo en notorio
exemplo de sus padres. tios y *abuelos*
gloriosamente imita, excede a todos.
La continua tarea en que lidiando
anda siempre su espirito estudioso.
. . . .
toma por diversion todo el trabajo
y en lo que lida encuentra el desahuego.
Por esto al expressar sus divisiones
sob esto formar obra de su trono,

que el de la Imperatriz de cielo y tierra
riende en primicias de sus sabios ocios.
Salvé pués, serenísima Princeza...
Simulacro de gracias especiales,
de virtudes riquissimo tesoro.
Salve y mil vezes salve, o prodigiosa
esperança de España, que en sus votos,
anhelante suspira en flor tan bella...
sus principes, belíssimos pimpollos.

O Mestre da Capella de Madrid Joseph de Torres, respondendo em um romance encomiastico ao de Evora, allude á technica assombrosa de D. Maria Barbora:

Tan nunca vista singular destreza
tiene en herir las teclas, que al tocarlas
a los dedos los ruegom que las pise
por besar su real mano quando passe.

Joaquim de Vasconcellos, que encontrou estas poesias em folha avulsa na Bibliotheca da Ajuda, fixa-lhe a data em 1731, mostrando a importancia mutua das escholas peninsulares da Musica. [1]

A acção da rainha D. Marianna Victoria de Bourbon, desde o seu casamento com D. José, ainda principe herdeiro, sobre o esplendor da musica na côrte portugueza, foi verdadeiramente extraordinaria. Transcrevemos aqui o retrato feito pelo magistrado Gramoza, nos *Successos de Portugal*, da individualidade artistica de D. Marianna Victoria: «Na Musica, que soube fundamentalmente, excedia a todas as princezas do seu tempo, e chegou a possuir a mais sublime *Orchestra*, que nenhum principe da Europa teve, nem será

[1] *El-Rei D. João IV*, p. 138 a 166.

facil juntar outra semelhante pelo concurso dos musicos raros, tanto em vozes como em instrumentos, que então floresciam, e os mandava vir de toda a parte, principalmente de Italia, dando-se-lhes avultados ordenados, como foram Gicieli (Gizzielo) *Cafareli*, Raff, Baptistini, Leonardi e outros muitos, que representaram no real Theatro que o Senhor Rei Dom José edificou, o qual, pela sua grandeza verdadeiramente real, foi uma das maravilhas mais assombrosas d'aquelle tempo, como foi constante em toda a Europa. E porque, além das representações theatraes, a mesma senhora em repetidas vezes os mandava cantar na sua Camara, alcançou com este exercicio de tanto gosto e apreço, as maiores luzes e as mais delicadas passagens da musica, que executava na sua mesma Camara, não só cantando como egualmente tocando no Cravo as Tocatas mais difficultosas e de melhor gosto, que eram as de *Scarlati* (Domenico) mestre de musica da senhora D. Maria Barbora, rainha de Hespanha, o maior homem n'este genero, que então se conhecia.» (*Mem. hist.*, t. II, p. 48.) Em uma carta de Alexandre de Gusmão ao Arcediago de Oliveira, de 5 de Outubro de 1744, vê-se a importancia de Domenico Scarlati na côrte portugueza: «Da vinda de *Scarlati* (da côrte de Madrid) não tenho por ora esperança, porque o intento que o cá trazia, que era a pedir a El-Rei que o ajudasse para metter seus filhos em um seminario, S. Mag. lhe fez serviço mandando-lhes assistir com o necessario para este fim em Madrid mesmo.» (5 de Outubro de 1744.) «Como v. m. me pede, lhe certifico o que houver sobre a vinda de Scarlati e lhe digo que por ora está desvanecida essa ideia, porque de lá alcançou o que cá vinha bus-

car, que era assistencia de S. Mag. para pôr seus filhos em um Collegio.» (31 de Maio de 1745.) (*Rev. Litteraria*, t. x, p. 374. Porto, 1843.)

Nas festas do paço real já se iniciavam as composições portuguezas segundo o gosto italiano; o nome que primeiro brilha é o de Francisco Antonio de Almeida, que compoz para o Carnaval de 1733 o drama comico *La pazienza di Socrates*, que se cantou na côrte; no anno de 1735, para uma egual festa, compoz *La finta Pazza*, drama por musica; e para o Carnaval de 1739, compoz e fez cantar-se *La Spinela o vero il Vecchio Matti*, em trez actos. Já o moderno estylo apparece iniciado por Francisco Antonio de Almeida, «a melodia moderna, e onde já não se encontra sombra sequer do contraponto flamengo. E' muito notavel este facto, porque poucos annos antes o estylo polyphonico servia de base ao trabalho dos nossos compositores, entre os *Villancicos* de Marques Lesbio, que trabalhou até 1709.» (E. Vieira, *op. cit.*, t. I, p. 15.) Para facilitar o desenvolvimento dos espectaculos melodramaticos, D. João V revogou o privilegio do Hospital de Todos os Santos para a exploração das representações theatraes.

O violinista do paço, Alexandre Paghetti, que tinha quatro filhas lindas e boas cantoras, obteve em 1733 o privilegio de dar espectaculos publicos de operas italianas; para isso formou um theatro ou *Academia de Musica*, junto ao convento da Trindade, defronte da praça. D'esta celebre companhia lyrica fala Volkmar Machado: «Vieram as *Paquetas*, famosas cantarinas, que representaram *Alexandre na India*, para cuja peça poz o Anibalinho, que fez o templo de Baccho...» As *Paquetas* eram Anna, Helena, Adriana e

Francisca Paghetti, filhas do emprezario Alexandre Paghetti. Ahi se representara em 1735 a opera *Farnaces*. A fidalguia da côrte enthuziasmara-se, e o Paghetti dispendeu trinta e cinco mil cruzados para scenarios e tramoias, e tudo corria ás mil maravilhas, quando pelo fallecimento da joven infanta D. Francisca, pelo luto da côrte, teve de ser fechada a Opera da Trindade. Foi então a mesma Companhia estabelecer-se no Theatro da Rua dos Condes, o *Theatro Novo*, patrocinada pelos fidalgos. Alexandre Paghetti, no principio de 1738, passou os seus direitos a Antonio Ferreira Carlos, continuando-se as representações nas *Hortas dos Condes*, em 1738. Em 1739 já se representava a opera *Merope*, no *Theatro Novo*, como então se chamava ao Theatro construido na Rua dos Condes; foi a recita *Dedicada á Nobreza de Portugal*. D. João v manda construir no palacio de Belem um theatro destinado á representação de Operas, inaugurado em 4 de Novembro de 1739; e deu toda a grandeza ao theatro chamado da Casa da India, que se tornou celebre pela sua sumptuosidade com o nome de *Theatro da Ribeira* e Opera do Tejo. Alli appareceram os maiores cantores, os grandes compositores, os extraordinarios scenographos, como Servardoni. Esse prestigio da realeza tornou-se para o ministro Sebastião José de Carvalho um recurso para acobertar a acção ministerial com a magestade absoluta do Poder real, e convertendo os theatros populares em um recurso para distrahir a opinião publica desinteressando-a do juizo dos acontecimentos politicos.

§ II

O Seculo excepcional — As Ideias francezas

Se o facto mais capital do seculo XVI foi a dissidencia ou manifestação do Protestantismo, dando consequentemente logar á organisação das forças reaccionarias com a fundação da Companhia de Jesus, que se apoderou da disciplina das intelligencias, concentrando em si a direcção da instrucção publica europêa; no mesmo espirito da corrente revolucionaria, o facto mais decisivo do seculo XVIII foi a abolição da poderosa Companhia, iniciada nos paizes que mais incondicionalmente mantinham o regimen catholico-feudal, e tendo por effeito d'essa abolição de provêr ao estabelecimento de uma instrucção publica com o caracter *secular* e *nacional*. Estes dous successos estão intimamente ligados, e não se poderá explicar a profunda transformação pedagogica sem observar as condições sociaes em que se realizou a queda dos Jesuitas. Saint Priest mostra com toda a clareza, que não foram os philosophos do seculo XVIII com o seu negativismo critico, nem os ministros com as suas ideias philosophicas, que levaram os reis a derrubarem os mais fortes esteios da sua conservação, achando-se depois isolados na grande crise revolucionaria; escreve o auctor da *Histoire de la chute des Jesuites au XVIII siècle:* «Os panegyristas da Companhia mostram-nol-a succumbindo a uma conspiração preparada com arte, conduzida muito de longe, tornada inevitavel por maquinações complicadissimas. A dar-se-lhes credito, os reis,

os ministros e os philosophos colligaram-se contra ella, ou, o que vem a ser o mesmo aos seus olhos, contra a religião.

«Este ponto de vista é inexacto: para derrubar a Companhia, não houve no principio nem plano nem concerto. Indubitavelmente, muitos interesses diversos desde longo tempo se reuniram contra os Jesuitas, que haviam provocado vivas inimizades; mas, o que os perdeu não foi nem a philosophia, nem a politica. O signal para a sua queda não partiu nem de Ferney, nem de Versailles. Apezar das reminiscencias da bulla *Unigenitus*, ninguem em França pensava na destruição da Companhia; os unicos que tinham interesse em proscrevêl-a, os Jansenistas, contavam muitos inimigos para estarem por auxiliares.

«Quasi afastados egualmente dos dous partidos, os Philosophos não desejavam a destruição d'esse instituto, porque muito menos queriam o triumpho do Parlamento de Paris e a resurreição do Port Royal. Não existia em França, embora mais tarde se sustentasse o contrario, um partido previamente combinado contra os Jesuitas, nem houve conspiração ministerial; o Duque de Choiseul não lhes suscitou inimigos no meio-dia da Europa, não procurou testa-de-ferro para uma intriga de que elle não foi instigador. Não foi a França, nem os seus escriptores, nem os seus homens de Estado que tiveram o erro, ou a honra de proscrever os Jesuitas. A propria Philosophia não pode ser accusada d'isso senão indirectamente. E, o que é mais ainda, este acontecimento effectuou-se fóra da sua influencia.» Coube essa fundamental iniciativa a Portugal, então a monarchia mais arreigada á subserviencia catholica,

e na qual os Jesuitas tinham dominado durante dous seculos como senhores absolutos da politica e da instrucção publica. Singularmente extraordinario! Comte explica este facto pela inevitavel dissolução do regimen catholico-feudal, em que os proprios depositarios dos poderes retrogrados cahiram no desconhecimento das condições necessarias ao seu conservantismo egoista. Guizot caracterisa tambem o seculo XVIII como uma edade das mais aventurosas e arrojadas audacias, em que ao mais vivo espirito critico no campo especulativo correspondia a impetuosidade reformadora na acção ministerial. Effectivamente, o poder real ou monarchico, scinde-se no seculo XVIII em um novo *poder ministerial*, que governa como absoluto emquanto o rei se diverte e gosa o prestigio sagrado da soberania. A iniciativa do Marquez de Pombal foi uma resultante d'esta corrente, nitidamente caracterisada por Saint Priest. «A tendencia dos governos no seculo XVIII pode traduzir-se por esta fórmula: — o reformar pela arbitrariedade; todos os principes, todos os homens de Estado de um valor qualquer, procederam assim e marcharam para tal scopo; para isso empregaram mais ou menos hypocrisia na applicação do seu systema, e se elles recorreram para o poder absoluto, deram-se tambem ares de pedir perdão á philosophia. Pombal era pouco instruido e não entretinha relações com os Encyclopedistas. Na immensa correspondencia de Voltaire não se encontra uma unica carta dirigida ao Conde de Oeiras. Pombal adiantou a obra dos Encyclopedistas sem os consultar.

«Excedendo-os em actividade e franqueza, não renegou, nem os desculpou, nem mesmo intentou balbuciar a palavra liberdade e proclamou a ci-

vilisação legitima filha do despotismo. N'elle não ha reticencias nem applicações, nem palinodia; e seu espirito tacanho mas pertinaz, não quiz entrar em compromissos doutrinarios. Levou até ao fim o seu arbitrio e tirou d'elle tudo quanto podia dar. Os destinos geraes da especie humana não tocavam este sceptico em acção; a sua intelligencia não ia tão longe nem tão alto; sómente as chagas, as miserias particulares de Portugal é que o feriam vivamente; abrangeu-as no seu conjuncto com a vista e com a mão. D'aqui, uma multidão de decretos lançados uns após outros, que não tardaram a tirar os Portuguezes da sua lethargia secular.» Este retrato está traçado com a mestria e verdade com que Saint Priest conhece a historia social e politica do seculo XVIII; attribuindo a Portugal e ao seu arbitrario Ministro a iniciativa de um dos factos mais capitaes d'essa epoca, põe em relêvo uma tal anomalia: «Os homens que primeiro atacaram os Jesuitas não eram adeptos da Philosophia franceza; eram-lhes extranhas as suas maximas; causas inteiramente locaes, inteiramente particulares, inteiramente pessoaes, attingiram a Companhia no seu poder por tão longo tempo incontestado; e, para cumulo de assombro, este corpo tão vasto, cujos braços se estendiam, como muitas vezes se disse, até ás regiões outr'ora inexploradas; esta colonia universal de Roma, tão temivel para todos, ás vezes mesmo na sua metropole; finalmente, esta Companhia de Jesus, tão brilhante, tão polida na apparencia, recebeu o seu primeiro golpe, não dé alguma grande potencia, não em um dos principaes scenarios da Europa, mas em uma das suas extremas, em uma das monarchias mais isoladas e mais enfraquecidas.

«—Foi de Portugal que partiu este golpe. Poderia ser d'alli esperado? Não, se se pensa no poder da corporação, que n'este paiz dominava a monarchia e o povo, o throno e o altar. Sim, se se considera o quanto uma tal situação tinha de excessiva, e por consequencia de pouco duravel; se se recorda sobretudo ás circumstancias que, quer fortuitamente, quer por um nexo logico posto que secreto, se ligou a introducção dos Jesuitas na côrte de Lisboa.—O estabelecimento da Companhia coincide com a decadencia da monarchia portugueza. Para a desgraça de Portugal, os Jesuitas e a influencia estrangeira entraram n'esta nação ao mesmo tempo. A decadencia não foi lenta e progressiva, mas rapida e instantanea. Contra o testemunho de todos os escriptores não a attribuiremos aos Jesuitas; constatamos sómente que foi para elles lamentavel o assistirem-lhe como testemunhas activas. Com ou sem razão, a responsabilidade dos acontecimentos recae sobre aquelles que exercem o poder e, ninguem póde negal-o, o poder pertenceu-lhes em Portugal, sem interrupção, nem lacuna, em todo esse periodo de duzentos annos (1540-1750.)» Nos preambulos dos decretos do audacioso Ministro estabelece elle sempre em diffusissimos periodos a responsabilidade historica dos Jesuitas na decadencia das instituições e da nação portugueza, até ao ponto de forçar a nota cahindo nos absurdos do odio cego. No seu duello com a Companhia de Jesus, elle serviu-se da arma do processo historico, mais ainda do que da antiga politica, e no meio de uma complicada actividade ministerial empregava o melhor de seu tempo em redigir a *Deducção chronologica e analytica* dos estragos jesuiticos, para assim melhor fundamen-

tar perante as nações da Europa o que praticava em nome de El-Rei seu Senhor pela força da razão de Estado. A primeira consequencia do grande acontecimento da expulsão dos Jesuitas foi a necessidade immediata e inadiavel de supprir e reformar o ensino médio, depois de fechados os seus Collegios, e de proceder a uma reforma da Instrucção superior ou universitaria, tratando por ultimo da creação de escholas populares. Eis como surgiu o problema pedagogico moderno. O grande Ministro atacou o problema de frente; sob os aspectos pratico e theorico, urgia crear receita para pagar aos mestres, que não podiam ser *gratuitos* como ardilosamente eram os Jesuitas, e determinar as disciplinas que deviam constituir a instrucção secular dos cidadãos. A superioridade do Ministro revela-se no alto interesse com que acudia a todos os trabalhos pedagogicos para a reforma integral.

Durante o seu tempo a acção do Ministro foi atacada e exaltada pelas diversas correntes partidarias; Choiseul não se conformava com os seus processos, nem o applaudia. Escreve Saint Priest: «Estes dous estadistas não estavam unidos, não se entendiam, nem se poderiam entender. Nada havia de commum entre o pezado e vingativo Ministro portuguez, e o brilhante, o frivolo, o gracioso Ministro de Luiz xv. Nunca Choiseul applaudiu os actos de Pombal; nem falava d'elle senão com frieza, muitas vezes mesmo com despreso. A sua rudeza parecia-lhe grosseira, a sua emphase deslocada, a sua audacia impertinente. Mofava d'elle muitas vezes com o principe de Kaunitz: — Este senhor, diziam elles, tem sempre um Jesuita escarranchado no nariz. — Como ministro, como favorito, mais ainda, como grão-

senhor, o Duque repellia toda a comparação com o Marquez de fresca data. Tudo em Pombal chocava Choiseul, que o achava injusto, cruel, e o que é peior, de máo gosto.» Sabendo Pombal, por D. Vicente de Sousa, que Choiseul dissera que em França e na Europa debatiam-se negocios mais importantes do que o dos Jesuitas, replicou-lhe indirectamente de cá: «*Não ha negocio tão grande, que não seja menor que este*, barateado pelo Duque de Choiseul.» Os acontecimentos deram razão ao ministro de Portugal, desde que Choiseul e Aranda, expulsaram de França e de Hespanha os Jesuitas. Para a politica portugueza, o facto era capital, porque a Companhia de Jesus era o apoio firme da acção do *Castelhanismo* sempre preoccupado com a absorpção de Portugal, e de mais, pelo facto do *Pacto de Familia* fortificando-se com a França, ficando Portugal «*abandonado em preza ás cubiças e ás terribilidades castelhanas.*» Assim escreveu em 1774 a Luiz Pinto de Sousa quando enviado á Côrte de Londres. O primeiro golpe que Portugal deu no *Castelhanismo* foi a Revolução de 1640; tambem então abandonado pela França pelo casamento de Luiz XIV com uma princeza hespanhola, teve de procurar-se apoio em Inglaterra pelo casamento de uma infanta com Carlos II. A expulsão dos Jesuitas por Pombal, foi o segundo golpe no *Castelhanismo*, e para o seu pleno effeito assim fundamentava a alliança da Inglaterra: «se um dia viesse infelizmente a succeder, — se se fizesse executar o systema da união entre Portugal e Castella, estabelecido pelo imperador Carlos V, que durou tantos annos; e se com elle se conciliasse a outra incompatibilidade, que se tem considerado em ser a

côrte de Lisboa alliada da de Madrid, debaixo da interposição e garantia da de Paris, á qual certamente não conviria nunca, em que Castella se fizesse mais poderosa do que França pela união do continente de Portugal e de todos os seus vastissimos dominios ultramarinos; se esta grande metamorphose desgraçadamente viesse a apparecer um dia, quaes seriam as consequencias d'ella para a Gran-Bretanha?» E elle proprio respondendo a este problema mostra o quadro de um completo bloqueio á actividade maritima, mercantil e militar da Inglaterra. (Biker, — *O Marquez de Pombal*, Doc. ineditos, p. 30.)

Para Portugal a expulsão dos Jesuitas era a defeza do commercio no Brasil e a segurança do seu territorio; era a reforma da instrucção publica em Portugal; era a libertação da espionagem e das intrigas no paço e nas familias fidalgas, e d'essa infiltração do *Castelhanismo*. Choiseul não podia conhecer este alcance. Pelo seu lado os Philosophos não eram mais amaveis para com esse instrumento de demolição; no *Seculo de Luiz XIV* Voltaire allude aos processos politicos misturados com as cerimonias inquisitoriaes, em que *l'excès du ridicule était joint à l'excès d'horreur*. Pombal incommodava-se muito com as opiniões emittidas ácerca do seu Governo, e entendeu amordaçal-as em Portugal creando por decreto de 17 de Agosto de 1756 um Juizo Camerario para sentenciar summariamente, ficando uma devassa «sempre aberta sem limitação do tempo nem determinação de numero de testemunhas.» Muitas pessoas foram prezas por infamissimas denuncias, como a que causou a morte do generoso poeta da Arcadia, Garção, o auctor da primorosa Cantata de *Dido*. — Mas peior do

que o Juizo Camerario forjaram-se leis da imprensa em Portugal feitas por ministros liberalistas, para impedir que se desvendassem os roubos e delapidações dos Governos de bachareis pedantocratas, e mais abjectas, porque degradavam o poder judicial applicando-as.

Ao cabo de um seculo, apagam-se as paixões e é já facil apreciar o que houve de definitivo nas reformas pombalinas, e determinar a missão historica do super-homem. Como os grandes Ministros do seculo XVIII, Pombal representa a ultima transformação da realeza no *poder ministerial.* Comte formulou lucidamente esta synthese sociologica: «Os reis, anteriormente simples chefes guerreiros na Edade-média, deveriam sem duvida ser cada vez mais incompetentes para exercerem de um modo effectivo as immensas attribuições que tinham gradualmente conquistado sobre os outros poderes sociaes. É em resultado d'isto que, quasi desde a origem d'esta concentração revolucionaria, se vê por toda a parte surgir espontaneamente, pouco a pouco, uma nova força politica, o *poder ministerial,* extranho ao verdadeiro regimen da Edade-média, e que, posto que derivado e secundario, se torna de mais em mais incompativel á nova situação da realeza, e posteriormente vem adquirir uma importancia de mais em mais distincta, e mesmo independente.» O Marquez de Pombal exercendo toda a sua energica actividade para fortalecer o poder monarchico absoluto, tornou subalterna a pessoa de D. José, revestiu-o de uma soberania theatral á altura de uma mediocridade, exercendo elle em nome do rei uma soberania effectiva. Augusto Comte deduziu as consequencias contidas n'este phenomeno da marcha politica da Eu-

ropa em que o *poder ministerial* se torna preponderante: «Ora, uma tal instituição constitue necessariamente a confissão involuntaria de uma especie de impotencia radical da parte de um poder que, depois de ter absorvido todas as attribuições politicas, é assim levado a abdicar espontaneamente a direcção effectiva, de maneira a alterar gravemente e conjuntamente a sua dignidade social, e a sua dependencia.» Pela extincção dos Jesuitas e pela subalternidade da Realeza vê-se que no Seculo excepcional, os dous poderes se achavam em uma decadencia espontanea, antes mesmo da demolição revolucionaria. O cardeal Pacca, nas suas memorias, observava que nunca o poder do papado se achára em uma situação mais fraca do que no seculo XVIII, obedecendo ás imposições das monarchias catholicas, dos Bourbons e Braganças, e em que as doutrinas do regalismo se propagavam pelos escriptos de Febronio. O que se nota no enfraquecimento do poder espiritual catholico, manifesta-se tambem no poder temporal das dynastias reinantes como o define Cournot. «O seculo XVIII era um enfraquecimento da hereditariedade dynastica.» Extinguindo-se a dynastia hespanhola, succedendo-lhe as pequenas dynastias italianas, depois o ramo austriaco, indo parar nos ramos collateraes, em Portugal, á imbecilidade de D. José segue-se sua filha dementada D. Maria I, e é sob a regencia do idiotico e devasso D. João VI, que a nacionalidade portugueza se encontra diante da grande crise da Revolução franceza e das reacções conservantistas que suscitaram a orgia militar napoleonica. A lição dos factos impõe-nos a marcha a seguir: acaba um seculo que não cumpriu o seu destino proposto pelo seculo revolucionario: fundar o

novo poder espiritual na Sciencia, e organisar o poder temporal pela Democracia.

1.º *As reformas pombalinas.*—A entrada de Sebastião José de Carvalho para o ministerio por favor da rainha viuva, significava o primeiro triumpho contra o elemento jesuitico. A catastrophe instantanea do terremoto de 1755, que subverteu Lisboa, dando largas ao ministro para pôr em pratica a sua capacidade reformadora, coadjuvou-o no plano de se tornar o Mazarin d'este joven Luiz XIV. Sebastião José de Carvalho tinha vivido em Vienna de Austria e Inglaterra, conhecia as formas do Cesarismo, que se convertia em despotismo legal, e as novas fórmas de administração que se systematisavam em doutrinas economicas. Na situação em que se achava, já não podia ser um Mazarin, mas imitou á risca o seu discipulo Colbert; como elle, era tambem brutal e impassivel, como elle procurava casar os filhos nas familias mais opulentas do reino, como elle regulamentava tudo, instituia Companhias de commercio e industria, decretava monopolios, contractava operarios estrangeiros para o aperfeiçoamento das artes, e o plano da ruina de Fouquet tem analogias com a perseguição canibal contra a poderosa Casa de Aveiro. O golpe vibrado contra os Jesuitas em 1757, obrigou o activo ministro a acudir ao vacuo deixado na instrucção publica, decretando a reforma dos estudos menores até á hierarchia superior do ensino na Universidade de Coimbra. Na longa série das leis, decretos, cartas regias, avisos e regulamentos que mandou redigir, apparece sempre a França como um modelo do seu ideal politico e economico; na creação da *Intendencia geral da*

Policia em 25 de Junho de 1760, elle confunde a organisação militar com o poder judicial como no systema de Luiz XIV, assim como nos alvarás sobre os interesses e acções das Companhias, e sobre os juros do dinheiro, põe em jogo o *credito* trazido por Law em 1720 ao conflicto economico da intervenção do estado; o seu decreto contra os monopolios de trigo e milho, lembra o effeito reflexo da obra do abbade Galliani, *Dialogos sobre o commercio dos Trigos*, na lucta doutrinaria das duas escolas exclusivinistas, de Quesnay ou do *Systema agricola*, e de Gournay ou do *Systema mercantil*. Voltaire, fala com a sua philosophica ironia do prurido d'estas questões economicas em França: «Pelo anno de 1750, a nação farta de versos, de tragedias, de comedias, de operas, de romances, de historias romanescas, de reflexões moraes mais que romanescas ainda, e disputas theologicas sobre a graça e sobre as convulsões, poz-se por fim a arrasoar sobre os trigos. Puzeram-se de parte as vinhas para não falar senão de pão e centeio.» (*Dicc. phil.*, vb.º Blé.) As difficuldades financeiras a que o regimen perdulario do Cesarismo arrastara os estados, obrigavam á consideração da materia collectavel, e ao modo da percepção dos impostos; d'aqui nasceu a sciencia da *Economia*, chamada *politica* pelos physiocratas, pela sua confusão com a acção governativa. A reacção contra os monopolios, barreiras e alcavalas do fisco na troca dos productos do trabalho, synthetisada na formula *Laissez faire, laissez passer*, levou os novos Economistas a discutirem a origem, fórmas e condições de existencia do Estado, á proclamação dos direitos individuaes, estabelecendo-se assim uma transição logica e evolutiva para a

critica revolucionaria dos Encyclopedistas. Convém conhecer estas correntes geraes da Civilisação da Europa, sem o que é impossivel comprehender qualquer manifestação artistica, scientifica ou philosophica em um povo occidental. O ministro de D. José não comprehendeu esta nova phase das doutrinas economicas, e mandando destruir vinhas para que se semeasse trigo, prohibiu o commercio individual para monopolisal-o em Companhias privilegiadas. Ao exercer a sua forte iniciativa na reforma da instrucção publica, os litteratos esperaram receber do impetuoso ministro a protecção *official* para a Litteratura, como se viu nas homenagens servis que lhe dirigiu a *Arcadia Lusitana*. O Ministro despresou-os, servindo-se dos eruditos que podiam defendel-o nos libellos contra os Jesuitas, nas questões do regalismo contra Roma, como na *Tentativa theologica* do P.e Antonio Pereira, ou no *Compendio historico* e *Deducção chronologica*. Ainda sob este aspecto, transparece o caracter do litterato no seculo XVIII, que, como o jurisconsulto da Edade-média, combate pela liberdade politica e pela autonomia individual. O Marquez de Pombal não permittia esta liberdade mental da critica; prendia os poetas como Garção, e prohibia a entrada das obras dos Encyclopedistas, pelos Editaes da Meza Censoria. Como o regimen medieval das Universidades tinha sido extincto pelos Jesuitas, que as moldaram pelos seus Collegios, Pombal atacou-lhes esse reducto, organisando a *Junta de Providencia litteraria*, e procedeu a um inquerito fundamentado. E a opportunidade d'esta reforma resulta pela decadencia semelhante das Universidades de Hespanha e França no seculo XVIII.

a) *A Arcadia Lusitana.* — A terrivel catastrophe de Lisboa, a par das ruinas materiaes, devia reflectir-se na depressão dos espiritos. Contraditando esta natural consequencia, apparece um grupo de homens illustrados, quatro mezes depois d'esse cataclysmo inolvidavel, tratando de fundar uma Academia destinada a aperfeiçoar a Poesia, a Eloquencia e a Lingua portugueza. Não escapou ao espirito do preclaro Garção esse immediato contraste, e em uma Oração que veiu a recitar n'essa Academia observava: «Em tempo de calamidades e afflicções, quando parecia que os portuguezes só tratavam de reedificar Lisboa, e de restabelecer os seus particulares interesses — quando seria desculpavel que as Musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as Artes jazessem sepultadas nas ruinas da cidade, — n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das Sciencias, então fundamos esta Sociedade...» Foi em 11 de Março de 1756, que os trez bachareis, recentemente chegados de Coimbra, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Theotonio Gomes de Carvalho e Manuel Nicoláo Esteves Negrão deram realidade ao pensamento, que vinha continuar o influxo da *Sociedade dos Occultos,* que funccionara de 1745 a 1755, dispersada pelo terremoto. O projecto para *o estabelecimento de uma nova Academia, que com o nome de Arcadia se pretende fundar n'esta côrte de Lisboa, em Setembro de 1756*, é já uma consequencia dos trabalhos da vida associativa. A prova authentica da data inicial de 11 de Março de 1756, foi desconhecida a todos os criticos. Acha-se na Oração da *Ismeno Cisalpino,* que se guarda inedita na Bibliotheca de Evora, de que apontamos o extracto: « *Oração que fez*

na Arcadia de Lisboa Ismeno Cisalpino, com assistencia de muita parte da Côrte, em 11 de Março de 1758, por occasião de contar a dita Academia dois annos depois do seu estabelecimento.» Começa: «Permitti-me, oh pastores da fertil Arcadia, que hoje me possa suppôr totalmente esquecido da grosseria da nossa profissão... Dois annos ha que gosamos a pureza do clima a que nos conduzimos... Oh, que sereno ambiente temos descoberto...»

Por esta Oração conhece-se a actividade dos Arcades, dando noticia da versão da *Poetica* de Horacio, por Candido Lusitano (P.e Francisco José Freire, da Congregação do Oratorio) e da Tragedia *Edipo*. Vê-se, que a preoccupação dos Arcades era a lucta contra o gosto seiscentista contaminado pela poesia castelhana; e exemplificava as demasias metaphoricas com o verso: Ninhos de ouro em troncos de cristal — aos cabellos louros de uma dama; e Sombras sigilatas em tumulos de escuma, designando as letras no papel. E mostra d'onde provinham os obstaculos contra a Arcadia. A *Arcadia Lusitana* surgia: «no tempo em que no reino dominava o ardor das Academias de Bellas Letras, das quaes umas foram acabadas pela critica ou invectivas mal soffridas.» (Cenaculo, *Mem. hist.*, t. II, p. 180.) Mas no tempo de calamidades e afflicções, como as do terremoto, a chamada das Musas espavoridas, torna-se explicavel diante da narrativa de Sebastião José de Carvalho em carta de 13 de Novembro de 1755 a D. Luiz da Cunha, em que diz *ter-se conseguido o restabelecer-se a frequencia da cidade.* Os trez bachareis, achavam-se em Lisboa para fazerem a sua leitura para o despacho na magistratura; Theotonio Gomes de Carvalho e Manuel

Nicoláo Esteves Negrão pouco se importaram com as Musas; e Antonio Diniz da Cruz e Silva recatava-se da versificação como de cousa reparavel n'um magistrado.

Do terremoto de Lisboa, escreveu um hespanhol contemporaneo do successo, que era a desgraça mais feliz, que podia acontecer a Portugal. Essa felicidade não foi tanto a reedificação prompta e alargamento da cidade de Lisboa, como de investir o ministro com a dictadura, que elle utilisou nas extraordinarias reformas politicas, economicas, industriaes e pedagogicas, identificando Portugal com as nações cultas do seculo XVIII. Em carta de 13 de Novembro de 1755, dirigida a D. Luiz da Cunha, em Londres, communicava esta impressão: «do calamitoso dia primeiro do corrente, em que esta côrte foi surprehendida por um terremoto tão violento, que em cinco minutos arruinou quasi todos os templos e casas de Lisboa, com tão grande horror dos seus habitantes, que desamparando todos a cidade, se seguiram n'ella muitos incendios que causaram outro grande estrago. Depois d'aquelle dia se ficaram sentindo sempre outros abalos, que, posto que menos violentos, sempre inquietaram muito, achando-se tão vivas e recentes as impressões que deixou o primeiro.» E tendo já investigado os effeitos do cataclysmo na nobreza, que lhe era geralmente adversa, escreve ainda: «Não consta que do corpo da nobreza falte mais do que a marqueza de Louriçal, a condessa do Lumiares e sua filha D. Anna de Moscoso, e o principal D. Francisco de Noronha, irmão da marqueza de Angeja. Nos outros estados tambem foi muito menor o numero dos mortos do que se entendeu ao principio, regulando-se o arbitrio pelas ruinas dos edificios,

que foram tantas e tão consideraveis... *Tem-se conseguido o restabelecer-se a frequencia da cidade;* conservam-se n'ella abundancia de mantimentos ao mesmo preço que valiam o mez de Outubro proximo passado, extinguiram-se os incendios e extirparam-se os roubos e insultos a que deu occasião o desamparo em que os seus habitantes deixaram a cidade, cujos moradores pernoitam na maior parte em barracas nos suburbios e praças principaes.»

Parece ser redigida por Sebastião José de Carvalho a noticia do terremoto, que publicou a *Gazeta de Lisboa* no dia 3 de Novembro de 1755:

«*O dia 1.º do corrente ficará memoravel a todos os seculos pelos terremotos e incendios que arruinaram grande parte d'esta cidade, mas tem havido a felicidade de se acharem entre as ruinas os cofres da Fazenda real e da maior parte dos particulares.*»

Quem teria a insensibilidade moral para no segundo dia do tremendo cataclysmo, visionar a desgraça flagrante e clamorosa, que exprimem essas palavras sem alma?

Sómente aquelle que tudo mandou após a derrocada da cidade.

Fóra de Lisboa, em Bemfica, os trez iniciadores da restauração da Poesia, da Eloquencia e da Lingua portugueza «*se fingem Arcades*, e escolherão cada um o nome e sobrenome *adequado a esta ficção,* para por elles ser conhecido e nomeado em todas as funcções da Academia.» Era o estylo da Arcadia de Roma, na qual D. João V tivera o nome de *Albano*, o Conde da Ericeira *Osmanio Palisco*, e Verney o de *Verenio Orgiense.* «A divisa que terão os Arcades nos dias de Conferencias será um *Lirio* no qual mystica

mente se figura a Virgem, Senhora nossa, que a Arcadia toma immediatamente por sua Protectora, com o titulo de Conceição, em cujo dia haverá sempre uma sessão, e n'ella serão todos os Arcades obrigados a repetir composições em louvor d'este mysterio.» Com certeza os Arcades lusos desconheciam a origem litteraria d'esta usança medieval. Data do principio do seculo XII, quando se instituiu a ordem dominicana dos *Irmãos da Virgem*. Estava-se no furor fanatico da perseguição contra os Albigenses, que tanto repugnava aos trovadores ocitanicos. Como era lei da galanteria trobadoresca, dirigirem ás Damas as suas saudações poeticas, que denominavam *Aubades* alvoradas, e Serenadas *ou Serenas*, estabeleceu-se que essas saudações poeticas fôssem exclusivamente dirigidas á Virgem; eram os Canticos das Avè-Marias. Os trovadores que seguiram este piedoso estylo foram Bernardo Auriac, Guido Folquet, (depois papa Clemente IV), Pedro Corbiac, Pedro Cardinal, Perdigon, Lanfranc Cigala e Guilherme Autpen. D'aqui nasceram as *Ladainhas*, séries de epithetos os mais deslumbrantes dirigidos á Virgem, e as Saudações angelicas metrificadas pelo trovador que as valorisou quando papa. A organisação era mais ou menos moldada pela da *Academia de Historia portugueza*, presentindo a necessidade da unificação das Academias litterarias com as scientificas, que tarde se estabeleceu. Em resumo, dispõem os estatutos da *Arcadia Lusitana:* Uma sessão particular cada mez e duas sessões publicas, não contando as extraordinarias. Os cargos de Presidente, dois Arbitros e dois Censores temporarios, eram eleitos á sorte d'entre os membros. Renovação do segundo Censor em cada Conferencia.

Eram perpetuos os cargos de Secretario, Vice-Secretario e Guarda. Admittiam-se socios individuos de capacidade provada, por escrutinio secreto e unanimidade de votos. Obrigando a apresentarem os socios em cada sessão uma peça de prosa ou verso em latim, hespanhol, francez ou italiano, sendo preferida a escripta em portuguez; eram depois distribuidas aos respectivos Censores, que apresentavam parecer escripto na sessão immediata, e admittida a defeza do auctor, ficando a decisão ao Presidente e Arbitros e impostas as emendas. As Conferencias eram secretas, podendo admittir-se convidados. O Livro dos Registos dos Pareceres e das Resoluções em casos controversos só podiam ser lidos pelos Arcades, e tinha pena de exclusão o socio que os revelasse. A divisa da Arcadia symbolisada por um podão era *Truncat inutilia*, condizendo no seu intuito de aperfeiçoamento, com a divisa da Academia de Historia, *Restituet omnia*, salvando tudo pela investigação. A sala das Conferencias denominava-se *Mente Ménalo*, usando ahi a insignia allegorica de um Lirio.

Todas estas simulações anachronicas imprimiam um espirito de futilidade deploravel entre homens graduados, magistrados e professores, velhos cultos, suppondo-se em uma edade patriarchal, extranha á civilisação. A linguagem tornava-se caricata pela convenção, e os assumptos dos Idylios, Eglogas, Dithyrambos e Odes ostentavam-se productos falsos, sem gosto nem senso. Condizia com a metaphora catholica-apostolica-romana, em que o Papa se diz o Pastor dos rebanhos, os povos a quem trata por *oves meas*. Demais, o excesso de regulamentação academica matava toda a espontaneidade que exi-

ge a inspiração em quaesquer creações artisticas.
O fim da *Arcadia* era imitar a perfeição classica das litteraturas greco-romana, e reagir com toda a vehemencia contra essa liberdade metaphorica da rhetorica dos Seiscentistas. Garção filiou este contagio do Culteranismo na occupação castelhana, desde o desastre de Africa até á expulsão dos Filippes. «Estas successivas desgraças — afugentando as boas artes até ali estimadas e conhecidas em Portugal, introduziram tão estranha desordem nas escholas, que em poucos annos perdeu a Poesia portugueza seu antigo genio. A nobre simplicidade e pureza da phrase, a verosimilhança dos pensamentos e maravilha das ideias, a energia das figuras, tudo foi tratado com despreso. Jactava-se a liberdade d'aquelles tempos, que assim sacudiu o jugo das regras criminosamente austeras e que só serviam de opprimir a força do espirito tão prolixos eram em pontos de liberdade homens que arrastavam grilhões! Correu o tempo, e chegou o grande momento que quebraram os portuguezes os cêpos em que gemiam. — A teimosa guerra com que nos vimos obrigados a rebater a furia dos hespanhoes, (27 annos) ainda não permittia que entre o ruido das armas e motim dos tambores, se desse ouvidos á harmonia das musas; continuava a decadencia. Ajustou-se a paz, socegaram-se os animos; mas tão inveterado estava o contagio, que se houve quem o intentou, não houve quem não desesperasse da restauração das Bellas Lettras, das Artes e das Sciencias em Portugal. — E' verdade que alguns espiritos mais fortes tentaram esta empreza ainda hoje árdua e então impossivel; mas como nas primeiras escholas reinava certo espirito de opinião, que soberbamente

sustentava o espirito do *máo gosto*, o verdadeiro methodo ou se não conhecia ou se despresava. Fundaram-se Academias. Algumas permaneceram sem mais fructo que o de propagarem o contagio. Nos ultimos annos do prospero reinado de D. João v appareceram os primeiros crepusculos do *bom gosto*. Já então a *Sociedade dos Occultos* — trabalhava n'este tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria, se a publica desgraça não separasse tão util e tão sabia companhia.» Estas palavras de Garção fazem comprehender porque muitos dos membros da *Sociedade dos Occultos* entraram immediatamente na fundação da *Arcadia Lusitana*, a começar por elle.

Garção em uma das suas Orações, de 1758, fala d'esta phase dos estudos: «Adoptamos o systema da critica, da critica! phenomeno litterario, se lhe posso assim chamar, — que era em Portugal espantoso prognostico de desastres, e que não era visto entre nós com menos susto do que um eclipse entre os godos! Pois veiu a ser recebida com sereno gosto, veiu a ser desejada, conheceu-se que era esta a estrella que nos devia guiar; e que sem as luzes da critica não podia descobrir-se o verdadeiro gosto. Persuadimo-nos que era amizade e não odio a reciproca correcção das nossas obras, e quem expunha ao publico os seus escriptos sem este dar com esta lima o ultimo polimento, sujeitava seu nome ao despreso do mundo.» Diniz cae implacavel sobre os modismos plebeus do Pina, afoga-os entre os modelos de varias litteraturas, e pelos do seiscentismo em D. Francisco Manuel de Mello e em Rodrigues Lobo, vae encorporando na série o auctor da

Bucolica. Elpino não estava na verdade; pode-se escrever em linguagem archaica, quando artisticamente se quer produzir um effeito pittoresco, como fez Littré vertendo um canto da *Illiada* em velho francez. Tambem os modismos e plebeismo vulgar tem Manuel de Figueiredo, Amaral França, D. Joaquim Bernardes. A' sombra d'estes nomes os poetas seiscentistas pretendiam ser admittidos na academia nova. D'aqui uma lucta que foi uma das primeiras crises que poz em perigo a constituição da *Arcadia Lusitana*.

O mais cotado dos pretendentes era o exuberante polygrapho Francisco de Pina e Mello, que já figurara nas polemicas do *Verdadeiro Methodo de estudar*, com o seu livro intitulado *Balança intellectual* e acerrimo partidario dos Jesuitas. Pina e Mello nascera em 1795, e como sexagenario mal adoptaria as doutrinas dos jovens reformadores da litteratura. Era um dos membros da *Sociedade dos Occultos* em magnificas relações com os fidalgos a quem lisongeava em pomposos Epithalamicos em Genetliacos e odes. Garção tratava-o pelo nome de *Corvo do Mondego*, Valadares e Sousa criticara asperamente o seu poema *A Conquista de Goa*, e Diniz em suas Conferencias na *Arcadia* discutiu largamente sobre a sua *Bucolica*. Para ser recitada na sessão de 30 de Setembro de 1757 por *Elpino Nonacriense*, escreveu Diniz atacando a expressão rustica das Eglogas de Pina e Mello: «muitos presados de criticos — pondo que a Poesia era uma imitação da Natureza, assentaram firmemente que se não pode chamar perfeita uma Egloga, nem imita a Natureza, se n'ella se não encontram injustos barbarismos e grande numero de acções e phra-

ses toscas e grosseiras, a que elles dão o nome de estylo rustico. Um homem que em quasi todo o Portugal é respeitado como oraculo da Poesia, e a quem se não pode negar uma excellente phantasia ou grande engenho, dez são as Eglogas d'este estylo, que deu á luz, e não contente com isto, no Prologo d'ellas, sem mais fundamento ou authoridade que a que suppõe em si, magistralmente decide, que as Eglogas que se apartarem d'este estylo, não merecem este nome.» E examinando o estylo rustico, segundo o entendia o erudito Muratori, diz Elpino sobre as de Pina e Mello: «Eu, senhores, n'elle não encontro mais que acções muito vulgares, vis, grosseiras e indignas de entrarem n'um Poema, cujo fim é excitar em nós um vivo prazer com a imagem de simplicidade declarada e algumas sentenças e moralidades triviaes... E porque não parece que sentenciamos á revelia, citaremos alguns logares d'estas novas Eglogas.

«Um pastor chamado Nuno, que na Egloga VII, vem acordar o outro seu amigo, vendo que este se enfada de elle o chamar, lhe diz:

> Com mui pouco te quebrantas;
> E se o houvesse presumido,
> Não te vinha erguer das mantas,
> Mas estarás aborrido,
> Que inda agora te levantas.
>
> Está, como te aprouver,
> Como gostas, como queiras,
> E já que te fiz erguer,
> Se has de ir vêr as sementeiras,
> E' o que quero saber.

Ao que o tal Pastor, responde:

Hei-de ir, porque hei-de dar réga
E deitar á femea o macho,
Que lhe dei hontem uma esfrega;
E vêr os homens do sacho,
E hei-de pôr outros na séga.

Ao que Nuno replica:

Por Deus, que quem tanto havia
De fazer, estar de bôrco
Na cama até alto dia
A resonar como um porco,
Foi boa calaçaria.

Effeitos pittorescos de linguagem que bons poetas como Sá de Miranda ou D. Francisco Manuel de Mello, empregaram com fino gosto artistico nas suas Eglogas. Manuel de Faria e Sousa tem na sua *Fuente de Agaripe* duas Eglogas em linguagem popular do Minho, que bem mereciam ser estudadas philologicamente. Pina e Mello fez o mesmo para a linguagem popular da Beira Alta, nas suas dez Eglogas, que intencionalmente compuzera. Em sessão de 29 de Outubro de 1757, leu Elpino a segunda parte da sua Dissertação sobre o Estylo da Egloga. Aqui outra vez condemna os modismos da representação da vida campestre, e cita estas passagens de Pina e Mello:

Se cansares pelo atalho,
Antes de entrar na chacota,
Para empurrar uma gota,
Cá levo broa e mais alho.

Mas adiante muda de ataque, para mostrar como Pina e Mello, põe na bocca de seus pastores linguagem philosophica e politica. «Quem haverá, que lendo n'uma Egloga d'estas:

A's acções, que na memoria
Se tem fundado sómente,
Não se deve alguma gloria;
Porque foi o seu agente
Não a virtude, a vangloria:
. . . .

imagina que está ouvindo um Pastor e não um Filosofo?» Não contente com as reflexões criticas lidas no Menalo, Elpino tambem satirisava Pina em sonetos:

Alma triste do *Pina*, que orgulhosa
Em torno do Hypocrene andas vagando,
Por duas consoantes berregando,
Occupação aos vates trabalhosa.

Se lá na sua margem pantanosa
Com as mãos e focinhos chafurdando
Do negro fundo alguns fôres achando,
Bem m'os podes mandar para uma Glosa.

Tu que foste no mundo forte asylo.
Da *rimada poesia*, e firme affecto
Mostraste ao sabio imitador d'aquillo;

Bem m'os podes mandar, que eu te prometto
Ao teu nome compor em teu estylo
Um turgido e enigmatico soneto.

(*Poesias*, I, 133.)

A este Soneto e a outras composições analogas, respondeu Pina e Mello, por este: «*Aos Arcades de Lisboa, Odistas e novissimos introductores do seu chamado Verso branco, que o não podem fazer mais escuro:*

Dizei-me o que vos fiz, Arcados fracos,
Que tendes tanto empenho em destruir-me,
Se confessaes que não podeis seguir-me,
Pedi a Deus vos dê melhores cacos.

Contra os vossos espiritos opacos
Tenho Flaco e Camões em que me firme,
Com que, se haveis depois em vão seguir-me
Vivei como as corujas nos buracos.

Cita-se o auctor da *Eneida*. Eu, sim, venero
Tão grande authoridade, e a grega pluma,
De Homero em louvor vosso considero,

Porém, que intentaes vós, que se presuma?
Virgilio foi Virgilio, Homero Homero
E vós, Arcades meus, cousa nenhuma.

Ao Dr. João Gomes Ferreira, que fôra juiz em Montemór-o-Velho, a quem Pina offereceu a sua ultima publicação de 1755, a *Bucolica*, fortemente censurada na *Arcadia*, escrevia: «Aqui notará V. m. hum admiravel impulso da Providencia, permittindo, que V. m. me louve, ao mesmo tempo que tem sahido contra mim tantos Aristarcos no nosso Reino, que se tem convertido em Mômos, não só para atassalharem as minhas *Poesias*, mas as minhas *prosas*. — Dizem que os criticos mais crueis que tem sahido a campo são os famosos Pastores da nossa *Arcadia Lusitana;* e tendo noticia que a maior parte d'estes senhores se acham ainda n'aquella edade que o rosto anima com tinta vegetante e sem preludio, parecia-me que seriam necessarios uns bigodes postiços para fazerem o papel de Censores, imitando o Author do *Novo Methodo*, com o nome de *Barbadinho*.

«Lastima é que as creanças que cahem aos

pés das parteiras lhes nasçam logo as barbas! E ainda ha peior para accrescentar a monstruosidade, que com as barbas lhe venham logo os dentes para morderem na clava de Hercules. Clava tão dura, que todos os que a mordem sahem feridos e com os beiços ensanguentados.

«Eu quando ouvi, que se estabelecia uma nova *Arcadia* em Portugal, julguei seria para que os seus Pastores cultivassem os brejos incultos, e agora vejo que accrescentam espinhos nas terras maninhas.

«V. m. cuidará que eu me mortifico com estas surprezas dos engenhos da nossa éra. Posso dizer a V. m. que desejo rir-me, e que m'o impede a lastima que sempre tenho d'esta e de outras ninherias; e por mais que pretendo fazer a figura de Democrito, sempre ajunto as sobrancelhas e fico com o semblante de Heraclito. Que cousa mais digna de chorar-se, do que um Menino que ainda fede aos cueiros, queira empunhar a vara censoria e queira ser mestre antes de ser discipulo. Porém, saiba V. m. que, ainda crianças como são estes nossos Poetas a que lhes he necessario trazerem babadouro para não sujarem a camisa, ainda assim imitam a velhacaria de Tiberio...

«Pois aquelle mesmo Arcade de que V. m. me manda n'este correio, entre elles parece que faz a primeira figura, me está consultando quasi todas as semanas sobre as suas Prosas e Versos, pedindo-me que lh'os emende, com a maior efficacia, e posso encarecer a V. m. o que não tenho feito por modestia propria.

«Emfim, este ajuntamento he uma Francezada, que intentou passar a moda dos vestidos para a Eloquencia; e que por falta de espirito e

de verdadeiro conhecimento d'esta faculdade emprehendem constituir um *Novo Methodo* em que até as saloyas possam ser espirituosas e discretas. Isto succede e succederá a todos aquelles que, chegando á raiz do Pindo não se esmorecem com a altura do Monte, mas não podem levantar os olhos para a altura do seu cume. E como não tem azas, pretendem que todos sejamos reptis para arrastarmos o peito pela terra. Miseravel pedantaria, e que não merece outra vista mais que a do despreso.

«Deixe V. m. caminhar esta gente sobre as suas muletas, que a posteridade ha-de fazer justiça, posto que os bizouros queiram suffocar as vozes da fama com o seu importuno zunido. V. m. agradecerá da minha parte ás Pessoas que se oppõem a esta carcavelada toda, a mercê que me fazem. O correio é grande, e por isso me não posso demorar mais com V. m. a cujas ordens fico, etc. ***Francisco de Pina e Mello.***»

A allusão que faz n'esta carta ao árcade que o consultava frequentemente, condiz com Manuel de Figueiredo, *Lycidas Cynthio*, que se abalançava á empreza da reforma da litteratura dramatica. Em uma carta datada de 15 de Dezembro de 1758, mostra a Pina o que conhece das suas obras: «não tenho mais que os papeis volantes, se não fôra notória a minha ausencia d'este reino, a diligencia que fiz por furtar os que li, que são as *Rimas*, a *Ethica pastoral*, que me emprestou o meu amigo Negrão, e o poema da *Religião* que era de um fulano Gomes, que foi ministro n'essa villa, etc.» Referia-se aos numerosos folhetos-polemicos e ás quatro partes das *Rimas* em que termina com a *Bucolica*, ou *Ethica pastoril*, de 1755, e o *Triumpho da Re-*

ligião, poema epico-polemico, de 1756. Manuel de Figueiredo pede-lhe o seu juizo sobre um poema dramatico, «e se dê ao trabalho de notar-lhe os erros.» Trabalhava Pina e Mello no seu poema *Conquista de Goa*, que publicou em 1759 depois do seu rompimento com o árcade Valladares e Sousa, *Sincero Jerabricense*. Em carta de 1758, escrevia-lhe Pina: «N'esta semana tive uma carta de Joseph Freire Montarroyo, em que me dava a noticia, de que V. m. estava fazendo uma cruelissima critica áquella obra, e por este aviso alcanço a razão de V. m. m'a não ter restituido. Pobre *Conquista de Goa*, que foi buscar um azylo e achou a indignidade de um Libello diffamatorio! — Do que tem servido a V. m. o nascer em um Reino civilisado, o dizer-me que está instruido em todos os dictames da critica e estar já em uma edade avançada, aonde communmente se esfriam os impulsos mais ardentes de uma mocidade inconsiderada, etc.» Pina ambicionava desde novo, fazer uma Epopêa e tratar o assumpto tradicional do *Abbade João de Monte-Mór*; não contente, queimou os seus rascunhos e tomou o da *Conquista de Goa* por Affonso de Albuquerque, a que deu publicidade depois de tirado das garras do Capitão-mór de Alemquer, o velho árcade. No meio d'estas arrelias escrevia a Manuel de Figueiredo, a quem dava umas explicações de Versificação: «Eu estou envergonhado de me declarar com V. m. quando me consta por muitos amigos meus de Lisboa o despreso que faz das minhas trovas na nova *Arcadia Lusitana*, de que V. m. é um digno consocio; e admira-me que V. m. queira ouvir uns homens que estão em tão pouca conta n'esse sublime Congresso; que bem pudera adver

ir, que para ser bom não era preciso dizer mal
los outros. Os que reconhecem as difficuldades
la Arte e genio poetico, perdoam e não recusam
ıs producções que sahem d'este divino enthu-
iasmo: eu bem sei que todo o motivo d'estas
ıccusações he quererem que os Poetas de Portu-
gal sigam a simplicidade franceza; porém, os que
ıdquiriram as brancas em um contínuo estudo
em para elles maior auctoridade os antigos que
os modernos; e á vista de tantos Poetas de espi-
ito, que produziu o Pyreo e o Lacio, não valem
ıada os Despréaux, os Rousseau, os Racines, os
Corneilles, etc.; e eu não tenho visto de poeta
rancez cousa alguma que me contente...» (No
omo XIV, do Theatro de Figueiredo.)

Pina e Mello tambem revela a sua hostilidade
contra Domingos dos Reis Quita, *Alcino Mice-
ıio*, em uma carta a Valladares e Sousa, de 15
le Agosto de 1757: fere-o com a sua profissão de
Cabelleireiro: «O Cabelleireiro bem pudera dei-
xar de metter-se tambem a critico, visto não ter
chegado ainda a ser poeta. Elle não tem outro
nstrumento de que se possa aproveitar senão da
anfonina; a trombeta ou a vara censoria são
nsignias que pertencem á valentia de outro
pulso. Estou vendo que os sôpros que alguns pe-
lantes dão a este pobre homem, o hão-de deitar
a perder, fazendo-o pendurar o psalterio para tan-
ger a Lyra, não tendo algum gosto para ella...»
Apesar do seu sentimento poetico e gosto deli-
cado, Quita «foi atacado com criticas e invecti-
vas, que até o insultavam pela sua pouca ven-
tura, mais ditadas pela inveja do que pela razão.»
Assim se expressa Diniz em nota a uma poesia;
o satirico Nicoláo Tolentino, tratava-o pela chufa
de *Cabelleireiro da Travessa do Pastelleiro*

(onde tinha a sua officina.) Tolentino revela-se n'isto um dos dissidentes da *Arcadia*.

A hostilidade da *Arcadia* contra Pina e Mello podia porventura encontrar no omnipotente ministro apoio pelas relações litterarias que com elle tinha. No Epithalamio *Palacio do Destino*, ás nupcias do primogenito do Conde de Oeiras, escreveu Pina e Mello na dedicatoria: «Quantas acomettia a empreza, mais difficil m'a propunha a desconfiança; porém, não podia revocar o meu arrojo entre os generosos affectos com que V. Ex.ª tem favorecido este humilde Solitario, *e a vivissima lembrança d'aquelles scientificos golpes, que algum dia receberam as minhas trovas delicada lima.*

«Ainda por esta parte *pedia a gratidão que eu empregasse tão proveitosas liçõens* em hum assumpto que tanto arrebata o applauso da Côrte e o gosto de V. Ex.ª.» Isto escrevia Pina e Mello de Montemór-o-Velho em 20 de Setembro de 1765; coadjuva assim a frieza que o ministro omnipotente mantinha ante a iniciativa da *Arcadia Lusitana*.

Contra essa pretensão da auctoridade dos annos, protestou Manuel de Figueiredo na sua Satira II:

> Olha a Velhice,
> Que fiada nas brancas e nas rugas,
> Queria levantar-se c'os respeitos
> Dirigidos á sabia Antiguidade,
> Que figura ridicula parece
> A' vista da robusta Mocidade!
> Olha o maldito agouro já pisado
> Pela altiva constancia...

E annotando este penultimo verso elucida-o: «Todos assentaram que a *Arcadia* duraria quatro

dias, quando muito.» (*Ob. posth.*, I, p. 86.) Em uma Epistola de Garção a *Olino*, José Antonio de Brito, aconselha-o:

Não busques pensamentos esquisitos,
Em denegridas nuvens embrulhados
Nem tragas, nem metaphoras violentas
Imitando esse *Corvo do Mondego*,
Que entre os Cysnes do Tejo anda grasnando

Em uma Epistola de Candido Lusitano dirigida a Garção, relata-lhe a conversa que tivera com um afamado seiscentista, que suppômos ser D. Joaquim de Sant'Anna Bernardes, de se mostrar desdenhoso das Censuras dos Arcades:

Quanto quizeres
Podes fallar de mim, não desconfio,
Porque o teu genio sei. Dos teus amigos
Sabes ser soffredor; oh, mal o haja
Essa *Arcadia*, a quem segues e apregoas
Pela mana mais intima das Musas,
Essa senhora sempre desdenhosa
Tudo despreza; nem em flôr se adorna
Se a não semeiam Gregos e Romanos
E a rega de Hipocrene o licor puro,
Jacta-se de ser bella por si mesma,
E posturas não quer ou vãos enfeites.

Dos primeiros trabalhos para a formação da *Arcadia* em 11 de Março de 1756, até á primeira reunião na Conferencia de 12 de julho de 1757, decorreu um tempo em que se manifestaram «*os terriveis embaraços que foi necessario vencer*», a que allude Garção.

A primeira Conferencia inaugural da *Arcadia* está authenticada no primeiro Idylio de Diniz, em 12 de Julho de 1757:

Oh dia mais feliz, mais venturoso,
Que quantos tem o *Menalo* contado!
Sempre o sol com seus raios te illumina.
Oh Arcades! notae com branca pedra
Dia tão fausto, e seja por famoso
A's vossas festas sempre consagrado!
. . . .
Que doces ecos ferem meus ouvidos!
Ah, já vejo os pastores; já escuto
O suavissimo canto, ali *Almeno*,
Aqui *Siveno* está; ali *Alcino*,
Tirse, *Corydon* e *Nemeroso*.
. . . .
Ali tambem — o doce canto
De *Fido*, de *Silvano* e da *Siveno*
Suspensos ouvireis; canto suave
E que egual nunca ouviu o Ismaro Thracio.

No seu texto autographo deixou Diniz personificados estes nomes arcadicos; ampliamos aqui a sua lista, com novos socios eleitos:

Dr. Theotonio Gomes de Carvalho, *Tirse Minteu*, Presidente.
Dr. Manoel Nicoláo Esteves Negrão, *Almeno Sincero*, Secretario perpetuo.
Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva, *Elpino Nonacriense*, Censor.
Dr. Pedro Antonio Joaquim Correia Garção, *Corydon Erimanteu.*
Manoel de Figueiredo, *Lycidas Cynthio.*
Domingos dos Reis Quita, *Alcino Micenio.*
P.e José Caetano de Mesquita, *Metalezio Klasmenio.*
P.e Francisco José Freire, *Candido Lusitano.*
Beneficiado José Dias Pereira, *Silvano Ericino.*
João Gonçalves de Moraes, *Fido Leucacio.*
Silvestre Gonçalves da Silva Aguiar, *Siveno Cario.*

Feliciano Alves da Costa, *Nemeroso Cyllenio.*
Prof. Francisco de Sales, *Titiro Parthenienso.*
José Xavier de Valladares e Sousa, *Sincero Jerabricense.*
Manoel Pereira de Faria, *Sylvio Aquacelano.*
Dr. Damião José Saraiva, *Dameta.*
D. Vicente de Sousa, *Myrtilo.*
Abb. Marianno Borgonzoni, *Mirtillo Felsineo.*
Dr. José Rodrigues de Andrade, *Montano* (Guarda da Arcadia.)
P.^e Caetano Innocencio, *Melibeo.*
Manuel José Pereira, *Albano Melino.*
Fr. Joaquim de Foyos, *Fabio.*
Gaspar Pinheiro da Camara Manuel, *Ergastulo Herculano.*
José Soares de Avellar, *Leucacio.*
P.^e Manuel de Macedo, *Lemano.*
D. Joaquim de Santa Anna Bernardes, *Fido Menalio.*
Fr. José do Coração de Jesus, *Almeno.*
Fr. Alexandre da Silva, *Silvio.*
Dr. Ignacio Tamagnini, *Alceste.*
Cura José de S. Bernardin Botelho, *Albano.*
Miguel Tiberio Piedegache Brandão Ivo, *Almeno Tagidio.*
P.^e D. Antonio de Bettencourt, *Lusisto.*
Pedro José da Fonseca, *Verissimo Lusitano* e *Lereno.*
?— *Ismeno Cisalpino.*
?— *Silvandro.*
D. Francisco Innocencio de Sousa.
Luiz Pinto de Sousa (Visconde de Balsemão.)

A *Arcadia Lusitana*, começa sob o regimen sangrento com que Sebastião José de Carvalho mandou uma Alçada ao Porto em 12 de Outubro

de 1757, por uma arruaça de pobres homens e mulheres, alugados para protestarem contra a fundação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro. A Alçada cannibal condemnou á morte, ás galés, aos açoites, ao degredo e ao confisco, sem provas, tudo quanto lhe cahia na rede varredoura. Em 29 de Outubro d'esse anno, na Conferencia da *Arcadia*, *Elpino Nonacriense* leu uma Ode exaltando Sebastião José de Carvalho pela gloria do seu governo, do *solto vulgo* — a furia e a licença refreando. Atravessando as crises das luctas da expulsão dos Jesuitas, conspiração ficticia dos Tavoras, a invasão castelhana, e os arbitrios do Marquez de Pombal, a *Arcadia* fez a sua ultima sessão em 1774 no palacio do Morgado de Oliveira, genro do terrivel ministro. A historia da *Arcadia Lusitana* resume-se em quatro nomes dos seus alumnos, em factos biographicos que irradiam luz moral, na sua actividade sempre perturbada.

Garção — Corydon Erymanteo

Pedro Antonio Joaquim Correia Garção nasceu em Lisboa em 29 de Abril de 1724, segundo Trigoso indica na *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia.* No registo dos baptismos da Freguezia do Soccorro, vem o assento do dia em que lhe impuzeram a unção. Lê-se a fls. 69 v. do Livro n.º 8: «Em treze de Junho do anno de mil setecentos e vinte e quatro puz os santos oleos a Pedro, o qual foi baptizado em casa por necessidade, pelo padre Bernardo dos Santos, filho de Philippe Correia da Silva e de sua mulher Dona Luiza Maria da Visitação, moradores na

rua de Bemformoso d'esta freguezia, e recebidos na de Santa Marta; padrinho o Marquez Mordomo-Mór, e madrinha D. Maria Ferreira Xavier por seu procurador D. José Joaquim da Silveira, de que fez este assento o Vigario *Balthazar Ferreira de Aguiar.*» Era pois um dos treze filhos d'esse casal, que «vivia em muita limpeza e abastamento» como se vê das provanças para os gráos honorificos. Philippe Correia da Silva era natural de Braga, onde fez os seus estudos para padre, e em cuja Sé tinha um irmão, conego, e tambem seu filho Luiz Antonio Roberto Correia Garção, que em 1751 renunciara a Commenda de Christo e a tença de 12$000 réis em seu irmão Pedro Antonio Correia Garção. Por vezes nos documentos tabelionicos apparecem traços pitorescos, que importa aproveital-os; assim em um d'elles se declara, que Philippe Correia da Silva, pela muita devoção com Santo Antonio, dava a seus filhos por vezes o cognome de *Antonio.* Como intelligente, os estudos para a carreira ecclesiastica, latinidade, logica, moral e noção de historia sagrada e profana, deram-lhe elementos que constituiram uma cultura normal, de que soube tirar todo o partido pratico. Conhecia bem a lingua portugueza, redigia com correcção e clareza, e era de uma prudente reserva em todos os negocios de que o encarregavam. Elogiando o arcade Diniz ao poeta Garção o purismo da sua linguagem, respondera-lhe: «Devo isso a meu pae, porque, emquanto fui pequeno só queria lêsse Vieira.» Pelas relações e serviço especial de uma familia fidalga fez o seu casamento com D. Luiza Maria da Visitação d'Orgier, em 1720, neta de uma dama franceza, que acompanhara para Portugal a Duqueza de Cadaval. Por esta influencia aris-

tocratica, entrou em serviço publico, como official de Secretaria, e nos actos solemnes dos contractos de casamento da Infanta D. Maria Barbora com o Principe das Asturias, e do principe D. José com D. Marianna Victoria, foi Philippe Correia da Silva que redigiu e assistiu á entrega mutua dos noivos, não se poupando a despezas para a pompa do acto official. D'este modo obteve varias tenças e a thesouraria da Bulla da Cruzada, e como official de secretaria ponderado e conhecedor das linguas foi despachado *Assistente do Bufete*, isto é, secretario particularissimo do ministro, e que lhe preparava toda a papelada dos despachos. Era official maior das secretarias do ministerio dos Estrangeiros e da Guerra. Mas a que vem estas minucias? Para authenticar que Sebastião José de Carvalho, na sua actividade ministerial de 1750 a 1755 esteve em contacto, e com a mais segura confiança com Philippe Correia da Silva, e conhecia mui bem o valor do poeta seu filho. O ministro tinha um outro filho do official maior, Joaquim Manuel Correia Garção, tambem official na mesma secretaria, e de uma confiança tão pessoal, que o escolheu para ir a Paris em uma missão secreta extraordinaria. Sabe-se que só um dos alliciados para os tiros contra a carruagem do rei, fôra José Polycarpo de Azevedo que escapou ás garras da justiça policial militar, tornando-se mysterioso e inexplicavel o seu desapparecimento; em Lisboa constou que apparecera em Paris um *portuguez* qualquer e logo o ministro, sempre attento, encarregou o official da sua secretaria Joaquim Manuel Correia Garção de ir a Paris verificar se esse typo extranho seria o *Polycarpo*. A missão foi sem resultado. Refere o desembargador Gramosa este fa-

cto. Ainda mais; Philippe Correia da Silva, na sua intimidade com Francisco Xavier de Mendonça, irmão e braço direito do ministro, Capitão General e Governador do Grão-Pará, escreveu-lhe em carta de 12 de Junho de 1751, recommendando-lhe uns parentes, e accrescenta: «V. Ex.ª sabe muito bem que com o casamento de meu filho, se lhe seguiu ter a *Quinta da Fonte Santa*, junto ao Convento do Senhor da Boa Morte, e que necessita de algumas pranchas e varas para as parreiras; queira encommendar a algumas pessoas pelo meu dinheiro ahi compre d'estas duas qualidades, até quatro ou cinco duzias, e das varas até 200,... sacando-se lettra sobre mim... e em ausencia a meu filho *Pedro Antonio Joaquim Correia Garção.*» (Ap. *Arc. Lus.*, p. 159.) No seu regresso a Lisboa, Francisco Xavier de Mendonça entrou como Adjunto para o Ministerio e governou até á sua morte o Arsenal da Marinha. Tudo isto conduz-nos ao conhecimento, que Sebastião José de Carvalho, ou já quando Conde de Oeiras ou no supremo favoritismo de Marquez de Pombal, conhecia muito bem o valor litterario e moral do desgraçado *Corydon*, e que só por um resentimento pessoal, é que aproveitou um futil pretexto para o esmagar sob o seu rancor.

Nasceu Garção com debilidade congenita e que actuou na sua infancia enfermiça dependente dos cuidados femininos, desenvolvendo uma sensibilidade delicada, que constitue o sentimento artistico e o gosto litterario, que o eleva acima da banal corrente do Arcadismo. Era uma natureza contemplativa, inhabil para as luctas da vida, quer na carreira da magistratura judicial, quer na faina das secretarias e funcções officiaes. Os annos de Coimbra, no seu curso de direito, só lhe

serviram para mais augmentar essa tendencia apathica. A renuncia que n'elle fez seu irmão conego em Braga de uma tença de doze mil réis, era uma previdente e sympathica protecção. Conhecedor das linguas classicas, e instruido nas mais importantes linguas da Europa, elle viria a ser um bom official de secretaria de estado, como seu pae e irmãos. Mas a sua delicadeza moral diante dos actos impetuosos e violentos do governo levou-o ao retrahimento, apesar das boas relações que com Sebastião José de Carvalho e seu irmão Francisco Xavier de Mendonça mantinha seu diligente pae. O conhecimento da poesia moderna ingleza, franceza e italiana abria-lhe novos horisontes; mas o seu temperamento, de acceitar a vida como ella é, vencendo-lhe as contrariedades pela complacente sociabilidade e effusão sincera e intima de franca amizade fel-o identificar-se com Horacio, nas suas Odes e Epistolas e Satiras, e um critico consciente das litteraturas. Esse gosto horaciano, harmonisava-se com os habitos e tom sensualista da boa sociedade do seculo XVIII; as damas provocavam-lhe os sonetos de galanteio, e os fidalgos eruditos colhiam os bons conceitos e odes philosophicas. Por maio de 1751 casou Garção com a joven e recente viuva D. Maria Anna Xavier Froes de Sande e Salema, proprietaria do Officio do Escrivão do Consulado da Casa da India, que andava na sua familia desde o tempo de D. João IV. Foi Garção investido n'este cargo por effeito do legitimo casamento por decreto de 19 de Maio de 1791, com a obrigação de pagar o encarte de Carlos Deleiro, primeiro marido falecido, e o seu dentro de um anno. Com este casamento veiu-lhe a propriedade da Quinta da *Fonte Santa*, que logo o

envolveu em despezas de grangeio, como revela a carta de seu pae ao Governador do Gran-Pará, mandando vir de lá duzentas varas para as ramadas da quinta. D. Maria Anna Salema poude crear em volta do poeta uma atmosphera de paz e alegria moral; no lar domestico cantava-se, e Garção enchia os seus ocios com trabalhos de pintura e de poesia. Vieram os primeiros filhos, Maria da Porta e José de Sande, mas os acontecimentos desencadearam-se em volta do poeta terrivelmente. Seu pae é uma das victimas do terremoto do 1.º de Novembro de 1755; e essa perda lança-o nos embaraços da administração da sua casa, com demandas odientas com os bens de sua mulher, com os pagamentos de encartes ante o rigor do fisco. Pela derrocada de Lisboa refugia-se na *Fonte Santa*, e ahi como na sua Tibur, respirava no suave remanso n'essa encosta sobre o Tejo, d'onde se gosa os mais esplendidos occasos.

E' então que alguns companheiros da Universidade o convidam para cooperar na fundação da *Arcadia Lusitana*, na qual elle sem intenção se torna o Arbitro da critica, a alma da Academia, que por elle ficou memoravel na nossa historia intellectual. Apesar do seu notavel retrahimento em um meio social de perseguições politicas, de violencias da auctoridade em lucta com classes poderosas, ainda assim foi quem mais trabalhou na *Arcadia*, doutrinando nos seus Discursos e Orações, em bella e casta prosa portugueza e em um Lyrismo modelar, de que derivaram as duas correntes do *Philintismo* e do *Elmanismo*. De todos os arcades foi elle o que com um seguro criterio, dava á *Arcadia* uma reconhecida auctoridade. Na traducção da *Arte poetica* de Ho-

racio, Candido Lusitano que explicou certa liberdade na variante de uma metaphora, justifica-se escrevendo no seu Discurso preliminar: «O mesmo parece a diversos amigos nossos, que n'esta materia são bons contrastes, especialmente alguns de que se compõe a *Arcadia Lusitana*, Academia que honra a nação, com inveja á de Roma, quando seus Pastores publicarem as suas obras.» Infelizmente, as obras de Garção só vieram á luz depois da sua morte, ficando dispersas muitas composições ineditas, hoje reunidas na perfeita edição de 1888. Tambem foram publicadas posthumamente as Obras de Antonio Diniz da Cruz e Silva, as de Manuel de Figueiredo, e as de Domingos dos Reis Quita. A extrema reserva com que Garção communicava as suas poesias, tudo revela que se vivia em uma atmosphera hostil á floração do pensamento. E por esta circumstancia foi Garção victima da implacavel desconfiança do ministro a quem desagradou uma poesia, segundo a tradicção contemporanea, que revalidaremos..

As Sessões da Arcadia, que se realisavam com caracter official, apparatoso, versavam sobre os mais anti-litterarios assumptos, como os annos de D. José, ou as suas melhoras dos tiros na carruagem, os annos de Frederico II da Prussia, e as congratulações ao omnipotente ministro quando foi agraciado com o titulo de Conde de Oeiras em 1758 e com o de Marquez de Pombal dez annos depois, em sessões pomposas na sala da Junta de Commercio, á Cotovia ou na Livraria do convento dos Oratorianos nas Necessidades. Isto influiu no espirito da vaidade esteril, que faz ambicionar o titulo de *Arcade*, e á ambição de obter uma dotação regia, que conver-

tesse os academicos em conegos prebendados. Garção que tanto trabalhava com dedicação sincera, conheceu estes inconvenientes, e clama em uma das suas Orações: «Conhecemos, que sem imitar os antigos era impossivel enriquecer as nossas composições das infinitas bellezas poeticas que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos gregos e latinos, e que n'este dictame de Horacio consistia o maximo segredo do *bom gosto*. Principiamos a familiarisarmo-nos com Homero, Virgilio e Terencio; e estes nomes, que entre nós eram extranhos, e unicamente se viam nas Dedicatorias, passaram a ser os idolos de nossos estudos. E que deviamos, oh Arcades, esperar de tão subita e feliz mudança? Ganharam as nossas obras nova reputação, conciliou respeito o nome de *arcade* e desejou o publico assistir ás nossas Conferencias. Atrevemo-nos a louvar o principe a quem Plinio podia sem lisonja recitar o famoso Panegyrico de Trajano. O mesmo foi ouvirem-nos que estimarem-nos os homens mais sabios e prudentes. Olharam para o fructo do nosso trabalho como para uma vantagem da nação. E a grande alma *d'aquelle vigilante Ministro*, que não tira a attenção do adiantamento da Patria, com publicas demonstrações nos *honrou* e animou, para não desistirmos da difficultosa, mas illustre empreza a que sacrificavamos os nossos estudos.» Referia-se á sessão de 30 de junho de 1758, celebrando o anniversario de D. José, á qual assistira o Ministro officiosamente. Proseguindo no seu discurso: «Segunda vez nos ouviu, segunda vez nos honrou; da sua mesma bocca ouvimos expressões com que em Portugal não costumam falar os ministros. Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração

e que n'elle estava vivamente impresso o incansavel zelo com que trabalha pelo bem dos seus compatriotas, com que honra e com que estima os portuguezes benemeritos. Não tardará muito que o publico reconheça que este genero de letras lhe merece uma séria protecção, e que as estima porque as conhece.» Esta segunda vez, a que o Ministro assistiu a uma sessão publica da *Arcadia*, foi a que se celebrou no Convento das Necessidades pelas melhoras do rei D. José dos seus pretensos ferimentos. Annunciara-se para todos os tribunaes e municipios, que o rei já estava melhor, e a *Arcadia* não podia ficar extranha a esse jubilo encommendado. Na *Gazeta de Lisboa*, de 22 de Março de 1759, lê-se a conveniente noticia: «A Sociedade academica da *Arcadia Lusitana*, estabelecida n'esta côrte, determinou fazer publico o gosto de vêr conservada a vida do nosso clementissimo soberano e restabelecida a sua saude, em uma sessão academica e conseguiu fazer a sua assembleia na Sala da Livraria do real Hospicio de N. S.ª das Necessidades, no dia 14 do corrente, a qual durou desde as 4 horas da tarde até ás 10 da noite. A decoração da sala estava magnifica, a quantidade de luzes prodigiosa. Recitaram-se excellentes Poesias em differentes idiomas, e todas alternadas com as musicas das melhores vozes e instrumentos. Foi o seu presidente *Pedro Antonio Correia Garção* que lhe deu principio com uma eloquentissima Oração, que o publico desejara já vêr no prélo, como se prometteu. Assistiram a esta magnifica e obsequiosa funcção o eminentissimo e reverendissimo senhor Cardeal Patriarcha, e os excellentissimos e illustrissimos Secretarios de Estado de S. M., Sebastião José de Carvalho e

Mello e Thomé Joaquim da Costa Corte Real, muytos da principal nobreza e um extraordinario concurso de gente.» (*Gaz.*, n.º 12, p. 95.) No intuito de ser publicada a Oração inicial, teve Garção de entregal-a á censura official, recebendo differentes córtes. Está hoje impresso o autographo conservado pelo conego Figueiredo, e incorporado na edição de 1888; com referencia aos trechos alterados, Garção achava-se em uma situação delicada, depois das cannibalescas execuções patibulares com todos os horrores da mais germanica invenção, de toda a familia dos Tavoras. A festa das melhoras do rei cobriu a inegualavel monstruosidade de iniquos supplicios. Garção estava forçado pela terrivel situação que lhe impunha a sua auctoridade na *Arcadia*.

A execução do Duque de Aveiro e familia do Marquez de Tavora, foi o desfecho tragico do maximo horror, emergente de um conflicto de pragmaticas de primazias palatinas entre esses orgulhosos fidalgos e o ministro Sebastião José de Carvalho e Mello. Este teve o recurso de um habil manejo para converter uma tentativa de ataque á sua pessoa, em um crime de lesa-magestade — o regicidio, na pessoa soberana de D. José. O ministro fizera com que o rei não consentisse a revalidação e regresso das antigas Commendas da Casa de Aveiro, o que ia augmentar a riqueza do Duque. Depois d'isto fez com que o poder real não consentisse no casamento do Marquez de Gouveia, filho do Duque, com a filha do Duque de Cadaval. Diante d'estas provocações extremas de Sebastião José de Carvalho, só havia um recurso possivel, a sua morte. Observaram-se os passos do Ministro, que da sua habitação nos altos da Ajuda, vinha em sege propria ao pala-

cio, pela meia noite até ás quatro horas da manhã fazer o despacho, que o rei assignava. Um excellente ensejo para um assalto feliz. Ninguem suspeitava que este despacho singular, principalmente aos domingos, servia para cobrir a aventura amorosa do rei. Muito ciumenta a rainha, o rei esperava que no palacio da Ajuda estivesse tudo recolhido, e então fechando-se com o Ministro, deixava-o no gabinete, e sahia na sua sege pela calçada do Galvão abaixo, indo encontrar-se com a joven Marqueza de Tavora, D. Thereza, no palacio de Belem. Acompanhava-o um guarda-costas destemido, o sargento-mór Pedro Teixeira. Estes amores do rei com a esposa do filho do Marquez de Tavora, datavam das caçadas de Salvaterra, quando se achava ausente na India o velho Marquez de Tavora, como Vice-rei. A familia lisongeava-se com esta distincção regia; para ella coadjuvara o Duque de Aveiro (d'ahi o odio da rainha), o ministro Sebastião José de Carvalho auxiliara a aventura com despachos da meia-noite ás 4 da madrugada. Era moralmente impossivel qualquer attentado contra o rei D. José por pontos de honra da parte dos grandes fidalgos. Um emissario francez, Malouet, escreveu nas suas *Memorias* (II, 302) que «A Marqueza velha e seu marido desde muito sabiam das amorosas relações da nora com o rei; não eram escrupulosos n'este ponto, e até se compraziam emquanto d'elle esperavam vantagens.» De subito este scenario tão bem preparado, transforma-se na mais execranda e monstruosa tragedia. Na noite de 3 de Setembro, quando o rei regressava da sua aventura, são atiradas trez cargas de bacamarte contra a sege em que se cria que iria o ministro Sebastião José de Carvalho, por isso que

a côrte estava de lucto rigoroso pelo falecimento da rainha de Hespanha, irmã do rei D. José, que se conservava em nojo official, não sahindo dos seus aposentos. Natural illusão. Mas o rei, no terceiro dia do luto, sahiu para a aventura amorosa, sendo os tiros apontados á sege! O grito do boleeiro: — Vae aqui o Rei! fez desapparecer immediatamente os sicarios. Foi sobre este equivoco que Sebastião José de Carvalho organisou durante trez mezes o processo, para cahir de chofre sobre essas duas poderosas familias. Deixou divulgar os boatos que os seus agentes propalavam; mystificou os embaixadores, com informações secretas de anonymos; fez o Tribunal Camerario, á porta fechada, com juizes que prepararam as peças simuladas do processo que conduzia ao exterminio dos seus inimigos pessoaes. No fim dos seus triumphantes *manejos*, condecorou-se com o titulo de Conde de Oeiras. Quem não tremeria diante de um poder tão discrecionario?

Já depois dos tiros da noite de 3 de Setembro, quando o mysterio e silencio da côrte dava logar a alarmantes boatos propalados intencionalmente, celebrou a *Arcadia* duas sessões em 8 e 28 de Dezembro, n'essa atmosphera de terror, em que o Tribunal da Inconfidencia dava cumprimento ao decreto de 9 do mesmo mez, que mandava prender toda a familia do Duque de Aveiro e dos marquezes de Tavora. A rapidez do processo não dava logar a reflexões; em 11 de Janeiro de 1759 foram exautorados da sua nobreza e das Ordens militares, de que eram professos, em 12 reune-se o Tribunal Camerario no paço real da Ajuda, lavra-se a sentença de morte com todos os requintes medievaes e inquisitoriaes, que se executaram no dia 13, com

eterna affronta da civilisação e da humanidade.
Passados dois mezes, sob pressão moral celebrou a *Arcadia* em 13 de Março de 1759 uma sessão apparatosa de congratulação pelas melhoras do Rei, á qual teve de presidir Garção, perante o senado official como o vulto mais cathegorisado d'essa Academia de Eloquencia e poesia. Em 6 de Junho foi agraciado o sangrento ministro com o titulo de Conde de Oeiras com largas jurisdicções e rendimentos. A *Arcadia* tinha de celebrar officiosamente o novo titular, em pomposa sessão na Sala da Junta de Commercio. Ahi leram composições Diniz, Theotonio Gomes de Carvalho, Silvestre Gonçalves de Aguiar, e o terno Domingos dos Reis Quita, leu a Egloga *Carvalho,* e uma Ode alludindo ao *sangue de execranda rebeldia;* Amaral França lê tambem uma Egloga e uma Ode visando Cromwell, chama ao novo Conde «Oh nobre *Protector* do Luso estado!» No meio d'esta miseria moral, leu Garção uma Ode ao Ex.mo Conde de Oeiras, a qual depois da sua desgraça foi conservada inedita. Começa:

> Tu, difficil virtude, dom celeste,
> ....
> Tu me chamas aqui para em meus versos
> Da venturosa Oeiras
> Cantar a nova gloria
> Do magnanimo Conde, o amor da Patria.
> ....
> Não me instiga a lisonja, nem invoco
> As Musas fabulosas,
> O céo, o céo me inspira..........

Não era a lisonja, mas o terror, os presentimentos aziagos que allucinavam o seu espirito e um meio de avivar as boas relações com Fran-

cisco Xavier de Mendonça, o irmão do ministro adjunto do Conde de Oeiras:

«Abriu o *Grão Pará* aos fulos braços.» E alludindo ao premio pela repressão do imaginario regicidio:

As nove ricas perolas que brilham
    No coronel dourado,
Que teu semblante placido guarnecem
Por premio te são dadas, não exemplo,
    Virtudes corôão.
E virtudes, que *impavidas domaram*
A cruenta discordia, a vil cubiça
. . . .
No Ménalo, se a *Arcadia* não levanta
    Em honra de teu nome
    Uma soberba *Estatua*
De rico jaspe, como tu mereces,
    Seus hymnos te consagra,
E n'elles louvará tua memoria
    Teu nome escreveramos
Em nossos corações, em nossos versos.

Esta estrophe ia acordar o interesse pela eloquente *Falla do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar uma Estatua pelo seu bom governo, e que elle não consentiu.* Garção com grande tino artistico, tomou este facto de Ruy de Pina, na *Chronica de D. Affonso V;* e já na *Academia dos Anonymos* tratado em um soneto e um epigramma latino. A *Falla do Infante D. Pedro* escreveu-a Garção em 1754; corria inedita. Mas na colligação dos fidalgos contra Sebastião José de Carvalho, elles faziam o seu ponto de apoio acercando-se do *Infante D. Pedro*, o pobre lôrpa, irmão do rei D. José, estabelecendo uma dissidencia, que se apagou com o casamento do Infante com a sobrinha Princeza do Brasil.

Qualquer copia da *Falla do Infante D. Pedro* (ha traslado de 1778) e omittido o titulo de Duque de Coimbra, bastava fazel-a chegar á mão do Ministro, para suspeitar que o poeta Garção pertencia á parcialidade fidalga do *Infante D. Pedro*, ante o qual foi representada a sua Comedia *Assembleia ou Partido*. Não foi esta poesia a causa exclusiva da perseguição contra o árcade, como se transmittiu na tradição; outras suspeitas se foram desastradamente accumulando, para se liquidarem subitamente aproveitando um equivoco opportuno.

Em 31 de Janeiro de 1760, terminou a *Gazeta de Lisboa*, pelo falecimento do seu redactor e proprietario Francisco Ferreira Montarroyo Mascarenhas; publicação privilegiada, o governo concedeu-a aos Officiaes das Secretarias dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. O poeta Garção, habil interprete de linguas vivas e classicas, e acatado pelo reconhecido saber philologico, foi incumbido da redacção da *Gazeta de Lisboa*, apparecendo o 1.º numero em 22 de Junho de 1760 (continuava a serie iniciada em 10 de Agosto de 1715) com o titulo de *Gazeta dos Officiaes das Secretarias*. Garção possuia todas as qualidades para se desempenhar d'esta missão, traduzindo e abreviando as noticias das côrtes hespanhola, franceza, ingleza, austriaca, resumindo os acontecimentos com um laconismo cauteloso, segundo a indole paterna, e primoroso na linguagem sobria e correcta. Era um recurso economico, por isso que os rendimentos da escrivaninha da Alfandega eram repartidos por um serventuario. Com o n.º 15 de 1762 foi por ordem do Conde de Oeiras suspensa a publicação da *Gazeta dos Officiaes das Secretarias*. Qual o

motivo d'essa resolução do Ministro? Segundo uma nota de Fr. Vicente Salgado, fallando de Garção: «era o que fez as ultimas *Gazetas portuguezas* antes da guerra de 1762 com Castella, em que se mandaram suspender.» (Ms. n.º 35 da *Bibl. da Academia*, G. 5; est. 8.) Não foi portanto odio do ministro, mas urgencia politica, porque a *Guerra velha*, como se designou esta de 1762, resultara do Pacto de Familia, em que França e Hespanha se colligaram contra Inglaterra, forçando Portugal a entrar n'essa liga. O Conde de Oeiras sentia-se da politica ingleza, que abandonara Portugal por mais de dez annos, e que só agora nos vinha acudir com uma instruida officialidade. A suspensão da *Gazeta* era para evitar conflictos ou resentimentos diplomaticos. O Conde de Oeiras mandou perguntar ao poeta qualquer pretenção que lhe conviesse, por ventura por seu irmão official da Secretaria da Guerra. Garção retraíu-se em excusas de ordem moral, de que o ministro teve vago conhecimento, o bastante para consideral-o um adversario incurso no seu rancor.

O sentido politico d'esta guerra de 1762, frisou-o o ministro em carta ao nosso embaixador em Inglaterra, mostrando como ella resultara da indifferença com que o governo britanico «*nos tem abandonado em preza ás cubiças e ás terribilidades castelhanas*, e que expoz no anno de 1762 os seus dominios a succumbirem debaixo do pezo das forças com que *Hespanha sustentada pela França, invadia este reino*, causa da manutenção da antiga alliança com a Corôa da Gran-Bretanha.» Durou este estado de angustia por dez annos, e portanto era materia perigosa para conversas particulares, que suscitaria a *Gazeta*

de Lisboa, logo supprimida. O ministro era implacavel contra os bons ditos sobre a sua personalidade, e em especial contra versos satiricos. O Conde de Obidos foi mettido nos carceres da Junqueira, por constar que dissera: — Que *D. Sebastião* já não viria reinar em Portugal, como se cria, porque já cá estava *outro*. Por se encontrarem versos satiricos em casa do juiz do Fisco, Salvador Soares Cotrim, e tambem em poder do P.e Antonio Rodrigues, foram atirados ao carcere duro da Junqueira, onde morreram. Garção estava sujeito a que os inimigos da *Arcadia* e as invejas da sua superioridade litteraria, fizessem chegar ás mãos do ministro a *Falla do Infante D. Pedro* (pela confusão do nome do heroico Duque de Coimbra com o do irmão do rei D. José.) Garção não renegava a sua amizade com o celebrado Conde de S. Lourenço, que se achava fechado no convento das Necessidades, e applaudia o talento da joven poetisa *Aleipe*, D. Leonor de Almeida, filha do Marquez de Alorna, prezo na Junqueira, e sua esposa e filhas fechadas na clausura do convento de Chellas. Sob esta atmosphera asphyxiante Corydon confinou-se quanto pôde na sua vivenda isolada da *Fonte Santa*, onde o P.e Delphim, capellão do Loreto, o ia encantar com a tocata da sua afamada rabeca, entregando-se á pintura e a composições poeticas, que tanto lucravam na expressão da objectividade que vivificava as suas idealisações, como se vê na maravilhosa *Cantata de Dido*. [1] A officiali-

---

[1] «O Conde de Caylus, que conhecia melhor a Pintura do que a Poesia, queria que o pintor tomasse os seus assumptos dos poetas, e considerava *o poeta mais*

dade estrangeira, que viera formar os quadros do exercito portuguez para resistir á invasão castelhana, reorganisado e disciplinado pelo Conde de Lippe, veiu influir na sociedade pelos casamentos, conservando-se muitos dos seus appellidos nas familias que constituiram. Officiaes de artilheria e engenharia entraram na intimidade de Garção pela vivacidade do seu espirito culto, ao corrente do movimento politico e intellectual da Europa. A *Fonte Santa* era um éden para esses officiaes, como Mardel, Mac Bean, Weinholtz, nos bellos serões de inverno, á luz azulada e cariciosa dos ponches. A galanteria entre as damas não era um retrahimento desconfiado e temeroso das tentações da carne, mas essa cousa delicada e confiante do *flirt*, tão differente do *coquetismo*. Nos versos de Garção ficaram os deliciosos quadros d'esta sociabilidade distincta e intima, em um ambiente de alegria moral. A musica, principalmente de Domenico Scarlati, dava um tom de côrte ás reuniões; mas os versos tinham uma preferencia excepcional, para a adulação emphatica das festanças. Francisco Coelho, no volume que fecha a collecção do Theatro de seu irmão, allude a este costume: «Ha cincoenta e sete annos, quando tratavam de ajuntar-se os alumnos para formarem a *Arcadia* de Lisboa, conheci um curioso, que desejando introduzir-se em algumas

---

perfeito aquelle que apresentava os seus quadros inteiramente compostos á *imitação da pintura*.» (Crouslé, *Lessing et le Gont franç.*, p. 138.) Isto explica-nos a belleza das poesias de Garção, mesmo nos Sonetos do deslavado assumpto mythologico, nos das relações da vida domestica, como o chá e torradas, até á emoção subjectiva da dignidade moral nas suas incomparaveis Odes horacianas.

assembleias distinctas — o seu pensamento era copiar os versos mais conhecidos e mais celebrados, — e lá quando a occasião o pedisse, entrar a lêr os versos á maneira dos Entremezes e dos Sainetes, em musica dos hespanhoes, pois ainda não tinha chegado nas assembleias ao zenith o frenesi do Jogo de Whist, a musica, a dança, que absorveram depois todo o tempo.» (*Obr.*, t. XIV, p. 464.) Estes traços revelam-nos o meio em que compoz Garção a sua comedia em verso *Assembleia*, em que um personagem recita a *Cantata de Dido;* e a parte comica d'essa composição, veiu a dar-se com elle que, quando menos o esperava, achou-se falho de recursos, tendo de recorrer a emprestimos de amigos e a confiar nas esperanças do tio rico, o conego de Braga. O poeta tinha de manter a sociabilidade da *Fonte Santa*, para assim — zombar da má fortuna,

> Que illustres bons amigos o buscavam,
> Como allivio da barbara tortura
> De conversar com Getas e Tapuyas.
>
> *(Epist. III)*

Quita, no seu Idylio VI esboça esse sitio e vivenda do poeta, como quem ali se repassou da suave intimidade:

> Lá no valle da *Fonte*, se divisa
> De Corydon a chóça rodeada
> De altos loureiros enredados de hera;
> Ah, sabio Corydon, que em doce abrigo,
> Ao amigo calor de um brando fogo,
> Gosas da paz que habita com um justo...

Corydon, o pastor da *Arcadia*, diante da vida quotidiana, deixa as ficções rhetoricas, e pinta o

realismo da vida que tem tambem a sua poesia, que poucos sabem sentir, e que elle com tanta arte representa em alguns Sonetos:

O louro chá, no bule fumegante
De Mandarins e Brâhmanes cercado,
Brilhante assucar em torrões cortado,
Vermelhas brazas, alvo pão tostando.

Ruiva manteiga em prato mui lavado,
O gado feminino arrebanhado
. . . .
Depois de cochichar o chá se toma,
Eis aqui o *Long-Room* da Fonte Santa.

(*Son.* 16. 71.)

Era n'esse cochichar antes do chá, que o *flirt* se animava, e emquanto o P.e Delphim fazia gemer a sua rabeca com as Modinhas travessas e desenvoltas. Esse *flirt* revela-o o poeta no Soneto XLVII: *A uma Senhora* a quem o Auctor chamava *sua mãe:*

Commigo *minha mãe* brincando um dia
A namorar com os olhos me ensinava,
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando, mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém, tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas, aprendi a amal-a;
Ditoso se tal arte não soubera,
Não me custara a vida não logral-a,

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejal-a,
Nem de um louco amor enlouquecera.

Este tratamento de *mãe* e de *filho* como era então caracteristico da affectiva familiaridade ingleza. Corydon no Soneto IX deixa qualquer elemento de realidade do seu estado passional:

Ao som da *Fonte Santa* que corria,
Na alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos já cansado,
O triste Corydon adormecia.

Que doce sonho, imaginando, via
De *Belleza gentil o rosto amado*,
Que na tremula veia retratado
Dos olhos cubiçosos lhe fugia.

Na sua comedia *Assembleia ou Partido*, intercalou Garção um Soneto, que é recitado segundo o estylo da epoca pelo personagem caricato Gaspar Picote como glosa do verso:

E ter um velho amor não é loucura.

Camillo imaginou em 1875 que esse Soneto, que vem na edição de 1778, era *inedito*, bordando sobre elle a scena de um escandaloso amor do poeta, e allegando um ficticio commentario manuscripto do conego Figueiredo, que o sabio editor de 1888, dá como simples invenção do romancista. Transcrevemol-o, para acclarar a situação, que não vae além de um gracioso *flirt*:

Estavam as trez Graças penteando
Os cabellos subtis de Amor um dia;
Qual co' marfim assyrio lh'os abria,
Outras andam mil gemas preparando.

Amar, como rapaz, de quando em quando,
Co'a dourada cabeça lhe fugia,
Porém, vê que Euphrosine se sorria
Porque Aglae lhe está as caus atando.

O Menino, pasmado, vê no espelho,
Por entre os anneis do ouro reluzente,
Branquear a saraiva da velhice,

Suspira e diz: — Ah! saiba a cega gente
Que Amor, nascendo moço se faz velho;
E um velho ter amor não é tontice.

Para applicar o caso a Garção, que contava então quarenta annos, Camillo pinta o *vulcão do amor que arquejava ainda debaixo dos flócos de neve, que lhe listravam os cabellos;* e no arrebatamento da sua phantasia, conclue: «Eis aqui a funesta historia referida em poucas palavras pelo conego Manuel de Figueiredo, commentando o Soneto que fica transcripto» (*Curso de Litt.*, p. 184.) Azevedo Castro, que fez a edição de 1888, tendo obtido os alludidos manuscriptos do conego Figueiredo: «Nisto, nada encontrei sobre o assumpto.» (*Ed. cit.*, p. LIX.) E da allegação de Camillo diz: «O alludido manuscripto, parece-me pois carecer de authenticidade.» (*Ib.*, p. LXXIII.) Qualquer *flirt* por Miss Elisabeth (*Belisa,* do Soneto IX) se teve realidade não passou do que era normal na boa sociedade portugueza, pelas relações com familias estrangeiras, não passou isso além de 1764. Garção sentia o grande desgosto da desmembração dos Arcades, que se não reuniam. Francisco Coelho ao imprimir o discurso de seu irmão *Lycidas Cynthio*, allude a este facto: «sendo maior a mania de poesias lyricas, no tempo que durou a *Arcadia* de Lisboa desde 1757, que principiaram a reunir-se os alumnos, até que se desvaneceu em 1764, pouco mais ou menos, como dá a conhecer no terceiro Discurso.» A vinda de Diniz de Castello de Vide a Lisboa em fins de Dezembro de 1763, conseguiu in-

suflar o enthuziasmo pela Academia, que se tomou por uma *restauração da Arcadia*. Na sessão de 13 de Maio de 1764, Quita proclama o influxo de Diniz e Garção n'esse resurgimento. Ainda se celebrou uma sessão em 19 de Junho d'esse anno; mas a nomeação de Diniz despachado juiz Auditor do 2.º regimento da praça de Elvas, foi como o golpe de misericordia na *Arcadia*. Aragão Morato, na sua *Memoria* sobre o estabelecimento da *Arcadia*, revela a acção depressiva do Conde de Oeiras, estimulado por odiosas intrigas: «Um ministro poderoso e retrahido, cujas heroicas virtudes ella (a *Arcadia*) mil vezes cantara, que mostrara amparar até com a propria presença seus felizes trabalhos — *deu faceis ouvidos a vozes da calumnia*, e incautamente pretendeu *subjugar a Arcadia*, *tomando por intermedio d'esta sujeição*, um dos seus menos distinctos socios.»

Percebendo essa malevolencia do ministro, os Arcades aterrados foram abandonando aquella Academia, que em 1759 Garção proclamara triumphante. Innocencio considera que o arcade que espionava em serviço do ministro era o mulato P.e José Caetano de Mesquita, que fôra recentemente nomeado mestre de rhetorica. Garção deixara passar o successo do casamento do primogenito do Conde de Oeiras, bem festejado com uma Ode epithalamica, tendo-lhe prestado essa homenagem Pina e Mello no poema allegorico do *Palacio do Destino*. A Paz celebrada em Paris, pela qual nos eram restituidas as praças e cidades occupadas pelos castelhanos, fôra o objectivo d'esse lampejo final da *Arcadia* em 19 de Junho de 1764, no opulento palacio de Lazaro Leitão Aranha. Seria isto o que desagradou ao ministro; pelo que, observou Aragão Morato:

«que mal se podia recear dos Arcades portuguezes?» Na Ode de Garção *A' restauração da Arcadia*, vem a poetica imagem que suscitou o antagonismo de poetas conhecidos pelo titulo *Grupo da Ribeira das Náos*, por se reunirem na habitação do P.e Francisco Manuel do Nascimento (*Filinto Niceno*):

Soberbo galeão que o porto largas
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora proa, que rasgava
 De um novo mar as ondas.

Ao alto pego torrão, nunca asado
Dos fracos lenhos que no Tejo surgem;
Já ferve a brava chamma e se levanta
 A nautica celeuma.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas torrentes te atropellem,
Ao pólo chegarás aonde brilha
 A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras galéras
Forçando os debeis remos, com que açoitas
O mar que lhe resiste e as affrontas
 Trabalham por seguir-te.

Era um cartel de desafio aos jovens poetas que se lançaram no delirio das Satiras pessoaes, que se prolongou ainda por 1767 como indica Manoel de Figueiredo no seu Discurso VIII, em nota: «Pelos annos de 1767, pego na penna, escrevo o prologo da *Eschola da Mocidade*, principío a Comedia, d'ahi a dias visitei o Bispo de Beja (D. Fr. Manuel do Cenaculo) fallo nas composições em que gastavam o tempo os moços de genio, que tinha Lisboa, pois *n'aquelle tempo se devoravam com Satiras uns aos outros,* e o

Theatro sustentando-se com traducções...» (*Obr. posth.*, II, 211.) Do *Grupo da Ribeira das Náos* falla Aragão Morato: «finalmente, uma nova Sociedade formada á imitação da *Arcadia*, e em cujo gremio entravam alguns moços de muita capacidade e engenho, contribuindo não pouco para fomentar a consolação litteraria e grangear aos Arcades a maior celebridade.» (*Mem. cit.*, p. 75.) Na lucta de Sonetos e Satiras, que se desencadeiam, chega-se até ás insinuações pessoaes; em alguns se esboça o retrato de Garção e parodiam-se versos seus em que pinta a sua pobreza domestica. Assim metrifica José Basilio da Gama:

AO GARÇÃO

Lisboa, tres de Abril. *Cheio de sarro,*
Roto o vestido, hirsutos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos,
Envolto em homem gira um certo escarro.

Reger das Musas o soberbo carro
Quiz; mas porém frustraram-se os desvelos,
Mudo no chão, arranha-se de zelos
A fragil criaturinha que é de barro.
. . . .

Em um Soneto de Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral (*Motuzio*) a allusão á sua vida domestica é pungente, mas convem fixar esses traços que dissolvem a lenda da aventura de amores com que quizeram explicar a sua perseguição iniqua.

Quem visse um máo Poeta atassalhado
De Odes mouras, e em torno um bonito indino,
De lapuzes crianças sem ensino
Brincar-lhe c'os papeis, ter-lh'os rasgado?

Quem o visse c'o lenço entabacado
Enxotar um, porém outro malino,
Limpar o cú do irmão mais pequenino,
Com Soneto que estava começado?

Quem mais visse entre tanta porcaria
Um esqueleto em forma de macaco,
Poetando em phrase turca, obscena e fria

Quem mais visse d'aquelle estulto caco
Sahir tanta obra má, — Este (diria):
Garção, nojento escarro de tabaco.

Domingos Monteiro de Albuquerque conhecia a vida desconfortada da *Fonte Santa*, causada pelas complicações das difficuldades economicas que envolviam o poeta, que nos seus versos se lamentava:

Mas do poeta, amigo, só me resta
Desastres e miserias, *filhos rotos*
. . . .
O Chico mostra rotos os sapatos;
Um quer lenços, outro quer roupinhas;
. . . .
A' porta está batendo o alfaiate
Se alguem aos cães lançar os patrios ossos,
Se fôr traidor á patria, se é falsario,
Seja lançado a filhos e crédores.

Pela data em que irrompeu e se prolonga a *Guerra dos Poetas*, vê-se que ignorando a vida de Garção, doente, pobre, torturado por crédores, com uma numerosa familia, é que se formou a lenda de uns amores com uma senhora ingleza, cobrindo assim o arbitrio do Marquez de Pombal pondo no segredo de carcere *ad libitum* o indefezo poeta. Filinto Niceno, que commandava o novo *Rancho*, quando teve de fugir de

Portugal ao intolerantismo que o perseguia, no seu angustioso exilio de Paris, lia com recolhimento as poesias de Garção copiadas por sua mão em trez cadernos e citava esse nome como de um iniciador e modelo. A *Guerra dos Poetas* prolongou-se por 1770, tomando por objectivo o delirio causado pela cantora italiana Zamperini, que veiu mais aggravar os odios dos mediocres contra Garção, e envenenar mais a malevolencia do Marquez de Pombal.

O comêço das hostilidades contra a *Arcadia* proveiu de alguns de seus socios que pertenciam á Congregação dos Oratorianos das Necessidades, e em 1760 ter-se dado o conflicto do ministro com essa corporação que tanto o auxiliara nas reformas do ensino publico apoz a expulsão dos Jesuitas. O esclarecimento d'esse conflicto porá em evidencia como o desgraçado Garção se achou envolvido no odio do Conde de Oeiras. Pelo rompimento das relações de Portugal com a Curia romana em 1760, para resolver quaesquer impedimentos matrimoniaes ordenou que o fôssem pelos bispos diocesanos, sem recorrer ás dispensas de Roma, e ficando validos os casamentos sem esse requisito. Para sustentar esta prerogativa do regalismo foi encarregado Ignacio Ferreira Souto de publicar um livro *De Potestate Regis*, que este jurisconsulto escrevera. Não podia effectuar-se a publicação sem a prévia approvação do Inquisidor Geral (um dos Meninos de Palhavan). A censura inquisitorial ordenou que o livro fôsse examinado pelo P.e João Baptista, da Congregação do Oratorio, que demorou tanto o seu exame, que o desembargador foi pessoalmente á cela do Padre informar-se do andamento. O oratoriano declarou que não approvava essa extorsão do

poder do *Regalismo*. O jurisconsulto agarrou no livro, indo contar o caso ao Conde de Oeiras, que ante esta affronta do seu poder absoluto foi pessoalmente entender-se com o Inquisidor Geral, do que resultou ordem de prisão para os Meninos de Palhavan e internados no convento do Bussaco. Por esta causa, como familiar do Santo Officio foi encarcerado na Junqueira o Conde de S. Lourenço, onde jazeu dezoito annos. As seis Casas da Congregação, por auctoridade episcopal foram suspensas de confessar e de prégar. O P.e Antonio Pereira de Figueiredo, em carta para o Preposito de Goa, de 25 de Março de 1769, descreve este desagrado em que cahiu a Congregação perante o monarcha, oppondo-se áquellas doutrinas. Por este tempo, o ministro publicava um decreto real, offerecendo 40.000 cruzados a quem denunciasse os murmuradores do seu governo. Quem estaria livre de uma malevolente emboscada? Pelas amizades de Garção com os seus collegas da *Arcadia* é natural que em conversa particular ouvisse fallar do caso juridico e expendesse reservadamente qualquer reflexão. E' certo que foi essa sua familiaridade com os P. P. das Necessidades, que se considerou a causa da sua perseguição. Dil-o Antonio Joaquim de Mello, no seu livro *Biographias de Poetas e homens illustres de Pernambuco:* «O Marquez de Pombal o não olhava bem por ser parcial dos Padres Congregados e outros murmuradores do seu ministerio.» (*Op. cit.*, I, 13.) O auctor citado não examina as circumstancias, que são a prova do facto; o mesmo aconteceu com Innocencio, cobrindo a sua falta de informação com a referencia vaga: «Parece que este (Marquez de Pombal) andava desgostoso com o Poeta, pelas suas inti-

midades com os Padres da Casa das Necessidades, que elle Marquez olhava como inimigos do seu ministerio, e não sem razão.» (*Carta part.* de 18 de Fevereiro de 1861.) Garção tinha o presentimento do odio que contra elle ia desabar, e com um natural instincto de defeza, escreveu uma extensa e pomposa *Epistola ao Senhor Marquez de Pombal,* glorificando-o pela occasião em que era elevado á hierarchia nobiliarchica de Marquez, proclamando o seu espirito de justiça e commentando os feitos dos seus antepassados heroicos.

Nas copias manuscriptas d'essa epoca, apparece esta composição com o titulo: *Carta: Ao Ill.mo e Ex.mo Snr. Sebastião José de Carvalho* (ms. de 1772), e em outro da mesma data com a rubrica: *Ao Snr. Marquez de Pombal.* [1] As Satiras dos poetas do *Grupo da Ribeira das Náos*, não podiam ser desconhecidas do Marquez de Pombal, porque seu irmão Francisco Xavier de Mendonça ahi governava como Director. No seu fundado susto, Garção contava com a defeza d'aquella antiga amizade; talvez que elle tivesse sustado qualquer golpe. Desde 19 de julho de 1759, que Francisco Xavier de Mendonça Furtado fôra despachado Ministro de Expediente junto de seu irmão o Conde de Oeiras, e no anno seguinte feito Ministro do Ultramar e Marinha. Era dotado de um caracter integro e humano. Garção podia contar com elle para lhe acudir n'alguma surpreza. Por fatalidade, tendo de ir acompanhar o

---

[1] Na edição de 1888, traz a rubrica *Ao Ex.mo Snr. Conde de Oeiras, Secretario de Estado*, talvez escripta em 1769, antes da nomeação de Marquez.

rei D. José a Villa Viçosa, ahi foi victimado por uma febre maligna. Outro accidente veiu tornar mais delicada a sua situação ante o omnipotente ministro, que sabia vingar-se apoiando-se sempre nas circumstancias imprevistas. Em 1770 Paulo de Carvalho e Mendonça, que desde 19 de Setembro de 1764 exercera o cargo de Presidente do Senado de Lisboa, com a mais intelligente e honrada administração, no reconhecido desenvolvimento da cidade, entendeu retirar-se d'esses instantes trabalhos. A opinião publica não ficou indifferente a essa resolução, estando preoccupada sobre a nomeação da nova Presidencia, para a qual se apontava já o Conde de Oeiras, primogenito do Marquez de Pombal. Garção escreveu um Soneto *Ao Senado de Lisboa*, em que exaltava o seu antigo Presidente. Eil-o:

Fiel á patria, ao rei, a si, a tudo,
Sincero sempre e sempre contundido,
Tão amplo bemfeitor, quanto offendido
Pelo dente voraz de um povo rudo;

Da viuva, do orfão sempre escudo,
Por parte da razão sempre attendido,
De insultos vãos por maxima esquecido,
De culto nas acções sempre sisudo;

Columna de antiquissimos direitos,
Voz da nação, que exactamente sôa,
Qual ecco pela estrada dos preceitos;

Este, o Senado, a quem perdeu Lisboa!
Vêde pois, cidadãos, com novos feitos
Se a Camara que vem vos é tão boa.

O Conde de Oeiras que succedeu a Paulo de Carvalho em 1770 na Presidencia do Senado de

Lisboa, fez logo taes desvarios, que seu pae o Marquez de Pombal, conhecendo este Soneto, percebeu sob esse compromisso uma satira pessoal. Foi a loucura pela cantora italiana Zamperini, que se continuou na *Guerra dos Poetas*, sendo um dos heroes o P.e Manoel de Macedo, na Arcadia *Lemano*. O Conde de Oeiras para arranjar dinheiro para manter a empreza apenou os capitalistas da cidade, arbitrio legalisado pelo Alvará de 17 de Julho de 1771, e Instrucções para o estabelecimento de uma *Sociedade para a representação de Operas em San Carlos*. O Marquez de Pombal, quando viu claro os desvarios do filho, deu uma ordem de expulsão da seductora Zamperini, causadora da versalhada dos seus apaixonados.

Este escandalo acha-se pittorescamente relatado por Thimoteo Lecussan Verdier, a proposito do verso do poema o *Hyssope*, allusivo á extremada *Zamperini*. Destacamos algumas linhas, que farão sentir o alcance moral do Soneto de Garção:

« Zamperini, actriz cantora, veneziana, que veiu a Lisboa em 1770, com a qualidade de *prima dona* e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos da Italia pelo sr. Galli, notario apostolico da Nunciatura e banqueiro dos negocios da Curia romana. Entregouse a esta *virtuosa* sociedade o Theatro da Rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira opera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada. Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os Agentes interessados n'ella lembraram-se de recorrer ao filho do Marquez de Pombal, o Conde de Oeiras, então Presidente do Senado da Camara de Lis-

boa, que já prezo e pendente da encantadora voz da sereia Zamperini annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma Sociedade com o fundo de 100 mil cruzados, repartido em 100 Acções de 400 mil réis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros, que em dia assignalado e em horas fixas, sendo juntos no Senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da bocca do Conde Presidente as condições d'essa nova sociedade theatral. N'uns o receio de serem mal vistos do governo, n'outros a vontade de agradar ao filho do primeiro ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram todos a assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencheram. Parece que os inventores e agentes d'esta Sociedade tiveram por alvo singular o de multar a austera sisudeza de alguns negociantes velhos,—que nunca haviam sido vistos em publicos divertimentos.—Antes de findos dois annos, o fundo da sociedade theatral achava-se exhausto, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario... Esta negociação theatral apenas durou até meados de 1774 em que o Marquez de Pombal fez sahir de Lisboa a Zamperini... achando-se a empreza empenhada e devedora a infinitos crèdores...» Theotonio Gomes de Carvalho foi um dos quatro administradores e inspectores da empreza, e no camarote da administração apparecia algumas vezes Diniz, o auctor do *Hyssope*. O Soneto de Garção *Ao Senado de Lisboa*, afigurou-se ao Marquez de Pombal um augurio das burricadas do Conde-Presidente seu filho.

Desde a noite de 8 de Abril de 1771, que o Garção fôra arrancado á sua familia e mettido no *segredo* do Limoeiro. O facto provocou laconicos rumores: qual o motivo da prizão do poeta? Um *motivo futil.* Outros adiantavam: *Uns versos que desagradaram ao Marquez de Pombal.* Mas, que versos? Ninguem conhecia o *Soneto ao Senado de Lisboa* que fôra presidido por Paulo de Carvalho; foram examinar a *Falla do Infante D. Pedro*, escripta em 1754, sobre o facto historico do Duque de Coimbra, e sem notarem que os melindres do *Infante D. Pedro*, irmão do rei, já desde 1760 estavam sanados pelo seu casamento com a sobrinha Princeza do Gran-Pará. O Marquez de Pombal, cobriu o seu resentimento pessoal com uma circumstancia fortuita. Como a ordem de prizão ficara até ao nosso tempo ignorada, desconhecia-se que mais duas pessoas tinham sido tambem prezas. Apenas constou por tradição de Domingos Maximiano Torres (*Alfeno Cynthio*) que chegara até ao bibliographo Innocencio: «que *a tal carta, havia por fim nada menos que convidar para a fuga a menina, cujo estado de gravidez ia já sufficientemente adiantado.*» Pelas tradições da familia de Garção é que um seu bisneto J. M. de Salema Garção, contava que essa menina era uma filha do Coronel escocez Mac-Bean, e que a carta era de um tal Lobo de Avila, que seu bisavô por favor traduzira em inglez. Foi sobre estes elementos, em parte errados, que Garrett escreveu a apreciada nota no seu drama, que tanto interessou a attenção da critica pela morte do árcade insigne. Camillo Castello Branco, serve-se da tradição errada da nota sobre Garção, deturpando iniquamente o seu sentido moral: «A mulher que o poeta amava,

era sua visinha, filha do Intendente de artilheria, Mac-Bean, escocez ao serviço de Portugal. Formosa e leviana, diz a *tradição colhida por um neto de Garção;* porém, *esse descendente do poeta amoroso, em vez de dar a seu avô a personalidade activa e directa, na historia dos amores* da escoceza ou ingleza, como elle dizia, constituiu-o simplesmente secretario dos affectos de um seu hospede, em uma carta de grande consideração escripta á menina. *Louvavel disfarce*, se o intento de seus paes foi resguardar da irrisão um homem que delinquira contra a honra em edade impropria de desvarios eroticos.» (*Curso de Litt.*, p. 182.) E depois d'este crime, novas deturpações da verdade historica, porque a ordem simultanea da prizão de Lobo de Avila não é um *louvavel disfarce*, ainda acha generosa a vingança do Marquez de Pombal, deixando-o morrer na cadeia sem julgamento judicial: «Não se lhe instaurou processo para evitar dois opprobrios, o de Garção, chefe de familia na edade de quarenta e nove annos, e o da filha do queixoso, mulher cuja deshonra ficaria occulta, se o prezo expirasse com o segredo do motivo da sua prizão...» (*Ibid.*, p. 183.) N'este seu attentado moral, Camillo desconheceu o mandado de soltura que o Marquez de Pombal assignou quando já Garção estava nos paroxismos. Medonho accordo moral do ministro e do romancista.

Na Torre do Tombo existem os mandados da prizão do poeta, nos *Avisos*, Liv. 10 a 14, fls. 42 e 47, com data de 8 de Abril de 1771: «Ordem de prizão para *Francisco Antonio Lobo de Avila*, filho do Escrivão da Guarda (Real); para *Pedro Antonio Correia Garção* e *Manoel José*, que se

chama creado grave d'este, devendo ser encerrados em separado.» [1]

Na familia do poeta ignorou-se quem era o official que se apresentara ao Marquez de Pombal reclamando as trez prizões; como o filho José Maria Salema Garção era então muito criança, nada pôde precisar, e seu neto Pedro Salema Garção é que vendo versos a um Coronel Mac-Bean e a um outro chamado Mac-Lean, confundiu os dois. A critica de bom senso veiu a reconhecer que o irmão do poeta que dirigiu a edição das poesias em 1779, eliminaria esses nomes, se tivessem cooperado na desgraça de Garção, como fizera á Ode ao Conde de Oeiras de 1759 e á Epistola ao Marquez de Pombal de 1769. Pelos documentos militares Mac-Lean, official inglez, viveu sempre longe de Lisboa, aonde veiu já brigadeiro em 1772. O Coronel Mac-Bean, estava em 1766 em serviço em Valença. Por aqui se vê a inanidade da lenda familial e do romanticismo improvisado de Camillo.

No livro já citado *Poetas e Homens illustres de Pernambuco,* por Antonio Joaquim de Mello, aponta-se o facto positivo: «*Pretextou* a prizão com a traducção que fez de escriptos dos amores de uma filha do brigadeiro inglez *Elsden*, com um amigo do Poeta.» Com esta indicação precisam-se factos e datas importantes em *Avisos* da Torre do Tombo. Era Guilherme Elsden pouco culto, que se insinuara no animo do Marquez de Pombal, que o fez de simples Ajudante de Infanteria (isto é sem curso scientifico) e despachou em

---

[1] Estes Avisos, em separado, estão publicados na *Arcadia Lusitana*, p. 411.

16 de Janeiro de 1762 em Engenheiro, pela promptidão com que em quinze mezes de serviço cumpriu com felicidade as ordens; e em 23 de Dezembro de 1767 era despachado Tenente Coronel da absoluta confiança de Pombal que em 17 de Outubro o encarregou de assistir em Coimbra á entrega do Collegio dos Jesuitas. Quando Guilherme Elsden se ausentava de Lisboa em serviço, encerrava sua mulher Francisca Thereza da Conceição Elsden no Recolhimento do Sacramento. Tinha este official uma filha, que veiu a casar em 1782, e uma irmã com quem vivia em 1784. O caso da gravidez só podia entender-se com uma d'ellas; a menina não carecia de que lhe traduzissem em inglez a carta para a fuga, mas sim a irmã de Elsden, que não deixara de fallar a sua lingua. Demais, o caso não era unico; em Aviso de 4 de Fevereiro de 1772, ordena-se o recebimento da miss Maria da Piedade Dodd no recolhimento de San Christovam, filha do inglez Theophilo Dodd. Elsden tinha grandes entradas junto do Marquez de Pombal; em carta de 12 de Fevereiro de 1772 ao Reitor da Universidade de Coimbra, diz-lhe que envia pelo Tenente Coronel Guilherme Elsden o Laboratorio de Chimica e o Observatorio Astronomico, «*de cuja déstridade* se aproveitará o Reitor tão utilmente, pois lhe tem mostrado a experiencia dos serviços que lhe faz o referido official.» Foi sob a influencia d'esta habil criatura, que o Marquez de Pombal deixou cahir o pezo da sua auctoridade sobre Garção. Jazeu o poeta longos mezes incommunicavel no *segredo* do Limoeiro; e só depois de muitos chóros nas audiencias publicas que o rei dava ao publico, segundo o estylo, é que a desolada esposa conseguiu que Garção fôsse mudado

para os quartos altos. A prizão de Francisco Antonio Lobo d'Avila, conhecido por aventuras de Lovelace, denota que era o signatario da carta, que elle enviara pelo creado Manoel José, por qualquer gorgeta, sem Garção saber. O nome de Elsden não foi mencionado depois da morte do poeta, porque saíu em 1772 em commissão para Coimbra, e em varias commissões de engenharia em Leiria e Alcobaça em 1775 e em fazer a planta para as obras de resguardo em Valada em 1777, acabando a sua actividade com a queda de Pombal, pelo falecimento do rei.

Garção era absolutamente extranho á aventura de amores porque estava prezo. No carcere escrevia um Soneto: *A sua mulher a Snr.ª D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema*, em que transluz a sua consciencia:

Ao som dos duros ferros que arrastava,
Na lyra de ouro Corydon tangia,
De Macia o doce nome repetia,
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado que enfiava,
O lacrimoso pranto reluzia,
E nos olhos que aos altos céos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O polo do futuro nebuloso,

Menos chóro terrenos bens perdidos,
De pouco um peito grande se contenta,
Antes quer ser honrado que ditoso.

(*Son.*, LV, Ed. 1888.)

Quem exprime este estado de consciencia com tanta firmeza moral, e á esposa onde reflectia toda aquella desgraça, era um justo esmagado pelo crime triumphante.

O Soneto XXIV a Theotonio Gomes de Carvalho, repassado da longa tortura physica e moral, revela a esperança da sua influencia junto do algoz:

> E só tu, qual santelmo na tormenta,
> Sereno tornas o furor das aguas,
> Lhe dás alegres mostras de bonança.

Nas lentas, tediosas e desesperadas horas do carcere, Garção entretinha-se a organisar a collecção dos seus versos, como quem presentia a morte proxima. O Ms. das suas obras de 1777 (Catalogo Azambuja, n.º 2862) tem a seguinte nota: «Como esta Collecção foi copiada do original, que Pedro Antonio Correia Garção (estando prezo no Limoeiro) deu a José Pedro de Medina, e que se copiou annos antes que se imprimissem, conferindo-os depois, se achou estarem algumas imperfeitas, ou que o Auctor na prizão as emendara, ou quem as mandou imprimir, e por esta causa se fez a seguinte advertencia.»

Por esta nota se nos revela como o desgraçado poeta procurava na arte a anesthesia contra a desgraça a que não pôde resistir. Diniz, lembrado da ultima reunião de 1764, em que se celebrou a *Restauração da Arcadia*, enviou-lhe de Elvas uma Ode sentida em que descrevia a *Arcadia*, sob a allegoria de um Monte ermo e devastado pelas intemperies, sem vegetação, sem pastores; incorporamol-o aqui como uma synthese poetica:

Ode

A Garção estando prezo

Quando te observo, descarnado Monte,
Onde o céo nunca se declara amigo,
Nem erva brota, nem rebenta fonte,
Quasi dos ermos infeliz mendigo;
Se os olhos corro
Do cume á falda,
Assim discorro:

— Que mal fizeste, misera montanha,
Que a natureza, sempre mãe piedosa,
Contra ti mostra ser madrasta extranha,
N'essa que nega desnudez pasmosa.
Por certo, espanta,
Que nem te cubra
Rasteira planta!

Nunca rebanho te buscou faminto,
Nunca colono te surcou avaro;
Que mesmo ao longe, se te observo, sinto
Que a vista foge d'esse horror tão raro.
Vendo que brutos
De teus abrigos
Fogem astutos.

Mas, oh! que estranhos eccos repentinos,
Os ares ferem, longe retumbando,
Ou são combates de esquadrões ferinos
Ou é torrente campos alagando?
Mas claras sôam
Do Monte as vozes
Que assim atrôam.

« Oh, não me chores, nescio caminhante,
Tantas miserias não são meu desdouro;
Cubram mil plantas o vaidoso outeiro,
Que eu no meu seio guardo mil thezouros.
Avaros venham,
E a vil cobiça
Em mim mantenham.

Sim! felizmente, liberal pobreza,
Garção ditoso n'esse estado pobre,
A sorte adversa, sabia contrapeza
Com as ricas minas que a tua mente encobre.
Em tanto ultraje
E's d'este Monte
A viva image.

Pela sua debilidade congenita de valetudinario e delicadeza moral do seu temperamento de artista, Garção ia cahindo em um marasmo, que denunciava o passamento. Sabendo do caso, o Marquez de Pombal, ordenou por Aviso de 10 de Novembro de 1772, assignado por José de Seabra da Silva, dirigido ao Cardeal da Cunha para «que mande soltar a Pedro Antonio Correia Garção e a Francisco Antonio Lobo de Avila, prezos na cadeia da côrte, assignando os ditos prezos um termo perante o Corregedor do crime do bairro da Rua Nova, de sahirem da referida Cadeia para fóra d'esta côrte, á qual não poderão voltar emquanto S. M. não mandar o contrario.» (*Avisos*, t. 11, fl. 109. Arch. nac.).

Quando este Aviso foi lavrado e posto em execução, já estava falecido o desgraçado poeta, e a clausula de *sahirem da cadeia para fóra da côrte* foi posta com o fim de manifestar desconhecimento de que o Garção já estava morto, tendo-se illudido sempre a viuva com promessas da soltura do marido. O termo do Obito de Garção, no Registo Parochial de San Thiago, fl. 40, mostra a má fé do mandado de soltura: «Aos dez dias do mez de Novembro de mil setecentos e setenta e dois, *faleceu na cadeia* da Côrte, em uma camarata, Pedro Antonio Correia Garção, professo na ordem de Christo, casado com Dona Marianna de Sande Salema, filho de Filippe Correia da

Silva, natural de Lisboa, na edade de quarenta e nove annos, e prezo na Cadeia da Côrte em nove de Abril de mil setecentos e setenta e um, e recebeu todos os sacramentos. Do que fiz este assento que assignei, *eva ut supra.*—O Cura Damaso Leal.» A' margem, lia-se: «N.º 60. Pedro Antonio Correia Garção, jaz sepultado n'esta egreja.» Ha n'este ponto equivoco do parocho sobre o local da sepultura, porque Garção foi enterrado na egreja de Santa Marta, que fôra demolida em 1835. [1]

Celebrando a morte de Garção o estudioso e sincero Francisco Dias Gomes em uma sentida Elegia, appensou uma nota, que só hoje é cabalmente explicada: «O Garção, insigne restaurador da Poesia portugueza em nosso tempo, acabou a vida no fundo de uma prizão, motivada por *uma causa de si tão futil, que é vergonha expressal-a.*» Uma inoffensiva poesia, que se confundiu com a *Falla do Infante D. Pedro*, era esse Soneto ao Senado de Lisboa glorificando Paulo de Carvalho, quando o Conde de Oeiras, filho do Marquez, na sua presidencia desde 1770 só praticava vergonhosos desvairamentos.

Estas particularidades tornam sympathico o nome de Garção, em cujos versos se reflecte a singeleza da sua vida conformada em grande parte com o ideal horaciano. São bellos os Sonetos, como expressão de uma intima familiaridade, as Odes e Epistolas tem um tom sentencioso sempre affectivo, encobrindo pelo effeito pittoresco a imitação classica; as suas duas Come-

[1] Informação de C. F. Borges, em carta de 23 de Outubro de 1909.

dias em verso endecassylabico, *Theatro Novo* e *Assembleia ou Partido* são satiras realistas, quadros dos costumes burguezes de Lisboa, onde a mania das representações particulares e em reuniões de familias eram a simulação de uma sociabilidade, que não estava nos habitos do viver portuguez e se implantava pela corrente da moda e era condemnada como *modernismo* e *peraltice*. Garrett considerava esta forma de comedia de Garção como um excellente modelo, em que o verso endecassylabo solto e a dimensão, de um ou dois actos, tornavam um verdadeiro Proverbio. No lyrismo, a Cantata da morte de *Dido*, Garção deixou-nos a mais bella composição de toda a epoca arcadica; conheceria, talvez, a expressão musical dos compositores do seculo XVIII, e pode-se dizer, que pela palavra recitada deu toda a emoção a esse quadro, em que o effeito descriptivo se reforça com o seu gosto pela pintura, a que se dedicava. A correcção da forma e o sentimento profundo e tragico com um tom religioso conseguiu-os pela comprehensão do espirito da Arte grega, que revelara nos Discursos lidos nas Conferencias da Arcadia. Este genero poetico a Cantata, seguido por outros árcades, recebemol-o da imitação da forma adoptada por João Baptista Rousseau; este neo-classico francez descreve a sua iniciativa: «Os italianos chamam-lhe *Cantatus*, porque dependem particularmente do canto; têm por costume dividil-a em trez Recitativos cortados por Arias de movimento, o que obriga a variar a metrica das estrophes, das quaes os versos são inteiros ou quebrados, como nos Có-ros das antigas tragedias e na maior parte das Odes de Pindaro. Eu ouvi algumas d'estas *Cantatas*, e isto me deu desejo de ensaiar se poderia, á imi-

tação dos gregos, reconciliar a Ode com o Canto...» O discipulo de Boileau limitou-se «a dar uma forma a estes pequenos poemas, encerrando-os em uma allegoria exacta cujos recitativos constituissem o corpo, e as Arias as almas ou applicação...» (*Oeuvres*, I, p. XCIII.) Bocage seguiu o modelo de Garção, na sua Cantata de *Inez de Castro*. Mas, a acção das academias exclusivamente litterarias é esterilisante, porque o seu canonismo das regras e norma do gosto, apaga o individualismo na arte.

Diniz (*Elpino Nonacriense.*) — Pela gloriosa iniciativa da fundação da *Arcadia Lusitana*, e principalmente pela composição do bello poema heroi-comico *O Hyssope*, a biographia de Antonio Diniz da Cruz e Silva tem interesse historico em todas as suas particularidades, que envolvem o aspecto geral do seu tempo. Tendo exercido funcções publicas como magistrado, e muitas vezes em situações inolvidaveis, os documentos officiaes guardados nos archivos encerram datas capitaes da sua vida. Os investigadores, como Ramos Coelho e Brito Rebello, que lograram o exame d'esses documentos, fixaram datas e factos para a sua nitida biographia. Em uma sociedade dominada pelos preconceitos de nascimento e de classe, nenhum passo podia ser dado sem que se procedesse a um inquerito de sangue, para provar que não tinha *raça* de judeu ou de mourisco, nem que pertencia a familia operaria, a que se chamava *ter mancha de mechanico*. Duas vezes teve Diniz de requerer estes dois inqueritos á sua geração, para poder ser admittido á leitura de bachareis no Desembargo do Paço, e para receber o habito de cavalleiro da Ordem de

San Bento de Avis. Dos depoimentos testemunhaes d'estes inqueritos, que muitas vezes embaraçavam a carreira de um individuo, provém noticias preciosas sobre a personalidade de Diniz. Como teve despachos varios na sua carreira de magistrado, esses diplomas, registados nas Chancellarias, fixam-nos as principaes datas da sua vida official, que se ligava com os ocios poeticos, que revelaram o seu talento litterario. Taes são os livros da Chancellaria de D. José, os das Mercês de D. Maria I, as residencias, do Desembargo do Paço, Livro das Profissões do Convento de Jesus, do Conselho Ultramarino, e o das Mercês do Principe-Regente. Todas essas datas illuminam ora o meio domestico em que se formou a sua personalidade, ora as circumstancias em que elaborou as suas obras litterarias.

Para julgar Diniz pelo seu influxo na fundação da *Arcadia*, pelas relações pessoaes com capacidades principaes do seu tempo, e pela acção directa como alto magistrado, é preciso recompor o quadro, historica e philosophicamente, do seu meio; as duas datas — 1731 e 1799 — do seu nascimento e morte, abrangem a parte mais caracteristica do seculo XVIII. D'entre estes limites é que apparece a individualidade de Diniz. A desorganisação dos estudos classicos pela acção dissolvente dos Jesuitas sobre D. João V; o processo critico instaurado aos methodos de ensino da Companhia pelo corajoso Verney, e as medidas postas em pratica pela audacia reformadora do Marquez de Pombal explicam-nos esse humanismo extemporaneo do seculo XVIII, que rompendo com o aristotelismo dos Jesuitas, tinha ao mesmo tempo medo de adoptar o encyclopedismo scientifico e critico do genio francez. A preoccupação

principal era manter-se n'esse meio termo, para não incorrer na suspeição de jesuitismo nem tambem de *philosophismo;* os espiritos educados sob este regimen mental ficaram atrophiados e o seu humanismo de banal erudição foi esteril. N'esta situação equivoca e deprimente para a intelligencia portugueza, a arte foi uma convenção méramente formal, como se pode fazer ideia pelas Odes pindáricas de Diniz, pelos seus Dithyrambos, e pelo juizo que elle tinha da poesia, nada publicando, por ser cousa incompativel com a dignidade de um magistrado. Assim o revelara a Nicoláo Tolentino: « *que um magistrado se deslustrava cultivando as Musas.* » Mas estes dois poetas espontaneamente nos revelaram, que alguma cousa natural existia como reacção de protesto: foram os versos satiricos, picarescos e obscenos, que então abundavam na litteratura, porque esse era o legitimo producto de uma sociedade sem direitos, sem liberdade, sequestrada ao movimento europeu, e entregue ao arbitrio e caprichos da auctoridade *(graça regia)* que se impunha como a graça de Deus. Nos productos morbidos ha tambem manifestações relativamente perfeitas como expressão do condicionalismo: no *Lutrin* de Boileau, e no *Hyssope* de Diniz revelam-se as condições do meio social em que foram produzidos, porque o despotismo de Luiz XIV era um ideal para D. José, realisado á risca pelo seu omnipotente ministro. O largo reinado da demente rainha D. Maria I, as imbecilidades ordenadas pelo seu director-ministro, o boçal Arcebispo-Confessor, caracterisam-se pela palavra apregoada no seu tempo, como synthese da situação moral e politica o *Intolerantismo.* Era um novo abysmo que se abria á intelligencia; e os mais

distinctos espiritos tinham de inevitavelmente procurarem azylo nos paizes estrangeiros. Seguiu-se depois d'esta violencia obcecada, a inauguração do regimen policial garantido pelo terrivel Pina Manique, sendo a sua *Intendencia geral* mantida acima dos proprios ministros; a este mal, que estabelecia na sociedade portugueza a *espionagem* e a delação, vieram os esforços para conservar Portugal isolado da corrente das *ideias francezas* ou do *philosophismo*, para que as ideias da *Soberania nacional* não penetrassem na consciencia portugueza. E' esta imposição que determina Diniz, a dar as tremendas sentenças contra os pobres poetas de uma inventada *pavorosa* da Conjuração de Minas. Sómente a vista de conjuncto é que faz comprehender como uma alma de poeta distribue a justiça com a insensibilidade moral do carrasco.

Pelo Livro dos Baptismos da Freguezia de Santa Catharina principiado em 1721, a fls. 292, se regista que Antonio Diniz da Cruz e Silva nascera *aos quatro dias do mez de Julho* de mil setecentos e trinta e um, ser filho legitimo de João da Cruz Lisboa e Eugenia Thereza, recebidos em 5 de fevereiro de 1713. N'estes dezesete annos de consorcio nasceram, o primogenito Francisco Caetano e duas meninas, sendo este quarto filho baptizado em 23 de julho, quando já seu pae se ausentara para o Brasil a procurar meios de fortuna, d'onde do arraial de Thabira e depois de Paracatú, mandava subsidios, até 1739, em que cessaram as remessas pecuniarias, por falecimento. Aqui temos a situação da familia, nas angustias de acanhados recursos: Eugenia Thereza vivia com suas filhas muito recolhidamente, e pelas singulares prendas de costura e

bordados, trabalhavam para casas nobres, como a do Conde de San Vicente. O filho mais velho, Francisco Caetano, professou no Convento de Jesus com o nome de Fr. Francisco de Sales, e pelas suas diligencias junto de sua avó paterna, que tinha logar official no Terreiro do Trigo *(medideira)*, acudiu solicitamente a sua mãe e dirigiu a educação do irmãosinho. Uma das testemunhas para as provanças de admissão á leitura de Bachareis, diz que sua mãe Eugenia Thereza e avó materna Catharina Maria: «viviam com muito recolhimento, usando do trabalho de suas mãos, e que por serem *prendadas em toda a qualidade de costura*, vinham muitas vezes a casa da ex.ma Condessa de San Vicente a ajudar-lhe na factura dos seus vestidos e outras semelhantes alfaias; mas que d'isto não percebiam paga alguma, e o faziam tão sómente por obsequiar a mesma fidalga; e que se sustentava e a mãe do que lhe mandava annualmente seu marido, que havia muitos annos, residia no Brasil.» Vê-se por este depoimento o intuito de afastar toda a suspeita de trabalho, porque isso inhibia de subir na escala social por importar *mancha de mechanico*. Mas, ai! que uma outra testemunha, mulher talvez invejosa, depoz que o pae, João da Cruz Lisboa: «fôra n'esta cidade *carpinteiro de casas*, mas que deixando *este officio*, sua mulher e filhos, se ausentara para as Minas a mudar de fortuna, aonde falecera...» E de Eugenia Thereza, diz a malevola visinha: «depois de seu marido se ausentar, se exercitava em costuras, que uns e outros encommendavam, e de que percebia o justo estipendio; e da mesma sorte ganhava a sua vida a avó materna Catharina Maria, sendo ambas occupadas por varias

senhoras para simples costureiras, por serem muito prendadas n'este exercicio;... que a avó paterna Josepha da Silva — vivendo em casas proprias na rua da Cruz fóra *Medideira*, tendo um logar no Terreiro (do Trigo) em que vendia pessoalmente...» Uma testemunha que o conhecera sendo Sargento-mór de Ordenança em Paracatú, atravessador de cargas, accrescenta que João da Cruz Lisboa: «*fôra carpinteiro de casas*, porque elle mesmo lh'o dissera repetidas vezes.» Outra testemunha depõe que o avô «fôra official de calafate na ponte da Ribeira das Náos, onde trabalhou até morrer.» Todos estes factos mostram a estreita malha para ser admittido á leitura de Bachareis e ao provimento em logar de Letras; mas quanto á *mancha de mechanico*, para obter o habito da Ordem de San Bento de Aviz, foi preciso depois de muitos annos de embaraços, requerer em 1779 dispensa da *irregularidade*, só concedida em 9 de julho de 1790. Por estas inquirições o professor de latim João Rodrigues da Rocha declara ter sido seu mestre de latim, na aula então na rua da Oliveira. Diniz foi completar os seus preparatorios de Logica e Rhetorica nas aulas dos PP. Oratorianos do convento das Necessidades, os *Manigrepos (Manu-grecos*, ap. Link) como lhes chamava o vulgo. Esta frequencia de 1745 a 1747 foi-lhe mandada tomar em conta para o curso da Universidade de Coimbra. No livro das Provas dos Cursos, apparece matriculado no 1.º de Outubro de 1747 no primeiro anno da Faculdade de Leis. Esta epoca da sua formatura foi uma das mais agitadas, sob o governo do Reitor Figueiroa. A cultura da Poesia foi para elle um refugio no meio da desvairada turbulencia; já então usava

o nome arcádico de *Elpino* e o de *Ergusto*, apparecendo entre os seus autographos uma composição de 1750. A amisade com Theotonio Gomes de Carvalho e de Manoel Nicoláo Esteves Negrão data d'esses tempos de Coimbra. O manuscrito de *Jornadas*, em prosa e verso, continuava a tradição de Francisco Rodrigues Lobo, que abandonara para se apropriar das fórmas da poesia franceza. Competia-lhe agora entregar-se á faina da vida; suas duas irmãs já se achavam professas no mosteiro das Clarissas de Santarem, cujos dotes lhe seriam alcançados por influencia da Condessa de San Vicente e pela solicitude de Fr. Francisco de Sales, a quem Diniz retribuia com o mais entranhado carinho.

Em Lisboa, em 1756, veiu encontrar-se com Diniz o seu condiscipulo e poeta José Antonio de Brito, com quem tomara o grão de bacharel no mesmo dia. Em um Soneto ao Conde de S. Lourenço, que o protegera em Coimbra, escreve José Antonio de Brito:

> Eu, Senhor, fiz as minhas *Conclusões*
> Na alta Postilla do Senhor Diniz,
> Com elle mesmo o meu Bacharel fiz,
> Bem ou mal, isso são opiniões.

Foram amigos intimos, como consta de outras poesias, que aqui transcrevemos para evitar o erro de um Soneto, que desde 1812 anda em nome de Garção, erro ainda seguido pelo solicito Azevedo Castro na edição de 1888. Transcrevemol-o do ms. n.º 1728 da Torre do Tombo, contendo as *Poesias* de José Antonio de Brito: fl. 44:

A hum seu Amigo — Estando prezo o Autor na Cadeia da Universidade

Quinze vezes a aurora tem rompido
E accendo outras tantas a candeia,
Depois que prezo estou n'esta cadeia,
Soffrendo o que ninguem cá tem soffrido.

De todo trago o estomago perdido,
Cômo frio o jantar, mal quente a ceia,
E este misero ornato que me arreia,
De noite é cama, de manhã vestido.

A um canto da bocca arrumo um dedo,
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando,
Sem saber o que faço me arremedo.

Commigo mesmo estou philosophando,
Nego os mesmos principios que concedo,
Vê tu, meu bom Diniz, quam louco eu ando.

E no verso d'esta folha 44 elle se parodía pelas mesmas rimas:

Ao mesmo intento, pelos mesmos consoantes

Diniz, a minha mágoa tem *rompido*
Em fazer tristes versos á *candeia*,
Assim divirto o tempo da *cadeia*,
Tão mal passado, como bem *soffrido*.

Tudo o que gasto em versos é *perdido*
Porque com versos não se aduba a *ceia*,
Nem a Musa gentil que o verso *arreia*
Me cose as rotas mangas do *vestido*.

Se tenho fome rôo a unha a um *dedo*.
Que como em vão buscar a côdea *mando*,
Aos que vejo comer nunca *arremedo*.

Em jejum sempre estou *philosophando*,
Os *èrgos* da pobreza não *concedo*,
Mas prova-se a miseria em que *ando*.

A Universidade de Coimbra tinha e continuou a ter Fôro privilegiado para disciplina penal academica. As suas prizões eram nos baixos quasi subterraneos do edificio da Livraria, com todo o aspecto inquisitorial. O pobre poeta Brito ahi gemeu as semanas ou mezes por qualquer troça escholar. Brito, que teve o nome arcádico de *Olivo,* faleceu prematuramente, muitos annos antes de ser prezo Garção no Limoeiro em 1771. Facil foi attribuir o Soneto a Garção, escrevendo no *segredo* e *incommunicavel* ao seu amigo Diniz que se achava em Elvas na Auditoria militar, e isto aos quinze dias, sob o mais acabrunhante abalo moral e physico! Innocencio e Azevedo Castro foram atraz da attribuição do *Jornal poetico* de 1812, andando o soneto anonymo em copias de 1802. Fique aqui memorado o companheiro de Diniz no curso de Leis e nos seus tentâmes poeticos, mas impedido pela morte de figurar na *Arcadia Lusitana*, que elle engrandeceria.

Apenas regressara a Lisboa, requereu *Elpino* em 23 de Julho de 1753 ao Desembargo do Paço apresentando a carta da sua formatura com o nome de *Antonio Diniz da Cruz*. Tendo requerido admissão a um logar de letras, é em 5 de Julho de 1754 que se manda proceder á inquirição de sangue, não *infecto de raça* judaica ou mourisca. E' por esta exigencia legal, que nos chega o conhecimento dos seus quatro costados, e d'ahi as mudanças que o poeta apresenta nos seus appellidos, como Antonio Diniz da Cruz *e Silva Castro*, ou da Cruz *e Silva Borges*, e *Cruz e Castro*. Não era prurido de affectar nobrezas de estirpe, mas a necessidade de evitar embaraços por causa da *mancha de mechanico* fechando-se-lhe a escala nobiliarchica. Por isso não adoptou

os appellidos de seu pae Cruz *Lisboa*, nem de seu avô materno Borges; prevalecendo officialmente Cruz e *Silva*, porque sua avó paterna Josepha da Silva, *Medideira* no Terreiro do Trigo, exercia um logar de grosso trato. Todas estas vesanias sociaes explicam a decadencia d'este resistente povo sob o regimen absolutista. A *feliz desgraça* do terremoto do 1.º de Novembro de 1755, como já lhe chamaram, veiu despertar a acção do seu governo e suscitar iniciativas individuaes. Diniz, amigo intimo de Theotonio Gomes de Carvalho seu condiscipulo e outro joven bacharel Manoel Nicoláo Esteves Negrão, elabora os Estatutos de uma *Arcadia Lusitana,* activando uma faina mental, emquanto se reedificava rapida e esplendidamente a cidade de Lisboa. Desde a inauguração da prestigiosa *Arcadia* até a sua entrada no quadro da magistratura judicial, frequentou as sessões mensaes e solemnes, lendo Discursos de critica litteraria contra o seiscentismo, recitando poesias no novo estylo francez, e nos regosijos realengos. Esta parte da sua obra conservou-nos datas e nomes de poetas, que muito auxiliam o quadro historico da existencia da *Arcadia* na sua instabilidade, sustentada pela auctoridade de Garção. Em 5 de Dezembro de 1759 é despachado Juiz de Fóra para Castello de Vide; achava-se, então, muito doente e de uma magreza esqueletica, o que se explica pelas febres pestilentes endemicas no Poço Novo e ruas proximas da regueira de estrume liquido da rua de S. Bento, posteriormente aterrada. Do convento de Santa Clara, de Santarem, pedia-lhe sua irmã D. Anna do Paraiso uma composição dramatica da *Degolação do Baptista,* para se representar, e uma *Lôa a San Sebastião* para se

recitar. Sómente em 2 de Fevereiro, é que o poeta parte para Castello de Vide a occupar o cargo de Juiz de Fóra (de comarca, na organisação moderna), durante um triennio. Ahi, nos seus ocios, metrificou por desfastio a celebração do consorcio da Princeza do Brasil com seu tio o Infante D. Pedro. Porventura esta bajulação lhe facilitou o accesso; porque em 19 de Dezembro de 1763, lhe foi concedida licença para vir a Lisboa. O motivo d'esta licença explica-se pela criação das antigas *Auditorias militares*, estabelecidas em 1614, que o Conde de Lippe fez renovar por lei de 18 de Fevereiro de 1764. Os Auditores militares junto de cada regimento, tinham a patente e o soldo de capitão. A amizade entre Diniz e Theotonio Gomes de Carvalho, muito ligado ás regiões do poder, o informaria do que se passava, para entrar nas novas nomeações. A presença de Diniz na sessão da *Arcadia* de 13 de Maio de 1764, em que recitou a sua Egloga *Androgeo*, em um esforço de *restauração* da enfraquecida academia, auxiliou por certo o seu despacho de Juiz Auditor do 2.º Regimento de Infanteria estacionado em Elvas, importantissima praça de Armas, de que era Governador Bernardo de Mello e Castro. Para Elvas acompanhou o poeta seu irmão e protector da sua mocidade Fr. Francisco de Sales, tão doente, que ahi faleceu quatro mezes depois, em 17 de Novembro de 1764, na sua habitação na rua de S. Francisco n.º 24.

Para alliviar sua tristeza, tomou Diniz conhecimento do estado conflictuoso que existia entre o Bispo de Elvas D. Lourenço de Lencastre, megalomano, com fumos de sangue real pela bastardia de um filho de D. João II e o Governador

das Armas, que se ria por elle se ter declarado Coronel dos Conegos da sua Collegiada. Elvas abundava em uma galeria de figuras ridiculas e personalidades grotescas, que eram o pabulo contra a monotonia da vida provinciana; tudo isso produziu em Diniz uma disposição para a satira, que uma anecdota prolongada o impelliria para um poema heroi-comico. Actuavam as mais auspiciosas circumstancias em Elvas, sob o influxo da *Arcadia*, e moldando-se pelos seus estatutos, inaugurara-se em 20 de junho de 1761 a *Academia dos Applicados Elvenses*, em casa do bacharel Francisco José da Silveira Falcato. Formavam parte d'ella os concidadãos Joaquim José da Silva, Antonio Caetano Falcato, D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho, Bernardo José de Mira e Fr. Fernando. Segundo os seus Estatutos, que *deviam ser observados inviolavelmente*, o numero dos academicos será até *trinta*, entre quem reinará a melhor harmonia; admittiam-se ás sessões obrigatorias no ultimo dia de cada mez, pessoas extranhas mas em logar separado. Na 3.ª Sessão da *Academia dos Applicados Elvenses*, em 2 de Agosto de 1761, leu o Dr. Joaquim José da Silva uma Oração demonstrando a utilidade das Sciencias, e ahi louva o bispo D. Lourenço de Lencastre por abrir o Seminario de Elvas: «Emfim, sem sahirdes da terra onde tivestes o berço, aqui estaes vendo um sublime principe da egreja, abrindo com chave de ouro aquellas aulas onde estava fechado o maior bem dos seus subditos...» Na sessão de 31 de Agosto, leu Francisco José da Silveira Falcato umas Oitavas *Ao feliz nascimento do Principe da Beira* (o mallogrado D. José.) O Dr. Falcato era Ouvidor da Comarca do Crato, e por accesso Desembargador da Casa

da Supplicação com exercicio de Provedor na Comarca de Elvas. [1] Diniz achou-se cercado de velhos amigos da Universidade e recebido com a maxima intimidade em casa de Silveira Falcato, celebrando em 1765 em uma Ode os annos de sua esposa D. Maria Bernarda Mendes da Silveira. As reuniões formaes da *Academia dos Applicados Elvenses* restringiam-se ao fim de cada mez e a themas peculiares seiscentistas, com soporifera leitura e prosa erudita de banal ostentação; as palestras vivas e agradaveis, com as novidades chistosas da terra, constituiam o chamado *Sotam do Falcato*, onde chispava a livre critica. Ao *Sotam do Falcato* não faltava Diniz, a ponto de, mesmo com o incommodo de uma ophtalmia, comparecer ao agradavel convivio. Ahi tomou Diniz conhecimento d'essa interessante galeria de excentricos e grotescos personagens elvenses, que dão as vivas e festivas caricaturas do seu poema; ali se discutiriam os prognosticos da tempestade com que tonsurados intrigantes fomentavam a dissidencia entre o soberbo bispo D. Lourenço de Lencastre e o espaventoso Deão José Carlos de Lara, que a qualquer proposito fallava da sua viagem a Roma. Diniz já tinha quatro annos de residencia e de extensas relações pessoaes em Elvas, quando em 1768 irrompeu o conflicto das contumelias entre o Bispo e o Deão da Sé; conhecia todas as anecdotas e pequices de cada uma d'essas figuras da classe clerical e burgueza. Tudo isso vivia em qualquer simples verso da sua veia satirica, já

---

[1] Victorino de Almeida, *Elementos para um Diccionario de Geographia*, t. II, p. 486.

ensaiado no Pina e Mello, sustentando os creditos da *Arcadia Lusitana*.

O mundo clerical já estava bem representado no poema heroi-comico de Boileau, o *Lutrin*, a estante do côro, a que rezavam os Conegos; em Elvas surgia-lhe esse mundo com os mesmos aspectos caricatos; todas as dignidades do Cabido passaram diante dos seus olhos; o conego prebendado João Alberto de Barros, e o conego vigario Pedro Antonio de Sousa; com os seus dois manos alcunhados Aponos, um barulante e o outro ceruferario; o conego doutoral João d'Andrade da Fonseca, tambem prior e vigario geral, o conego penitenciario Antonio Luiz d'Abreu, e o esqueletico conego prebendado Lourenço Marques; o Conego magistral Francisco Rodrigues Ramalhete, theologo chapado; o thezoureiro-mór Antonio Mendes Sacheti, e o chantre Mathias Franco Barreto; o beneficiado Manoel Mendes Milheira; e o Mestre de Cerimonias Frei Caetano Roquete, carmelita e Reitor do Seminario de Elvas; o Prior de Alcaçova Frei José da Costa Aragão, e o seu companheiro nas devassidões Antonio Nunes, outr'ora official do correio. N'esta farandula visual prepassam-lhe diante da retina, o creado particular do Bispo, José Antonio de Almeida e Silva, o barbeiro do prelado o *Casadinho*, alcunha de Antonio José de Mello. Não é menos grotesca a bicha dos militares reformados, dos advogados, dos musicos e empregados burocraticos. Todos elles davam elementos de risota nas conversas desenfadonhas do *Sotam do Falcato*. Diniz vivia o seu poema heroi-comico em estado virtual. Um momento basta; e o que seria elemento para uma simples risada de anedocta chula, cristalisa em um poema. Fixemos esse momento

de imperecivel emoção em que se quebrou a doce paz, em que:

> O Bispo e o Deão ambos confessam
> Em dar e receber o beato *Hyssope*,
> A vida em ocio santo consumiam.

Essa conformidade consistia em o Deão ir apresentar o Hyssope ao Bispo quando entrava na Sé, sem apparato, por uma porta particular, dispensando a presença dos Conegos capitulares. Havia tolerancia mutua e affectiva entre os dois dignitarios. O Mestre de cerimonias, o intrigante Fr. Caetano Roquete fez sentir ao Prelado, que o Deão Lara não registara uma ordem que determinara. Melindrado, o bispo chama o Lara, que se justifica por ter sido a ordem meramente verbal. Não satisfeito, o Bispo chama dois Conegos, encarregando-os de regularisarem o assumpto. Ante esta offensa pessoal, o Deão Lara deixa de ir á porta particular apresentar ao Bispo o *Hyssope*, que só lhe impende esse dever e obrigação canonica fazel-o em entrada solemne á porta da Sé á frente de toda a Collegiada. O Bispo insiste na frivola exigencia, os Conegos capitulares põem-se do lado do Bispo, que condemna o Deão a uma multa, em Accordam do Cabido. Agrupam-se os partidarios das altas partes, o Deão Lara escreve uma carta intima em 22 de Julho de 1768 ao prelado metropolitano D. Frei Manoel do Cenaculo, narrando-lhe a mesquinha peripecia. O bom do Arcebispo sorriu-se e deixou-se ficar na inercia; no anno seguinte, em situação de angustia moral, o Deão envia-lhe uns requerimentos, com esclarecimentos extra-officiaes, em 17 de Maio de 1769. E como o Arcebispo deixasse correr as multas

impostas pelo Accordam do Cabido, que o obrigava a ir entregar o *Hyssope* á porta reservada em data de 23 de Dezembro de 1768, e diante de um indeferimento do metropolitano, Lara faleceu de desgosto em 14 de Setembro de 1769. Todas estas peripecias se contavam na cidade e no *Sotam do Falcato*. Diniz seguiu os accidentes da campanha clerical. E ao improvisar uns endecassyllabos pittorescos, os amigos não o deixaram mais, para que elaborasse o poema de *Hyssopaida*. Escrevia em casa e nas sessões do *Sotam* lia, ampliava, retocava, compondo o primeiro esboço do bello poema heroi-comico em pouquissimas semanas. O poema ficou um organismo vivo; acompanhou a existencia de Diniz, retocando-o sempre; os amigos intimos obtiveram copias, a sua noticia chegou a Paris, a Londres, e nenhum texto existe escripto pela mão de Diniz. Leu-se sempre escondidamente e clandestinamente se imprimiu em 1802, trez annos depois da morte de Diniz. Mas nunca deixou de ser lido com interesse, e o que mais é, sempre commentado com dados historicos, investigando o realismo das figuras caricatas que perpassam no Poema. E' uma creação vivida, e que sempre vive pela impressão que deixa em quem o lê, e que hoje mal supporta as Odes pindaricas, os Dithyrambos e Eglogas do considerado árcade, sectario fervoroso do pseudo-classicismo francez.

Como uma satira do clericalismo, e como tal sujeita a terriveis penalidades, o *Hyssope* diffundiu-se em copias e traslados varios, incorporando versos accrescentados pelo auctor, ou ampliando o texto primitivo. Assim, desde 1769, em que o poema estava escripto, até á edição de Paris de 1802 (com a indicação de Londres) e sua vulga-

risação depois das edições de 1817 e 1821, de Paris, annotadas por Verdier, o seu texto soffreu muitas remodelações, que bastante interessam para o processo esthetico. Na sua primeira redacção o *Hyssope* constava de sete cantos; Diniz que nos ultimos annos de sua vida ainda o retocara, augmentára-lhe mais um canto, e cortara certas amplificações deslocadas. Entre os onze manuscriptos consultados pelo erudito Ramos Coelho para a sua fundamental edição do *Hyssope* de 1872, descreve um exemplar da Bibliotheca da Ajuda, de letra caracteristica do ultimo quartel do seculo XVIII e com todas as satiras, que revelam as remodelações do poema. Assim o descreve Ramos Coelho: «Consta no principio de *sete cantos*, escriptos pela mesma mão, posteriormente intercalou-se-lhe por letra diversa o que o poeta compoz quando dividiu a sua obra em *oito cantos*, isto é, parte do canto 4.º e quasi todo o 5.º.» E mais adiante prosegue: «A ideia que primeiramente occorre, vendo só a parte mais antiga do traslado em questão emendado por Diniz, é que essas emendas foram feitas quando o poema o *Hyssope* constava apenas de *sete cantos*, que depois alguem lhe ajuntou a parte augmentada pelo poeta; e que as emendas d'este foram escriptas entre 1780 e 1790, pois a sua letra trémula e incerta denuncia semelhante epoca.» Crê-se que fôra recensão do antigo bibliothecario da Ajuda Santos Marrocos. Foi este texto o que prevaleceu nas edições, salvo as variantes dos versos, em geral. Lecussan Verdier, affirma tambem que o canto 5.º fôra dividido por Diniz em dois, por forma que vinha o *Hyssope* a constar de nove cantos; mas esta estructura não prevaleceu, porque com a eliminação da parte do

canto II, em que tratava do elogio do Marquez de Pombal, reedificação de Lisboa, expulsão dos Jesuitas e reforma da Universidade de Coimbra, isto depois da queda do ministro, voltava o poema aos seus oito Cantos definitivos. Quizeram d'aqui inferir, como aponta Verdier, que o poeta soffrera tambem da vertigem da *viradeira*, de que o satirico Lobo da Madragoa increpara os poetas d'esse tempo. Mas não deve prevalecer tal suspeita, porque no Canto V do *Hyssope* conservou Diniz estes versos:

> Por certo, que não pode duvidar-se
> Do augusto Senhor, que em nossos dias
> Tem tido Portugal por alto influxo
> Do grande e forte e nunca assás louvado
> Rei, primeiro no nome e nas virtudes,
> E do sabio Ministro que lhe assiste.

Pelo exame comparativo das edições do *Hyssope*, todas ellas se reduzem ao typo das trez primeiras 1802, 1817 e 1821, não sendo nenhum texto do poema proveniente de manuscripto directamente pertencente a Diniz. Foi talvez por este motivo, que Ramos Coelho formou um texto *composto*, com a escolha das melhores variantes dos onze manuscriptos que examinara; confessa ingenuamente ter-se collocado na situação em que Diniz vendo esses diversos textos procederia, adoptando os melhores versos e mais intelligiveis e desenvolvendo a situação: vendo-nos limitados a méras cópias e más, *tivemos de substituir o poeta* — sem a faculdade de inventar cousa alguma, e sómente guiado pela luz da razão no meio da perplexidade resultante de tão numerosos e incorrectos traslados.» Não é louvavel este laborioso processo, já usado por Manoel de Faria

e Sousa, retocando as lyricas de Camões com as melhores variantes que escolhia nos diversos textos manuscriptos. Lecussan Verdier, na sua edição do *Hyssope* tambem cita este processo. Para nós a melhor recensão critica do *Hyssope* será a que tiver por base o texto manuscripto da Bibliotheca da Ajuda, accumulando no fim do volume todas as variantes de textos manuscriptos e impressos, que se prestam a elucidar a critica, mas não a falsear a impressão esthetica. Era já conhecido o afamado poema heroi-comico tambem nas espheras officiaes, pelo chiste do ridiculo com que Diniz revestiu essa questão de sacristia; o ministro Martinho de Mello de Castro, obtivera um traslado pelo Dr. Caetano José Vaz de Oliveira, e o Conde de Oeiras mandou receber noticia por carta de 23 de Dezembro de 1773 de uma copia que mandara tirar por um tal Almeida. Por certo o Conde de Oeiras satisfazia a curiosidade do ministro, seu pae, pela questão do *Hyssope*, que teve o devido desfecho. O Deão Lara resignara o seu alto cargo em um filho de sua irmã D. Caetana Mauricia Joaquina de Lara; tomando posse do Deado Ignacio Joaquim Alberto de Mattos, recusou-se a pagar as multas do Accordam do Cabido, e a ir entregar o *Hyssope* ao prelado ao entrar na Sé de Elvas pela porta reservada. A' caprichosa imposição, Mattos bem aconselhado, dizem que por Diniz, interpoz recurso para a Corôa. O governo mandou que o Juiz de Fóra de Elvas tomasse conhecimento da questiuncula e procedesse como de direito. Bispo e Cabido, diante d'esta determinação lançaram-se de rôjo, engulindo accordãos, multas e reprimendas. O poeta começou a ser lido com um novo interesse; era uma joia litteraria, que refulgia a par

do *Lutrin* de Boileau, como uma obra prima do genero heroi-comico. Existia já a *Benteida*, por Alexandre Antonio de Lima, cujo heroi era o bôbo do Infante D. Francisco, Bento Antonio.[1] E' um poemeto bem metrificado, mas insulso, sem uma ideia a que vise. Só merece attenção por accentuar o costume medieval de todas as côrtes, casas nobres e altos personagens, terem sempre um *bôbo* ou bufão para distracção domestica. Frei Fortunato de San Boaventura nos seus *Subsidios para a historia litteraria de Portugal*, fala da *Benteida*, com certa mordacidade contra o *Hyssope* pelo seu espirito de classe: «o poema burlesco *Benteida*, mostra que já a esse tempo havia entre nós quem seguisse as pizadas do *Lutrin* de Boileau, e que não era necessario que esperassemos o decantado Hyssope, afim de possuirmos alguma cousa que nos acreditasse n'este genero de poesia.» (*Op. cit.*, p. 192.) Como a *Benteida*, em trez cantos, foi publicada em 1752 por *Andronio Meliante Laxued* (anagrama de Alexandre Antonio de Lima) e o *Hyssope* escripto entre 1769 a 1773, o ex-Arcebispo de Evora dava a alfinetada na prova do *Hyssope* quanto á prioridade do genero. Diniz acabara a sua commissão de Auditor em Elvas, para ser promovido na escala da magistratura. No attestado passado pelo Governador das Armas, diz que durante o tempo que exerceu o seu logar, «foi sempre com honra, exacção e desinteresse, sendo um dos mais habeis ministros que tem havido n'esta Provincia, em que se *distinguiu pela sua litteratura.*» Ao fim de dez annos regres-

---

[1] Escrevia disparates com o nome de Estevam Pereira de Penharanda.

sava Diniz a Lisboa em 1774; a sua presença fez com que se acordasse o enthuziasmo poetico, dando um caracter de solemnidade academica á festa celebrada em 20 de Janeiro de 1774 no palacio do Morgado de Oliveira em honra do seu sogro o Marquez de Pombal, no dia do santo do seu nome. Não foi a ultima sessão da *Arcadia Lusitana* como se tem imaginado, mas apenas o ensejo para a organisação de uma nova Academia sob o influxo do Conde de Oeiras. Assignaram esta petição alguns antigos árcades: D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, Gaspar Pinheiro da Camara Manoel, Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, José Basilio da Gama, Ignacio José de Alvarenga, Manuel Pinto da Cunha e Sousa, João de Saldanha de Oliveira e Sousa. Não foi propriamente uma sessão da *Arcadia*, mas uma homenagem *pombalista*. Não concorreram a ella os arcades Manuel de Figueiredo, Manoel Nicolau Esteves Negrão, Luiz Corrêa do Amaral França, Feliciano Alves da Costa, Manoel Pereira de Faria, Francisco de Sales, P.e Manoel de Macedo. No anno seguinte, em 6 de Junho de 1775, fez-se o grande festival da inauguração da Estatua equestre do Terreiro do Paço, a que concorreram os poetas com odes, sonetos, canções, epistolas; n'essa cohorte interveniente figuram individualmente alguns arcades, mas não a sua academia. Entre a alluvião de versos á Estatua equestre, lá se ajuntaram os de Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Luiz Corrêa do Amaral França, P.e Manoel de Macedo, Dom Joaquim Bernardes, Bergonzene Martelli, que, se a *Arcadia Lusitana* ainda existisse, encontraria azado evento para uma sessão apparatosa.

Diniz, no seu regresso de Elvas a Lisboa, ainda ouviu a extremada Zamperini em camarote da empreza, junto de Theotonio Gomes de Carvalho, um dos administradores. Pela expulsão da Zamperini, Theotonio Gomes de Carvalho teria ensejo para revelar a Diniz o angurio do Soneto de Garção ao *Senado de Lisboa*, quando Paulo de Carvalho foi substituido pelo sobrinho e joven Conde de Oeiras, o motivo *futil* do encarceramento de Garção e sua morte.

No pouco tempo que Diniz se demorou em Lisboa, escreveu a Comedia em verso *O Falso heroismo*, na fórma fixada por Garção. *Elpino* estava então submettido ao inquerito de sangue, para lhe ser conferido o habito de Aviz, em que testemunhou Theotonio Gomes de Carvalho. Mas a *mancha de mechanico* difficultava a resolução do tribunal; Diniz, na sua Comedia reagiu contra esse preconceito genealogico, na figura do fidalgo D. Thadeu de Montalto, que arrota baforadas das suas genealogias. No seu manuscripto achou Morato a nota: «Composta em Janeiro de 1775.» Pelas boas relações com a familia do Morgado de Oliveira e solicitude de Theotonio Gomes de Carvalho, foi Diniz por carta regia de 16 de Abril de 1776 despachado desembargador para a Relação do Rio de Janeiro. A sua partida foi no semestre immediato. Em um bello Soneto descreve a sua viagem:

Sahimos pela barra com bom vento,
Mas ao terceiro dia de viagem,
Se alçou de noroéste tal aragem,
Que as vergas arrojou ao firmamento.

Socegado este horrendo movimento,
Em que roncava o mar como um selvagem,
Vimos ao sexto dia de passagem
A viçosa Madeira a salvamento.

Na barba da cruel Serra Leôa,
Oito dias soffremos calmaria,
E o crebo fuzilar com que o Céo troa.

Passamos logo a Linha ao quarto dia,
E surgimos com toda a gente boa
Aos sessenta do Rio na bahia.

(*Soneto* XXI, 2.ª série).

Era de sessenta dias a viagem, que os transatlanticos hoje realisam em doze dias. Já no Rio de Janeiro soube que por despacho de 6 de Agosto de 1776 fôra ordenado o inquerito para as provanças da sua habilitação ao gráo de Cavalleiro de Aviz; e como eram interminaveis os embaraços, teve de requerer em 1779 á real clemencia que lhe fôssem perdoadas as irregularidades; e ainda apesar d'este aviltamento, se lhe procrastinou essa honra até 1790!

N'esta mesma viagem seguia tambem para o Rio de Janeiro o poeta Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que usava o nome arcádico *Eureste Fenicio*, despachado Ouvidor do Rio dos Mortos. E' natural que n'esse trajecto de sessenta dias com tempestades e calmarias, os dois poetas se familiarisassem, o que torna esse futuro momento em que *Elpino* teve de sentenciar cruelmente *Eureste*, n'um tenebroso drama judiciario. Diniz não foi indifferente ás maravilhas da flora, da fauna e da paizagem americana, n'este primeiro periodo da sua permanencia, de 1776 a 1789. Na collecção dos seus versos documentam-se com varias composições as suas viagens no interior do Brasil, por vezes em syndicancias officiaes. Na fundação da Academia das Sciencias de Lisboa em 1779, foi incluido na lista dos seus socios o nome de Antonio Diniz da Cruz e Silva; este

facto, achando-se *Elpino* ausente de Portugal, é explicado por Aragão Morato, por se ter considerado que a nova Academia era uma continuação da *Arcadia Lusitana*. Ao governo duro e inintelligente do Marquez de Lavradio succedeu na vice-realeza o joven D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, sempre preoccupado em libertar o Rio de Janeiro da febre endemica que o devastava, e que donominavam por irrisão a *Zamperini*. Diniz conheceu o alto espirito de D. Luiz de Vasconcellos, como homem culto e fomentador das letras, exaltando-o nos seus versos por differentes vezes. Mas essa harmonia moral que Diniz vira perturbada em Elvas pelo Genio das Bagatellas, foi perturbada no Rio de Janeiro por uma futil questão de etiqueta, em 1781. Em Elvas, Diniz ria-se á farta no *Sótam do Falcato;* no Rio de Janeiro elle tomou parte na refrega em que os Desembargadores da Relação protestavam pelo *absenteismo*, pela precedencia que lhes competia de occuparem o lado direito da sala do docel nas recepções officiaes do Vice-Rei. Nos documentos que se trocaram com os Desembargadores e com o Governo da Metropole, se extrae a nitida narrativa, com o tom solemne que o acontecimento teve e que dá relêvo heroi-comico aos factos. Segundo a phrase do Vice-Rei ao seu governo, era «costume e pratica sabida não só n'esta capital, mas em qualquer dos governos da America, festejarem-se os dias do feliz nascimento de Suas Magestades e Real Familia — com um publico ajuntamento na Casa do Docel do Vice-Rei ou Governadores, que ahi recebem o Cortejo que lhe fazem em memoria d'aquelles grandes dias todos os Ministros, Officiaes militares, e mais pessoas ecclesiasticos e senhores, que pela razão do Emprego, dignidade ou

alguma outra, não costumam faltar a este acto sem impedimento legitimo, esperando na mesma Sala a salva de artilharia — retirando-se todos ao costumado sinal de cortezias com que os Vice-Reis ou Governadores lhes dão a conhecer que está acabado o mesmo acto.» Declarara Luiz de Vasconcellos, que em conversa familiar sobre este motivo, lhe disseram: «*Que na Bahia ia o corpo da Relação para a direita,* e a Tropa para a parte esquerda.» Aproximava-se o dia 21 de Agosto, do anniversario natalicio do principe D. José, e como o Marechal Chixorro ficou, por accidente casual, acima do Chanceller da Relação, fallava-se em que os militares o acompanhassem na proxima recepção. Bem se quiz precaver o Vice-Rei, mandando declarar que na recepção se *havia de praticar o mesmo*, que no tempo dos seus antecessores. Os desembargadores da Relação, ante a philaucia militar, não compareceram. Narra o Vice-Rei: «Com effeito houve cumprimento no dia 21 (de Agosto) em memoria do feliz nascimento do serenissimo senhor D. José, Principe do Brazil, porém só appareceram a elle tres ministros da Relação e todos os mais (outo) faltaram, novidade que necessariamente devia dar nos olhos de todos...» O Vice-Rei officiou a cada um dos absenteistas perguntando-lhes os motivos; tres estavam reconhecidamente doentes, e os cinco ladearam nas respostas. Diniz, na sua resposta, declara que se não tinha lembrado do dia do anniversario do principe, nem ter recebido convite para um acto que não fazia parte do seu dever de magistrado, sendo natural o esquecimento de quem «tantas cousas do seu officio tinha para cuidar», nem era para estranhar o facto, por não conhecer lei, decreto ou ordem regia que declare

aquella assistencia uma das funcções especiaes do seu officio. Diniz correspondia pelo seu desdem ao tribunal que o inhabilitara pela mancha de *mechanico*. O Vice-Rei relata tudo bem documentado para a Metropole, e foi-lhe respondido mandando que sejam prohibidas todas as questões de precedencia de logares na sala do Docel, limitando-se a que sejam reprehendidos severamente.

Brito Rebello, tendo encontrado estes documentos no Archivo Ultramarino, publicou-os no *Archivo historico portuguez*; ao trasladar as linhas referentes á reprehensão severa, escreve: «N'esse dia, o Genio tutelar das Bagatellas, o Bispo e o Deão, de commum accordo riram a bom rir, exclamando satisfeitos: «Tambem caíu na mesma rêde. Mas se o Gallo da ceia do Deão pudesse ainda levantar-se e fazer novos vaticinios, prognosticaria de certo ao Diniz, *o pesado e ingrato encargo com que, d'ahi a dez annos, voltaria a esse mesmo Brasil.*» Allude ás tremendas sentenças contra os suppostos conjurados de Villa Rica. Ao Brasil chegou a noticia da morte do esperançoso Principe D. José, em 21 de Setembro de 1788; Diniz, como a totalidade dos poetas portuguezes, celebrou em sentidos sonetos aquella fatalidade dynastica. Não deixaria Theotonio Gomes de Carvalho de fazer valer esses versos. Por Decreto de 22 de Agosto de 1789 foi despachado Diniz Desembargador da Relação e Casa do Porto, regressando á metropole; durou pouco tempo o seu serviço na Relação do Porto, sendo promovido por Decreto de 21 de Julho de 1790 para a Casa de Supplicação. Vivia então *Elpino* na rua Formosa, já com relações litterarias com a Condessa de Vimieiro, D. Thereza de Mello Breyner, com José Basilio da Gama e o arcade Feli-

ciano Alves da Costa; mas não se passaram bem cinco mezes, que graves acontecimentos se deram no Brasil, na Capitania de Villa Rica. Foi nomeada uma Alçada de tres Juizes, entre os quaes Antonio Diniz da Cruz e Silva, para irem julgar summariamente (sem appellação nem aggravo) os réos da Conjuração. Partiu na Alçada em 15 de Outubro d'esse mesmo anno de 1790, na fragata *Golfinho*. A Alçada ia possuida de uma ideia que aterrava a monarchia. A proclamação da Republica na America ingleza, e o contagio das ideias revolucionarias no Brasil. Era pois preciso, por absoluta necessidade de ordem e segurança da corôa, extirpar pelo terror, quaesquer vislumbres de republicanismo. Eram os réos da Conjuração de Villa Rica, já prezos e processados, que o Desembargador Antonio Diniz tinha de ir sentencear summariamente.

Mas essa Conjuração não aconteceu, esse crime de alta traição da *Inconfidencia Mineira* não se praticou; porém a justiça regia fez prizões por méra denuncia de um militar desconsiderado, fez inqueritos, interrogatorios e autos de processo, e sob as formulas dos tribunaes condemnou á morte e a degredo perpetuo homens de grande merito pela sua capacidade intellectual e valor moral. Como foi possivel tecer essa horrenda intriga? E por que é que as narrativas historicas lhe dão corpo?

Comecemos pelo facto primordial:

«Em 1783 foi nomeado Capitão General da provincia de Minas D. Luiz da Cunha de Menezes. Este homem vaidoso, tornara-se tão odiento quanto ridiculo pelos actos culposos que commetteu, de tal sorte, que em nove epistolas em verso, as *Cartas Chilenas*, escriptas por um poeta de

Villa Rica sob o pseudonymo de *Critillo*, e endereçadas a um tal Dorotheo, residente na capital. Estas *Cartas*, que appareceram em 1786, continham uma serie de accusações contra o máo governo do Capitão General, dando logar a patentear-se o descontentamento geral, contribuindo para sustentar e augmentar a fermentação, dando-lhe o caracter de uma conjura (protesto). Com a chegada do successor de Menezes, o Visconde de Barbacena, em 1788, espalhou-se o boato que este exigiria ao mesmo tempo as *700 arrobas de ouro*, que formavam a capitação da provincia, que estavam em divida.» (Fernando Wolf, *Brésil littéraire*, p. 48.) Os interesses dos exploradores das minas auriferas estavam ameaçados, e para evitar a cobrança da capitação em atraso de setecentas arrobas de ouro, era preciso embaraçar o Capitão General e o Governo da metropole com os perigos de uma exaltação revolucionaria, fomentada por homens cultos que conheciam as ideias economicas de Adam Smith, e as doutrinas politicas de Mally. Era justamente o meio de envolver os suppostos auctores das *Cartas Chilenas*, que eram lidas desde 1780. Os individuos accusados e ridicularisados n'essas *Cartas*, foram pelo seu rancor levados a fazerem ligar um sentido revolucionario a essas epistolas satiricas. Nas *Cartas Chilenas* atacava-se o privilegio da nobreza, que fruia os altos cargos da vice-realeza e das Capitanias das provincias. Ahi com energia moral proclamava-se a doutrina das democracias:

Pelo escrutinio da virtude espero
Que regulados os seus votos sejam.

De uma esteril mortal genealogia
Que o merito produz de seus maiores

Elles, amigo, argumentar não devem
Propagados talentos. A virtude
Nem sempre aos netos por herança desce.
Pode o pae ser piedoso, sabio e justo,
Manso, affavel, pacifico e prudente,
Não se segue d'aqui que um impio filho
Preverso, infame, discolo e malvado
Não desordene de seus paes a gloria.
. . . .

Para reger, ó Reis, a vossos povos,
Debalde ides buscar brazão e escudos.
Entre os vossos dynastas, Roma, Roma,
As faxas, as segures, mais as outras
Imperiaes insignias só tirava
Da provada virtude.
. . . .

Os Cesares d'aqui, que os fastos ornam,
Que differentes hoje os nossos grandes!
E' filho do Marquez, do Conde é filho?
Vá das Indias reger o vasto Imperio,
Oh Deus! e que infelices os vassallos
Que tão longe do throno prostitue
O vosso imperio aos abortivos chefes.
Lá vae aquelle que de avara sêde
E por genio arrastado, que thezouros
Não espera ajuntar E de teu cofre
Se hade esgotar a aferrolhada somma,
Desgraçada Justiça! Da Egualdade
Tu nem sabes o ponto: e o balanço
Do interesse, que só por ti decide,
Que despachos injustos, que despezas,
Que mercês... e que póstos se não compram
Ao grave pezo da sellada firma?
Outro vae, que lascivo e desenvolto
Só da carne as paixões adora e segue,
Honras, decoros, vós sereis despojos
Do seu bruto apetite. Em vão, cançados,
Paes de familias, de zelar vós outros,
De vossa casa o pundonor herdado;
Aos vis ataques do atrevido orgulho
Hão de ceder as prevenções mais fortes,
Victimas da voraz sensualidade
Vossas filhas serão, vossas mulheres,
Que direi do soberbo, do vaidoso,

Do colerico e de outros varios monstros,
Que freio algum não conhecendo, passam
A sustentar no auctorisado cargo
Tudo quanto a paixão lhes dita e manda.
. . . .

O ataque ao privilegio genealogico resultava a Satira dirigida a D. Luiz da Cunha de Menees; e embora estivesse já substituido, ellas, as *Cartas Chilenas*, feriam:

Mas ah Critillo meu, que eu estou vendo
Que já chegam a lêr as tuas *Cartas*
Estes barbaros monstros são cobertos
De vivo pejo ao vêr os seus delictos,
Em tão disforme vulto hoje apparecem.
Destro pintor, *em um só quadro a muitos*
A maldade de todos comprehende.
. . . .
Pela força brilhante da virtude,
Que nos defeitos de um castiga a tantos.

Para combater esta doutrina os proprios viados nas *Cartas Chilenas*, fizeram denuncia e conversas democraticas, de aspirações de inependencia provincial, e para aproveitarem dos ustos dos devedores da capitação das 700 arroas de ouro, incluiram na denuncia o secretario a Capitania, Dr. Claudio Manoel da Costa, e o esembargador Thomaz Antonio Gonzaga, Ouvior da Capitania e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, bom poeta, que indigitavam como autor das satiricas epistolas. Recebida a lista de essoas indifferentes das relações d'estes homens robos e ponderados, foram *prezos em consequencia das noticias de que se premeditava uma conjuração.* Vieram esses trinta e cinco homens de Villa Rica, trazidos a pé para o Rio de Janeiro e arrojados ás masmorras da ilha das

Cobras, onde diariamente o terrivel juiz Machado Torres vinha fazer insolentes interrogatorios, passando-se a auto todas as phrases trocadas, durante dois annos. Claudio Manoel da Costa, o secretario da Capitania, foi assassinado no carcere de Villa Rica, e d'esse accidente fizeram argumentos para dar realidade a responsabilidades revolucionarias. Preparado o processo e participado para a Metropole, a Alçada dos tres juizes foi mandada de Lisboa, simplesmente para homologar as sentenças de pena maior sem mais appellação, ou fazer as commutações. Lendo-se as referencias pessoaes das *Cartas Chilenas*, pelos criticos que as tem interpretado, lá se acha o nome do coronel denunciante Joaquim Silverio dos Reys, *Silvario*.

O *fanfarrão Minezio*, designa o Capitão-General D. Luiz da Cunha e Menezes; *Marquezio*, é o Capitão de Cavallaria auxiliar José Maria Marques; *Maltuzio*, José Antonio de Mattos; *Alberga*, João de Freitas Braga, camarista, anteriormente estalajadeiro; *Padolla*, José de Vasconcellos Parada de Sousa, Sargento-Mór do regimento de Cavallaria. Todos estes envolveram no seu plano de vingança esses tres homens de letras, excellentes poetas e honrados funccionarios, explorando o exaltado *Tiradentes* Joaquim José da Silva Xavier, que em um jantar fizera um brinde á independencia da Provincia de Minas. A proclamação da Republica dos Estados-Unidos foi considerada como um estimulo para realisar a independencia da Colonia, e os intrigantes, tendo apavorado o Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, propagaram a ideia de que esses tres homens simples eram uns audaciosos revolucionarios. Os chronistas que só lêem o que

se escreve no papel e não vêem o lado esoterico, consagram esses tres nomes como os martyres precursores da Independencia do Brasil e da formação da sua Republica. Pobres revolucionarios feitos á força de estylo patriotico. Camillo Castello Branco, em um relance psychologico sentiu, que elles não eram revolucionarios: «Nenhum d'estes conjurados tinha alma aparelhada para emprehendimento de tal porte. Desde o momento em que foram prezos retraíram-se a dimensões tão apertadas, que não ha senão a piedade que possa deplorar-lhe o tragico destino.—Mas os poetas de Minas, que apenas tinham de Chénier a qualificação, decerto nada sentiam arfar-lhe no cerebro, como aquelle outro que cantava o hymno da morte no caminho do cadafalso. Nenhum manteve o alento de um brioso plano em frente dos juizes.—Todos deploraveis na sua grande miseria em que resaltam relevos irrisorios inseparáveis do mais lamentavel infortunio, quando a catastrophe se não sustenta magestosa.» (*Curs. Litt.*, p. 251.) Camillo no seu criterio historico fiava-se na verdade das formulas judiciarias; mas a sua observação psychologica punha em evidencia a innocencia d'esses tres homens de talento, monstruosamente sacrificados pelo egoismo covarde á razão de estado. Fazem estremecer de horror as palavras do Accordam da Relação em Alçada de 18 de Abril de 1792 a que o condemnado pelo baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao logar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre; e depois de morto lhe ser cortada a cabeça, pregada em póste alto no logar mais publico da Villa de .... até que o tempo a consuma; declaram a este réo infame, e infames seus filhos e netos e os seus bens por con-

fiscados para o fisco e camara real.» E feita a pavorosa cerimonia até ao pé da forca, dava-se ao réo a surpreza de lhe ser commutada a pena em degredo perpetuo para os logares mais inhospitos de Africa para morrer de doença e miseria. Tal foi o papel que n'esta clamorosa tragedia social coube a Antonio Diniz da Cruz e Silva, que foi agraciado pelo governo com o cargo de Chanceller da Relação do Rio de Janeiro por decreto de 4 de Novembro de 1792, que o obrigou por mais alguns annos a não mudar a residencia para exercer a sua magistratura como profissional da Justiça com novos horrores.

Ainda sob o governo do Vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, formou-se uma academia poetica, por iniciativa de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, conhecido pelo nome arcádico de *Alcindo Palmireno;* tendo seguido o curso juridico em Coimbra, ahi publicou em 1773 o poema heroi-comico *O Desertor das Letras* exaltando a reforma da Universidade pelo Marquez de Pombal, e por ordem sua foi o poema publicado. *Alcindo Palmireno* tomou parte na Guerra dos Poetas contra a *Arcadia Lusitana* e em uma das suas satiras ataca a corrente que impunha o gosto francez e a auctoridade de Boileau. Da sua terra natal, S. João de El-rei, viera estabelecer no Rio de Janeiro uma aula de Rhetorica, em 1782, e pela convivencia litteraria com alguns amigos, como José Basilio da Gama, as suas Conferencias de eloquencia e poesia vieram a ter o titulo de *Arcadia Ultramarina* (*á maneira da Arcadia de Roma*) como elle declara. O governo de Luiz de Vasconcellos achava-se já occupado pelo brutal Conde de Resende, para quem as associações litterarias eram um perigo, porque

mascaravam clubs politicos e revolucionarios. Os frades franciscanos foram denunciar ao Conde Vice-Rei aquellas reuniões poeticas, e sem meias medidas essa suprema auctoridade atirou com todos aquelles poetas para um carcere em 1795, pretendendo continuar assim o processo da inventada Conjuração de Minas. Os desgraçados foram supportando a prizão, emquanto esperavam os despachos dos seus requerimentos, para serem soltos por não existir processo instaurado. O governo mandou que fôsse consultado o Chanceller da Relação do Rio de Janeiro, o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva. Assim cumpriu o Conde de Resende, em officio de 16 de Junho de 1796, se devia ou não soltar esses esquecidos prezos. A resposta dada por escripto pelo Chanceller dois dias depois, é de arripiar os cabellos. A' pergunta se entendia que as culpas se acham sufficientemente purgadas com o dilatado tempo da sua prizão? Responde, que não ha senão cumprir a insinuação piedosa da Rainha, pelo que se dêem por perdoadas as culpas e soltados os réos, *cumprindo a piedosa vontade de S. Mag.*

«Ao que accresce, que segundo a crise em que se acham os governos publicos da Europa, me parece mais prudente e util — antes soltar os prezos, do que expol-os a serem representados pelos Francezes, e virem estes ao conhecimento de que os seus abominaveis principios tem apaixonados n'este continente. Sendo certo que para se enviarem com mais segurança *seria necessario dilatarem-se por mais tempo em suas prizões*, contra a vontade de S. Mag. tão significantemente declarada...»

E' o profissional da justiça, que pelo exclusivismo das formalidades perde o senso moral e a

consciencia da Justiça. A demora de Diniz no Rio de Janeiro, como Chanceller da Relação, expol-o a este abysmo, em que se afundou. O isolamento e a anciedade de regressar a Portugal acabrunharam-o, falecendo em 5 de Outubro de 1799, sendo ahi sepultado na egreja da freguezia de San José. As suas obras ficaram ineditas, vindo para Portugal os manuscriptos trazidos pelo Conego Manoel de Figueiredo, que com os manuscriptos da livraria Vimieiro, e do Marechal Mathias José Dias Azedo se fez em 1807 a edição conscienciosamente dirigida pelo sabio academico Aragão Morato.

QUITA (*Alcino Micenio*).—Na actividade da *Arcadia Lusitana*, este poeta acompanha com fervor Garção e Diniz, na restauração da litteratura, entre eruditos, latinistas, magistrados e padres cultos, elle, pobre, sem estudos regulares, e vivendo do seu trabalho mechanico, um simples cabelleireiro. E' um phenomeno curioso na sociedade do seculo XVIII, que merece ser explicado pela sua estranheza, e nos dá o nexo da sua biographia, em que o talento realça sobre a desgraça pessoal. Nasceu Domingos dos Reis Quita em Lisboa (freguezia de S. Sebastião da Pedreira) em 6 de Janeiro de 1728; seu pae, José Fernandes Quita negociava em pannos brancos, com o que sustentava familia composta de seis filhos. Por difficuldades no commercio teve de se ausentar de Portugal, em 1735, indo para o Brazil com intuito de resarcir a parca fortuna. Sua desolada mulher, Maria Rosaria, foi mantendo os filhos com alguns recursos que o marido ia remettendo, até que de vez cessaram, com a falta completa de noticias. Esse filho, que então con-

tava treze annos, votou-se ao trabalho, compativel com a sua fraqueza, para obter um pequeno salario: a profissão mais accessivel, era a de cabelleireiro, então com uma feição artistica, com a perspectiva de relações com individuos poderosos. Já dizia Addisson, que uma boa cabelleira actuava muitas vezes no exito das pretenções. Em 1741, ainda a imaginação de Quita estava longe d'aquella epoca, em que o cabelleireiro Leonardo tinha um pleno prestigio na côrte. Nos ocios e tranquillidade da officina ia-se entregando á leitura, encontrando uma seducção extrema nas *Eglogas* de Francisco Rodrigues Lobo; foi como caminhante sequioso que encontra uma veia de agua limpida. Andava então nas mãos de todos a *Côrte na Aldeia*, a *Primavera, Pastor peregrino* e *Desenganado*, na edição in-4.º pequeno, de 1722; essa leitura bastava para lhe communicar o bom estylo florido e sentencioso, e as formas lyricas mais apaixonadas. Privado da cultura latina, não foi derrancado pelo pedantismo escholar, conservando-se na saudavel naturalidade diante dos moldes petrificados da rançosa mythologia. A poesia do pastor *Lereno* fascinou-o, mas suscitando-lhe o desejo de lêr os poetas hespanhoes e italianos, que lhe eram accessiveis com um pequeno esforço. A imitação levou-o aos ensaios de versificação, que, segundo a opinião de Comte, se adquire a sua technica em seis mezes. Quita em uma *Egloga* da sua puericia já usava o nome arcádico de *Alcino*, da mesma fórma que Diniz, ainda estudante em Coimbra, usava o de *Elpino*, e o seu amigo Brito o de *Olivo*, á maneira da Arcadia de Roma, que tinha alguns socios em Portugal. Quita mostrava os seus tentâmes, como obra de um frade das ilhas;

lembra esta fraude da sua modestia esse outro frade escocez Rowley, que o desgraçado poeta Charterton inventara para se fazer valer. Ao passo que ia Quita dando expressão de realidade aos seus versos, a emoção amorosa trahiu-o com composições que já não condiziam com o estado de alma de um frade. No *Epitome* da vida de Quita, descreve Piedegache, como se reconheceu o seu talento poetico: « Apparecendo, porém, o Soneto — *Benigno Amor, os impios que te offendem*, e começou a descobrir-se o segredo; e finalmente em certezas se tornaram as suspeitas n'um divertimento que se fez na Moita, na quinta chamada de Santo Antonio. Desde aquelle tempo começou a dar brado o engenho de Domingos dos Reis, e todos os que eram inclinados á poesia procuraram conhecel-o. » Piedegache nada mais accrescenta, ficando o facto sem relêvo. Essa quinta da Moita pertencia a Manoel Gonçalves de Aguiar, pae da decantada *Tircéa*, D. Thereza Theodora de Aloim, que tão ligada se acha na vida de Quita, amigo e companheiro poucos annos depois na *Arcadia Lusitana* de Sylvestre Gonçalves de Aguiar *(Siveno Cario)* irmão da celebrada dama. Esta intimidade de Quita na familia Gonçalves de Aguiar era devida ás antigas relações com o honrado negociante de pannos brancos, e d'ahi a benevolencia pelo talentoso môço. O Soneto revelador ainda hoje nos intriga, porque é uma confissão de amor:

Benigno Amor, os impios que te offendem
E contra teus decretos se conspiram,
E' porque os laços inda não sentiram
D'estas doces cadeias que me prendem.

Os peitos, que a teu jugo se não rendem
  E cheios de ternura não suspiram,
  E' porque os resplendores nunca viram
  Que em viva chamma o coração me accendem.

Vinde vêr, desgraçados e queixosos,
  O bem porque suspiro de contino,
  E tereis uns instantes venturosos,

Mas nunca mudareis vosso destino,
  Nunca, que aquelles olhos tão fervorosos
  Outra luz não vêem mais que o seu *Alcino*.

(Soneto XXIX).

Esta illusão amorosa dissipou-se pouco depois, como o revela magoado na Egloga *Alcino*, feita *na sua puericia*; ahi descreve a margem do Tejo caudalosa, o bosque sombrio e intrincado:

Aqui me lembra quanto me dizias,
  E tudo o que entre nós então passava,
  Quando tão enganado me trazias,
Lembra-me, quando as flores apanhava
  Pela verde campina da floresta
  Com que os louros cabellos te toucava.
E lembra-me tambem, que junto a esta
  Fresca fonte, debaixo d'esta faia
  Passavamos a calma pela sésta,
Lembra-me, quando andámos pela praia
  As luzentes conchinhas apanhando,
  Que o mar lança na areia, quando espraia.
. . . .
Eu sei que estava tristo e descontente,
  Mas não sei se de amor era o costume,
  Ou se já receiava o mal presente.
Sentia a alma abrasar-se em vivo lume,
  Mudar-me o coração tambem sentia,
  O áspide venenoso do ciume.
. . . .
Oh, como então soubeste, na ternura,
  Occultar os rigores deshumanos
  Da tua condição tyranna e dura!
. . . .

Dize, cruel, porque de mim te escondes?
Já segues outro Amor, outra vontade?
Tyranna, enleada estás, que não respondes?

(*Egloga* XIII).

Na Egloga IX descreve *Alcino* os sitios onde se passaram os seus amores por *Tircêa*, na quinta de Santo Antonio, na Moita:

Alli, junto das margens do ribeiro,
A' fresca sombra de uma rocha dura,
Foi o logar aonde a vez primeira
Me criou com seus mimos a ventura.

Tão modesta, commigo aqui passava
A bella ninfa em pratica amorosa,
Que, quando respeitoso lhe beijava
A delicada mão branca e formosa,
Vergonhosa ficava um breve espaço,
Com os olhos cahidos no regaço.

Quantas vezes dizendo que me amava,
No seu formoso rosto conhecia
Que cheia de ternura desejava
Inda dizer-me mais do que dizia;
Porém não lhe deixava o honesto pêjo
De todo declarar o seu desejo.

Uma tarde me disse na floresta
Que lá junto da praia eu a esperasse,
Que ali iria vêr-me pela sésta
Depois que das serranas se apartasse;
Que sem guarda o rebanho deixaria
Só por estar na minha companhia.

O caminho da praia fui seguindo,
Sentei-me sobre uns concavos rochedos
Onde do prado estava descobrindo
Os verdes e frondosos arvoredos;
Té que depois da sésta já passada
A vi ao longe vir muito apressada.

Vinha por entre os ramos tão airosa,
Que dava graça a tudo quanto via;
Com a pressa de andar a côr formosa
Nas bellas faces mais se lhe accendia;
Os cabellos, que de ouro a côr mostravam
Pelo nevado collo se espalhavam.

No Idyllio IX descreve *Alcino* esta anciedade da espera de *Tircêa*, cujo rumor as folhas das avelleiras simulam. Em uma Canção evoca a sua preoccupação exclusiva, com que se alenta na prolongada ausencia:

Doces, doces cuidados, que á memoria,
Me trazeis n'um momento tanta gloria
Que vivamente estão na conjectura
Aquelles graciosos olhos vendo,
Que movendo-se cheios de ternura
Mil segredos de amor me estão dizendo.

Os dourados cabellos, que voando
Representam do sol os resplendores,
Aquella gentil bocca, que fallando
Me diz n'um só suspiro mil amores;
Aquella formosura incomparavel
Mais que tudo, a meus olhos agradavel.

Para quem vive ausente suspirando,
Não ha gloria maior, não ha ventura
Como estar solitario recordando
Da bem amada a graça, a formosura!
As promessas, a fé, os juramentos,
A ternura, as finezas e os agrados,
Oh causa de tão doces pensamentos!
Oh motivo gentil de meus cuidados!

Oh, graça de meu canto e minha lyra,
Esperança, ventura, luz e gloria;
Por quem meu coração tanto suspira
Sempre te trago impressa na memoria.
. . . .

Mas este grande amor tinha de ser perjurado; *Alcino* ignora o que se passa na familia de *Tircêa*, e preságo o coração lhe inspira este soneto do mais puro camonismo:

Aquelle gesto, que em teus olhos via,
De amorosa piedade ou doce agrado,
Já não está n'aquelle mesmo estado,
N'aquelle puro extremo de algum dia.

Não sei que vejo em ti, que n'uma fria
Tristeza denuncia o meu cuidado;
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto receia a phantasia.

Não sei como cruel, menos amante
Se me afigura teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacilante.

O coração palpita duvidoso
E só dizer-te sei, que o teu semblante
Não era assim emquanto fui ditoso.

(*Soneto* XVII. Ed. 1766).

Concretisando as allusões, D. Thereza Theodora de Aloim apparece casada com Thomaz José Xavier Pimenta. O pobre *Alcino* para o abastado burguez era apenas um bom rapaz. A fama do seu talento poetico espalhava-se, e um condiscipulo de Diniz, o protegido pelo Conde de S. Lourenço, viera a Lisboa, José Antonio de Brito; chegou á fala com o poeta cabelleireiro, e ficaram intimos amigos. E' mesmo natural, que *Olivo* desse alguns conselhos a *Alcino*, como instruido em boa litteratura. Essas relações foram truncadas pela morte do auspicioso e engraçado Brito, muito da intimidade de Garção. A este falecimento inesperado escreveu Quita uma sentida Elegia, em que invoca os pastores do Lima:

Olivo, aquelle *Olivo* que alguns dias
  Os vossos frescos valles habitava
....
Aquelle que deixando o rude emprego
  A ser por outros mestres ensinado
  Passou aos ferteis campos do Mondego.
Aquelle que, por sabio respeitado
  Foi n'aquella cidade antiga e forte
  Por onde o Tejo passa a ser salgado;
Este vosso pastor, o fatal córte
  Na mais perfeita flor da breve edade
  Experimentou da feia e dura morte.

Áparte as phrases convencionaes do estylo pastoril, a Elegia á morte de José Antonio de Brito Magalhães, tem verdade de sentimento. Garção, que tambem presava muito *Olivo*, na sua intimidade com o erudito Conde de S. Lourenço, que tanto protegeu Brito, mostrou-lhe a Elegia feita por Quita. Confirma-o Piedegache: «informado o excellentissimo Conde de S. Lourenço, cujo merecimento se fazia respeitavel pela litteratura, do novo phenomeno, que apparecia na republica das letras, este sabio cultor das boas Artes, desejou ouvil-o. Na primeira conversação que com elle teve, ficou tão satisfeito da sua viveza e subtil penetração que muitas vezes o procurou em sua casa e lhe deu sempre, depois, as mais demonstrativas provas de affecto e amizade.» Pelo seu lado Quita, pelo desabrochar do seu talento, correspondeu á auspiciosa espectativa. Tudo isto se passara antes do terremoto do 1.º de Novembro de 1755; esta catastrophe fel-o approximar-se de novo da familia Gonçalves de Aguiar. Escreve o seu intimo amigo Piedegache: «Depois da funesta catastrophe do tremor de terra que assolou Lisboa, viu-se desamparado, sem casa, sem abrigo, sem vestidos, sem dinheiro.» Foi

n'este transe extremo, que D. Thereza Theodora de Aloim o accolheu em sua casa, com carinhoso amparo. Assim o declara Piedegache: «Desde esta epoca viveu experimentando os effeitos d'aquelle animo generoso, que desvelado prevenia, não só as precisões, porque nunca mais as conheceu, sim as cousas que podia apetecer.» Estava a dedicada senhora já viuva do seu primeiro marido e foi já no remanso d'esta santa hospitalidade que o *Quita* escreveu a *Sylva sobre o lamentavel terremoto de Novembro de 1755*, que imprimiu em folha volante e dedicou ao Conde de S. Lourenço, pelo grande desejo de mostrar-se agradecido: «Intentei n'esta *Sylva*, dar uma verdadeira ideia do lamentavel estrago a que vemos reduzida Lisboa; conheço que não ficou completa, porque me falta o talento para formar imagens tão distinctas.» No meio da versalhada que celebrou o terremoto, a *Sylva* escapou á banal rhetorica pela emoção sentida e pela impressão da realidade:

Doirava o Sol nas terras do Occidente
As montanhas das partes do nascente,
E nos profundos vales inda as flores
Não gosavam seus bellos resplendores;
N'aquelle grande dia em que festeja
Os Santos todos a romana Egreja;
Quando a Terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo,
Dentro em seus proprios ambitos se-abala,
E em medonhas gargantas tudo estala.
Move-se o Monte e move-se a Cidade
Como as ondas na grande tempestade.
Da imminencia da terra se despenha
Em pedaços desfeita a tosca penha...
Precipita-se a torre e faz a ruina
Maior do edificio em que se inclina.
Caem os templos; porticos se abatem,
Os mares com os mares se combatem...

E aos homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.
O pó se espalha em nuvens denegridas,
Ficam do sol as luzes escondidas.
Toda a região do ár se desfigura
Torna-se o dia claro em noite escura...
Em confusos tumultos levantados
Andam todos de sustos trespaçados.
Braços, pernas se vêem espedaçadas,
E cabeças dos corpos separadas.
. . . .
Ainda os olhos bem não se informaram,
Da causa porque as lagrimas choravam,
Quando na confusão dos alaridos.
Correndo ainda mais espavoridos,
— Fujam! fujam! — gritando vem da praia.
Que já pela cidade o mar se espraia.
Aqui, de novos sustos combatido
Confuso, cada um perde o sentido.
O coração de todo se esmorece
O sangue gela, o alento desfalece.
. . . .
Quando o horrido fogo a chamma ateia,
E da cidade os ambitos rodeia,
Assim logo se accende, assim se enreda
Por toda a parte a horrenda labareda.
Agora só de horror a vista atroa
O largo campo aonde foi Lisboa.
Vêem-se os campos, montes, povoados,
De feridos, afflictos e magoados.
Aqui, fallam e *abraçam-se os amigos*,
E tambem já sem odio os inimigos.
Os irmãos uns aos outros apparecem,
Em tal estado, que se não conhecem.

Não foi indifferente ao Conde de S. Lourenço esta revelação de talento de Quita, e convinha conhecel-o, porque no anno seguinte de 1757, ao tratar-se de instituir uma academia litteraria á maneira da *Arcadia*, o Conde de S. Lourenço lembrara a Garção, amigo tambem de Brito, o nome de Domingos dos Reis Quita para socio da

projectada Academia. N'essa crise de mutua affectividade apagavam-se as differenças de nascimentos e gerarchias. *Alcino Micenio* foi do grupo constituinte da *Arcadia*, trabalhando sempre com fervor junto de Garção e de Diniz nas phases de *restauração*, por que ella teve de passar. Quita recitou enthuziasticas composições nas sessões publicas da *Arcadia*, e o seu talento era reconhecido. Desde o terremoto, em que foi hospedado em casa de D. Thereza Theodora de Aloim, tendo por collega na *Arcadia* Silvestre Gonçalves de Aguiar (*Siveno Cario*), irmão d'ella, não careceu mais de se entregar ao mister de *Cabelleireiro*. Entregue aos *otia tuta*, tão necessarios á elaboração artistica, o seu talento desabrocha com esplendor diante de um amor *piedade*. Pelo lado de Quita as aspirações litterarias e applauso dos homens cultos substituiram o amor *desejo*. Decorreram assim alguns annos de plena felicidade. De repente toda aquella existencia paradisiaca se desmorona; em 1761 apparece o primeiro ataque da implacavel phtysica. D. Thereza Theodora de Aloim emprega todos os esforços para salval-o; a este tempo já casada em segundas nupcias com o Dr. Balthazar Tara, interessa seu marido para estas luctas, a que piedosamente se applicou por nove annos, ininterruptamente até 1770.

Em 1766 os intelligentes livreiros francezes Borel e Rolland publicaram em dois volumes as *Obras poeticas* de Domingos dos Reis Quita, allegando a intenção de salval-as da contingencia de se perderem e «*erigir-lhes um monumento indelevel pelo meio da impressão.*» Estas palavras significam que a vida do poeta estava ameaçada pela terrivel doença que se lhe mani-

festara em 1766, a tuberculose, a que succumbiu quasi quatro annos depois. Os dois bellos volumes foram exacerbar odiosas invejas contra o desgraçado poeta. Na Censura obrigatoria do Santo Officio, Ordinario e Paço, o Dr. Caetano Francisco Xavier de Zuniga, censor episcopal, não se conteve na sua approvação sem malevolas unhadas: «se n'elle leio obras e Sonetos excellentes, tambem achei outros errados nos processos da arte com lunares de simultoantes, e simulcadentes, defeitos que os antigos não conheciam e quasi todos os modernos ignoram; e este meu reparo não deve impedir a licença que se pede.» Zuniga só tinha encargo de Ordinario para o exame da ortodoxia e da moral; o dislate dos lunares, dos simultoantes e simulcadentes, acompanhou-o, como lata ao rabo de um cão.

Quita dirigiu um Soneto *Ao Dr. Zuniga criticando-lhe os seus Poemas*:

Em metricos preceitos não repares,
Contraste não te faças de Thália,
Se outras regras não sabes da Poesia
Mais que *simulcadente* e *lunares*.

Em que Horacio ou puros exemplares
Fundas a tua errada phantasia?
Sentir simultoantes são mania
De talentos incultos e vulgares.

Estas regras que antigos desprezaram
De que os sabios modernos se estão rindo
Só rançosos pedantes praticaram.

Estuda-as Aristoteles abrindo,
Queima as artes que a tinha te pegaram,
Ou de absurdo em absurdo irás cahindo.

(*Soneto* XLVII. Ed. 1781).

O censor replicou, accentuando na sua cathegoria de poeta:

Senhor *mestre*, o seu livro não o exalta,
Tome as lições, porque ellas não são minhas,
A Musa já que a tem, metta-a nas linhas
Dar-lhe-hão o estylo crespo que lhe falta.

E' mui boa a censura, é grande, é alta,
Não tenho aquellas cousas por cousinhas,
São erros grandes, sim; não são casquinhas
Se quer defenda-as; não se chame á malta.

Se é poeta tambem d'esses conversos
Leigos do Pindo, Padre de frioleiras
D'Apollo filhos mansos e perversos,

Tome um conselho, e não dirá asneiras.
Penteie sempre antes do prélo os versos,
Assim como penteia as cabelleiras.

Resposta de Quita pelas mesmas consoantes:

Quanto, amigo Doutor, quanto te exalta
O Soneto; mas sabe que são minhas
Estas sabias lições; e estas linhas
Verás quanto mais tenho que em ti falta.

Se cuidas que me offendes, por ser alta
A pedante censura, taes cousinhas
Ainda são mais ridiculas casquinhas
Que os brincos puerís que vem da Malta

Poetas pode haver ainda conversos
Mas não que, como tu, digam frioleiras,
Por costumes antigos e perversos,

Tu mesmo o considera: Olha, que asneiras
São, dizeres: que emfim *penteio* os versos
Só porque me exercito em cabelleiras.

O poeta brasileiro Silva Alvarenga tomou parte n'esta refrega, com tres sonetos contra o *Zuniga*, exaltando Quita:

Dormindo, vi a candida Poesia
 Junto do Tejo aurifera sentada,
 Virgineo tinha o rosto, e adornada
 De verde louro a fronte se lhe via.

Um alvo Cysne junto d'ella erguia
 A grata voz, tão doce e concertada,
 Que com terna saudade és lembrada
 Do teu *Alcino*, Arcadia, a melodia.

Já a delphica Virgem sem demora
 O louro descingindo mais glorioso
 Coroava esta feliz ave canora.

Quando um *Zuniga*, insecto paludoso,
 Gritou das verdes aguas d'onde mora,
 E me acordou do sonho deleitoso. [1]

Sobre as azas do Tempo equilibrado.
 Guardar vi, que estava cauteloso
 Um aureo vulto a que elle respeitoso,
 Ficando á velha foice reclinado.

Absorto, louco, o heroe representado,
 Na imagem a quem dava culto honroso,
 Castas Musas em canto sonoroso
 Espalhavam seu nome venerado.

Quando um *Zuniga* cheio de vaidade,
 Procurando offuscar tão alta gloria,
 Que observou na festiva variedade;

A misera ignorancia fez notoria,
 Deixando entre nós sempre a saudade
 De teus versos, *Alcino*, na memoria

[1] Na edição de 1781, vem em nome de Quita, com o n.º LXXV.

O satirico mestre de rhetorica, Nicoláo Tolentino, tambem envolveu o mavioso Quita nas suas animadas facecias, como se vê pelas quadras aconselhando a um *Cabelleireiro que não continuasse a fazer versos:*

Mas, se de Auctores antigos
Tens tido pouco exercicio,
Eu te aponto um bem moderno
E até do teu mesmo officio.

Foi este o famoso Quita
A quem triste fado ordena
Que a fome lhe traga o pente
E da mão lhe tire a penna

E emquanto na suja banca
Pobre tarefa tecia,
Que espirito sublime
Sobre o Parnaso se erguia.

Cosendo sobre o joelho
Em dura e falsa caveira,
A sua alma conversava
Com *Bernardes* e *Ferreira*.

Mil vezes travessas Musas
Da baixa obra o desviam;
E mostrando-lhe o tinteiro
Pós e banha lhe escondiam.

Mas de que servem talentos
A quem nasceu sem ventura?
Vale mais que um soneto
A pobre *penteadura*.

Quita, na sua pobreza, nunca pediu esmola em verso, como Tolentino mascarando ignobilmente a pedinchice com o falso pretexto de acudir a suas irmãs. Piedegache, que collaborara

com Quita na tragedia *Megara*, protesta contra o desdem dos criticos: «Alguns zoilos invejosos da grande reputação que o deu a conhecer até aos extranhos, intentaram com pestilentas satiras desassocegar a paz ditosa que gosava no regaço das musas e nos braços da amisade, deslustrando os seus escriptos e o seu nascimento.» O neo-árcade Francisco Joaquim Bingre (*Francelio Vouguense*), idealisou o amoroso culto de *Alcino* por *Tircêa*, em um bello soneto, que bem caracterisa a situação do poeta:

Os fios de ouro de *Tircêa* bella
O namorado Quita penteava;
E sobre o seu tapete lhe formava
Uma pyra de Amor com uma estrella.

Movendo a mão subtil, e os olhos n'ella.
As rosalinas faces lhe beijava;
N'um espelho o toucado lhe mostrava
Que fazia bradar com gosto a ella:

«Que penteado é este? Oh céos! que vejo.
Uma pyra? uma estrella? E' um thezouro
Que comtigo, meu Quita, ter desejo.»

Disse e gostosa c'um prazer vindouro
No pente de marfim pregou um beijo,
E o pente transformou em Lyra de ouro.

Desde o megacismo de 1755, não trabalhou mais o poeta cabelleireiro na sua officina da Travessa do Pastelleiro, á qual alludiu Tolentino; accolhera-o em sua casa D. Thereza Theodora de Aloim, talvez ainda não viuva do seu primeiro marido. A amizade com que o distinguia o Conde de S. Lourenço, a *Arcadia* recebendo-o por seu socio em 1757, só provocavam os chascos dos mediocres. *Tircêa* soube dar-lhe

até á morte aquelle bem estar de que tanto carece o genio artistico. As filhas de Silvestre Gonçalves de Aguiar (*Siveno Cario*), D. Maria Rita e D. Maria Antonia, acompanhavam *Tercêa* na sua viuvez; acceitando o casamento com o Dr. Balthazar Tara, em 1760, seria pelo empenho que mostrava em salvar o poeta da doença, que veiu subitamente feril-o. Transcrevemos aqui as palavras de Piedegache, seu intimo amigo e biographo: «No anno de 1761, enfermou gravemente Domingos dos Reis Quita, quebrando-se-lhe as forças o avisinharam da morte. Nada pôde atalhar a caridade com que D. Thereza Theodora de Aloim o tratou na sua doença, nem o perigo de ser assaltada por um mal tão contagioso... Os caldos, os remedios com a sua propria mão lhe ministrava. De dia o alimentava solicita, de noite o velava cuidadosa, suavisando o tormento da molestia, com maternal assistencia. O Dr. Balthazar Tara, seu marido, não se mostrou menos assiduo, nem menos affectuoso. Restabeleceu-se, porém, quasi milagrosamente depois de luctar mais de um anno entre a vida e a morte, devendo esta admiravel cura á experiencia e pericia do Dr. Tara.» Aproveitando esta convalescença e existencia de valetudinario, os amigos de Quita animaram-o a organisar as suas *Obras poeticas*, que em Junho de 1766 já estavam submettidas á censura da Inquisição e nas licenças do Desembargo do Paço em Junho de 1767. Parecerá minucia apontar estas datas; mas no epitome da sua vida lê-se: «Domingos dos Reis Quita, no anno de 1767, depois de uma terçã impertinentissima, de que precedeu uma febre maligna—que degenerou em febre lenta, chegou quasi á meta da mortal carreira...» Não faltaria

quem chamasse a attenção do Dr. Balthazar Tara para os amorosos Idylios e Eglogas a *Tircêa*, despertando-lhe um latente ciume por aquelle passado, embora anterior a 1760. A leitura d'essas quadros bucolicos ainda hoje impressiona pelo ingenuo realismo que os inspirou. O Dr. Tara era dado a experiencias pharmacologicas e fazia consultas á Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra sobre os seus Pós antifebrifugos; por duas vezes salvou o Quita. Mas o poeta revela em um Soneto o desalento da situação desesperada:

> Sem piedade de minhas mortaes dôres
> De mim ligeira foges mais que o vento;
> Depois de enlouquecer-me o pensamento
> C'os bellos olhos teus encantadores.
>
> Para que com desprezos e rigores
> Pagas os tristes ais com que lamento,
> Se os espinhos crueis do meu tormento
> Mudar podias em suaves flores.
>
> Vem, crúa ninfa, onde Amor te chama,
> Vem consolar um peito que suspira,
> Que em vão ardentes lagrimas derrama.
>
> Um instante sereno o rosto vira!
> Que a Tigre seu consorte terno brama,
> Muda em afagos a terrivel ira.
>
> (*Soneto* LVII. Ed. 1781.)

E' já com a apprehensão da morte, a que se vê arrastado, que escreve o Soneto LIV, dos ineditos que deixara, colligidos por Piedegache para a edição de 1781:

> Depois de longo tempo ter pizado
> Medonhos vales, serras cavernosas,
> Ora fugindo a serpes espantosas,
> Ou de altos rochedos despenhado;

Sulco do bravo golfo dilatado
As desertas campinas procellosas,
O vento silva, as ondas escumosas
Me combatem de um lado a outro lado.

Sem piloto, que destro leme reja,
Contra a negra tormenta denodada,
A róta, debil quilha em vão forceja.

Mas lá descubro terra levantada!
Oh queira o Céo que amigo porto seja!
Ai! que é de Sylla a horrida morada.

Em 1769 ainda teve o gosto de vêr representado o seu drama *Hermione*, em trez actos em verso no Theatro do Bairro Alto, que estava na sua nova phase. Em 13 de Julho de 1770 sae o poeta para a companhia de sua velha mãe, mas aggravando-se o seu estado por um ataque, é trazido ao fim de nove dias outra vez para casa do Dr. Balthazar Tara, succumbindo em 26 de Agosto de 1770. A morte de D. Thereza Theodora de Aloim occorreu em 11 de Novembro de 1773, e é de 1774 o requerimento do Dr. Tara á Faculdade de Medicina consultando-a sobre os seus *Pós*. Em uma nota do poema didactico *O Passeio*, Costa e Silva escreveu: «Um sobrinho de Domingos dos Reis Quita me affirmou que o marido d'esta senhora, que era medico, envenenara o poeta, para vingar os zelos que d'elle concebera.» Um poeta contemporaneo, José Ignacio Barbosa, em um Soneto á morte de Quita descreve a sepultura do poeta visitada pela mulher amada, e termina com este terceto:

Este letreiro Amor deixou gravado,
Em memoria dos candidos amores:
Alcino amou *Tircêa*, e foi amado.

E' para notar como Piedegache, observando a morte tranquilla de Quita, e encarecendo no Epitome da sua vida os cuidados extremos com que o Dr. Tara o tratou, publicasse na edição de 1781 a Egloga *A' morte de Domingos dos Reis Quita* por Domingos Maximiano Torres (*Alfeno Cynthio*) em que descreve o seu transito nas convulsões de um envenenamento:

> *Ceava um dia* (dia desgraçado!)
> Dos seus fructos alegre o brando *Alcino,*
> *Come um pômo, talvez envenenado,*
> Do mortifero dente viperino.
> *Subito, o accomettem crueis dores,*
> *Ancias mortaes e frigidos suores,*
> . . . .
> *Jaz trabalhado do lethal veneno*
> Fitos os olhos, fitas as pestanas...
> Com o semblante angelico, sereno.

Na Carta *Sobre a utilidade da Poesia* que appareceu na edição das Poesias de Quita de 1766, vem este final: «Mas que esperança não promette o nosso vigilantissimo monarcha e o seu incançavel ministro de vermos a poesia restaurada á sua primitiva?» A vida de Quita é o desmentido absoluto d'esta faina magestatica e ministerial; celebrou o Rei nos seus anniversarios, o Marquez de Pombal, seu irmão ministro adjunto, os casamentos dos filhos e das filhas. A nada se moveram; vexava-os o talento do *Cabelleireiro.*

Manuel de Figueiredo (*Lycidas Cynthio*).— Deveu a Garção a sua entrada na *Arcadia Lusitana,* ao constituir-se; esta circumstancia revela-nos um merecimento, que ainda em 1757 não estava justificado, e que só no tempo em que

esteve em Coimbra, na convivencia escholar, poderia ser avaliado por *Corydon.* Importa esboçar a sua actividade litteraria, que explica as aspirações a reformador do theatro portuguez; apesar do seu mediocre talento e deficiencia da arte de escriptor. Manuel de Figueiredo nasceu em Lisboa em 15 de Julho de 1728, e fez os seus estudos menores nas aulas do Oratorio das Necessidades; recebeu lições de caligrapho como quem se prepara para as secretarias de estado, e estudou desenho com o pintor André Nunes. A referencia em um Soneto á sua estada em Coimbra em 1745 e á importancia que mereceu a Garção, levam á inferencia de ter frequentado a Universidade. Teve de partir para Madrid, n'esse anno, quando se começou a negociar o tratado diplomatico dos limites das fronteiras portuguezas e hespanholas na America, que os Jesuitas tanto embaraçavam. Em 1753 regressa a Lisboa com esse tratado, tendo-se patenteado a acção malefica dos Jesuitas, que foi uma das causas da sua expulsão. Durante esses sete annos de vida folgada de Madrid, frequentou Manuel de Figueiredo todos os espectaculos e viu como a Comedia hespanhola interessa pelo seu movimento da acção e pelos caracteres. Lembrava-se da musica do Pateo da Bitesga e do Theatro do Bairro Alto, sustentado pelas Comedias do Judeu. Ao regressar a Lisboa em 1753, veiu encontrar o theatro portuguez ainda mais degradado, pela exclusiva paixão pelas Operas italianas, e a scena portugueza desvairada pelos *arreglos* que fazia Nicoláo Luiz para o Theatro do Bairro Alto, na sua segunda phase. Esta situação o impelia á sua audaciosa empreza. Despachado official da secretaria dos Estrangeiros e Guerra, fruía a tranquil-

lidade de uma vida em que podia dar largas á imaginação. N'este remanso, reconheceu que não lhe faltavam elementos para crear a Comedia portugueza, tendo lido o melhor do theatro europeu e visto representar boas peças por excellentes actores. Mas, confessa-o elle proprio, o sentimento e conhecimento da lingua portugueza tinham sido prejudicados por sete annos de Madrid, que o castelhanisaram. A sua vida isolada, sem convivencia, tornou-lhe a expressão litteraria e a linguagem dramatica sem brilho e sem plasticidade. Essa concentração fel-o esboçar á farta comedias, tragedias, farças e poesias, que elle deixava em borrão para produzir mais; faltava-lhe o effeito da scena, para reconhecer os seus recursos dramaticos. Toda essa papelada, um dia foi mettida e recalcada n'um sacco, na occasião do terremoto do 1.º de Novembro de 1755, e transportada para fóra de Lisboa para um barracão de Alcolena, onde estabeleceu a sua morada no sitio que ainda hoje conserva o nome da *Travessa do Figueiredo*. Na perturbação da grande catastrophe Manuel de Figueiredo perdeu a memoria d'esse sacco de papeis, que só passados annos veiu a encontrar entre as cousas inuteis de um cadoz.

Ao recomeçar-se a vida litteraria e fundada a *Arcadia Lusitana*, *Lycidas Cynthio* foi um dos alumnos que mais trabalhou, com fé e enthuziasmo lendo memórias criticas sobre a forma da Comedia, esboçando tragedias, seguindo a linha de Garção, como quem o comprehendia e secundava. Os seus numerosos Discursos doutrinarios ficaram ineditos, até que depois da sua morte em 27 de Agosto de 1801, o seu dedicado irmão Francisco Coelho de Figueiredo os reuniu nas *Obras posthumas*, onde se encontram curiosas noticias para

reconstruir a vida da *Arcadia*. Esta epoca da sua actividade de 1757 a 1774, passou-se toda identificada com a vida da corporação que elle estimulava nas crises de apathia e de dispersão. Sob o reinado de D. Maria I o theatro soffreu as terriveis consequencias do Intolerantismo, prohibindo mulheres na scena, e somente farças alvares. Manuel de Figueiredo perdeu de todo a esperança de vêr representar qualquer das suas composições, diante da omnipotencia de Nicoláo Luiz com empreitadas de imitações e traducções hespanholas, francezas e italianas. Recolhido, apoz, ás funcções automaticas da secretaria de estado, empregava-se todo a escrever variadissimas Comedias e tragedias para a gaveta, com um fervor digno do cumprimento de uma missão. Todo esse trabalho se perderia e ficaria ignorado se seu irmão mais novo Francisco Coelho, que o respeitava muito pelo seu tino critico e caracter, não tivesse a convicção da seriedade e importancia d'aquelles escriptos. Manuel de Figueiredo, que era parco no seu viver e os seus ordenados se accumulavam, ainda imprimiu trez volumes do seu *Theatro;* como nenhum exemplar achasse comprador nos livreiros, abandonou a sua tentativa, e requereu desistencia das gratificações que recebia da secretaria, por não lhe serem necessarias. Depois da sua morte o irmão resolveu deixar impressos todos esses trabalhos, e falecendo contente, depois de ter gasto todos os seus haveres e satisfeito o seu sentimento. Manuel de Figueiredo datava as suas composições; seguindo essas datas melhor se aprecia o seu esforço sem estimulos.

Eschola da Mocidade — 1 de Abril de 1773; *Perigos da Educação* — 15 de Agosto de 1773;

(representado no Theatro do Bairro Alto em a noite de 8 de Maio de 1774); *O Dramatico afinado* — 12 de Maio de 1774; *Os Paes de familia* — 25 de Abril de 1775; *Apologia das Damas*, 27 de Julho de 1773; *Osmia lusitana* — 31 de Outubro de 1773; *Fastos do Amor e Amisade* — 21 de Setembro de 1773; *Mappa da Serra Morena* — 10 de Julho de 1774; *O Fatuinho em Lisboa* — 21 de Outubro de 1773; *Poeta em annos da prosa* — Lisboa, 30 de Novembro de 1773; *A mulher que o não parece* — 20 de Janeiro de 1774; *Ignez* — Lisboa, 30 de Maio de 1774; *Os Censores do Theatro* — 29 de Agosto de 1774; *As Irmãs* — 15 de Outubro de 1775; *As Sciencias das Damas* — Lisboa, 17 de Maio de 1775; *O Jogador* — Lisboa, 8 de Junho de 1775; *O Cid* de Corneille — Lisboa, 4 de Setembro de 1775; *Cinne ou a clemencia de Augusto* — 4 de Dezembro de 1775; *Catão* de Addisson — 20 de Janeiro de 1776; *O Impostor Raderverto* — (Sem data); *O Bristo* de Ferreira — Lisboa, 4 de Agosto de 1776; *A mocidade de Socrates*, 29 de Abril de 1776; *Iphygenia em Aulida* — 11 de Abril de 1777; *O Acrédor* — 4 de Dezembro de 1776; *Andromaca* — 11 de Abril de 1777; *Grifaria* — de 1777; *O homem que o não quer ser* — (Sem data); *Fragmento d'uma Comedia* (intitulada *O Urso*); *O Avaro dissipador* — (Sem data); *O opulento miseravel* — (Sem data); *O Fidalgo da sua propria casa* — (Sem data); *Lucia ou a Hespanhola* — (Sem data); *Os Amantes sin ochavo* — (Sem data).

Dando conta da impressão d'estas obras, escreve seu irmão piedoso, Francisco Coelho: «Quando em 1803 comecei esta empreza, subindo a grande preço o papel, todos me aconselhavam

que suspendesse e esperasse que diminuisse aquelle grande valor... ainda me não arrependo da minha constancia.» (*Obras posth.*, II, 299). «A mim, que me faltava o tempo, pelo receio da minha edade, fiz aceleradamente imprimir aquelles escriptos com tanta fortuna, que o consegui em 5 annos; e quando a 29 de Novembro de 1807 *me entraram em casa os francezes*, achava-me com aquella parte das Lyricas toda feita...»

Que pensar sobre a obra de Manuel de Figueiredo? Temos o juizo do homem mais competente n'estes assumptos — Garrett. Compondo a sua tragedia *Catão*, falla do *Catão* de Addisson traduzida por Manuel de Figueiredo, e d'ella escreve: «Um homem sem talento, mas de grande tino, juizo e erudição de cujo volumoso *Theatro* poucos sabem até que existe; lêl-o é para exemplares paciencias. Pois ganha muito quem o fizer, que ha alli ouro de Ennio com que fazer muitos Virgilios.» E nas *Viagens na minha terra* escreve outra vez sobre Manuel de Figueiredo «que tinha inquestionavelmente o instinto de descobrir assumptos dramaticos nacionaes, ainda ás vezes a arte de desenhar bem o seu quadro, de lhe grupar não sem merito as figuras; mas ao pôl-as em acção, ao coloril-as, ao fazel-as fallar... boas noites! era semsaboria irremediavel — mas rara é a que não poderia ser arranjada e apropriada á scena... Que mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico! Que bellas e portuguezas cousas se não podem extrahir dos treze volumes, e grandes, do *Theatro* de Manuel de Figueiredo. Algumas d'essas peças, com bem pouco trabalho, com um dialogo mais vivo e com estylo mais animado, fariam comedias excellentes.» Garrett aponta al-

gumas d'essas Comedias, e ao falar da que se intitula *Poeta em annos prosa*, e rindo-se da ingenuidade familiar e sympathica do seu tom magoado e melancholicamente chôcho, exclama: «Oh Figueiredo, Figueiredo, que grande homem tu foste, quando imaginaste este titulo, que só elle é um volume!» (*Viagens*, cap. IX). A sua tragedia *Ignez de Castro*, é a unica que apresenta situações tomadas em paixões naturaes pela sua realidade, como a do velho D. Affonso IV receando que os filhos da amante do principe venham a afastar do throno seu neto D. Fernando. Contra a comedia seiscentista de *capa e espada* de Velez de Guevara, do caso de D. Inez de Castro, traduzida por Nicoláo Luiz, oppoz a *Arcadia*, na sua obcecação classica, a tragedia franceza de Lamothe Houdart, que tantas polemicas suscitara em França. Manuel de Figueiredo, o auctor d'outra, Domingos dos Reis Quita, remodelaram a peça de Lamothe. N'este genero, viu Figueiredo surgir a Tragedia philosophica, mas já lhe era impossivel ensaiar esse estylo revolucionario pela sua edade e isolamento social em que vegetava.

b) O Theatro do Bairro Alto e o Theatro da Rua dos Condes. — O calamitoso terramoto do 1.º de Novembro de 1755, causara a derrocada do palacio do Conde de Soure. Essa parte arruinada foi tomada de arrendamento por uma sociedade composta por José Gomes Varella, João Luiz da Silva Barros e Francisco Luiz, para ahi edificarem o theatro do Bairro Alto, pagando annualmente 240$000, durante quatorze annos, renovaveis, salvo se o proprietario quizesse continuar a reedificação do palacio. Celebrou-se a es-

criptura de arrendamento em 1 de Outubro de 1760. Para fazerem a construcçãò de *uma Casa de Opera,* entrou Varella com metade do capital, e a outra pelos dois socios. Ha tradição de que os Marquezes de Marialva e de Castello Melhor auxiliaram o Varella, que pela sua intelligencia e habilidade veiu a achar-se proprietario do Theatro do Bairro Alto. Começadas as obras em fins de 1760, «*outo dias antes do carnaval de 1761, foi o primeiro dia que se representou n'ella*», como se lê no Appendice ás *Contas da Casa da Opera do Pateo do Conde de Soure.* Para realisar-se esta rapida transformação, a Tavares e José Duarte, por escriptura de 13 de Outubro de 1760 arrendaram «toda a fabrica e preparos que tinham para a *Opera dos bonecos,* que antes tinham tido na rua dos Condes.» Varella, como entendido em cousas theatraes, formulou condições leoninas, e como senhor da caixa, tendo acudido ás perdas nos annos de 1762 e 1763 e supprido ás despezas da factura do edificio, preparos de opera e scenarios, achava-se o principal proprietario, tanto mais que os outros dois socios eram um entalhador e o outro pedreiro. D'elles escreveu o proprio Varella, «*eram tam pouco praticos* das contas e das suas formalidades, que nem sabiam como era a pratica.» A despeza com a construcção da Casa da Opera, accommodação e abrigos, importou em 6:523$853 rs.; vê-se que Varella dispunha de capital de opulentos protectores. Garção, em uma Ode pindarica *Aos Fidalgos que protegeram o Theatro do Bairro-Alto,* enaltece esses potentados, cujos nomes a tradição conservou:

De tão honrados, inclytos maiores,
Vós, netos generosos

Do fado das batalhas sois senhores;
Illustres cavalleiros virtuosos.
Espiritos briosos
Vos inspira o ardor que vos inflamma.
'Té o grão Templo conquistar da Fama.

. . . .

Tempo, tempo virá, que as despresadas
Musas do patrio Tejo,
Por vossas mãos benignas levantadas
No porto vão surgir, *que inda não vejo*;
Então, então *sem pejò*,
Em grave scena adereçando a Historia
Mostrarão quanto pode o amor da gloria.

Calcando o humilde sócco, ao feio Vicio
A mascara arrancando,
Hãode ensinar ao *comico exercicio*.
Como verdade do alto céo mandando.

. . . .

O jugo vergonhoso,
O cêpo, em que jazem prisioneiras.
Como escravas das Musas estrangeiras,
Com animo brioso
Desejam sacudir, serão louvadas,
Dignas então de vós, de vós honradas.

Pelas palavras sublinhadas n'esta ode vê-se que o poeta já allude ao theatro edificado, vaticinando a revelação da Comedia nacional, e ao pejo ou anonymato dos Fidalgos que protegiam o Theatro do Bairro Alto. No *Journal de Litterature et des Sciences et des Arts*, de 1781, um artigo do Estado actual do Theatro em Portugal, consigna estes traços descriptivos do Theatro do Bairro Alto, ao referir-se á grande actriz Cecilia Rosa de Aguiar: «O Theatro do Bairro Alto é o mais antigo, e o seu nome vem-lhe do bairro em que está situado. E' espaçoso; a platéa divide-se em duas; tem uma ordem de camarotes ao nivel da platéa, a que dão o nome de forçuras (do francez *frissure*, hoje friza); é raro vêr mulheres n'es-

tes camarotes, sendo onze de cada lado e cinco de fundo. De quarta ordem, sómente metade do lado da scena tem camarotes, a outra metade forma galeria. O ponto, como é costume, está na bocca da scena, mas em logar elevado, de modo que de toda a parte se vê.» Era maior do que o theatro da Rua dos Condes, construido mais tarde em 1770, tendo sómente nove camarotes de cada lado, como consigna a descripção referida. O Dr. Guimarães, no seu estudo sobre o Theatro do Bairro Alto opina, que esse theatro tivera uma ampla sala de espectaculo, e conclue: «A despeza feita na sua construcção, mostra que não era solida nem grandiosa; as suas ruínas desappareceram de todo. Pessoas edosas lembram-se de terem visto apenas alguns vestigios do Theatro;...» Teve de succumbir diante da corrente do gosto da Opera italiana que alenta o Theatro da Rua dos Condes, e é substituido pelo Theatro do Salitre, explorado pelo Varella. Mas o Theatro do Bairro Alto, tornou-se importante pelas bellas paginas que offereceu á Historia da Litteratura e da Arte, com o seu fecundo comediographo Nicoláo Luiz, e com a assombrosa actriz Cecilia Rosa de Aguiar, que illuminavam as suas épocas theatraes. [1]

---

[1] Transcrevemos para aqui um Soneto inedito em que se elogia a fundação do Theatro novo:

AO MAGNIFICO
THEATRO
QUE NO PLANO DO PALACIO DO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR CONDE DE SOURE NOVAMENTE ERIGIU
O SENHOR
JOÃO GOMES VARELLA
PELA IDEIA DO INSIGNE ARCHITECTO, O SENHOR
LOURENÇO DA CUNHA

No anno de 1764-65 os emprezarios do Theatro do Bairro Alto associaram-se com o emprezario do Theatro da Rua dos Condes, Agostinho da Silva, para darem récitas alternadamente em conjuncto das duas companhias. O resultado foi optimo, tendo de lucro 1.227$938 rs. Não continuou esta prestimosa exploração por falecimento de Agostinho da Silva e João da Silva Barros. Os espectaculos exhibidos, segundo as contas, foram Comedias portuguezas, danças e alguma comedia italiana pelos dançarinos, em 136 récitas. Entre as Comedias representadas apontam-se nos róes de despeza *A criada astuciosa*, o *Medico hollandez*, *Codro*, *Lavrador honrado*, *Amor da Patria*,

---

OFFERECE
O BAIRRO ALTO
ESTE
SONETO.

Outra sala de Sol n'esta se inaugura,
Oh, quanta gloria d'ella se desata!
Quando esse Cesar *João* maior se retrata,
Em Dédalo *Lourenço* se affigura.

D'este assombra a famosa Arquitectura
D'aquelle o generoso se dilata,
Ambos são harmonia de luz grata,
Egregio mixto que o primor apura.

Qualquer de vós, illustres primorosos,
Já nos lembra de brio sem segundo,
Sustendo um globo de Safir vistoso.

E este Bairro tão Alto e tão jocundo,
O parabem vos dá, não duvidoso,
De que os vivas tens de todo o mundo.

O valor d'este Soneto está em revelar-nos quem foi o architecto do Theatro do Bairro Alto.

A Dalmatica. No anno de 1765-66, os primeiros trez mezes foram de comedias portuguezas e danças; e de 5 de julho por deante começaram as representações de Operas italianas. O Theatro entrava na sua phase de esplendor. O grande compositor David Perez ensaiava e eram cantadas as suas operas *Didone*, *Zenobia* e *Semiramis riconosciuta.* Entre os cantores italianos figura já a celebrada Cecilia Rosa de Aguiar, contando então dezenove annos de edade. Na Opera comica *L'amor artegiano*, de Labilla, faz Cecilia um papel secundario, mas n'esse mesmo anno de 1776, substitue a prima-dona Berardi, na opera *Tamire.* Mas a par do talento musical revela-se o talento dramatico de Cecilia Rosa de Aguiar e deixa o canto pela declamação, em que se tornou extraordinaria. Em 1766-67, os Comicos do Theatro do Bairro Alto arrendaram-o por sua conta por 8$000 rs. por noite, com parte dos lucros para a casa e os vestuarios feitos; deram 164 récitas com o lucro, cabendo á casa 1.211$000 rs. Isto explica-nos a preferencia que Cecilia Rosa deu á sua vocação dramatica. Nas contas dos comicos portuguezes do anno de 1767-68, ahi nos apparece entre o pessoal contratado:

«CECILIA ROSA *e sua irmã*, ajustadas com casas pagas por . . . . 708$000 rs.»

Em seguida, vem a sua rival

«Maria Jesuina e seu pae . . . . . . 500$000 rs.»

E antes de ensaiador e ponto:

«NICOLÁO LUIZ *ajustado para dar as Comedias* . . . . 200$000 rs.»

Nas Contas d'este anno acha-se tambem uma verba interessante, pela deducção a que se presta:

"Por uma Aria, ao Pae da *Sezilia* . . . 1$440 rs.,,
"Musica para a *Sezilia* e D. Ignez, Rol da Musica a Manoel José . . . . 2$560 rs.,,

Este *pae da Cecilia* é Manoel José de Almeida, copista de musica, e segundo o musicographo Ernesto Vieira, porventura compositor; era professor, por isso que ensinou a musica a suas trez filhas Cecilia Rosa de Aguiar, nascida em 6 de Septembro de 1746; Luiza Rosa de Aguiar (a Todi) e Isabel Iphygenia. [1] Foi talvez pelas suas

[1] O erudito setubalense Portella, communicou-nos estas certidões authenticas das trez insignes artistas, que engrandeceram o Theatro Novo:

"No livro n.º 14 dos termos de baptismos da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada de Setubal, a folhas 170, consta que:

"Aos seis dias de setembro de mil setecentos quarenta e seis baptisou de minha licença o P.e Manoel Bello de Freitas a Cecilia, filha de Manuel José d'Aguiar e de Anna Joaquina d'Almeida, recebidos n'esta freguezia, nasceu em vinte e tres d'agosto; e foram padrinhos Victorino José d'Almeida e D. Francisca Josefa Navel. O Prior Clemente Rodrigues Montanha.,,

A fl 141 v do livro 15.º dos baptismos da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada de Setubal, está o assento seguinte:

"E aos trinta e um dias de janeiro de mil setecentos e cincoenta e tres baptisei a Luiza, filha de Manoel Joseph de Aguiar e de Anna Joaquina de Almeida; nasceo em 9 do dito mez; e foram padrinhos D. Luiza de Sousa e Soror Ignacia Jacintha. O Prior Clemente Rodrigues Montanha.,,

Isabel Iphygenia d'Aguiar:

Nasceu em Setubal em 5 de novembro de 1750.—Co-

relações como professor em casas fidalgas, que obedecendo á sugestão dos *altos protectores* do Theatro do Bairro Alto, elle trouxe para a scena do theatro em que trabalhou como copista, as suas trez bellas filhas, artistas geniaes. Cecilia e Luiza representaram em 1767-68, a comedia *Tartufo*, de Molière, traduzida pelo capitão Manuel de Sousa, em que o papel principal era desempenhado pela irmã mais velha, e Luiza representava de lacaia. Com estas duas artistas dá-se o phenomeno notavel: pelo canto, Cecilia revela o seu genio determinando-se pela declamação; e Luiza, começando a sua carreira pela declamação, tornase surprehendente no canto, recebendo lições de David Perez quando ensaiava as suas Operas. As trez irmãs appareceram em varias peças musicaes, o que leva a inferir que tinham recebido uma cultura especial de seu pae. Em 1770, na opera *Il viagiatore ridiculo*, de Scolari, Cecilia cantava o papel de dama seria, Luiza, o principal papel de jocosa, e Isabel Iphygenia de creada; e no outono d'esse anno a opera *L'injusta perseguitata*. Em 1771, cantaram as trez filhas de Manuel José de Almeida pelo carnaval a opera-bufa de Scolari *Il Berjglierbei de Caramania*, fazendo Cecilia

meçou a figurar nas Operas cantadas de 1770-71, juntamente com Cecilia e Luiza. "Formosa, como suas irmãs. attrahiu-a o casamento, consorciou-se em 18 de agosto de 1771 com Joaquim de Oliveira, tenor, cantor da Patriarchal. D'aqui o apagamento do seu nome, comparado com a aura gloriosa de suas irmãs. Chegou a cantar na Italia. com applauso, como informam os jornaes da epoca. A vida domestica levou-a a deixar a scena muito cedo. Ainda vivia em 1833; uma sua filha, casou com o coronel Turiani, e consta ter sido insigne pianista." (Dr. Ribeiro Guimarães.)

de galan, Luiza o papel de dama, e Iphygenia uma parte secundaria. Terminaram em 1771 as representações da Opera italiana no Theatro do Bairro Alto, ficando o Theatro da Rua dos Condes sob a exploração da empreza que se formára por causa da Zamperini.

E' na exibição das Comedias portuguezas cujo reportorio era fornecido por Nicoláo Luiz com inexgotavel abundancia, e no esplendido desempenho de Cecilia Rosa, que o Theatro do Bairro Alto mostra essa vitalidade que em breve foi continuada pelo Theatro do Salitre pelo mesmo João Gomes Varella, que se separára da antiga empreza. A lei de D. Maria I, que prohibiu a representação theatral por mulheres em 1789, foi o golpe de morte no Theatro portuguez. O arrendamento do Theatro do Bairro Alto cessou e o Conde de Soure deixou-o desmoronar-se em breve tempo, e em 1782 erigiu-se o barracão do Salitre para a baixa Comedia. Garção, na sua comedia *Theatro Novo*, descreveu esta crise que desde 1770 determinara o desenvolvimento do Theatro portuguez:

> Inda o Fado não quer, inda não chega
> A epoca feliz e suspirada
> De lançar do Theatro alheias Musas,
> De restaurar a Scena portugueza.
> Vós, manes de Ferreira e de Miranda,
> E tu, oh Gil Vicente, a quem as Graças
> Embalaram no berço e te gravaram
> Na honrada campa o nome de Terencio;
> Esperae, esparae; que inda vingados
> E soltos vós sereis do esquecimento
> Illustres portuguezes! ao Theatro
> Não negueis um logar ás vossas Musas;
> Ellas, não as alheias, publicaram
> Dos vossos bons avós os grandes feitos
> Que eternos soarão em seus escriptos;

E podeis esperar paga tão nobre
Se detestando parecer ingrato;
Lhe defenderdes o paterno ninho,
Quizerdes com honra agasalhal-as.

Por este eloquente protesto se vê que não podia Garção conformar-se com o plano em que entrava Theotonio Gomes de Carvalho, patrocinado pelo Conde de Oeiras, para se organisar uma *Sociedade estabelecida para subsistencia dos Theatros publicos da Côrte e Cidade de Lisboa*, mas tendo por fim exclusivo fixar por longo tempo em Lisboa a Zamperini no Theatro da Rua dos Condes. O Marquez de Pombal mandou prender Garção e mettel-o no segredo do Limoeiro em 8 de Abril de 1771, e em 1 de Julho assignava as bases d'essa sociedade, que estourou pelas burlas, maculando o Presidente do Senado de Lisboa, e o ministro seu pae, que teve de expulsar a Zamperini.

Na epoca em que o Theatro do Bairro Alto estava no seu esplendor, em que se cantavam as Operas de David Perez, e Cecilia de Aguiar arrebatava o publico pelo seu genio dramatico, Garção escreveu para essa scena a sua primorosa comedia, *Assembleia ou Partido*, ridicularisando o novo costume das *soirées* dispendiosas, que estavam no furor da moda. Em uma das scenas um dos visitantes recita a bella cantata de *Dido*, uma das joias da poesia lyrica. Garção ouvira a Opera de David Perez *Didone abandonata* e deu a esse quadro musical e scenico a expressão verbal descriptiva e impressionante. Em um dos Manuscriptos a *Assembleia ou Partido*, traz a seguinte declaração: «*Este finalisado drama se representou no Theatro do Bairro Alto, em 22 de Janeiro de 1766, e o Povo espectador não deixou*

acabar com pateadas e assobios » (*Arcad. Lusit.*, p. 471.) A comedia de Garção como modelar não podia ser apreciada por uma plateia que era arrebatada pelas declamações cavernosas e retumbantes do *Capitão Belisario* de Nicoláo Luiz. Manuel de Figueiredo, que soffreu egual desacato com a sua comedia *Perigos da Educação*, elle mesmo descreve o estado mental d'esse publico: «*Gentes que estavam loucas com o Belisario e que sabem o theatro dos bonecros.*» — «Fez a casualidade que achando-me a jogar a um *rober* em casa de um amigo com quem jantara em Lisboa se moveu a conversação sobre o *Belisario*; e estranhando eu que ainda durasse, me respondeu um d'esta maneira: — E durará sempre! Nunca se viu uma obra como aquella, para quem entende de tragico. — E disse-o com valentia!... acabei o *rober* e parti para o theatro. — Ao romper por elle (um grupo no corredor) fiquei vexado, e por entender que não se representava a tragedia, ouvindo uma risada semelhante á que presenceei em outra occasião, quando no *Esposo fingido* appareceu o burro no theatro. Com effeito, porém, era o *Belisario* que os fazia rir.» Em outra passagem refere a sua ida ao theatro da Ajuda (do Espirito Santo) aonde tambem viu representar o *Belisario*: «achei-me em uma fressura visinha ao camarote onde estavam muitas senhoras da côrte. Ainda o *Belisario* me pareceu peor que quando ali, mas as risadas e os applausos eram os mesmos que no outro theatro.... Prodigiosamente, uma voz que vinha do alto e que não era de homem, mal peccado, me consolou os ouvidos, pois articulava estas palavras,... (cita algumas phrases de desdem e quando chega o *Belisario* eis que lhe querem tirar a mulher). *Já não posso mais!* E dizia

isto a Senhora, senão com ira, com aborrecimento.» *(Obr.*, t. II, discurso 6.) Outra peça, que dava sempre enchentes, era a tragedia de *Ignez de Castro,* arranjada por Nicoláo Luiz da Comedia famosa de Vellez de Guevara *Reynar después de morir.* Nicoláo Luiz eliminou certas grosserias do poeta castelhano e com vantagem para o exito. Cecilia Rosa de Aguiar representava o papel de Ignez de Castro tão profundamente sentido, que as recitas se suspendiam, porque adoecia com os abalos moraes. No *Journel de Litterature, des Sciences et des Arts* lê-se, ácerca da extrordinaria actriz: «A sua figura é verdadeiramente theatral, tem naturalidade na acção, o que a singularisa nos papeis de ingenua, mas conhece a fundo as regras da arte e não pode representar papeis affectados. Finalmente deixa-se dominar tanto pelo sentimento, que compenetra-se por tal modo do seu papel, que tem acontecido adoecer depois das representações da *Ignez de Castro*, sendo necessario descansar alguns dias.» Manuel de Figueiredo allude a esta tragedia, quando causava o maior enthuziasmo: «Findo algum tempo, visitando a senhora Cecilia Rosa, a achei vestindo-se para ir ao ensaio, e fallando-lhe eu em assumptos de Theatro, me disse, que se punha em scena o *Belisario*, vertido pelo mesmo poeta que traduzira em portuguez a comedia castelhana *Reynar despues de morir*, que tempo antes me tinha emprestado para lêr; mas a hora do ensaio era chegada, despedi-me, ella partiu.» Por este testemunho de Manuel de Figueiredo é que se sabe pertencerem a Nicoláo Luiz, porque todas as peças que traduziu, ou adaptou ou compoz, foram impressas em folhetos, que os cegos exploravam na venda, pelo privilegio que lhes fôra concedido

constituidos em classe ou irmandade do Menino Jesus. José Maria da Costa e Silva no *Ensaio biographico critico*, deixou os traços vivos d'esta figura singular com a paixão exclusiva por cousas theatraes: «Se era pouco zeloso da sua fortuna e bem estar, não o era menos da sua gloria litteraria; nunca houve homem que menos caso fizesse dos seus escriptos e da fama que d'elles podia provir-lhe; as suas versões apenas compostas, passavam logo para as mãos dos actores; vendia os manuscriptos das suas comedias aos cegos, que as imprimiam e vendiam sem que elle sequer tomasse o trabalho de corrigir as provas ou exigisse que o seu nome fôsse estampado no frontispicio. E' indubitavel, pelo menos um terço dos *Comedias de cordel*, assim chamadas, porque os cegos as expunham á venda em papel *(pliego suelto)* pendentes de um barbante pregado na parede ou nas portas, pertencem a Nicoláo Luiz.» Apenas apparece o seu nome no comedia intitulada *Os maridos peraltas*, em 1783, quando entrava em actividade o Theatro do Salitre. O cego Romão José, que tinha o seu estendal de Comedias de cordel á esquina do convento de S. Domingos, ao Rocio, publicou o catalogo d'essas peças sob o titulo *Noticia aos curiosos*, no folheto *Vingança de Alcmena*, de 1791. Ahi se encontram enumeradas 51 Comedias, que na maior parte pertencem a Nicoláo Luiz, segundo testemunho dos auctores e contas do Theatro do Bairro Alto. *Os maridos peraltas* fecham a collecção do cego Romão José, que comprava os manuscriptos a Nicoláo Luiz. Para guiar as investigações entre as comedias anonymas, Costa e Silva apontou aquellas que conhecia como attribuidas a Nicoláo Luiz pelos contemporaneos com quem tratou: «*D. Ignez de*

Castro, Amor e obrigação, Aspasia na Syria, Dom João de Alvarado, Alarico em Roma, Escravo em grilhão de ouro. Cordova restaurada, O Conde Alarcos, A Restauração de Granada, Bella selvagem, A Ilha deshabitada.» (*Ens. biogr.*, t. x, 291.) Nas Contas do Theatro do Bairro Alto de 1767-68, figura: *Nicóláo Luiz ajustado para dar as Comedias* 200$000 rs.; e em 1768-69: *Nicoláo Luiz com obrigação de dar algumas Comedias entre novas e velhas* 70$000 rs. Nas contas de José Gomes Varella, vem apontadas duas Comedias pagas a Nicoláo Luiz, a *Filha obediente* e *Constancia do futuro*. Pela grande quantidade de Comedias, cujos titulos apparecem nas contas do Theatro do Bairro Alto, que eram apresentadas por Nicoláo Luiz, vê-se que elle não tinha tempo para elaborar composições originaes; traduzia do theatro hespanhol do seculo XVII e do theatro italiano do seculo XVIII, sem responsabilidade litteraria, por isso não assignando as suas imitações nem sequer revendo as provas das que o cego Romão José ou outros da irmandade lhe compravam. Entre as *comedias velhas*, que tinha de escolher, acham-se a *Guerra do Alecrim e Mangerona*, [1] e o *Proteo* (*Variedades.*)

---

[1] Em uma carta de Goubier de Barrault ao Conde de Oeiras, de 9 de Fevereiro de 1771, lê-se: "Tous les ministres et dames vont ce soir au théatre da Graça voir *Alecrim e Mangerona*, ainsi qu'un fandango dansé par la Joanna, qui. à ce qu'on dit, l'emporte sur la Pepa."

E n'outra carta do mesmo, de 11 de Fevereiro: "Samedi je fus au Théatre de la Grace, où il y avait un monde prodigieux de dames. et les ministres étrangers s'y trouvairent. On nous donna *Alecrim e Mangerona*, et

Nicoláo Luiz continuava Antonio José. Conservava no seu espirito a impressão das Operas do Judeu do *Pateo da Comedia*, e foi sobre esse modêlo que escreveu *Os Maridos Perallas*, typo comico e caracteristico da comedia portugueza do seculo XVIII, amplamente explorado pela comedia de cordel. Por occasião do terremoto de 1755, figura um Juiz do Povo em Lisboa, Nicoláo Luiz da Silva, que Innocencio identifica e bem com o poeta comico; e este facto colloca a sua mocidade na epoca do enthuziasmo pelas Operas do Judeu, cuja feição litteraria continuou, segundo os gostos dramaticos.

Toda a paixão e enthuziasmo era empolgada pela Opera italiana, que dominava nos theatros regios de Queluz, de Salvaterra, da Ajuda e no da Rua dos Condes, chegando mesmo a occupar o theatro popular do Salitre. O desastre vergonhoso da Sociedade, decretada em 1771, de que resultou a expulsão da Zamperini, originou o plano para a fundação do Theatro de San Carlos. O Theatro portuguez achou-se rebaixado aos espectaculos dos idioticos *Elogios dramaticos*, e sómente quasi ao fim de um seculo é que a aspiração de Garção pôde ser comprehendida e realisada.

2.º *O Intolerantismo sob D. Maria I.*—Bem comprehendia o Marquez de Pombal, que todo o seu poder acabaria por morte do rei; e sabendo que se lhe tinham fechado as ulceras das pernas, teve logo o abalo da ameaça fatidica. Não tardou

---

ainsi l'un nouvel intermede intitulé *O velho peralta*, qui est salmigondi detestable et aussi d'un fandango insipide „ *(Collecç. Pomb.)*

muito o golpe; em fins de 1776 foi atacado com «uma paralysia na lingua, que a fez sair do seu logar para fóra da bocca, muito inchada, de modo que lhe prohibiu o uso da falla.» (Gramosa, *Succ. de Port*, I, 52.) Em decreto de Novembro de 1776, transferiu os seus poderes magestaticos á rainha D. Marianna Victoria, sendo essencialmente referendados pelo Marquez de Pombal. Em 11 de Dezembro, quando o Marquez, segundo o costume, abriu a porta da camara real para tratar de interesses de ordem publica, D. José acenou-lhe com a mão para que se retirasse. D'ahi até 24 de Fevereiro de 1777, em que faleceu o monarcha, o omnipotente ministro sentiu a contrariedade da sorte, preparando a papelada referente aos actos mais graves do seu governo, sob a *rubrica e guarda* de seu amo e senhor, como égide nas responsabilidades de que lhe tomariam conta. Em 4 de Março estava investida da soberania D. Maria I. Acabou instantaneamente o terror da Junta da Inconfidencia, podendo expandir-se opiniões sobre o governo do Marquez de Pombal. Os chascos livres, os insultos sangrentos receberam a expressão mais mordente na alluvião de versos satiricos, de que existem collecções manuscriptas nas bibliothecas publicas. Tolentino designou esta crise moral dos espiritos a *viradeira.* Escreveu Gramosa nos *Successos de Portugal:* «e tanto foi avante esta desenvoltura, que apenas el-rei faleceu, appareciam todos os dias pela cidade uma quantidade espantosa de obras poeticas contra elle, contra as suas acções, e envolvendo n'ellas além dos factos criminosos que lhe accumulavam, todos os seus parentes, amigos e ministros a quem elle mais beneficiou.» *(Ib.*, p. 94.)

O Marquez de Pombal, conhecedor das normas protocolares, representou á rainha que a sua avançada edade e molestias lhe não permittiam continuar no real serviço, sendo exonerado por decreto de 5 de Março de 1777. Para comprazer com a aristocracia e com o clericalismo, a rainha, mais para resalvar a memoria de seu pae, accedeu a mandar metter em processo o Marquez, e a conceder a revisão no processo dos Tavoras, para libertarem da infamia a sua geração. Pelo seu lado os jesuitas reclamavam a sua reinstallação em Portugal, com atrevidas ameaças. Mas a rainha, apesar da sua pusilanimidade, e fanatismo, resistiu a todas estas correntes pela sua propria fraqueza, tendo junto de si o genio hesitante de seu marido e tio. O Arcebispo-Confessor, Frei Ignacio de S. Caetano, sendo sempre seu director espiritual até falecer em 1788, fôra escolhido para esse cargo pelo Marquez de Pombal; tinha a absoluta confiança da debil rainha, a quem alentava no meio das correntes palatinas. Frei Ignacio de S. Caetano, natural de Chaves, ahi seguira a vida soldadesca e subira a postos militares; como quatro irmãos seus tinham adoptado a carreira ecclesiastica, este seguiu tambem o mesmo pendor. Para elle a religiosidade não era um devaneio mystico mas uma disciplina explicita. Foi esta qualidade que lhe conheceu o Marquez de Pombal, e com essa disciplina susteve a exaltação da rainha, demorando-lhe o accesso de loucura, que a derruiu em 1792. Gramosa explica o prestigio do Arcebispo-Confessor pela sua *admiravel moderação* e *louvavel desinteresse.*

Acabaram-se as perseguições politicas, mas começaram as perseguições religiosas, creando-se a Mesa Censoria para o exame e censura dos li-

vros, cuja entrada no reino estava entregue á al
çada do Intendente da Policia Pina Manique
Escreve Gramosa: «Introduziram-se por este tem
pa em Portugal as obras de João Jacques Rous
seau, de Voltaire e de outros seus sequazes, cuja
opiniões arriscadas e libertinas mascaradas com
Evangelho, *inoculavam a liberdade e a indiffe
rença* nas materias de fé e de religião. Doutrina
abraçadas pelos *philosophos modernos*, que s
denominavam *Espiritos fortes e illuminados*,
que se jactam de só elles saberem ser christão
e na verdade abominaveis, e tanto mais pernicio
sos quanto disfarçados e encobertos.» *(Ib.,* II, p. 76

No meio das convulsionadas correntes da re
acção anti-pombalina e restabelecimento da in
fluencia de jesuitas, o espirito sobreexcitado d
D. Maria I amparava-se na intervenção de se
tio e marido D. Pedro III, nas questões politica
e especialmente na confiança absoluta no Arce
bispo-Confessor Fr. Ignacio de S. Caetano, que
Marquez de Pombal escolhera para seu directo
espiritual, e a quem ella fizera tomar parte no
conselhos dos ministros. Pelas ideias dominante
a nação era o conjuncto dos vassalos, e os inte
resses da sua familia dynastica é que mais a pre
occupavam. Por esse egoismo instinctivo se vi
D. Maria I ferida successiva e fortemente co
desastres que abalaram profundamente o seu se
timento, lançando-a n'uma loucura attonita.

Depois da morte do rei D. José, foi a rainh
viuva á corte de Madrid sob o pretexto de sa
dades, combinar os casamentos do infante D. Jo
com a infanta Carlota Joaquina, filha de Ca
los IV; e da infanta D. Marianna Victoria, sua net
com o infante D. Gabriel. Estas ligações com
monarchia castelhana foram a fonte dos desastr

›liticos que a Hespanha fez cahir sobre Portu-
ıl: tratados leoninos, guerra da invasão, guerra
vil e traições dynasticas desmembrando a Pa-
ia. Nada d'isto poderia impressionar o espirito
› D. Maria I; mas os seus escrupulos religiosos
rçaram-na a consentir no casamento morganatico
› sua mãe a rainha D. Marianna Victoria com
cirurgião veterinario Queiroga. Succedem-se os
›ontecimentos que mais a contristam; em Maio
› 1786 falece D. Pedro III; em 1788 morre de um
aque de variola sua filha D. Marianna Victoria
poucos dias depois seu marido; e em 10 de Se-
›mbro falece mysteriosamente o principe D. José,
ıe tivera a leviandade de confessar o seu *pom-
ılismo* a lord Beckford, e certa antipathia pela
ıfluencia ingleza; e em 20 de Novembro d'este
ıesmo anno falece o Arcebispo-Confessor, o unico
mparo moral no meio de tão inconsolaveis deso-
ıções. Quem poderia substituir Fr. Ignacio, que
ela pratica de longos annos de confessor e di-
›ctor espiritual da rainha, conseguira fortifical-a
›m palavras que a levantavam da apathia? N'esta
rise de coincidencias de tantos desastres pes-
›aes, era consequencia fatal a loucura, que os
contecimentos europeus, como a Revolução fran-
eza de 1789, e o seu reflexo doutrinario no Bra-
il, onde se discutiam ideias e instituições republi-
as, crearam na côrte portugueza uma atmos-
hera de terror. Era preciso nomear-se um Con-
›ssor e director espiritual; escolheram o bispo
o Algarve D. José Maria de Mello, ex-orato-
ano. Porque motivo? Elle era irmão de D. The-
›za de Mello, filha do Monteiro-Mór que durante
tempo de solteira da princeza fôra até 1760
ua dama de quarto com a maior dedicação.
Quando a princeza casou com seu tio a There-

zinha professou e foi prioreza do convento de Carnide; e quando D. Maria I foi ao throno, mandou erigir a sumptuosa basilica do Convento novo do Coração de Jesus, uma devoção da moda, sendo madre Thereza de Mello a abbadessa. Por estas influencias se escolheu o bispo do Algarve, que logo renunciou a mitra, sendo pouco depois nomeado Inquisidor Geral do reino. Com a direcção espiritual de D. José Maria de Mello aggravou-se o estado mental da rainha, cujos escrupulos e ideias obsidiantes a atormentavam; culparam o Inquisidor Geral d'esse estado. Elle era, como toda a gente official em volta, ignorante dos phenomenos morbidos da psychologia. Queriam distrahir a rainha e levavam-na a passear pelo Tejo em estrondosas regatas, em excursão em escaleres reaes, e no theatro de Salvaterra exhibiram um dia uma Opera do seu antigo professor David Perez, *Zanobia*, rainha com dois filhos, desthronada e captiva do imperador romano. Quando ella sahiu do theatro foi no delirio, em que ficou até á morte. O principe D. João, ficou regente subordinado ao castelhanismo de sua mulher Carlota Joaquina, que o arrastou a todas as indignidades, até ao ponto de abandonar Portugal á invasão napoleonica, e tentar unir esta patria a Hespanha pelo casamento de sua filha D. Maria Thereza com o primo D. Pedro Carlos, quando estavam no Rio de Janeiro. Sem este quadro mal se comprehendem os factos que são a historia dos ultimos cinco annos do seculo XVIII e a acção automatica do Principe-Regente D. João VI, como synthetisou o pasquim: *Faço o que me dizem, e cômo o que me dão.* De facto, elle estava em Mafra, deliciando-se com o cantochão, quando teve de abandonar Portugal aos maltrapilhos de Junot,

A leitura dos escriptores do fim do seculo XVII e principalmente dos que precederam a Revolução, era prohibida pelo poder ministerial. Em data de 15 de Setembro de 1770, e Consulta da Meza de Consciencia, publicou-se uma extensa lista das obras philosophicas, scientificas e litterarias absolutamente prohibidas, com ordem de serem apresentadas na secretaria d'aquella Meza, no periodo de sessenta dias. A conservação de esses livros era punida como um crime, e alguns d'elles foram queimados pela mão do carrasco na Praça do Commercio; executou-se esse auto em 6 de Outubro de 1770, em presença de um Desembargador e do Corregedor do Crime do Bairro Alto, que assignaram o termo authentico d'esta execução. O preambulo do Edital termina com esta justificação: «Tem ultimamente chegado ao nosso Real conhecimento a narração de todos os horrorosos estragos, que n'este seculo, mais que todos os outros, terá causado na maior parte da Europa *o espirito da Irreligião e da falsa Filosofia*, o qual tem excitado as mais vigorosas providencias — procura prescrever os funestissimos effeitos d'esse disfarçado veneno, *parece que elle consegue augmentar-se e diffundir-se* ao mesmo tempo que uma inundação monstruosa dos mais impios e detestaveis Escriptos para atacar os principios mais sagrados da Religião, para invadir os mais solidos fundamentos do Throno... E porquanto me constasse, que muitos dos impios Escriptos são abominaveis producções da incredulidade e da libertinagem de homens temerarios e soberbos, que se denominam *Espiritos fortes* e se attribuem o especioso titulo de *Filosofos* — haviam chegado a penetrar n'este Reino por caminhos indirectos e occultos; havendo mandado

proceder com a mais exacta diligencia ao exame d'elles, constou pelas Censuras conterem doutrinas impias só proprias a estabelecer os grosseiros e deploraveis erros do *Ateismo, Deismo* e do *Materialismo*...» O *Intolerantismo* do reinado de D. Maria I, mantido pelo Arcebispo-Confessor, aggravou-se por causa do terror politico das ideias revolucionarias, que levaram ao estabelecimento da *Intendencia Geral da Policia*, com poderes descricionarios exercidos por um d'esses Desembargadores, que o Marquez de Pombal tinha sempre á mão quando exercia clamorosas iniquidades. Pina Manique foi a incarnação d'esse novo poder policial independente do ministerial, acobertando-se com a realeza.

Em uma carta do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos, relata a um amigo intimo as repressões furiosas que succederam aos medonhos processos da *Inconfidencia* sob o Marquez de Pombal: «Pedis novidades, eu vos mando uma, que não pode deixar de vos ser inesperada; tambem me foi a mim. Corre aqui constantemente como certo, que o Arcebispo-Inquisidor inculca a necessidade de Tribunaes, prizões e castigos da Inquisição para manter-se systema que (D. Thomaz de Lima, visconde de Villa Nova de Cerveira), propõe para o mesmo fim o systema dos quatro *I I*, que querem dizer: *Inquisição, Inconfidencia, Ignorancia* e *Indigencia*» (*Mss.*, vol. 121, Bibl. nac.) Pina Manique fazia caça aos livros perigosos nas alfandegas, mandando abrir os caixotes e examinar o seu conteúdo, chegando mesmo a notar que obras eram destinadas ao Duque de Lafões e a José Correia da Serra. Os livros de doutrinas politicas democraticas eram solemnemente queimados pela mão do carrasco; davam-se va-

rejos ás livrarias particulares e apprehendiam-se. Alguns dos livros que Pina Manique deixou na bibliotheca herdada por seu filho, provieram d'essas apprehensões policiaes. Bocage foi prezo por constar ter escripto papeis *incredulos* e *sediciosos*. Os homens de Sciencia, como Correia da Serra e Avellar Brotero, e o humanista Filinto Elisio viram-se forçados a refugiar-se em paizes estrangeiros. A *Intendencia da Policia*, sob as prevenções de Pina Manique tornara-se mais temerosa do que a *Inquisição* sob o governo do inquisidor-geral D. José Maria de Mello. A *Inconfidencia*, nome que se dava ás doutrinas politicas da liberdade democratica, produziu tremendas perseguições, em que os Desembargadores pombalistas affrontaram a justiça com as mais cruentas iniquidades. E' n'esta asphyxia nacional, que o genio portuguez produziu excelsos poetas, altos jurisconsultos, eximios naturalistas e serios eruditos. Sublime protesto.

Proto-Romantismo

O prestigio das imitações da fórma classica soffreu um primeiro offuscamento pelos estudos das Sciencias naturaes considerando os phenomenos physicos e organicos como bellos quadros para a renovação da poesia descriptiva. Assim se multiplicaram os poemas do genero didactico, rhetoricamente por falta de uma verdadeira comprehensão dos phenomenos naturaes substituida por uma contemplação passiva. A essa nova sensibilidade melancholica deu-se o nome um tanto ironico de *romanticismo*, sem preoccupação litteraria. Os *Lakistas* em Inglaterra generalisaram

este estylo de poesia, que affinava com a *sensiblerie* do fim de uma grande revolução social. O alargamento dos estudos moraes e politicos, das viagens e explorações geographicas, trouxeram o conhecimento dos costumes de povos longinquos, das manifestações da sua cultura, provocando o gosto do *exotismo*, que o rei Salomão gosava com as mulheres syrias, cananêas e iduméas. Imitaram-se as obras das litteraturas estrangeiras, de povos alheios ao gasto classicismo. Voltaire e Diderot alentavam esta fascinação do *exotismo*, depreciador dos modelos greco-romanos. A Allemanha, pelo effeito da Guerra dos Sete annos, foi suggestionada pela vida das tradições anglo-normandas, que inspiraram a litteratura ingleza, a recorrer ás suas origens germanicas, libertando-se da influencia franceza. Reflectiu-se essa orientação nos povos meridionaes, coincidindo esta corrente do *Romantismo* com a expansão politica do liberalismo constitucional.

Estas duas correntes do *Romantismo* apparecem-nos já iniciadas nos fins do seculo XVIII em Portugal. A necessidade de resistir contra as odiosas guerras castelhanas, trouxe-nos o contacto da officialidade ingleza, illustrada, das armas de artilharia e engenharia. Garção, perito no conhecimento das linguas modernas, conviveu com alguns d'esses officiaes e suas familias. Entre os seus versos ha uns a um pintor inglez, traduzidos. A profunda impressão da litteratura ingleza apparece nas composições de José Anastacio da Cunha, tenente de artilharia, que nos longos contactos com esses homens cultos, lia, imitava e possuia as principaes obras dos grandes poetas inglezes. Garrett conheceu muito cedo as poesias ineditas do genial mathematico, comprehendendo

o sentimento realista do seu lyrismo. Por esta primeira impressão naseceu em Garrett a sympathia pelo romantismo inglez, que a emigração de 1823 e de 1829 tornou a expansão fecunda do seu genio litterario.

O outro reflexo *proto-romantico*, foi iniciado por D. Leonor de Almeida (*Alcipe*) que no seu arcadismo teve um primeiro vislumbre da poesia allemã, em Klopstok, Wieland e Voss, e chamando a attenção dos poetas portuguezes para essa nova fonte. Por influencia da illustre dama, *Filinto* traduziu muitas das Odes do poeta prussiano Ramler, que andam inclusas nas suas obras. Ramler era um imitador de Horacio e de Catulle e tendo por ideal a apotheose de Frederico, o Grande, que nunca fez caso d'elle. O conhecimento de Ramler, no pequeno circulo de *Alcipe*, seria talvez devido ás relações que na grade do Convento das Albertas tinha então com o official prussiano com quem veiu a casar pouco depois da libertação da clausura. Bocage tambem tem uma canção traduzida de Lessing, que proviria da complacencia com *Alcipe*, que elle tanto admirava. Effeito ainda d'essa influencia germanica *proto-romantica*, é a traducção em verso solto do faceto poema *Oberon*, de Wieland, por Filinto, já quasi na indigencia de Paris. Como Garrett, tambem Alexandre Herculano esteve sob a influencia do *proto-romantismo* allemão, como elle confessou em uma noticia bibliographica das Obras da Marqueza de Alorna: «eu devi-lhe incitamentos e protecção litteraria, quando ainda no verdor dos annos dava os primeiros passos no estudo das lettras. Apraz-me confessal-o aqui. — As criticas da senhora Marqueza de Alorna não affectavam o *tom pedagogico e quasi insolente* de certos lit-

teratos, que ás vezes nem sequer entendem o que condemnam e tomam a brancura das suas proprias cans por titulo de sciencia, de gosto, e de tudo.» Alexandre Herculano referia-se aqui ao sabio D. Fr. Francisco de San Luiz, que achava o gosto romantico desvairado, e em uma carta frisava o excessivo orgulho do redactor do *Panorama.* Preconisando a acção da Marqueza de Alorna, continua Herculano: «Como Madame de Staël, ella fazia voltar a attenção da mocidade para a arte da Allemanha, a qual viera dar nova vida á Arte occidental, a qual vegetava na imitação servil das chamadas lettras classicas, e ainda estas estudadas no transumpto indirecto da litteratura franceza da epoca de Luiz XIV.» Nas palavras de Herculano já vislumbram os antagonismos dos pseudo-classicos contra o Romantismo. Um relance biographico de D. Leonor de Almeida (*Alcipe*) de José Anastacio da Cunha, e de Francisco Manoel (*Filinto*) dá-nos o sentido do *Proto-romantismo* em Portugal, abafado pelas reacções politicas e desgraças do começo do seculo XIX.

D. Leonor de Almeida (ALCIPE) — Nasceu em Lisboa em 31 de Outubro de 1750 e faleceu em 11 de Outubro de 1839 quasi nonagenaria; achou-se envolvida nos grandes successos do seu tempo, tendo vivido dezoito annos em um convento clausurada como prisioneira de estado, brilhou na côrte de Vienna d'Austria na epoca de José II, viu Paris e residiu em Londres, e depois do triumpho das instituições liberaes exerceu em volta de si uma sympathica influencia litteraria. E' esta parte da sua vida a que mais interessa, porque tendo convivido com os poetas

da *Arcadia Lusitana*, que a lisonjeavam, passou da escola arcadica para o gosto da poesia didactica franceza, e foi uma iniciadora do Proto-Romantismo em Portugal. Foi pena que os documentos da sua actividade litteraria se limitassem a estas correntes do gosto dominante, não tendo aproveitado o seu talento elaborando as suas memorias pessoaes, pela sua larga sociabilidade e participação dos acontecimentos historicos. Era filha de D. João de Almeida, 2.º Conde de Alorna, e de D. Maria de Lorena, e neta da orgulhosa Marqueza de Tavora, executada pela fórma mais horrenda com seu marido, envolvidos pelo Marquez de Pombal no caso dos tiros dados contra a carruagem do rei D. José, que os desembargadores converteram em crime de alta traição. Assignado em 3 de Dezembro de 1758 o decreto mandando prender o Duque de Aveiro e o Marquez de Tavora, com suas familias, em 13 de Dezembro deu-se-lhe cumprimento, sendo prezo o Marquez de Alorna, pelo facto de ser casado com a filha do Marquez de Tavora, recolhido no carcere da Junqueira, e sua mulher, com duas filhas clausuradas no Convento das Albertas em Chelas. D. Leonor de Almeida, contava então oito annos, e D. Maria de Almeida seis annos, ficando uma criança de quatro annos, D. Pedro de Almeida, amparado pelo Conde de Arcos, que a mãe só conseguiu vêr em 1768, já um rapaz distincto e estudioso. A clausura do mosteiro das Albertas era violada por pretextos banaes, mas a familia do Conde de Alorna era espiada pelas freiras malevolentes, e pela prioreza, que cumpria as apertadas ordens do Vigario Geral e Arcebispo de Lacedemonia, D. Antonio Caetano Calheiros Maciel, que informava o Marquez de Pombal do que se

passava com aquellas prizioneiras de estado. D. Maria de Almeida viveu sempre doente, e por certo desconheceu os horrores a que a Marqueza de Tavora sua mãe fôra submettida, quando executada em Belem. Foi n'aquelle meio odioso e traiçoeiro que se desenvolveu o espirito da criança de oito annos; ella era a enfermeira de sua mãe e a mestra de sua irmã. D. Leonor de Almeida escrevia a seu pae, que do carcere da Junqueira dirigia as suas leituras. Ella e sua irmã tornaram-se dentro em poucos annos duas formosas senhoras, D. Maria loura e branca, e D. Leonor alta e levemente trigueira, ella apaixonada pelo estudo das linguas e do desenho, a mais nova pela musica. O brusco Arcebispo de Thessalonica, queria que ellas cortassem o cabello, ao que reagiu Leonor, declarando que não eram noviças; e o impertinente prelado exigindo que não usassem vestidos de côres, dizia-lhes que ellas não careciam de enfeites *porque eram muito bonitas*. Isto consta da correspondencia com seu pae, em que relata os seus estudos e leituras philosophicas. D. Leonor de Almeida teve um momento de desalento, vendo prolongar-se a clausura das Albertas, e pensou em professar. Salvou-a d'esse fracasso Fr. Alexandre da Silva, seu director espiritual. O frade, missionario de Braneanes, era poeta, e D. Leonor de Almeida manifestou-lhe essa prenda, que elle lisonjeava, e o afastamento da ideia dos votos obedecia a uma reacção contra o *amor divino*. Frei Alexandre da Silva, que tinha o nome arcádico de *Sylvio*, traduzia-lhe odes de Alceu e Anacreonte, de que ella tambem deixou versões. O fradinho era um açoreano, que foi bispo de Malaca, e transferido depois para a Sé de Angra, na Ilha Ter-

ceira, e lembrado hoje por ser tio de Garrett, cujos primeiros estudos dirigiu. Um outro frade, Frei José do Coração de Jesus, que tinha o nome arcádico de *Almeno*, tambem trocava poesias com D. Leonor de Almeida, que em breve se tornou conhecida com o nome de *Alcipe*, com que a chrismou *Niceno*, o P.e Francisco Manoel do Nascimento.

Alfeno Cynthio, Domingos Maximiano Torres, na Egloga *Os Pomareiros* deixou a descoberto a paixão d'estes dois poetas pelas reclusas fidalgas. *Filinto*, P.e Francisco Manoel do Nascimento, amava loucamente D. Maria de Almeida, que usava o nome arcádico de *Daphne*, endereçando-lhe admiraveis Sonetos, e compondo cançonetas que ella cantava. Barrôco amava fervorosamente *Alcipe* e tambem lhe dirigia versos. Quando D. Leonor começava a entrever um futuro, em que se visse liberta da clausura, o Dr. Sebastião José Ferreira Barrôco apparece despachado desembargador para a Bahia, partindo quasi immediatamente. Nos seus versos *Filinto* informa *Alcipe* da partida de *Albano*, que assim esquecia a *contumaz* janella do convento aonde vinha fallar-lhe. D. Leonor de Almeida allude á grave doença, que tivera por 1768, que coincide com a partida inesperada de *Albano*. Contra este abalo moral encontrou remedio encarregando-se com os mais pressurosos cuidados de uma desvalida criança que andava pelo convento; educou-a desde a leitura, ensinou-lhe todas as prendas que sabia, e promettera fazel-a companheira da sua vida. Mas aos quinze annos a sua protegida, embahida pelo fanatismo estupido de algumas freiras, começou a evitar a sua protectora! Em uma carta a seu pae, D. Leonor narra-lhe esta de-

cepção de uma alma ingrata e inferior. Na vida ordinaria do mosteiro das Albertas, a filha da Marqueza de Tavora e suas duas filhas soffriam privações, de que se não queixavam; Francisco Manoel, na sua intimidade litteraria, conheceu esses soffrimentos e acudia-lhes com alguns recursos pecuniarios, para satisfazer necessidades de toilettes de formosas donzellas, que teem horror ao ridiculo. As freiras edosas não deixaram de intrigar venenosamente o chefe do valente grupo da Ribeira das Náos, da celebrada *Guerra dos Poetas.* O nome de *Filinto* por intervenção de *Alcipe*, ficou substituindo o de *Niceno*, e com elle se immortalisou Francisco Manoel do Nascimento. Em volta das duas formosas meninas formou-se uma *côrte de amor*, junto da contumaz janella do convento, onde os *poetas* galanteadores formavam torneios metricos com o nome usual de *Outeiros*, privativos dos Abbadessados. A impressão da formosura de *Alcipe* achase celebrada por Garção na Ode XIV *Aos annos da ill.ma e ex.ma Senhora D. Leonor de Almeida:*

> C'um doce riso e celeste agrado,
> Que os ventos serenava, lhe dizia:
> Hoje do céo dourado o Sol dourado
> De *Alcipe* o claro dia.
>
> Foi hoje, foi, que em seu gentil semblante
> Amanheceu a luz da formosura
> Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante
> Rompeu a noite escura.
>
> As lindas Graças, os fieis Amores,
> As Virtudes gentis dos Céos baixaram,
> *E cantando as acções dos seus maiores*
> O berço lhe embalaram.

Nos olhos vencedores lhe infundiram
O tyranno poder da gentileza,
Humanos corações logo sentiram
A liberdade preza.

. . . .

Crescem co'a edade os raios seus brilhantes,
Que os fecundos suspiros não attendem,
Apezar dos desejos anhelantes
Que em seu altar accendem.

As quinze estrophes desta Ode de Garção versam sobre a belleza de *Alcipe*, nos seus dezeseis anos; o afamado árcade não hesitou em alludir ás *acções dos seus maiores*, o que se fôsse levado ao conhecimento do Marquez de Pombal o envolveria na rêde das suas implacaveis vinganças. Além de *Silvio*, de *Almeno* e de *Corydon*, da moribunda Arcadia surgia o grupo da Ribeira das Náos. *Filinto* tornou-se o mestre adorado, e com *Albano*, o Dr. Sebastião José Ferreira Barrôco.

Em uma extensa carta a seu pae referindo as leituras que fazia, D. Leonor de Almeida explica-lhe o caracter das suas relações litterarias, como resposta a qualquer solicita advertencia: «Cuidei de distinguir bastantemente o caracter das pessoas a quem falo, e com quem estabeleço muito cauteladamente as minhas relações litterarias, debaixo da inspecção adoravel da minha querida mãe. Assentei que o numero devia ser muito pequeno, e com effeito o é. Mas, fixo este, tudo aquillo que não contradiz a ideia que eu tenho da virtude e da felicidade, que são para mim o mesmo, livremente o pratico e com isso me recreio. Assentando fixamente que os meus versos não encontram o parecer de nenhuma das pessoas a quem os mostrar, de quem quero o premio, ora os dirijo a um ora a outro dos tres amigos

nossos que me entendem, e gosto de o fazer assim, porque me agradavam os inglezes bons e os allemães, onde vejo este methodo estabelecido, como um meio para facilitar e acender mais a imaginação e as circumstancias do objecto a que dirijo as minhas palavras. O gosto das moralidades tambem me persuade a isto, porque mais facilmente se offerecem reflexões supponde haver quem nos escuta, do que só falando com as paredes. Parece-me além d'isto que o meu trabalho não é uma honra nem uma lisonja que faço áquelles homens, mas um signal da minha gratidão pelo que elles contribuem para o meu adiantamento com as suas conversações, com os seus livros e com a emulação que me dão com as suas obras. Nenhum d'elles estima essas cousas vans, que só tem valor entre as que sabem possuir. FILINTO *é de um caracter original para a nossa terra.* Conhece bem que a felicidade está em si, que lhe não vem das honras que lhe fazem os fidalgos; não os distingue senão pelas virtudes ou pelos talentos, é um philosopho incapaz de sujeitar-se a lisonjas, nem de gabar-se das que recebe. V. Ex.ª o conhecerá e verá, que dista muito da ideia que V. Ex.ª forma. N'estes termos, achando de portas a dentro quanto me era necessario para me occupar agradavelmente, para aqui é que escrevo; não quero que me leia ninguem, que possa reparar no que digo, porque quero falar o que entendo e o que me inspira a rasão e a virtude; não quero senão isto, que é o meu idolo, quero paz, amizade, irmãos e paes.

«Toda esta perlenga se reduz a assegurar a V. Ex.ª que em dizendo alguma cousa, é na opinião de ser bom; sabendo porém perfeitamente — que em lhe achando defeitos, — estou prompta

a sacrificar as composições mais de meu agrado. Só a ternura e a submissão de que me preso, e que faz toda a minha felicidade, me pode dar forças para este sacrificio, porque tudo custa menos que o perder um verso que se não julga máo».[1]

Esta carta é de excepcional valor, porque justifica as allusões de *Filinto Elisio* contra a perseguição que lhe moveu o Marquez de Alorna logo que em 1777 sahiu dos carceres da Junqueira, e maquinou a intriga para o processo que contra o poeta correu pela Inquisição de Lisboa, vendo-se forçado a expatriar-se. Servindo-se da sua influencia junto de D. Maria I e o Principe Regente, D. José de Almeida, tornou inefficazes todas as reclamações que o exilado *Filinto* fazia para revindicar as propriedades de que se achava espoliado. O Marquez de Alorna serviu-se dos odios clericaes contra *Filinto*, e por traz d'essas influencias manobrou com tenacidade. As três pessoas a que allude D. Leonor de Almeida, que a dirigiam nos seus estudos litterarios são: *Filinto* (Francisco Manoel do Nascimento) o director espiritual, que a defendia da estupidez malevola das freiras de Chelas, Frei Alexandre da Silva *(Silvio)* e o Dr. Ignacio Tamagnini, medico, e tambem poeta. Estes bons amigos faziam a reputação litteraria da joven reclusa e prisioneira de estado, que lia as obras dos poetas francezes

[1] Marquez d'Avila e de Bolama, A MARQUEZA DE ALORNA (ALCIPE), p. 106. E' valioso este livro pelas Cartas ineditas da celebrada escriptora. Infelizmente o auctor desconhecia a arte de escrever. porque a educação mathematica sobrepujou a cultura litteraria; e a execução typographica acusa desconhecimentos á esthetica do livro.

e italianos e as obras philosophicas dos Encyclopedistas. Fr. Alexandre da Silva empenhava-se com o sabio Doutor Antonio Ribeiro dos Santos (*Elpino Duriense*) para ir a uma grade de Chellas admirar o extraordinario prodigio da douta *Alcipe*. O sabio cathedratico eximiu-se por uma carta, que esclarece esse meio litterario: «Queixas grandes dá de mim a Senhora D. Leonor porque não appareço a sua companhia, e vós m'as repetis com ar de compaixão por mim, que estou perdendo tanto bem. Que quereis que faça? Hei-de dizel-o, bem que por ventura não gosteis, *pelo muito que a amais;* apresenta-se com um livro de Poesias; lê-as, e a cada verso espera os meus applausos; eu não os posso dar a todos; canso-me quando os louvo, canso-me quando os não gabo; e no fim de tudo saio mais moído que salada, e venho para minha casa doente para dois mezes. Já ficaes sabedor porque não frequento esta assembleia; se comtudo julgaes que o faço por ser gothico, julgae-me embora como quizerdes, comtanto que me deixeis viver a meu sabor, e escapar das causticações de D. Leonor e do livro dos seus versos. Estou ha muito com Juvenal:

mentiri nescio: librum
et malus est, neque laudare et pescare

e se quereis que vol-o diga com um dos Poetas francezes de que muito gostaes,

Je ne sai ni tromper, ni ne feindre ni mentir.

(Boileau, Satira 1).

Conhecendo os factos intimos, razão tinha o Dr. Antonio Ribeiro dos Santos em não ir per-

der tempo á grade do convento das Albertas; D. Leonor de Almeida estava no esplendor da edade e queria deslumbrar os seus admiradores. *Filinto*, que fôra o seu mestre, conheceu que a admirada discipula estava entre dois fogos, que despertavam a attenção da formosa dama. Eram os galanteadores, Fr. Alexandre da Silva, o *turgido capucho*, que estava eleito Bispo de Malaca, e o *tolaz militar*, com mais audacia e fundadas pretenções. Filinto, na sua satira *Esfuziote*, em fórma de epistola a *Albano*, o namorado de *Alcipe*, que estava na Bahia juiz desembargador, fez-lhe esta magoada revelação:

Tu bem sentiste quanto é máo este uso,
Namorado Barroco; *a tua dama*
Que tão grandes finezas te devia,
Trocou por um soldado o amante vate
Não soube o que trocou; que a estas horas
Lhe teriam as casas entulhado
Sacas de Odes, canastras de Sonetos
Aos seus annos, a ausencia e saudades.
Tu o soffreste, porque assim se usava;
Mas, que hoje um... (tapa a boca Musa)
Não digo as vezes do *tolaz marido*
Que casou por negocio ou fidalguia,
Mas as vezes do *turgido Capucho*
Do Cadete taful aperaltado
Não é posto em rasão.
Ora, tu, que és Doutor, que foste a Coimbra!

Este *tolaz militar* era o *afidalgado* conde palatino de Oyenhensen, um allemão de Hanover, que em 1768 appareceu aqui em Lisboa, acompanhando o Conde de Lippe, que veiu com varios jovens fazer uma revista ao exercito para vêr como que estava desde 1762, em que o reorganisara. O Marquez de Pombal approvou a ideia do Conde de Lippe, e fez-se uma extraordinaria

parada com artilharia e cavallaria e alguma infantaria, nos Campos dos Olhos d'Agua, entre Azeitão á Moita. Reuniu-se ali toda a côrte e familias fidalgas para assistir ás manobras, que duraram tres dias, com marchas, contramarchas, assedios, ataques, tomadas de reducto, triumphos, salvas e apresentação de armas triumphalmente. O Conde de Lippe sabia bem todas as marcas da estrategia, e encantou o mundo official, que ampliou a festa com o contingente de banquetes, danças, um delirio marcial. Garção tem umas quadras a esta vertigem bellica amorosa. Acabada a festança, Lippe partiu com os seus aventureiros môços allemães, mas o hanoveriano, com os seus trinta annos (n. 1738) conheceu que Portugal era uma Canaam do Occidente, e deixou-se ficar em um paiz fortunoso; pediu para assentar praça no exercito portuguez. Aqui subiu póstos, sempre encostado ao favor do paço, e reconhecendo que entre a aristocracia fanatica, a sua apostasia do protestantismo, e o baptismo catholico seriam um excellente reclamo para um casamento fidalgo. Falava-se nos talentos litterarios de D. Leonor de Almeida, filha do segundo Marquez de Alorna e quarto Conde de Assumar, prisioneiro politico no forte da Junqueira. Oyenhensen facilmente achou apresentação para assistir ás leituras da famosa *Alcipe*. Apesar de ter um filho natural, elle lançou olhares languidos a *Alcipe*, que se esqueceu do seu *Albano*, lá longe, na Bahia, e foi correspondendo aos galanteios do Cadete taful, talvez como um recurso para pôr termo á sua clausura. O militar interessou o Infante D. Pedro, casado com a Princeza real sua sobrinha, para conseguir este casamento; nas cartas de D. Leonor de Almeida a seu pae, fala-

lhe no unico protector que a familia Alorna tinha no *Infante D. Pedro*. Quando em Fevereiro de 1777, faleceu o rei, e D. Maria I herdou a soberania, em 25 de Fevereiro d'esse anno, abriram-se as prizões.

A doença progressiva do rei, tornara-se uma esperança para os desgraçados prezos politicos, que ha dezoito annos atulhavam as masmorras. A sua morte era inevitavel, mas lenta. Era uma angustiosa anciedade para os que aguardavam o fim dos seus soffrimentos iniquos. Em uma carta de D. Leonor de Almeida ao pae que jazia nos carceres da Junqueira: « A doença d'el-rei, que não tem ido a melhor nem a peior, tem posto os negocios na sua louvavel inacção; porém, não deixa de encher de esperanças a muita gente, e de sustos o Marquez de Pombal. — El-rei continua a repousar sobre uma falsa virtude, que é talvez a unica que se conhece n'esta terra. Tudo se leva pelo cerimonial e com isto se contentam». (Ap. *A Marqueza d'Alorna*, p. 74.) Em outra carta torna a dar noticias da doença do rei, já em estado de completo desalento: « A el-rei propuzeram-lhe o despacho de alguns papeis; respondeu que não estava para nada, que o seu corpo pedia ocio, que não queria, e que entregassem lá isso a quem quizessem. Tem continuado a achar-se peior; fez-se uma junta, de que resultou a continuação dos banhos ao Estoril, mas tambem se fala em Caldas.» (*Ib.*, p. 94). Respirava-se já uma aragem de esperança com aquella morte, que era uma desobstrucção da justiça e da liberdade. Por estes ultimos tempos da reclusão de Chellas, escrevia D. Leonor de Almeida, em um diario pessoal, balanceando o seu passado desde 1758: « Estes 18 annos e quatro

mezes e meio junto do leito de minha amavel e infeliz mãe, foram um espaço em que só tinha exercicio a minha imaginação, o meu desejo de conhecer meu pae, de consolar e distrahir minha mãe; estes foram os incentivos que crearam em mim a vontade de saber mais alguma cousa do que sabia para os poder aliviar. Depois que se incendiou e destruiu-se a Torre de Belem, transportaram meu pae para o Forte da Junqueira — ficou só, n'um carcere quasi sem luz...» Davase este facto por 1768: «eu teria então dez para onze annos, e como já sabia escrever ainda que mal, lembrou-me fazer um plano de educação para as donzellas portuguezas...» Essa ideia foi o estimulo para conhecer o que ignorava, e interessar-se pelas leituras, que lhe suggeriam novas curiosidades mentaes. Acordara a sua vocação litteraria a um apoio moral na terrivel apathia de uma crassa atmosphera de mulheres beatas: «eu não sabia nem francez nem italiano, mas entrei com tal zelo a estudar uma e outra lingua, que aos 13 annos entendia tudo. Li o *Telemaco* e varias outras obras de Mr. de Fénelon e a de mr. Ramsai, que traduzi toda em portuguez, e que ficou nas mãos do *Bispo de Malaca, homem muito instruido e de muito engenho.*» Alludia a Fr. Alexandre da Silva, o seu apaixonado director espiritual, tio de Garrett, que lhe manteve o gosto da poesia: «começou-me a tentar a leitura de Ferreira e finalmente Camões; elle quasi me fez endoudecer de enthuziasmo e fez desenvolver em mim esse tal qual éstro que tanto recreava meu pae; fui lendo tudo quanto achei e pude adquirir, — 600 volumes meus, quasi todos cheios de notas, para meu estudo e instrucção.»

A parte mais interessante das cartas de

D. Leonor de Almeida a seu pae, e o que refere ácerca das suas leituras na reclusão das Albertas: «Procurei minorar o horror d'esta melancolica inacção com a lição que me é permittida. Leio todas as manhãs Bourdalone ou Fenelon, e depois d'isto Historia, Poemas, Logica, Mathematica e Physica. São as materias de que gosto, e creio que me são permittidos os livros em que me instruo, porque nenhum d'elles deixa de ser nomeado por V. Ex.ª; a Historia natural faz as minhas delicias, e se V. Ex.ª me privar d'isto, seguro que me priva d'aquillo que mais me recreia. Comtudo estou prompta para queimar Mr. de Buffon e todos os que me vierem á mão d'essa especie. Eu creio bem que para uma tola seria prejudicial o conhecimento de alguns segredos de que tratam os naturalistas... A natureza desnudada e presente aos meus olhos não é mais do que uma maravilhosa obra do meu Creador que eu olho com respeito, com modestia e com o receio que nas almas sensiveis produz a sublimidade...» N'esta mesma carta confessa que nunca lêra as obras de Voltaire, mas tem um grande appetite de lêr o *Seculo de Luiz XIV*. Em outra carta communica ao pae a nota dos sabios, de que tem conhecimento: «Mr. de Voltaire, que é famoso ha mais de meio seculo, ainda agora se conserva á frente de uma multidão de sabios que o adoram como oraculo do gosto. — Um grande numero de obras suas tem apparecido depois da prizão de V. Ex.ª; sei que tem escripto sobre a Physica, a Moral, a Politica, a Agricultura e sobre tudo quanto se acha. Uma das mais celebres obras são as questões da *Encyclopedia* que por virem sem nome de auctor eu li, e V. Ex.ª terá a bondade de perdoar-me,

se lhe parecer que a minha humilde confissão o merece. J. Jacques Rousseau é, depois de Voltaire, o mais famoso pelo seu eloquentissimo estylo unido a uma profundidade de conhecimentos muito grande e a um genio philosophico o mais raro e o mais estranho, que o tem levado a umas singularidades, que ou a visão ou as preoccupações chamam ridicularia. O caracter d'este homem é virtuoso, mas desgraçadamente segue essas ideias que não concordam com o christianismo e se concordam estão expostas de um modo que revoltam o mundo christão... Seguem-se Mr. D'Alambert e Diderot, dois homens raros, o primeiro do caracter mais amavel que é possivel, os seus escriptos são a rasão mesma, o seu estylo é clarissimo e mostra sem difficuldade a qualquer pessoa aquellas cousas que até agora eram só para um pequeno numero de escolhidos. A mathematica é o seu forte, mas elle com egual habilidade maneja todos os escriptos e tanto nas sciencias como nas bellas letras escreve excellentemente. Li d'este auctor quatro tomos, que contém diversas obras, e todos me encantaram. Diderot, menos encantador que o seu amigo e collega, é tambem estimavel; tem composto um prodigioso numero de artigos da *Encyclopedia*, é auctor de um tratado celebre chamado *Codigo da Natureza*, e attribuem-lhe os dois mais celebres livros que tem sahido n'este seculo, o *Systema da Natureza* e o *Systema Social*, os quaes são admirados e combatidos pelos dois partidos *philosophicos* e *anti-philosophicos*, em que está dividido o mundo litterario. Mr. de Buffon vive ainda e compõe obras excellentes, agora sahiu uma muito boa, *Acrescentamento á Historia natural*, Marmontel, Thomas, Dorat, Colardeau, Ar-

naud de Baculard, Dismeric, Sedaine, (Gresset)... mas confesso em boa verdade que de nenhum gostei como de Boileau, Racine, Lafontaine e os do seculo precedente.» As cartas visavam a distrahir seu pae na estreiteza do carcere da Junqueira; a par dos seus juizos litterarios, tambem lhe enviava composições poeticas e planos de obras litterarias; ufanava-se do pequeno circulo com quem convivia na frequencia do mosteiro, como *Filinto*, a quem dava o nome do poeta inglez Prior, e *Albano* (Sebastião Ferreira Barroco) com o cyptonimo de *Delille*. O Marquez preoccupava-se com aquellas intimidades; o seu talento litterario era uma condição para brilhar no mundo, e não consentiria que ella dispuzesse do seu futuro pelo impulso da phantasia. E' este o problema, quanto mais se accentuava a proxima libertação do carcere da Junqueira.

Abertos já os carceres dos desgraçados prezos politicos, o militar Conde de Oyenhansen abjura do protestantismo e é baptisado no Oratorio real de Salvaterra, diante de SS. MM. que foram seus padrinhos, tomando elle o nome de Pedro Maria José, e sendo depois reconhecido titular portuguez o Conde de Oyenhansen. No anno de 1778 realisa-se o casamento de D. Leonor de Almeida com o allemão, ficando o Marquez de Alorna de mal com a filha que estimava, e que tão interessantes cartas lhe escrevera alumiando o seu tenebroso carcere. O Marquez trabalhava incessantemente para conseguir a rehabilitação de seus sogros e cunhado, os marquezes de Tavora, sempre em agitação melancholica. Para evitar-lhe o contacto, D. Leonor de Almeida acompanhou o marido para o Porto, encarregado do commando de um regimento. Ella levou a sua

pequena livraria de 600 volumes, e ahi teve o seu primeiro filho. Apoz o commando no Porto, que era de commissão, o Conde de Oyenhansen foi nomeado para a Embaixada de Vienna, vaga pelo falecimento do velho diplomata pae de Gomes Freire; com esse despacho de 1780 obteve da rainha, sua madrinha da conversão, a commenda de Villa-Mean. Durante a assistencia em Vienna, é que D. Leonor de Almeida conseguiu reconciliar-se com seu pae. A transição da vida claustral durante dezoito annos de terror politico para a côrte faustosa de Vienna, que era então a capital da arte e do deslumbramento aristocratico, davam ensejo para a poetica *Alcipe* brilhar com o seu talento, cultura e belleza. Essa phase, na côrte de Vienna, passou-a com ininterruptas gravidezes e doenças emergentes. Tinha cessado a austeridade da côrte pelo falecimento da imperatriz Maria Thereza; reinava José II, inspirado por um fervoroso idealismo politico reformador. N'esse meio o exhibir espirito era prova de máo gosto, como notara Varnhagen nas suas *Memorias*. As intimas relações que o imperador tivera com o Duque de Lafões, que então se occupava em Lisboa na fundação da *Academia das Sciencias*, influiram nas manifestações de estima que prestou á Condessa de Oyenhansen dando-lhe a insignia da Cruz Estrellada. Vivia então em Vienna o celebrado Abbade Antonio da Costa, o amigo de Gluck, e insigne violinista; em uma das suas bellas Cartas fez uma preciosa referencia á condessa, que merecera a distincção do velho poeta cesareo Metastasio. Eis o que se lê na sua carta de 7 de Outubro de 1780: «O novo ministro de Portugal chegou aqui nos primeiros dias de Setembro; para allemão, é agradavel no trato, com

seus laivos de portuguez. *Falei já com a fidalga tres vezes, e bastante*, mas não tanto quanto é necessario para formar conceito d'ella, com acerto; *tem o agrado de portugueza*; e á primeira vista parece certo ser uma mulher de juizo; *faz bem versos*, sabe francez, italiano, inglez e latim, e já principia a entender allemão.» (Carta XIII). Viveu reconcentrada em Vienna, entretendo-se, nas suas convalescenças, a pintar o seu quadro da *Saudade*, com que conseguira a reconciliação com seu pae. Nomeado o marido em 1788 marechal de campo, veiu com licença a Lisboa em 1790; e para ficar em Portugal, foi encarregado o palatino Conde de visitar nas tres provincias do norte as fortalezas e tropas respectivas, Miranda, Bragança, Chaves, Valença, Vianna e Porto, sendo por decreto de 13 de Maio de 1791, nomeado tenente-general e inspector geral de infantaria. A condessa ficou viuva em 3 de Março de 1793, na fresca edade de quarenta e tres annos. A sua actividade foi grandemente dispendida em rehabilitar seu irmão o marquez de Alorna, e revindicar a Casa e titulo de que era herdeira. Assistiu a todas as grandes crises politicas europeias que se reflectiram em Portugal; as brutalidades da Intendencia da Policia, as invasões napoleonicas, a queda do Imperio, da Santa Alliança e a implantação do liberalismo de outorga, falecendo no agitado periodo de 1839, precursor do cabralismo. A sua vida litteraria confina-se n'esses dezoito annos da clausura politica nas Albertas de Chellas. Conviveu e foi admirada pelos poetas arcádicos e viu brilhar os iniciadores do Romantismo, mas só rhetoricamente é que se pode denominar a Staël portugueza.

José Anastacio da Cunha, (1744-1787). — Filho de um pobre pintor (brochante) do Alemtejo, Lourenço da Cunha, e da sua consorte Jacintha Ignez, das proximidades de Thomar; nasceu em Lisboa, em 11 de Maio de 1744, esta criança, quasi desvalida pela precoce perda de seu pae, mas revelando-se como um assombro intellectual. Para que este obscuro producto do proletariado fulgisse através dos preconceitos de uma aristocracia de orgulho idiotico e de uma atmosphera de intolerantismo clerical deprimente, era preciso que as suas faculdades excepcionaes fôssem reconhecidas. Um momento historico poz em relevo o seu genio, mas para o tornar o alvo de todas as malevolas invejas, que o envolveram nas redes da Inquisição e da morte, aos quarenta e tres annos, no vigor da edade e pujança do seu talento. O apparecimento de um genio é um phenomeno psychologico, que merece o maximo interesse; um bloco de ouro ou um enorme brilhante, que deslumbra o mineralogista, não revelam mais profundamente as forças da natureza physica, do que este complexissimo accordo entre as forças organicas e as energias moraes. A biographia é a fórma d'este estudo psychico, que tira toda a sua luz dos detalhes e accidentes que accumula. Nada é banal n'esta ordem de phenomenos. José Anastacio da Cunha na orfandade foi protegido pela disciplina moral de sua pobre mãe, que fazendo notar o extraordinario talento do filho, obteve admissão na Congregação do Oratorio, que substituia no ensino publico os Jesuitas expulsos pela reforma pombalina. Essas escholas do mosteiro das Necessidades tinham magnificos professores e excellentes compendios elementares. José Anastacio da Cunha ahi estudou até

aos dezoito annos (1762) a Grammatica latina, Rhetorica e Logica ou Philosophia. Elle não se contentou com esse saber verbalista; as doutrinas da Physica, então denominada *Philosophia natural*, interessavam-o, como se vê pela forma da *Recreação philosophica* do oratoriano P.e Theodoro de Almeida. A physica newtoniana levou-o para os estudos mathematicos, que elle realisou *sem mestre, por sua curiosidade*, como o declarou no interrogatorio na Inquisição de Coimbra. Pascal notara que a Mathematica era uma sciencia tão deductiva, que um espirito lucido, por uma normal reconcentração, pode realisar os seus processos. Assim se passou com José Anastacio da Cunha; tendo recebido uma regular cultura philologica dos notaveis humanistas da Congregação do Oratorio, a sua aptidão mathematica tornou-se mais reparavel, pondo em evidencia aquelle excepcional talento.

Em 1762, por ordem do governo, organisava o Conde de Lippe o exercito portuguez, merecendo o seu principal cuidado as armas scientificas de Artilharia e Engenharia, para cujos quadros foram contractados officiaes inglezes e escossezes pelo seu saber technico; é n'este esforço, que o talento mathematico de José Anastacio da Cunha é aproveitado pelo Conde de Oeiras, indo occupar o logar de segundo tenente de artilharia depois de organisado o Regimento da praça de Valença do Minho. Ahi entre a officialidade ingleza encontrou a mais calorosa sympathia pela facilidade com que se tornou perito na lingua ingleza, e pela maravilhosa facilidade com que traduzia para versos portuguezes os trechos lyricos de Pope, e as scenas tragicas de Shakespeare, que recitava, de uma maneira impressionante.

O coronel do regimento Ferrier, o major Frazer estavam sempre em intima convivencia mutua, conversando de litteratura franceza, ingleza e italiana, e com expansões philosophicas dos livre-pensadores, que dirigiam o espirito criticista do seculo, como Hobbes, Shaftesbury, Rousseau, Voltaire e Diderot. Mas os estudos profissionaes da sua arma, occupavam-lhe o espirito, exercendo as suas considerações mathematicas sobre a balistica, então exercitada pelos livros especiaes de Belidor e Dulac. Estes auctores eram tão considerados theoricos, que o Conde de Lippe os tornava obrigatorios no Exercito, como completos canones da sciencia. José Anastacio da Cunha fez um estudo particular d'estes problemas em uma *Carta physico-mathematica*, refutando as ideias correntes de Belidor e Dulac. O Marechal Macleane, homem duro e de caracter implacavel, quiz vêr esse estudo do joven segundo tenente, e remetteu-o para Lisboa ao Marechal General Conde de Lippe. Este, deu ordem immediata, para que fôsse prezo o official atrevido; mas o Conde de Lippe, no seu intimo examinou a *Carta physico-mathematica*, e reconheceu que o joven official tinha razão, estava na verdade, e declarou-o a Macleane, para que restituisse José Anastacio da Cunha á liberdade e o louvasse. Passava-se isto em 1768, quando o Conde de Lippe regressara a Portugal, para verificar a efficacia da sua reforma do exercito. Por sua influencia, o ministro escreveu ao Marechal Macleane, para Valença, recommendando-lhe que nomeasse tres jovens officiaes portuguezes para irem fazer estudos mathematicos na Allemanha, e indicava ao mesmo tempo o nome de José Anastacio da Cunha. O Tenente-General Macleane, respondeu ao mi-

nistro ácerca do seu recommendado: «que o não mandasse, porque elle sabia mais que a maior parte dos Marechaes dos Exercitos de França, de Inglaterra e da Allemanha. *E que he um d'aquelles homens raros, que nas nações cultas costumam apparecer*». Quando o Marquez de Pombal fez a reforma da Universidade de Coimbra em 1772, serviu-se d'estas palavras de Macleane, para fundamentar a nomeação e incorporação de José Anastacio da Cunha na Faculdade de Mathematica, e lente da cadeira de Geometria.

A impressão produzida pelo contacto e conhecimento d'esse potentoso genio appareceu relatada com assombro em um jornal de Londres em 1768, por um official inglez, em carta que vamos transcrever a uma nova e inesperada luz. E isto, é que nos explica as invejas que entre os officiaes portuguezes da Praça de Valença surgiam, tramando a sua ruina em *denuncias* á Inquisição de Coimbra. N'aquella ingenuidade de homem de genio, José Anastacio entregava-se á idealisação poetica, revelando novas formas de emoção lyrica, inspirada pelo amor na sua florescente edade por uma rapariga da villa da Barca, d'esse typo admiravel da belleza das mulheres do Minho, de perfeitas formas plasticas, estatura acima da meã, pelle fina, cabellos abundantes e pretos, fortes, saudaveis e delicadas, cantadeiras e confiantes. O seu genio mathematico, só pode ser reconhecido por profissionaes; mas o seu lyrismo é dominante, para conhecer a elocução portugueza. Eis os dois aspectos em que se nos desvenda a sua vida.

Este genio extraordinario, que aos vinte annos é conhecedor das Mathematicas e da Physica newtoniana, *que estudara por sua curiosidade,*

sem mestre, foi descripto em um jornal inglez, em um admiravel perfil de quem com elle tratara de perto e com assombro. Esse juizo e apreciação psychologica foi traduzido pelo Dr. Vicente Pedro Nolasco e publicado no *Investigador portuguez*, em Londres. Desconheceu o auctor anonymo para fixar as suas impressões em tão vivas paginas, e tambem a epoca em que tratara intimamente com José Anastacio da Cunha. Pelo estudo do processo da Inquisição de Coimbra, viemos a fazer essa descoberta; o juizo fôra escripto pelo Major Frazer, que em 1764, estava no Regimento de Artilharia de Valença, e José Anastacio da Cunha contava *vinte e quatro annos* de edade. Ficam valendo mais as paginas que vamos transcrever, pela sua authenticidade:

« Não posso deixar Valença sem falar de um dos genios mais extraordinarios, que jámais se ouviu. E' um moço de quasi vinte e quatro annos, (1768) portuguez, e tenente de artilharia n'aquella praça. E' de uma familia pobre e sem alguma collocação; veiu a ser por força do seu engenho e grande applicação, um prodigio d'este seculo. E' tão grande mathematico, que o coronel Ferrier, profundo n'esta sciencia, me diz que este môço o excede em muito. Elle é senhor de todas as obras de sir Isaac Newton, [1] ainda n'aquel-

[1] No catalogo dos cem volumes sequestrados pela Inquisição de Coimbra, vem enumerados:

Newton, *Arimetica universal*, em um volume de quarto maximo.

Newton, *Opuscula mathematice e Filosofico*, etc. em seis volumes.

Ahi se apontam as Obras de Euclydes, em *latim e grego*, e quasi todos os mathematicos do seculo XVII e XVIII em *inglez* e *francez*.

las partes mais escuras, que os mesmos mathematicos julgam difficultosas; conseguintemente, é um algebrista completo, e um bom astronomo. Tem-se applicado á sciencia particular que se requer na sua profissão, que inclue engenharia, artilharia e outras muitas cousas pouco necessarias em mathematicas puras. Mas, o que é ainda mais extraordinario, este môço accrescentara a esta applicação (que absorve a attenção de todos os que as estudam), um perfeito conhecimento da Historia, das Linguas e das Bellas Lettras. E' *excellente poeta* e bom critico, nas linguas mortas; sabe muito bem a italiana, franceza, hespanhola e ingleza; e o coronel Ferrier, que possue perfeitamente estas linguas e pode ser juiz competente, affirma que este moço escreve a sua propria lingua com mais pureza que muitos, e talvez que qualquer dos auctores mais celebres d'este paiz. Tem traduzido em elegante portuguez, não só algumas das melhores obras de Pope, mas tambem algumas das nossas mais famosas Comedias. Tambem traduziu no mesmo idioma algumas peças do celebre poeta grego Anacreonte, por onde diz o coronel Ferrier, bem conhecedor do grego, que lhe parece que as graças d'estas peças, não só se conservam, mas se aperfeiçoam na sua traducção. — Parece que não emprega o seu tempo em estudar e pela sua grande timidez; não conversa ainda nas materias mais indifferentes senão com os mais intimos amigos. E' tôsco (desalinhado) na sua pessoa e familiaridades, e parece desconhecer tampouco os termos da civilidade, quanto é versado em todo o genero de sciencia e litteratura. Com seus amigos varias vezes recita algumas das melhores obras dos nossos poetas inglezes, particularmente Shakespeare

e faz n'elle tal effeito a sua recitação que parece arrebatar-se; e n'essas occasiões uma só gota de vinho do Porto, de que elle gosta, o faz inebriar. Este homem extraordinario parece a qualquer desconhecido um simples. Ri-se muito, e em todo o seu proceder não se descobre nenhuma d'aquellas excellencias de que é ricamente adornado».

Esta bella pagina, suggerida por impressões directas, recebe todo o seu relevo sabendo-se quem foi o inglez que a escreveu e em que epoca. Pelo processo da Inquisição de Coimbra esclarecem-se estas circumstancias. Em 17 de Janeiro denunciava o tenente de artilharia José Leandro Miliani da Cruz, que o tenente José Anastacio da Cunha tratava-se com grande amisade com o coronel do regimento Ferrier, protestante, «o qual lhe pedia traduzisse algumas peças e versos de alguns livros francezes e inglezes, que elle fazia em verso portuguez, e d'estas traducções viu elle duas *Orações*, que continham algumas impiedades e se vulgarisaram na dita praça de Valença, entre uma grande parte dos officiaes, e elle as viu na mão de D. Anna Bezerra, mulher do Governador, — a qual as deu a elle réo para as lêr; convem dizer, que o *Major Frazer, inglez e protestante*, que ao dito tempo residia na dita praça, *d'onde se ausentou para Inglaterra, sua patria*, lisonjeara com a dita obra a dita Governadora». (*Process.*, fl. 76). A mulher do Governador Pinto Ribeiro não era ainda viuva, e ao tempo da partida do Major Frazer para Inglaterra José Anastacio da Cunha ainda não tinha completos os *vinte e quatro annos*, podendo fixar-se a partida do Major Frazer por meados de 1767. Ninguem fez esta descoberta, porque só em 1896, na *Historia da Universidade de Coimbra* (t. IV, p. 698) é que

divulgámos este elemento do processo inquisitorial. Na Carta do Major Frazer, aponta-se com toda a naturalidade um facto, que no Processo é apresentado com forma degradante. Refere Frazer, que José Anastacio da Cunha recitava poesias admiravelmente, e com tanta exaltação, que um calix de vinho do Porto, bastava para inebrial-o; no processo inquisitorial relata-se que elle se embriagava, que estava por vezes bebado. Esse genio incomparavel, occupava-se a este tempo no estudo da *Arithmetica universal* de Newton. Frazer escreveu de José Anastacio da Cunha dez annos antes da execranda e brutal perseguição de Coimbra em 1778. Como seria severo o seu protesto se soubesse d'esse crime, que não se apagará da historia.

No processo inquisitorial faz referencias á sua intimidade com o Major Frazer, « em que quasi todos os dias, e muita parte da noite passava com os dois protestantes Ferrier e *Major Frazer*, lendo algumas passagens de Voltaire, e mais de Horacio, Ovidio e Pope, as traduzia para se entreterem e divertirem, as quaes não tem lembranças fôssem de pontos de religião, mas ou de materias amorosas ou indifferentes... »

Em carta de 4 de Novembro de 1775, escrevia D. Joanna Isabel Forjaz para Coimbra a José Anastacio da Cunha, desculpando-se da demora da sua resposta: « Os seus versos, que eu tenho lido muitas vezes, achando-lhe sempre uma nova belleza, bastam para dar um grande merecimento ao seu Auctor; em que arrebatamento era necessario que a Alma estivesse quando se fizeram, quanto soffria o coração! além d'isso as informações de um tão bom conhecedor como o seu amigo (João Baptista Vieira Godinho) e agora

de mil outras pessoas me falam no seu nome com respeito, tudo concorre para eu formar um justo conceito a seu respeito. *Tenho uma grande curiosidade de saber toda a sua historia;* não haverá umas férias que me dèem occasião? e será certo o que me disse o D. Rodrigo (de Sousa Coutinho, *Linhares*): Um Filosofo! (um Filosofo!) traça um casamento! e eis aqui, a meu vêr, uma contradicção da Filosofia. A sua correspondencia fará menos triste a minha solidão; eu espero que sempre m'a continue; sempre terei a satisfação de confessar-me—muito sua verdadeira—*Joanna Isabel.* Lisboa, 4 de Novembro de 1775.»

Porque razão não fizeste,
Justo Céo, porque razão
Menos aspera a virtude
Ou mais forte o coração?

«Quem sabe tão bem defender os direitos da Natureza, *glosará* muito bem este quarteto». (*Process.*, fl. 45).

Esta carta foi encontrada entre os papeis do Dr. José Anastacio da Cunha, quando a Inquisição de Coimbra fez a apprehensão e sequestro de quanto o sabio illustre tinha em casa. Serviu de carga para o julgamento, sendo interrogado sobre o caso. Pelas respostas á inquirição, sabe-se que o Dr. José Anastacio da Cunha viera nas férias de 1777 a Lisboa, e que visitara D. Joanna Isabel Forjaz, á qual entregara alguns Sonetos amatorios, talvez com intuito de revelar-lhe o seu passado sentimental, *toda a sua historia*, que esta tinha tanta curiosidade de saber. Eis o que se lê no processo:

«Perguntado se elle réo traçou algum casamento, e, sabendo-o alguma pessoa o arguiu d'este

intento, dizendo que elle contradizia a sua Filosofia? — Disse, que se persuade ser isto porque se lhe pergunta, o que se passou com Dona Joanna Isabel Forjaz, a qual em uma occasião lhe mandou dizer, escrevendo-lhe de Lisboa para esta Universidade, lhe parece que haverá trez annos, que tinha ouvido dizer que este casava e que isto contradizia a Filosofia, ou que se admirava que um Filosofo quizesse casar, mas não sabe em que sentido ella dizia isto, pois elle réo nunca lhe deu noção alguma de Filosofia que contradissesse o estado de Matrimonio; e que com a dita senhora teve muito pouco trato, e só o de a *visitar algumas vezes* por cerimonia e a tempo que estava assistida de outras visitas; e se persuade que esta carta se achou entre os seus papeis e tambem a resposta minutada que lhe fez, na qual *resaltava o nome de Filosofo,* que ella lhe dava. E que n'uma das occasiões que a visitou em Lisboa lhe deu uns Sonetos amatorios, que havia muito tempo tinha feito, e nada continham contra a religião, *por ella lhe ter pedido com instancia que desejava vêr alguma obra sua*, e que nada mais se lembra a respeito d'esta pergunta ». (*Process.*, fl. 108).

Como a illustre dama conhecia o grande valor intellectual do Dr. José Anastacio da Cunha, um genio mathematico que se revelara *sem mestre,* pelo seu esforço pessoal, e que aos vinte e nove annos o Marquez de Pombal o incorporara como lente na Faculdade de Mathematica, um fervoroso interesse lhe inspiraram as poesias lyricas d'esse extraordinario espirito, arrebatado por um realismo empolgante. Era *toda esta historia*, que tanto desejava saber. E' natural que os amigos de José Anastacio lhe falassem da

Margarida, a Marfida que celebrara nos seus versos, o que era notado no regimento de artilharia de Valença. Como essas relações eram do tempo da guarnição de Valença, e a Margarida lhe escrevia para Coimbra, d'aqui a pergunta insidiosa do *casamento do Filosofo.*

No seu interrogatorio voltam os Inquisidores ao caso da glosa pedida por D. Joanna Isabel Forjaz: «Perguntado se alguma pessoa lhe pediu que glosasse este quarteto: — *Porque razão não fizeste*, dizendo-lhe que quem sabia defender tão bem os direitos da Natureza, glosaria muito bem este quarteto; se o glosou? e como?

«Disse que este quarteto lh'o mandara a sobredita senhora, para glosar, do que elle se excusou, porque nunca se occupou n'este *genero de composição de glosar Motes*, e o que tambem ella na mesma carta dizia — attribue a ter-se elle contradicto do systema que lhe queriam attribuir de Filosofo, e da extravagancia de não querer casar por systema de Filosofia...» (Fl. 108, v.)

O sabio e poeta defendia-se do pharisaismo inquisitorial; mas é certo que glosou varios Motes, e no Manuscripto dos seus versos, colligidos por João Baptista Vieira Godinho, lá se encontra este Mote com a sua glosa:

> Quando te não conhecia,
> Nada de ti se me dava,
> Sem pensamentos dormia,
> Sem cuidados acordava.

A que ajuntou: «*Glosa pedida*». Achamos em muitos manuscriptos dos fins do seculo XVIII muito glosada esta estrophe. O que incitaria D. Joanna Isabel de Lencastre Forjaz a pedir ao poeta philosopho o desenvolvimento da these implicita no Mote:

Porque rasão não fizeste.
Justo Céo! porque rasão,
Menos aspera a virtude,
Ou mais forte o coração?

Ella vira uma Glosa, com sentido amoroso, dirigida a *Tirse*, D. Thereza de Mello Breyner, poetisa do grupo de *Alcipe*, em que se lia:

E' mais forte que o preceito
A minha terna paixão;
Por *Tirse* o meu coração
De amor e ternura estala!
Ha-de ser crime adoral-a?
Justos Céos! porque rasão?

Rasão tinha D. Joanna Isabel Forjaz em querer saborear o conceito philosophico d'aquelle alto espirito. A glosa fez-se; em uma collecção poetica de 1802, vem apontada no Indice pag. 162, mas a pagina respectiva foi bifada d'esse volume encadernado em pergaminho. Na *Pequena Chrestomatia portugueza*, de Hamburgo, de 1809 (pag. 162) vem transcripta sob o nome de José Anastacio da Cunha:

Triste humana geração!
Das obras da Natureza
Se tens a mesma belleza,
Tens a peior condição.
Na tua mesma rasão
Mil estragos concebeste.
Tyranno Céo! se quizeste
Só homens de peitos broncos,
Tudo pedras, tudo troncos,
Porque rasão não fizeste?

Se uma Lei severa e dura
Contraria á lei do prazer,
Havia de desfazer
A doce lei da ternura,
De outra mais forte estructura

Fôra o nosso coração;
Insensivel da paixão
Ao suave. brando effeito,
Porque rasão não foi feito?
Justo Céo! porque rasão?

Em que pode ser culpada
Uma alma terna, innocente,
Se de uma paixão ardente
E' victima desgraçada?
Não tem culpa em ser formada
De cêra e não seixo rude;
O Céo que a fez, a mude,
Se não quer sua desgraça,
Ou mais compassivo faça
Menos aspera a virtude.

Toda a rasão se despresa
Com o fogo das paixões,
Só furiosos dragões
Tem por si a Natureza.
A nossa alma vê-se preza,
E acha suave a prizão.
Torne o Céo por compaixão,
Por lei branda, lei affavel
O crime menos amavel
Ou mais forte o coração.

O manuscripto das Poesias, que se guarda na Bibliotheca Municipal do Porto, começa por uma Ode sob a rubrica: *Tendo 16 annos.* Vê-se que já nas escolas do Oratorio, em 1760, começara os seus ensaios poeticos, que foram dirigidos com felicidade, porque tomou conhecimento dos dois grandes lyricos Camões e Francisco Rodrigues Lobo, que conservava na sua bibliotheca apprehendida pela Inquisição. Em Valença foi suscitado a exhibir a sua habilidade poetica pela Academia dos Unidos á qual dedicou uma Ode pindarica. Ha tambem ahi trez Sonetos *Ao Rancho do Alecrim, em opposição ao das Perpetuas, de*

Valença. Ahi tambem se encontra um *Elogio ao Marquez de Pombal*, que deve attribuir-se a 1770. Mas a sua revolução poetica foi provocada pela leitura das poesias philosophicas de Pope, Voltaire e Shakespeare, e na expressão amorosa incomparavel com os amores da rapariga da villa da Barca, Margarida, que se lhe entregou em absoluto dominada pelo genio surprehendente que ella adivinhava e admirava. Os versos que ella inspirou, como *A Espera*, *Noite sem somno*, *O Abraço*, *Saudades*, espalharam-se pelos curiosos, e foram colligidos, por apreciadores varios, com que Innocencio Francisco da Silva em 1839 fez a sua edição, que hoje bem merecia ser ampliada com a parte que está inedita no texto de João Baptista Vieira Godinho. D. Joanna Isabel de Lencastre Forjaz, sendo visitada por José Anastacio da Cunha, que ella tanto admirava, recebeu da mão d'elle *alguns Sonetos amatorios*. Assim o declarou o poeta em uma audiencia da Inquisição. Esses Sonetos amatorios eram já no estylo camoniano; perderam-se pelas collecções dos inconscientes curiosos. Em um Manuscripto de 1802, em que vem Motes que José Anastacio da Cunha glosou, vimos os seguintes Sonetos que bem condizem com o começo dos seus amores com a Margarida. No que vae lêr-se o mathematico transparece na expansão do poeta:

Em ti mil graças sempre estão chovendo;
Se falas, graças mil se estão ouvindo;
Mil graças n'essa bocca se estão rindo,
Graças mil n'esses olhos se estão vendo.

Umas beijam-te as mãos; outras, correndo
A teus mimosos pés te vão seguindo,
Umas por tuas faces vem subindo,
Outras por teus cabellos vem descendo.

Não são só Trez as Graças! milhões d'ellas
  Que te acompanham a gentil figura
  Ficam, postas em ti, sendo mais bellas.

Já quiz contal-as; mas achei loucura
  Que é reduzir a numero as Estrellas
  Contar as graças n'essa formosura.

*

Ondeados, lindissimos cabellos,
  Um rosto encantador enamorado,
  Em cada face um pômo sazonado,
  Das purpureas flores são modelos.

Um meigo coração que faz ter zelos,
  Ao coração mais terno e socegado;
  Uma voz carinhosa. um doce agrado,
  Um riso natural, uns dentes bellos.

Tudo possue Marfida! Oh quem pudéra
  Doces prizões rompendo do segredo,
  Explicar-te a paixão que n'alma impéra.

Emfim, soltar-se a voz; mas, oh que medo,
  De mais um desengano que me espera,
  Mais immovel me deixa que um rochedo.

*

Vão-se os leves instantes, vão-se as horas
  Que vivo sempre em tristes esperanças;
  Sem que tuas injustas esquivanças
  Deixem de ser de mim perseguidoras.

Dize, alma gentil, porque demoras
  Minha sorte feliz? porque descansas?
  Acaso tens de mim desconfianças?
  Inda a firmeza de meu peito ignoras?

Ah, quão louco te illude o pensamento
Mas para que não julgues que te engano
Escuta meu sincero juramento:

“ Se eu deixar de te amar, se fôr tyranno,
Contra mim seja o Céo, Mar, Terra e Vento,
Conspirados por ti sempre em meu damno „

*

Contra o poder de vossas mãos, senhora,
Quem ha-de resistir? Se basta vêl-as,
Para morrer de amor por gosto n'ellas,
Para vos declarar por vencedora.

A mesma Natureza se enamora
De tão formosas mãos, de mãos tão bellas,
E se eu sou digno de jurar por ellas
Juro que outras eguaes não faz já agora.

Por ellas deixa Amor da Mão os braços,
E beijando-as, os ferreos passadores
N'ellas vos põe já feitos em pedaços.

Pois acha vossas mãos mais superiores
Mais suaves farpões, mais doces laços
Para prender, para matar de amores.

Nos processos da Inquisição exigia-se ao desgraçado prezo a confissão declarando de quem era filho, quando nascera e os factos lembrados da sua vida; é nos documentos auto-biographicos que se acham esses factos. Em sessão de 1 de Julho de 1779 fez José Anastacio da Cunha essa confissão, que é uma base segura e authentica para a sua vida. Era natural de Lisboa, de trinta e cinco annos de edade (nascido em 1744) e filho de Lourenço da Cunha, já falecido, natural do Alemtejo, pintor, isto é, brochante; e sua

mãe se chama Jacintha Ignez, natural de Thomar, e fôra baptizado na freguezia de Santa Catharina. Pelo Assento do baptismo publicado por Innocencio, fixa-se o dia do seu nascimento em 11 de Maio de 1744: «E que elle estudou Grammatica, Rhetorica e Logica na Casa da Congregação do Oratorio de Lisboa de N.ª S.ª das Necessidades, e *Fisica* e *Mathematica por suas curiosidades e sem mestre.* — Que tendo sido elle bem educado e muito christãmente nos seus primeiros e tenros annos, por sua mãe, que é virtuosa, e depois até á edade de dezoito annos (1762) pelos Padres da Congregação do Oratorio de Lisboa, onde fez os seus estudos, e com os quaes tinha um trato muito familiar e intimo. Na edade de dezenove annos, por lhe offerecerem a patente de Tenente (Bombeiros artilheiros) para o Regimento de Artilharia que se formava para a praça de Valença do Minho, a acceitou e partiu para a dita praça, a exercer n'ella o seu posto; e como era instruido na lingua franceza, e sem difficuldade apprendeu tambem a ingleza, foi tendo muito trato, familiaridade e amisade com o Chefe e Officiaes do mesmo regimento, protestantes, e especialmente com o seu capitão Ricardo Moller, com o brigadeiro Diogo Ferrier, e com o barão de Hermenthal, e com os quaes andou quasi inseparavel, em todo o tempo que residiu n'aquella praça, que foi de nove para dez annos, e lhe parece que até o de 1773 em que veiu para Lente de *Geometria*, d'esta Universidade.

« Disse mais, que o seu genio, não só em Valença, mas n'esta cidade, tem sido sempre retirado e de pouco trato familiar ». E explicando a omissão de varias particularidades, elle confessa

« que ordinariamente lhe succede não fazer memoria de cousas passageiras, e ter ainda um grande descuido pelo que respeita á sua economia e interesses particulares, pois occupado todo em suas meditações no seu estudo de Mathematicas, pois muitas vezes lhe succedia estar distrahido das mesmas conversações que ouvia e não respondia a ellas a proposito... »

De João Baptista Vieira Godinho, que fez uma compilação dos seus versos, a qual se acha hoje na Bibliotheca Municipal do Porto, declara José Anastacio da Cunha, no processo: « que em Valença teve alguma amisade com um tenente do seu regimento, chamado João Baptista, ou para melhor dizer, este a procurava ter com elle, mostrando que muito a desejava, ainda que elle não se lhe entregou muito e se retirava d'isto por ser conhecido no regimento de genio intrigante; e tendo o sobredito muita paixão pela *Poesia*, fazia copias e collecções de todas as obras poeticas que podia haver á mão, e elle réo lhe deu algumas que tinha feito de versos amatorios, e então lhe parecia que tambem lhe deu a traducção das duas *Orações* de Voltaire e de Pope, que tem declarado, e foi tão astuto, que estando em Lisboa, e elle réo em Almeida, sabendo de um sargento que copiava a obra de Mathematica, que andava trabalhando, conseguiu d'elle lhe mandasse uma copia para Lisboa, sem que elle réo soubesse, e tudo alli mostrou a seu mestre o P.e Joaquim de Foyos, da Congregação do Oratorio ou parte; de que resultou escreverlhe o dito Padre, e mandar-lhe outro prologo para a dita obra, por não gostar do que elle tinha feito, e elle réo lhe respondeu e lhe parece lhe escreveu n'esta occasião duas cartas, e recebeu

d'elle outras duas, e tem alguma remota lembrança que o dito Padre, ao mesmo tempo que lhe louvava a obra, o reprehendia de alguma liberdade nos versos, que julgo serem os amatorios, ainda que não pode com certeza dizer se o dito João Baptista veria a obra intitulada *Veritati Sacrum*, ou por lh'a mostrar o Brigadeiro ou porque elle réo lh'a mostrasse estando bebado, porque não tem lembrança alguma de lh'a ter mostrado. E que tambem não pode dizer com certeza se o dito P.e Foyos chegaria a vêr a dita obra porque o João Baptista lh'a mostrasse, mas por lhe parecer se a visse, por ser muito escrupuloso, e muito seu amigo, não descansaria até não conseguir d'elle réo que buscasse o remedio da sua alma.

« Disse mais que o dito Padre reteve em seu poder todos os versos que lhe mostrou o dito João Baptista, pelo escrupulo que fez d'elles se divulgarem por estarem muito livres nos costumes; e em uma occasião em que elle foi a Lisboa, no primeiro anno em que elle veiu para esta Universidade (1773) buscando ao dito seu Mestre, este não cessou de o exhortar a que tivesse uma vida christã e virtuosa, e que não esquecesse os bons principios que tivera n'aquella Casa, e lhe mandou fazer e repetir uma confissão de fé, que elle réo fez, segurando-o de que o seu discipulo não o enganava ». Estas boas relações com os padres oratorianos de Lisboa, fizeram que na sentença a reclusão claustral de trez annos fôsse no mosteiro das Necessidades, tendo anteriormente escolhido para seu director espiritual o P.e Theodoro de Almeida, auctor da *Recreação philosophica*. A copia dos seus versos, feita por Vieira Godinho, que se guarda na Bibliotheca do Porto

tem os versos *Veritati Sacrum*. Vieira Godinho faleceu no Rio de Janeiro em 11 de Fevereiro de 1811, no posto de tenente-general. O livro esteve na livraria do Conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, d'onde por seu falecimento o roubaram, e adquirido por Camillo Castello Branco, veiu por doação do Conde de Azevedo para a Bibliotheca municipal portuense. O exemplar das suas poesias, que possuia só José Anastacio da Cunha, passou para o poder do Intendente Pina Manique, quando o desgraçado genio ensinava mathematica elementar na Casa Pia, e nas apprehensões de livrarias particulares passou do filho herdeiro do Intendente para a Bibliotheca nacional, como se lê no relatorio de Ferreira Gordo.

Assim que o Marquez de Pombal, pelo falecimento do rei, ficou afastado do poder, começou immediatamente a reacção contra a sua obra reformadora da Universidade de Coimbra. E o que é para reparos é reconhecer-se que esse impulso de retrocesso partiu do seio da propria Universidade, da sua alta direcção. Pela acclamação, vindo a Lisboa o reitor D. Francisco de Lemos, ficou exercendo as suas funcções o Dr. José Monteiro da Rocha, vice-reitor. O ex-jesuita tratou logo de preparar a intriga para entregar José Anastacio da Cunha á Inquisição de Coimbra; retirado desde logo do seu logar de lente da Faculdade de Mathematica. Lê-se na carta regia de 5 de Fevereiro de 1778: «Constando a S. M.— *pela noticia que ultimamente participou o Vice-Reitor da Universidade*, que no Bispado de Coimbra se tinham espalhado muitos Livros de perniciosa doutrina, não só capazes de corromper os bons costumes, mas egualmente contrarios á

santidade da religião catholica, e ao socego publico; ordena — apprehensão de todos os Livros que se puderem descobrir d'aquella depravada doutrina em qualquer parte, onde e em poder de quaesquer pessoas em que forem achados, sem excepção alguma d'ellas e applicando todos os meios mais efficazes para se evitar semelhante abuso». O meio mais efficaz seria a intervenção do Santo Officio, que era descricionario e absoluto. Pela forma dos seus processos, a Inquisição tinha sempre meios de lançar as suas redes a qualquer individuo, porque a simples referencia a um nome bastava para esse nome ficar inscripto em canhenho especial, e dando-se o caso de uma segunda referencia, isso bastava para instaurar processo forçando esse individuo a declarar quem eram os seus accusadores, ou na giria do tribunal, *quem lhe batia*.

No anno anterior de 1777 foram prezos para a Inquisição de Coimbra alguns officiaes do regimento de artilheria de Valença; a Margarida (*Marfida*) dos versos de José Anastacio da Cunha escreveu-lhe sobresaltada para Coimbra, porque ouvira dizer que elle iria fazer companhia ao Miliani. Com data de 12 de Dezembro lhe escrevia: «e quando n'isto fallaram *tambem te invocaram, perguntavam-me se eu sabia da tua vida*». A pobre rapariga presentia que se tramava na sombra, e escrevia-lhe: «tomara saber o fim d'estas cousas, e se é certo o mais do mais que te relato, eu fico com grande cuidado». O joven lente não suspeitava que andava espiado por alguns lentes e estudantes, vivendo na intimidade de pessoas cultas que frequentavam esses serões litterarios no bairro de San Bento, e escreveu á apaixonada Margarida afugentando-

lhe os terrores. Em data de 11 de Fevereiro de 1778, escrevia ella ao *adorado José:* « fiquei mais descansada da paixão que tinha havia poucos dias antes de receber a tua carta, que me affirmaram tu estares fazendo companhia a Leandro e aos mais todos. Estas malditas noticias me chegaram ». O processo estava a ser organisado sobre as denuncias. Em 7 de Janeiro de 1778, entrava no carcere da Inquisição de Coimbra o Tenente de Artilharia aquartelado em Vianna José Leandro Miliani da Cruz, e dez dias depois denunciava no interrogatorio do tribunal o insigne lente de Geometria, pela sua grande amisade com o brigadeiro do regimento Ferrier e outros officiaes inglezes protestantes, e que lhe pedia traduzisse algumas peças e versos de alguns livros francezes e inglezes, que elle fazia em verso portuguez, e d'estas traducções viu elle duas *Orações*, que continham algumas impiedades, e as vulgarisou na dita praça de Valença, entre uma grande parte dos officiaes e elle as viu na mão de D. Anna Bezerra, mulher do Governador..., e declara que quando a vira *(a Oração)* lhe não percebera logo o veneno que ella em si continha, mas que só admirou a elegancia e engenho com que estava feita, e que por este motivo a apprenderam de cór, e se bem se lembra eram concebidas n'estas palavras, a saber: a primeira:

Pae de tudo, a quem sempre, em toda a parte
Tributa os cultos seus,
O Santo, ou o selvagem ou Filosofo,
Jehovah, Jovis ou Deus.

Tu, oh Primeira Cousa, a mais occulta
Em cujo immenso pégo,
Submergido, a minha alma só conhece
Que tu és bom e eu cego.

No Auto de denuncia da Oração universal, de Pope, apenas se lembrou Miliani de outras estrophes, alteradas e estropiadas, em relação ao texto impresso, que se publicou em 1839, tendo mais sete estrophes. Mas isto basta para fundamentar a accusação de *Deismo*. No interrogatorio de 12 de Fevereiro, cita o nome de todos os officiaes inglezes com quem convivia José Anastacio da Cunha «com os quaes em differentes vezes, tratavam-se pontos de religião, extrahidos de livros impios, de que frequentemente se fazia ecco, algumas vezes cahiu na miseria de confirmar com palavras de approvação o mesmo que elles diziam...» Este facto de um réo vir delatar outrem era uma pratica generalisada pelos Sigillistas de Coimbra, o que tornava o tribunal de Coimbra mais terrivel do que os de Lisboa e Evora.

No processo do cadete de Artilharia Henrique Leitão de Sousa, em data de 7 de Janeiro de 1778, amplia a denuncia contra José Anastacio da Cunha, referindo a Oração poetica, a Oração de Voltaire: «que haverá um anno vira nas mãos de José Leandro — entre outras obras manuscriptas de versos... huma Oração, que a elle lhe parecera, ter alguns erros impios contra a verdade da Religião christã, a quem ouvira tambem depois repetir a alguns dos mesmos officiaes protestantes, e achou finalmente em um dos livros de *Volter*, e ouviu dizer que havia annos a traduzira do original francez na lingua portugueza o tenente que então era do mesmo regimento, José Anastacio da Cunha, hoje lente de Geometria n'esta Universidade, e pela ouvir repetir muitas vezes, como tem dito, a aprendeu de cór... e é como segue:

Oh Deus! a quem tão mal o homem conhece
Oh Deus! a quem todo o universo acclama
As palavras escuta derradeiras
Que a minha bocca forma.

Se me engano, foi tua santa Ley buscando,
Pode o meu coração da boa estrada
Perder-se; mas de ti sempre está cheio.
Sem me atemorisar, diante dos meus olhos,
A Eternidade vejo, e crêr não posso,
Que um Deus, que o sêr me deu
Que um Deus, que tantas bençãos
Lançado tem sobre os meus dias,
Agora, extinctas elles, finalmente
Haja de atormentar-me eternamente.

São estes dois factos, a simples versão portugueza das poesias de Pope e de Voltaire, os dois typos de lyrismo do futuro, as *Orações* que serviram de fundamento ao processo inquisitorial e condemnação de *relaxe ao braço secular* (euphemismo de queimado vivo) que serviram para engendrar a sentença contra José Anastacio da Cunha. As outras denuncias espontaneas, de que entrara na egreja de Santa Clara e sahira sem ter ajoelhado; que offerecia em sua casa chá e torradas ás visitas com leite e manteiga, sem se importar com o preceito da abstinencia. Organisado com todas as formalidades, começou o processo em 19 de Setembro de 1778. Ahi lhe fez carga um sargento Freire, de Valença: «que elle estava publicamente amancebado com uma moça chamada *Margarida*, que se dizia ser da villa da Barca, e tendo-a em sua casa continuamente; e nas suas poesias e versos que fazia se lembrava *da sua Margarida*, o que mostra bem claramente que elle fazia gala do seu peccado».

Com animo sincero elle declara o seu sentimento deista, que tanto se manifestara nos mais

altos espiritos do seculo XVIII, como se vê em Voltaire e Rousseau: «que no tempo dos seus erros se persuadiu muitas vezes, ser a Ley Natural a melhor, e a que só bastava para a salvação; e que todo o que obrava em observancia d'ella, como a sua razão lh'o dictasse, lhe faria merecer o premio eterno, pois que tambem considerava haver um Deus Justo e Remunerador, mas que não fizera d'esta crença systema fixo, porque muitas vezes mudava de opinião, lembrando-se de não ter sufficientes estudos...»

No interrogatorio inquisitorial, de 27 de Julho de 1778, inquiriram qual era o valor que ligava aos philosophos do livre-pensamento: «Perguntado se esteve persuadido de que os Filosofos, taes como tem sido o apostata Voltaire, o atheu Spinosa, o impio Hobbes, o sceptico Bayle, o fatalista Collins, o temerario auctor dos *Pensamentos philosophicos* e toda esta multidão de escriptores modernos, copistas e mestres de impiedades, não fallam mais que a favor da Rasão, e que elles amam a Religião e detestam a superstição, e que é necessario, não sómente toleral-as, mas respeital-as como os Mestres e os bemfeitores do genero humano?» José Anastacio da Cunha declarou que especialmente a Voltaire é que reconhecia como um bemfeitor do genero humano pelos seus sentimentos de liberdade politica e de consciencia, como um puro Deista. Ainda tinha de passar-se um seculo para que a *Historia do Materialismo* pudesse ser feita largamente, como a realisou Lange. Essas doutrinas alarmaram todos os espiritos; e José Anastacio da Cunha declarou mais: «Que haverá um anno, (1777) achando-se em Lisboa, e indo uma manhã á cêrca dos Padres da Congregação do

Oratorio e Casa de N.ª S.ª das Necessidades, d'esta cidade, em companhia de João Pinto Bezerra Seixas, estudante n'esta Universidade, e D. Rodrigo Henriques, casado — na conversação que alli tiveram perguntou este a elle réo se tinha visto o *Systema da Natureza*, e mais alguns outros livros que nomeou e de que agora se não lembra, modernos, e se não lembra da resposta que deu...»

Conclusos os autos em 15 de Setembro de 1778, foram de parecer os Inquisidores de Coimbra, que elle era — convicto do crime de Heresia e Apostasia, por se persuadir dos erros de Deismo, Tolerantismo e Indifferentismo, tendo para si e crendo que se salvaria na observancia da Ley Natural, como a sua rasão e sua consciencia lh'a ditassem...»

Em 6 de Outubro de 1778, o Conselho geral da Inquisição de Lisboa, dava a sentença: «que vá ao Auto de Fé publico em habito penitencial e se declare que incorreu em excommunhão maior e em confiscação de todos os seus bens, recluso por trez annos na Casa das Necessidades da Congregação do Oratorio, e degradado por quatro annos para Evora, não podendo tornar mais a Coimbra e Valença. Foi este accordam lido no Auto publico celebrado em 11 de Outubro de 1778.

O sabio mathematico José Monteiro da Rocha, que já em 1772 reclamava contra as ideias subversivas que corriam no bispado de Coimbra, cumpriu as indicações do Marquez de Pombal, na incorporação do lente de vinte e outo annos, José Anastacio da Cunha na Faculdade de Mathematica. As relações dos dois collegas foram amigaveis. José Monteiro da Rocha emprestava livros de mathematicos gregos; e José Anastacio da Cunha

dirigia-lhe Epistolas em verso, a *Montezio*. A que está publicada tem a rubrica: *Contra os vicios que impedem o progresso das Sciencias*. E apresenta a antithese entre o processo das investigações e o verbalismo da ostentação doutoral:

Que te serve, *Montezio*, envelheceres
Curvado sobre os livros noite e dia
Vendo esconder-se o sol, raiar a aurora,
Convulso, de cansado, o debil peito?
Que esperas de trabalhos tão continuos?
Acaso esperas, que a thiara ou toga
Os teus duros cuidados premiando...
....
Como enganado estás! Que mal conheces
O mundo sabichão como procede!
Para pingues prebendas disfructarias
E rendosas commendas, não careces.
....
Que tu do Portico ou do Lyceu saibas
O sabio machinismo — porque forma
O cerebro os idolos que te amostram
As essencias reaes dos contingentes;
....
Toma por graduação borla e capello,
Em todos seus Direitos enfronhado,
Farás bem se fizesses um peculio
De engraçadas novellas do Supico,
Dos ditos agudissimos galantes...

Este espirito achou a sua verdadeira expressão no poema heroi-comico *O Reino da Estupidez*, que a reacção anti-pombalina provocou. Monteiro da Rocha era um jesuita, que o Marquez de Pombal tolerou na Universidade pelo seu saber mathematico; organicamente odiava José Anastacio da Cunha, que elle occultava por temor do grande ministro.

Logo que pela morte do rei acabou o poder do Marquez de Pombal, irrompeu esse odio, que era por elle considerado como um espirito des-

vairado, *com o miolo desconcertado*. Teve sufficiente astucia para não ir depôr no Santo Officio, que arrancou da sua cadeira o mathematico insigne e ao espectaculo de indignidade e repugnancia de um Auto de Fé. A sentença inhibindo-o perpetuamente de entrar em Coimbra, visava a servir o rancor do ex-jesuita José Monteiro da Rocha. Para o auctoritario lente de astronomia José Anastacio da Cunha tinha um *damnado coração*. Indispozera-o a Satira em tercetos ao *Dr. Botija*, que escrevera contra Francisco Dias Gomes, que tivera de deixar o seu curso da Universidade para vir gerir uma loja de seccos e molhados em Lisboa, por exigencia de um tio. Dias Gomes, máo grado a apreciação exagerada que Herculano lhe fez, bem mereceu a Satira, pela provocação que fizera ao poeta livre pensador. Na *Historia da Universidade de Coimbra* fica traçado o quadro da sua vida com importantes transcripções do seu processo inquisitorial. Sahiu no Auto de Fé de 11 de Outubro de 1778, dando n'esse dia o Cardeal da Cunha, que renegava Pombal, que o fez gente, um lauto jantar aos padres e personagens que assistiram á odiosa cerimonia. A discussão mathematica que teve com José Monteiro da Rocha foi entre 1785 e 1786 e poz mais em evidencia o odio do ex-jesuita, que se serviu da Inquisição para o lançar fora da Universidade de Coimbra. Morreu de um ataque de stranguria, em 1 de Janeiro de 1787, respondendo no seu paroxismo a um amigo que lhe perguntava se soffria muito no prolongado estertor, confundiu palavras inglezas, portuguezas e francezas: *Some dreams of humanity qui me dechirent plutôt qu'ils me consolent*. E apagando-se o seu espirito, illuminou esta verdade da consciencia.

Francisco de Mello Franco e o poema *O Reino da Estupidez.* — Depois da queda do Marquez de Pombal deu-se uma forte reacção contra tudo quanto estabeleceu na sua longa administração; a Universidade de Coimbra reformada fundamentalmente em 1772, e que estava confiada á intelligente direcção de D. Francisco de Lemos, foi tambem atacada como um baluarte pombalino, sendo nomeado para Reitor e Reformador d'ella o estupido Principal da egreja patriarchal José Francisco de Mendonça.

Todos os actos do Principal Mendonça representavam um manifesto intuito de retrocesso, e a Universidade parecia volver aos tempos medievaes. Aggravavam-se os conflictos contra os lentes mais instruidos que sustentavam o espirito moderno, como Monteiro da Rocha e Ribeiro dos Santos.

N'este momento critico appareceu manuscripto em Coimbra um poema em quatro cantos, em verso solto, intitulado *O Reino da Estupidez*, descrevendo o estado mental dos lentes da Universidade e do seu Reitor o Principal Mendonça. Era em principios de 1784; o poema correu anonymamente em copias manuscriptas, que foram lidas com avidez, provocando replicas e Satiras, que espalhavam suspeitas ácerca do mysterioso auctor. Quando o governo do Principal Mendonça em uma situação tensa, e o corpo docente se dividiam uns a favor da Universidade *que Deus haja*, outros pela Universidade *que Deus guarde*, segundo as phrases do tempo, o poema do *Reino da Estupidez* foi como uma bólide cahida n'aquelle mesquinho microcosmo. Comprehende-se que tempestade levantariam em uma terra pequena, fechada aos interesses do resto do mundo, esses

arrastados e mal metrificados versos endecasyllabos, mas que transudavam o mais fundamental desdem sobre o pedantismo doutoral e monachal, que imperava na Universidade de Coimbra.

Attribuiu-se o poema ao Doutor Antonio Ribeiro dos Santos, homem grave, erudito, mas privado de todo o espirito ironico; attribuiu-se tambem ao joven poeta brazileiro Antonio Pereira de Souza Caldas, que sahira da Inquisição de Coimbra e se achava em 1784 em Paris; tambem se chegou a attribuir ao lente Ricardo Raymundo Nogueira, e ainda aos dous Malhões, tio e sobrinho. Estavam todos innocentes d'esse louvavel peccado.

Ninguem imaginava que *O Reino da Estupidez* era uma sublime vingança do estudante de medicina Francisco de Mello Franco, que jazêra nos carceres da Inquisição de Coimbra pela accusação de *encyclopedista*. O seu poema heroi-comico teve o poder da Nemesis, da implacavel justiça: lançou por terra o governo do Principal Mendonça e provocou as novas reformas encetadas pelo Principal Castro, continuando o espirito pombalino.

Hoje, passados cem annos, são os versos d'esse poema um quadro pittoresco, vivo, sarcastico, pintado do natural e com flagrante realidade. Aqui a Arte serviu dignamente o progresso, empregando a satira como instrumento de demolição contra o que prepondera além do seu tempo. Como o som da trombeta que fez ruir os muros de Jericó, agora o poema do *Reino da Estupidez* teve o prestigioso poder de libertar a Universidade, apeando o Principal Mendonça.

Isto basta para justificar a necessidade de conhecer este valioso documento litterario que se tornou historico.

Consta o poema de quatro cantos em verso solto, cuja estructura geral lembra o *Laus Stultitiæ* de Erasmo; a situação era analoga, apesar de tres seculos de distancia. A Estupidez, entidade allegorica, sente-se repellida do norte, vem descendo pela Europa, e não achando abrigo na Allemanha, na França e na Inglaterra, paizes em que prevalece a civilisação, resolve, acompanhada do Fanatismo, da Superstição e da Hypocrisia, procurar as amenas regiões das Hespanhas. O bando chega a Lisboa; é o assumpto do canto segundo, em que se descreve a petulancia dos fidalgos impunes em seus attentados, a exploração dos Padres Capuchos, exorcistas de mulheres, e a sensualidade de um bispo galante. E' então que a Superstição sustenta que deve em Lisboa assentar a Estupidez o seu throno. Mas o Fanatismo oppõe-lhe uma objecção geral: em Lisboa já funccionava a *Academia das Sciencias*, fundada em 1779. A' vista da situação resolveu assentar arraiaes em Coimbra. O canto terceiro é uma descripção de Coimbra, cercada de aprazíveis campinas, apresentando «os mais bellos passeios da Universidade.» Espalha-se por Coimbra a fama da proxima chegada da Estupidez. Começa a carga ao Principal Mendonça, que convoca a Universidade para em Claustro pleno ser recebida condignamente a Estupidez, o que os theologos e outros doutores declararam n'esse ajuntamento magno é a critica do espirito escholastico que pretendia impôr-se á Universidade. Ahi se deblatera contra «A barbara *Geometria* tão gabada — *Historias naturaes*, *Phoronomias* — *Chimicas, Anatomias*, e outros nomes — difficeis de reter...» Quando chega a vez de fallar Tirceu, o lente de mathematica José Mon-

teiro da Rocha, faz uma eloquente invocação á memoria do Marquez de Pombal, e repelle com desassombro o culto da *Estupidez*, que agora se implanta.

No canto quarto o Reitor manda pregar um Edital na porta da sala dos Actos grandes para irem em Prestito receber a *Estupidez*, que se vae hospedar no Convento dos Conegos regrantes de Santa Cruz, e que alli dá beija-mão, recebendo as mais enthusiasticas felicitações. Recitam-lhe uma Oração de Sapiencia, e a *Estupidez* acceitando: «a geral confissão de vassalagem» abençôa-os, dizendo: «continuae, como sois, a ser bons filhos.»

O poema appareceu firmado pelo pseudonymo Felicio Claudio Lucrecio. Suspeitaram que seria escripto por algum lente partidario da reforma pombalina; como Ribeiro dos Santos incorrera nas iras do Principal Mendonça, foi elle por isso o mais visado. Escreve em uma carta inedita Ribeiro dos Santos: «O argumento de que principalmente se valeram foi que fallando-se no Poema no Collegio de San Pedro, e apparecendo pelo seu nome alguns individuos do de San Paulo, havia alto silencio a respeito do Collegio dos Militares; logo, diziam elles, o auctor pertencia a este Collegio; e como sabiam que eu tinha feito algum verso n'outro tempo, concluiram que tambem agora havia escripto esta satira.»

Para contraminar o effeito do *Reino da Estupidez* compuzeram um outro poema em sete cantos, em sextinas rimadas, intitulado *O Zelo*, offerecido aos admiradores da Estupidez, por Patricio Prudente Calado (evidentemente pseudonymo). Na copia do *Reino da Estupidez*, que se guarda entre os manuscriptos da Bibliotheca de

Evora, o poema traz como auctor Francisco de Mello Franco. A attribuição a outros nomes, como Souza Caldas e Francisco José d'Almeida, que se acharam com Mello Franco no Auto de Fé da Inquisição de Coimbra em 26 de Agosto de 1780, obedecia a uma suspeita dentro do grupo de livres pensadores da Universidade perseguido pelo Principal Mendonça. Mello Franco foi auxiliado pelo seu patricio José Bonifacio de Andrade e Silva, sendo *O Reino da Estupidez* escripto e copiado em quinze dias e subrepticiamente distribuido por occasião de umas festas da Universidade.

O poema só veiu á publicidade pela imprensa em Paris em 1819; em Hamburgo em 1820; outra vez em Paris em 1821, e em Lisboa em 1822 e 1823. Mello Franco tendo falecido em uma viagem de regresso ao Rio de Janeiro em 22 de julho de 1823, ainda teve o gosto de vêr esta consagração ao seu poema, que foi continuada nas edições de 1833, 1834 e 1868.

Esse poema revela-nos a missão da Arte, na sua funcção negativa; não sendo uma obra prima, ha-de pelo seu destino ser sempre admirado.

Filinto Elisio

Francisco Manuel do Nascimento, conhecido pelo nome poetico de *Filinto Elisio*, exerceu uma forte influencia na poesia, antes de se extinguir o arcadismo, não no sentimento e concepção das imagens com que se manifestava o Romantismo, mas pela estructura da versificação. Sob este aspecto o *Filintismo* contrabalançou-se com o *Elmanismo*, ou a versificação de Bocage, reflectin-

do-se este gosto no primeiro quartel do seculo XIX em Garrett e em Castilho. Tentou reagir a esta influencia José Agostinho de Macedo, propondo a Francisco Freire de Carvalho a formação de uma academia poetica contra as *Nicenadas* e *Bocageadas*, como designava as imitações do estylo d'estes dois poetas. *Filinto* actuou exclusivamente na forma da versificação, que se sublimou em Garrett. A vida de *Filinto* é muito desconhecida; mas pelo processo que lhe fez a Inquisição de Lisboa, pelas denuncias e pelas notas avulsas que espalhou em volta dos seus versos, conhecem-se particularidades, que revelam todas as manifestações da sua individualidade, quanto á evolução psychologica e estimulos do meio social. Nasceu em Lisboa, em 23 de Dezembro de 1734. D'esta circumstancia tirou o apellido de *Nascimento*, allusivo ás vesperas do Natal e gracejando da progenie dos antepassados pelo nascimento. Seus paes, naturaes de Ilhavo, pertenciam a esta colonia aveirense, que ainda hoje moureja em Lisboa; o pae, Manoel Simões, era fragateiro, occupado na carga e descarga de navios, no Tejo; a mãe, Maria Manoel, era uma linda rapariga, que vendia peixe de canastra á cabeça pela cidade, explorando tambem a venda de tremoços, burrié e pevides, como ainda hoje é costume na referida colonia. Como gentil, de uma pelle branca e traços finos, o patrão dos escaleres reaes, João Manoel, encantou-se com a tricana, facil, como as congeneres. Nasceu o menino, criado entre as mulheres, comadres de sua mãe. A certidão de baptismo, fixa o dia do nascimento em 21 de Dezembro, declarando que fôra baptizado em casa por se achar em perigo de vida pela sua fraqueza; mas isto foi um embuste

de Maria Manoel para evitar que o seu filho fôsse mergulhado brutalmente pelo cura da freguezia, que dias antes tinha amolgado a cabeça de um neophyto, que não mais teve saude. *Filinto*, nas amorosas poesias em que allude ao seu dia natalicio, fixou sempre a data verdadeira, que contradicta o documento official. A sua infancia passada entre as mulheres comadres, visinhas e amigas de sua mãe, pôl-o em contacto com toda a litteratura de cordel do comêço do seculo XVIII; elle lia-lhes a *Imperatriz Porcina* e a Egloga de João Xavier de Mattos *Albano e Damiana*, e os Autos do Presepio, e deliciou-se com as representações espectaculosas da *Creação do Mundo*, do velho theatro hieratico. Tambem foi embalado com os Contos de Fadas e com as anecdotas picarescas de frades. Francisco Manoel foi *estorninho*, isto é, alumno externo das escolas baixas dos Jesuitas do Collegio de Santo Antão, e descreve o costume dos Jesuitas, que tinham substituido o Pendão negro da Santa doutrina, com que arregimentavam os rapazes pelas ruas, por um *Padre Doutrineiro*, que do pedestal do Pelourinho, e cercado de innumero rapazio, d'alli perguntava o *Crédo*, dando áquelle que melhor o recitava uma medalhinha de latão, favor que tambem concedia aos meninos louros, por mysterio só conhecido pelos jesuitas, como maliciosamente escreveu Filinto. Mostrando talento, Francisco Manoel continuou os seus estudos, pelos auxilios do patrão dos escaleres reaes, que tinha um amor filial ao pequeno. João Manoel foi despachado Patrão-mór da Ribeira das Náos, onde tinha residencia official; para a sua companhia levou Maria Manoel e o seu marido Manoel Simões. N'esse amoravel convivio, fez Francisco

Manoel os seus estudos para se ordenar de clerigo; elle mesmo confessa quaes foram os seus estudos, que consistiram quasi exclusivamente em muita latinidade e em solfa, ou musica. Começou a dar-se á curiosidade de escrever e fazer versos ahi pelos dezasseis annos, a pretexto de aparar as pennas de pato e experimental-as no papel. A escripta suggestionava-o para a expressão da ideia ao pobre aprendiz de clerigo. Em 1752 já era padre de missa, e por influencia do Patrão-Mór da Ribeira das Náos, foi provido no logar de thezoureiro da Egreja das Chagas, pertencente á Confraria dos Mareantes da carreira do Brasil, cuja confraria era rica e bem dotada pelos que regressavam das longas e trabalhosas viagens do Brasil. Francisco Manoel reconhecia a paternidade do Patrão-mór da Ribeira das Náos, alludindo aos seus serviços ao rei e á patria, o que não podia entender-se com o fragateiro Manoel Simões. Na catastrophe do terremoto de 1755, foram viver promiscuamente. Ao fundar-se a *Arcadia* em 1757, Francisco Manoel não tinha notoriedade litteraria para ser convidado para socio da nova Academia. Mas por esse influxo tambem formou um *Grupo da Ribeira das Náos*, e adoptara o nome de *Niceno*. O seu saber e gosto litterario resumiam-se em estudos exclusivos de Latinidade, que se prestavam a larga erudição que mais tarde vem systhematisar-se na Philologia. O seu mestre de latinidade Antonio Felix Mendes era um auctoritario grammaticão, que embirrava com as novidades do classicismo francez; *Niceno* tambem se tornou partidario do purismo archaico da linguagem dos *Quinhentistas*.

A Satira de Garção, dedicada ao Conde de San Lourenço, foi um protesto contra a imitação

dos *Quinhentistas*. Padre *Niceno*, como é designado Francisco Manoel em um Soneto attribuido a Garção, nada tinha publicado; mas exercia um certo impulso no *Grupo da Ribeira das Náos*. Comtudo, escrevera muito desde 1752 até 1778, em que teve de fugir de Portugal ânte a perseguição inquisitorial; na relação dos seus bens moveis e immoveis que lhe foram confiscados pela Inquisição, declara tambem: « *Todos os meus Manuscriptos, trabalho de 28 annos.* » Que manuscriptos seriam os que lhe foram confiscados, da sua actividade de 1750 a 1778? Provavelmente notas grammaticaes, extractos dos escriptores quinhentistas, copias de livros portuguezes de raridade, e a parte poetica seria satirica um pouco entre o realismo do *dicaz* Antonio Lobo de Carvalho e o faceto Tolentino. Alguns versos que apparecem nas collecções ineditas foram mais tarde colligidos por Innocencio Francisco da Silva sob o nome do Lobo da Madragôa. O desgraçado poeta não podia evadir-se aos Familiares do Santo Officio com os manuscriptos rabiscados em 28 annos. Com certeza muitas noticias curiosas ahi se perderam. O seu espirito satirico é que acordaria o faccinorismo fradesco, representado no soneto *Christo morreu ha mil e tantos annos*, em que alludia aos peditorios para o Santo Sepulchro. Mas, o que mais aguçava o faro dos Inquisidores para um facil e precioso confisco, eram os bens que Francisco Manoel possuia, deixados pelo Patrão-Mór João Manoel, ou comprados com o seu dinheiro em nome do thezoureiro da Egreja das Chagas. Esses bens foram como o thezouro dos *Niebelungen*, guardado por Fafnir, que causava a desgraça de quem o possuisse. Eis a indicação summaria, que *Filinto* escreveu em

1807, e que importa conhecer para avaliar bem as suas relações protectoras com as meninas Alornas, na sua desconfortada reclusão politica em Chellas, na sua intimidade com ellas desde 1768.

«Lista dos bens que foram confiscados desde 1778:

Immoveis: Uma Casa na rua do Telhal.

Uma Casa na rua do Valle.

Uma Casa situada na Cotovia de Cima, virada ao muro do picadeiro do Conde de Soure, e do Theatro do Bairro Alto.

Uma Casa de campo, situada em Camarate; uma em frente da egreja, rua do Rigueirinho; a outra em San Pedro, perto da mesma villa de Camarate; cada uma d'estas casas tem seu jardim, com celeiros e aposentos.

Os titulos e contractos da compra d'estes predios foram egualmente confiscados pela Inquisição, elles acham-se nos archivos e os seus traslados nos cartorios dos tabelliães.

Moveis: Cada uma d'estas Casas estava mobilada de todas as qualidades de trastes e utensilios proprios de uma habitação luxuosa. Mas o principal mobiliario de Francisco Manoel, achava-se na casa da sua residencia, que possuia na rua da Calçada do Combro, á esquina da travessa das Chagas.

Era um mobiliario variado e completo, com leitos, secretárias, commodas, armarios, mesas de madeiras preciosas, canapés, poltronas, tapetes, etc.

Um guarda-roupa consideravel, contendo *as que foram de seu pae (Não alludia ao pobre fragateiro Manoel Simões).*

Uma rica baixella de prata, roupa de meza e cobertas, uma grande parte ainda na peça, e mais algumas peças de sêda.

Dois serviços de porcellana da China, um em azul, dourado, o outro vermelho, dourado.

Os ornamentos completos de um Oratorio, vazos em grés, quadros, tapeçarias, etc.

Um sacco cheio de esmeraldas, amethystas, topazios, rubis, e alguns diamantes, tudo ainda em bruto, de consideravel valor.

Algum dinheiro na secretária.

A sua bibliotheca de perto de 2:000 volumes, entre os quaes todos os classicos gregos e latinos, que tinham pertencido aos Jesuitas de Lyon, e de outros livros preciosos pela sua raridade, sobre tudo uma collecção de obras portuguezas.

Todos os seus Manuscriptos, trabalho de 28 annos.

Falta-lhe ainda tornar a pedir (e é o objecto mais recente, e o mais disponivel n'este momento) o preço completo de uma traducção de Osorius, *De Rebus Emanuelis*, traduzida por elle em portuguez, 3 vol. in-12, imprimé à l'Imprimerie Royale, de Lisbonne, dont le Docteur Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral est Administrateur.

O Principe Regente tinha promettido entregar ao Auctor a edição completa, salvas as despezas.»

Além d'esta relação que se perdera, por não ter sido achada no espolio de *Filinto*, tambem encontramos declarações de dividas, e declarações de pessoas a quem elle poeta emprestava dinheiro a juros.

Tudo isto nos revela quanto Francisco Manoel recebera do Patrão-Mór da Ribeira das Náos, e os odios que a parentella de João Manoel nutriria contra elle; mas para o momento basta-nos considerar as condições excepcionaes em

que o poeta *Niceno* vivia para se entregar aos seus ocios litterarios, sem cuidar no pão quotidiano. Em volta d'elle reuniam-se varios poetas, e os seus versos satiricos manifestando ruidosa vivacidade contra a *Arcadia Lusitana*, á qual chamavam o *Arcadão*.

Os nomes d'estes dissidentes da *Arcadia* ficaram enfeixados em um Soneto, attribuido a Garção, e hoje incorporado na ultima edição das suas obras:

> *Pinto* fidalgo, embaixador da Mancha,
> Tu, *Monteiro* roaz, que na baralha
> Vales por espadilha da canalha,
> Que a fama alheia com ferretes manchas;
>
> Padre *Niceno*, tu patrão da lancha
> Carregada de drogas da antigualha,
> Que o *Bandeirinha* alvar á tôa espalha
> Pôtro, que n'outro pôtro se escarrancha;
>
> Capitão Archimedes, tu, zarôlho
> *Manoel de Sousa*, que parecias Mendes,
> Que da récua aproveitas o restôlho;
>
> *Ulpiano venal*, tu bem me entendes
> Se para estas cousas tenho dedo e olho,
> Em peralvilho jubilado tendes.

Este Soneto merece ser commentado, para se conhecer as principaes figuras do *Grupo da Ribeira das Náos*. O primeiro caracterisado é Pedro Caetano Pinto, que estivera em Hespanha em aventuras, d'onde trouxe uma mulher bonita. D. Leonor de Almeida falla d'elle nos seus versos, dando-lhe o nome de *Pierio*. A embaixada da Mancha é um traço grotesco para ridicularisar a insignificancia do poetastro. Camillo não discerniu identificando-o com o personagem politico

importante Luiz Pinto de Sousa Coutinho; a sua fidalguia, repelle as pretenções parvoas de Pedro Caetano Pinto, que tinha aspirações diplomaticas.

O *Monteiro* roaz é o Dr. Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, cujas poesias chegaram a suscitar a rivalidade de Bocage, como o revelou a Lord Beckford. Camillo mais uma vez claudica, confundindo-o com o *Bandeirinha*, referido no segundo quarteto, sendo este propriamente o Domingos Pires Monteiro Bandeira, tambem metrificador e amigo de Nicoláo Tolentino. Tinha o *Bandeirinha* tanto de ingenuo *(alvar)* como o Monteiro, maçonico e de influencia pessoal.

Padre *Niceno* é o nome poetico que antes de 1768 usava Francisco Manoel do Nascimento, do qual ainda se lembrava José Agostinho de Macedo, reagindo contra as *Nicenadas*, ou o prurido dos imitadores do seu estylo poetico. Quando *Niceno*, junto com *Albano*, Sebastião José Ferreira Barroco, entrou em intimas relações litterarias com D. Leonor de Almeida, a joven poetisa á qual deu o nome de *Alcipe*, com que fica conhecida, deu-lhe ella tambem o nome de *Filinto*, a que accrescentou o foragido poeta, na magoada saudade da patria o apellido *Elisio*, que designa esta phase da sua vida. Assim o nome de *Niceno* comprehende toda a sua actividade de 1752 a 1778, cujos manuscriptos se perderam no sequestro da Inquisição. *Filinto* define a sua epoca inspirada e accentuadamente lyrica, de 1768 a 1778, em que apaixonadamente celebrava *Daphne*, a sua amada discipula de musica D. Maria de Almeida, reclusa com sua mãe em Chellas. Tambem D. Leonor de Almeida fôra sua discipula de Latinidade, e com muita admiração pelo seu caracter, lhe pediu que não dispendesse o seu talento em Sa-

tiras, com que o *Grupo da Ribeira das Náos* bombardeara a *Arcadia*, com quem *Alcipe* tinha relações. *Filinto* confessa em uma nota a uma Ode: « A ex.ma snr.a D. Leonor de Almeida foi quem em Chellas deu ao Poeta o nome de *Filinto*, e por tal o nomeou sempre em todos os versos que lhe dedicou. » (*Ob.*, t. XI, p. 111. Ed. 1838). No verso em que chama a *Niceno, patrão da lancha* ha a allusão affrontosa a ser filho do Patrão-Mór João Manoel, com quem cohabitava no Arsenal, em cujos aposentos reunia o Grupo dissidente, por isso chamado da Ribeira das Náos.

O Capitão Archimedes (mathematico) Manoel de Sousa, grande purista e tido por bom traductor, é no Soneto comparado pela circumstancia de ser zarolho, com o contínuo das Escholas do Collegio de Santo Antão, ridicularisado pelos estudantes como *Cocles*. Manoel de Sousa entrou na *Arcadia Lusitana* na ultima camada de socios, pelo que se infere de ajuntar ao seu nome esse titulo no frontispicio da traducção da *Historia Antiga* de Rolin.

O *Ulpiano venal*, segundo as notas que acompanham o Soneto é o Dr. Jeronymo Estoquete, advogado em cujo escriptorio se reunia *Niceno*, para os seus actos juridicos de compras de predios, arrendamentos e escripturas de emprestimos. No processo da Inquisição de Lisboa contra *Filinto*, lê-se: « Foi seu professor Antonio Felix Mendes, que a 3 de Julho de 1778, o accusou ao Santo Officio, com os seus companheiros Jeronymo Estoquete e Manoel Coelho de Lima, de que todos estes tres sujeitos estavam exercitados e instruidos na lição dos Livros prohibidos... digo, de Livros de Philosophias modernas... que affectam seguir a Rasão natural. » N'este depoi-

mento do velho mestre de Latinidade, que então contava setenta annos, insinua-se que em volta d'elle, além de muito estimado pelo bispo Cenaculo, se reunia uma pequena Academia poetica: «geralmente é reputado por homem douto, e que por esta razão é muito procurado por varias pessoas para conferirem com elle algumas obras que compõem, principalmente em verso... e entre outras pessoas é frequentemente visitado por alguns religiosos do Convento de Jesus, maiormente por um religioso por nome Barrôco.» (*Process.*, n.º 14048). Referia-se a Fr. Placido de Andrade Barrôco, irmão do amigo intimo de *Filinto*, Sebastião José Ferreira Barrôco, o *Albano*, que tanto galanteava *Alcipe*. Por esta referencia a Inquisição chamou Fr. Placido Barrôco a depor, declarando que vira uma traducção da tragedia *Mahomet* por Filinto.

N'esta *Guerra dos Poetas* appareceu uma Satira, que nos manuscriptos da epoca ora se attribue a Francisco Xavier Lobo ora ao Dr. Joaquim Ignacio de Seixas:

Deixa amigo Bandeira de seccar-nos
Co'a antiga locução áspera e dura.
Confessamos que tem graça e energia
Lida nos bons Auctores que nos honram;
Mas as palavras são como a moeda,
O uso unicamente é o rei, que faz
Que ellas valham e que elle quer que valham.
Como ellas corram co'a presente marca,
Fazem outra vez viver as esquecidas.
Adopta embora as novas, funde as velhas,
Lima as informes, pule as escabrosas.
Enriqueça-se a lingua portugueza
Com prudente licença e boa escolha;
Porém, nunca vocabulos nos digas
Que arranhem o bichinho dos ouvidos.
Nem a todos concede a natureza
Como succede *a ti e á tua seita,*
Orelhas de aço, tympanos de bronze.

Vê-se que Filinto, *patrão da lancha* dos antagonistas da *Arcadia* era accusado de uma versificação dura; completo engano. São do mais bello lyrismo os Sonetos, Canções, Madrigaes e Odes que lhe inspirou *Daphne* (D. Maria de Almeida, depois Condessa da Ribeira), n'esses annos das grades, outeiros e lições musicaes no mosteiro das Albertas. Essas poesias só appareceram publicadas já no seculo XIX, poucos annos antes do falecimento de *Filinto Elisio*, perdidas em uma salsada de composições indigestamente compiladas por Solano Constancio. Se um dia se imprimir um livro das poesias a *Daphne*, reconhecer-se-ha um lyrico do mais puro camonismo, sem ser imitador, porque viveu essa poesia, como os bons *abbés* do seculo XVIII. D. Leonor de Almeida era cortejada por Sebastião Barrôco, e professava por *Filinto* a veneração que se tem por um alto espirito, e nas cartas a seu pae, o Marquez de Alorna, falla-lhe descrevendo o seu caracter, como quem responde a quaesquer observações paternaes suscitadas por intrigantes invejosos das distincções de *Alcipe*. *Filinto*, como se vê pelo arrolamento dos seus bens, era rico, e com toda a humanidade acudia ás meninas Alornas com auxilios pecuniarios, não só para as suas necessidades domesticas, porque toda a Casa de Alorna estava em sequestro, pela sentença dos Desembargadores manobrados pelo Marquez de Pombal, mas tambem as presenteava com joias, vestidos e toucados, que o Arcebispo de Lacedemonia queria impedir que usassem, e quasi obrigando-as a cortarem os cabellos! Esta phase da vida de *Filinto*, de 1768 a 1778, é a mais radiosa da sua existencia, a que elle podia applicar o verso de Garrett: *alli foi um céo na terra.* Es-

clarece-se hoje esta phase pelas cartas de D. Leonor de Almeida, escriptas a seu pae, que vem intercaladas no estudo biographico da Marqueza de Alorna pelo general Marquez de Avila e Bolama. Deu-se uma certa sombra entre *Alcipe* e *Filinto;* o poeta, por occasião da elevação da estatua equestre em 1775, apparece inesperadamente entre os *poetas da manada*, que escreveram Odes, Silvas e outra cascalhada enaltecendo a glorificação do rei D. José pelo Marquez de Pombal. *Alcipe* estranhou aquella bajulação pombalista da parte de um caracter tão philosophicamente independente. Ninguem sabe que pressões vergaram *Filinto* áquelle acto; mas conhecidas as relações com que o distinguia o bispo de Beja D. Fr. Manoel do Cenaculo, tambem litterato de pôlpa, vê-se que só o mestre do Principe D. José é que podia actuar sobre o presbytero para que escrevesse qualquer Ode. Elle tambem não via com bons olhos o militar hanoveriano, conde palatino de Oyenhansen, o *tolaz* militar fazer o seu pé de alferes a *Alcipe*, e escrevia para a Bahia ao seu intimo amigo Barrôco, que ahi occupava o cargo do Desembargador. Ia continuando a escrever Cançonetas em mimosos versos, que elle mesmo punha em musica, a cousa que mais sabia além da latinidade, como de si proprio confessou, e que *Daphne* cantava, ensaiada pelo poeta. *Alcipe* reconheceu a situação forçada em que se vira *Filinto*, escrevendo-lhe uma epistola — *A respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez ao Marquez de Pombal:*

> Não te esqueças, *Filinto*, o acerbo caso
> Lateja-me no peito um fogo intenso,
> Se esperdiças as joias do Parnaso
> Dando ao tyranno o teu sublime incenso.

Bem sei que as Musas quando vão comtigo
Em cativeiro, afflictas, algemadas,
E' por salvar-se do extremo p'rigo
Que soffrem vêr-se assim tão degradadas.

A Ode em que *Filinto* representa o rei D. José —do malevolo combate sahiu radiante do *vencido assalto*, foi acordar no espirito do Marquez de Alorna a dôr de todas as torturas e iniquidades soffridas pela familia dos Tavoras e pela desmembração da sua propria familia em reclusão claustral, durante dezoito annos, e elle na escuridão da Bastilha da Junqueira. *Filinto Elisio*, tarde reconheceu a origem insistente da sua perseguição, que Sané consignou no estudo que escreveu: « A trama urdia-se a occultas; *desvendou-se por uma circumstancia tão pequena*, como essas ridiculas pretenções litterarias que outr'ora lhe suscitaram. *Elle teve uma discussão vivissima com um personagem de alta categoria...*» Não declarou quem era este personagem, mas *Filinto* nos seus versos chama-lhe o *Naire*, nome que se dá aos javanezes que juram vingança até á morte, e em nota desvenda nas iniciaes M. de A., o Marquez de Alorna.

Abertos os carceres dos prezos politicos depois de dezoito annos pelo falecimento do rei D. José, em Fevereiro de 1777, logo em 4 de Julho de 1778, viu-se *Filinto* forçado a fugir do modo mais dramatico á garra do familiar da Inquisição de Lisboa, que o envolvera em um traiçoeiro processo, de que resultou immediatamente o sequestro de todos os seus bens moveis e immoveis. Esses momentos tragicos da sua fuga são emocionantes, mas mais terriveis são as tramas com que converteram o ávido poder inquisitorial em instrumento de rancorosos odios pes-

soaes. Serviram-se do estado de demencia senil de sua mãe Maria Manoel denunciando o proprio filho. *Filinto* o authentica em uma Ode:

> *Nova Megera, ao filho que gerara,*
> *Deu* (quem pensal-o póde!) *o duro golpe*
> *C'o braço novereal, c'o hervado alento,*
> *Bafejou-lhe a innocencia.*

Em nota á phrase — hervado alento — esclarece o poeta: «Induzimentos do seu Confessor, que lhe intimou revelações de uma freira da Madre de Deus, que vira no inferno n'uma cadeira de braços de ferro em braza, que me esperava.» (*Obr.*, t. IV, p. 146.) E em uma Ode a Billing refere outra vez a denuncia da mãe:

> Eu, da calumnia e inveja alvo patente,
> No seu bojo aparei odio de frades,
> Angustias, perdas, ameaçados fogos,
> *E a novereal Megera!*

Em uma Ode ao seu anniversario em 23 de Dezembro de 1779, na desolação de Paris, vendo mais a claro os seus desastres, allude a mais dois personagens cooperadores poderosos.

> Maldito o Bonzo e mais maldito o *Nayre*
> *Que, calumniosos urdiram o meu desterro,*
> Malditissimo o estupido fanatico
> Que encomendou a queima.
>
> (*Ib.*, p. 150).

O *Nayre* personifica o Marquez de Alorna, cujo nome revela nas iniciaes da nota á Ode commemorando passados outo annos a sua fuga em 4 de Julho de 1778, descrevendo a saída da barra:

Vê no monte os amigos que derramam
Do prazer, de saudade muito pranto,
Vê a masmorra, o *Delator raivoso*
E os verdugos mordendo
As mãos, a que magnanimo reparte,
Vê a feroz calumnia
Que nos teus bens se vinga.

(*Id.*, p. 192.)

Em nota á phrase *Delator raivoso*, poz em iniciaes O M d'A, que se lê o *Marquez de Alorna*, como se comprova por testemunhas directas. Eis o personagem de alta cathegoria, caracterisado por Sané, que accrescenta: « Francisco Manoel tinha prodigalisado a este individuo as mais activas consolações em uma epoca em que elle incorrera na desgraça do Principe e na de um ministro omnipotente. Este fidalgo, de um caracter pouco nobre, julgando-se ferido no seu orgulho, concebeu baixas ideias de vingança. Os inimigos de Francisco Manoel alentaram as paixões *d'este ingrato* e incenderam-lhe o rancor, e tendo readquirido outra vez as graças fez-se o indigno instrumento de suas maquinações. Carregou de falsas accusações um subdito submisso, calumniou a sua religião, influiu na soberana actuando nos seus escrupulos, e servindo-se da mão regia para vibrar o golpe mais inevitavel e o mais mortal. A Inquisição, fortalecida com o assentimento regio, não guardou mais attenções. » (Sané, *op. cit.*, p. XIII.) Costa e Silva conheceu e alludiu a estes factos; e o Dr. Paulo Midosi, nas *Cartas ao Compadre Lagosta* (alcunha do P.e José Agostinho de Macedo) é bem explicito: « Os mesmos vampiros (*os Padres tristes*) por satisfazer um *Naire*, (o Conde: lêr *Marquez de Alorna*) a quem elle *na sua desgraça sustentara e que então fe-*

chara os olhos nos amores d'elle com sua filha, estiveram a ponto de empolgar Francisco Manoel do Nascimento, que foi acabar pobre e desvalido em França, confiscados seus bens na patria, a quem dera tanta gloria em seus escriptos.» (*Carta 10.ª*. Ms. hoje na Acad. das Sciencias, por doação de H. Midosi).

No *Ramalhete* (t. IV, p. 101), narra Costa e Silva este caso: «Este *Naire* (é o nome com que Francisco Manoel o designa em seus versos) talvez cioso de honra, talvez affrontado de que a familia tivesse sido soccorrida por um plebeu, quiz perder o poeta, e para este fim usou de manejos verdadeiramente aristocraticos. Foi-lhe facil achar um frade, o instrumento de que precisava. Um franciscano, confessor e director espiritual da mãe do poeta, que era uma mulher crédula e supersticiosa (*a peixeira de Ilhavo*) — fazendo persuadir a pobre velha da visão de uma freira grila, lhe fez crêr que o unico meio de salvar o filho estava em ella propria o denunciar ao Santo Officio.» Tendo *Filinto* fugido em 4 de Julho de 1778, e immediatamente confiscados os seus bens, a velha mãe e seu marido foram postos na rua por expulsão inquisitorial, e por informação de 23 de Março de 1779, se lê: «os ditos paes Manoel Simões e Maria Manoel vivem, *elle se acha cego e pedindo esmola... e a mãe se acha com pouco juizo* em casa de uma afilhada». Os bens que formavam o patrimonio do clerigo, feito pelo Patrão-mór, estavam na posse de uma sobrinha d'este.

Depois de ter escapado ás garras dos Familiares, esteve *Filinto* escondido por casas de amigos, indo embarcar em Paço de Arcos, no navio *Nicoláo Jorge*, em que tambem ia foragido Felix

de Avelar Brotero, o creador da *Flora portugueza*. A 13 de Agosto de 1778 chega a Paris. A Inquisição procura attrahil-o a Portugal, como fizera no seculo XVII com Manoel Fernandes Villareal, queimando-o; mas *Filinto* preferiu ir amparando a vida com algumas lições de Portuguez. Todas as tentativas para lhe restituirem os seus bens foram baldadas, porque o Marquez de Alorna, até 1803, em que faleceu, actuou incessantemente: na Rainha até 1792, em que irrompeu a sua loucura, e depois no Principe Regente, que não tinha vontade propria, e os ministros sempre aristocratas eram pelo odio do Alorna, e sabiam que Francisco Manoel tivera sempre boas relações com o Dr. Paulo de Carvalho, tio do Marquez de Pombal, e com o ministro da Marinha, Francisco Xavier de Mendonça, irmão do poderoso favorito. Os pequenos valores que pôde trazer comsigo de Portugal foram perdidos com a fallencia do banqueiro Jullien. Os grandes successos que se passavam no mundo, a Revolução da America ingleza e os prodromos da Revolução franceza não passaram indifferentemente, reflectindo essa emoção nos seus versos. Antonio de Araujo, embaixador na Hollanda, convidou-o para ir para a sua companhia, como secretario particular. *Filinto* foi com todas as difficuldades do transporte. O clima da Hollanda, humido e sombrio, minava de uma tristeza nostalgica a sua natureza de meridional. O embaixador facultava-lhe a sua valiosa collecção de livros portuguezes; mas tinha pretenções litterarias e uma d'ellas era fazer uma traducção de Horacio em versos portuguezes. *Filinto Elisio*, que era a alma transmigrada da côrte imperial de Augusto para o seculo XVIII, achava falhas e muita ganga no estylo venasino. As reflexões, os

retoques, as emendas, as substituições não agradavam á pretenção de Antonio de Araujo, e uma atmosphera de antipathia com a tristeza de Hollanda fizeram regressar o poeta para a sua livre indigencia em 1797, de Paris. Com o falecimento do Marquez de Alorna em 1803, ainda teve esperanças de regressar a Portugal, mas esse sonho desvaneceu-se ante a indifferença do meio official, mais pela satira de D. Catherina Michaela de Sousa, esposa do ministro intrigante Luiz Pinto de Sousa, que era hostil a Antonio de Araujo. Elle resentiu-se intimamente que a Condessa de Oyenhansen ao passar por Paris para Londres, não lhe desse noticia da sua passagem. Ella tinha consciencia da ingratidão com que seu pae promovera a ruina do homem que mais elevara o seu espirito na cultura humanista. De Londres manda-lhe a sua traducção da *Poetica* ou Epistola de Horacio aos Pisões, por sua filha a Condessa da Ega. Nas Cartas que *Filinto* lhe escreveu, mantem o culto respeitoso e admirativo da epoca de Chellas. Elle sauda com enthuziasmo o apparecimento de um astro novo na poesia portugueza. Bocage, ao lêr os calorosos versos de *Filinto,* exclama na sua resposta: «Zoilos, tremei! Posteridade, és minha». E soffreu pouco tempo depois o golpe da morte prematura d'aquelle genio excepcional, em 1805. Com ideia de auxiliar o desgraçado poeta, que não sahia á rua por não ter nem calçado, imprimia pequenos folhetos com poesias avulsas que mandava para Lisboa aos amigos, que pela venda lhe enviavam algum dinheiro. Lamartine, um dos renovadores do lyrismo romantico, foi seu discipulo da lingua portugueza, delicado pretexto de soccorrel-o, e dedicando-lhe uma elegia, que é uma joia na corôa de *Filinto.*

As traducções dos *Martyres* de Chateaubriand, augmentando a sua belleza pela fórma versificada, e a traducção do poema *Oberon* de Wieland, tornara-o um verdadeiro precursor do gosto e epoca do Romantismo em Portugal. Elle vaticinou a queda e extincção da Inquisição; não teve o prazer de vêr realisada a sua previsão, pela Revolução de 1820, falecendo em 25 de Fevereiro de 1819, com oitenta e cinco annos, tendo assistido á publicação das suas Obras completas, material accumulado para dar bellos volumes, quando lhe fôr feita uma edição critica.

Filinto desenha a traços lancinantes a implacavel miseria em que vivia em Paris, em 1799, aos sessenta e cinco annos: « *desvalido e só, vivendo em Paris como n'um descampado*, embrulhado no manto da pobreza, e diante d'elle todos os cuidados da vida —as lembranças do passado, e mais que tudo a secca melancholia — sem me poder valer de outra arma que da penna... » Fazia traducção de tragedias francezas, escassamente pagas. Em 1804, em nome do Principe Regente, encommendaram-lhe a traducção em portuguez do livro *De Rebus Emmanuelis*, do bispo D. Jeronymo Osorio. A obra é uma inferior narrativa rhetorica de falso estylo ciceroniano. *Filinto* pôl-o em portuguez castiço, e ficaram de lhe pagar o trabalho, quando as despezas na Impressão Regia estiverem pagas pela venda da obra. Nunca recebeu um ceitil pela sua fadiga. As tristezas intimas tomaram um maior relevo com as desgraças que sobre Portugal cahiram: a invasão das hordas napoleonicas, tendo o Principe Regente preparado a fuga para o Brasil, antes da chegada do Junot. Quem, na côrte do Rio de Janeiro, que fazia continuos saques de dinheiro

do espoliado Portugal, attenderia a voz do velho clamando pela sua justiça? Elle, pelos emigrados portuguezes, que fugiam ao draconiano Beresford para França, ouviria a narrativa do enforcamento do heroico general Gomes Freire. Todas essas amarguras lhe encheram as medidas da aniquilada existencia durante o anno de 1818, vindo a expirar em 25 de Fevereiro do novo anno. Não viu a aurora do anno de 1820, da Revolução do sul da Europa, Portugal, Napoles e Grecia moderna; mas a sua sepultura no cemiterio de Pére La Chaise, começou a ser visitada como um altar da Patria, e ahi se foram fortificar nos seus desalentos, os grandes renovadores do genio nacional, o pintor Sequeira, o compositor Bomtempo, e o poeta Garrett. Ahi tinha *Filinto Elisio* a sua consagração; mas, um prurido patriotico, fez que officialmente, em 1842, quando irrompia o Cabralismo, marca do Coburgo real-consorte, os ossos do poeta fôssem importados «e aqui esperaram quatorze annos, (1856) que lhe abrissem uma cova no cemiterio do Alto de S. João anteposta a um insignificantissimo anonymato». (Camillo, *Curso de Litt.*, p. 209).

§ III

O Negativismo encyclopedista e a explosão temporal da Revolução

A convulsão contínua, em que desde o seculo XII, se organisa a sociedade moderna, chegou ao seu termo, no fim do seculo XVIII, pela explosão temporal da Revolução franceza. E' logico esse percurso determinando-lhe as causas. A organi-

sação da sociedade moderna foi iniciada pelos jurisconsultos do fim da Edade Média, que fundaram a *egualdade civil*, a lei egual para todos, ou como lhe chamaram os gregos a *isonomia*. Atacando a prepotencia dos barões feudaes, ou a organisação senhorial, que se impunha pela influencia arbitraria, procuraram estabelecer a lei explicita que formulando as garantias locaes ou fazendo renovar as leis romanas, como nórma prescripta a que se subordinavam as vontades. Assim fortificavam a vida das populações trabalhadoras dos campos e dos burgos, e formaram o poder real tomando do imperialismo romano as prerogativas soberanas. Acordava a consciencia da individualidade, proclamada nos cantos vulgares. *Nous somes hommes come ils sont*, que suscitava estes movimentos revolucionarios das communas, que deram em terra com a desegualdade feudal. Era o grande facto da obra que fundava a ordem na estabilidade do direito; o terceiro estado ou a existencia juridica do proletariado tornou-se a condição para o desenvolvimento de um poder central, a quem convinha reconhecer e manter o natural principio da *Egualdade civil*.

Esse poder era a Realeza, definindo-se, tornando-se independente, como elemento ponderador entre o poder catholico-feudal e o povo, ou a totalidade da nação. Estabelecida a hereditariedade dynastica e o patronato da corôa, independente do feudalismo e egreja, a Monarchia impoz-se como *absoluta*. O trabalho dos Jurisconsultos coadjuvara esta dictadura monarchica pela renascença erudita do Direito romano, copiando os direitos reaes, e pela tradição historica da *Monarchia universal*, utopia morbida, que predominou no seculo XVI.

Preoccupados exclusivamente com a noção juridica da *Egualdade civil*, os jurisconsultos abandonaram o outro elemento organico do individualismo humano, a *Liberdade politica*, ou autonomia, na justa expressão do genio grego, que teve a noção nitida d'este elemento imprescindivel de todo o progresso, realisado na Civilisação hellenica. D'este abandono resultou que as Republicas da Edade Media e as Communas foram cahindo pela absorpção do poder monarchico, e por ultimo, a mesma *Egualdade civil* ficou exposta aos caprichos da graça régia e do arbitrio irresponsavel. O Protestantismo, acordando a liberdade de consciencia, induziu o espirito critico para a discussão dos poderes politicos, e essa expansão doutrinaria ou theorica avançava para uma explosão temporal. O que se não fez pela força da tradição e evolução historica, completou-se pela especulação philosophica e pelas aspirações sentimentaes que inspiraram os litteratos. E' por isso que o problema da *Liberdade politica* pertence ao seculo XVIII, ao seculo dos Encyclopedistas, que satisfazem a necessidade do saber geral, a *clarté de tout*, esse poder do genio individual. Esse espirito brilha nos litteratos como Voltaire e Rousseau, e nos philosophos, como Montesquieu, Diderot, Condorcet e Turgot, vindo as revoltas communaes a encontrar o seu complemento decisivo no grande phenomeno, accidentalmente local, da Revolução franceza.

Em Portugal tinha-se vindo da vida local, pelos *Foraes* e *Behetrias*; para a lei civil geral das Ordenações de D. Duarte e de D. Affonso V, no seculo XV; trabalharam n'esse movimento da reorganisação social moderna os grandes jurisconsultos codificadores João Mendes, Ruy Fernan-

des, Ruy Bôto e João Façanha. Mas a dictadura monarchica manuelina atacou todos os elementos da liberdade politica, e só no meado do seculo XVII é que Valasco de Gouvea, affirma o principio da *Soberania nacional*, base de toda a liberdade politica, para justificar a Revolução de 1640, que restabeleceu a autonomia de Portugal. A dynastia dos Braganças mentiu ao seu mandato, attribuindo a sua soberania á *graça de Deus*, e portanto irresponsavel no seu absolutismo. O nosso seculo XVIII não teve philosophos, e os litteratos eram imitadores banaes de canones rhetoricos provindos de epocas de decadencia classica, estavam submettidos a trez censuras, inquisitorial, episcopal e real, bajulando todos os poderes que os aliciavam ou abafavam com a rasão de estado. Os raros espiritos, que no meio do horror official do *Philosophismo*, conheceram as doutrinas dos Encyclopedistas e dos Physiocratas, calaram-se com o terror da repressão policial, ou emigraram de Portugal, ainda antes do mandarinismo da Intendencia do terrivel Pina Manique, que fechava os portos á entrada dos livros francezes, mandando-os apprehender nas lojas dos livreiros Borel, Roland e Semiod, mandando queimar na praça publica pela mão do carrasco os livros heterodoxos em politica e religião, ou devassando mesmo as livrarias particulares, como a de Fr. Joaquim de Santa Clara. Bocage era prezo por se lhe encontrarem *papeis sediciosos*, meras poesias philosophicas, e os livros que vinham do estrangeiro para o Duque de Lafões, eram examinados na Alfandega, e o fundador da Academia das Sciencias de Lisboa, denunciado como sectario do *philosophismo*, apesar de ser tio da rainha D. Maria I. O sentimento ou manifestação de *liberdade poli-*

tica era duramente abafado como *Ideia franceza* e *Philosophismo*. Desde a Renascença, em que fomos a par com a civilisação europeia até ao primeiro quartel do seculo XIX, Portugal resvalou em uma deploravel decadencia, pela apathia mental, mantida por todos os modos de sophismação da *liberdade politica*. O proprio Marquez de Pombal, que deve a sua iniciativa ministerial ás ideias economicas, era um *regalista* tão exaltado que castigava com o carcere a arbitrio quem ousasse exercer o natural direito de representação. Este terror das ideias não era privativo da sociedade portugueza; mesmo em França, o trabalho de reorganisação mental fizera-se secretamente. A influencia que a liberdade de pensamento exerceu sobre os phenomenos politicos, em todos os paizes, no seculo XVIII, começou a exercer-se em uma associação de alguns livre-pensadores, denominada *Club de l'entre sol*, que assim descreve o Marquez d'Argenson, em suas *Memorias*: «Era uma especie de club á ingleza, formada de individuos que gostando de discursar sobre os acontecimentos, podiam reunir-se e communicar sua opinião, sem terror de se comprometterem, pois se conheciam bem uns aos outros, e sabiam bem com quem e diante de quem fallavam. Esta sociedade chamava-se o *Entresol*, (sobre-loja) logar onde se reunia, que era a sobre-loja em que habitava o abbade Allary. Alli se achavam sempre gazetas de França e de Hollanda, e mesmo jornaes inglezes.» Nas suas *Memorias* dá d'Argenson noticia historica d'esta associação iniciadora da primeira eschola dos Economistas francezes e dos proprios Encyclopedistas; muitos dos seus membros eram altos funccionarios da politica e do clero; basta porém citar o

nome d'esse extraordinario evangelisador do Projecto da *Paz universal*, o Abbade de San Pedro, para que illuminasse a norma da elaboração mental que se estava fazendo nos espiritos que precederam Montesqúieu e Rousseau. Era a incubação da sociedade europeia inclinada para o problema da *liberdade politica*, mesmo sem o contacto com esta nova corrente da critica, da philosophia e da litteratura; em Portugal manifestam-se caracteres altamente salientes, como Jacob de Castro Sarmento indicando o *Novum Organum Scientissime* de Bacon a D. João v, revelando-lhe uma das fontes do espirito moderno, para o faustoso rei orientar as suas reformas litterarias, ou no Dr. Ribeiro Sanches, um dos iniciadores da Anthropologia, dando elementos scientificos a Buffon, e communicando ao Marquez de Pombal as bases para as reformas scientificas da pedagogia portugueza, e pelas suas descobertas celebradas por Vic d'Azir, um dos fundadores da physiologia moderna. Em Portugal tel-o-hiam queimado. Mais tarde, quando as ideias philosophicas se accentuavam, começou uma reacção tremenda, primeiro pelo esperançoso principe Dom José, o amigo de José II e do Duque de Lafões, morto mysteriosamente depois de ter revelado a lord Beckford as suas opiniões *pombalistas* e as ideias philosophicas; José Anastacio da Cunha arrastado da sua cathedra de mathematica para a Inquisição, ou tambem Felix de Avelar Brotero, Filinto Elysio, José Corrêa da Serra, secretario geral da Academia das Sciencias, procurando refugio expatriando-se.

Apesar da sua grande e poderosa iniciativa, Pombal não pôde actuar sobre o desenvolvimento da Litteratura, porque expungiu o sentimento da

liberdade politica pelo seu exagerado regalismo, com que mascararia a atroz dictadura ministerial. O que inspirou os genios superiores da litteratura do seculo XVIII, e os fez em relação á independencia da sociedade os verdadeiros cooperadores dos Philosophos e continuadores dos Jurisconsultos da Edade Média, só penetrou em Portugal com o regresso do Duque de Lafões, fundando a Academia das Sciencias, a qual chegou a commemorar com veneração a morte de D'Alembert, o auctor da synthese-prologo da Encyclopedia. A Academia era observada com hostilidade pelas classes conservadoras, que a consideravam como propagadora das *ideias francezas* em Portugal, e despedida da sala do palacio das Necessidades, onde celebrava as suas sessões, não tendo então subsidio official, nem a chancella de *real.* Em Portugal reflectiram-se todos os abalos da reacção contra a grande Crise; depois da perseguição de Corrêa da Serra e do falecimento do Duque de Lafões, a Academia perdeu a consciencia e a coragem da sua missão synthetica.

A falta de comprehensão da continuidade historica assim como fez que a Edade Media renegasse a dependencia da Civilisação heleno-romana, levou a Renascença a por seu turno renegar e despresar a Edade Media, como barbara e indigna de estudo; egual contrasenso actuou na mente dos philosophos do seculo XVIII, que no seu negativismo revolucionario, despresaram as duas grandes epocas da historia moderna, Edade Media e Renascença, ficando desorientados sem o criterio da continuidade. Renegando conjunctamente as duas bases da Civilisação moderna, regressavam á Natureza, entidade que nem mesmo comprehendiam. Procurando entrar em uma phase

de organisação remontavam em tudo á simplicidade da Natureza. O *Contracto social* de Rousseau é absurdo em collocar os homens das cavernas a codificar os progressos gradativos de cinco mil annos. No seu *Emilio*, Rousseau funda um systema de educação natural, ante este negativismo doutrinario: «A litteratura e o saber do nosso tempo, tendem muito mais para destruir do que para construir.» Os phenomenos sociaes mais importantes são subordinados a essa entidade, que os complica, pela phantasia litteraria e metaphysica, como Religião *natural*, Direito *natural*, Rasão ou logica *natural*, e até as Sciencias cosmologicas e biologicas se denominam ainda *Sciencias naturaes*. N'este fervor de contemplação subjectiva, a Natureza deu os themas poeticos da litteratura do seculo XVIII, que se desentranhou em poemas didacticos, sem gosto nem vida, genero parasitario do pseudo-classicismo francez de Delille, Castel, Chenedolé, Esnenard, Lebrun, Luce de Lancival, Campenon; os imitados ou traduzidos pela Marqueza de Alorna, Bocage, Nolasco da Cunha, José Agostinho de Macedo, Costa e Silva e Mousinho de Albuquerque.

A decomposição do regimen catholico-feudal, que dirigiu pelo racionalismo a transição affectiva da Edade Média, chegou á crise violenta da Revolução franceza. A manifestação foi local, mas pela generalidade da crise a todo o Occidente, é que os Reis, como José II, e ministros como Pombal, Aranda e Choiseul cooperaram pondo em acção as ideias; por este impulso, a crise revolucionaria encontrou ecco em todas as nacionalidades da Europa. A Revolução franceza, ficou assim chamada pelo logar da explosão; mas é organicamente de toda a Europa, que ainda está

tirando as suas consequencias. Em Portugal, Pina Manique, um magistrado auctoritario por officio, fez da Intendencia geral da Policia, instrumento para por todas as violencias obstar á propagação das noticias da Revolução que se passava em França, e denunciava a presença de um convencional Brussonet, refugiado na Academia das Sciencias por permissão do Duque de Lafões. Perdia a cabeça ao ouvir cantar em botequins as Canções francezas, chegando um grupo de populares a cantarem o *Çà ira*, debaixo das janellas do paço real. Espionava com furor a propaganda dos livreiros francezes, que espalhavam exemplares da Constituição da Republica. O theatro, que servira sempre para entreter o espirito burguez, affastando-o do interesse das questões publicas, agora era o vehiculo das ideias revolucionarias. Entrava-se em um mundo novo.

Academia das Sciencias de Lisboa. — Na grande reforma pedagogica da instrucção superior de 1772, comprehendeu-se a insufficiencia do ensino universitario, fechado no quadro docente das Faculdades, quando as descobertas modernas traziam novas conclusões, que revolucionavam as doutrinas estabelecidas; no reconhecimento do espirito dogmatico e conservador das Universidades, os diligentes reformadores planearam uma Congregação trimestral das Faculdades scientificas para a ratificação dos factos novamente adquiridos, conjugados com os elementos doutrinarios dominantes. Não se realisou esse pensamento, pela terminação da acção ministerial do Marquez de Pombal. Essa funcção critica pertencia especialmente ás Academias, fundadas em França e Inglaterra no seculo XVIII; a Congregação das

Faculdades scientificas não podia ter essas iniciativas criticas e renovadoras. Essas Academias obedeciam na sua fundação a um novo espirito scientifico, claramente revelado por Bacon quando mostrou que era necessario dar aos materiaes scientificos a luz synthetica. Assim mostrou como os phenomenos sociaes de linguas, litteraturas, Artes, Religiões, Instituições sociaes, politicas, economicas e industriaes, eram elementos de ordem moral tão importantes como os phenomenos cosmologicos, e portanto, sciencias especiaes que só se comprehenderiam no conjunto pela generalisação. Esta moderna ideia suggere a Vico a concepção da *Sciencia Nova*, que era a coordenação do variado saber dos eruditos, tendo em vista o seu destino e condição philosophica. Por esta alliança dos conhecimentos encyclopedicos com a Philosophia, é que a velha erudição humanistica de Curiosidades ou Amenidades banaes, do meado do seculo XVII por deante a Erudição se transformou em Philologia. As Academias foram este organismo de generalisação e de synthese. Uma Academia sem o espirito dirigente de um bom Secretario perpetuo, cáe na estreiteza das memorias especiaes das monographias, confina-se no pedantismo livresco, incapaz de acção social. N'esta actividade especialisada ou synthetica se concentra toda a historia das Academias. No fim do seculo XVIII, na agitação de novas ideias e de generosos ideaes, Portugal só podia participar da marcha da civilisação pelo impulso de uma Academia. Isto illumina o apparecimento da *Academia das Sciencias de Lisboa* em fins de 1779. O philosopho Fichte comprehendeu em 1812 o poder de um tal recurso intellectual, quando expoz á Allemanha devastada e impotente pela in-

coherencia dos espiritos, a necessidade de uma fundação que vivificasse os elementos espirituaes d'aquelle seu marasmo ante a orgia militar napoleonica. Fichte renovava a ideia de Leibnitz, que um despota retardou até á fundação da Academia de Berlim, por Frederico II. Um caracter nacional é o elemento primario d'estas instituições, na sua urgencia immediata; mas como o mais elevado factor pedagogico, a Academia moderna, tinha de ser o quadro da systematisação dos Conhecimentos scientificos. Essa realisação tornou-se facil e necessaria depois da introducção de D'Alembert na *Encyclopedia*. O seu alto espirito soube conciliar as Classificações subjectivas das sciencias com a classificação historica, que foi levada á perfeição por Comte, que evidenciou o estado de *positividade* a que chegara cada sciencia na evolução das sociedades antigas, como a Mathematica, a Astronomia e a Physica, e na civilisação moderna o seu complemento theorico, na Chimica, sciencias de organisação (Biologia) e moraes e politicas (Sociologia). Como este segundo grupo de sciencias se desenvolveu, a começar do seculo XVII, é justamente n'esse seculo que se estabelece o novo typo das Academias fundadas em Inglaterra e França, propagando-se por os outros povos cultos.

A reforma pombalina da Universidade de Coimbra de 1772 reconheceu a necessidade d'esta orientação academica, incompativel com o ensino universitario essencialmente dogmatico em lições concretas destinadas a um fim exclusivo, a habilitação; para vencer este obice, projectou-se a Congregação geral das trez Sciencias naturaes. Foi inexequivel o intento, porque de 1772 a 1779 não se redigiu essa Parte IV dos Estatutos. Fora

da Universidade é que poderia ser realisado o pensamento de uma Academia moderna, que dirigisse a regeneração nacional, e portanto com uma orientação synthetica. E' interessantissima esta origem da *Academia das Sciencias de Lisboa*, sendo o seu brilho alcançado quando os seus dirigentes tiveram a comprehensão do criterio synthetico. Os primeiros esforços partiram dos dois lentes da Universidade, Vandelli e Visconde de Barbacena, que actuaram sobre o espirito de Corrêa da Serra, que obteve a influencia absoluta e decisiva no meio official e palatino do Duque de Lafões.

A Universidade estava entregue ao governo do boçal Principal Mendonça, ao serviço da reacção anti-pombalina. Era impossivel formar a Congregação geral das Sciencias. De Lisboa, escrevia o Visconde de Barbacena ao Dr. Domingos Vandelli ácerca dos Doutores Philosophos (naturalistas): « A nossa *Sociedade* poderia ser bem supprida pela *Congregação geral das Sciencias*, que se intenta fazer em Coimbra; mas receio que este estabelecimento se não execute tão cedo. » Para norma da nova Academia, Vandelli remetteu-lhe os Estatutos da *Sociedade scientifica de Londres;* Barbacena escrevia-lhe: «A nossa *Sociedade* não me esquece, e já cuido em convidar os primeiros socios, porém, a sua abertura não se fará sem V. S.ª vir, e para esse tempo espero que tudo esteja prompto. Queira V. S.ª ir fazendo lembrança das cousas mais necessarias, em que a *Sociedade* deverá primeiro occupar-se e dos assumptos dos primeiros premios». Estas cartas eram de 1778 e em carta de 27 de Maio, escrevia: « todo o principal trabalho me parece estar prompto, porém confesso a V. S.ª que com tudo isto sinto dentro

em mim uma tal frieza, causada não sei se pelo estado das cousas, se pelas poucas luzes da Nação, sobre as materias que fazem o nosso objecto, que me não tenho com animo a pôr-lhe a ultima mão ». Barbacena soffria o collapso da grande crise intellectual que se passava na dissolução do regimen catholico feudal. Esta frieza resultava das contrariedades que surgiam contra a Academia: em Ponte do Lima inaugurou-se em 8 de Maio de 1779 uma *Sociedade economica dos Amigos do Bem publico*, com sua séde no palacio do Visconde de Villa Nova de Cerveira, omnipotente ministro. O vaidoso fidalgo, para dar a preponderancia á associação da sua terra, embaraçava com os seus conservantismos a creação da *Academia das Sciencias de Lisboa*. Em uma carta do P.e Theodoro de Almeida para um dos fundadores da Sociedade economica de Ponte de Lima, allude a estas difficuldades, que tanto alquebravam o Visconde de Barbacena. Escrevia o P.e Theodoro de Almeida para Ponte do Lima: « se com effeito levamos ávante uma grande empreza em que andamos de formar na Côrte uma *Academia Real das Sciencias*, como bom seria que nos Estatutos mutuamente nos ligassemos, para nos ajudarmos mutuamente. Ha grandes difficuldades, como sempre em tudo que é bom; comtudo, temos esperanças que se desvanecerão. — Tenho demorado a resposta, imaginando que podesse n'ella dar essa alegre noticia da fundação da *Academia ;* porém ainda não pode ser. Ainda que esse segredo ainda se quer guardar até vêr o que sáe, para uns socios tão merecedores não o deve haver. Lástima má, que tão bons principios caiam por terra;...» Este segredo era o recurso achado para vencer o cabeçudismo do Visconde

de Villa Verde que embaraçava as primazias gloriosas de Ponte do Lima, e o esperado regresso do Duque de Lafões a Lisboa, realisado em Janeiro de 1779, tendo vindo José Corrêa da Serra, de Serpa á capital para saudar o seu grande e generoso amigo. Estava-se em um momento critico, em que o exito dependia das mais cautelosas reservas.

Importa consignar aqui alguns traços biographicos d'este vulto superior. José Corrêa da Serra nasceu em 6 de Junho de 1750 em Serpa (Alemtejo) sendo seu pae o Dr. Luiz Dias Corrêa, medico pela Universidade de Coimbra, e D. Francisca Luiza da Serra. Como seu pae sahiu para Roma em 1758, com sua familia, o filho seguiu ahi os estudos, revelando logo uma grande precocidade. Os seus interesses mentaes foram o conhecimento da Botanica e das linguas franceza, ingleza, allemã, grega e latina, a portugueza e italiana, que lhe eram nativas. Ao tempo d'estes seus estudos, o Duque de Lafões visitou Roma e conviveu com o Dr. Luiz Corrêa, tendo occasião de conhecer de perto a criança intelligente e docil, o que o levou a pedir ao pae para leval-o em sua companhia na excursão que ia fazer pela Italia e Allemanha. Foi incomparavel o effeito d'estas excursões, recebendo as maneiras distinctas do Duque e o alargamento da sua intellectualidade, pelo horisonte que se lhe abria. Duraram um anno estas viagens, voltando a terminar os seus estudos, graduando-se em canones e seguindo a clericatura, como o bom typo do Abbade do seculo XVIII. Assim se estabeleceram as circumstancias para a creação da Academia.

Para o acto solemne da acclamação de D. Maria I, D. Francisco de Lemos, reitor-reformador

da Universidade de Coimbra, veiu officialmente a Lisboa, e durante os mezes em que se demorou na côrte, percebendo a corrente de reacção que se estava formando contra a reforma universitaria, escreveu uma longa *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra* desde 1772 (da nova fundação) a setembro de 1778. N'este quadro valiosissimo para a nossa historia pedagogica em Portugal, mostra que as trez Faculdades de *Mathematica*, de *Philosophia natural* (Astronomia, Physica e Chimica) e *Medicina*, careciam que se estabelecesse uma quarta Faculdade com o titulo de *Congregação Geral das Sciencias*, para o adiantamento, progresso e perfeição das Sciencias naturaes, cuja organisação viria a formar a Parte IV dos Estatutos da Universidade. Este trabalho não chegou a ser realisado, por complicados successos; mas ficou manifesto o intuito dos reformadores, que bem reconheceram que o ensino das Universidades carecia de ser ampliado nas novas *Academias.* D. Francisco de Lemos frisa o problema fundamental da natureza improgressiva das Universidades: «que todas estas sciencias se aperfeiçoam cada vez mais e se enriquecem com descobrimentos novos, que logo devem encorporar-se nos respectivos cursos das lições publicas, — tem mostrado *a experiencia que as Universidades nem tem infelizmente promovido estes conhecimentos, nem tem recebido com a promptidão necessaria os descobrimentos que de novo se tem feito em todas estas Sciencias*, porque sendo destinadas ao Ensino publico, se julgam limitadas a um curso de lições positivas e só trabalham *e se occupam em conservar e defender as que uma vez começaram a ensinar*, com grande prejuizo do Bem publico e do

adiantamento das Letras». (*Relaç. ger.*, p. 61). Isto foi confirmado por um facto capital, quando em 1872 a Universidade de Coimbra celebrou o Centenario da fundamental reforma pombalina, as Commemorações das Faculdades nos seus relatorios affirmaram com orgulho que a obra do grande ministro se mantivera intacta.

Dom Francisco de Lemos, não vendo realisavel em 1777 a Congregação geral das Sciencias das trez Faculdades, lembra o grande influxo das *Academias* em Inglaterra, França e até na Russia, alludindo ao que «se tem praticado e pratica nas *Academias mais conhecidas da Europa*, melhorando os conhecimentos adquiridos e adquirindo outros de novo, os quaes logo se fizessem passar aos cursos respectivos...» A experiencia das outras nações da Europa não nos deixa duvidar já do successo. A quem deve a Inglaterra a sua opulencia e o florescente estado das suas Artes da Paz e da Guerra senão á *Sociedade real de Londres* e á *Academia real das Sciencias?* A quem devem os mais Estados o melhoramento e vantagens, que todos os dias vão recebendo em todos os objectos do seu Governo, senão ás muitas *Sociedades* e *Academias* que n'ellas se tem instituido á semelhança das de Paris e Londres? Quasi em nossos dias, ainda estava ao Norte da Európa um vasto paiz submergido nos horrores da barbaridade, a Russia. Quiz Pedro-o-Grande introduzir as instituições politicas, civis e militares, que pessoa alguma tinha observado nas regiões do Meio Dia. Que medidas tomou? Levantou-se a *Academia de Petersburg* e tudo foi feito.» (*Ib.*, p. 63).

O austero reitor-reformador, que salvou a Universidade da reacção boçal do novo reinado, che-

gara a este perfeito julgamento pelos esforços que empregavam os dois lentes de Mathematica e Astronomia, Visconde de Barbacena e Vandelli, para realisarem a instituição de uma *Academia de Sciencias*. Importa conhecer este facto sobre que assentou a influencia de Corrêa da Serra actuando no animo do Duque de Lafões, que dispunha do maximo valimento palatino. Em 1771 o Dr. Luiz Corrêa regressou a Lisboa, por negocios de familia, e achando influencias favoraveis para o filho, que se ordenara de presbytero em 1773, chamou-o a Portugal, por 1776; a viagem foi demorada por falta de navio, e só pôde chegar a Mertola em 29 de Novembro de 1777. Cessara o poder do Marquez de Pombal e seu pae fallecera. Demorou-se em Beja junto do erudito Bispo da diocese D. Fr. Manoel do Cenaculo, que mantinha um certo fervor litterario, a que se acolhera *Filinto*. Depois de rainha D. Maria I, o Duque de Lafões pôde regressar a Lisboa e readquirir a antiga sympathia da princeza, de que Pombal o afastara. Em 3 de Janeiro de 1779 chegava a Lisboa o Duque de Lafões, e os iniciadores da *Academia* viram n'elle o unico e poderoso influxo para se realisar esse pensamento. Corrêa da Serra, pela intimidade com o Duque, é que podia convencel-o a conceder a sua excepcional influencia; chamaram Corrêa da Serra a Lisboa, obtendo da clara intelligencia do Duque a acquiescencia, e em Agosto de 1779 realisava-se no palacio de Queluz a primeira reunião preparatoria. Era este exito o trabalho que estava *em segredo*, de que fala o P.^e Theodoro de Almeida a um consocio da *Sociedade economica* de Ponte de Lima.

Durante vinte e dois annos estivera D. João Carlos de Bragança afastado de Portugal, vivendo

sumptuosamente nas côrtes de Vienna, de Londres, Paris e Roma, vendo tambem o Oriente, convivendo com os grandes artistas como Gluck, e gosando a confiança do imperador philosopho José II. Distinguira-se como verdadeiro cavalleiro na Guerra dos Sete Annos, merecendo a Frederico II a referencia de que os seus granadeiros confessaram que nunca tiveram na sua frente homem mais intrepido e mais generoso. O Duque de Lafões, vendo de perto o atrazo do paiz e a boçalidade dos seus governos, tornou-se mais do que um protector da *Academia das Sciencias*, foi o seu Presidente, defendendo a nova instituição dos assaltos do Intendente Pina Manique, que em tudo via o perigo do Philosophismo. Os Estatutos foram approvados por Aviso de 24 de Dezembro de 1779, celebrando-se a sessão inicial particular na Sala da Junta dos Tres Estados, no paço das Necessidades em 16 de Janeiro de 1780. Era dividida em tres classes: *Sciencias naturaes*, *Sciencias exactas* e *Sciencias moraes*, segundo o espirito de D'Alembert. O Visconde de Barbacena, secretario geral, escrevia a Vandelli, ausente na Universidade: «Tenho o gosto de dizer a V. S.ª que tudo o que pretendiamos para a *Academia* está conseguido. A Rainha approvou o novo Projecto por um Aviso do Secretario de Estado — e nos dá casas no Palacio das Necessidades, com o que estamos contentes». O Patriarcha de Lisboa recusou-se a acceitar o titulo de socio honorario, o que revela d'onde provinham as hostilidades contra a *Academia das Sciencias*. A' excepção de Pascoal José de Mello, de Antonio Ribeiro dos Santos e José Monteiro da Rocha, os lentes da Universidade tambem mostravam malevolencia contra a *Academia*.

A sessão solemne foi celebrada em 5 de Julho de 1780, no Paço das Necessidades, depois da recepção pela Rainha, e sendo encerrada pelo Duque de Lafões. Desde que D. Maria I deixou o governo, em 1792, immediatamente a *Academia* foi expulsa do Paço das Necessidades, estabelecendo-se no palacio do Beco do Carrasco até 1797. N'este deploravel meio social a *Academia* para exercer uma influencia progressiva, tinha de elevar-se acima dos trabalhos especiaes, traçando planos de uma actividade synthetica. Isso comprehendeu bem José Corrêa da Serra, que ficou secretario effectivo desde que o Visconde de Barbacena foi como Governador para a Provincia de Minas. A nação carecia da Historia litteraria de Portugal, do Diccionario da Lingua portugueza, de um Corpo de Auctores classicos: Historiadores, Viajantes, Poetas, em edições accessiveis ao publico. Com esse espirito apontava a necessidade da formação de uma *Historia civil de Portugal;* a obra juridica de Pascoal José de Mello, systematisando a Legislação portugueza, começava fundando as bases da historia da Lusitania. Os trabalhos dos dois decennios da *Academia* são ainda hoje o melhor e mais glorioso documento da sua acção nacional. Em 1797, Corrêa da Serra viu-se perseguido. O Duque de Lafões teve de soffrer derrotas dos invasores castelhanos, porque a indigna Carlota Joaquina obrigava o marido, o Principe Regente (D. João VI) a dar contraordem e a retirada no momento dos triumphos. Fechada nas especialidades, a *Academia* que consagrara o falecimento de d'Alembert, prestava homenagem a Junot, e tornava-se o baluarte da reacção do Infante D. Miguel. Em 1781 tornou-se a submetter as Memorias á censura; conseguiu a sua in-

dependencia, realisando a liberdade intellectual e scientifica.

Thomaz Antonio Gonzaga e a *Marilia de Dirceo.* — No ultimo quartel do seculo XVIII, manifesta-se um enthuziasmo pelas cançonetas denominadas *Modinhas*, do gosto *brasileiro*, pela expressão musical languida e commovente, e pela poesia vehemente e terna. A alma portugueza, na sua amorosa emotividade, recebeu n'esse clima da America meridional uma sobreexcitação, que se reflectiu no seu lyrismo. A *modinha*, correspondeu a um estado physiologico geral, popular e litterario ou artistico. Veiu-nos da colonia americana para a metropole actuar sobre o apagado lyrismo arcadico, e recebeu na côrte a sua consagração que a fez actuar nos costumes. Lord Beckford na sua carta de 1787, descreve a fascinação que lhe causaram as *Modinhas*, cantadas pelas açafatas ou meninas fidalgas, que acompanhavam a Rainha: «divisamos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da rainha, — duas jovens mui elegantes, as quaes acompanhadas do seu mestre de canto, um frade baixo e atarracado e de oculos verdes, garganteavam *Modinhas brasileiras*. Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos *(robatu)* como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica, de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de ter tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia: imaginaes saborear leite e o veneno da sensualidade vae calando no

mais intimo da existencia, pelo menos assim succede áquellas que sentem o poder dos sons harmoniosos... Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no delicioso delirio que aquellas notas de sereia inspiravam, e não foi sem magoa que eu vi a companhia dispersa e o encanto desfeito.» O grave e ponderado erudito Dr. Antonio Ribeiro dos Santos insurge-se com colera contra as *Modinhas*, e tendo assistido na grade do convento de Chellas em reunião dada por D. Leonor de Almeida (*Alcipe*) escrevia ao apaixonado bispo de Malaca D. Fr. Alexandre da Silva: «Tive finalmente de assistir á assembleia de *Alcipe*, para que tantas vezes tinha sido convidado: que desatinos não vi. Mas não direi tudo quanto vi; direi sómente que cantavam mancebos e donzellas cantigas de amor tão descompostas, que córei de pejo... Hoje — só se ouvem cantigas amorosas de suspiros, de requebros, de namoros refinados, de garridices. Esta praga é hoje geral, depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus romances e de versejar para as mulheres. Eu não conheço um poeta mais prejudicial... a tafularia de amar a *meiguice do Brasil* e em geral a molleza americana, que faz o caracter das suas trovas, que respiram os ares voluptuosos de Paphos e de Cythera, e encantam com venenosos philtros a phantasia dos moços e o coração das damas. Eu admiro a facilidade da sua veia, a riqueza das suas invenções.» Em uma variante a este texto, accentua mais: «em seus cantares sómente respiram as imprudencias e liberdades do amor, os *tonilhos extenuados da molleza americana*». E contrapõe ao Caldas Barbosa o satirico Nicoláo Tolentino: «os seus versos são o retrato do que se passa no mundo e

são uma viva censura dos costumes corrompidos do nosso seculo.» (Ms. 100, fl. 156. Bibl. nac.). O quadro dos costumes dominados pela seducção das *Modinhas brasileiras* é assim traçado artisticamente por Tolentino:

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce *lundum chorado.*

Já d'entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brasileiras.

Aquelle padre baixo e atarracado, de oculos, de que falla Beckford, parece ter sido retratado por Tolentino, como um typo caracteristico:

L'Abbé que encurta as batinas
Por mostrar bordadas meias,
E presidindo em matinas,
Vae depois ás assembleias
Cantar *Modas* com as meninas.
. . . .
Cantada a *vulgar Modinha*
Que é a dominante agora...
(*Ob.*, p. 140).

N'este fervor do gosto, em que a musica dominava a letra das canções, appareceu em 1792 em Lisboa um pequeno folheto em 8.º pequeno, de 118 paginas, impresso na Typographia Nunesiana, com o titulo *Marilia de Dirceo*, por T. A. G. Contém apenas a Parte I. N'este mesmo anno, (sem data) é publicada a *Marilia de Dirceo*, por T. A. G., pela Officina Bulhões. Traz já esta

nova edição a Parte II. A tiragem foi de dois mil exemplares, que se venderam em seis mezes. Eram bellas Modinhas, a inspirada letra poetica, sem musica que as realçasse. Vê-se por estas duas edições do mesmo anno, que a *Marilia de Dirceo* suscitou a attenção publica. Que poeta designavam aquellas iniciaes T. A. G.? Simplesmente um grande desgraçado, que viera condemnado do Rio de Janeiro a dez annos em Moçambique, e esperava na Torre do Bugio, que partisse para Africa uma náo que o levasse. Esse desgraçado poeta era o Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, que estava despachado Desembargador da Relação da Bahia, depois de ter exercido o cargo de Ouvidor junto do governador de Villa Rica, por ser homem de letras e de toda a confiança, como se lê no decreto da sua nomeação. Tinha ainda vivo seu pae o Desembargador Aggravista, e uma irmã, á qual communicava os seus versos, remettidos com as suas cartas familiares de Villa-Rica, onde exercera o seu alto cargo de 1784 a 1789. Mas, qual foi o seu crime, para tamanha derrocada? Uma *pavorosa* ou Conjuração inventada, de que nada se provou ao fim de trez annos de devassa, e de ferrenhos interrogatorios. Uma atrocidade da Rasão de Estado mais violenta do que a intolerancia e rigorismo do Dogma catholico, duas forças desvairadas, uma pelo terror panico, a outra pela exaltação fanatica. A *Marilia de Dirceo* é a collecção dos versos em que Gonzaga declarava o seu amor a uma menina, com quem tinha justo o seu casamento, antes de ir tomar posse na Relação da Bahia. A biographia de Gonzaga é a explicação da terrivel calamidade que lhe desmoronou a existencia, atirando-o para a morte afrontosa, com a insensibilidade

moral e profissional da justiça, e com a severidade implacavel das formulas tabellionicas. As Canções da *Marilia de Dirceo* com esta luz tornam-se um goso eterno pela verdade do sentimento. A sua biographia, embora assente sobre datas seguras, tem-se escripto erradamente pela incomprehensão dos factos lendarios considerados historicos, e com a ausencia completa do criterio psychologico.

Thomaz Antonio Gonzaga, filho do desembargador João Bernardo Gonzaga, e de D. Thomazia Isabel Clark, o pae de origem brasileira e a mãe de origem ingleza, nasceu no Porto, em Miragaia, em 11 de Agosto de 1744. Na freguezia de S. Pedro de Miragaia foi baptizado, guardando-se ahi o livro do registo parochial, que passou para o archivo ecclesiastico. Quando em 1850 se tirou uma copia d'esse registo, declarou o paroco ou cartorario, que se não podia indicar o dia certo do nascimento por se achar illegivel. Felizmente o dia 11 de Agosto está hoje determinado pelas investigações do açoriano Canto Moniz. [1]

---

[1] O critico brasileiro José Verissimo, na biographia de Gonzaga, que acompanha a sua edição da *Marilia* de 1912, omittiu a data 11 de Agosto, e diz a pag. 30: «Ignoro o que auctorisou a assentar o dia 11 de Agosto de 1744 como o do seu nascimento. Não conheço documentos que justifiquem esta exactidão». No jornal *A Folha*, n.º 141, 3.º anno, que se publica em Ponta Delgada, (Ilha de S. Miguel) deu o sr. Canto Moniz noticia d'esse achado, em 1905. O escrivão da Camara ecclesiastica do Porto, Julio Albino Ferreira, mandou-lhe uma copia exacta da attestação, ahi encontrada. No numero 145 da *Folha*, narra o investigador os trabalhos que empregara para essa descoberta. José Sampaio (Bruno) tambem em um artigo biographico publicado na *Voz Publica*, do

Nas *Instrucções* dadas ao Visconde de Barbacena, quando em 1788 veiu governar a Capitania de Minas, insiste-se n'este caracter da população: « Entre todos os povos de que se compõem as differentes Capitanias do Brasil, nenhuns talvez custaram tanto a sujeitar e reduzir á obediencia e submissão — como foram os de Minas Geraes ». No seu estudo biographico de Gonzaga, notou José Verissimo esta circumstancia que trazia sempre em alarme os Governadores da Capitania, e até certo ponto na attenção aos coroneis de tropas milicianas, que era um outro factor, porque traziam contractos com o estado: « D'aquelles habitantes, grande parte eram grosseiros colonos reinoes, avidos emboabas, rudes caipiras, restos dos descendentes dos Bandeirantes, que tinham vindo de Taubaté — havia para menos de um seculo ». (*Op. cit.*, p. 19). Ainda estava fresca a memoria de dois levantamentos seus no primeiro quartel do seculo XVIII. Era uma camada social, que devia as 700 arrobas de ouro dos *quintos*, que pagavam da lavra das minas. Ao Intendente do Ouro competia o tratar d'esta Cobrança, e Gonzaga, como Ouvidor só podia dar a sua opinião e mais nada. Os varios Coroneis de regimentos milicianos abusavam d'este espantalho revoltoso, impondo-se aos Governadores. No meio d'esta anarchia intima, que tudo dissolvia, Gonzaga organisou em 1786 uma *Relação dos Contractos que se acham por pagar, pertencentes a esta Capitania de Minas Geraes*, cuja im-

Porto, n.º 745, anno XIII, de 20 de Agosto do mesmo anno, tambem descreve a descoberta, e pôl-a em circulação. Eis pois a authenticidade; não admira que o critico brasileiro desconheça estas notas avulsas de tão longe.

portancia em 22 de Setembro de 1786, montava a 2.460:787$813 réis. Todo esse elemento miliciano e proprietario, explorador das arrematações dos trabalhos de estradas custeadas em mais de trezentos contos annuaes, trataram de se colligarem com o Governador Luiz da Cunha Menezes, gritando: Comam todos! e mostraram, pela marcha dos acontecimentos da fundação da Republica em 1787 na America ingleza, que o pedido dos *quintos* envolvia a ideia de atear a Revolução na America brazileira. O procedimento desaforado da clientella de Luiz da Cunha Menezes suscitava a exhibição de typos caricaturescos, e espontaneamente começaram a correr umas Satiras anonymas, manuscriptas, em nome do *Crilillo*, pseudonymo arcadico, com o titulo de *Cartas Chilenas*. São Epistolas juvenalescas em verso solto endecasyllabo, com um vago sentimento democratico, e dando nomes em alcunhas.

No decreto da nomeação de Gonzaga alludese á necessidade de um ministro de lettras e de toda a confiança para aquelle logar, que occupou, com a entrada do novo Governador em fins de 1783, Luiz da Cunha Menezes. A administração do seu antecessor fôra froixa, no meio d'aquelle conflicto de ambições, diminuindo sensivelmente o rendimento do *quinto* de ouro, e desconheciamse os devedores ao estado, e as obrigações de seus contractos. Com a entrada de Luiz da Cunha Menezes as cousas peoraram, porque elle era faccioso, com favoritos que o lisongeavam, e pelos seus vicios pessoaes, o poder arbitrario tornara-se impudente, provocando as satiras pessoaes. Gonzaga conhecia intimamente a vida brasileira, e adaptava-se bem a esse meio tão caracteristico de Villa Rica. Foi tambem ahi encontrar homens

cultos, contemporaneos da Universidade de Coimbra, que conheciam as bellas lettras e se davam á poesia. Claudio Manoel da Costa, que fôra segundo secretario do governador antecedente, advogava em Villa Rica; e Ignacio Alvarenga Peixoto, proprietario, alli vinha constantemente, sendo coronel de um regimento miliciano. Era em casa de Gonzaga, que se reuniam para se distrahirem nos seus ocios litterarios, conversando sobre os acontecimentos da Europa. E' em 1784, que Gonzaga assume tambem a funcção de Provedor dos defuntos, ausentes, capellas e orfãos. Novo, com talento e um claro espirito de justiça, tudo lhe augurava prosperidades. Perdera sua mãe em 1778, e esse affecto fazia-lhe sentir a necessidade moral de instituir o seu lar domestico, tendo no fim do triennio de ir tomar posse do logar de Desembargador na Bahia, em 1788.

Como, n'este meio em que Gonzaga conhecia perfeitamente as pessoas e classes com quem tratava, se enleiaram os fios da mais inesperada e estupenda tragedia, que lhe demoliu toda a sua elevada carreira social, com o ferrete de penas infamantes e a morte pela angustia, mas isto tudo sem haver um facto praticado, sem testemunha authentica, que fundamentasse a monstruosa e execranda sentença! Diante d'este quadro, é que os factos apparentemente banaes se conjugam, para esclarecer a trama das intrigas locaes, manobrando a inintelligencia dos Governadores e dos Vice-Reis fidalgos. A povoação de Villa Rica, de quinze mil habitantes, formada em grande parte dos antigos bandeirantes paulistas, que vieram á procura de ouro e aqui estabeleceram o seu arraial sedentario; a classe dos adventicios era extremamente irrequieta, e dava

sempre cuidado ao governo da metropole. Nas Leituras de Bachareis, no Desembargo do Paço, concorreu Gonzaga aos logares da magistratura judicial. Em 1777 tinha-se acabado o poder do Marquez de Pombal com o falecimento do rei D. José, e sendo Gonzaga um *Pombalista*, como o revela a dedicatoria do seu *Tratado de Direito Natural*, reconheceu que tinha contra si todo o fervor da reacção, capitaneada pelo Principal Mendonça. Saudou o sol nascente, em uma Ode, que nos revela que cultivara a versificação durante a vida academica, onde por ventura já usara o nome arcádico de *Dirceo*, como Diniz usara ahi o nome de *Elpino*. Nos Manuscriptos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (n.º 340) encontra-se uma sua composição inedita, *Congratulação do Povo portuguez na feliz Acclamação da muito alta e muito poderosa Senhora D. Maria 1.ª, Nossa S.ª*, pelo Dr. Thomaz Antonio Gonzaga. Pela primeira vez se consigna este facto, porque leva a inferir da authenticidade da parte terceira da *Marilia de Dirceo*. Foi esta Rainha que assignou a truculenta sentença da clamorosa desgraça do Poeta na inconsciencia do seu poder soberano. Gonzaga, como Doutor-Oppositor para encetar carreira, entrou no quadro da magistratura judicial como Juiz de Fora de Beja, ou de primeira instancia. Terminado o seu quadriennio, foi nomeado Ouvidor junto do Governador da Provincia de Minas Geraes, cuja séde era em Villa Rica. Em 1782, em 12 de Dezembro, competia-lhe tambem a provedoria dos bens dos defuntos, ausentes, orfãos e capellas, competindo-lhe ao fim do seu quadriennio o despacho de Desembargador para a Relação da Bahia. Parecerá isto uma cousa de

favor, mas conhecendo-se as terriveis difficuldades da Administração de Minas Geraes, em que os Governadores consentiam ou exploravam todas as traficancias, vê-se que Thomaz Antonio Gonzaga foi atirado a esse barathro, onde pelo seu caracter affavel, sincero e natural ingenuidade, ia destinado a terriveis catastrophes n'esse meio anarchico, e tão perturbado pelas differentes camadas sociaes dos colonos, dos conflictos de interesses dos exploradores de ouro e dos erros de administrações imbecis e corruptas.

A infancia e primeira mocidade de Gonzaga passou-se em Miragaia, isolada do Porto velho, á margem do Douro e em contacto com campos cultivados; pela situação official de seu pae viveu n'essa classe media activa e honesta, com uma educação e trato de sociabilidade primorosa. O desembargador, terminada a sua commissão da Ouvidoria, foi despachado Desembargador para a Bahia, a antiga capital do Brasil, onde ainda se conservam os velhos costumes portuguezes; tinha então quinze annos Gonzaga, em 1759; e nos seus versos allude a esta quadra da juventude passada na Bahia, onde se identificou mais com os costumes brasileiros. Ahi cursou os estudos preparatorios para seguir o curso de Leis. Terminado o tiennio de seu pae, veiu com a familia para a Europa em 1762, instalando-se em Coimbra, frequentando as disciplinas de Direito civil. Não se limitava á habilitação de simples magistrado judicial; interessavam-o as questões geraes da Jurisprudencia, estudando as formas dos poderes do estado. Estava então o Conde de Oeiras no fervor do seu favoritismo, que se fundava no engrandecimento do Poder real. Era a doutrina dominante, e Thomaz Antonio Gonzaga deu-se ao

trabalho de escrever um *Tratado de Direito natural*, em que sustentara as doutrinas do *Regalismo*, que dedicou ao omnipotente ministro. N'essa obra, que se conserva entre os Manuscriptos Pombalinos na Bibliotheca nacional, assigna-se como *Oppositor ás Cadeiras na Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra*. Vê-se que terminado o curso em que se matriculara em 1 de Outubro de 1763, achava-se habilitado para concorrer aos logares do magisterio. Chamava-se *Opposição* á inscripção dos Doutores na serie dos concorrentes, que pelos precedentes de antiguidade do gráo assim iam occupando as vagaturas na Faculdade. A este direito para o despacho de lente, chamava-se *longa opposição*. Gonzaga matriculou-se no Livro dos Oppositores na Faculdade Juridica da nova Reforma da Universidade, isto é, em 1772, como consta de um attestado do Dr. Paschoal José de Mello, de 20 de Setembro de 1778. Vê-se por estas datas, que se operara uma transformação no plano da vida do poeta. Desistindo da serena carreira do magisterio, vemol-o defrontando-se com os varios personagens ahi retratados pelas suas anecdotas pessoaes e traficancias conhecidas. Quem seria o auctor das *Cartas Chilenas*, que chegaram a onze, e não sendo obra artistica, tem comtudo o alto merecimento de retratar ao vivo o meio moral em que se inventou a denuncia de uma *Conjuração de Villa Rica*, com o fim exclusivo de envolver o poeta Claudio Manoel da Costa, Ignacio de Alvarenga Peixoto, e principalmente o Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, em cuja casa esses poetas, em uma pequena *Arcadia de Minas*, se desenfastiavam lendo versos, emendando-os e recordando-se dos bons tempos de Coimbra? Em uma terra sem interesses

mentaes e longe do convivio da civilisação que tratava agora do problema social, as *Cartas Chilenas* provocaram resentimentos e a intenção de armar qualquer intriga odiosa contra os considerados poetas. Gonzaga estava então em um estado de espirito de uma serenidade e harmonia moral, apaixonado por uma menina, orfã de pae e mãe, tutellada por seu tio João Carlos da Silva Ferrão, segundo ajudante do General Governador. Como em 1785 entrara Gonzaga no exercicio do logar de Provedor dos Orfãos, teve occasião de vêr de perto D. Maria Dorothea Joaquina Brandão Seixas. Foi por occasião das espectaculosas Festas, que se fizeram em Villa Rica ordenadas por carta regia de 19 de Abril de 1785, para regosijo publico pelo casamento da Infanta de Portugal D. Marianna com o infante de Hespanha D. Gabriel (que tão desditosos foram) e do Infante de Portugal João com a infanta castelhana Carlota Joaquina, que tanto infelicitara Portugal com as suas intrigas reaccionarias e clericaes. Esses casamentos foram celebrados em Maio de 1785. Na Carta v, de *Critillo*, foram descriptas estas festanças estrondosas, que deram logar a despezas de verdadeira pilhagem official: 4000 cruzados na illuminação, consumindo-se 11 arrobas de cera, em 6000 luminarias e foguetorio. Gonzaga teve de assistir officialmente á recepção do palacio do Governador, e n'este jubilo em uma cidade morta, em que as familias viviam confinadas em pequenas casas, detraz das adufas e gelosias. Da casa de Gonzaga, construida sobre um môrro da antiga exploração mineira, via-se a casa do tenente coronel Silva Ferrão, onde habitava sua sobrinha e pupilla. Foi n'estes dois annos, de 1785 até 1787, em que já estava ajustado o seu

casamento, que *Dirceo* escreveu as Cançonetas que mandava á gentil *Marilia*, de pelle branca e de fino cabello preto, tornando-se mais sympatico para ella o namorado, cujo cabello e barba era louro, provinha da origem ingleza de sua mãe D. Thomazia, filha do inglez João Clarck. Os versos de Gonzaga eram a correspondencia mutua dos seus amores, cujo realismo deu alma e eterna belleza ás *lyras*, moldadas no velho typo da *Modinha* bahiana, com que fôra embalado desde 1759 a 1762, na velha capital brazileira. O poeta trazia o seu coração cheio, e a poesia era a sua confidente. Durante este tempo, mandava a sua irmã para Lisboa copia d'estas Lyras, que eram como que as noticias que lhe dava do seu amor e do destino risonho da propria vida. Estas cousas passavam-se no meio da tranquillidade provinciana, em que nenhum symptoma de perturbação se manifestava na população; Luiz da Cunha Menezes ia deixar o seu governo em condições normaes, findo o triennio. Mas, um facto mysterioso se estava passando sem que alguem pensasse em explical-o. Estavam-se construindo no Rio de Janeiro numerosos carceres nas Fortalezas da Ilha das Cobras, em Villegaignon e Conceição, nos palacios da Relação e do Vice-Rei; o implacavel Conde de Resende de combinação com o novo Governador de Minas, Visconde de Barbacena, que trazia ordens draconianas nas Instrucções que recebera em Lisboa. Uma d'essas ordens secretas era a extincção dos regimentos milicianos, se fosse necessario, caso tentassem insurgir a provincia feita a exigencia do pagamento de 700 arrobas de ouro em divida ao Fisco. E essa previsão era suggerida pelo que se estava passando na America ingleza, e para atalhar de

uma forma absoluta esse incendio de autonomia colonial. No seu enlevo de amor, *ledo e cego*, Gonzaga tratava de obter a auctorisação regia para o seu casamento, mandara alugar e mobilar casa na Bahia, onde ia occupar o seu logar de Desembargador, e com o seu talento artistico bordava a fio de ouro o vestido de seda branca para a sua noiva. Antes de vêr-se a mutação ou *tramoia*, da assombrosa desgraça do poeta, convem conhecer o scenario, o aspecto de Villa Rica, o essencial para melhor avaliar esses transes. Muitos dos nomes cryptonimos que figuram nas *Cartas Chilenas*, hoje laboriosamente personalisadas, apparecem nos depoimentos da devassa ácerca da sonhada Conjuração de Villa Rica.

Uma breve mas exacta descripção de Villa Rica, o antigo arraial de Ouro Preto, tornada a séde da Capitania de Minas Geraes é indispensavel conhecer para reconstruir o drama amoroso da *Marilia de Dirceo*. Servimo-nos dos traços corographicos de José Verissimo no prologo á edição de 1912: «Situada irregularissimamente nos môrros e cabeços adjacentes ao pequeno e torrentoso rio de Ouro Preto, tinha a Villa um aspecto tão pittoresco como extravagante. Erguia-se entre gargantas e grótas e grotões ou sobre serras de penedos, uns cobertos de escassa vegetação, em que já sobresáem os frigidos pinheiros, outros inteiramente nús, muitos d'elles cavados ou com a rocha arrebentada pelos garimpeiros na ávida rebusca do ouro. Suas mesquinhas casas baixas, ou apenas de um escasso andar, com as janellas tapadas por gelosias ou empanadas, erguiam-se sobre um solo negro ou escuro da pedra minerea que o constituia, abundante em ferro.—Quasi sempre enevoada a ci-

dade, com um aspecto sombrio e melancholico. Aquelle milheiro de casas espalhadas pelas anfractuosidades no sopé, nas faldas e até nos cimos e cabeços dos môrros, penduradas das suas encostas, escorregando-lhe pelas ingremes ladeiras do chão negro, mas isoladas entre verduras, outras amontoadas, enfileirando-se em ruas e viellas, todas mais ou menos eguaes, na sua mediocridade e feitio; apenas conteriam no maximo uns quinze mil habitantes. A maior parte d'ellas, muito grosseiras barracas ou casebres de sapupo, palha ou sapé, tinham quintaes compridos e descurados. Cercavam-as páos a pique... Nenhum edificio notavel, mais que a casa dos Governadores, um grande e grosso quadrilatero alongado, massa de edificações incoherentes, pezadissimas e feias,... a da cadeia em frente do palacio, um pobre quartel...» (Ed. *March.*, p. 17 a 21).

As *Cartas Chilenas*, satiras juvenalescas, que atacam todo o governo da Capitania de Minas Geraes, sob a gerencia de Luiz da Cunha Menezes, desde 10 de Outubro de 1783 a 11 de Julho de 1788, pintam com traços realistas essa galeria de figuras intrigantes, alicantineiros e devassos que lisongeavam o Capitão general e exploravam a sua vaidade despotica e desvairamento administrativo. Só poderia escrever esse extraordinario documento litterario e historico, um homem de talento, que de perto fôsse notando toda essa tragicomedia que envolvia o desmoronamento economico da colonia mineira. As *Cartas Chilenas* corriam anonymas, mas a incerteza do seu auctor fazia que se attribuissem ora a Claudio Manoel da Costa, que era um bom poeta, ora a Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que mantinha a tradição arcádica. Thomaz Antonio Gon-

zaga, tambem empregava a poesia para expressão das suas emoções amorosas, que parecia afastal-o do ironismo e exprobações da Satira politica. Não se fallava no nome de *Dirceo*, mas é certo que se desenvolveu contra Thomaz Antonio Gonzaga uma malevolencia surda, que se converteu em *denuncias*, que chegaram até ao Governo da metropole, e muitas das testemunhas que apparecem depondo contra elle, são figuras accentuadas das *Cartas Chilenas*, como o *Salterio,* o infamissimo Coronel Joaquim *Silverio* dos Reis, que entregou ao novo Governador Visconde de Barbacena, uma denuncia de uma imaginaria Conjuração, apontando nomes e tornando Gonzaga o principal caudilho! E' contra Gonzaga que dirigem as imputações vagas de outros militares de Villa Rica, e nas *Instrucções* que traz da metropole o Visconde de Barbacena, já vem visado o *Ouvidor* Thomaz Antonio Gonzaga. Conhecido o viver intimo do poeta da *Marilia,* em que concentrava toda a sua vida affectiva, e nada constando contra elle durante a Devassa no Inquerito aberto durante trez annos, e considerando a enormidade da iniqua sentença da Alçada, que o condemnou e o privou da amnistia de attenuações do poder real, defronta-se o espirito critico: Porque tão profunda malevolencia? Seria Gonzaga o auctor d'esse honroso e sympathico peccado das *Cartas Chilenas?* Uma allusão fortuita em certos versos, levam a inferir que *Dirceo* molhara o calamo na tinta de Juvenal.

Alberto Faria no seu estudo *Cartas Chilenas — seus principaes Cryptonimos*, inclina-se para este ponto de vista: «Ao concluir apresentaremos por ultimo o da Epist. III, fl. 19-22.

O nosso bom *Dirceo* talvez que esteja
Com os pés envolvidos no capacho
Mettido no capote, a lêr gostoso
O seu Virgilio, o seu Camões e Tasso

«Por associação dos dois, em que se menciona egualmente uma peça commum á guarda-roupa de *Critillo* e á de *Dirceo*, infere-se que o conviva de Claudio Manoel da Costa era o seu incomparavel amigo Thomaz Antonio Gonzaga, emprazado para o destroço gastronomico de um quarto de mamota (vitella) humedecido — com bom vinho das Canarias», Agape, que alguem julgou incompativel com a indigencia de *Glauceste*.

« Até a *vecchia zimarra* do grande lyrico invocada nos autos processionaes da Inconfidencia sacudida agora do pó de mais de um seculo, concorre para nol-o denunciar como o glorioso atagantador do *Fanfarrão Minezio et reliqua*.

«Imitando os cães do Nilo, que bebem de corrida, os nossos antecessores não repararam n'esses elementos algo significativos para os avezados a analyses meudas, nem sempre despresiveis». (*Revista de Sciencias, Lettras e Artes,* de Campinas, 1912, p. 31).

No attestado do desembargador Monteiro Barbosa, Intendente do Ouro (fundição da Comarca de Villa Rica), refere-se a uma situação de Gonzaga, em que se acha envolvido no *capote :* « tenho lembrança de que um dia jantando em casa de Claudio Manoel da Costa, em companhia de Thomaz Antonio Gonzaga e outros, se levantava da meza com uma dôr de colica, que lhe costumava dar; por isso se foi deitar na varanda das mesmas casas, em uma esteira junto á escada que vae para o quintal, sem me lembrar se estava de capote ou — sem elle, — e apertando mais a dôr o

conduzi logo para sua casa.» (Cit. *Rev.*, de 1913).

No processo judicial, esta minucia era indicada para justificação de Gonzaga, como alheio ás conversas que se passavam *inter pocula* em casa de Claudio Manoel da Costa; no estudo litterario tem a summa importancia para provar que o poeta satirico das *Cartas Chilenas*, foi Gonzaga, escriptas no periodo do Governador de Minas, Luiz da Cunha Menezes, e consequentemente, que esse *Tole, crucifige eum*, das denuncias e falsos testemunhos contra o poeta como réo de alta traição ou Inconfidencia, preparando-lhe a morte; foi uma represalia que de longe se vinha tramando, envolvendo os seus mais intimos amigos e os que lhe frequentavam a casa.

Um dos cryptonimos, *Marquezio*, socio do *Fanfarrão Minezio*, reconhece-se ser o capitão de cavallaria auxiliar José Pereira Marques, que figurava na tratantada da arrematação das estradas, que era um dos escandalos do Governador Luiz da Cunha Menezes, que o protegia n'estes arranjos. O procurador da Fazenda Monteiro Barbosa, e o Ouvidor Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, oppozeram-se ao voto do Governador, que queria se lhe entregasse o ramo, pelo lanço: «Pugnava o Governador por José Pereira Marques (*Marquezio*) em razão do seu maior lanço; oppunham-se os ministros (Procurador da Fazenda e Ouvidor) asseverando que elle não tinha fundos, nem credito, nem fianças tão idoneas». O Governador não se levava com razões, e resolveu pelo seu arbitrio, como se lê nas *Instrucções:* «e nesta determinação continuando as contestações — determinou o Governador-presidente, de sua propria e particular auctoridade, que o contracto se desse a seu afilhado José Pereira

Marques, de que resultaram os protestos e mais procedimentos que constam ». O que é de tremer é vêr n'estas *Instrucções* os dois altos magistrados equiparados nas suas reclamações a favor da Fazenda ao *Fanfarrão Minezio* e como exploradores da afilhadagem « porque não querem perder os seus emolumentos e propinas ». Vê-se que o infamador, tendo alludido aos escandalos patentes do *Fanfarrão Minezio* e do *Marquezio*, malsinava traiçoeiramente os dois honrados magistrados, que cumpriam o seu dever. D'aqui a prevenção malevola com que o Visconde de Barbacena, entrara no governo de Minas, esperando cair com o pezo da sua auctoridade sobre o ingenuo Doutor Thomaz Antonio Gonzaga, e a vileza com que o nobre fidalgo empregou logo a espionagem, aliciando um amigo de Claudio Manoel da Costa. As *Instrucções* recommendavam-lhe: « Esta é emfim a forma e methodo com que se administra a Fazenda real na Junta d'aquella Capitania. Não são os interesses da mesma Fazenda os que alli se promovem; são os particulares em que sómente se cuida ».

O Visconde de Barbacena, mathematico academico, e extranho a assumptos sociaes e de administração publica, estava assim habilitado para acreditar nas *denuncias* politicas contra Gonzaga, que fôra visado nas *Instrucções* que trouxe da metropole. Em 29 de Janeiro de 1788 vae ser o contraregra da horrenda tragedia.

Chegara ao Rio de Janeiro o novo Vice-Rei Conde de Resende, homem estupido e auctoritario, que comprehendia o poder como prepotencia; com o Visconde de Barbacena, Capitão general da provincia de Minas, mathematico entregue a observações, desconhecendo os homens e fa-

cilmente suggerido pelos intrigantes militares empreiteiros de Villa Rica, era inevitavel uma grande catastrophe de perversão e deshonra da Justiça. Trazia o Visconde de Barbacena a indicação da cobrança das 700 arrobas de ouro dos *Quintos*, em divida. Gonzaga como Ouvidor era uma auctoridade consultiva, porque o funccionario respectivo era o Intendente do Ouro, Desembargador Monteiro Barbosa, e por isso deu-lhe a sua opinião da inopportunidade e perigo de tentar essa cobrança no momento em que os povos da America do Norte se tinham revoltado do poder da metropole e constituido uma Republica. Como Jurisconsulto e Oppositor na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, competia-lhe fallar assim. E quando se tratava de lançar uma *Derrama*, cotisação especial de certos milhões, pedidos aos proprietarios da provincia, tambem observou o perigo de que isso seria o melhor impulso para um levante ou sublevação d'essa irrequieta população mineira. Pois levaram estas opiniões ao mathematico Visconde de Barbacena, mostrando-lhe por *a* mais *b*, que Gonzaga preparava uma Revolução na provincia de Minas.

No artigo 50 das *Instrucções* que trazia o novo Governador, vinha a de dissolver os Regimentos territoriaes pagos pelo povo e annullar as patentes dos seus coroneis milicianos, de que tanto abusara o antecessor Luiz da Cunha Menezes. A noticia espalhou-se entre essa classe, rosnando alguns farroncas de resistencia. Foi um d'esses o coronel Joaquim Silverio dos Reis, alcunhado pela sua boçalidade e traficancia o *Salterio*, que gosou a protecção do ex-governador na arrematação do contracto das estradas, e tendo incorrido no despeito d'esse Capitão general, attri-

buiu esse desvalimento a Gonzaga, e é natural que soubesse como nas *Cartas Chilenas* estava representado o ignobil *Salterio*. E' certo que elle tendo fallado desabridamente contra a reforma militar, para se salvar da queixa de que fôra ameaçado, escreveu uma carta ao Visconde de Barbacena *denunciando-lhe* uma Conjuração em Minas, planeada em Villa Rica, apontando nomes de todos os amigos de Gonzaga, sendo elle o que tudo organisava. Fez esta denuncia em carta datada de 13 de Março de 1789, sendo-lhe passado attestado da miseranda vilania em 20 de Novembro de 1791. O Visconde de Barbacena enguliu a suja pilula do execrando Yago, recebendo outra denuncia especial contra Gonzaga, feita pelo tenente coronel Basilio de Brito, em 15 de Abril; este facto levou o Visconde de Barbacena a lançal-o como espião á cola de Claudio Manoel da Costa de quem se dizia amigo, para por essa circumstancia apanhar algumas palavras que compromettessem o desgraçado suicida. Gonzaga conhecia bem quem era este delator, mas ignorava em absoluto a primazia do *Salterio*, um mez antes. Como se trabalhava na tréva, já de accordo com o Vice-Rei Conde de Resende, para se utilisarem as masmorras feitas no Rio de Janeiro para o esperado levante pela cobrança dos *Quintos?* Já prezo Gonzaga em 12 de Maio de 1789, interrogado ácerca da Conjuração e dos motivos porque estava prezo, respondeu: «que para estar prezo bastava ter sido denunciado, o que lhe consta por assim ter ouvido dizer na vespera da sua prizão — que sua denuncia fôra dada por Basilio de Brito, homem de muito má conducta e seu inimigo, pelo prender em virtude de uma precatoria de Tejuco, conluiado com o sargento-

mór José de Vasconcellos Parada (o *Padela* das *Cartas Chilenas?)* seu maior inimigo — chegando o excesso da sua paixão a dizer publicamente na parada, que havia de perseguir-me até ás portas da morte.» (Interrogatorio de 18 de Novembro, em 1789, na masmorra da Ilha das Cobras). Era gente d'esta laia que o Visconde de Barbacena ouvia, encommendava denuncias e era manobrado! D'essas palavras revoltosas do *Salterio* ao referir o boato de que seriam annulladas as patentes aos coroneis dos regimentos territoriaes, foram ouvidas pelo tenente coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, tio e tutor da formosa *Marilia,* e ajudante do Capitão General; sabia por tanto a *denuncia* que deu causa á prizão de Gonzaga, e acobertadamente cooperando para embaraçar o casamento da sobrinha rica, á qual tinha de entregar a riqueza que administrava. Nada d'isto via o exacto espirito mathematico do ex-lente da Universidade de Coimbra.

Todos os actos e situações da vida de Gonzaga, eram na transmissão oral interpretados no intuito e plano de uma conjuração politica; referiam-se phrases soltas ouvidas á tôa, mas com o unico fundamento banal — diz-se. Predominavam n'esses depoimentos os militares, como quem descarregava sobre o preclaro magistrado as suspeitas em que se envolviam figuras da intima confiança do *Salterio.* Assim o Tenente-coronel de cavallaria de Minas, Domingos de Abreu Vieira, repetiu as atoardas que ouvira: «que o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga entrara — n'aquella Confederação (o levante na Capitania) prestando o seu conselho; e que todos se juntavam algumas noites para esse fim. — Que em casa do desembargador Gonzaga se formavam as

Leys para o novo governo da nova Republica ». Por aqui se vê como as reuniões litterarias dos velhos amigos dos tempos da Universidade de Coimbra, e cultores descuidados da poesia arcádica, no suave convivio sodalicio, se convertiam em tenebrosas conjuras. E como Gonzaga era Doutor de Capello e Oppositor, conhecia além das Ordenações do Reino, as obras juridicas de Grocio e Puffendorf, d'isso tiravam a base para o criminarem de planear a constituição da sonhada Republica. Pelo primeiro interrogatorio feito a Gonzaga, declarou elle que havia dois annos que contractara o seu casamento, em 1787, que não foi logo realisado, porque dependia da licença regia, que esperava pela vinda do novo Vice-Rei Conde de Resende. Como ao terminar o seu triennio em Villa Rica, a licença para o consorcio não chegasse, pediu em requerimento ao Visconde de Barbacena, que lh'a supprisse pela sua autoridade, para poder partir para a Bahia com ua esposa. A demora por parte do Visconde foi iterpretada nas denuncias miseraveis como uma abilidade de Gonzaga, para estar em Villa Rica té ao levante da provincia de Minas. Foi exclu- vamente com estes elementos tolos, em denun- ias de falsidades militares como o coronel *Salterio* Silverio dos Reis) que o Visconde de Barbacena andou o seu Relatorio participando ao novo ice-Rei, o bronco e malvado Conde de Resende, ara que desse as suas ordens terminantes. Se um) Rio de Janeiro dizia — mata! o outro berrava: forca! E das enxovias de Villa Rica, fronteiras) palacio do Governador Visconde de Barbaena, foram arrancados, algemados e esfrangaados, a pé por sertões e povoações perdidas, ses homens exautorados das suas posições so-

ciaes durante trinta e cinco dias, como um rancho de piratas, até serem baldeados nas masmorras, de longe preparadas para a eventualidade de levante do elemento civil por causa da derrâma, ou do elemento militar, pela suppressão dos Regimentos territoriaes e annullação das patentes dos seus coroneis. Estes viraram o bico ao prego, denunciando os homens cultos, que eram a honra e a gloria da Capitania. O Visconde de Barbacena, seguindo as doutrinas do direito cesareo, mandou immediatamente fazer sequestro em todos os bens dos denunciados, e apprehensão immediata dos seus papeis e do que tivessem em casa. Era a forma do processo inquisitorial adoptado pela rasão de estado. D'este sequestro viu-se com toda a evidencia que Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto não possuiam dinheiro além dos meros recursos domesticos; e nos seus papeis, colhidos em saccos cosidos e lacrados, não appareceu um unico documento suspeito, proclamação ou plano, além dos seus versos de que eram dignos auctores. E para coroar a obra, os desgraçados prezos por Inconfidencia, isto é, apostasia da vassalagem á monarchia, jazeram tres annos nos carceres da Ilha das Cobras, emquanto se manteve aberta a devassa para receber as denuncias publicas, para sobre isso se fazer o processo judicial de accusação. E para vergonha da magistratura, nada appareceu de positivo pondo de parte o pobre louco Tiradentes, (excitado *ad hoc*) que fundamentasse as sentenças tão escuras e monstruosas, tendo o proprio poder real, de motu-proprio, de ordenar que fôssem atenuadas as odiosas sentenças.

Para se vêr como se mente á historia, tran-

screvemos a noticia em que se torna official a imaginaria Conjuração de Minas, conforme a refere o desembargador Ferraz Gramosa, nos *Successos de Portugal:*

«No anno de 1789, sendo governador o Capitão General Luiz Antonio Furtado de Mendonça, sexto Visconde de Barbacena, foi-lhe *denunciada* uma Conjuração contra o Estado, intentada por varias pessoas d'aquelle continente, constituidas nos maiores postos militares e nos logares dos Governos civil e ecclesiastico, tendo ajustado entre si subtrahirem-se ao Dominio de S. M. e formarem no mesmo continente uma Republica independente e sendo governada por elles mesmos.

«Fez o Governador suas pesquizas sobre o caso, e vindo na certeza dos auctores d'ella, os fez prender e formar processos de culpa. Immediatamente fez presente a S. M. este successo, informando-a de todas as particularidades até áquelle tempo sabidas; resultou a mesma Senhora enviar áquelle continente o Desembargador Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, Conselheiro da Real Fazenda.» (*Op. cit.*, II, 64). Tudo isto phrases abstractas. Nomeada a aterradora Alçada para obter factos, nada se apurou. O mesmo se repetira em 1817 com o processo de Gomes Freire. Beresford, tambem sentindo essa falta, exclamava: — Tenho juizes! A Alçada do Rio de Janeiro procurou dar corpo á formula abstracta de Barbacena; e para cobrir o degradante fiasco revestiu as sentenças de uma atrocissima barbaridade. Como possivel enganar tanta gente? O governo da metropole, que se viu forçado a ordenar attenuantes e commutações, e mesmo os historiadores? Por uma circumstancia unica, porque o processo foi secreto, e os seus autos fica-

ram archivados e por isso illegiveis, desconhecidos em absoluto. O sexto Visconde de Barbacena foi officialmente glorificado, sendo elevado a Conde do mesmo titulo, e ainda viveu tranquillo na sua inconsciencia moral mais quarenta annos; em 1831, Silverio recebeu a Ordem de Christo e tença.

No julgamento dos incriminados, o Chanceler seguiu á risca a Carta regia de 18 de Julho de 1790, dando em resultado a condemnação de onze réos á morte na forca, e os restantes a degredo perpetuo em Africa. Prevendo a implacavel interpretação que dariam a essa carta regia, em nome da rainha foi enviada para o Rio de Janeiro uma outra Carta regia datada de Queluz, a 25 de Outubro de 1790, apontando as circumstancias em que ordenava que as penas fôssem commutadas. E' por isso que Gonzaga tendo sido condemnado a degredo perpetuo para Angoche de Angola, lhe foi commutada em degredo por dez annos em Moçambique. E receando a rainha que não chegasse a tempo essa carta, mandou-se aprontar uma fragata, que saíu immediatamente para o Rio de Janeiro, com ordens peremptorias: «Foi felicidade dos mesmos réos chegar a fragata ao Rio de Janeiro ao tempo em que tinham sido sentenciados em pena ordinaria *onze réos do mesmo delicto, os quaes estavam no Oratorio dispostos a soffrer a pena ultima* em que foram julgados, em cumprimento da mesma carta de 15 de Outubro de 1790, foi relaxada a pena de morte em degredo perpetuo para presidios da costa de Africa, com pena de morte se voltarem aos dominios da America».

Deu-se n'esta commutação da parte dos juizes um acto tão atroz como a execução da pena ultima; onze réos saíram do Oratorio para o

campo da forca, e alli se lhes leu a nova conclusão aberta nos Autos pela Carta regia relaxando a pena de morte em degredo perpetuo. As feras mais sedentas de sangue não tem d'estes requintes de malvadez moral. Tiveram de assistir á unica execução do Alferes Joaquim José da Silva *que foi enforcado e espóstejado.* Um testemunho da época allude a ter Gonzaga dado uma volta em roda da forca para assim se lhe imprimir o ferrete da infamia. Depois de alterado o Accordam (Fl. 74 dos Autos crimes) que condemnava Gonzaga pelo *meditado levante de Minas*, em degredo perpetuo para Angoche, no Accordam de fl. 114, que transfere o degredo para Moçambique por dez annos, requereu Gonzaga que se admittissem os fundamentos, pelos quaes esperava a sua absolvição completa. Admittidos por via de advogado, elle desfez completamente esses boatos da Devassa. São compungentes as palavras com que conclue: «que ainda que não estivesse, como está, nos termos de uma total absolvição, estaria assás punido com a *dilatada prizão de tres annos de rigoroso segredo*», desde 17 de Maio de 1789 até ao Accordam final de condemnação de 1792 incommunicavel. E da mudança do degredo de Angola para Moçambique, oppõe: «não tendo contra si mais que alguns leves indicios e isso mesmo destruidos, parece que a justiça da Soberana o não podia contemplar na ordem da pena de morte, que são os que só manda degradar para Moçambique e Ricos de Soman». E ainda observa: «que n'este mesmo degredo de dez annos se devem computar os annos da sua rigorosa prizão». No caso de lhe negarem a absolvição completa, pedia a mudança do degredo para Angola. Vê-se que os

juizes da Alçada serviram-se da carta regia, que mandava alterar a conclusão dos autos, para aggravarem mais a situação do seu collega atirando-o para uma região mortifera da Africa oriental. Proferidas as condemnações das victimas da imaginaria Conjuração em 13 de Abril de 1792, mandaram embarcar os degradados para Africa na náo da carreira da India, Nossa S.ª da Conceição, Princeza de Portugal, que partiu para Lisboa em 23 de Maio d'esse mesmo anno, para alli esperarem saída de navio para a Africa. Nos *Successos de Portugal*, o desembargador Ferraz Gramosa, com os nomes d'esses condemnados, com os seus cargos formando tres grupos, os militares, os civis e os ecclesiasticos, transcreveu o trecho referente aos civis: «Por effeito da sentença foram perpetuos para os Presidios das Pedras Negras, os seguintes réos: o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o Capitão Vicente Vieira de Mello, o Capitão João Dias da Motta, o tenente-coronel Francisco José Vieira e o coronel José Ayres.

«Vieram conjuntamente com estes alguns réos condemnados a pena ultima, mas que por virtude do perdão de S. M. lhe fôra relaxada na de degredo perpetuo para os prezidios de Africa. *Todos foram reclusos na Torre de S. Lourenço da Barra*, até que se passavam para os prezidios que lhes foram determinados». (*Op. cit.*, II, 67). Aqui esteve recluso Gonzaga em situação ainda mais angustiosa do que na masmorra infecta da Ilha das Cobras, esperando a occasião de ir qualquer navio do estado para a Africa Oriental, longa e temerosa viagem. Nas semanas ou mezes que jazeu na Torre de S. Lourenço da Barra, conta-se que seu pae o Desem-

bargador João Bernardo Gonzaga, octogenario, ia vêr em um bote, de longe, seu desventurado filho. Passava-se isto em meados do anno de 1792, eis que apparece um pequeno in-8.º de poesias lyricas intitulado *Marilia de Dirceo*, impresso na typographia Nunesiana, com as iniciaes T. A. G. Consta de 118 paginas contendo a Parte I, ou propriamente as Lyras que compozera entre 1785 a 1787 em que contractara o seu casamento com a gentil D. Maria Dorothea, que contava os seus dezesete annos. Norberto de Sousa, na sua edição da *Marilia de Dirceo* de 1862, desconhecia a edição Nunesiana, que chegou a ser posta em duvida. Esta publicação, em 1792, quando o poeta estava sob a pressão da auctoridade militar da Torre de S. Lourenço, na Barra, foi por certo feita com intenção piedosa. Quem em Lisboa, possuia essa Parte I da *Marilia de Dirceo*, a não ser sua irmã, á qual dera noticia do seu amor e do já tractado casamento? Ninguem suspeitaria que aquellas iniciaes T. A. G., designavam uma individualidade illustre, victima de uma Alçada de juizes obcecados. Pouco antes da chegada ao seu degredo de Moçambique, ainda em 1792 appareceu em Lisboa uma edição mais completa que a Nunesiana, feita na Officina Bulhões (*sem data*) em cadernos com uma Parte II das Lyras. Sabe-se que fôra de mil a tiragem dos exemplares. Com certeza, esse augmento de texto é anterior ao sequestro dos papeis de Gonzaga, cosidos em um saco e entregues á Alçada do Rio de Janeiro. Esse augmento contem pois composições já concebidas na masmorra da Ilha das Cobras, copias de canções avulsas que o poeta communicaria a algum amigo. Mas, o que é intimamente commovente é lembrar-nos

que essas Lyras se cantavam em Lisboa e por esse paiz fóra, emquanto o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, desembarcava em Lourenço Marques arrojado ao degredo infamante e privado de quaesquer recursos. Todos esses abalos desde 1789 até 1792, quebrantavam a organisação mais robusta, quanto mais a um temperamento affectivo e de uma delicada sensibilidade. Em um dos interrogatorios do carrancudo desembargador Coelho Torres, alludiu Gonzaga aos frequentes ataques de colicas biliosas; á chegada pois a Moçambique foi assaltado por essa febre, aggravada pelo clima africano, e succumbiria no infecto prezidio, se alma piedosa lhe não acudisse com natural compaixão de tanta miseria. O negociante portuguez Alexandre Roberto Mascarenhas, casado com uma mulata D. Antonia Maria, levou o desgraçado poeta para o seu domicilio, dando-lhe todo o conforto; tinha elle uma filha, que estava nos seus dezenove annos, D. Juliana de Sousa Mascarenhas, que se tornou dedicada enfermeira, e por seu cuidado o salvou. Alexandre Roberto era abastado de meios, mas a filha completamente inculta era analfabeta, predominando n'ella o elemento negroide, porque acabou a vida dissipadamente e na dissolução moral. Já por aqui se vê o valor de um simulado Auto de Justificação de 9 de Maio de 1793, que se fabricou para authenticar um ajuste de casamento entre o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga e D. Juliana de Sousa. Entre a chegada do poeta a Lourenço Marques em fins de 1792 e a data da Justificação de 9 de Maio de 1793, como é que o poeta mal convalescido de uma grave doença biliosa, poderia pensar em casar-se? O documento foi fabricado com o fim de produzir o

seu effeito em Villa Rica, porque D. Maria Dorothea esperaria o cumprimento da pena em 1802. A phrase que se lhe attribue revela isto tudo: Gonzaga *alienado*, é que poderia faltar ao que promettera. E era essa a realidade; Gonzaga passava pelas ruas, exposto ás fortes calmas, com a cabeça descoberta, monologando com vehemencias bruscas, a que chamavam furias. Pelo fallecimento do pae já octogenario, faltaram-lhe os soccorros, e d'ahi a ideia de tentar abrir escriptorio e advogar no tribunal; mas não lh'o permittia o seu estado mental, em que se afundava na inconsciencia e na morte obscura em 1807. Esta data precisa é estabelecida por Norberto de Sousa, que colligiu noticias da sua vida em Moçambique de individuos que de lá regressaram e lá o conheceram. A incerteza dos outros biographos em 1808, 9 ou 10, proveiu de desconhecerem a amnistia dos *sobreviventes*, em 1808, que não incluiu o seu nome. O poeta não teve conhecimento das edições da *Marilia de Dirceo*, que se fizeram em Lisboa, em constante interesse:

1799 — *Marilia de Dirceo*, por T. A. G. Primeira parte na Officina Nunesiana. — Anno de MDCCXCIX. Com licença da Meza do Desembargo do Paço. In-8.º com 118 pag., contendo só 33 Lyras.

1800 — *Marilia de Dirceo*. Terceira Parte, na Officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões. Lisboa, in-8.º pequeno de 110 pag. Comprehende poesias da época anterior aos amores de Gonzaga, que elle queimara em 1787, e que escaparam por curiosidade de amigos, ou de sua irmã. (Vem esta Parte III reproduzida no Rolandiana de 1820).

1801 — *Id.*, na Officina Nunesiana. Comprehende já a Parte III.

1802 — Na Officina Nunesiana, (designa-se 3.ª edição). In-8.º de 110 pags. — Parte II. *Ib.*, com 108 pags. (Traz as 37 Lyras).

1804 — Segunda Parte. Lisboa. — Na Typographia Lacerdina. Vende-se na Loja da Gazeta. In-16.º (Na Collecção Rodrigues).

Foram estas as edições feitas em vida de Thomaz Antonio Gonzaga, que tinha expiado a sua iniqua pena em 1802. Porque não regressou elle á metropole? Elle estava completamente alienado, desconhecendo a acclamação gloriosa da *Marilia de Dirceo*, cujas Lyras eram postas em musica pelo grande compositor Marcos Portugal. Para que servia repatriar o desgraçado se elle já não tinha familia? As edições feitas da *Marilia* em sua vida são aqui apontadas para justificar o seu dito: que no meio das suas desgraças e catastrophe pessoal, tudo supportava lembrando-se que era amado por uma mulher bella.

Bocage (*Elmano Sadino*)

Quando o Arcadismo ou a poesia pseudo-classica estava condemnada, ante o espirito da renovação romantica, esse gosto anachronico recebia um vigor sustentado por Filinto Elisio e Elmano Sadino, que actuaram unicamente na versificação. E' numerosa a corrente dos seus imitadores, os *philintistas* e os *elmanistas*, que chegaram nas suas differenças até Garrett, que ainda se assignava *Jonio Duriense,* e Castilho que se designava *Mémnide Eginense.* A versificação de Filinto tinha o vigor que dá á phrase e sentido ideologico, o conhecimento da syntaxe latina, e os effeitos das transposições que impõem o la-

conismo essencial á expressão poetica; Bocage era tambem um latinista educado sob o regimen do *orbilianium* ou da palmatoada do professor regio D. Juan de Medina, e tambem a belleza dos seus versos vem d'essa construcção, mas a cultura rhetorica perverteu-lhe a expressão natural com todo o guarda-roupa da velha e incomprehendida mythologia grega, e com as figuras de rhetorica que mais lhe facilitavam a *improvisação*, e tornassem mais brilhante a recitação, em que era surprehendente. E' por isso que Bocage impressionou a sociedade do seu tempo, que o considerou um genio extraordinario, um assombro. Mas lendo-se hoje a obra poetica de Bocage, já obliterado esse gosto tradicional do arcadismo, vê-se que este genio tem duas fulgurações, a verdadeira, sentida e incomparavel inspiração que vem da sua vida affectiva, dos seus amores, dos abalos moraes que soffreu, e essa outra retumbante e declamatoria versificação escripta, como elle confessa, *pela mão da dependencia*, imposta pela sociabilidade que o acclamava e se via arrebatado pelo raro improviso irreflectido, sobre assumptos banaes e transitorios. Quem conhecer Bocage pelos documentos officiaes, que nos dão o quadro biographico, verá esse genio sob um aspecto pouco justo, como um desvairado, em revolta com o meio social, de que é victima, sem plano de vida; só conhecendo-o nos seus *amores*, é que apparece o espirito genial, sincero, que por vezes se identifica com Camões, por um ideal que ia revigorar a alma de um povo em um novo seculo. E' este genio que á critica philosophica compete esclarecer d'entre os enigmas da sua vida, que os contemporaneos incompletamente comprehenderam. E para julgar um vulto d'esta

importancia, é preciso seguir a observação de Maudsley, que o individuo só pode conhecer-se na sua familia e parentes, ainda os mais remotos, pelo poder do atavismo. Em Bocage dá-se felizmente a circumstancia de serem conhecidas as duas linhas genealogicas, a paterna e a materna, avós, tios, primos e sobrinhos; d'esse exame, ressalta logo um facto fundamental: todos esses typos ou personalidades eram creaturas ponderadas, moralisadas, honestas e activas. Como sahir d'esta trama hereditaria um sêr impulsivo, incoherente, provocador satirico, aventureiro, acabando prematuramente victima da sua agitação? E' este o primeiro problema ou *enigma* da sua vida. No quadro da sua vida affectiva deu-se uma decepção moral, ao despontar da ingenua sentimentalidade. O seu primeiro amor foi uma catastrophe, que para um organismo vulgar o arrastaria ao suicidio ou ao crime. Fixado este facto capital, por elementos historicos que os seus contemporaneos não podiam conhecer, a vida inteira de Bocage deriva por uma fatalidade psychologica d'essa decepção.

Importa conhecer a genealogia do poeta; o seu avô paterno, Luiz Barbosa Soares, que nascera em 1686 e falecera com 86 annos, colligiu muitas noticias da familia, sendo continuado esse trabalho por seu primo. O poeta desconheceu o valor d'esta ascendencia paterna dos *Soares Barbosa*, e elle e seus cinco irmãos adoptaram o appellido materno de *Du Bocage*, de seu avô Gilles Hedois du Bocage, que chegou a Vice-Almirante, na Armada portugueza.

Quando o poeta no Idylio maritimo *A Nereida*, diz que para merecer a sua amada, vae seguir a vida do mar, como os seus Antepassa-

dos, desconhecia o que o seu bisavô paterno desempenhara nas guerras do Alemtejo contra os Castelhanos, que duraram vinte e sete annos:

> E se o que digo é pouco, e mais desejas,
> Irei, pois, outros meritos ganhando,
> Até que tu de mim contente estejas.
>
> Tentarei por fazer teu genio brando
> Nunca tentados, nunca vistos mares,
> *Os meus Antepassados imitando.*

Referia-se ao francez Gilles Hedois, que em 1701 viera servir na Armada portugueza contra os Castelhanos, e continuando ao serviço de Portugal depois da Paz de Utrecht; batendo no Rio de Janeiro o assalto do aventureiro Duguay Trouin em 1711, e ainda em 1717 combatendo contra os Turcos na expedição naval vencedora em Matapan.

E celebrando em um bello Soneto a revolução de 1640, invocando Viriato e os heroes que luctaram contra os Romanos, termina com pompa, que os restauradores — «Fizeram mais, salvaram-a n'um dia». A libertação de Portugal levou 27 annos de campanhas, e n'ellas batalhou esse bisavô João Antonio Barbosa, que tendo sentado praça em Elvas, combateu na batalha de Arronches, na tomada de Valencia de Alcantara, na Asseiceira, na retomada de Evora, nas batalhas da Asseiceira e dos Montes Claros. Do casamento d'este heroico patriota com Barbara Barbosa Soares, em Lisboa, servindo na Armada, que foi a Saboya. Assim, a imitação dos seus Antepassados, na vida nautica comprehende bem as duas linhas. Já esta referencia se liga aos seus amores, sem revelar no Idylio o nome de *Getruria*,

que apparece com o mesmo intuito em outras composições poeticas.

O Avô paterno do poeta, Luiz Barbosa Soares, adoptou como appellido *Soares*, de sua mãe, mas o pae o Dr. José Luiz Soares Barbosa, adoptou o apellido paterno, como seus irmãos Egidio Soares Barbosa e Francisco Antonio Soares Barbosa. Este avô do poeta comprou em 1710 um Officio judicial (escrivão-tabellião) que serviu por mais de trinta annos, passando-o depois a seu filho Francisco Antonio Soares Barbosa. Este facto mostra o que o levou a cursar a Universidade e graduar-se em Canones José Luiz Soares Barbosa, que seguiu a carreira da magistratura judicial, sendo despachado Juiz de Fóra para a comarca de Castanheira de Pêra, chegando a Ouvidor em Beja. Nascera em 29 de Setembro de 1726 e casara em 1758 com D. Marianna Joaquina Xavier Lestoff, filha de Gil L'Hedois, então capitão de mar e guerra, e de Clara Francisca Lestoff, filha de Leonardo Lestoff, consul de Hollanda, e proprietario em Setubal. D'este consorcio houve o Dr. José Luiz Soares Barbosa os seguintes filhos:

— D. Maria Agostinha, nascida em 1759, que casou com um rico proprietario de Olhalvo, Soutomayor, de que existem os Goes de Bocage.

— D. Anna das Mercês, nascida em 1760, que casou com o filho do Governador da Fortaleza de San Thiago do Outão, e se chamava José do Prado da Cunha e Eça. Não é indifferente tal facto, porque por este enlace, as duas familias do Governador do Outão e do Dr. José Luiz muito se intimaram, como se vê:

— Gil Francisco Xavier de Bocage, nascido em 1762, frequentou a Universidade de Coimbra,

e graduou-se em Leis. Era tambem cultor da poesia, e casou com a filha do Governador de Outão, *D. Gertrudes* Homem da Cunha e Eça. (Na noticia genealogica, que acompanha a versão de *Paulo e Virginia* por Bocage, em 1905), incluimos acerca d'este Gil, irmão do poeta: «*do qual se contam as aventuras amorosas com a filha do Governador da Fortaleza do Outão*». O que foram essas aventuras? Lidas as *Rimas* de Manoel Maria *(Elmano Sadino)*, de 1791, vê-se que a *Getruria* tão celebrada nos seus versos, com a mais ardente inspiração, e com as pungentes queixas da sua versatilidade e do poder de seducção do seu rival, a que em um verso chama *Infame*, era essa menina D. Gertrudes Homem da Cunha e Eça, que *Elmano* tanto idealisara. E' este facto inteiramente omisso nos biographos do Poeta, a que não demos o seu relevo, porque o obtivemos, quando estava quasi impresso o estudo de 1902.

—Manoel Maria Barbosa du Bocage, nasceu em 15 de Setembro de 1765. Esta differença de trez annos, actuou na preferencia de *Getruria*, vendo no bacharel em Leis melhor garantia de felicidade conjugal[1]. O poeta nascera já em Setubal, depois de seu pae se aposentar no quadro da ma-

---

[1] MANOEL filho legitimo do Dr. José Luiz Soares e de D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage, nasceu a 15 de Septembro de 1765, e foi baptisado na freguezia de S. Sebastião a 29 do dito mez e anno, como consta do Livro 8° dos Baptismos da mencionada Freguezia a fls 176, v.

"O que acima transcrevo foi por mim verificado em presença do respectivo termo No nome do pae falta o appellido *Barbosa*, omissão talvez devida a quem lavrou o termo".

M. M. PORTELLA.

gistratura, e estabelecer banca de advogado em Setubal, onde seu irmão carecia do seu saber para as questões forenses e mercantis. Apesar de não viver com largueza, recorrendo a alguns emprestimos, ainda lhe floriu a próle:

— D. Maria Eugenia, nascida em 8 de Setembro de 1768, que faleceu em tenra edade.

—D. Maria Francisco, nascida em 13 d'Abril de 1771, e acompanhou o poeta nos seus ultimos annos.

Este quadro genealogico dá-nos a desolada situação em que ficou a familia sem a providencia materna, falecendo em 1775 D. Marianna Joaquina Xavier Lestoff. As duas filhas mais velhas, emquanto não casaram, é que continuaram a acção maternal; Bocage *(Elmano)* tinha, como elle declara, *dois lustros*, (dez annos), e ellas foram suas mestras, antes de ir aos doze annos aturar o boçal professor de latim, e decorar a rhetorica. As faculdades poeticas irrompiam n'elle, como confessa: « *Versos balbuciei na voz da infancia* ». Recitava poesias de seu pae, em geral do genero satirico, e a sua prematuridade era uma consequencia atávica. Cabe aqui uma mostra da musa paterna:

«A certo prégador, que orando nas exequias de João Thomaz Farinha, chamou á eça, que estava ao centro da egreja um —*funebre armazem de saudade:*

SONETO

Meu padre Prégador, largue o capêllo,
Feche a corôa, ajouje-se aos donatos,
Tempere ou lave na cosinha os pratos,
Que em pulpitos não ha quem possa vêl-o.

Vá na horta plantar alface e grêlo,
Tome o bastão e vá pedir chibatos,
Pregue lá aos pastores insensatos,
Que entre burros é sabio inda um camello.

Nas exequias do bicho da cosinha
E de outros figurões d'esta entidade,
Pode prégar, que tem licença minha.

Ali, meu padre, espoje-se á vontade,
E se houver urna, a João Thomaz Farinha
Empurre-lhe o *armazem da saudade.*

Dr. José Luiz Soares Barbosa.» [1]

Além de seu pae, tambem um tio avô materno Ficquet du Bocage, inspector fiscal em Rouen, escrevia e imprimia versos, e era casado com a auctora do poema *Colombiade* (traduzido em portuguez para as festas do Centenario de Colombo pelo Visconde de Seabra, aos 95 annos!) Na familia de *Elmano*, tambem seu irmão Gil e sua irmã D. Maria Francisca cultivam a poesia, segundo testemunhos contemporaneos. A familia do poeta frequentava a intimidade da familia do Governador de Outão,—Suave habitação da minha amada—como começa o *Adeus* a *Getruria*. Em um verso pinta Bocage a belleza d'essa mansão principesca, a uma legua de Setubal, tendo a leste a encosta verdejante da serra, defendendo-a dos ventos de leste, tendo em frente o Atlantico, com todo o seu aspecto ora azul, ora plumbeo, gosando os mais surprehendentes occasos, que nenhum artista imita, os luares espelhados argenteamente nas aguas, o clima sempre egual, e os bellos passeios de mar, e as divertidas maris-

---

[1] *Revista litter. do Seculo*, n.º 216.—Barbosa Machado, no tomo IV da *Bibliotheca Lusitana* nomeando José Luiz Soares de Barbosa, aponta-lhe o Epicedio á morte do Rev. P.e Joseph de Faria, sem data nem logar de impressão. Innocencio e Brito Aranha não fazem menção d'este poeta, pae de *Elmano*.

cadas. N'este meio edénico era impossivel não amar. *Elmano* serviu-se da poesia para declarar o seu amor a *Getruria*, tão creança como elle; mas dois ou tres annos fazem uma grande differença de uma rapariga para um adolescente. *Elmano* começa a sentir retraímentos da que tanto correspondera aos seus impetos. O casamento de D. Maria das Mercês, veiu dar alento á esperança de um enlace. *Elmano* via seu irmão seguir a carreira juridica na Universidade, e os seus regressos mais estreitavam a confiança; o poeta sentia que o irmão possuia tambem na sua distincção e delicadeza o dom da seducção por uma linguagem animada e lisongeira. E' n'estas crises de sentimento, que pensa em um plano de vida, e aos dezeseis annos, em 1781 foi sentar praça como Cadete, no Regimento de Setubal (hoje n.º 7). Depois de se achar em uma arma de vasta promoção, e creando-se nova organisação de estudos para o quadro da Marinha, facil lhe foi a concessão da sua transferencia, vindo para Lisboa em 1782 frequentar essas disciplinas.

Este acordar do sentimento, manifesta-se pela consciencia da pêrda de sua mãe em 1775:

> Aos *dois lustros*, a morte devorante
> Me roubou, terna mãe, teu doce agrado.

Em um Soneto, celebrando o falecimento de *Armania* (anagrama de Marianna) consagrou Bocage a memoria de sua mãe D. Marianna Joaquina Xavier, com estes traços de uma impressão indelevel:

> Os garsos olhos. em que Amor brincava,
> Os rubros labios em que amor sorria,
> As longas tranças de que amor pendia,
> As meigas vozes onde Amor soava;

As melindrosas mãos que Amor beijava,
Os alvos braços onde Amor dormia,
Foram dados, *Armania*, á terra fria,
Pelo fatal poder, que a tudo aggrava.

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,
Entre as Irmãs, cobertas de amargura
E eu que faço? ai, de mim, como os não sigo.

Que ha no mundo que vêr, se a formosura,
Se o amor, se as graças, se o prazer comtigo
Jazem no eterno horror da sepultura?

(*Rimas*, p. 79. Ed. 1791).

Este Soneto é a forma bella de uma viva recordação dos seus dez annos, em que viu a consternação de suas irmãs D. Maria Agostinha, de dezeseis annos, e D. Anna das Mercês de quinze annos. Os traços descriptivos accentuam a origem hollandeza e o seu caracter de providencia domestica.

Pelo registo dos Officiaes inferiores do Regimento de Setubal, Bocage jurara bandeira em 22 de Setembro de 1781, como cadete. Por esse mesmo assento se declara a sua *passagem a Guarda-marinha por despacho de 5 de Setembro de 1783.* O que motivou esta mudança de Infantaria para a Armada, os factos o explicam. Por decreto de 14 de Dezembro de 1782, foi creado o Corpo de Guardas-marinhas, com o fim especial de instruir a mocidade nobre com as sciencias nauticas e militares, sendo admittidos apenas quarenta e outo alumnos, que não excedessem a edade de dezouto annos, e provassem ser cadetes. Bocage ia fazer dezouto annos em 1783 e por isso foi-lhe permittida a transferencia. Para estas passadas necessarias ainda obteve licenças registadas em Julho e Setembro de 1783.

No Archivo militar, encontrou o snr. General Brito Rebello, no *Livro 3.º* do Regimento de Setubal, fls. 77, as seguintes notas referentes a Bocage:

REGISTO DOS OFFICIAES INFERIORES, CADETES, TAMBORES E SOLDADOS DA 6.ª COMPANHIA

Numero.... 84.
Nome — Manoel Maria Barbosa du Bocage.
Idade — 16 annos.
Altura — 5 pés e 4 polegadas.
Praça — A 22 de Setembro de 1781.
Sinaes — Cabellos castanhos, olhos pardos.
Logar do nascimento — Setubal.
Tempo do juramento — 22 de Setembro de 1781.
Passagem ou baixa e a rasão — A Guarda-Marinha 1.º do 8, por despacho de 5 de Setembro de 1783.

LICENÇAS

De 10 até 15 de Agosto de 1782.
De 26 de Junho até 15 de Julho de 1782.
De 16 até 31 de Julho de 1783.
De 31 de Agosto até 13 de Setembro de 1783.

(Publicada no numero do *Diario de Noticias*, de 21 de Dezembro de 1905, no artigo: *Bocage no Exercito*).

Foi, portanto, Bocage um d'esses 48 novos Guarda-marinhas da primeira fundação, que teve depois de 1792 a 1836 varias remodelações. As disciplinas scientificas eram frequentadas na *Academia real de Marinha*, creada no anno de 1779.

Vê-se que o pensamento da *Companhia dos Guarda-Marinhas*, destinada aos cadetes, era interessar a mocidade dourada para a carreira maritima. Bocage sentiu acordar-se a tradição dos seus antepassados, e acabados os tres annos do curso em 1786 é que requere a sua passagem para a Armada da India. O Curso constava, no 1.º anno: Algebra, Calculo e Mechanica; no 2.º, Trigonometria espherica; e Nautica, ao 3.º anno. No Idyllio maritimo, descreve a sua amada o aproveitamento do seu curso no Collegio dos Nobres:

> Não devo á natureza um grato aspecto,
> E' verdade; o meu merito consiste
> *N'um claro entendimento*, e puro affecto.
>
> ....
>
> Que mais provas, que as lagrimas que choro
> Dar póde um terno amor? E finalmente
> Do meu mister, que requisito ignoro?
>
> Na *manobra*, quem ha mais diligente
> Que eu? Quem tem do mar melhor o prumo?
> Quem no *léme* e na *Agulha* ha mais sciente?
>
> A *carga no porão* com regra arrumo,
> Sei *pôr á capa*, sei *mandar a via*
> Como qualquer piloto, e *dar o rumo*.
>
> Sei como hei-de correr *com travessia*
> E pela *Balestilha* e pelo *Outante*
> Achar a *latitude* ao meio dia.
>
> Sei qual *estrella é fogo* e qual errante,
> A *Lebre*, o *Cysne*, a *Lyra*, a *Náo* conheço
> E *Orion*, tão fatal ao navegante.
>
> Talvez muito vaidoso te pareço
> Mas devo assim fallar, para que vejas
> Que teus desdens, oh Nympha, não mereço.
>
> (*Rim.*, p. 139).

O decreto que nomeia o poeta Guarda-Marinha da Armada do Estado da India, em 31 de Janeiro de 1786, traz o seu nome official Manoel Maria Barbosa *Hedois* du Bocage. Começou a usar o appellido de seu avô materno, que deixou depois cair em desuso, empregando-o no pseudonymo de *Lidio* (*L'Hedois* e *Le Doux*). O Conselho Ultramarino o despachou em 4 de Fevereiro, e em 15 do mesmo mez concedeu-lhe o adiantamento do soldo de cinco mezes, por Aviso da Secretaria de Estado, para lhe serem descontados. Até 14 de Abril, em que embarca na Náo de viagem *N. S.ª da Vida, Santo Antonio e Magdalena,* commandada por José Rodrigues de Magalhães. Este periodo do seu despacho até á partida foi passado nas emoções da despedida dos seus amigos intimos, condiscipulos, e da sua amada *Getruria*, verdadeiramente inspirado.

Na Canção I, invocava a Fortaleza do Outão «Suave habitação da minha amada», de *Getruria*, D. Gertrudes Homem de Noronha Eça, filha do Governador, apontando o seu destino:

> Quer a sorte, propicia a meu desejo,
> Manda-me a honra, cujas aras beijo,
> Que com férvido brio
> Contemple os mares da invencivel *Dio.*
> . . . .
> Adeus, socios fieis; e tu, querida
> Cujos olhos n'esta alma, á tua unida
> O primeiro empregaram
> Amoroso farpão, que dispararam,
> Abafa os tristes, férvidos suspiros
> Com que me vibras perigosos tiros.
>
> Eu te levo, meu bem, no pensamento.
> Não me armes contra mim n'este momento
> O novo e doce encanto
> Que recebem teus olhos do teu pranto.

Um generoso amor é quem me afasta
De ti, *Getruria*. Adeus; não chores, basta.

A Epistola de *Elmano* a *Getruria*, em que descreve a sua viagem para a India, e já receoso do genio versatil da namorada, recorda-lhe a scena do adeus da despedida:

Ai, gesto encantador, face amorosa
Que me inspiraste da paixão mais pura
A doce chamma, a chamma deleitosa

Que torrente de goso e de ternura.
Fizeste borbulhar no meu semblante,
Emquanto permittiu minha ventura.
. . . .
Oh lubrico prazer! fortuna instavel,
Apenas fui feliz, fui desgraçado!
Oh catastrophe acerba, deploravel.

Mas tu, *Getruria* bella, idolo amado
Tu, meu unico bem, cuja mudança
Me fará acabar desesperado;

Por piedade, não percas da lembrança
O terno adeus, e as lagrimas e os motos
Com que elle vigorou minha esperança.

Vê, que entregue ao furor de horriveis Notos
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos.

Semblante, para mim sempre benigno,
Reserva-me um sorriso; elle, sómente
Pode o meu astro serenar maligno.

Este só me fará viver contente,
Só n'este está suspensa a minha gloria,
Só d'elle o meu socego está pendente.
. . . .
Obra, a mais singular da natureza,
Erario dos seus dons, conheça o mundo
Que és tão rica em amor, como em belleza.

Abunda nas saudades em que abundo,
Manda-me lá d'esses ditosos Lares,
Nas azas da ternura um ai profundo.

Na sua viagem para a India, o poeta achava allivio na lembrança de *Getruria* e na esperança de tornar a vel-a:

Pelas túmidas ondas arrojado,
Ora aos abysmos, ora ao firmamento,
Aberto o peito, o coração rasgado
Pelo agudo punhal do apartamento;

Mas, tantas afflicções, tantos pesares
Tudo é pouco, *Getruria*, tudo é pouco
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

(*Ib.*, p. 29).

O poeta, já durante a viagem presentia a instabilidade do genio de *Getruria* e o seu effeito lethal:

Emquanto os bravos formidaveis nótos
Por entre os cabos tremulos zunindo,
O fendente baixel vae sacudindo
A climas do meu clima tão remotos;
....
Ao meu idolo amado, ausente e lindo
Formo nas mãos de Amor sagrados votos.

Mordaz tristeza o coração me corte,
Soffra tudo, oh *Getruria*, por amar-te,
Farte-se embora a cólera da sorte,

Mas, talvez (ai de mim!) que se não farte,
Que, ou tua variedade ou minha morte
Me roube as esperanças de lograr-te.

(*Ib.*, p. 43)

E comparando-se ao avarento, sempre preoccupado na guarda do seu thezouro, volve á ideia, que se torna fixa:

Tal eu, meu doce amor, minha esperança,
De suspeitas crueis atormentado.
Receio que a distancia, o tempo e o fado
Te arranquem meus carinhos da lembrança.

Receio, que por minha adversidade
Novo amante, sagaz e lisongeiro
Macule de teus votos a lealdade.

Ah, crê bella *Getruria*, que o primeiro
Dia fatal da tua variedade
Será da minha vida o derradeiro.

(*Ib.*, p. 30).

Parece que conhecia o rival pelas qualidades de sagacidade e poder de adulação, pela convivencia. Em outro Soneto Bocage accusa mudança na sensibilidade:

Temo que a minha ausencia e desventura,
Vão na tua alma, *docemente accesa,*
Apoucando os excessos da firmeza
Rebatendo os assaltos da ternura.

Temo que a tua singular candura
Leve o tempo fagaz nas azas preza,
Que é quasi sempre o vicio da Belleza
Genio mudavel, condição perjura.

(*Ib.*).

Este receio, impiamente se confirmava, porque em outro soneto allude ao proximo casamento de *Getruria:*

Os fructos que produz tua ternura
São (que assombro!) a *vileza*, a *tyrania*,
Sacrificas a tua idolatria
Com tuas proprias mãos em Ara impura

Que louco coração! que torpe amante!
Vende o seu gosto! oh misera Belleza,
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante.

Excedeu-se em formar-te a Natureza,
Divina te julguei pelo semblante,
Humana vejo que és pela fraqueza.

(*Ib.*, p. 44).

Esta *vileza*, denuncia a crua realidade, porque era o proprio irmão de Bocage que desposava *Getruria;* e a tyrannia denuncía a intervenção do pae d'ella, o velho governador da fortaleza de San Thiago de Outão, que via melhor futuro para a filha no irmão do poeta de vinte e cinco annos e frequentando a Universidade de Coimbra, do que no voluvel guarda-marinha da Armada da India, com vinte e dous annos e todo poeta. A ideia da morte obsidia-o:

Se a minha lastimosa desventura
Irremediavel é, se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto
Que louca ideia os passos me segura?

(*Ib.*, p. 56).

Em um dos Sonetos em glosa, faz sentir as torturas do ciume que lhe causa *Getruria* por uma forma lancinante:

Eu deliro, *Getruria*, eu desespero,
No inferno de suspeitas e temores,
Eu, da morte as angustias e os horrores
Por ti mil vezes sem morrer, tolero.

Na Canção I *O Adeus*, reconhece que fôra injusto muitas vezes contra *Getruria:*

Quantos injustos ciumes
Me arrancavam mil prantos, mil queixumes,
Quando á bella constancia de *Getruria*
Fiz com suspeitas vãs cruel injuria.

(*Rim.*, p. 148).

Estas suspeitas e ciumes do joven poeta não eram phantasias de um temperamento vibratil; Manoel Maria, mais novo trez annos que seu irmão Gil Soares Barbosa; achava-se este em grande intimidade com a familia do Governador da Torre de San Thiago do Outão, pelo casamento de sua irmã D. Anna das Mercês com José do Prado Homem da Cunha e Eça, filho do Governador. Os dois irmãos acharam-se ambos enleados pela formosura de D. Gertrudes Homem de Noronha, que os tratava com a mesma afabilidade e desenvoltura de criança. Gil Soares teve longas ausencias em Coimbra, onde seguia o curso de Leis, e Manoel Maria, vivendo até 1782 em Setubal, estava a uma legua da Torre do Outão. Pela sua imaginação poetica e sensibilidade moral apaixona-se pela menina, idealisando-a com o nome de *Getruria*. O irmão habilitava-se para seguir carreira na magistratura, e *Elmano* entendeu que para tornar-se digno do seu amor comprehendeu que era forçoso ir servir com o seu posto de guarda-marinha na Armada da India. A preparação para a larga ausencia enternecia *Getruria*, acendendo mais a paixão de *Elmano*.

O motivo da sua viagem para a India é confessado no bello Soneto:

> Olhos suaves, que em suaves dias
> Vi nos meus tantas vezes empregados,
> Vista, que sobre esta alma despedias
> Deleitosos farpões no Céo forjados.
>
> . . . .
>
> Troquei-vos pelos ventos, pelos mares
> Cuja verde arrogancia as nuvens toca
> Troquei-vos pelo mal que me suffoca,
> Troquei-vos pelos ais, pelos pesares,
> Oh cambio triste! oh deploravel troca.
>
> (*Rimas*, p. 16).

Nas poesias publicadas em 1791 por Bocage apenas se encontram dirigidas ou alusivas a *Getruria*, as expressões da saudade do apartamento, o receio da versatilidade d'ella pela ausencia, e o ciume despertado por novos amores, de que suspeita, o desengano atroz, que lhe desnorteou a vida. E' indubitavel que aos seus primeiros amores, conhecida a sua espontaneidade e impressionismo, que *Getruria* lhe inspirou as suas composições lyricas; ella devia tel-as recebido, e o poeta pela sua dura decepção, ou por motivo intimamente moral, abandonou-as, não as incorporou nas suas *Rimas*. Da mão de *Getruria* ter-se-ia espalhado. No *Livro curioso* de 1803, de Setubal, vem muitos Sonetos, tão bellos, e descrevendo situações do primeiro amor de Bocage, que levam quasi a affirmal-o. Transcrevemos alguns:

Uns graciosos olhos matadores,
Que ás vezes por amor ficam mais bellos,
Uns dourados, finissimos cabellos,
Das madeixas de Sol despresadores;

Uma face, onde as purpureas côres
Da matutina luz tiram modelos,
Uns agrados tão doces, sem fazel-os,
Que por elles Amor morre de amores;

Um riso, tão parcial da honestidade,
Que no insensivel causava destroço,
Quanto mais na rasão e na vontade!

Esta é a minha... Oh timido alvoroço!
Eu tomo de dizel-o a liberdade;
Esta é a minha... a minha... Mas não posso.

*

Por mais que faça um aturado estudo
De expôr á excelsa... o meu desejo,
Buscando vêl-a só, só porque a vejo,
Em logar de dizer-lh'o fico mudo.

Animo-me outra vez, fallo, e comtudo
Não sei se por temor se por cortejo
Abaixo os olhos, encho-me de pejo
E fico então mais triste que sisudo.

Ella, que estes affectos me tem visto
Pergunta-me: — Que tens? — Para explical-o
De mais valor o animo revisto.

Vou a dizel-o, balbuciando fallo,
Formo algumas razões, ateimo, insisto,
Mas de novo suspiro, tremo e calo.

*

E' tão grande em ti a formosura,
E tão rara a belleza, o agrado,
Que a teu imperio feliz, sujeitado
Tem minha liberdade com ventura.

Inclinação tão suave como pura,
Busco sempre adorar-te com cuidado
Procurando com ancia desolado
Significar-te o affecto e ternura.

Não pretendo de ti mais que o amar-te,
Que desinteressado te venera,
E desejo sómente o explicar-te.

Nada mais apeteço, nem quizera
Que continuo o ser eu adorar-te
Como quem n'isto e n'isto só se esmera.

*

Do vosso amor me vejo penhorado,
Penhorado por vós ando perdido;
Perdido, pois me vejo sem sentido
Sem sentido, que em vós anda empregado

Empregado, meu bem, trago o cuidado,
Cuidado, que me traz tão distraído,
Distraído, em tal sorte, que esquecido
Esquecido de mim, de vós lembrado.

Lembrado estou tão bem, que ando pensando
Pensando que por vós ando morrendo,
Morrendo emfim por vós vou acabando.

Acabando, me vejo padecendo
Padecendo, bem vejo o não ser quando
Quando tivesse a gloria que pretendo.

Estes versos revelam uma paixão nascente em que desabrocha o genio do poeta. As *Rimas* de 1791, só contem a phase amorosa na decepção da perfida *Getruria*. O periodo das primeiras emoções foi apagado pelo roubo dos seus cadernos, talvez por effeito dos melindres das duas familias aparentadas. Agora acompanhemos Bocage na viagem para a India, sempre embalado nas reminiscencias de Camões.

Em 14 de Abril de 1786 partia de Lisboa a Náo de Viagens *Nossa Senhora da Vida*, *Santo Antonio e Magdalena*, para Goa, levando escala pelo Rio de Janeiro, para conduzir o Governador geral Francisco da Cunha Menezes, que ia succeder no poder a D. Frederico Guilherme de Sousa (o Calhariz) que terminara o seu tempo. Bocage ia despachado Guarda-marinha da Armada da India; levava o intuito de se adiantar na promoção de postos e poder realisar os seus amores (tornar-se digno de *Getruria*). As saudades do lar paterno, a que se vê arrancado, a separação de amigos intimos, que celebra com emoção nas estrophes, os perigos do mar e dos inhospitos climas são excedidos pela preoccupação que assalta a cada momento a incerteza da constancia do amor de *Getruria*. Confessa-o o soneto, que explicará toda a sua vida:

Temo, que *a minha ausencia e desventura*
Vão na tua alma, *docemente accesa*,
Apoucando os excessos da firmeza,
Rebatendo os assaltos da ternura.

Temo, que a tua singular candura
Leve o tempo fugaz nas azas preza.
Que é quasi sempre o vicio da belleza,
Genio mudavel, condição perjura;

Temo, e se o fado máo, fado inimigo
Confirmar impiamente este receio
Que no meu coração gemendo abrigo;

Com o rosto, alguma vez, de magoas cheio,
Recorda-te de mim, dize comtigo:
— Era fiel, amava-me, e deixei-o.

(*Rimas*, p. 45).

Sobrevem, na viagem, uma forte tempestade, que Bocage descreveu nos seus versos, mas mais profunda era esta procella moral, que lhe desmoronava o sonho dos seus vinte e um annos. Elle faz o confronto do seu curto mas ditoso passado:

Olhos suaves que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados,
Vista, que sobre esta alma despedias
Deliciosos farpões no céo forjados.

Sanctuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da côr dos meus cuidados,
Que podem inflammar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados;

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrisona voz perturba os ares;

Troquei-vos pelo Mal, que me suffoca,
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares,
Oh, cambio triste! Oh deploravel troca.

(*Rimas*, p. 20).

Na *Epistola a Getruria*, descreve o temporal e chegada ao Rio de Janeiro, em tercetos deliciosos, comparaveis com a Elegia III de Ca-

mões, inspirada por identica situação. Os traços autobiographicos revelam-nos quão profunda teria de ser a decepção ou conformação dos seus receios:

> Se o teu fiel caracter não desmentes,
> Se inda em teu coração não teve entrada
> A variedade, o vicio dos ausentes;
>
> Se, do voto reciproco lembrada
> Suspiras por me vêr como suspiro
> Por oscular-te a dextra delicada;
>
> Chorando escutarás o que profiro:
>
> Do santo abrigo de meus deuses Lares
> Pela sorte cruel desarreigado,
> E exposto em fragil quilha aos bravos mares.
>
> Sobre as espaldas do Oceano inchado,
> Dirigindo tristissimo lamento
> Contra o céo, contra o amor, e contra o fado;
>
> . . . .
>
> Puz finalmente os pés onde murmura
> O placido Janeiro, em cuja areia
> Jazia entre delicias a ternura.

Elmano referia-se á seducção ou *condonga* das gentis creoulas, com um toque da fascinação da raça amarella. A paragem no Rio de Janeiro não foi rapida, porque o Governador Francisco da Cunha Menezes, e o secretario de estado e desembargador Sebastião José Ferreira Barroco tiveram de ser festejados pelo faustoso vice-rei do Brasil Luiz de Vasconcellos e Sousa, prolongando-se esse jubilo official até á partida para a India: paradas militares, recepções, banquetes, bailes, sessões litterarias, digressões e passeios. Bocage produziu o deslumbramento pelas suas

surprehendentes recitações, pelos improvisos fulgurantes dos brindes e saudações, pelo fogo amoroso e vaga melancholia que o inspirava. Este poder moral é-nos revelado por lord Beckford, artista opulento e desdenhoso, que nenhum typo vulgar poderia impressionar. Luiz de Vasconcellos e Sousa, com os seus sorrisos mais affectuosos, distinguiu o joven Guarda-Marinha, o rapazola de vinte e um annos, mas desabrochando na expansão genial. Na sua Ode IV, Bocage refere-se a essas sympathicas distincções:

> .... Vasconcellos, que ainda
> Na dilatada America opulenta
> Pela intacta justiça,
> Pela terna saudade é suspirado,
> Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu Canto,
> Lá na tepida margem
> Do limpido Janeiro..........

O desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, que terminara o seu triennio na Relação da Bahia, que partia para Goa como secretario de Estado e como braço direito do Governador Cunha Menezes, tambem foi empolgado por uma grande sympathia por *Elmano*. Poucos poderiam apreciar Bocage, como Barroco, que tambem era poeta, e usava o nome arcádico de *Albano,* quando frequentara as conferencias discretas das grades do Convento de Chellas, e *Alcipe* o amava a ponto de ter ficado doente, quando elle, entrando no quadro da magistratura, obteve um despacho para o Brasil. A intimidade de Barroco tinha um fundamento especial; *Elmano* sabia toda a historia de *Alcipe*, desde 1777, em que saíu da clausura, seu immediato casamento com o *tolaz* militar, e a sua partida para Vienna de

Austria pela enviatura do marido. Foi esta amizade de Barroco, tambem companheiro de viagem para Goa, que se tornou para Bocage uma salvação, no angustioso lance dos seus amores. E' a essas semanas passadas no Rio de Janeiro, de folguedos entre attractivos femininos, que allude na sua Epistola a *Getruria:*

Alli, como nas margens de Ulysseia,
Prendendo corações, brincavam, riam
Os filhinhos gentis de Cytherêa.

Mil graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja a tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiriam;

Eis, olham como facil a conquista
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta
E constancia me dá com que resista

Este combate a gloria me acrescenta;
Conhece-se o valor do Navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta.

Contemplando na ideia o teu semblante
Pude evitar o escolho onde naufraga
O coração mais livre e mais constante.

A formosa *Getruria* não devia ter gostado d'esta gabolice de *Elmano* na passagem pelo Rio de Janeiro. E' natural que o irmão do poeta Gil Francisco Soares Barbosa, que cursara a Universidade, fizesse sentir á namorada D. Gertrudes Homem de Noronha e Eça, a impressionabilidade do poeta, e que sua irmã D. Maria das Mercês, casada com o filho do Governador do Outão, patrocinasse a mudança dos affectos para o irmão que melhor garantiria o futuro de uma esposa. O poeta presentia esses effeitos da au-

sencia que *docemente* se infiltrava e actuaria no animo de *Getruria*.

Em 29 de Outubro de 1756 chegou a Goa a Náo *N.ª Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena*, que partira de Lisboa em 14 de Abril. Em 17 de Novembro é registada a sua carta-patente, com o Cumpra-se do Governador, em 18.., e com o visto de guarda-marinha incorporado na Armada da India. Entra em serviço de embarque, em 20, saíndo na fragata *Temivel Portugueza.* No idyllio *A Nereida,* celebrando o Mandovi sereno e brando, allude ao serviço naval:

Topamos ha trez dias o inimigo,
Na altura de Chaul; travamos guerra
Sentiu do Portuguez o esforço antigo.

Fez-se uma preza; repartiu-se em terra
Inda agora; o quinhão que lá me deram
Este pintado cofresinho encerra.

Nas mãos um collar de ouro me puzeram,
Sobre aljofares mil, vi que, por bellos
De teu collo e teus pulsos dignos eram.

O mesmo foi pegar-lhe que trazel-os
Para offerecer-t'os; vem (não é desdouro)
Vem acceital-os, ou sequer, vem vêl-os.

Mas, que precisas tu, se és um thezouro
Se tens mais lindas pérolas na bocca,
Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!

Em Fevereiro de 1787, acha-se Bocage matriculado na *Aula real militar,* de Pangin; ahi cursaria especialmente a carreira da pilotagem. Em uma indicação do registo escholar aponta-se: «*não fez exame, por causa legitima*». N'esta nota começa a accentuar-se a situação extraordi-

naria, que é o enigma da sua vida. Bocage andava com a preoccupação dos amores de *Getruria;* exprime-o bem a phrase do versiculo dos *Cantares — amore langueo.* Elle bem queria fortificar-se no seu sentimento, e descrevia no seguinte Soneto essa profunda anciedade:

Pelas tumidas ondas arrojado
Ora aos abysmos, ora ao firmamento,
Escutando o furor e o som violento
Do Bóreas, de Aquilão, de Noto irado.

Aberto o peito, o coração rasgado,
Pelo agudo punhal do apartamento,
Qual o punho que foi de aços cruento
Pelas guerras mortaes atravessado.

Assim de um cego amor já cego e louco,
Envio, alma querida, envio aos ares,
De quando em quando um ai tremulo e rouco.

Mas tantas afflicções, tantos pesares,
Tudo é pouco, *Getruria*, tudo é pouco
Se inda eu vir os teus olhos singulares.

(*Rim.*, p. 29).

Em outro Soneto, glosando-o ácerca dos *roubos* que lhe fez a má ventura, exclama:

Eu deliro, *Getruria*, eu desespero,
No inferno de *suspeitas* e temores,
Eu da morte, as angustias e os horrores
Por ti, mil vezes, sem morrer tolero.

Pelo céo, por teus olhos te assevero
Que serve esta alma em candidos amores
Longe o prazer de illicitos favores,
Quero o teu coração, mais nada quero.

(*Ib.*, p. 106).

A paixão caminha para a catastrophe; as suspeitas vão-se tornando temerosa realidade:

Alva *Getruria* minha, a quem saudoso
Mando magoados ais enternecidos,
Getruria, que encantas os meus sentidos
Com um meigo riso, com um Amor piedoso.

Amor, o injusto Amor, nunca doloso,
Insensivel penedo a meus gemidos
Me repete sobre os timidos ouvidos
Estas vozes crueis em tom raivoso.

Tu, que já desfructaste os meus favores,
Tu, que na face de *Getruria* bella
Nectar bebeste, mitigantes ardores;

Não tornarás, não tornarás a vêl-a,
Lamento, desgraçado, os teus amores,
Accusa desgraçado, a tua estrella.

(*Rim.*, p. 60).

Elmano tem a certeza de *Getruria* ter acceitado o amor de outrem, d'aquelle de quem temia o effeito das palavras serenas sobre o animo da ingenua criança e pela frequencia e contacto das duas familias. Ainda lhe falta o desengano brusco, e o resultado irremediavel do seu consorcio. Elle sente-se invadir pela *lethal doença*, e pensa no suicidio. E' n'esta desolada situação que achou justas sympathias no secretario de Estado, Sebastião José Ferreira Barroco, que era poeta sem comprehender o genial *Elmano*.

Nada pode exprimir o desalento moral que lhe desvairou a vida, como esse Soneto, que tem o valor de documento historico:

Da perfida *Getruria* o juramento
Parece-me que estou todo escutando,
E que inda o som da voz suave e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento.

No vasto, infatigavel pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento.

Mas, ah! Da minha rapida alegria
Para que accender mais as vivas côres,
Lisonjeiro pincel da phantasia?

Basta, cega paixão! loucos amores,
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis, como as flores.

(*Rim.*, p. 21).

Na Canção *O Desengano*, em que chega a affrontar a leviana, quasi que aponta o rival, a quem chama *Infame*, epitheto que n'esta crise affectiva não poderia dar-se a um estranho. E exclama a si proprio:

Conhece o baixo Objecto
Que em triumpho te arrasta,
Cuidas que um meigo, deleitoso aspecto
A desculpar os teus excessos basta?
Cuidas que um bello riso, um ar benigno
Filho da *Infamia*, da ternura é digno?

Que engano! A formosura
Sem modestia, sem pejo,
Tedio, tedio merece, e não ternura,
Eis porque, de um frenetico desejo
Emfim, apaga os impetos, a chamma
E lava a nodoa com que Amor te infama.

Na Canção IV, o *Delirio amoroso* desvenda os deliciosos momentos que lhe devia:

Vae, fementida, que a paixão perfeita
Os seus dons não reparte;
Vae gemer n'outro peito e n'outros braços
Perfidos mimos d'esse Infame acceita

Emquanto juro aos céos de abominar-te,
Emquanto arranco meus indignos laços
Emquanto, ah! que fallei? Meu bem, dést'arte
Abafa a minha voz, — dize que mente.

Bocage sabe que seu irmão Gil Francisco Barbosa du Bocage vae casar com D. Gertrudes Homem da Cunha Eça, a *Getruria* de seus primeiros amores. Ninguem da sua familia, as irmãs e o pae teriam animo de dar-lhe essa angustiosa noticia. Mas pessoa da edade de *Elmano*, tambem poeta e apaixonado, é que lhe poderia communicar essa traição da *Getruria* e de Gil Barbosa. O *Josino* da Epistola em que allude a lethifera doença, é que saberia esse segredo de familia; *Josino*, é seu primo João José Barbosa du Bocage, filho do tio Francisco Antonio, casado com uma sobrinha da mãe de *Elmano*. Bocage pensou em vir a Portugal para certificar-se por si da intrigante noticia. No livro das notas do curso de que não fez exame por *causa legitima*, lê-se: «24 de Fevereiro (de 1787) esta palavra: *Partiu*», e como observa o sr. Ismael Gracias, no seu importante trabalho já citado, sem se dizer para onde veiu e em que navio.

A ideia de vir a Lisboa conhecer de perto a situação creada pelo casamento de *Getruria* com seu irmão, leva-o a conseguir a excepcional permissão de ausentar-se de Goa por alguns mezes; no Soneto allude ao *ir explicar-se* ao doce objecto:

Medroso coração, recebe o alento,
Seca as inuteis lagrimas que choras,
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vôos ao feliz Atrevimento.

Inflama, inflama a voz, que o pejo esfria,
Um Deus tão suspirado e tão subido.
Como se ha-de ganhar sem *ousadia?*

Ao *vencedor affoite-se o vencido*
Longe o respeito, longe a cobardia
Morres de fraco? *Morre de atrevido.*

(*Ib.*, p. 43).

Quando sustentavamos a permanencia de Bocage em Goa em 1787, a Epistola de *Elmano a Josino*, em que allude á *Conjuração dos Pintos*, denunciada e perseguida n'esse anno, e narrando que escapara por se achar retido por *lethifera doença*, pareceu-nos irrespondivel este argumento. O sr. Ismael Gracias acha *suave* esse fundamento, notando que essa Epistola fôra escripta em fins de 1788: «N'esta (Epistola) trata *Elmano* de varios assumptos, e entre outros da tal Conjuração, resumindo em 18 versos apenas toda a historia do gran caso, desde a sua descoberta — Agosto de 1787 — *até ao seu julgamento e a execução dos réos — Dezembro de 1788*». E conclue d'este facto: « Bocage podia muito bem ter estado ausente de Goa em 1787, e voltando no anno immediato saber dos principios e do termo da Conjuração, *cujo processo ainda estava correndo*, inserindo depois tudo isso — desde o começo até ao fim — na *Epistola* em que muito pela rama a descreveu». (*Ib.*, p. 25). O sr. Ismael Gracias tira a conclusão de que Bocage não saíra de Goa, nada consta do registo de licença, nem nos livros das Monções, nem do seu destino. E quanto ao seu regresso, apresentando-se em Fevereiro de 1788, tambem nenhuma referencia nos documentos officiaes; e até nas promoções ulteriores, se allega *merecimento* e *serviços*. Com toda a pro-

bidade consigna os factos contrarios á sua opinião: «diz-se no Documento e Archivo da Fazenda — que Bocage *partiu em 24 de Fevereiro de 1787* (sem se declarar para onde) e que *se apresentou em 28 de Fevereiro de 1788* (sem se declarar tambem d'onde vindo). Não será licito supprir esta dupla omissão, accrescentando-se que tal partida foi para Lisboa, e a apresentação feita de volta?» (*Op. cit.*, p. 27).

A esta pergunta, o sr. Ismael Gracias diz peremptoriamente — não. Passou-se um *facto extraordinario*, que por isso mesmo não foi registado officialmente, conforme as praxes normaes. Portanto a omissão das formalidades, não importa negação do facto, mas a causa excepcional que motivou um tal favor, e o motivo tambem excepcional que impelliu o genio impulsivo de Bocage a vir pessoalmente a Lisboa, n'esse periodo de 24 de Fevereiro de 1787 a 28 de Fevereiro de 1788. Se o sr. Ismael Gracias, tão leal na sua critica, conhecesse o *motivo intimo*, que impelliu Bocage, reconheceria a verdade do facto, e apenas trataria de explicar como materialmente se effectuou a viagem a Lisboa, e como estando em Lisboa em 8 de Novembro de 1787, poderia achar-se de regresso em Goa em 28 de Fevereiro de 1788. Emquanto não conhecemos esse *motivo intimo* que actuou de um modo absoluto na vida de Bocage, tambem tinhamos como hypothetico esse facto, isolado e insignificativo.

O sr. Ismael Gracias fundamenta e bem a data da carta, 8 de Novembro de 1787, e portanto o jantar a que assistiu Bocage. O abbade Xavier elogiando o heroismo dos portuguezes, dizia a Beckford: «D. Frederico vos pode contar as proezas de alguns dos vossos heroes, *ainda não ha muito,*

contra os gentios de Goa, o que deixa a nitida impressão de que o jantar se realisou pouco depois do regresso do ex-governador...» (*Op. cit.*, p. 24).

Este juizo reforça-se com outras passagens da carta de Beckford, em que representa Bocage «*um pallido e exquisito mancebo*», expressão que exclue a edade da completa varonia. Pelo seu lado estranha a condescendencia com que lhe prestava attenção, «*a um moço obscuro, a um novel versejador*». Bocage, em 1787, contava vinte e um annos, e ainda nada publicara. As *Rimas* publicadas em 1791 começam pelo verso: «*Incultas producções da mocidade*»; tinha elle então vinte e quatro annos, e essas composições pertencem á epoca da sua adolescencia. Ainda uma outra circumstancia fixa chronologicamente a data de 1787: depois de jantar, Beckford saíra para vêr as luminarias e fogos de vistas, com que se festejava officialmente o nascimento de um principe, filho da Infanta portugueza D. Marianna, filha de D. Maria I, e casada com D. Gabriel, filho de Carlos III e irmão de Carlota Joaquina. A criança era D. Pedro Carlos, que foi trazida para Portugal com 5 annos, em 1792, por lhe terem morrido pae e mãe de bexigas confluentes com poucos dias de differença.

O sr. Ismael Gracias oppõe ao facto da vinda de Bocage a Lisboa a impossibilidade do regresso no decurso da segunda semana de Novembro de 1787 ao ultimo dia de Fevereiro de 1788. Parte do ponto de vista exclusivo de ser feita essa viagem em Náos de viagem das carreiras do Estado, que apenas n'este anno saíram duas Náos, *San Luiz* e *Magdalena*, em Abril, chegando em Outubro a Goa, e *Santissimo Sacramento (a Cam-*

pelo) em 8 de Julho e chegando em 8 de Março de 1789. Conclue-se d'aqui, não ter Bocage regressado a Goa em Náo do Estado. Existia a carreira de dois navios de Calcutá a Lisboa, estabelecida em Fevereiro de 1787 por Estevam Lucatelli, com permissão do Governador Francisco da Cunha Menezes. Em um d'esses navios, o *Mediterraneo* ou o *Tejo,* veiu Bocage a Lisboa e partindo em outro, sabendo perfeitamente as escalas da dupla carreira. O sr. Ismael Gracias é que achou o facto do estabelecimento da carreira de Estevam Lucatelli, sem lhe tirar as illacções. Tambem a intimidade do Conde de Lucatelli com o ex-governador D. Frederico Guilherme de Sousa, que só se apresentou na côrte em Agosto de 1787, nos revela que viera para a metropole no grande navio *Mediterraneo* da carreira de Lucatelli, porque estava então despeitado com o desfavor da côrte. Eis ahi, pois, porque não ha *registo* da partida nem do regresso de Bocage, e porque o encontramos apontado na Carta de Beckford de 8 de Novembro de 1787, acompanhando o Conde de Lucatelli então inseparavel de D. Frederico. A ausencia de Bocage considerada um *serviço* e tempo *de serviço*, seria por ter sido destacado como official *ás ordens* do ex-governador D. Frederico Guilherme de Sousa em navio mercante. Deduzimos, portanto, que Bocage se achava em Lisboa em Agosto de 1787, tendo tido tempo para se esclarecer da realidade do facto do casamento ajustado de *Getruria* (D. Gertrudes Homem da Cunha Eça) com seu irmão o Dr. Gil Francisco Barbosa du Bocage. Quando Beckford o conheceu em 8 de Novembro, d'esse anno, estava o poeta em uma agitação nervosa excepcional, ora sombrio e

triste, ora fulgurante de espirito, de ironia, e sempre apoiado em uma idealisação poetica, que lhe deu alento para dominar a sua emoção.

Para a solução do *enigma* bocageano o sr. Ismael Gracias trouxe no seu opusculo *Bocage na India*, a provada saída do poeta em 24 de Fevereiro de 1787, e a sua apresentação em 28 de Fevereiro de 1788; trouxe a noticia do estabelecimento da carreira de dois navios em 1787, de Calcutá a Lisboa, por Estevam Lucatelli. Porque é pois que conclue: «O enigma continua e continuará sendo um verdadeiro *casse-tête* para os investigadores»? (*Ib.*, p. 28). Se o sr. Gracias conhecesse o caso da *perfida Getruria*, e as poesias da rarissima edição das *Rimas*, de 1791, e depois a vida dissoluta do poeta desde 1789, com certeza diria — *eureka!*

Depois de conhecido o *determinante motivo* que impelliu Bocage a vir disfarçadamente a Lisboa (n'esse periodo da sua ausencia provada de Goa entre Fevereiro de 1787 a 28 de Fevereiro de 1788), é que a carta de Lord Beckford que descreve a impressão que lhe causara Bocage, se torna um documento historico [1].

---

[1] Sómente depois de formado o quadro biographico é que se pôde notar a problematica congruencia dos factos. N'esse quadro, *Bocage, sua vida e Epoca*, publicado em 1876, anotamol-o. Passados vinte e seis annos, publicou o prof. Ad. Coelho, na *Revista critica de Historia e Litteratura*, de Madrid (Septembro de 1896) uma indecorosa objurgatoria *Um enigma na vida de Bocage*, de que trata em quatro linhas: «Não ha motivo para registar o testemunho de Beckford nem a data d'elle. Assim, tornase admissivel a segunda hypothese da vinda de Bocage de Goa a Lisboa em 1787».

O sr. Augusto de Castro dá-lhe as honras da iniciativa do problema, que não foi além da casual informação,

Devem aqui ser encastoados os trechos da carta de 8 de Novembro de 1787, em que Beckford nos dá a physionomia moral do joven poeta, que passava pelo transe angustioso que lhe desorientou a vida.

Deixando o seu architecto Verdeil entregue á contemplação dos Medalheiros dos P. P. Caetanos, Beckford dirigiu-se no seu côche para ir vêr os corvos da Sé, encontrando no seu caminho o Abb. Xavier, depois um popular prégador da Boa Morte (Fr. João de Nossa Senhora), Gran-Prior e por ultimo o Marquez de Marialva, que não quiz ficar de fóra: «encheu-se completamente a carruagem, e toda esta carregação foi jantar commigo. Verdeil já tinha voltado com o seu reverendo numismata, e havia tambem recrutado o vice-rei da India, D. Frederico de Sousa Calhariz, o Conde Lucatelli, fanfarrão piemontez ou saboyano, seu inseparavel companheiro, e um moço pallido, franzino e de aspecto singular, o sr. Manoel Maria, o mais extravagante e talvez o mais original dos poetas que Deus tem creado.

«Aconteceu estar elle n'uma d'essas extraordinarias e exaltadas disposições de espirito, que, como o sol no rigor do inverno, apparecem quando menos se esperam. Mil agudos conceitos, mil alegres e estouvados registos, mil dardos satiricos saíam de sua bôcca, e nós estavamos em convulsões de riso; porém, quando elle começou a recitar algumas das suas composições, em que a grande profundidade do pensamento se allia aos mais patheticos lances, senti-me commovido e agitado. D'este estranho e voluvel caracter é que se pode dizer, que possue o verdadeiro condão magico com que, segundo lhe apraz, ora nos anima, ora nos petrifica!

«Percebendo quanto eu me sentia attrahido para elle, disse-me Manoel Maria:

«— Eu não esperava que um inglez condescendesse em prestar attenção alguma a um versejador moço, obscuro e moderno. Os senhores pensam que nós não temos nenhum outro poeta, além de Camões, e que Camões não escreveu nada digno de menção senão os *Lusiadas*... Aqui está um Soneto que vale metade dos *Lusiadas*:

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros,
D'onde toda a tristeza se desterra,

O rouco som do mar, a extranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra.

Emfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos offerece,
Me está, se não te vejo, magoando;

Sem ti, tudo me enoja e aborrece,
Sem ti, perpetuamente estão passando
Nas móres alegrias mór tristeza. [1]

---

[1] Na primeira versão portugueza incompleta, das Cartas de Lord Beckford, publicada no *Panorama*, o traductor deixou de parte este Soneto de Camões, deixando ao cuidado litterario da redacção o restituil-o ao seu logar. Por descuido ou inconsciencia, o Soneto ficou supprimido. Annos depois o compilador Bernardes Branco, publicou no seu livro *Portugal e os Estrangeiros* esse texto incompleto e truncado das Cartas de Beckford. Começa agora a erudição postiça. No artigo da *Revista critica da Historia e Litteratura*, de Madrid, Adolpho Coelho, no seu odio cego, accusa-nos de enganarmos os

«— Nem uma só imagem da belleza rustica esqueceu ao nosso divino poeta; e com que profundo sentimento elle as transporta da paizagem para o coração! Que fascinadora languidez envolve, como os ultimos raios do sol poente, toda esta composição! Se eu sou alguma cousa, foi este Soneto que me fez o que sou. Mas, quem sou eu, comparado com Monteiro? — Julgue, (continuou elle, passando-me ás mãos versos manuscriptos d'este auctor, de quem os portuguezes são ardentes admiradores).

« Eram, na verdade, cheios e sonoros; porém, devo confessar, que o Soneto de Camões e muitos dos proprios versos do sr. Manoel Maria, me agradaram infinitamente mais, mas de facto, eu não conhecia sufficientemente a peça e propriedade da lingua portugueza, para ser juiz competente, e foi sómente imaginando que eu o podia ser, que este poderoso genio manifestou alguma falta de penetração.

« O jantar foi animado e alegre ». Terminado

---

leitores impingindo-lhes um Soneto de Camões, intercalado por nosso arbitrio n'esta carta. Citámos-lhe as edições inglezas de 1834 e 1839, com este Soneto de Camões. Publicando pelo Centenario de Bocage, em 1805, a sua versão inedita de *Paulo e Virginia*, o sr. Candido de Figueiredo, nas apreciações litterarias do *Diario de Noticias*, tambem repete a estulta increpação de Ad. Coelho. As aves do Capitolio continuaram a avisar da ratoeira. E em 1917 o sr. Ismael Gracias no seu opusculo *Bocage na India*, omittindo o Soneto de Camões, explica-se em nota: « N'este logar o sr. Theophilo Braga *intercalou* o soneto descriptivo de Camões, que não se lê no *Panorama* nem no *Portugal e os Estrangeiros*, mas que diz transcreveu das edições inglezas de 1834 e 1839, das Cartas de Beckford ». Isto é amostra dos meus êrros e dos meus julgadores.

o opiparo jantar foram todos vêr os lendarios corvos sustentados pela Sé em honra de S. Vicente, e d'alli foram «dar uma volta pelas principaes ruas, para vêr as illuminações em honra da Infanta casada com D. Gabriel, a qual acabava de dar á luz um principe. Caminhavamos com difficuldade, tantos eram os vadios que sahiram á rua com o mesmo fim que nós». Beckford descreve o fogo de vistas. Mas, o que interessa é a referencia ao parto da infanta D. Marianna Victoria, filha da rainha, que precisa a data irrefragavel d'esta carta alludindo ao regosijo official pelo nascimento de D. Pedro Carlos. [1]

E' um precioso testemunho esta impressão reflectida em um alto espirito como o de Lord Beckford, excellente observador psychologo. Ahi se vê o estado de agitação nervosa em que se achava Bocage, já conhecedor da traição de *Getruria*, instigada pelo irmão casado com D. Anna das Mercês a preferir o cunhado bacharel. O poeta ahi allude á sua mocidade; e recitando ao lord os versos, que imprimiu em 1791, dava-lhe ao recital-os o maximo da commovente expressão. O Soneto de Camões lembra-lhe aquella paizagem do valle de Azeitão, que elle tantas vezes contemplara, quando ia ao castello de Outão fallar a *Getruria*. Tendo-se apresentado á côrte D. Frederico Guilherme de Sousa em Novembro de 1787, podemos suppor que a intimidade com o ex-governador da India seria estabelecida em viagem. Bocage agora não tinha tempo a perder para o regresso a Goa, só possivel em quatro mezes em uma carreira mercantil.

---

[1] Na traducção portugueza das Cartas de Beckford, publicada em 1901, com o titulo *A Côrte de D. Maria II*, esta carta tem o n.º XXIV, e na traducção ingleza XXX.

Em Goa o poeta malquistava-se com os poderosos elementos locaes pela irreflectida expansão do seu genio satirico e pelas intrigas suscitadas pelos versos amorosos com que deslumbrava. A sahida de Goa tornava-se uma necessidade, mais para o salvar das consequencias da sua audacia, do que por idéia de castigo. Assim aconteceu a Camões quando despachado para Macáo. Bocage foi despachado em 25 de Fevereiro de 1789 tenente de infantaria da 5.ª companhia da guarnição de Damão com o fundamento de serviços; deixou *os mil feitiços das filhas delicadas* dos magnates de Goa, partindo em 8 de Março na fragata *Santa Anna*, e entrando em serviço do seu posto a 6 de Abril d'esse anno.

Depois do registo de 24 de Fevereiro de 1787, em que se lê: *Partiu* sem se declarar para onde fôra Bocage, apparece matriculado pela 2.ª vez na *Aula real de Marinha*, em Fevereiro de 1788 (sem dia designado) e adiante a nota: Não frequenta *por causa legitima*. Em 23 de Fevereiro de 1788 lê-se: *apresentou-se*, tambem sem se declarar d'onde viera. Nas informações officiaes, é-lhe contado um anno de serviço e são-lhe reconhecidos merecimentos para a promoção de tenente. Que serviços tão especiaes foram, que apenas são alludidos? Para nós, esses serviços foram o ter sido nomeado official ás ordens do ex-governador D. Frederico Guilherme de Sousa, e acompanhal-o até Lisboa officialmente. Assim se explica como obteve licença e recursos para vir a Lisboa em 1787, e acompanhar o ex-governador da India ao jantar de lord Beckford, como o seu prompto regresso a Goa. O que elle soube em Lisboa da *perfida Getruria*, desorientou-lhe a existencia. Lançou-se ao tabaco, ao alcool e como

diz — ao tropel das paixões. A sociedade de Goa repelliu-o. Na sua sobreexcitação, Bocage fez terriveis Sonetos a Goa e aos fidalgos pobres da classe dos velhos reinoes. Suscitou odios que machinaram vinganças. Em 17 de Novembro de 1788 embarca na fragata *Santa Anna e S. Joaquim*, sendo em 25 de Fevereiro de 1789 nomeado tenente de infantaria da 5.ª companhia do regimento da guarnição de Damão. Lê-se na portaria referendada pelo desembargador Sebastião José Ferreira Barroco: em attenção *aos seus merecimentos e serviços*. Em 6 de Abril de 1789 tomou posse do seu cargo. Dois dias depois, em 8 de Abril, Bocage, no seu desvairamento, desertava de Damão [1]. O governador da praça, em officio de 6 de Abril, communicava ao governo de Goa: «Com a chegada da fragata *Santa Anna*, desembarcou para esta praça Manoel Maria Barbosa, provido por v. ex.ª em tenente para a 5.ª companhia do regimento d'ella, e sentando

[1] "A antiquissima cidade de DAMÃO compõe-se de tres bairros conhecidos pelos nomes de *Damão Pequeno*, *Praça* e *Damão Grande*. O primeiro está situado na margem direita do caudaloso rio *Sandalcal* ou *Demanganga*, e os restantes na outra margem, mas separados pelas portas da cidadella denominada da *Terra*. Quem vem de *Damão Pequeno* encontra ao lado do rio o antigo caes da *Trapicha*; e a seguir as *Portas do Mar*, junto ás quaes vimos nós em 1906, as ruinas do vetusto convento de S. Francisco — antiga succursal da extincta e ominosa Inquisição de Goa. Depois segue a extensa rua de D. Constantino de Bragança, onde demoram o palacio do governo e varias repartições, a qual termina junto ás *Portas da Torre*, seguindo-se-lhe o *Campo dos Remedios* e outros largos e ruas do populoso *Damão Grande*."

OLIVEIRA MASCARENHAS.

praça no dia que desembarcou, se ausentou no dia 8 do corrente com o alferes da 1.ª companhia Manoel José Dyonisio, indo ambos pela Porta do Campo. Não posso dizer a v. ex.ª do motivo do primeiro, e do segundo attribuo a muitas dividas para seus jogos...»

Sobre os motivos da *deserção de Bocage, de Damão*, colligiu o official Oliveira Mascarenhas, quando esteve em Damão a seguinte tradição:

«Foi, e ainda é crença dos habitantes mais illustrados d'esta nobilissima cidade, que n'um *guddon* ou pequena casa que alli vimos ha cerca de dez annos (1895)—*guddon* que fica junto ás referidas *Portas da Terra*, se encontrava certo dia de guarda o tenente Manoel Maria Barbosa du Bocage, quando elle vira e lhe disseram de seguida que um frade de S. Francisco—munido d'uma precatoria da Inquisição de Goa—seguia a rua D. Constantino, na direcção da guarda, afim de intimar ao poeta um mandado de captura.

«Bocage, segundo a tradição, ficou como que fulminado.

«E porque a sua consciencia lhe dissera que havia nos seus versos praticado irreverencias contra a fé, desafivelou a espada, muniu-se de alguns recursos, e correu a esconder-se no *Pragana*, até que—protegido por um amigo—conseguira transportar-se para a hedionda Surrate (Fortaleza no Golfo de Cambaia), onde embarcara para a Indo-China.

«Firmar-se-ha em base solida esta antiga tradição do Guzerath?

«Cremos que sim. Porque a nossa bella India portugueza—mercê da illustração dos seus filhos, e por effeito da distancia a que se encontra de

irrequietos iconoclastas, — não só é o fiel repositorio dos nossos costumes de outr'ora, como é tambem o archivo venerando das nossas velhas tradições [1].

Esta tradição é mais verdadeira do que a noticia crua dos documentos officiaes, apontando a deserção como conivencia com o alferes Dyonisio, jogador e caloteiro incorrigivel. Bocage tinha offendido em terriveis Sonetos as familias de Goa. A vingança achou o seu instrumento — a Inquisição, denunciando o poeta por qualquer verso ou phrase de *philosophismo*. No Soneto em que Bocage narra como se viu forçado a abandonar a margem do Mandovi, como o poeta Ovidio aponta como causa: «Da vil Calumnia a Vingança viperina», e a *Serpe que devora tantos mil*. A fuga de Damão tem certa analogia com a de *Filinto*, dez annos antes:

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde minha negra sorte,
Qual o misero vate de *Corina*,
Nas tironeanas praias desterrado.

Mais duro foi ali meu duro fado,
Da vil calumnia e lingua viperina,
Até que aos mares da *longinqua China*
Fui por bravos tufões arremessado.

Atassalhou-me a Serpe que devora
Tantos mil; perseguiu-me o grão Gigante
Que no terrivel Promontorio mora,

Por barbaros sertões gemi vagante,
Falta-me inda o peor, *falta-me agora*
Vêr Getraria nos braços de outro amante.

(*Rim.*, p. 87).

---

1 *Illustração portugueza*, n.º 113. — 1 de I 1906.

Vê-se, que n'esse pouco tempo que Bocage se demorou em Goa, á margem do Mandovi, já sabia que estava justo o casamento de *Getruria*, (D. Gertrudes Homem de Noronha Eça) com seu irmão Gil Francisco Soares Barbosa, recem-graduado em Leis. Todos esses soffrimentos da vida errante pelo Cantão, em que *a piedade humana lhe faltava* (phrase de Camões em egual situação) eram mais do que vêr a eleita do seu coração e destino, desposada, pelo braço de seu irmão. Bocage, anotando este Soneto autobiographico, indica a «peregrinação por terras barbaras em que supportou os horrores da penuria». Bocage dirigira-se a Surrate para se refugiar em Bombaim, contra o assalto da Inquisição de Goa, e n'esta pequena viagem é que foi arrebatado pelos tufões para o mar da China e desembarcou depois no Cantão.

A vida da guarnição, e o espectaculo desolador da ruina do imperio portuguez no Oriente, levava-o a um desespero tal, que ao fim de dois dias desertou da fortaleza pela Porta do Campo em companhia de um estouvado alferes cheio de dividas, um tal Manoel José Dionysio, que facilmente o suggestionou. Esta parte da vida do poeta é conhecida apenas pelos versos que fizera á celebre Manteigui que fôra amasia do passado governador D. Frederico Calhariz, e que elle encontrara em Surrate; d'ahi, aproveitando as monções, seguiu para Bombaim, e arrojado pelas tempestades do mar da China foi parar a Cantão, onde andou errante e mendigando. Nos versos á morte do principe Dom José, cheio de esperança de pôr um dia em pratica as ideias do Marquez de Pombal, escreve Bocage:

Triste povo! e mais *misero eu, que habito*
No remoto Cantão.............
Miserrimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde ruge o mar da vasta *China*,
Vagabundo praguejo a morte feia!

E comparando a sua vida errante com a malevolencia que encontrara em Goa, exclama em traços que elucidam a sua vida:

Mais duro fez alli meu duro fado
De vil calumnia a lingua viperina,
Até que *aos mares da longinqua China*
Fui por bravos tafões arremessado.

Bocage chegou ao fim da sua prolongada miseria a Macáo por fins de Julho ou Agosto de 1789. O negociante Joaquim Pereira de Almeida o acolheu em sua casa e o relacionou com as familias macaistas; alli o protegeu o desembargador Lazaro da Silva Ferreira, sendo então governador interino de Macáo, por parte do Capitão general Francisco Xavier de Mendonça Corte Real. Pôde Bocage alli comprehender a tradição de Camões, cotejando o seu destino com o do cantor dos *Lusiadas,* quando em Moçambique se encontrara em tão pura pobreza, que comia de amigos.

Por auxilio de alguns amigos obteve Bocage recursos para regressar a Lisboa, aonde chegou por Agosto de 1790, trazendo apenas como fructo das suas viagens mais originalidade de caracter, emfim uma liberdade de criterio, que tinham de completar-lhe a desgraça. A chegada a Lisboa em 1790, fixa-se pela Elegia que fez á morte desgraçada do filho do Marquez de Marialva, afogado no Tejo, quando seguia rio abaixo para a romaria da Nazareth.

Durante a ausencia de Bocage tinham-se pas-

sado extraordinarios successos na Europa: o mundo moral assentava em novas bases. Em 17 de junho de 1789 constituira-se a Assembleia nacional; em 14 de Julho a tomada da Bastilha symbolisava a queda do despotismo ou do direito divino; em 4 de Agosto decretava-se a abolição dos privilegios, e iniciava-se a egualdade civil e politica perante a lei. Essa aurora dos tempos modernos era a Revolução franceza. Em 21 de Março de 1790 decretara a Assembleia nacional a suppressão das gabelas; a 5 de Abril institue o Jury, e em 13 de Maio decreta a alienação dos bens nacionaes, por onde a França inteira coopera na dissolução do regimen catholico-feudal. A Revolução franceza reflectia em todos os estados da Europa, assim como as ideias dos Encyclopedistas encontraram sectarios nos thronos dos despotas, em Catharina da Russia, Frederico da Prussia, e José II, imperador da Austria. Contra esta corrente das ideias, o cesarismo bragantino abraçou o systema da policia franceza, creando a *Intendencia geral da Policia da côrte e reino* por alvará de 25 de Julho de 1760. Como as ideias modernas espalhavam-se em Portugal pelas associações maçonicas, a Intendencia da Policia exercia a sua actividade incessante, perseguindo e expulsando do territorio portuguez os *Free-Maçons (Flamações*, na linguagem popular). Do terror d'esse tempo ficou o habito de considerar pedreiros-livres os liberaes de 1820 e 1831. O desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique, nomeado em 1764 Intendente Geral da Policia, exerceu este cargo com a mais terrivel prepotencia até ao anno de 1805. Pina Manique era de uma actividade satanica: desembargador do Paço, administrador da Casa do Infantado e das

Alfandegas, das estradas, encarregado da censura, tinha um poder descricionario, chegando por vezes a invadir os poderes dos ministros; e quando se alludia ao facto de dispor dos dinheiros publicos nos trabalhos de uma apertada espionagem, Manique mostrava-se fortalecido com umas instrucções secretas dadas por alvará de 15 de janeiro de 1780, que o isemptavam de toda a responsabilidade. Com esta carta branca para todo o arbitrio e tropelia, Manique tirou partido da sua situação excepcional, principalmente desde que se deram os factos capitaes da Revolução franceza, e que alguns emigrados e a tripulação de navios francezes cantavam pelas ruas de Lisboa o *Çà ira*.

Foi n'este meio oppresso, que Bocage se achou repentinamente envolvido. Os successos da Revolução haviam de impressionar aquelle espirito *muito amante da sua liberdade e figadal inimigo da escravidão;* elle celebrou-a em alguns versos. Não era preciso mais para o Intendente Manique se apoderar da sua pessoa, sumil-o em uma enxovia, eliminal-o. Em bem pouco tempo cahiu sobre Bocage a garra da policia. Bastava a sua figura, a sua linguagem e amisades pessoaes, para se tornar suspeito a Manique.

Beckford revela-nos que Bocage exercia em volta de si a fascinação de um genio deslumbrante, e que para elle Camões era um ideal que o alentava nas decepções pessoaes e no sentimento da patria.

Quem era este poeta *Monteiro* que o preoccupava como uma obsessão? Esse versejador era Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, *(Dorindo)* que veiu a ser um dos grandes partidarios das ideias liberaes, tendo-se distin-

guido na *Guerra dos Poetas* nas satiras contra a *Arcadia lusitana*. Lord Beckford, na sua *Excursão a Alcobaça e Batalha*, em 7 de Junho de 1794, declara que levava então na algibeira para o acompanharem na viagem as poesias de *Monteiro* e *Bocage*. Vê-se pela *Excursão a Alcobaça* que se harmonisa no mesmo syncronismo com a Carta xxx, em que a data de 1787 manifestamente se justifica. A rivalidade de Monteiro era suscitada pelas luctas dos Neo-Arcades, versejadores mediocres que elevavam os meritos de *Dorindo.*

Logo que chegou a Lisboa, em 1790, teve Bocage relações intimas com José Agostinho de Macedo, frade graciano, que foi expulso da sua ordem, por discolo, e influindo no desequilibrio do caracter do recem-vindo. Macedo mostrara-lhe a traducção que fazia da *Thebaida* de Stacio; a vida litteraria era quasi nulla, e apenas alguns versejadores se reuniam na *Academia das Humanidades de Lisboa*, sem séde definitiva. Estava cortada toda a communhão intellectual de Portugal com a Europa; era perigoso ter ideias; mas para passatempo de amigos, a *Academia das Humanidades* foi transformada na Academia de Bellas-Lettras pelo mulato brasileiro, o P.^e Domingos Caldas Barbosa, reunindo-se ás quartas-feiras no palacio do Conde de Pombeiro. Continuando o espirito da *Arcadia lusitana* chamaram-lhe *Nova Arcadia*; Bocage e Macedo foram ahi as principaes figuras, ambos irasciveis. Dentro em pouco tempo Bocage feria em um tiroteio de satiras pungentes os Neo-arcades, que o acoimaram o Sultão do *Parnaso*. Foi victima das satiras o P.^e Caldas, que presidia ás sessões litterarias, e á maneira italiana brindava os neo-arcades com chá e bolos, cantando *Modinhas*

brasileiras, tornando falladas as quartas-feiras de *Lereno*. Bocage não podia supportar tanta chateza, caricaturando o velho Amaral França, o Nestor das Academias, atacando os dythirambos de Curvo Semedo, e as traducções do Abbade de Almoster. As replicas foram violentissimas; e depois de o terem ferido pelo lado fraco, o abuso das tautologias ou *elmanismos* (do nome arcadico que adoptara *Elmano Sadino*) e a decadencia da sua inspiração depois do regresso do Oriente, para o arrojarem á desgraça denunciaram ao Intendente Manique os versos de Bocage em que se espalhavam as *ideias francezas*. A *Nova Arcadia* tinha passado do palacio do Conde de Pombeiro para uma sala no Castello de San Jorge, cedida pelo Manique, sob os auspicios de D. Maria I, com obrigação de celebrarem os regios anniversarios.

Repellido da Nova Arcadia desde 1793, a Academia de Bocage era nos botequins de Lisboa, então centros das conversas politicas, que o Manique espiava constantemente com as suas *moscas*, e contra os quaes chegou a propor que se abrissem os theatros e se jogasse a *tombola* para evitar que os cidadãos fallassem das cousas perigosas da governação. Era n'estes centros de convivencia que Bocage lançava os seus arrebatados improvisos, segundo os impetos da emancipação religiosa e politica; estão n'este espirito os Sonetos *Contra o Despotismo*, *Aspirações do Liberalismo*, e a bella Epistola das *Verdades duras*, que começa: «Pavorosa illusão da eternidade». Manique andava acirrado pelas Cantigas francezas revolucionarias, pelo uso dos cocares, pela entrada de caixões de livros francezes para a Academia das Sciencias; trazia de olho o Du-

que de Lafões, apesar do seu parentesco com a rainha, accusava de jacobinismo o Abbade Correia da Serra, desconfiava das relações do P.e Theodoro de Almeida, e julgava evidente o liberalismo de Ferreira Gordo, e até do revisor da *Gazeta de Lisboa*, onde encontrava um certo relevo na descripção dos triumphos da Republica. Os Neo-arcades aproveitaram-se da garra de Manique, entregando-lhe *papeis impios, sediciosos e criticos*, que haviam de causar a ruina de Bocage.

Bocage, depois da repulsa inflexivel de *Anarda*, sua namorada, fôra refugiar-se em Santarem em casa do morgado José Salinas de Benevides. Pode fixar-se este facto por 1795 a 1796. Manique, sempre em combate contra as *ideias francezas*, querendo defender Portugal da corrente revolucionaria, fazia espionar Bocage; o poeta sentiu-se visado e fugiu para bordo da corveta *Aviso*, do comboio que partia para a Bahia. Foi preso immediatamente e mettido no segredo do Limoeiro, em 10 de Agosto de 1797. No Officio d'esta data, dirigido pelo Intendente ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz, no qual declara que Bocage já está prezo, manda fazer-lhe apprehensão «em todos os seus papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda aquelles que estiverem em poder de terceiros seus sequazes, que devem ser egualmente prezos, e averiguada a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa du Bocage, etc.»

O poeta morava então com o cadete do primeiro regimento da armada André da Ponte do Quental e Camara, (avô do poeta Anthero do Quental) que foi tambem remettido para o Limoeiro, e apprehendidos «livros impios e sediciosos» que eram os de Rousseau, Helvetius, Di-

derot e mais alguns Encyclopedistas. Entre os papeis de Bocage encontrou-se o que se intitulava *Verdades duras*, mais tarde conhecido pelo titulo de *Pavorosa*, e que hoje anda impresso com o titulo de *Epistola a Marilia*. Em um manuscripto de 64 paginas, que possue o sr. Abreu Malheiro, de Ponte do Lima, traz esta Epistola o titulo de *Cartas a Dona Maria Margarida*. E' um raio de luz sobre a situação moral de Bocage em 1797, revelando o novo amor, com que procurou curar-se do despeito. Essa a quem dedicara a Epistola inspirada pelo livre pensamento, *D. Maria Margarida*, era filha do celebre cirurgião de D. Maria I, Manoel Constancio. Era então um exaltado amigo de Bocage e companheiro de aventuras Pedro José Constancio, prior em Cintra, e tambem poeta. No *Estudo litterario* sobre Bocage, Rebello da Silva conservou inconscientemente a tradição d'estes amores, referindo-se a —«*Irmã de um amigo*, formosa, da belleza que attrae os sentidos, e das *graças de espirito que elevam a intelligencia*; capaz de entender a existencia attribulada, que vinha domar-se a seus pés, etc.». Rebello da Silva servindo-se sempre das indicações de José Feliciano de Castilho e de Innocencio no seu *Estudo litterario*, afasta-se d'elles n'este ponto, por lhe ter chegado outra tradição. Bocage, dirigindo-se na *Epistola a Marilia* a Dona Maria Margarida, irmã de Pedro José Constancio, allude ao velho cirurgião, pae d'ella, homem austero que não via o poeta com bons olhos:

Escuta o coração, *Marilia* bella,
Escuta o coração que te não mente;
Mil vezes te dirá:
«Se *a rigorosa*,

Carrancuda expressão de um pae austero
Te não deixa chegar ao caro amante
Pelo perpetuo nó, que chamam sacro,
Que o bonzo enganador teceu na ideia,
Para tambem no amor dar leis ao mundo;
Se obter não podes a união solemne,
Que allucina os mortaes, porque te esquivas
Da natural prisão, do terno laço
Que em lagrimas e ais te estou pedindo?
Reclama o teu poder, os teus direitos
Da justiça despotica extorquidos.
Não chega ao coração o jus paterno,
Se a chamma da ternura se affogueia.

Dona Maria Margarida Constancio era um espirito illustrado, na communhão intellectual de uma familia de homens cultos, como esse outro seu irmão o Dr. Francisco Solano Constancio, que imprimiu as Obras de *Filinto*. Confiado na sua rasão clara, Bocage assim lhe escrevia:

Eia, pois! do terror sacode o jugo,
Acanhada donzella, e do teu pejo;
Destra, illudindo as vigilantes guardas,
Pelas sombras da noite a amor propicias,
Demanda os braços do ancioso *Elmano*,
Ao risonho prazer franqueia os lares.
Consiste o laço na união das almas.
Caladas trevas testemunhas sejam.
Seja ministro o Amor e a terra o templo,
Pois que o Templo do Eterno é toda a terra.

Dona Maria Margarida estava já sem mãe, e o cirurgião Manoel Constancio, conhecendo por ventura os versos de Bocage, ou para afastar da filha o poeta, não deixaria de usar a sua grande influencia no paço, principalmente junto do Intendente Manique, sempre prompto a exercer a repressão desvairada. Quando Manique officiou ao Juiz do Bairro de Andaluz, em 10 de Agosto de 1797, para ir dar busca á casa onde morava

Bocage, refere a *denuncia* dos versos impios: «*Consta* n'esta Intendencia, que Manoel Maria Barbosa du Bocage *he o auctor de alguns papeis impios*, sediciosos e criticos...» Bocage conheceria d'onde lhe ventava a perseguição? A série dos seus Epigrammas contra os Medicos obedece ao resentimento contra *o pae austero de Dona Maria Margarida*. Duraram estes amores até pouco depois da sahida de Bocage do carcere; na epoca de 1801, em que Bocage sustentava uma nova pugna litteraria com José Agostinho de Macedo, escreveu em um Soneto dirigido a *Marilia* (Ms. de Ponte do Lima):

Em veneno lethifero nadando,
No roto peito o coração me arqueja;
Ante meus olhos horrido negreja
De mortaes afflicções o espesso bando.

Por ti, *Marilia*, ardendo e suspirando
Entre as garras asperrimas da inveja...

Peior do que estas garras da inveja do *Macedo*, parece-lhe ainda mais atroz o *ciume*. De facto, D. Maria Margarida, obedecendo ás observações do pae, pensou em um casamento sério, e deixando o idylio amoroso, casou-se com Braz da Silva Consolado. Em umas Quadras glosadas, que encontramos entre os papeis de Quintanilha (*Eurindo Nonacriense*) refere-se Bocage a esta situação de *Marilia*:

Ao ditoso *Alcipe* unida,
Vive sem um só pesar;
Elle o teu doce amor seja,
Emquanto eu vivo a chorar.

Corações como o de *Elmano*
Assim se sabem vingar;
Sê feliz, caro inimigo,
Emquanto eu vivo a chorar.

Quando Bocage chegou a Lisboa em 1790, ainda não tinha publicado pela imprensa nenhum dos seus versos. A fatalidade da morte do terceiro filho do Marquez de Marialva afogado no Tejo, levou-o a concorrer com os outros poetas com uma Elegia, impressa com as iniciaes M. M. B. B. Esses sentidos tercetos abriram-lhe as portas da Academia de Bellas Lettras, onde recitou os seus *Idylios maritimos*, publicados n'esse mesmo anno com as iniciaes de Manoel Maria Barbosa du Bocage. Admiraram o poeta; e elle provou o prazer de se vêr em lettra redonda. Então em 1791, imprime em opusculo in-4.º de 14 paginas os *Queixumes do Pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina.*—E foi esta Egloga impressa em 1791, na officina de Simão Thadeu Ferreira. Esses versos exprimem a intensa magoa da dura realidade, de vêr a perfida *Getruria* casada com seu irmão o Dr. Gil Francisco Barbosa du Bocage. N'essa vehemencia de expressão ha por vezes cruezas de realismo, que fizeram que esse idylio da falsidade de Urselina, não entrasse na collecção das *Rimas* que imprimiu na officina de Simão Thadeu Ferreira. A sua historia amorosa começava a ser conhecida; d'ahi o offerecerem-lhe 40$000 réis pelo tomo I das *Rimas*, em que adiante do seu nome põe: Na *Academia de Bellas Lettras de Lisboa — Elmano Sadino.* Contém esse tomo I todos os seus versos da mocidade, em que a musa inspiradora fôra *Getruria.* As allusões amargas e referencias indiscretas, fizeram com que o volume, apesar de approvado com as Licenças da real Mesa da Commissão geral para o Exame e censura dos Livros, se tornasse desde logo rarissimo na circulação; e o tomo II das *Rimas* só

veiu á luz em 1800; e quando em 1801 se fez nova edição d'esse tomo I, foram eliminados dez Sonetos e duas Canções. Seriam resentimentos de familia; Bocage allude ao roubo do manuscripto dos seus versos, quando esteve em Santarem em casa do morgado José Salinas de Benevides. Seria esse caso que demorou até 1800 a publicação interrompida.

Pelo enthuziasmo poetico que as *Rimas* de 1791 causaram, e pela sua preponderancia na Academia de Bellas Lettras, Bocage entrou na intimidade de Antonio Bersane Leite, que com o nome arcádico de *Teonio* tambem se entregava á versificação. Na maior confiança moral Bocage com o pseudonymo de *Lidio* (*L'Heddois*, appellido de seu avô materno) dirigiu a *Anelio* as quadras da *Voz da Rasão*, do mais acerado *philosophismo*, de uma critica negativa racionalista, expressão do bom senso, a que deu o nome de *Verdades singelas*, cujas copias correram sob o nome de José Anastacio da Cunha, falecido em 1787. Essa *Voz da Rasão* nas copias manuscriptas correu sob o nome do desventurado mathematico, e só se imprimiu em 1822, fóra de Portugal. Tal era a depressão mental em que se estava, que em 1839, ainda foi chamado ao tribunal criminal Innocencio Francisco da Silva por publicar a *Voz da Rasão* com os versos de José Anastacio da Cunha. Por isto se vê os perigos novos a que se expunha Bocage, escrevendo poesias revolucionarias no espirito critico do fim do seculo XVIII, e tambem o gráo de intima confiança com Antonio Bersane Leite. O poeta convivia intimamente com a familia d'esse funccionario administrativo, que era numerosa. Entre esses seus sete filhos, teve quatro meninas

formosas. Bocage apaixonou-se por uma d'ellas, que logo cantou com o nome de *Analia*. Era D. Anna Dorothea, nascida em 24 de Dezembro de 1773. Tinha dezouto annos quando inspirou este novo amor a Bocage [1]. Esses amores foram tormentosos, porque D. Anna Dorothea era na sua belleza extremamente leviana. Dil-o este Soneto inedito:

Promettendo a *Lemano Dorothea*
Guardar-lhe a fé que a seu amor devia,
Tomou por testemunha a luz do dia.
E o juramento escreveu na areia.

O vento que a revolve e que a meneia
Pouco a pouco a escriptura desfazia.
Vendo isto a Senhora! o que faria
Lemano, que tam bem riscou da ideia.

Vejam lá como a fé está tão segura
Em peito feminil, e que elle mente,
Ao que crê na mulher ou na ventura.

Pois essa que desdiz sem fundamento
Quanto diz, quanto escreve, quanto jura
E' areia que move qualquer vento.

Bocage empregou aqui o nome de *Lemano*, em vez de *Elmano*, empregado nas *Rimas* de 1791; tambem D. Anna Dorothea, filha de Antonio Bersane Leite, tornou-se mais conhecida entre os poetas contemporaneos pelo nome de

[1] O sr. Augusto de Castro, nas suas investigações dos Cartorios findos, achou todas as datas do nascimento dos filhos de Antonio Bersane Leite, fixando-se assim os amores de *Analia* antes dos que sentiu por *Maria* (Maria Vicencia) confundidos pelo Morgado de Assentis, por D. Gastão e por Innocencio.

D. Anna Perpetua, celebrada pelo nome arcádico de *Analia*. Este Soneto inedito pertence ao *Livro Curioso* de 1803. Todos os versos em que celebra a sua paixão por *Analia* exprimem esse estado de alma a que chamou o *inferno do Ciume*. Como criança, nos seus dezouto a vinte annos, D. Anna Perpetua ficou fascinada pelo espirito fulgurante do poeta, admirado por todos, e admittido na intimidade da familia na quinta de Arroios, em Colares. Seria a leviandade de *Analia*, que a levou a mostrar-se arrefecida e *varia?* Bocage era um doente, debilitado pelos excessos passados e sem occupação, que lhe garantisse o futuro. Sua mãe, D. Thereza Dorothea, comprehendeu a situação, e *Analia* tratou sensatamente do seu casamento. O idylio amoroso transformou-se no seu consorcio com Manoel Joaquim de Moura Leitão, escrivão em Lisboa e tambem da Casa da Supplicação. Este facto destroe completamente todos os equivocos em que cahiram o Morgado de Assentis, D. Gastão Fausto da Camara, Bingre, Innocencio (e nós com elles) que consideravam *Analia* como o ultimo amor de Bocage. O poeta allude a este casamento:

> Foi dos cuidados meus *primeiro* objecto,
> *Analia* desleal, encantadora
> Que do vário Martinio te cegaste
> Ouvindo que morri, talvez tu julgues
> Depois que a Morte amiga houver cortado
> Dos meus dias fataes a debil têa.
>
> . . . .
>
> Ide. Amores gentis, onde verdeja
> A amena, salutifera *Colares*,
> De mil benignos zefiros lavada,
> E ante a Deusa que adoro, alli passando,
> Dizei-lhe:
> Exulta, ingrata; *Elmano* é morto.
>
> (Epist. I.)

As queixas de amor, como diz o proverbio hespanhol, são como a mancha da amora, que com outra verde se tira. *Elmano* borboleteou para outra flôr humana, a *Analia* seguiu-se *Marilia*, no ultimo quadriennio de 1790; a formosa e intelligente D. Maria Margarida, filha do celebrado cirurgião Manoel Constancio, e irmã do intimo amigo de Bocage Pedro José Constancio, tambem poeta critico e livre pensador. Com estes amores continuaram os *ciumes* de Bocage, e d'aqui o equivoco dos seus contemporaneos, que desconheceram este facto, encabeçarem em *Analia* todos os versos em que Bocage exprimira este estado de alma nos fins do decennio. Bocage reuniu estes dois tormentosos amores, glosando a quadra:

Ponham-me na sepultura
Aonde enterrado fôr,
A cada canto uma Letra:
A — M — O — R — Amor

Olha o A, que significa
Analia, cruel e vária;
M — *Marilia* contraria,
E por enigma se explica:
O, por odio e furor;
O *R*, mostra o rancor,
Que eu tive emquanto vivo,
Sendo de tudo motivo
A — M — O — R: Amor.

Era com o joven morgado André da Ponte de Quental e Camara, cadete da Armada, que morava á Praça da Alegria, que vivia Bocage, quando fugiu para bordo da corveta *Aviso*, que estava a largar para a Bahia; foi prezo a bordo, em 7 de Agosto, como se authentica pelo livro de entrada dos prezos do Limoeiro n'esse anno de 1797, com o seguinte termo:

«Manoel Maria de Barbosa Bocage, solteiro e filho do Bacharel José Luiz Soares Barbosa, natural da villa de Setubal, de edade de 31 annos, morador á Praça da Alegria. — A' ordem do Snr. Intendente Geral da Policia da Côrte e Reyno, executada pelo juiz do crime do Bairro da Rua Nova Francisco Manoel Pinto de Mesquita e conduzido pelo alcaide do 1.º Bairro Caetano Alberto da Silva em 7 de Agosto de 1797.

PALLUIO » [1]

As circumstancias da prizão de Bocage achamse authenticadas no officio do Intendente Mani-

---

[1] Rocha Martins, que publicou este documento ignorado por occasião do Centenario de Bocage, accrescenta-lhe: « A' margem da folha n'uma letra agatafunhada ha uma observação que parece indicar ter sido entregue na secretaria qualquer documento relativo á prizão do poeta, e que elles registraram em 10 de dezembro, do mesmo anno. Na mesma letra do registro de entrada, vê-se tambem na margem o seguinte *sg*—o que parece indicar que o poeta, como de resto elle confessa nos seus versos, foi mettido no segredo:

Para a casa dos Assentos
Caminho com pés forçados;
Aqui meu nome se junta
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr Manoel Maria
E logo á margem *Segredo*.»

Vê-se pois, que emquanto o juiz do bairro de Andaluz procedia á busca nos papeis, Bocage estava no Limoeiro, onde fôra conduzido pelo Alcaide do bairro da Rua Nova, o que nos faz julgar que a corveta *Aviso* onde elle tentava embarcar estava a levantar ferro.

que ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz para apprehender os papeis do poeta na casa em que morava, á Praça da Alegria.

No artigo *Bocage no Limoeiro*, o sr. Rocha Martins diz que a prizão «parece ter sido a 7 do mesmo mez e não a 10, como no mesmo livro affirma aquelle erudito homem de letras». Não sou eu que o affirmo, mas o proprio Bocage que nos *Trabalhos da vida humana* descreve a sua entrada no Limoeiro:

A *dez de Agosto*, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.

A prizão a bordo da corveta *Aviso* effectuou-se, como o prova o documento inedito em 7 de Agosto, ficando o poeta detido pelo Juiz do Crime do Bairro da Rua Nova até ao *dez de Agosto*, em que deu entrada no Limoeiro. Os *quarenta e trez dias* de segredo [1] contam-se de

[1] O *segredo* do Limoeiro fica nos subterraneos do edificio, sob o corredor que era a antiga prisão do carrasco. Tem entrada por umas portas de pesadas grades e ferrolhos, pelo pateo das officinas, recebendo luz por outras grades que dão para os corredores das prisões.

Antigamente, chamava-se áquelle recinto a *casa forte*, por ser constituido por um casarão enorme, onde os presos indisciplinados eram mettidos a monte, indo aquelles que não acatavam o castigo para um cubiculo annexo conhecido pelo *segredo escuro*, o qual ainda hoje subsiste, sem luz, mas arejado e amplo.

A *casa forte* foi, porém, dividida em sete cellas, para evitar a promiscuidade dos presos e os desatinos a que elles se entregavam, dos quaes eram sempre victimas os mais fracos e menos conhecedores dos habitos da cadeia. Essas cellas ficaram sendo conhecidas pelos *segredos*, cada qual com o seu numero de ordem.

(*Seculo*, 14-v-1911).

10 de Agosto a 22 de Setembro, em que terminou a sua narrativa.

Ill.mo e Rev.mo sr. bispo inquisidor geral:

« Constando-me que n'esta côrte e reino giravam alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem seriam os auctores d'elles, e encontrei que de uma parte dos mesmos era o seu auctor Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o qual vivia em casa de um cadete do regimento da primeira Armada, André da Ponte, que é natural da Ilha Terceira: mandei proceder contra um e outro, e á apprehensão dos seus papeis, e não se achando o sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi prezo e apprehendidos os papeis, entre os quaes se achou um infame, impio e sedicioso, que se intitula *Verdades duras*, e principia:

> Pavorosa illusão da eternidade

e acaba por

> Opprimir seus eguaes com o ferro e fogo

como consta do auto do achado, que acompanha a conta que me deu o juiz do crime do bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia. Do mesmo auto verá v. ex.a os mais papeis e livros, impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade, e as perguntas que se fizeram aos ditos Manoel Maria de Barbosa du Bocage, que passados alguns dias tambem foi prezo a bordo de uma embarcação

em que hoje ia fugindo no comboio para a Bahia, e André da Ponte do Quental da Camara. Remetto tambem a declaração que me fez da cadeia o dito Manoel Maria de Barbosa du Bocage, para que esse santo tribunal lhe dê o pezo que merece. V. ex.ª me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dois réos, os quaes conservo na prizão, esperando a restituição d'estes papeis, logo que forem examinados por esse santo tribunal pela parte que lhe toca. Deus guarde a v. ex.ª. Lisboa, em 7 de Novembro de 1797. — *Diogo Ignacio de Pina Manique*». [1]

Fôra tambem com Bocage prezo André da Ponte do Quental e Camara, cadete; mas o poeta pela altura moral que manteve não renegou a sua amizade, quando foi ao interrogatorio do juiz do bairro de Andaluz. Exalta tambem a dedicação de Antonio José Alvares, que lhe acudiu com o preciso emquanto esteve na masmorra. Bocage sabia de quanto era capaz o Manique, pois que para agarrar os refractarios refugiados em Caparica incendiara os palheiros da povoação; o menos que o esperava era o degredo das Pedras Negras, então reservado aos que seguiam as ideias francezas. O desalento assaltou-o um instante, mas recorreu aos seus versos formulando pedidos aos potentados para que lhe acudam; assim, escreve bellissimas Quintilhas a D. Marianna Joaquina Pe-

---

[1] Entrou no carcere da Inquisição em 14 de Novembro de 1797; n'elle se demorou, saíndo em 17 de Fevereiro de 1798 para o Mosteiro de S. Bento da Saúde, d'onde foi, em 22 de Março de 1798, transferido para o Hospicio das Necessidades, afim de ser doutrinado pelos P. P. do Oratorio. (Soriano, Prim. Epoca, t. II, p. 104).

reira Coutinho, mulher do ministro José de Seabra da Silva, versos tambem ao Marquez de Ponte do Lima, ao filho do Marquez de Pombal, ao Marquez de Abrantes, ao Conde de San Lourenço. Era tudo baldado; o Manique não largava a preza. Foi preciso uma subtileza, fazendo consistir o crime dos *versos sediciosos* ou politicos, em *criticos*, ou peccado de *philosophismo*; e a seu requerimento, por bem aconselhado, Bocage reclamou para ser entregue á Inquisição.

Tal era o estado de Portugal, que a propria Inquisição estava mais benigna que o Cesarismo bragantino; e recebido o requerimento do poeta em 14 de Novembro de 1797, foi entregue pela Intendencia á Inquisição que o reclamara, mandando-o doutrinar no Mosteiro de San Bento, em 17 de Fevereiro de 1798. Ahi foi tratado com o esmero que merecia o seu singular talento; os frades Bentos inscreveram o seu nome no livro do *Dietavio*, ou das ephemerides historicas, memorando a entrada. Seis mezes depois era transferido para o Mosteiro das Necessidades, em 22 de Março, melhorando de situação pelo valimento do ministro José de Seabra da Silva. Durante este remanso entregou-se Bocage ao estudo, começando a traducção das *Metamorphoses* de Ovidio. Pouco depois era restituido á liberdade, dando-lhe o Manique uma esmola de roupa em nome do Principe Regente, recommendando-lhe que empregasse os seus talentos para lustre da patria e dos amigos. Bocage, que até aos mais humildes e obscuros amigos se patenteou sempre reconhecido, nunca alludiu a esta degradante esmola do Intendente, que lhe era defezo regeitar.

Em 1801, restituido á sociedade civil, e occupado pelo P.e José Marianno da Conceição Vel-

loso, director da Imprensa régia, em fazer traducções de Poemas didacticos francezes, rompeu por causa d'isso a terrivel polemica com José Agostinho por vêr pouco considerados os seus poemas didacticos, como a *Contemplação da Natureza*, de 1801. Em volta de Bocage reuniu-se uma nova phalange de poetas *elmanistas*, que se encontrava na *Arcadia das Parras*, como se chamava ao botequim de José Pedro da Silva, no Rocio, em um gabinete denominado *Agulheiro dos Sabios*. Tendo de ausentar-se para França a Marqueza de Alorna, em casa de quem vivia a irmã do Poeta, D. Maria Francisca, veiu ella para a sua companhia, encetando elle então uma vida regular de trabalho, principalmente fazendo traducções do francez. Por 1788 fôra publicado o romance de Bernardin de Saint Pierre *Paulo e Virginia*, que produziu uma grande emoção por causa das descripções da natureza tropical, começando então o gosto do *exotismo* na litteratura, adoptado por Chateubriand na *Atala*. A pequena novella de *Paulo e Virginia*, mesquinho arremêdo do idyllio amoroso de *Daphnis e Chloé*, lisongeava a *sensiblerie* do fim do seculo XVIII, e ao atheismo encyclopedista contrapunha o Deismo rhetorico de Rousseau, de quem Saint Pierre era muito admirador e amigo. Alguem encarregou Bocage da versão d'esta novella, que deixou inedita. Seria talvez por esse mesmo deismo banal, que não teve publicidade, apezar de Bocage ter attenuado as passagens em que se referia á tyrannia. Emfim essa versão tem o merito de ser um dos seus ultimos trabalhos.

Parece que um novo amor illuminou a vida de Bocage n'esta crise de forçada actividade. Depois do falecimento da esposa de Bersane Leite,

o poeta restabelecera a sua convivencia na familia de *Teonio*. O Soneto ao falecimento da mãe de D. Maria Vicencia era commovente; terminava com o verso incomparavel: «E' nos eleitos um sorriso a morte.» D. Maria Vicencia entendeu acatar os conselhos da mãe, e sacrificando o seu amor, votou-se a acompanhar com a dedicação de filha a viuvez de seu pae. Já então a irmã mais velha, D. Anna Perpetua Bersane, *Analia*, se casara. Deslumbrada pelo talento de Bocage, o seu enthusiasmo toma a apparencia de amor; *Marcia* é a nova e ultima musa do Poeta, e a que lhe faz sentir uma ternura que contrastava com os mais desolados ciumes, que lhe causara *Analia*.

O Morgado de Assentis Francisco de Paula Cardoso e D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, companheiros de Bocage e que lhe sobreviveram, affirmaram que a *Analia* celebrada no ultimo periodo da vida do poeta era D. Anna Perpetua Bersane Leite. Innocencio, annotando os Sonetos CLVII a CLXI, segue esta opinião: «durante o ultimo periodo da sua molestia foram endereçados (conforme a indicação e auctorisado testemunho de D. Gastão e do Morgado de Assentis) á senhora D. Anna Perpetua, filha de Antonio Bersane Leite, constante e familiar amigo do Poeta. Esta menina parece ter sido o derradeiro objecto das mais ternas e carinhosas affeições de Elmano.» E' inadmissivel tal opinião, porque D. Anna Perpetua era casada.

D. Maria Vicencia, *Marcia*, a *alma suave*, que convertera o seu amor por Bocage em uma immensa piedade, mostrou-se para elle carinhosa na angustia da doença. Foi a ella que Bocage dirigiu um dos seus ultimos Sonetos e dos mais

profundamente sentidos. No Brasil, para onde em 1807 Bersane Leite se retirara com a familia, pela invasão napoleonica, ahi sobreviveu em Minas por muitos annos D. Maria Vicencia, e na tradição dos seus parentes ouviu José Feliciano de Castilho, que a *Marcia* tão celebrada por Bocage era D. Maria Vicencia. (*Excerptos*, II, 262.) O amor de *Marcia*, na sua ideal pureza, tinha sido, ainda quando era uma irrealisada esperança, uma aura moral de pacificação.

Bocage teve ainda o prazer da maior glorificação a que podia aspirar; Filinto proclamára-o como seu continuador, e depois das objurgatorias de Macedo pôde exclamar: «Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.» Na atmosphera de fanatismo em que se vivia, novos desastres se lhe preparavam; em 23 de Dezembro de 1804 é accusado ao Santo Officio por pedreiro-livre por uma mulher fanatisada Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira. Instaurou-se o processo secreto, que não teve andamento, por se conhecer o estado da grave doença de Bocage. Um aneurisma nas carotidas perturbava-lhe a circulação, de modo que por vezes esteve em perigo de morte. Durante a sua doença Bocage era visitado por todos os poetas seus contemporaneos; para acudir á falta de recursos, o antigo dono do *Botequim das Parras* colligiu os versos que lhe dirigiam, e imprimiu os *Improvisos* de Bocage *na sua mui perigosa doença*, vendendo os folhetos e entregando-lhe o dinheiro. Bocage, glorificando essa generosa sympathia, dizia em um Soneto: «que pagava em verso o que devia em ouro.»

Na folha 156 da acceitação de doentes, no Hospital de S. José, sendo então Enfermeiro-mór o Visconde de Mesquitela, lê-se depois de dois

nomes de desconhecidos: «Manoel Maria de Barbosa du Bocage, que disse ser solteiro, e filho de José Luiz Soares Barbosa e de D. Marianna Joaquina du Bocage, defuncta, baptizado na freguezia de S. Julião, da Villa de Setubal, d'este patriarchado, sem occupação; morador no Terreiro, de 34 annos, fatos usados. Entrou na enfermaria Jesus, Maria José em 24 de Agosto e teve alta em 31 do mesmo mez (1799)». O Terreiro aqui designado, era junto ao convento dos Paulistas, onde era a travessa de André Valente, na qual o poeta teve morada nos seus ultimos annos (1802 a 1805). A irmã mais nova do poeta, D. Maria Francisca, que era dama de companhia em casa da Marqueza de Alorna veiu, por occasião d'esta se ausentar para Londres, para a sua companhia. O poeta allude a *hyperborea mana*, ao seu trato frio, o que se explica pelo bigotismo religioso junto do irmão livre-pensador [1].

O ultimo amor de Bocage, como uma aurora vespertina pacificadora foi D. Maria Vicencia, a quarta filha de Antonio Bersane Leite, nascida em 10 de Agosto de 1783. Tinha ella dezesseis annos, quando o poeta saíu do hospital. A piedade levou-a a interessar-se pelo glorioso *Elmano*, que ella desde os dez annos admirara nos deslumbrantes improvisos, na graciosidade impressionante, que até dominava o temperamento do millionario lord Beckford. Os amigos de Bocage

---

[1] Em Outubro de 1812, ella denunciou á Inquisição de Lisboa José Diogo Contador de Argote, pela sua incredulidade da Virgem depois do parto, o que fez por ordem do seu confessor, e por escripto, por não poder ir pessoalmente, por ser donzella e viver em casa de sua irmã.

mal conheceram este amor que foi um lampejo de serenidade na sua agitação nervosa exacerbada pelo despotismo policial e pelo deslumbramento das ideias revolucionarias. *Marcia* era o nome arcádico com que a designava nos seus Sonetos, e tambem *Armia*, que é um dos seus mais inspirados idylios e inegualavel na poesia portugueza do seculo XVIII. D. Maria Vicencia o visitava e acompanhava na sua prolongada doença de 1800 a 1805. N'este periodo occupou-se Bocage em traducções de poemas didacticos, e o trabalho remunerado dava-lhe dignidade e força. Na *Epistola a Marcia* descreve a situação moral, que o vivifica:

> Candida amiga do extremoso *Elmano*,
> Minha *Marcia* gentil, se eu a teu lado
> Te entretinha os ouvidos e te influia,
> Por elles. no formoso e eburneo peito
> O encanto da suave melodia,
> A maga sensação das almas bellas.
> Se te aprazem meus versos incessantes,
> Se teus olhos brilhantes, como os astros,
> Volves benignamente ao grato amigo
> Que em termos perfeitos, de que és tão rica.
> Que o virgineo candor te não profana.
> Com torpes, sequiosos pensamentos,
> E nos dons da tua alma embellezado.
> Como se ama no céo, no mundo te amo.

A admiração pelo genio levou D. Maria Vicencia a dulcificar as decepções que soffrera Bocage:

> Descansei mansamente os olhos n'ella,
> Mudo lhe expuz meu mal, e vi, e achei-a
> Fagueira, maviosa além de bella.
>
> Tu, toda nos meus versos se recreia,
> Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
> Não soffre se antecipe a lingua alheia.

Eis se arma em nosso dano, eis se conjura
Contra a nossa alegria um maldizente
Tão mordaz, como as féras na espessura.

Este pois, com sagaz aleivosia,
Sem que de mim, jámais, soffresse offensa,
Um seductor me finge á mãe de *Armia*.

Ella acredita o monstro, em raiva intensa
Arde contra a paixão que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.
. . . .

As perseguições policial e inquisitoriaes de Bocage, o odio de José Agostinho de Macedo, e sobretudo a doença mortal do aneurisma das carotidas, tocaram profundamente a piedade de D. Maria Vicencia. A sua visita á morada do poeta, tornara-se um allivio. No *Livro Curioso*, de 1803, compilado em Setubal, encontramos esse Soneto inedito em que define o seu conforto:

Fugi, prazeres de quem chora e sente
Não vêr de *Marcia* a divinal figura;
De alegres corações não falta gente
Que em vão por vós trabalha e vos procura.

Mostrae-me, se podeis, a formosura
Da minha *Marcia*, por quem chóro ausente,
E vinde; então chamar-vos-hei ventura,
Que antes não me podeis fazer contente.

Pois se nenhum alivio podeis dar-me,
Para que vindes, tendo esta certeza,
Para que vindes sem razão cansar-me?

Mostrae-me *Marcia*, eu diante da surpreza...
Porque sem ella, sempre haveis de achar-me
Posto á sombra das azas da tristeza.

Os poetas contemporaneos de Bocage que só conheceram a paixão por *Analia*, por ignorarem

que ella casara com o escrivão Moura Leitão, não comprehenderam este protesto final que o angustiado poeta pouco antes de falecer dirigira a *Marcia*:

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem de que o céo me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva
Lei, (sendo etherea) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada sombrosa
Ah, não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de Amor, de Amor, oh diva,
Do não gosado ausente os mares gosa.

Mais doce orvalho de teus olhos desça
A', linda como tu, melhor das flores,
Que em torno á campa se abotoe e cresça.

Passeia entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da Morte a solidão jardim de flores.

Dona Maria Vicencia visitou o poeta na sua angustiosa doença, no miseravel terceiro andar do predio n.º 10 do Beco de André Valente, em que desde 1802 residia [1]; o poeta ainda lhe dirigiu os versos:

Meu mal dorme, repousa embriagado
Das mil delicias que me dá teu pranto.

Em 21 de Dezembro de 1805 succumbia o poeta no fim da sua prolongada doença do aneu-

---

[1] No estudo sobre a Casa onde faleceu Bocage, pelo sr. Antonio Cesar Mena Junior vem a seguinte descripção: «o terceiro andar, onde habitou e faleceu Bocage, tem trez janellas de peito.—Consta de quatro compartimentos: uma casa de entrada (a maior de todas) commu-

risma das carotidas, sendo o seu enterro notabilisado por um grande vendaval. Tendo feito o parallelo da sua vida com a de Camões, perfeitamente, foi mais feliz na morte, porque não assistiu á invasão napoleonica em 1867 e á ignominia das classes dirigentes.

Em volta do leito de Bocage se agruparam Pato Moniz, Pimentel Maldonado e outros que seguiram a corrente liberal do Constitucionalismo, que vieram a morrer pela traição do absolutismo ou jazeram fechados nas masmorras até á implantação de um novo regimen politico. Em 21

---

nicando á esquerda com um pequeno vão sobre a escada, e á direita com a cosinha e com um quarto que tem porta de caixilhos com vidros pequenos. E' provavel que fosse este o quarto do poeta. A casa de entrada tem duas janellas de peito, e o vão sobre a escada uma janella tambem de peito.

A cosinha recebe luz de uma pequena janella que dá para um saguão estreitissimo; tem uma porta para o quarto e outra para a escada.

Os tectos são de madeira. Os pavimentos estão muito carunchosos; devem ser os primitivos.

O pé direito é muito baixo, tem talvez 2,m8.

Eis aqui minuciosamente descripta a casa onde passou os ultimos quatro annos da sua existencia, onde padeceu e se finou um dos maiores poetas portuguezes ». (*Diario de Noticias*, de 14 de Junho de 1905).

No Livro do Arruamento e Descripção dos Predios, e outros Objectos da Collecta da Decima e Novos Impostos da Freguezia das Mercês pelo presente anno em conformidade do real Decreto de 8 de Junho de 1805, e das Leis anteriores a que elle se refere.

Paginas 88 v.

Beco de André Valente n.º 297.

Casas dos Herdeiros de Maximiano Fernandes de Oliveira, n.os 10, 11 e 12.

Loja — Verissimo José de Oliveira — Criado de servir, dezoito mil reis . . . . 18$000

de Dezembro de 1805 expirava Bocage; n'este mesmo anno terminara tambem a actividade repressiva do Intendente Manique, como se tivesse cumprido o detestavel destino de comprimir e atrophiar aquella alta expressão do genio portuguez. O juizo sobre Bocage resume-se em poucas palavras: as coincidencias pasmosas entre as varias situações materiaes da sua vida e a de Camões levam a concluir — que, em uma epoca de decadencia nacional como o seculo XVIII, Camões não teria sido mais do que Bocage; comprimido em uma sociedade apathica, sequestrada ao convivio europeu pelo regimen policial, se a sua

---

Sobrado — Francisca Magna — vinte e quatro mil reis.	24$000
Sobrado — José Caetano — Archeiro — vinte mil reis.	20$000
Sobrado — *Manoel Maria du Bocage* — Sem officio — vinte e um mil e seis centos . .	21$600
Sobrado — Hum Embarcadiço — dez mil reis .	10$000

(No Archivo do Tribunal de Contas). O sr. Antonio Cesar Mena Junior no artigo *A Casa onde faleceu Bocage*, accrescenta a este documento: «Compulsando o Livro de Arruamento e Descripção dos Predios anteriores a 1805, fiquei sabendo que o nosso poeta residia n'aquelle andar desde 1802, pagando sempre a mesma renda; e desejando saber quem ficou morando na casa depois da sua morte, vi que foi sua irmã D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage, companheira inseparavel do vate e que recebeu o seu ultimo suspiro.

«Aquella senhora residiu ali até o fim do primeiro semestre de 1810, pagando de renda nos annos de 1806 e 1807 a mesma importancia que seu irmão pagava, a qual foi elevada a 24$000 reis desde 1808 até o anno em que deixou de habitar a casa.

«A historica propriedade é hoje do sr. conde de Simas, abastado capitalista residente na ilha Graciosa». (*Diario de Noticias* de 14 de Junho de 1905, p. 3).

obra ficou abaixo do seu talento, ella ha-de ser sempre na historia da civilisação portugueza o mais eloquente protesto. Foi esse o espirito da celebração do Centenario de Bocage.

O nome de Bocage é conhecido pelo povo portuguez, que por uma pasmosa intuição o associa ao de Camões; o povo tem os profundos presentimentos, e por uma espontanea sympathia revela a relação moral que existe entre a individualidade do genio e a collectividade anonyma. Sem lêr as obras de Camões, sabe que esse nome synthetisa a voz das grandes glorias e dos protestos da nacionalidade portugueza; tambem não conhece de Bocage mais do que uma ou outra anecdota pittoresca do seu espirito em revolta, mas pela sympathia adivinha que era um genio fecundo atrophiado pelo meio deprimente de uma sociedade impellida a extrema decadencia. Sob este aspecto, quasi negativo, é um dos representantes da civilisação portugueza. Bocage não foi um iniciador e instaurador de uma época, mas subordinou a sua vida ao motivo ideal, que determina sempre a acção das individualidades superiores, como os heroes ou os martyres, e por isso em uma sociedade imbecilisada pelo obscurantismo religioso e pelo terror do cesarismo, a sua vida consumiu-se na revolta contra o erro constituido, no protesto irrepremivel que o precipitava na desgraça. «Meu sêr evaporei na lida insana», synthetisara o poeta no seu ultimo soneto; os amigos que o conheceram na intimidade desprevenida, como o Bingre, deixaram traços que o definem: «*Foi honrado*, *verdadeiro*, *liberal*, *muito amante da sua liberdade* e figadal inimigo da escravidão». Possuia todos os dotes para ser esmagado sob uma avalanche de iniqui-

dades, em uma sociedade degradada em que a espionagem policial e a inquisitorial eram os sustentaculos da ordem publica; em que a bajulação tornava a mentira um recurso de segurança e de bem estar pessoal, em que a liberdade em todas as suas manifestações era um attentado, que se abafava sangrentamente como um perigo que podia perturbar a irresponsabilidade das instituições anachronicas.

Bocage, pelas qualidades moraes descriptas por Bingre, com o relevo de um excepcional talento e um temperamento impulsivo, achou-se á entrada da vida em conflicto com esse meio social; sem o appoio da noção da dignidade humana, que é a força das sociedades livres, bajulou tambem, como todos os outros poetas cesáreos, e nos impetos da indignação que lhe irrompia da alma, os protestos audaciosos eram a sublime inspiração d'esse repentismo admiravel, que assombrava lord Beckford, a que dava forma poetica nas Satiras racionalistas e lhe abriram os carceres da Policia preventiva e do Santo Officio. A vida de Bocage resume-se n'estas palavras com que um genio egualmente impetuoso, Byron, se retrata na Epistola a Augusta: «A minha vida inteira não foi senão uma lucta, desde que recebi o sêr e com elle alguma cousa que devia destruir-lhe o beneficio — um destino e uma vontade caminhando fóra da estrada batida». Na sua lucta da vida inteira, Byron defronta-se com um poderoso meio social, em que a noção ideal contrasta com o egoismo de uma aristocracia orgulhosa, e com a materialidade do industrialismo exclusivista; podia avançar livremente fóra da estrada batida, sem succumbir ao pessimismo

doentio, porque a opulencia dos seus rendimentos dava-lhe á ironia o tom de um soberano desdem. Na *lida insana* em que Bocage dissipou a existencia, poeta pobre, creado prematuramente sob a disciplina militar, favorecido proteccionalmente por dignatarios officiaes e eruditos ecclesiasticos, elle proprio reconheceu que os seus versos eram —«escriptos pela mão do fingimento,— Cantados pela voz da dependencia». E esse espirito *honrado, verdadeiro, liberal*, ao romper com a chateza geral da sua época, teve de ficar supplantado, passando deslumbrante como um asteroide, queimando-se em uma improvisação de momento, sem deixar as creações da arte imperecivel. A sua influencia directa na poesia portugueza foi vasta, embora meramente formalista, sem saír do gosto ou eschola arcadica; chamou-se-lhe o *Elmanismo.*

No fim do seculo XVIII e primeiro quartel do seculo XIX, duas correntes de gosto dominavam na poesia portugueza, o *Filintismo* e *Elmanismo;* uns poetas seguiam as normas e elocução de *Filinto Elisio*, imitando-lhe as Odes horacianas com as suas transposições alatinadas e palavras compostas e archaicas; outros admiravam cegamente *Elmano* (anagramma de Manoel, e nome arcadico de Bocage) e reproduziam a pompa emphatica dos seus versos, nos quaes sacrificava a ideia á cadencia perfeita, ás figuras de rhetorica *Anaphora*, *Simploca* e *Epanadiplosis*, combinando as repetições das palavras no principio e fim dos versos, que facilitavam a *improvisação* e lisonjeavam o ouvido. Vê-se que estas duas correntes não penetravam a essencia da poesia, não se elevando acima de banaes effeitos

de linguagem, e da mechanica da versificação. No primeiro quartel do seculo XIX, ainda Garrett *(Jonio Duriense)* sustentava a corrente *philintista*, e Castilho *(Mémnide Eginense)* reproduzia as resonancias metricas do *elmanismo*. Pela sua obra e influxo litterario, Bocage occupa logar primacial, que lhe assignala a critica e a historia.

Nicoláo Tolentino de Almeida. — O erudito Dr. Antonio Ribeiro dos Santos desdenhando do lyrismo das *Modinhas*, cantadas de uma maneira impressionante pelo mulato Joaquim Manoel, e escriptas pelo brasileiro Caldas Barbosa, contrapunha-lhes como dignas de serem lidas e admiradas as satiras de Nicoláo Tolentino, porque moralisara os costumes. Vistas as causas na realidade, Nicoláo Tolentino era uma natureza parasitaria, que fez da poesia um instrumento de bajulação aos fidalgos, para obter favor dos poderes publicos, mentindo por forma indigna, dizendo que nascera nas faixas da pobreza, e que pedia para acudir ás necessidades de uma irmã e de tristes sobrinhos. Os factos biographicos provam que era de uma familia distincta, bem aparentada na melhor fidalguia, e contra essa abjecta pedinchice protestou sua irmã com abundantes documentos. Nasceu Tolentino em 10 de Setembro de 1740, em Lisboa, sendo seus paes o Dr. José Soares de Almeida, advogado da Casa da Supplicação, e D. Anna Thereza Froes de Brito, vivendo á lei da nobreza, com certa abastança. Nicoláo Tolentino partiu para Coimbra, para seguir o curso de Leis, matriculando-se em 1760. Era na epoca de maior desolação mental na Universidade, em que a vida estudantesca era uma troça desvairada. No *Palito metrico* ou

Macarronea acham-se desenhados ao vivo esses habitos escholares. N'esse meio é que Tolentino adquiriu a usual feição de poeta jocoso, de pedinte impertinente, e essa visão da vida social, que o povo exprime na maxima: «O céo, é de quem o ganha; *e este mundo é de quem mais apanha*». A vida estudantesca contagiosa e apathica ociosidade inhibiu Tolentino de se conformar com a faina peculiar da advocacia. Pela expulsão dos Jesuitas, o grande ministro teve de reorganisar a instrucção secundaria, que era exclusivamente da Companhia. Crearam-se numerosas cadeiras de Latim, de Logica e de Rhetorica. Tolentino lançou-se a essas Cadeiras novas, sendo nomeado substituto de Rhetorica em Evora em 1765. Concorre á cadeira em Lisboa, sendo provido em Agosto de 1767, voltando a Coimbra em 1769 para terminar o curso de Leis. A sua vida em Lisboa passou-se frequentando as Casas fidalgas, e as tendencias litterarias foram-lhe despertadas por essa convivencia, em que era signal de bom gosto a apreciação da poesia. Assim é um dos frequentadores da casa de D. Joanna Isabel Forjaz, que tanto admirava o genial espirito de José Anastacio da Cunha. Como elle veiu a cultivar os versos de redondilha e a forma da antiga *quintilha*, revela-o na carta dirigida ao conde de Villa Verde: «as proveitosas lições dos nossos dois portuguezes Bernardim Ribeiro e Francisco de Sá de Miranda, com que v. ex.ª fazia uteis no seu espirito aquellas horas que a natureza, e muito mais a molestia lhe tinham destinado ao descanço do corpo, insensivelmente no meu coração amor a esta especie de poesia. V. Ex.ª me fazia a honra de mandar que lhe lêsse estes dois preciosos

livros, e a musa que preside ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou, rimou em quintilhas e carregou de moralidades, talvez intempestivas, o memorial que ponho nas mãos de V. Ex.ª». Elle tinha achado a forma bella das Satiras mirandinas, elevando-o da improvisação faceta ao quadro de costumes e ridiculos dos typos caricatos. Mas essa forma era cultivada para fazer lidos os seus Memoriaes, pedindo sempre, ignobilmente assoalhando a indigencia das irmãs e sobrinhos, e lamentando incessantemente o purgatorio de aturar rapazes na aula de Rhetorica, suspirando pelo dia em que podesse *pendurar a palmatoria*, e assentar-se em uma repartição publica como official de Secretaria. Era o seu ideal e conseguiu-o depois de muita choradeira, em 21 de Junho de 1781. Teve portanto, de tomar parte na *viradeira*, fazendo versos contra o decahido Marquez de Pombal, e seguir as parcialidades que davam, e por isso, apesar de nomeado socio da Academia real das Sciencias de Lisboa, satirisava o Duque de Lafões pela *retirada* diante do exercito hespanhol, quando o triumpho era certo, sem saber que essas ordens do Principe Regente eram exigencias da esposa Carlota Joaquina, filha de Carlos IV, que assignara com Bonaparte o tratado de Fontainebleau, para a invasão e partilha de Portugal. Tolentino dava a forma de *Modinha* ás satiras contra o Duque de Lafões. Os seus versos acham um verdadeiro commentario nas Cartas de Lord Beckford, que podiam ser annotadas com os typos caricatos da côrte de D. Maria I. Tolentino viu dasapparecer todo esse mundo official, na fuga do Rei com a sua côrte para o Rio de Janeiro em 1807. N'essa debandada, apenas resistiu trez annos, finando-se

na tristeza em 22 de Junho de 1811, em que a nossa nacionalidade ia succumbindo [1].

José Agostinho de Macedo (ELMIRO TAGIDEO) — Nasceu em Beja em 11 de Setembro de 1761, na época em que o absolutismo pombalino estava no seu esplendor, e faleceu em 1831, quando o regimen liberal, que elle combatera polemicamente, se implantava em Portugal pela força das armas, pelo exercito formado na emigração. Luctou sempre; fizeram-o professar aos dezesete annos no mosteiro dos frades da Graça, mas a sua mocidade impetuosa e talento natural o lançaram na indisciplina, soffrendo as torturas do carcere penitencial e por fim a expulsão por *discolo.* Por uma vasta leitura adquiriu essa erudição encyclopedica, viciada pelo seu theologismo, e sem uma ideia philosophica, a rhetorica foi a exhibição exterior com que se tornou um prégador inexgotavel, e ardente polemista acirrado pela vaidade pessoal, e temivel pelo vocabulario adquirido na adolescencia plebeia. Como orador, como poeta e como escriptor doutrinario é exclusivamente rhetorico, declamador, exagerando as paixões, que as facções reaccionarias exploraram, lisonjeando-o. No fim da sua vida de lucta, disse de si: Eu não fui mais do que um escriptor com imaginação.

---

[1] Sanches de Baena publicou sob o titulo de *Memorias de Nicolau Tolentino*, as mais interessantes noticias que a irmã do poeta D. Joaquina Thereza Froes de Brito reunira. repellindo as indignas lamurias assoalhadas nos seus versos. Esta senhora foi durante cincoenta annos Regente dos Expostos, e pela sua admiravel gerencia, D. Maria I a visitou attenciosamente.

Tendo professado no mosteiro da Graça em 1778, ao fim de doze annos de revolta contra a disciplina claustral, foi expulso solemnemente da communidade em 18 de fevereiro de 1792. Passou então a presbytero secular, fazendo da predica o seu ganha-pão, vindo a ser nomeado prégador regio em 1802. Acompanhou a revolução de 1820, tendo sido eleito deputado ás côrtes constituintes, pondo-se desde 1823 até á sua morte ao serviço da reacção absolutista. A sua vida litteraria foi uma constante e virulenta polemica pessoal, dando largas aos sentimentos mais deshumanos e á linguagem a mais abjecta. O seu orgulho pessoal levou-o a pretender acabar com a gloria de Camões, elaborando em 1811 o poema *O Gama*, para supplantar os *Lusiadas;* trez annos depois refundiu este acervo de oitavas rhetoricas accrescentando aos dez mais dois cantos, com o titulo mais sonoro *O Oriente*. O padre em um longo prologo fez-se o éco da critica de Voltaire no *Ensaio sobre a Poesia epica*.

As falsas ideias sobre poesia levaram-no para imitar esse enfadonho naturalismo didactico-classico dos sempre deslavados Delille, Chenedollé, Esmenard, Lebrun, Luce de Lancival, Campenon, que eram lidos e apregoados pelos que cultivavam as Sciencias naturaes. José Agostinho seguiu esta corrente, no seu poema didactico *Newton*, e na *Viagem extactica ao Templo da Sabedoria*. Em 1812 as paixões politicas fizeram-lhe escrever um poema heroi-comico *Os Burros*, emendado e adaptado ás novas crises politicas do constitucionalismo. Dom Miguel nomeou-o Chronista-mór do reino, em 1830, exerceu a Censura litteraria official, e morreu quando triumphou no cêrco do Porto o regimen representativo.

Entre os espiritos superiores do fim do seculo XVIII que aspiravam á transformação de uma nova época social, este escriptor poz o seu talento ao serviço da retrogradação, dando á propaganda odiosa a impetuosidade do seu temperamento plethorico, em que a sinceridade das ideias era supprida pela intolerancia das affirmações. Foi por isso rancorosamente odiado pelos que serviam a corrente progressiva do seculo XIX, e fanaticamente divinisado pelos que luctavam pela estabilidade do regimen absolutista. Torna-se difficil a apreciação d'esta individualidade, cuja biographia é recheada de factos vergonhosos, pondo em relevo um caracter baixo, uma intelligencia superficial, uma moralidade affrontosa; mas esse temperamento impetuoso é o proprio a reconhecer os seus defeitos, a amesquinhar o seu orgulho, e a confessar a sympathia que o animava quando os odios da occasião o não empolgavam. Em José Agostinho verifica-se este grande principio de Maudsley, na *Pathologia do Espirito*: «Na etiologia das desordens mentaes, as investigações devem fazer-se sob o ponto de vista social». Macedo nasceu em Beja, em 11 de Setembro de 1761 e faleceu em Pedrouços em 2 de Outubro de 1831, quasi nos ultimos arrancos do governo absolutista de D. Miguel. Entre estas datas comprehendem-se profundos abalos sociaes, que se reflectiram na sua organisação e desenvolvimento individual. Foi gerado ainda sob a emoção do terremoto de 1755 e sob o terror pombalino das prisões de estado e execuções tremendas; creado sob o regimen da loucura de D. Maria I e da boçalidade do Principe Regente, quando o Intendente Manique reagia canibalmente contra a entrada das *Ideias francezas*. Bastava o

grande facto da Revolução de 1789 para desorientar o cerebro da pobre criança feita frade graciano por vontade regia. A invasão napoleonica e a fuga de D. João VI para o Brasil quebraram-lhe todo o equilibrio da disciplina de costumes; a estupidez da Regencia e o despotismo militar de Beresford em contraste com a Revolução de 1820 que vindicava a independencia nacional, fizeram-o pender momentaneamente para as ideias liberaes, que elle abandonou servindo a reacção dos Apostolicos, que explorou o seu talento até ao esgotamento e morte. No meio d'estas correntes desencontradas é que se lhe manifestaram todos os defeitos pessoaes e se praticaram os actos que constituem a sua biographia, convertendo todos os odios que provoca em uma piedosa sympathia final. O temperamento de luctador expande-se nos factos decisivos da sua existencia: reagindo nos seus primeiros annos contra a situação da clausura fradesca; contra Bocage e os poetas elmanistas, que elle atacou no primeiro esboço do poema *Os Burros*; contra os sebastianistas e pedreiros livres, contra a Carta constitucional e os liberaes; contra os admiradores de Camões, visando principalmente Garrett, então redactor do *Portuguez*. Transcrevemos aqui uma nota autobiographica posta por Macedo ao poema dos *Burros*, em que elle proprio se incluiu: «José Agostinho de Macedo, natural de Beja, onde nasceu a 11 de Setembro de 1762 (aliás 1761) filho de Francisco José Teixeira e de Angelica Freire de Andrade: o pae foi prateleiro, e a mãe era illustre, mas pobre; é prégador de Officio, come sem dever cinco reis; falla sempre verdade, dorme sem remorso de crime algum; ralha e ralhará sempre, porque tem a mania de

amar sinceramente este Reino. E' digno de um logar n'este poema dos *Burros*, por se haver mettido com elles». Por esta nota se verifica a malevolencia dos seus criticos; do pae disseram que se chamava *Tegueira* e não Teixeira, que era *pastelleiro*; a mãe, ainda parente do illustre bejense Jacintho Freire de Andrade, é acoimada de trato illicito com o pae do desembargador Francisco Eleutherio de Faria e Mello, ajudante do Intendente geral da Policia. Innocencio em uma copia das *Memorias* para a vida de Macedo, apontou que esse individuo pagou a sua educação e o metteu a frade graciano. Estas imputações odiosas azedaram-lhe o caracter. Nos apontamentos colligidos pelo grande admirador de Macedo Francisco de Paula Ferreira da Costa, tomamos estas linhas curiosas sobre os seus primeiros annos: «O pae, *ourives* de Beja, passou a Lisboa, onde se tornou grande official de ourives e cravador de diamantes, e tambem em Lisboa casou com Angelica dos Seraphins Freire, natural de Lisboa. Faleceram em Beja na rua da Capellinha, em casa propria e decente para aquelle tempo». Sobre a entrada da pobre criança para frade, refere Ferreira da Costa:

«O P.^e^ José Agostinho aos seis annos promettia já um talento raro, de sorte que ouvindo um sermão o repetia no dia seguinte (a substancia) com atavios seus e tão engenhosamente, que admirou os seus ouvintes... O sermão era o prégado na festividade de S. Braz. Vendo D. Pedro III o pae do padre, pediu a este (porque quiz satisfazer o alto empenho dos Gracianos) para que consentisse na entrada do filho para aquella Ordem, o que teve effeito, não obstante *não serem esses os desejos do pae e do filho*».

D'este facto se explica todo o percurso da sua existencia de revolta. Em 1778 professa nos Gracianos de Lisboa com o nome de Fr. José de Santo Agostinho. Na Satira *Elmiro*, conta Pato Moniz que fôra reprovado em latim pelo seu mestre Fr. Antonio de S. Luiz, e depois tambem reprovado em philosophia e theologia. (Nota 6). Não era a falta de intelligencia, mas a reacção dos dezesete annos contra a apathia e estupidez claustral, que o tornavam um cábula e um discolo. Foi mandado para o Convento de Coimbra, onde se demorou junto do bondoso poeta brasileiro Fr. José de Santa Rita Durão, o auctor do poema *O Caramuru;* alli adquiriu o gosto pela poesia, conservando agradabilissimas impressões d'essa convivencia litteraria. Procedendo-se á eleição do Provincial, veiu José Agostinho a Lisboa para a votação, sendo por esse tempo o começo da sua lucta com os frades. Lê-se em uma nota do citado Ferreira da Costa: «foi por alguns annos residir em Coimbra. Veiu a Lisboa, e pela eleição do Provincial, faltando Orador, elle subiu ao pulpito pela primeira vez, e improvisou uma oração tão eloquente, que espantou a todos». Bastava isto para o assaltarem as invejas fradescas. Diz Ferreira da Costa: «Algumas *travessuras de rapaz* e intrigas fradescas, deram motivo a bastantes máos tratamentos, que recebeu dos Frades». As travessuras reduziram-se ao furto de umas gulodices, e o castigo a prizão no tronco. Em 1780 foi mandado para Braga para uma cadeira no Convento do Populo, d'onde fugira em 1782, sendo sentenciado em 17 de Agosto no Convento de S. João Novo no Porto, por apostasia e roubo de livros na livraria do Populo. Sendo removido para o Convento da Graça, em

Evora, por segunda sentença em 21 de Março de 1785, ahi escreveu o seu Panegyrico ao arcebispo Cenaculo, primeira manifestação do seu talento litterario; voltando a Lisboa, mas fugindo da violenta clausura em que se achava, foi remettido por castigo para o convento de Torres Vedras, d'onde se evade. Por terceira sentença dada no convento da Graça, de Lisboa, em 22 de julho de 1788, por apostasia, roubo de livraria e fuga do carcere, metteram-o outra vez no in-pace do mosteiro; ahi se dedicou á poesia começando o esboço do poema épico *Descobrimento da India*, que veiu com o tempo a desenvolver no poema *O Gama*, que transformou depois no *Oriente*. José Agostinho recorreu para o Nuncio contra a terceira sentença, em 1789, sendo em 7 de Agosto de 1790 dado accordão contra a resolução do Nuncio. N'este anno é que se fixa a chegada de Bocage de regresso da India; do seu carcere saudou-o José Agostinho, com emphase de admirações, tornando-se pouco depois seu companheiro e communal na vida desenvolta. Pelos documentos officiaes que precederam a sua expulsão da Ordem graciana em 1792, é que se recompõe a vida tormentosa de anarchia moral a que o impelliram; em 1790 estava sob a alçada do Intendente Manique. O Nuncio em carta de 9 de Julho de 1791, pede ao Reitor do Convento de S. Paulo para mandar prender com o auxilio da policia Fr. José de S. Agostinho, que fugira d'aquelle convento onde fôra depositado; por um officio de 14 de julho de 1791, ao juiz do crime do Bairro de Santa Catharina, sabe-se que elle furtara na Livraria dos Paulistas varios livros que vendera a João Baptista Reicend, livreiro francez. E por officio do Intendente Ma-

nique de 8 de Outubro de 1791 dirigido ao Prior do Convento da Graça, manda-lhe entregar Fr. José de S. Agostinho, apanhado em trajos de secular e descomposto pelas ruas. Por fim é expulso solemnemente da Ordem, que era o que elle pretendia, sendo impellido para a vida airada em 1792. A predilecção da litteratura serviu-lhe de equilibrio, emquanto não irromperam outros impetos de vaidade pessoal; em 1793 já elaborava o poema *O Gama*, e fazia parte da *Nova Arcadia*, onde tinha o nome poetico de *Elmiro Tagideo*, que tambem usava como membro da Arcadia de Roma. Não acompanhou Bocage, quando em 1794 *Elmano* rompeu com os poetas da *Nova Arcadia*, começando ahi a muda dissidencia que veiu a irromper em 1801, entre os dois, por motivo da poesia didactica. Em 1794 por breve de 27 de fevereiro ficou considerado como presbytero secular; seria a necessidade de manter-se em equilibrio moral que o afastou ostensivamente de Bocage; duraram as suas relações até 1797, quando José Agostinho trabalhava na versão do poema a *Thebaida* de Stacio, que Bocage retocava, como se gaba na satira *Pena de Talião*.

Sem recursos para se manter, José Agostinho lançou-se á prédica, fazendo d'isso uma industria lucrativa; lia muito, e com uma tendencia encyclopedica, adquiriu o entono de pedantismo erudito, e a emphase rhetorica, que tanto influiu nos seus versos. Os seus sermões eram facilmente improvisados, e com o seu temperamento violento exaltava-se impressionando o auditorio. Teve occasiões de prégar no mesmo dia cinco sermões; e essa fonte de receita tornava-o independentemente orgulhoso. Em uma Epistola a

Francisco Freire de Carvalho, elle proprio se ri dos seus Sermões e da armadilha que fazia aos vintens dos saloios. Como suspenso de missa, só lhe restava a prédica; e tanto se assignalou na popularidade, que em 1 de dezembro de 1802 foi nomeado prégador regio. Conta Ferreira da Costa: «Por este tempo foi o P.e Macedo um açoite constante contra as extravagancias de Jacobinos e Maçons, com os multiplicados escriptos que publicava, e por isso todos o temiam, e procuravam escapar-se ás chicotadas introduzindo-se á sua conversação». Ferreira da Costa, que tanto o admirava, e que corrigiu pacientemente todos os seus escriptos, escreveu em outra nota ao poema dos *Burros:* «Isto é segredo; mas é necessario aclarar o sentido do verso: José Agostinho teve a fraqueza de se apaixonar por duas freiras, ambas de Cister; a primeira extinguiu-se o fogo; ficou porém a segunda. Por muito tempo foi diariamente a Odivellas, e o facto é que ella existe ha uns poucos de annos fóra do claustro, e a murmuração publica o argúe de viver na sua companhia com o titulo de sua irmã». A freira de Odivellas era D. Joanna Thomasia de Brito Lobo de Sampaio, sendo os seus amores substituidos pelos de D. Maria Candida do Valle, que viera do convento de Coz transferida para o de Odivellas, e d'ahi para a casa de José Agostinho, em cuja companhia elle falleceu. O facto de serem estas duas freiras da Ordem dos Bernardos influiu na actividade polemica de José Agostinho, quando em 1826 os frades de Alcobaça lhe pagavam para elle escrever os folhetos da *Besta esfolada*, com que era combatida a Carta constitucional. Depois d'estes amores freiraticos, e quando já D. Maria Candida do Valle estava

desfeiada por molestia de pelle, virou-se José Agostinho para uma freira trina do Convento do Rato, que o admirava, e com ella conservou uma activa correspondencia desde 30 de janeiro de 1820 até fins de 1822, em que transpira um certo idealismo; ([1]) chamava-se ella D. Feliciana, e quando estava para falecer José Agostinho pediu para ser enterrado no Convento do Rato. As suas aventuras com mulheres constam dos documentos officiaes, como o de 12 de junho de 1788, em que se authentica a sua mancebia com Claudia Maria Benigna, e o de 25 de abril de 1807 em que é denunciado ao Santo Officio por Domingas Eberard, e pela creada do padre por nome Josefa.

Depois das terriveis satiras trocadas com Bocage, reconciliou-se com elle á hora da morte, e fez-lhe um vehemente Epicedio; mas Pato Moniz, que desde as luctas do *Botequim das Parras*, nunca mais se reconciliara, espalhou que Macedo furtara á irmã de Bocage os manuscriptos de Elmano, a pretexto de formar um volume em beneficio da desvalida senhora. Em 1806 escreve Macedo o poema *A Natureza*, que o tribunal da Censura entendeu mandar mudar-lhe o titulo, para *A Creação*, porque a palavra natureza implicava a ideia de atheismo. José Agostinho pelo seu influxo pessoal entra nas intrigas politicas; em 1807 é empregado como policia secreta para se descobrir a conspiração de Mafra, pela qual

---

[1] Por favor de Brito Aranha, obtivemos as *Cartas* a Soror Feliciana, freira trina, e imprimimol-as a expensas da Academia Real das Sciencias, em 1900, nos *Inéditos*, de José Agostinho de Macedo. São 57 Cartas, que datam desde 1820. Revelam o estylo affectivo do polemista.

D. Carlota Joaquina pretendia desthronar seu marido D. João VI. Accusam-o de ter denunciado o seu amigo o Dr. Sepulveda. A publicação do poema *O Gama*, terminado em 27 de março de 1811, acordou todos os odios dos amigos e discipulos de Bocage, distinguindo-se entre todos Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, que o ridicularisou no poema heroe-comico — *Agostinheida*, e refutou as doutrinas de Macedo contra os *Lusiadas*, que elle tentava substituir pelo *Oriente.*

No anno de 1820, o anno decisivo da vida politica de Portugal, Macedo, que servira a inepta regencia, que embaraçava a elevação de uma estatua a Camões, conservou-se em completo silencio; mas em 1822 chegou a ser eleito deputado, dando-se logo em seguida a restauração do absolutismo de D. João VI em 1823 por imposição dos *Apostolicos* de Hespanha. Elle não se determinou logo na orientação politica a seguir, porque em officio para o Intendente geral da Policia, se diz que José Agostinho invectivou publicamente em 1824 o governo, e que seria conveniente mandal-o para um convento do Minho ou do Algarve. Nomeado n'esse mesmo anno de 1824 censor litterario do patriarchado por indicação de Monsenhor Rebello, [1] tornou-se immediatamente o paladino da reacção politica religiosa que irrompeu desvairadamente desde a morte de D. João VI, com a regencia da hysterica Isabel Maria até ao sanguinario governo de seu irmão D. Miguel, que ella ajudara a implan-

[1] Obtivemos por favor de Brito Aranha esta collecção das *Censuras* de 1824 a 1829, e publicámol-as a expensas da Academia Real das Sciencias em 1908, com um ***Estado sobre a Historia da Censura em Portugal.***

tar. José Agostinho foi um dos mais ferrenhos inimigos de Garrett, fazendo com que o cantor de *Camões*, como redactor do *Portuguez* fosse encarcerado durante trez mezes no Limoeiro. Por ordem do odioso Intendente da Policia, José Joaquim Rodrigues de Bastos, o soperifero auctor da *Virgem da Polonia* e dos banaes *Discursos religiosos*, José Agostinho foi encarregado de intimidar a opinião publica incutindo-lhe o horror do liberalismo, identificando-o com o maçonismo, e pervertendo a apreciação da Carta constitucional outorgada, de 1826. Assim elle preparava as vias para a revolução absolutista de D. Miguel e do imperio das forcas do Caes do Tôjo e da Praça Nova. A barbaridade dos actos politicos do governo de D. Miguel foi acompanhada pelo doutrinarismo violento de José Agostinho de Macedo, que era então o espirito dirigente do partido conservador. A sua violencia de phrase fez receiar o proprio poder miguelino, a ponto de na censura prévia lhe ser embaraçada a publicação de certos numeros do jornal *O Desengano*. D. Miguel encarregava-o de traduzir os artigos com que o defendiam os absolutistas francezes, e encommendava-lhe folhetos e objurgatorias contra o que escreviam os emigrados portuguezes no *Padre Amaro* e no *Chaveco liberal*. Chamavam-lhe então o *Padre Lagosta*, por causa da sua face plethorica, e da sua residencia do Forno do Tijolo, elle fazia frente a todos os follicularios do liberalismo. Pela sua grande influencia no animo de D. Miguel, elle estava sempre rodeado de pretendentes, explorado na sua actividade e talento, no arrebatamento de quem se sentia com uma missão social. Combater a pedreirada, como elle chamava aos liberaes

e *esfolar a besta*, como elle denominava a Carta outorgada, era para José Agostinho de Macedo o ideal a que votara a existencia. Apesar da sua robustez herculea, este estado de violencia e de rancor moral alteraram-lhe o organismo, prostrando-o em poucos annos.

Escreve Ferreira da Costa nas citadas notas ao poema dos *Burros:* «desde 1825 padece grave molestia de bexiga. Primeiro deitou sangue e depois pedras. Tem soffrido fortes inflammações, mas tal é o seu espirito e tal a natureza da molestia, que nos intervallos dos seus ataques não deixa de escrever.» Como o unico espirito pensante no regimen miguelista, ao passo que elle foi combatido e se ia desmoronando pela selvageria e pelos attentados diplomaticos, mais recrudesceu o trabalho polemico de José Agostinho de par com a doença. E' angustioso o quadro em que nos apparece, revelado nas suas cartas, hydropico, dormindo á força de laudano duas horas por noite, bebendo na febre contínua chá preto, e no meio das dôres da sua stranguria, escrevendo sempre para manter as polemicas com o doutrinarismo liberal. E' n'este soffrimento que elle se retira da casa do Forno do Tijolo, para Pedroiços, nos arredores de Lisboa; mas nem ahi o deixam. D. Miguel passa-lhe pela porta para o lisonjear, os Jesuitas recem-introduzidos em Portugal vão pedir-lhe venia, a Pedroiços o vão buscar para os Sermões politicos. Em Pedroiços começou a ser atacado pela gotta, e afflige-o a hematuria, mas o trabalho é já de um forçado. D. Miguel nomeia-o em 1830 Chronista-mór do Reino, para attenuar o effeito de lhe pedirem moderação nos artigos da *Besta esfolada;* em 14 de junho de 1831 é-lhe dada por

decreto a pensão de 300$000 réis annuaes como chronista. A sua morte foi o prenuncio da derrocada do systema absolutista. Em um artigo da *Gazeta de Lisboa*, n.º 243, lê-se: «O Padre José Agostinho de Macedo, residente no sitio de Pedroiços, falleceu no dia dois do corrente Outubro (1831) depois das 11 horas da manhã, por effeito da enfermidade vesical, que havia annos padecia, complicada com a da gotta, a que no dia 17 de setembro sobrevieram sezões, provavelmente symptomaticas, precipitando a doença a sua carreira...» Sepultado por seu pedido na Egreja das Trinas, do Rato, foi a chave do caixão entregue a D. Miguel, para lembrança do seu defensor. Macedo, em um relampago de bom senso, confessou que não fôra mais do que um homem com imaginação; que não tinha odio pessoal a ninguem, mas que a unica cousa que lhe fazia perder a cabeça era a Carta constitucional. Litterariamente apreciado, Macedo foi um dos escriptores que empregou o mais numeroso e variadissimo vocabulario, com que enriqueceu a lingua portugueza; n'este ponto de vista está a par de Vieira e de Camillo. Tinha a graça popular com toda a espontanea grosseria da chalaça; o seu estyllo é fundamentalmente rhetorico com emphase ora da eloquencia do pulpito, ora dos versos pautados pelas normas arcádicas: discursa em verso nos seus poemas didacticos, e devaneia na critica como censor official. E' um vulto que synthetisa uma epoca, como essa deploravel regressão de 1823 a 1834, cuja comprehensão está dependente da sua biographia. Innocencio, que estudou longos annos e reuniu materiaes para a *Vida intima de José Agostinho de Macedo*, desde 1848 a 1863, ainda o tratou com odio,

como inimigo do liberalismo. [1] A bibliographia das suas Obras é vasta, pelas suas numerosas edições, e tambem pelas polemicas que provocou e que sustentou. Infelizmente não se fez ainda uma edição das suas Obras completas, e quando na Academia das Sciencias se iam imprimindo os seus Inéditos, um academico em sessão da Assembleia geral de 5 de Abril de 1900, increpou esses livros como pornographicos! Assim ficou interrompida essa valiosa publicação.

As Tragedias philosophicas. — A decomposição do regimen catholico-feudal, que dirigiu a transição affectiva da Edade média, chegou ao seu periodo violento na Revolução franceza; a manifestação era local, mas pela generalidade do phenomeno a todo o Occidente, é que os reis, como José II, e os grandes ministros, como Pombal, Aranda e Choiseul, cooperaram pondo em acção as ideias; pelas mesmas causas a crise revolucionaria encontrou ecco em todas as nacionalidades da Europa. Em Portugal o Intendente Manique obstava por todas as violencias para se não espalharem as noticias da Revolução franceza, e nas Contas para as Secretarias accusa o Duque de Lafões de dar abrigo na Academia das Sciencias ao convencional Brussonet, e delata

[1] Salvámos esta obra e conseguimos imprimil-a sobre trez redacções incompletas, com o titulo de *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo*, publicada a expensas da Academia Real das Sciencias, 1 vol. in-8.° grande com XXIII-435 pag. 1908. — Ajuntámos-lhe documentos da Inquisição completando a Bibliographia, interrompida desde a noticia do *Diccionario Bibliographico*.

com espanto o crime de se cantarem cantigas francezas nos botequins, chegando a audacia ao ponto de entoarem o *Ça ira* debaixo das janellas do palacio real. Espalhavam-se por todas as mãos exemplares da Constituição, e Manique espiava com furor a propaganda dos livreiros francezes estabelecidos em Lisboa. Todos os homens cultos adheriam ás novas ideias philosophicas, que se vulgarisavam pelas representações em theatros particulares; as peças preferidas eram as tragedias de Voltaire, que apparecem traduzidas completamente em folhetos avulsos. De facto n'essas tragedias debatiam-se novos problemas, que lisonjeavam a aspiração de independencia moral, na decahida sociedade portugueza; *Alzira* é o protesto a favor da liberdade de consciencia e a condemnação da intolerancia religiosa; *Zaira* é o combate entre o amor e a religião, *Merope* é a apologia do suicidio, *Semiramis* apresenta o parricidio em nome da divindade, e *Mahomet* a hypocrisia cynica impondo-se triumphante pelo prestigio de uma entidade monotheista. A tragedia philosophica prestava-se tambem á propaganda politica; em Coimbra, onde a sciencia doutoral mantinha o respeito pelo antigo regimen, formigaram os theatros particulares, onde os estudantes davam largas ao seu jacobinismo. O reitor D. Francisco de Lemos mandou fechar todos esses theatros particulares, e foi mais tarde n'esta corrente das tragedias philosophicas que se formou o talento de Garrett, servindo com a sua tragedia *Catão* o movimento revolucionario de 1820. O seculo findou com os grandes desastres da *Orgia militar* napoleonica, que pezaram duramente em Portugal, sendo aqui o ponto de apoio da resistencia que destruiu essa monstruosa

anomalia guerreira. Sem o conhecimento d'estes factos não se comprehendem, nem as novas instituições parlamentares implantadas no seculo XIX em Portugal, e muito menos a acção politica exercida pelos litteratos portuguezes sob o regimen liberal, simultaneo com a transformação do Romantismo.

INDICE

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

(RECAPITULAÇÃO)

SEGUNDA EPOCA

(Conclusão)

3.º Periodo: Os Arcades

(Seculo XVIII)

§ I

O pseudo Classicismo francez

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

§ II

O Seculo excepcional — As Ideias francezas

PROTO-ROMANTISMO

Filinto Elisio

§ III

O Negativismo encyclopedista e a explosão temporal da Revolução

BOCAGE *(Elmano Sadino)*

NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO *(Elmiro Tagideo)*

AS TRAGEDIAS PHILOSOPHICAS

Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, editores

Rua das Carmelitas, 144—PORTO

THEOPHILO BRAGA

Historia popular de Portugal . . . . No prélo

Visão dos Tempos

Epopêa da Humanidade (Edição integral) 4 vol. 2$4

Versões polyglotas da Visão dos Tempos (Bodas de Ouro), 1 vol. $8

Alma portugueza

Viriatho, Narrativa epo-historica, 1 vol. . . . $6

Frei Gil de Santarem (Fausto portuguez) 1 vol. $6

Os Doze de Inglaterra (Poema) 1 vol.. . . . $5

Gomes Freire (Drama historico) 1 vol. $6

Dona Ignez de Castro (Tragedia), 1 vol. . . . No prél

Historia da Litteratura portugueza

Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol. $7

Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol.. . . $7

Gil Vicente e as Origens do Theatro nacional, 1 vol. $8

Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro nacional, 1 vol. $8

Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol. . . $7

Camões — Vida e Epoca, 1 vol. . . . . 1$2

Camões — Obra lyrica e epica, (Bibliographia) 1 vol. . . . . 1$2

Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. . . . $6

A Arcadia lusitana, 1 vol. . . . . 1$0

Filinto e os Dissidentes da Arcadia, 1 vol. . . 1$2

Bocage, sua Vida e Epoca litteraria, 1 vol. . . 1$0

Garrett e o Romantismo, 1 vol $8

Garrett e os Dramas romanticos, 1 vol. . . . 1$2

As modernas Ideias na Litterat. portugueza, 2 vol. 1$5

Recapitulação da Historia da Litteratura portugueza:

I — *Edade média*, 1 vol.. . . . . 1$000

II — *Renascença*, 1 vol. . . . . 1$000

III — *Os Seiscentistas*, 1 vol.. . . . . 1$000

IV — *Os Arcades* . . . . 1$000

V — *O Romantismo*, 1 vol. . . . . No prélo

A Patria portugueza (O Territorio e a Raça) 1 vol. $600